Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FABRICIO AUGUSTO ANTONIO AMORIM

Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro: a percepção antiestablishment do bolsonarismo

Doutorado em Ciências Sociais

São Paulo – SP

2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FABRICIO AUGUSTO ANTONIO AMORIM

Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro: a percepção antiestablishment do bolsonarismo

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, com concentração em Política sob a orientação da Prof.(a) Drª Vera Lúcia Michalany Chaia.

São Paulo – SP

2024

Banca Examinadora

_____

_____

_____

_____

_____

O amor que me move. Para Mary, Aldo, Nathalie e Jimi.

Que seja motivo de orgulho de Lourdes e Rubão, onde estiverem.
Que Branca e Widi estejam juntos para sempre.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – 88887.370354/2019-00"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – 88887.370354/2019-00"

AGRADECIMENTOS

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de estudos concedida, fomento que me possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Vera Chaia, orientadora desta tese, pelas conversas que me ajudaram a encontrar caminhos, sempre baseadas pelo estímulo incessante, pela confiança desmedida e pela amizade sincera. Verinha, obrigado por acreditar no meu projeto, pela generosidade, pelo apoio constante e pelas aulas nas quintas a tarde que me relegaram grandes ensinamentos e alegrias em ambiente leve e descontraído.

À professora Rosemary Segurado que, no início deste projeto, no ano de 2019, me incentivou muito a aprofundar a noção de "fundamentalismo político" pela potência que poderia render e pelas aulas que me ajudaram a pensar sobre desinformação, *fake news*, e a natureza da verdade. Também agradeço pelas observações durante o exame de qualificação que foram essenciais para a continuidade deste trabalho.

Ao professor Miguel Chaia, mente inquieta que ilumina outras mentes por onde passa, utilizando a cátedra com a categoria retórica de um cidadão grego na ágora como um verdadeiro parresiasta. Foram inúmeras as vezes que retornei para casa após a aula do professor Miguel com a cabeça fervilhando de ideias, especialmente sobre temas como: lutas culturais e a noção de verdade. Obrigado pelas excelentes discussões, pela generosidade, pelo apoio.

Ao professor Rafael Araújo, pelas aulas que provocam o pensamento e que me auxiliaram muito a pensar tudo o que envolve a ideia de verdade e de desinformação, assim como as excelentes reflexões sobre tecnologia e internet.

Ao professor Edson Passetti pelas aulas sobre a racionalidade neoliberal, pelas discussões a respeito dos caminhos do autoritarismo e das práticas de liberdade.

Ao professor Fábio Silvestre Cardoso, que ao final do meu mestrado me incentivou muito a seguir em frente e cursar o doutorado e que também foi fundamental na minha formação em jornalismo.

À todes integrantes do Núcleo de Arte, Mídia e Política (NEAMP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, ao qual tenho a alegria de pertencer. As experiências de pesquisas qualitativas em eleições foram essenciais para que eu pudesse desenvolver esta tese com convicção e solidez.

À professora Tathiana Chicarino pelos ensinamentos nas pesquisas no NEAMP e pelas considerações feitas no exame de qualificação deste trabalho que me ajudaram a aprofundar a análise e a ter mais clareza com o objeto e a estrutura do trabalho.

À professora Lúcia Bogus pelos debates que me ajudaram a pensar direções para a pesquisa. Estendo o agradecimento a todes colegas que participaram das discussões, especialmente: Flávia Ayres Loschi, Sérgio Atieh, Steve Bautista Ramos, Paulo Ramos, Camila Machion, Márcio Valério Effgen, Matheus Marestoni.

Ao professor Claudio Coelho pelas discussões no grupo de pesquisa "Comunicação e Sociedade do Espetáculo" atual Núcleo de Estudos Críticos da Contemporaneidade (NECC) e nos seminários realizados que me ajudaram a refletir a

direção que o trabalho tomava. Também sou muito grato aos integrantes do grupo pelas observações e provocações.

À Kátia Cristina da Silva que comanda a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais com maestria e que sempre está pronta e disposta para resolver qualquer problema, por mais difícil que seja. Muito obrigado por tudo.

Aos entrevistados que dedicaram uma hora ou mais para conversar sobre política e às pessoas que indicaram outras possíveis entrevistas em um cenário de polarização acentuada nas eleições de 2022. Em especial, agradeço ao DJ Muzzarela do Costa Manso.

À Isabeline Ursini pela ajuda fundamental na transcrição das 17 horas de entrevistas que compuseram a base de dados para a análise desta tese.

À minha mãe, Mary Nely Barbosa, e ao meu pai, Everaldo Amorim, pelo amor, carinho e força que me ajudaram a persistir na redação desta tese, ultrapassando qualquer dificuldade ou desânimo. Nunca esquecerei cada palavra de apoio que me deram nesse período. Amo vocês.

À Nathalie Ursini, meu grande amor, que foi fundamental para eu desenvolver este trabalho. Desde que ingressei no curso de Ciência Política na FESPSP no ano de 2014, passando pelo mestrado no ano de 2017 e concluindo com o doutorado em 2024, ela esteve sempre presente me apoiando. Em todos os momentos, seu incentivo se traduziu em força, alegria, positividade e em muito carinho. Sem isso, eu jamais concluiria a tese. Essa é pra você! TE AMO.

RESUMO

Este trabalho ingressa no universo do bolsonarismo. De início, utilizamos o conceito de fundamentalismo político, transposto da teologia, a fim de entender como Jair Bolsonaro captura a verdade e anula a possibilidade de diálogo tão fundamental em uma democracia, para depois observar como usa técnicas de desinformação na comunicação com seus seguidores e nos ataques as instituições. Em um segundo momento, buscamos compreender como os bolsonaristas recebem a dinâmica populista e o fundamentalismo político. Para tanto, realizamos entrevistas em profundidade *online* com bolsonaristas e eleitores de ocasião de Jair Bolsonaro no período eleitoral de 2022, na cidade de São Paulo, e verificamos a percepção deles acerca da grande mídia, instituições como o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral, bem como o sistema eleitoral, além da concepção que construíram sobre a atuação de Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19 e de seu governo. Bolsonaristas validam e legitimam a mensagem produzida por Jair Bolsonaro. Verificamos que para eles a verdade encontra-se em Bolsonaro, que vivemos uma luta do bem contra o mal, em que o mal é o *establishment*, e que por isso é necessário reconstruir a democracia destruída pelos inimigos.

Palavras-chave: Fundamentalismo Político; Populismo; Jair Bolsonaro; Desinformação; *Fake News*; *Antiestablishment*; STF; Sistema Eleitoral; Democracia.

ABSTRACT

This work enters the universe of Bolsonarism. Initially, we use the concept of political fundamentalism, transposed from theology, in order to understand how Jair Bolsonaro captures the truth and nullifies the possibility of dialogue so fundamental in a democracy, and then observe how he uses disinformation techniques in communicating with his followers and in attacks on institutions. In a second step, we seek to understand how Bolsonarists receive the populist dynamics and political fundamentalism. To this end, we carried out in-depth online interviews with Bolsonaro supporters and occasional voters of Jair Bolsonaro in the 2022 electoral period, in the city of São Paulo, and verified their perception of the mainstream media, institutions such as the Supreme Court and the Electoral Court, electoral system, in addition to the conception they constructed about Jair Bolsonaro's performance in the Covid-19 pandemic and his government. Bolsonarists validate and legitimize the message produced by Jair Bolsonaro. We see that for them the truth is found in Bolsonaro, that we are living in a fight between good and evil, in which evil is the *establishment*, and that it is therefore necessary to rebuild the democracy destroyed by our enemies.

Keywords: Political Fundamentalism; Populism; Jair Bolsonaro; Disinformation; *Fake News*; *Antiestablishment*; STF; Electoral System; Democracy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jair Bolsonaro usa o versículo bíblico João 8:32 (Print do autor da rede social Twitter, atual X)..... 48
Figura 2: Jair Bolsonaro ataca a imprensa com o versículo bíblico Jeremias 1:19 (Print da rede social Twitter, atual X)..... 48
Figura 3: Jair Bolsonaro reivindica a verdade atacando Governadores (Print da rede social Twitter, atual X)..... 49
Figura 4: Manifestantes queimam boneco simbolizando Judith Butler em defesa das crianças (Foto: Bruno Santos/Folhapress)..... 78
Figura 5: Olavo de Carvalho estimula a derrubada do establishment para um projeto conservador (Print da rede social Facebook) 121
Figura 6: Olavo de Carvalho ataca o campo político e a mídia (Print da rede social Facebook) 122
Figura 7: Olavo de Carvalho incentiva o ataque e remoção do campo político (Print da rede social Facebook)..... 122
Figura 8: Olavo de Carvalho ataca as esquerdas e a coloca a serviço do grande capital (Print da rede social Twitter, atual X)..... 123
Figura 9: Olavo de Carvalho denomina quem é a elite comunista e onde ela atua para ser combatida (Print da rede social Facebook) 124
Figura 10: Dinâmica populista de Olavo de Carvalho ergue a fronteira entre o bem e o mal, em comparação com o 'bolivarianismo' venezuelano (Print da rede social Facebook) 124
Figura 11: Olavo de Carvalho incentiva o ataque ao comunismo e ao Foro de S. Paulo (Print da rede social Facebook)..... 126
Figura 12: Olavo de Carvalho propõe cadeia de equivalências entre o PT e organizações criminosas (Print da rede social Facebook)..... 126
Figura 13: General Villas Boas intimida o Supremo Tribunal Federal a não soltar Lula da prisão (Print da rede social Twitter, atual X)..... 146
Figura 14: Internautas em uma '*flame war*' contra Patrícia Campos Mello (Print da área de comentários do YouTube)..... 191
Figura 15: Internautas acusam Patrícia Campos Mello de ser produtora de fake news e defendem Hans River (Print da área de comentários do YouTube)..... 193
Figura 16: Manifestação de caminhoneiros a favor de Bolsonaro revela o antagonismo contra o establishment (Fonte: Vinicius Sassine / Folhapress) 238

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTALISMO POLÍTICO 33
1.1 Fundamentalismo político no governo Bolsonaro 45
1.2 Guerras Culturais 54
1.3 Olavo de Carvalho 59
1.3.1 Tradicionalismo e a agenda da destruição 61
1.4 Marxismo Cultural 65
1.5 Ideologia de gênero 73
1.6 Lutas Culturais no Brasil 80
CAPÍTULO 2. BOLSONARO E O BOLSONARISMO NA LUTA *ANTIESTABLISHMENT* 85
2.1 Internacionalização do discurso da extrema direita 86
2.2 Partido digital 89
2.3 Campo político 97
2.4 Antagonismos 100
2.5 Dinâmica populista de Bolsonaro 108
2.5.1 Bolsonarismo 117
2.5.2 Populismo Digital e a cadeia de equivalências olavista 119
2.5.3 Relação entre PT e PSDB 129
2.6 Ditadura é *fake news* 132
2.6.1 Guerras híbridas 142
2.6.2 Militares na tutela civil 150
2.7 Conservadorismo no campo político 155
2.7.1 Conservador ou reacionário 159
CAPÍTULO 3. DESINFORMAÇÃO E ATAQUES COMO ESTRATÉGIA DE INTIMIDAÇÃO DE JAIR BOLSONARO 166
3.1 Definição de *fake news* e Desinformação 167
3.2 Verdade e bolsonarismo 172
3.3 Técnicas de desinformação e intimidação do bolsonarismo 177
3.3.1 CPMI das *Fake News* 178
3.3.2 *Firehosing* 184
3.3.3 *Astroturfing* 187
3.3.4 *Doxing* 189
3.3.5 *Flaming* 192
3.3.6 Kit Gay 193

3.4 Jornalismo sob ataque 202
3.4.1 Confiança na imprensa 204
3.4.2 Imprensa inimiga 207
3.4.3 Misoginia no combate a jornalistas inimigas 212
3.4.4 Folha de S. Paulo e Globo inimigos 215
3.5 STF sob ataque 219
3.5.1 Daniel Silveira e a luta entre poderes 223
3.5.2 Sarah Winter e os 300 do Brasil 225
3.5.3 Oswaldo Eustáquio, o soldado ferido 228
3.5.4 Deboche *antiestablishment* de Allan dos Santos 230
3.5.5 Violência contra os Ministros do STF 233
3.6 Ensaios antidemocráticos 234
CAPÍTULO 4. CONCEPÇÃO DE MUNDO *ANTIESTABLISHMENT* DO BOLSONARISMO 243
4.1 Eixo pandemia Covid-19 243
4.1.1 Necropolítica bolsonarista 245
4.1.2 Atuação de Prefeitos e Governadores 248
4.1.3 Médicos negacionistas e o gabinete paralelo 252
4.1.4 Kit Covid 255
4.2 Eixo Mídia 262
4.2.1 Verdade do bolsonarismo 263
4.2.2 *Fake news* para os bolsonaristas 266
4.2.3 Jornalismo dominante de esquerda 268
4.2.4 Globo e Folha de S. Paulo a serviço das *fake news* 270
4.2.5 Dieta informacional dos bolsonaristas 272
4.3 Eixo Supremo Tribunal Federal 287
4.3.1 STF aliado do PT 290
4.3.2 STF com mandato fixo 295
4.3.3 Fechamento do STF 296
4.3.4 Impeachment dos Ministros do STF 299
4.3.5 Ditadura de toga 302
4.4 Eixo Antagonismo 306
4.4.1 O que é ser bolsonarista? 306
4.4.2 Bolsonaro é perseguido pelo *establishment* 308
4.4.3 Equivalência entre PT e PSDB 310
4.4.4 Expectativa pela reeleição de Jair Bolsonaro 312
4.4.5 Extinção do PT 315
4.4.6 Luta do bem contra o mal 318

4.5 Eixo Guerras Culturais 320
4.5.1 Aborto na percepção do bolsonarismo 322
4.5.2 Ideologia de gênero na percepção bolsonarista 324
4.5.3 Linguagem neutra na percepção do bolsonarismo 330
4.5.4 Feminismos na percepção dos bolsonaristas 331
4.5.5 Politicamente correto e marxismo cultural na percepção do bolsonarismo 333
4.5.6 Comunismo na percepção dos bolsonaristas 335
4.5.7 Olavo tem razão 337
4.6 Eixo Sistema Eleitoral 338
4.6.1 Fraude nas urnas na percepção dos profanos bolsonaristas 342
4.6.2 Desconfiança das urnas eletrônicas pelos bolsonaristas deteriora a legitimidade das eleições 345
4.6.3 Fraude no primeiro turno das eleições de 2022 348
4.6.4 Ruptura 352
CONSIDERAÇÕES FINAIS 361
REFERÊNCIAS 373
ANEXO A: FILTRO APLICADO NA PESQUISA 415
ANEXO B: ROTEIRO DE PERGUNTAS APLICADO NAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE 417
ANEXO C: ENTREVISTADOS – CONSIDERA-SE BOLSONARISTA? 419
ANEXO D: ENTREVISTADOS POR IDADE 420
ANEXO E: ENTREVISTADOS POR GÊNERO 421
ANEXO F: ENTREVISTADOS POR GRAU DE ESCOLARIDADE 422
ANEXO G: ENTREVISTADOS POR PROFISSÃO 423
ANEXO H: ENTREVISTADOS POR RAÇA AUTODECLARADA 424
ANEXO I: ENTREVISTADOS POR RELIGIÃO 425
ANEXO J: ENTREVISTADOS POR RENDA 426
ANEXO K: ENTREVISTADOS POR AUTODECLARAÇÃO IDEOLÓGICA 427
ANEXO L: DECLARAÇÕES DE BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 428

AMORIM, Fabricio A. A. **Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro: a percepção antiestablishment do bolsonarismo**, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ano 2024. 432p. Orientadora: Vera Lúcia Michalany Chaia.

INTRODUÇÃO

Vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, notabilizou os sintomas mórbidos a que Gramsci se refere quando o velho está morrendo e o novo não pode nascer. O velho, carcomido pelo tempo, representado nos coturnos que já perseguiram muitos inimigos, retoma sua jornada militarizada na política com o bolsonarismo, haja visto que a ausência de ruptura com o período da ditadura civil militar de 1964 um dia traria de volta dificuldades para o nascimento e o crescimento do novo, isto é, o pacto democrático de 1988 que se encontra questionado e ameaçado pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro que dita a verdade que seria ocultada pelo novo, agora revelada e combinada a dinâmicas populistas. Fundamentalismo político anula a possibilidade de debate e encerra o diálogo, potencializando o antagonismo.

Relativização da ditadura civil militar de 1964 expressa o fim da Nova República e este movimento faz parte de um pêndulo democrático (AVRITZER, 2019, p.10) que se verifica na oscilação que passa a política no Brasil, já que determinados períodos históricos tendem a direção autoritária de acordo com interesses imediatos das elites junto a sedução das classes médias e por vezes, em outros momentos, resultam em impulsos democráticos de grande otimismo.

Chaia e Chaia (2022) observam que a democracia é um projeto político que busca se manter viável entre teoria e prática, sendo sempre testada pelas diversas forças políticas. Se destacam no debate democrático “conhecimento e ação”; “política e ética”; “poder e liberdade”; “utopia e degeneração”; “relação Estado e sociedade” (CHAIA e CHAIA, 2022, p.62). Mas como observam os autores, a partir de Tocqueville, a democracia é frágil pois contém em si o germe de sua própria destruição. Democracia no Brasil passou por um momento delicado com o governo de Jair Bolsonaro, sendo reafirmada pelos seus defensores e questionada por seus detratores.

Sucessivas crises políticas anteriores ao êxito bolsonarista demonstram que o arranjo institucional que se estabeleceu não tem mais eficácia e um novo pacto democrático se impõe (NOBRE, 2022, p.28, 49), o que sugere uma crise mais profunda. Jair Bolsonaro não é somente uma via eleitoral que agrada a extrema direita e setores conservadores do mundo social, mas também um projeto incompatível com a ordem estabelecida que traz concepções de mundo tão distantes que colidem de frente com a hegemonia dominante, colocando em jogo um choque entre dois projetos hegemônicos.

Segundo Avritzer (2019, p.141), o período que compreende junho de 2013 até a eleição de Jair Bolsonaro, é um momento de regressão democrática. Em uma breve digressão para contextualizar essa regressão, evidencia-se o julgamento do mensalão no começo da década de 2010, que reforçou narrativas de generalização na criminalização do PT e aumento do papel de formas de controle pelo judiciário; as jornadas de junho de 2013 – que tiveram uma essência heterogênea e reivindicativa e que elevou o discurso conservador e reacionário, bem como sua identificação com essas narrativas; as eleições de 2014 conturbadas pelo resultado apertado entre os dois primeiros colocados no segundo turno, o que acarretou na não aceitação do resultado eleitoral por Aécio Neves (PSDB); a Operação Lava Jato que estabeleceu um sistema de controle e perseguição política; o julgamento e a prisão de Lula (PT), tirando do pleito um forte candidato que desafiava Jair Bolsonaro. Todo esse processo político foi contaminado com grande dose de desconfiança (AVRITZER, 2019, p.147) e de medo.

Brugnago e Chaia (2014) percebem uma radicalização das novas direitas na metade da década de 2010 que já revelava antagonismo na não aceitação do outro que teve grande impacto devido as mídias digitais. O processo de reação das direitas com o fortalecimento da consciência do que é ser conservador no espectro político bem como a defesa da família tradicional, beneficiou a ascensão de Jair Bolsonaro nos anos seguintes até as eleições de 2018.

A democracia neste projeto hegemônico bolsonarista tem um significado distinto. Jair Bolsonaro tem uma visão de que existiu democracia no período da ditadura civil militar de 1964, justificado simploriamente pela existência de eleições com voto direto apenas para Deputado Federal, Deputado Estadual e Vereadores[1]. É essa concepção de mundo que está em disputa nas subjetividades – o significado da democracia que queremos viver – em um antagonismo que aponta para direções distintas, o *establishment* de um lado; o *antiestablishment*, de outro. Como destaca Nobre (2022, p.38), Jair Bolsonaro impõe uma ideia do que é democracia:

> Para Bolsonaro, todo mundo que aceitou as regras da Constituição é de "esquerda", faz parte da "falsa democracia". Para Bolsonaro, a redemocratização é a responsável por todos os males do país. A "verdadeira democracia" é apenas aquela que existia durante a ditadura militar. Quem conseguir entender a expressão "a democracia da ditadura era a verdadeira

[1] A escolha de um Presidente da República durante a ditadura civil militar de 1964 era feita pelo voto indireto, com escolhas feitas por militares.

> democracia" conseguirá entender Bolsonaro (NOBRE, 2022, p.21, aspas do autor).

Nessa concepção, a democracia constituída pelo *establishment* orientada pela Constituição de 1988 é uma democracia corrompida pelas esquerdas, pelos comunistas. Após a redemocratização, Jair Bolsonaro nunca deu sinais favoráveis ao novo momento político do país, ao contrário, demonstrou ressentimento e incômodo com a verdade sobre a ditadura civil militar de 1964 vindo à tona, sentimento partilhado com parcelas de militares.

Nos anos 1990, Jair Bolsonaro deu declarações contundentes favoráveis a um novo regime autoritário. Em 1999, Bolsonaro disse que se fosse eleito Presidente da República "daria o golpe no mesmo dia (...) através do voto não se muda nada nesse país" (BOLSONARO, 1999 apud BARRETTO JR., 2021, p.11). Vinte anos depois, o que mudou foi a estratégia. Jair Bolsonaro passou a ocultar a percepção bélica internalizada em suas vivências no campo militar para uma visão estratégica dissimulada e gradual que oculta o real interesse de golpe de Estado.

Em tom golpista mais escancarado, o vereador pela cidade do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, criticou a democracia em setembro de 2019 (momento em que Jair Bolsonaro era o Presidente da República): "Por vias democráticas a transformação que o Brasil quer não acontecerá na velocidade que almejamos. Só vejo todo dia a roda girando em torno do próprio eixo e os que sempre nos dominaram continuam nos dominando de jeitos diferentes" (BOLSONARO C., 2019, apud BARRETTO JR. 2021, p.43).

Carlos Bolsonaro aponta para a dominação de uma elite que precisa ser substituída para a recuperação do país. Avanço para um novo projeto hegemônico só pode ser implementado retirando as elites consideradas corruptas e imorais aparelhadas em todas as instituições na política, na justiça, na educação, na mídia, através de uma dominação feita pela doutrinação comunista.

Governo Bolsonaro foi marcado por sucessivos flertes com uma ruptura. Ensaios antidemocráticos desfilaram nas ruas do Brasil com a bênção do Presidente Jair Bolsonaro

em 2020[2], 2021[3] e 2022[4], a pretexto de defender uma noção corrompida de democracia no antagonismo vitimista plantado pelo Presidente contra o sistema de democracia liberal.

Para não ser acusado de flertar com o golpismo, Jair Bolsonaro utiliza discurso estratégico de que "joga dentro das quatro linhas da Constituição", estabelecendo uma fronteira com quem atua fora da Carta Magna, construindo inimigos na figura dos Ministros do STF e do TSE. Neste conflito, sua política de intimidação apresenta o blefe do apoio massivo dos militares e do povo construído em sua dinâmica populista que compõe seu "exército" na "luta do bem contra o mal"[5]. Tudo que é mal está colocado do outro lado da fronteira e procura prejudicar o povo cidadão de bem e da família que se encontra no outro flanco. Incentivo a desconfiança a tudo que é legítimo do outro lado da fronteira é uma guerra de posições que tem por finalidade deslegitimar o *establishment*.

Diante de sucessivas crises na política e na economia, parcelas da população foram incentivadas a desacreditar de agentes sociais do campo do jornalismo, de determinados veículos de comunicação e de agentes sociais do campo político, e do campo judiciário, alimentando uma crise de desconfiança que, junto ao medo e a incerteza do futuro, encontraram em Jair Bolsonaro a saída para o acúmulo de angústias propiciadas pelo mal-estar gerado na política.

Índice de Confiança Social (ICS) feito pelo IBOPE inteligência no ano de 2015 demonstrou que partidos políticos, Congresso Nacional e Presidência da República, eram as instituições que mais perderam confiança da população. De acordo com a pesquisa realizada desde 2009, queda de confiança em diversas instituições ganhou forma após as manifestações de 2013. Ainda segundo o levantamento, o Corpo de Bombeiros, seguido

---

[2] G1. **Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml> (Acesso em 19/01/2023).

[3] FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro faz ameaça golpista a STF e Fux em ato com milhares em Brasília**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-ameaca-stf-em-ato-com-pautas-golpistas-que-reuniu-milhares-em-brasilia.shtml> (Acesso em 21/01/2023).

[4] YAHOO! NOTÍCIAS. **7 de setembro: após fala golpista, Bolsonaro "volta atrás" e faz promessa**. 2022. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/7-de-setembro-apos-fala-golpista-bolsonaro-volta-atras-e-faz-promessa-153230377.html> (Acesso em: 21/01/2023).

[5] ANDRADE, Tainá. **Bolsonaro: "Embrulha estômago jogar dentro das 4 linhas da Constituição".** 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/03/4996327-bolsonaro-embrulha-estomago-jogar-dentro-das-4-linhas-da-constituicao.html> (Acesso em: 21/01/2023).

da igreja e das Forças Armadas foram as instituições mais bem avaliadas, enquanto os meios de comunicação estavam em queda.

Partidos políticos, Congresso Nacional e Presidência da República continuaram mal avaliados pela população como atesta a pesquisa do Instituto Datafolha feito em junho de 2018, meses antes das eleições. Forças Armadas destacam-se como a instituição mais confiável. Operação Lava Jato aumentou a insatisfação com o sistema político, generalizando a percepção da corrupção, numa disputa que buscava colocar o PT como único partido corrupto (IBRAHIM, 2021).

Índice de Confiança Social feito pelo (IPEC) Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica no ano de 2023, demonstrou novamente os Bombeiros como a instituição mais confiável, seguido de igreja, Polícia Federal, com Forças Armadas logo atrás e com Congresso e partidos políticos como as instituições mais mal avaliadas[6]. Isso quer dizer que Forças Armadas obtém mais confiança que os partidos políticos e suas lideranças, e abre espaço para Jair Bolsonaro que se apresenta como representante das Forças Armadas e da família.

Aproveitando o contexto de desconfiança e indignação, Jair Bolsonaro ascendeu ao domínio do campo político com um expediente desinformativo que não abandonou mesmo após a vitória nas eleições de 2018. Em seu governo, dobrou a aposta na desinformação, a fim de atacar inimigos políticos e instituições, o que demonstra que não usou desinformação apenas para alcançar o poder, mas também para mantê-lo.

Jair Bolsonaro logrou êxito na construção de cadeias de equivalências e produção de significantes vazios, na qual o uso da retórica do ódio e da desinformação são determinantes para a formação e direcionamento do povo. Não quer dizer que o bolsonarismo se oriente apenas por desinformação, porém, a falsidade faz parte do direcionamento para as guerras híbridas, afastando a verdade factual que eventualmente prejudique o projeto hegemônico. Neste projeto pedagógico bolsonarista por hegemonia, a verdade factual é incompatível.

Desinformação aparece como um elemento de preocupação nas democracias da segunda década do século XXI, mas trata-se de um fenômeno antigo (RECUERO, 2020,

[6] UOL. **Bombeiros, PF e igrejas são instituições com maior confiança entre população, diz Ipec**. 2023. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2023/07/18/bombeiros-pf-e-igrejas-sao-instituicoes-com-maior-confianca-entre-populacao-diz-ipec.htm> (Acesso em: 27/08/2023).

p.384) que se propaga com velocidade por uma grande variedade de rotas (MARTINO, 2015, p.66 e p, 73) na internet, facilitando o fechamento em bolhas (PARISER, 2012).

Na câmara de eco (RECUERO et al, 2021, p.4) bolsonarista, encontram-se outras pessoas que reforçam o viés de confirmação e diluem a dissonância cognitiva provocada por qualquer ruído que atrapalhe a crença internalizada em um círculo vicioso que se retroalimenta. A dissonância cognitiva é o motor das massas digitais bolsonaristas (ROCHA, J., 2021, p.348). Dessa forma, o fundamentalismo político vira um ato de fé em nome do corpo digital da liderança de Jair Bolsonaro e a desinformação estrutura as guerras híbridas.

Toda essa estratégia *antiestablishment* através de desinformação internalizada pelos bolsonaristas como um ato de fé tem bases internacionais, inspiração e diálogo com outras experiências iliberais, que flertam com agendas antidemocráticas. Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em seu primeiro dia no cargo na Casa Branca, no ano de 2017, atacou meios de comunicação e seu grupo político mentiu sobre o número de pessoas presentes em sua cerimônia de posse. Nessa ocasião, sua assessora especial, Kellyanne Conwway, defendeu a existência de "fatos alternativos" para se olhar uma realidade[7] obviamente deturpada, abrindo caminho para outras narrativas contendo desinformação.

A partir das eleições de 2016 nos Estados Unidos, ocorreram ataques de desinformação em mais de 20 países (BARBOSA, 2019, p.98). Com isso, a expressão "fatos alternativos" foi eleita a "despalavra" do ano de 2017 na Alemanha[8] por trocar o factual por afirmações sem possibilidade de comprovação. Após batizar mentiras de "fatos alternativos" a venda do livro "1984" de George Orwell aumentou exponencialmente[9].

---

[7] MARS, Amanda. **Casa Branca defende que há fatos alternativos para falsear a realidade**. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258_732145.html> (acesso em (05/02/2023).

[8] DEUTSCHE WELLE. **"Fatos alternativos" é a "despalavra" de 2017.** 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/fatos-alternativos-%C3%A9-a-despalavra-de-2017/a-42167560> (Acesso em: 22/01/2023).

[9] O GLOBO. **Vendas de '1984' disparam após 'fatos alternativos' apresentados por Trump**. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/vendas-de-1984-disparam-apos-fatos-alternativos-apresentados-por-trump-20821051> (acesso em (06/02/2023).

Nas entrevistas realizadas para esta tese, o livro "1984" foi citado espontaneamente com referências ao "Ministério da Verdade" e "novilíngua", que fazem parte da história do romance distópico e que estariam sendo colocados em prática pelo Supremo Tribunal Federal e Partido dos Trabalhadores como projeto de poder. Novas direitas interpretam o livro enaltecendo a disputa da verdade e o reconhecimento da censura, afinal, tem medo de se expressar livremente e defendem o que acreditam ser a verdade legítima e incontestável.

Enxergar a economia de dados como ativo e explorar a leitura do desejo individual ajudou muito a expansão da reação conservadora e reacionária pelo mundo. Donald Trump soube aproveitar bem sua popularidade na internet e utilizar desinformação para alimentar polêmicas e crises. É uma espiral de escândalos que são revertidos a seu favor por artifícios discursivos (EMPOLI, 2020, p.18).

A desqualificação do sistema eleitoral americano como estratégia de degradação democrática em uma rede de desinformação foi pioneira e copiada por aliados da extrema direita como Jair Bolsonaro. Nem Trump, nem Bolsonaro, reconheceram as derrotas na busca da reeleição após a divulgação dos resultados eleitorais e essa (in)ação política estimulou a invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 e a invasão das instituições brasileiras em 8 de janeiro de 2022.

No Brasil, bolsonaristas estimulados pelo fundamentalismo político de Bolsonaro agiram numa escalada de destruição. A estratégia em Trump e em Bolsonaro não é à toa, coincidência ou pura cópia. Steve Bannon é o nome por trás dessas operações hegemônicas que ambicionam desmontar e destruir elites pelo mundo, no que denomina "partido de Davos das elites globais" (EMPOLI, 2020, p.19).

Estrategista de Donald Trump, Steve Bannon esteve à frente do Breitbart News, plataforma de desinformação que se diz noticioso, além de encabeçar o "The Movement", grupo internacional de extrema direita que reúne membros como Viktor Orbán, Presidente da Hungria; Geert Wilders, da Holanda; Matteo Salvini e Giorgia Meloni, da Itália; Marine Le Pen, da França, Nigel Farage (Reino Unido).

Steve Bannon não esconde a intenção de consolidar uma Internacional populista (EMPOLI, 2020, p.19) com agenda específica em cada país com política de fechamento de fronteiras; interrupção do processo de globalização (EMPOLI, 2020, p.31); defesa da família tradicional com combate a ideologia de gênero e o marxismo cultural. Só assim é

possível destruir o *establishment* dominado pelas esquerdas. Cartilha de Bannon é esmiuçada em diversos países.

Na mira de Steve Bannon, uma ofensiva contra a mídia: a ideia é aumentar a temperatura em temas como saúde, meio ambiente, aborto, imigração, com desinformação atacando jornais dominantes em seus campos de forma acelerada para que se percam no desenrolar das narrativas, o que para ele paralisa a oposição, abrindo caminho para Trump avançar seu programa sem obstáculos. O estrategista de Trump sabe bem o que combate: é contra a China e o partido Comunista Chinês e acredita que os trabalhadores no mundo são escravos que tiveram condições pioradas com o globalismo neoliberal fomentado nas alianças entre comunistas e a elite do capital.

Steve Bannon acredita que a ordem neoliberal está colapsando e que as pessoas estão percebendo que as elites estão destruindo a economia e empregos. Por isso, se interessa muito em *outsiders* ou figuras que se posicionam contra os agentes sociais dominantes. Bannon diz que está muito conectado ao Brasil e por isso se dedica muito a essa relação. Segundo ele, Lula é criminoso internacional associado ao Partido Comunista Chinês e a instituição mais corrupta do Brasil é o Supremo Tribunal Federal. Bannon crê firmemente que houve fraude nas eleições dos Estados Unidos em 2020 em que Donald Trump perdeu para Joe Biden e fraude nas eleições brasileiras em 2022 em que Jair Bolsonaro perdeu para Lula. Segundo Bannon, a fraude no Brasil foi mais escandalosa do que a ocorrida nos Estados Unidos[10].

A desqualificação dos sistemas eleitorais junto a desinformação é uma manobra estimulada pelo estrategista Steve Bannon para acusar elites que mantém um sistema corrupto de manipular votos e tumultuar o ambiente democrático com a conquista da desconfiança dos indivíduos. Jair Bolsonaro é o tipo ideal procurado por Bannon por já ter histórico de disseminar desconfiança contra as urnas eletrônicas no Brasil.

Mentiras sobre a possibilidade de fraude nas urnas eletrônicas já surgiram antes das eleições de 2022, mas esse discurso foi potencializado pelo grupo bolsonarista durante o pleito. A estratégia, mais ampla, não visa singularizar a discussão sobre a urna para aperfeiçoamento, mas oculta o objetivo de desestabilizar a democracia.

---

[10] AMÂNCIO, Thiago. **Steve Bannon vê Bolsonaro fortalecido com acusações na Justiça e aposta em Eduardo**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/steve-bannon-ve-bolsonaro-fortalecido-com-acusacoes-na-justica-e-aposta-em-eduardo.shtml> (Acesso em: 30/03/2023).

Com esse breve passeio por relações políticas que se ligam principalmente pelo fator *antiestablishment*, verificam-se buscas de organização de agendas destas extremas direitas, que mantém contato e colaboração. No Brasil, a extrema direita e as direitas em geral se estabeleceram a partir do sistema de crenças de Olavo de Carvalho. Foi ele que forneceu material para internalização de temas que passaram a fazer sentido na cabeça das pessoas com populismo digital alinhado a dinâmica populista de Jair Bolsonaro.

Juntos, Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho, a liderança política e a racionalidade que dá base a essa liderança, investem em uma operação hegemônica que sabem que não irá ocorrer em apenas um mandato. Se trata de um longo processo de expurgo da esquerda das instituições e das mentes brasileiras, baseado na retórica do ódio e instrumentos digitais de estimulação e intimidação. Quem não se converteu ao bolsonarismo, não possui a verdade e está passível de ser perseguido pelo caminho oposto, a esquerda, que pavimenta somente o mal e a mentira.

O fundamentalismo político combinado a lógica populista são recursos discursivos sedutores que encantam e mobilizam. Diante desse monopólio da verdade pertencente a Jair Bolsonaro em nome de Deus e da liberdade, problematizamos essa temática a fim de uma escavação profunda. A pergunta principal que norteia esta pesquisa é: como o fundamentalismo político ativado por Jair Bolsonaro se consolida com o uso de desinformação e *fake news* na sua estratégia *antiestablishment* diante da dinâmica populista? Em face desse problema colocado, buscaremos delinear cada ponto para atingir os seguintes objetivos:

1) Compreender o fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, da conceituação do fundamentalismo político a sua prática, que se faz presente na dinâmica populista na construção do povo. Posto o cenário em que há uma política de intimidação que atinge uma guerra híbrida com uso de *fake news* e desinformação que converte seguidores em soldados digitais; além de guerras culturais que antagonizam o bem contra o mal na disputa de valores e assumindo a chave teórica que coloca a construção de cadeias de equivalências e significantes vazios por Bolsonaro, propomos verificar as percepções dos bolsonaristas através de entrevistas em profundidade[11] e assim apresentamos e encadeamos temas que estão nas trincheiras das batalhas contra o *establishment* na busca

[11] Nomes dos entrevistados nas entrevistas em profundidade foram trocados em razão da confidencialidade das informações prestadas garantida às pessoas antes das conversas.

da hegemonia, como PT, STF, pandemia de Covid-19, desinformação, verdade, democracia, entre outros, que revelam a formação do bolsonarismo enquanto movimento e povo obediente.

2) Objetivos secundários: Revelar a política de estimulação à guerra e técnicas de intimidação virtuais, bem como de disseminação de desinformação por meios digitais, a fim de caracterizar os instrumentos utilizados na guerra híbrida e os soldados digitais convertidos e convocados para aniquilar os inimigos.

A fim de cumprir os objetivos, realizamos entrevistas em profundidade com bolsonaristas e eleitores de Bolsonaro.

Este presente estudo optou por usar o método qualitativo com entrevistas em profundidade guiado por um roteiro semiestruturado. Estudos qualitativos de percepção se inscrevem na ciência política com uma variedade de temas a serem explorados que podem ajudar a entender motivações de eleitores e grupos. O *corpus* trabalhado neste trabalho foi composto por eleitores ocasionais do Presidente Jair Bolsonaro que votaram nele nas eleições de 2022 na cidade de São Paulo e bolsonaristas autodeclarados, investigando a relação de bolsonaristas em vista a Bolsonaro e atores sociais do *establishment*. Bolsonaristas foram entrevistados entre outubro do ano referido e novembro.

Escolha de técnica para fazer essa investigação depende de uma adequação ao que se apura, fazendo um encaixe que permita o desenvolvimento da pesquisa (ALONSO, 2016, p.20). Nos certificamos de que o método qualitativo se adequaria aos propósitos da pesquisa em compreender percepções e motivações dos bolsonaristas e fizemos um encaixe em relação a realização de entrevistas online[12], ao invés de conversas presenciais.

[12] Pandemia de Covid-19 mudou os rumos deste trabalho que tinha apenas seis meses de pesquisa em janeiro de 2020. Com o isolamento social nos anos de 2020 e 2021, redesenhamos a metodologia, buscando compreender o discurso de participantes de grupos bolsonaristas. Com a aplicação das vacinas e retorno gradual às atividades presenciais, retornamos ao objetivo inicial de realizar entrevistas e pausamos a análise dos grupos que forneceram muito material para observação e informantes. Com o êxito de pesquisas de recepção online durante a pandemia, como observam Segurado e Chicarino (2022), utilizamos este meio, cientes das suas limitações e possibilidades. Entrevistas online têm dificuldades e desafios como conexões de internet instáveis, possibilidade de a pessoa sair da conversa e não mais retornar ou nem aparecer.

Entrevista em profundidade é uma das principais maneiras de coletar dados nas ciências sociais (LIMA, 2016, p.38) e não tem caráter quantitativo. Pesquisa qualitativa deve sempre refutar qualquer quantificação (LIMA, 2016, p.38). Entrevista retira dúvidas do pesquisador, explora temas profundamente e esclarece situações (LIMA, 2016, p.39). Técnicas como as entrevistas podem ser usadas a fim de coletar dados da vida cotidiana das pessoas. O método qualitativo coloca as pessoas no centro da investigação (ALONSO, 2016, p.9).

Para recrutar pessoas e colocá-las no centro da investigação, utilizamos um filtro de seleção. Buscamos captar no filtro, informações relevantes como renda, grau de escolaridade, profissão, que foram incluídas visando obter visão mais ampla da trajetória dos indivíduos (ALONSO, 2016, p.16) para depois sistematizar e selecionar ou não as pessoas para a aplicação do roteiro de perguntas.

Recrutar e convencer a pessoa a falar é uma tarefa muito difícil que encontra resistências a serem diluídas ou quebradas, ainda mais no bolsonarismo que vive uma luta do bem contra o mal. Como aponta Lima (2016, p.26), na utilização de filtro antes das entrevistas, a interação com o pesquisado deve ser diminuída e a condução bem observada enquanto na entrevista qualitativa, o diálogo deve ter fluidez e mais interação para aperfeiçoar o dado coletado.

O filtro de seleção aplicado na pesquisa perguntou se o entrevistado ia votar em Jair Bolsonaro, se tinha a percepção de ser bolsonarista e, em caso afirmativo, como se dá essa identidade bolsonarista. Outros eleitores declararam apoio momentâneo à Jair Bolsonaro por diversos fatores, mas o ponto fundamental era votar em Bolsonaro de maneira convicta. Esta pergunta inicial do filtro de seleção nesta pesquisa encerrava a entrevista caso a pessoa dissesse que não votaria em Bolsonaro ou que tinha dúvidas. Também foi perguntado sobre a visão ideológica dos entrevistados.

Aplicamos a técnica “bola de neve” para encontrar e selecionar entrevistados. Essa técnica se configura em uma forma de amostragem não probabilística que se vale de um encadeamento de referências (VINUTO, 2014, p.203). Isto é, uma pessoa adequada aos objetivos da pesquisa passa a indicar outra para conversar com o pesquisador.

A grande vantagem do uso da técnica bola de neve é a possibilidade de entrada em grupos de difícil acesso (VINUTO, 2014, p.203) como é o bolsonarismo em relação a ciência e a pesquisadores que são relacionados por eles às esquerdas, aos inimigos com

quem não se deve conversar. Vinuto (2014) detalha o funcionamento da técnica bola de neve:

> A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (VINUTO, 2014, p.203).

Neste estudo, o uso da técnica bola de neve para recrutar bolsonaristas seguiu as características descritas por Vinuto (2014), com algumas particularidades devido ao caminho que a pesquisa tomou. Vinuto (2014, p.208) aponta a impossibilidade de controle na maneira como as sementes irão indicar o pesquisador. Por outro lado, diz a autora, a indicação originada de alguém conhecido pode trazer confiança na relação com o pesquisador.

A técnica bola de neve foi iniciada com uma mensagem nas redes sociais do pesquisador e em grupos bolsonaristas, explicando o objetivo da pesquisa e convidando para entrevista. Obtivemos 5 informantes-sementes que não concederam entrevistas devido ao perfil ou por não votarem na cidade de São Paulo, mas que foram solícitos ao indicarem outras pessoas.

Depois de selecionados por cumprirem requisitos do filtro, alguns entrevistados ao final do papo sugeriram outras pessoas que foram procuradas para serem novos informantes, apontando outros possíveis entrevistados. Estes informantes ajudaram mostrando percepções e ajudando nas indicações, mas não foram oficialmente entrevistados.

Requisitamos que as pessoas que indicassem possíveis entrevistados, buscassem em sua rede de contatos quem estivesse mais distante do seu convívio diário, mas que cumprissem os critérios do filtro. Em diversos momentos, o possível entrevistado era rejeitado pelo filtro por nutrir dúvidas do voto em Jair Bolsonaro, por não votar na cidade de São Paulo, ou por não se considerar bolsonarista. Em um segundo momento, abrimos o filtro para pessoas que não se consideravam bolsonaristas, e assim, obtivemos dois novos entrevistados.

Vinuto (2014, p.205) ressalta que pessoas indicadas nem sempre aceitam participar da pesquisa, o que prejudica o desenvolvimento. No recrutamento das entrevistas com apoiadores de Jair Bolsonaro, recusas foram comuns[13]. A negociação muitas vezes foi difícil, porém, foi demonstrada a intenção de forma clara a respeito de coletar dados a partir da percepção convicta de quem iria votar em Bolsonaro nas eleições de 2022 com absoluta transparência a respeito da pesquisa acadêmica em andamento, bem como os objetivos do estudo.

Gravação da entrevista depende da concordância do entrevistado e auxilia o pesquisador a relembrar a conversa e a transcrever o conteúdo (LIMA, 2016, p.38). Como a execução do questionário levou quarenta e cinco minutos na primeira entrevista, foi explicado no recrutamento que essa era a média do tempo, porém, muitas conversas ultrapassaram uma hora. As pessoas permitiram a gravação da conversa e concederam tempo em sua agenda de maneira espontânea, sem remuneração. Na pesquisa qualitativa, a fala dos indivíduos se torna o principal registro do dado (LIMA, 2016, p.29).

Todos nossos entrevistados se autodenominaram conservadores. Obtivemos perfis variados de entrevistados como católicos, evangélicos (petencostais e neopetencostais), espíritas, maçons; liberais, neoliberais, anarcocapitalistas, praticantes de tiro, os chamados CACs e uma pessoa IAT, instrutor de arma e tiro. No aspecto geográfico, conseguimos selecionar entrevistados em uma variedade de regiões da cidade de São Paulo, como Jardins, Moema, Heliópolis e Capão Redondo.

Desenhamos um roteiro sistematizado com determinado número de questões principais e específicas, em uma ordem estabelecida, entretanto, com espaço aberto para perguntas e respostas fora do previamente estabelecido (LIMA, 2016, p.27). Isso porque a realização das entrevistas depende de uma estruturação das perguntas (LIMA, 2016, p.25).

Questões polêmicas ou que provoquem desconfortos não devem aparecer no início do roteiro (LIMA, 2016, p.33). Como os temas que circundam o STF, *fake news* e

[13] Como um dos fundamentos para uma entrevista em profundidade é a relação de confiança entre as partes, ao se abordar adeptos do bolsonarismo, logo se descobre que a desconfiança guia os convites recusados e algumas das conversas. O estudo científico encontra barreiras por ser classificado como parte de um "sistema" a ser combatido, afinal, a principal luta do bolsonarismo é *antiestablishment*, o que pode levar o pesquisador para uma zona de incerteza.

desinformação eram mais espinhosos, estes foram deixados para o fim do roteiro. Lima (2016), a partir de Combessie (2004), explica que a ordem das perguntas no roteiro prevê um bom desenrolar da entrevista com lógica possível de encadeamentos (LIMA, 2016, p.33). Estabelecemos uma ordem de perguntas no roteiro a fim de facilitar a análise e discussão dos dados que podem ser verificados nos anexos A e B ao final deste trabalho.

Métodos qualitativos possuem limites. A entrevista é a técnica mais flexível e apresenta dificuldades como estabelecer uma relação na qual as informações não sejam negadas ou respondidas para agradar o pesquisador (ALONSO. 2016, p.9). Se o entrevistado traz respostas evasivas, inadequadas, esse torna um obstáculo a ser contornado no uso da entrevista em pesquisa em ciências sociais (LIMA, 2016, p.27).

Entrevistados ainda podem ressoar o que é aceito no mundo social (ALONSO, 2016, p.15). Relação entre o entrevistador e o entrevistado deve ter equilíbrio para que os dados não fiquem esvaziados (LIMA, 2016, p.39). Como destaca Vinuto (2014), entrevistados precisam aceitar falar sobre suas percepções, aceitando as perguntas feitas pelo pesquisador, estabelecendo confiança na conversa (VINUTO, 2014, p.217).

Nas entrevistas com bolsonaristas, houve momentos de tensão gerados principalmente por entrevistados com perfis mais duros, que em meio ao papo respondiam de forma breve e assim, necessitavam de estimulação do pesquisador para mais elaboração do pensamento[14]. Partindo do pressuposto de Bourdieu (2019) no qual pessoas podem não ter opiniões para determinados temas, pedi para que meus interlocutores não ficassem constrangidos, caso não quisessem ou não soubessem o que dizer em algumas respostas, contudo, isso quase não ocorreu. Houve muita vontade de falar e muito repertório sobre política: ideias sobre a disputa partidária, Supremo Tribunal Federal, mídia, entre outros temas foram trazidas com desenvoltura pelas diversas faixas etárias e de renda.

[14] As entrevistas em profundidade foram realizadas na ebulição do processo eleitoral de 2022 e o papo sobre preferências políticas ao final do questionário foi bem frequente e introduzido pelos próprios bolsonaristas. Quando alguns perguntavam qual era a universidade em que o trabalho seria apresentado, a desqualificação da instituição PUC-SP era imediata, muito por causa da percepção que possuem com a identificação da instituição com as esquerdas. Esse foi o momento de enfatizar que a pesquisa acadêmica não tem cores ideológicas, nem preferências partidárias, porém, comentários em tom de deboche vieram à tona: "Você estuda lá? Na PUC eu não passo nem na porta", disse um consultor em marketing. "Tem muita fumaça de maconha dentro da sala de aula, né", satirizou um empresário.

Percepção corriqueira no senso comum de que o bolsonarismo é despolitizado se revela imprecisa a medida que eleitores de Bolsonaro e bolsonaristas revelaram entendimento a respeito de diversos temas, ainda que seja pela visão distorcida incentivada pelo Presidente, a despolitização não se verifica na qualidade do que é dito ou pensado, mas na ausência de envolvimento ou ação política, o que não caracteriza de forma alguma o bolsonarismo.

Entrevista em profundidade deve decorrer como uma conversa que pode ser sistemática a fim de alcançar, recuperar e registrar experiências internalizadas na memória das pessoas, de maneira que o pesquisador age ativamente para buscar respostas, sem que ocorra indução (LIMA, 2016, p.26) e assim se capturam valores, opiniões, motivações, seguindo os critérios estabelecidos no roteiro (LIMA, 2016, p.27).

A grande maioria dos entrevistados argumentou sobre diversos assuntos de política institucional e cultural sem travas ou bloqueios. As pessoas expõem suas opiniões com uma certeza que impressiona, dado o grau de confiança no discurso que proferem e na intensidade da desconfiança ao apontar quem deseja enganar para benefício próprio. Os acontecimentos que despertaram essas pessoas a acompanharem a política mais de perto foram os casos de corrupção atribuídos ao PT; as jornadas de 2013; o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2016; e a própria atuação de Jair Bolsonaro.

Lima (2016) explica que a entrevista em profundidade com roteiro semiestruturado captura crenças das pessoas, o que pensam dos fatos apresentados e não busca a verdade objetiva (LIMA, 2016, p.34). Dessa forma, surgem medos, desconfianças, desprezo, ódio, inveja, simpatia, admiração (LIMA, 2016, p.34.35). Não só os sentimentos são coletados, mas a motivação que levou a esses comportamentos, que levam a observação na análise de padrões de comportamento (LIMA, 2016, p.35).

O roteiro semiestruturado buscou a percepção de eleitores de Bolsonaro no pleito de 2022 a respeito de mídia, *fake news*, desinformação, verdade, STF, antipetismo, partidos políticos e sobre a liderança do Presidente Bolsonaro, captando muitas crenças e desconfianças. Interrompemos o recrutamento para entrevistas a partir do momento que atingimos 21 entrevistados divididos entre renda, gênero e idade, pois o discurso dos entrevistados passou a se tornar repetitivo, uma vez que angariamos mais de 17 horas de gravações. De acordo com Lima (2016, p.38), no momento em que informações coletadas

nas entrevistas em profundidade iniciam uma repetição, interrompe-se a busca de novas entrevistas, para não se obter um "efeito redundância" (LIMA, 2016, p.38).

Na análise desenvolvida no capítulo 4, seguimos o desafio proposto por Lima (2016). Quando se tem o número de pessoas com experiências comuns, a análise passa pela comparação das percepções relatadas, destacando o que aparece em comum e singularidades (LIMA, 2016, p.38). Dividimos o presente trabalho em quatro capítulos.

No capítulo 1, "Fundamentalismo político", realizamos a transposição da literatura sobre fundamentalismo religioso, em seus pontos principais, e elaboramos a categoria analítica denominada "fundamentalismo político", conceito que tem a potência em compreender o fenômeno da verdade do bolsonarismo. Na verdade revelada do fundamentalismo político, a noção de bem e do mal é capturada e se potencializa no encontro a dinâmica populista que traz o povo para a esfera moral, até a inserção nas guerras culturais que deixa nítido quem são os desvirtuados e desajustados e quem são os virtuosos e cidadãos de bem. Nesse sentido, introduzimos Olavo de Carvalho, que atuava como conselheiro e incentivador das lutas culturais em busca da hegemonia sequestrada pelas esquerdas.

Marxismo cultural e ideologia de gênero se tornaram senso comum no debate público brasileiro graças a doutrinação de Olavo de Carvalho, inserindo o Brasil nas lutas culturais, na esfera do debate moral. Essa racionalidade traz noções importantes como o politicamente correto e a censura, que denotam no bolsonarismo como o *establishment* foi tomado por uma elite de esquerda que fiscaliza, persegue e cala quem contraria a família tradicional brasileira capitaneada pelo patriarca cidadão de bem.

No capítulo 2, "Bolsonaro e o bolsonarismo na luta *antiestablishment*", passamos pelo partido digital de Jair Bolsonaro, onde ele se situa no campo político, introduzindo o antagonismo acentuado no conflito *antiestablishment* que na dinâmica populista se verifica em um encadeamento de cadeias de equivalências seguidas de atos de significação e esvaziamento que acabam por resultar na construção do povo e no estabelecimento de um conflito "nós" contra "eles", "bem" contra "mal" – que encontra eco no fundamentalismo político.

Nesse contexto, estamos inseridos em uma guerra híbrida com Jair Bolsonaro amparado no apoio de militares que estão presentes no debate político brasileiro desde a proclamação da República, fazendo a tutela civil e ditando os rumos do conservadorismo

e do reacionarismo brasileiro. No tipo ideal do conservadorismo e do pensamento reacionário, buscamos compreender como essas noções são importantes na manutenção ou desejo de ruptura da ordem estabelecida, o que vai ao encontro da operação hegemônica bolsolavista.

No capítulo 3, "*Fake news* e desinformação como estratégia", trazemos a noção do efeito filtro bolha que confina os bolsonaristas em câmaras de eco que fazem a repetição de si mesmos, beneficiando que a dissonância cognitiva sempre busque o viés de confirmação diante da disputa de subjetividades em processos de desinformação. Assim, apresentamos a discussão de como Jair Bolsonaro usa a desinformação em complemento ao seu fundamentalismo político, que traz a verdade oculta e revelada, e o direcionamento a tropa digital, que é incentivada à prática de perseguição e intimidação nas guerras híbridas.

A fim de conhecer os instrumentos utilizados nesses conflitos, traremos os conceitos de *firehosing* e *astroturfing* na disseminação de desinformação, além de *flaming* e *doxing* que são usados nos ataques aos inimigos do bolsonarismo. Mostraremos ainda o jornalismo hegemônico e o STF sob ataque, com protagonismo da linha de frente bolsonarista como Allan dos Santos, Sarah Winter, Oswaldo Eustáquio e Daniel Silveira.

No capítulo 4, "Concepção de mundo *antiestablishment* do bolsonarismo", realizamos o exame do *corpus* deste trabalho esmiuçando as entrevistas concedidas por bolsonaristas, divididas em eixos de análise. No primeiro eixo, analisamos a percepção dos bolsonaristas a respeito da pandemia de Covid-19, único tema no qual alguns criticaram o governo Bolsonaro. Depois, no eixo "mídia", verificamos a dieta informacional dos bolsonaristas e a percepção que possuem da verdade em João 8:32 capturada por Bolsonaro, do jornalismo hegemônico, de agências de checagem. No eixo "STF", analisamos o que pensam da alta corte brasileira e dos Ministros que a compõe, assim como o papel deles em relação à democracia.

No eixo "antagonismo", buscamos a concepção de mundo que os bolsonaristas tem a respeito da extinção do PT, da perseguição do *establishment* à Bolsonaro, da luta do "bem contra o mal". No eixo "guerras culturais" procuramos entender o que acham de assuntos como ideologia de gênero, feminismo, aborto, politicamente correto, comunismo, e sobre o que acham de Olavo de Carvalho. No eixo "sistema eleitoral", analisamos a percepção que possuem da possibilidade de fraudes nas urnas eletrônicas e

se apoiariam uma intervenção em caso de declaração de Jair Bolsonaro afirmando que o processo eleitoral conteve falcatruas. Essa visão de mundo a respeito de uma intervenção já dava sinais do que viria a ser a tentativa de golpe de Estado de oito de janeiro de 2023. O fundamentalismo político que é a chave teórica principal deste trabalho inicia a discussão.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTALISMO POLÍTICO

Quando se fala na palavra "fundamentalismo" logo se pensa na radicalidade de alguma vertente religiosa, seja qual for, porém o conceito carrega uma riqueza que permite elaboração adicional à política. Nas ciências sociais, é comum a importação de conceitos de outras áreas do pensamento. "Um conceito muitas vezes produz efeitos teóricos importantes e permite construir a realidade social de outra forma" (BOURDIEU, 2023, p.318). Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro nos possibilita compreender como as citações bíblicas e slogans com menções a Deus funcionam para reivindicar a verdade.

Os fundamentalismos no senso comum são utilizados nos meios de comunicação para se referirem a um comportamento religioso extremo ou como ofensa, principalmente contra as denominações pentecostais e neopentecostais. O uso da expressão no mundo, contudo, se altera de acordo com a cultura. Nesse sentido, nos Estados Unidos é normal um indivíduo se autodenominar "fundamentalista", ao passo que no Brasil é incomum alguém se identificar como "fundamentalista" (ALMEIDA, 2018, p.165).

O fundamentalismo religioso fornece as bases principais para pensarmos o conceito de fundamentalismo político, mas o segundo diferencia-se por se constituir como um ator no campo político que parte do discurso dogmático para impor princípios de visão e divisão do mundo. O que propomos neste capítulo é abranger o fundamentalismo à política a fim de ter um ferramental analítico para compreender a atuação de líderes autoritários que usam a religião na construção de seus discursos, independente de pertencerem a ou atuarem em igrejas.

Ortunes (2019, p.9. p.10) percebe a existência de um neofundamentalismo baseado na religião, que se impõe pela política ligando-se a conservadores e ao pensamento reacionário, contudo destaca que entre as novas direitas nem todas essas parcelas fragmentadas são neofundamentalistas. O mesmo ocorre na transposição do fundamentalismo para a ciência política à medida que o fundamentalismo político atinge conservadores e reacionários, mas nem todos são atingidos da mesma maneira pela verdade do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, dado que essa relação do bolsonarista com Bolsonaro se desenvolve em um ato de fé.

O conceito de fundamentalismo político se diferencia do conceito de seita, à medida que ancora o discurso político através da religião, sequestrando a verdade

ocultada e agora revelada que mantém a base coesa. Carranza (2009), a partir de Harvey Cox (1994), utiliza o termo "fundamentalismos", no plural, pois salienta as ramificações existentes que têm em comum a forma homogênea de encarar o mundo em sentido único, na qual as pessoas se resguardam e se identificam em determinadas crenças que reforçam "comportamentos reativos, viscerais, conspiratórios e conservadores" (CARRANZA, 2009, p.152), mas que também estão presentes na política e na cultura.

As lideranças que adotam o fundamentalismo político como prática podem ser membros de uma igreja disputando um cargo político, pessoas familiarizadas com os escritos sagrados ou apenas alguém autoproclamado enviado por um poder divino que usa Deus como pretexto a todo momento, seja de forma rasa ou profunda, na busca ou manutenção do poder político. A liderança no fundamentalismo político foi colocada no posto por Deus e só pode ser destituído por ele e pelo povo que, construído pela liderança, dificilmente se voltará contra quem o nomeou povo por questões de identificação.

Como se trata de um ideal conduzido por uma liderança autoritária que estimula a negação do outro e que conduz ao isolamento junto ao grupo dominado pelo fundamentalismo político, bem próximo do que conhecemos por fascismo, sua natureza é intrinsecamente reacionária, pois baseia-se em um mundo idealizado que cria um fim a ser alcançado através da palavra da liderança que segue uma missão dada por Deus.

Os dominados pelo fundamentalismo político tem uma relação de relativa normalidade com a liderança. São devotos cegos da sua verdade revelada ao não perceberem as amarras que os prendem e assim sofrem violência simbólica. O fanatismo não é forçosamente sinal de ignorância ou arcaísmo (CARRANZA, 2009, p. 154), mas a adaptação a uma relação de poder produtiva a qual, obviamente, o obediente não oferece resistência.

Diversos autores discorrem sobre o fundamentalismo religioso e outros poucos pensaram com profundidade o fundamentalismo político. Para Chauí (2006, p.128), o fundamentalismo ressurge com força a partir do início do século XXI e funciona no retorno do reprimido pela cultura não somente como crença pessoal, mas como interpretação da ação política (CHAUÍ, 2006, p.131).

Souza (2017), a partir de Habermas, evidencia que o fundamentalismo é um fenômeno cultural moderno com linguagem religiosa-protestante presente também na política, na economia, na religião e outras formas de expressão cultural (SOUZA, 2017,

p.100). Armstrong (2001) explica que a ideia de "fundamentalismo" aparece com os protestantes norte-americanos no final do século XIX que buscavam retornar ao "fundamental" da tradição cristã para, com isso, se diferenciar dos protestantes de tendência mais liberais que pervertiam a "fé" (ARMSTRONG, 2001, p.10).

Sectarismo, legalismo e dogmatismo formam o tripé do fundamentalismo político-religioso ao se sustentar pela intransigência com outras formas de pensar; pela tentativa de ter uma base jurídica em conformidade com a razão de Estado; bem como pelo fortalecimento da crença (SOUZA, 2017, p.102) na verdade oculta e revelada.

Bonome (2009, p.27) explica que o fundamentalismo ataca uma moral decadente consolidada nas democracias liberais e as instâncias decisórias validadas pela ciência, recusando verdades nos discursos, ainda que científico, já que a verdade foi revelada antes mesmo de comprovação de veracidade (BONOME, 2009, p.27).

Vasconcelos (2008) destaca que os fundamentalismos discordam entre suas vertentes em razão do pilar religioso que professam e buscam a "posse exclusiva da verdade". Horácio (2020), a partir de L. Gerring (2009), pondera que os dominados pelo fundamentalismo são convictos da posse do conhecimento absoluto da verdade da qual se tornaram guardiões (HORÁCIO, 2020, p.1021). O manuseio da verdade divina pela liderança prega obediência e fidelidade dos seguidores a seu próprio favor e também de seu grupo (SOUZA, 2017, p.101). Para Miguel (2018, p.21), "o fundamentalismo se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula a possibilidade de debate".

O pensamento binário no fundamentalismo político se desdobra em sagrado-profano; bem-mal, certo-errado, excluindo qualquer pessoa que não possua a mesma visão das formas de moral e tradição (CARRANZA, 2009, p.150). Esses aspectos dos fundamentalismos encontram terreno fértil no mundo social pela política atualmente ocorrer na esfera da moralidade, em que assume uma forma de nós contra eles em termos de bem contra o mal, do que é certo ou errado (MOUFFE, 2015, p.5).

Assim, amplifica-se o antagonismo em detrimento do agonismo, isto é, o fomento de um conflito entre inimigos e não entre adversários (MOUFFE, 2015, p.50). Estes inimigos são o mal encarnado. O fundamentalismo político acrescido de um contexto que beneficia sua proliferação encontra no campo da moral o elo com as guerras culturais e com atitudes louváveis de quem age corretamente como cidadão de bem:

> Devemos perceber que existe um mecanismo particularmente perverso em funcionamento nessas relações moralistas. Esse mecanismo consiste em assegurar a própria bondade por meio da condenação do mal existente nos outros. Denunciar os outros sempre foi uma forma eficaz e indolor de ter um alto conceito do próprio valor moral (MOUFFE, 2015, p.73).

O mal existente tem que ser combatido na esfera moral que esgarça o antagonismo e a educação contra este mal é um tema importante nesta luta. Há um cuidado com a doutrina, preocupação com a escola e com os livros didáticos. A primeira inquietação é com a "verdade", com a "moral privada", com a "moralidade pública" (PIERUCCI, 1999, p.195). A militância em torno do "Escola sem partido", que julga denunciar doutrinação das esquerdas pelos professores em escolas é uma trincheira nesse sentido.

Armstrong (2001, p.10) ressalta que "cada fundamentalismo constitui uma lei em si mesmo e possui uma dinâmica própria". O fundamentalismo foi um termo autoaplicado por uma vertente do movimento protestante conservador. O aspecto antiliberal por uma "luta" que resgate os pontos fundamentais da fé estão em sua origem (PIERUCCI, 1999, p.193, p.194).

O fundamentalismo é uma reação a modernidade que tem o antiliberalismo como eixo central (BURITY, 2018, p.44). Como uma reação a modernidade que adota o antiliberalismo como lema, o fundamentalismo busca retomar o "controle da vida social contra os avanços da biopolítica, da igualdade, pluralização social" e sua ação pode desencadear em violência física (BURITY, 2018, p.44). Quem não segue à risca a doutrina fundamentalista "subverte a ordem" e não respeita as tradições originais. O fundamentalista busca um retorno ao "passado" em busca do absoluto revelado (PIERUCCI, 1999, p.197).

O ponto central na ascensão do fundamentalismo político é que Deus morreu, como alertou Nietzsche (2017) no século XIX. Isso significa que o divino perdeu influência na vida das pessoas e que o homem passou a se firmar como o centro do universo baseando decisões de suas ações através da ciência. Quer dizer que não é mais um atributo da natureza que justificava o exercício do poder político, mas a racionalização de todos em um consenso entre os homens. Esse deslocamento de Deus para o homem diminui a influência da igreja no comando do campo do Estado tomado pelo liberalismo, o que leva a reação de pensadores como Carl Schmitt.

A morte de Deus não exauriu a teologia política e o poder teológico político nesse deslocamento do divino para a argumentação que legitima o poder político por atributos

chancelados pelo homem como tradição, carisma ou legalidade. A teologia política e o poder teológico embasam o fundamentalismo político e dão forma a diversas outras expressões que merecem análise cuidadosa.

Barros (2020, p.13) destaca que a teologia política está inserida em um campo de estudos que possibilita diversas abordagens, sendo um conceito polissêmico. Multidisciplinar, a reflexão acerca da teologia política pode percorrer muitas áreas como o direito, a literatura, a antropologia, a ciência política, a sociologia, entre outras, cada uma com sua chave analítica. "Um amplo conjunto de filiações teóricas poderia ser explorada ainda quanto às pesquisas acerca da teologia política" (BARROS, 2020, p.30).

Barros (2020) avalia positivamente o tráfego da teologia política em outros nichos de saber para compreender a influência existente no mundo social:

> Não se pode considerar um sinal de menor rigor científico o fato de que metodologias de diferentes matrizes de estudos se interconectem a fim de avaliar os temas que a concernem. A questão da qual partem as investigações quase sempre é: qual a característica da influência da religião e da teologia sobre tal fenômeno (social, moral, histórico, político, institucional, psicossocial etc.) cuja repercussão tem importância pública? (BARROS, 2020, p.30).

Compreender a influência e a repercussão da teologia política no mundo social como propõe Barros (2020), ajuda a refletir também os efeitos produzidos nos corpos dos agentes sociais: "para pensar, entre outros aspectos, as consequências da atuação de indivíduos identificados aos princípios da revelação divina no espaço e nas instituições públicas" (BARROS, 2020, 34).

O fundamentalismo político situa-se nesse encontro da teologia política com a ciência política e esta chave teórica em conjunto demonstrará como Jair Bolsonaro se vale da confiança depositada nele que lhe dá legitimidade e por conseguinte, a percepção dos seus seguidores de trazer o dizer verdadeiro ocultado pelo *establishment*, que ele afirma ter toda vez que usa João 8:32 nos seus discursos ou mensagens. Dado o vasto campo de estudos da teologia política, concentraremos nossa análise na teologia política do jurista Carl Schmitt, a fim de estreitar a noção com o conceito de soberania e exceção no autor. Mais à frente, introduziremos Schmitt novamente através de Chantal Mouffe na relação amigo/inimigo que define o político.

Teologia política, portanto, pode assumir diversas formas, a exemplo da Teologia da Libertação, que sob o aspecto da religião traz reflexões críticas acerca das mudanças

no tecido social referentes a opressões e desigualdades (BARROS, 2020, p.26). Teocracia, isto é, "governo baseados na autoridade que encarnam a onipotência divina" (BARROS, 2020, p.31), é outro fenômeno que tem compreensão explicada no campo de estudos da teologia política.

Diferença importante entre fundamentalismo religioso e fundamentalismo político, ocorre de forma que o primeiro, comandado por um líder religioso, segue à risca os dogmas e as tradições antigas de determinados preceitos religiosos; enquanto no segundo, que pode ser liderado por figuras distantes do campo religioso, os dogmas religiosos são transpostos para a atividade política, ativando a teologia política. Segundo Barros (2020, p.31), contraposição, discordância e divergência, integram projetos de teocracia, características que podemos aproximar e aplicar no fundamentalismo político, como veremos.

Fundamentalismo político pode servir de aparelho hegemônico já que pode ser apropriar do filtro que traz a verdade no senso comum que contraria a verdade factual do *establishment*, produzindo tesões e flertes com rupturas. Por meio da interlocução entre teologia política, religião e ciência política, nosso foco é o dispositivo do fundamentalismo político gerado pela modernidade que é um dos muitos desdobramentos da teologia política que pode ser desenvolvido e compreendido.

O fundamentalismo político, portanto, está inscrito em uma teologia política e dialoga diretamente com a dinâmica populista. Arato (2013) entende a teologia política a partir de Carl Schmitt e a define como secularização de conceitos religiosos monoteístas para a teoria e para a prática política (ARATO, 2013, p.143). Ou seja, na concepção autoritária schmittiana, doutrinas que compuseram o Estado moderno tem origem em conceitos teológicos secularizados. "Não somente de acordo com seu desenvolvimento histórico, porque ele foi transferido da teologia para a teoria de Estado, à medida que o Deus onipotente, mas também, na sua estrutura sistemática, cujo conhecimento é necessário para a teologia" (SCHMITT, 2006, p.35).

Araújo (2013) explica que a secularização na visão de Schmitt se situa no percurso entre o transcendente e o imanente e somente o soberano que tem o elemento da exceção para intervir no Estado pode resgatar os elementos de transcendência de uma teologia política, afastando a perspectiva da imanência da captação da realidade pelos sentidos dos corpos (ARAÚJO, 2013, p.220).

Para Schmitt, isso ocorreu a partir de conceitos da teologia política que legitimavam o poder dos reis concedido por Deus por séculos que foram penetrando em uma razão de Estado, ao ponto de que no momento que reis não governavam mais, esses conceitos foram introduzidos no poder das lideranças republicanas, o que mostra que a teologia política virou complemento a própria racionalidade estatal (ARATO, 2013, p.145).

Arato (2013) recorre a doutrina dos dois corpos do rei de Ernst Kantorowicz presentes na elaboração da teologia política medieval, onde o Rei possuiria um corpo místico e imortal e um corpo natural, finito, bem como a problematização feita por Claude Lefort do lugar vazio na desincorporação do poder divino ocorrida após a revolução francesa - para pensar o lugar do povo. Foram séculos de legitimação divina até o absolutismo colocar o rei no lugar de Deus, para depois a revolução substituir o rei pelo povo (ARATO, 2013, p.164).

Com base em Lefort, Arato (2013, p.150), revela que o teológico e a política não se separaram. Para Barros (2020, p.14), Lefort enfatizou a "permanência" do teológico político. A dimensão simbólica na teologia política inspira Claude Lefort na ideia do espaço vazio do poder, que por sua vez, motiva Ernesto Laclau e o significante vazio. A metáfora dos dois corpos do rei de Kantorowicz aproveitada por Lefort e consequentemente, por Laclau, mostra como a teologia política influencia a ciência política e como se verifica empiricamente, principalmente na dinâmica populista.

Para Arato (2013), os dois corpos do rei continuam a operar nas democracias com uma lógica tríplice: o corpo do líder; o grupo extraído pelo líder; e a referência universal que é um significante vazio, reflete Arato fundamentado em Laclau (ARATO, 2013, p.159). No grupo extraído pelo líder, podemos adicionar a atuação dos seguidores da liderança na internet, o que demostra a formação de um corpo digital. Para Cesarino (2022, p.265), o povo construído pela liderança que atua na internet forma também o corpo digital do rei, um corpo sem coesão, mas que segue a linguagem digital populista.

Arato (2013) observa que até conceitos não teológicos como território e população passam a ser teologizados a exemplo de quem usa expressões como "pátria sagrada" ou "povo". A teologia política preserva e impõe figuras de pensamento herdados do monoteísmo e transformados no tempo até a modernidade (ARATO, 2013, p.143).

Schmitt (2006) ressalta que apenas Deus é soberano, já que seu modo de agir é incontestável e uma liderança que seja seu representante quando tem identificação com o povo torna este mesmo povo soberano (SCHMITT, 2006, p.11). Com vistas à reflexão laclauniana, Arato (2013) destaca que o povo é um Deus transcendente, isto é, jamais está presente ou visível em plena universalidade e completude, o que o torna um Deus ausente ou oculto (ARATO, 2013, p.164).

Arato (2013) concorda com Laclau no que se trata da emergência do povo construída pela liderança e a relaciona a uma teologia política:

> Mas a resposta, constituir exatamente o mesmo tipo de ator agora chamado "o povo", um sujeito histórico, de forma inteiramente voluntária, pronunciando um nome, como num passe de mágica, e incorporando esse nome num líder com laços emocionais com as massas, é apenas um pouco menos implausível e é definitivamente mais perigoso. De qualquer forma, é uma teologia política (ARATO, 2013, p.163, aspas do autor).

O populismo pode aparecer como teologia política disfarçada (ARATO, 2013, p.156). Quando a dinâmica populista chega a noção de um discurso ou lugar transcendente, em busca de um novo ordenamento social nestas bases, estamos no domínio da teologia política (ARATO, 2013, p.165). Por outro lado, todo movimento que se vale da teologia política é religioso na concepção teológica (ARATO, 2013, p.164). O autor especifica a substituição povo-deus:

> Colocar um ator humano como "a classe" ou "o povo" ou "o líder" no lugar anteriormente ocupado por categorias teológicas ou religiosas como "Deus" ou "Cristo" ou "papa" significa não apenas dotar o primeiro com a qualidade de sacralidade, mas atribuir-lhes traços sobrenaturais (ARATO, 2013, p.167, aspas do autor).

Em Schmitt, justificativas teológicas são reafirmadas com convicção e radicalizadas na ausência de limites, prioridade a organização, criatividade absolta, infalibilidade e persistência (ARATO, 2013, p.146). Narrativas sem base factual que transcendem o real se localizam inserido em um modelo de legitimidade dentro da teologia política (ARATO, 2013, p.151). Schmitt (2006) incentiva a mobilização da teologia política para um retorno explícito à política, de maneira que volte a legitimar o poder exercido pelas lideranças (ARATO, 2013, p.144).

A teologia política estabelece a passagem do rei para o povo na doutrina dos dois corpos na monarquia e quando essa transferência ocorre na República, as implicações imediatas são possibilidades antidemocráticas (ARATO, 2013, p.150). Arato (2013, p.145) observa que Schmitt construiu sua ideia de ditadura soberana em termos teológicos

políticos na figura de uma liderança que possa legislar de forma ilimitada, que seja a fonte das leis do Estado como Deus rege as leis da natureza, o que torna o soberano indivisível e indestrutível, além de moralmente puro que só faz escolhas certas (ARATO, 2013, p.145).

Teologia política disfarça a política autoritária (ARATO, 2013, p.166). Não existe contradição entre ditadura e democracia para Schmitt, ao passo que para o autor ditaduras são possíveis apenas sob bases democráticas (ARATO, 2013, p.149). Com o instrumento de Estado de exceção que sobrepõe outros poderes, sempre deve ter alguém que possa dizer "O Estado sou eu" (ARATO, 2013, p.150), reafirmando a razão de Estado. "A teologia política, pelo menos o tipo representado por Schmitt e Laclau, é o que o Príncipe de Maquiavel foi erroneamente considerado: justificação da ditadura" (ARATO, 2013, p.167). O espaço transcendente que se abre com a teologia política, contudo, só pode ser totalmente ocupado com o fim da democracia (ARATO, 2013, p.152).

O fundamentalismo político ativa a razão da teologia política para dinâmicas de transcendência da verdade. Políticos modernos já nascem com esse saber teológico que se misturou a teoria de Estado que foram internalizados, o que se nota nos detalhes teológicos presentes nos discursos políticos (SCHMITT, 2006, p.37). Toda ação moral na visão schmittiana leva a teologia (SCHMITT, 2006, p.58) para uma divisão do bem e do mal.

Arato (2013) percebeu que muitos anos antes de Schmitt notabilizar o conceito de "político", que utilizaremos sob a inversão feita por Chantal Mouffe, a teologia política do autor antecipava a relação amigo/inimigo que caracteriza o político em uma divisão de salvos/condenados (ARATO, 2013, p.147). Como a teologia política pode corromper a democracia, Arato (2013) sublinha que as lições teológicas à política não devem ser apagadas, porém, deve-se abandonar a substituição de Deus por pessoas em um rompimento com a teologia política em nome de preceitos democráticos (ARATO, 2013, p.152).

A teologia política ocorre na prática através do poder teológico. Chauí (2006) destaca que Spinoza percebeu a existência de um poder teológico político que instrumentaliza as crenças nas religiões ao garantir obediência e servidão voluntária (CHAUÍ, 2006, p. 144). O fundamentalismo político circula pelo poder teológico político

de dominação dos homens que une a liderança e o seguidor pela revelação da verdade oculta e revelada.

A existência desse poder teológico político tem uma dinâmica de ameaça a existência do próprio exercício da política quando potencializado. Quanto mais o poder teológico-político instrumentaliza a crença religiosa a fim de garantir "obediência e servidão voluntária", inclusive por meios violentos, mais esgarça a própria política ao limite e se caracteriza como "exercício do terror" (CHAUÍ, 2006, p.144) ainda que a política não se destrua. A autora aponta o caráter violento do poder teológico político:

> (...) o poder teológico-político é duplamente violento: em primeiro lugar, porque pretende roubar dos homens a origem de suas ações sociais e políticas, colocando-as como cumprimento a mandamentos transcendentes de uma vontade divina incompreensível ou secreta, fundamento da "razão de Estado"; em segundo, porque as leis divinas reveladas, postas como leis políticas ou civis, impedem o exercício da liberdade, pois não regulam apenas usos e costumes, mas também a linguagem e o pensamento, procurando dominar não só os corpos, mas também os espíritos (CHAUÍ, 2006, p.144, aspas da autora).

Assim, verificamos que Chauí (2006) caracteriza como o poder teológico político serve para justificar decisões a partir de uma vontade divina transcendente e como restringe o exercício da liberdade do dominado que acredita vivenciar a liberdade oferecida pela relação de poder com a liderança que se vale do fundamentalismo político.

A sensação de liberdade, no entanto, reside justamente na ausência de resistência a relação de poder com a liderança. Há uma imposição de limites a liberdade no fundamentalismo ainda que não é compreendida como ausência de liberdade norteada pelo apontamento do que é o bem e o mal (SOUZA, 2017, p.100).

O fundamentalismo político e o fundamentalismo religioso não querem destruir o Estado, ao contrário, desejam uma ordem baseada na verdade única da liderança que só pode culminar em um Estado absoluto. Souza (2017, p.100) faz uma aproximação do Leviatã de Thomas Hobbes, isto é, do Estado absoluto com os fundamentalismos, uma vez que, o homem por nascer mal na concepção hobbesiana, necessita de um Estado total para impor leis e frear instintos violentos (SOUZA, 2017, p.101). Com os três corpos do rei da teologia política, esse Leviatã pode se erguer construindo o povo para depois ser reconstruído pelo mesmo povo.

Souza (2017) evidencia como o fundamentalismo encontra vias para divulgação de suas ideias totalitárias nas democracias liberais, propagando a verdade única como instrumento por uma liderança que conduza com mão de ferro o Estado:

> Contra o pluralismo político ou religioso, os fundamentalistas recorrem à democracia, sem serem democráticos, a fim de usarem da liberdade para a crítica e o desmonte de um determinado governo, ainda que este exerça seu poder justificado pelo voto popular. Eles querem um Estado puro e santo que represente uma única verdade e que não tolere o relativo, próprio da modernidade. O Estado, nesta concepção, deve ser representado na figura de um Messias detentor da lei e da ordem e se não chega pelas eleições, provavelmente vai chegar pela imposição e a ditatura dos partidos que contemplam o tipo de ideologia fundamentalista (SOUZA, 2017, p.102).

O fundamentalismo é uma "categoria relacional" que atinge emissores e receptores, sendo portanto, uma "categoria de combate mobilizada" (BURITY, 2018, p.49). Categorias são "formas gerais" de conhecer e validar experiências e fenômenos que experimentamos ou criamos estabelecendo uma racionalidade em torno disso (VALLE, 2008, p.12). Assim, o fundamentalismo político aparece como categoria na conexão da imposição da visão dogmática de mundo de uma liderança que mobiliza os dominados para o combate. Armstrong (2001) em sua reflexão sobre o fundamentalismo religioso especifica os fundamentalistas:

> [Eles] Não veem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. (...) sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o "fundamental" a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação (Armstrong, 2001, p.11, aspas da autora).

Em uma análise na obra de Vasconcelos (2008) e Armstrong (2001), encontram-se os principais aspectos dos fundamentalismos. Em Vasconcelos (2008), verifica-se: monopólio da verdade; sentido único; militância; agressividade e violência; rejeição a outras interpretações; sensação de perseguição; referências religiosas que sustentam a verdade absoluta; defesa contra o que consideram degeneração moral e religiosa.

Em Armstrong (2001), averígua-se: fundamentalismo possui lei singular, dinâmica própria; não é uma simples utopia, mas um plano de ação; a luta clama o sagrado e tem origem em reação a alguma crise; o combate passa a ser uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal; o medo e a ansiedade sustentam a visão fundamentalista; as certezas e a sensação do mal onipresente preenchem um vazio; e as teorias paranoicas de conspiração canalizam o medo.

O medo é intrínseco ao ser humano e funciona como mecanismo de defesa nos homens, explica Hobbes (2009) que acentua como o medo da morte violenta na guerra de todos contra todos no estado de natureza levou o homem a fazer o contrato social que deu origem ao Estado. O homem abre mão de sua liberdade para garantir sua vida que agora

é protegida pelo Estado, contudo, o temor não se dissipa. A circulação do temor permanece no Estado hobbesiano com o poder do soberano. O medo germina a criação do Estado e ele governa o medo dos indivíduos. Assim como o medo, a esperança é outro afeto destacado por Hobbes (2009), bem como por Spinoza (2018).

Aceitamos o Estado porque temos esperança de ter uma vida "melhor e mais confortável" (RIBEIRO, 2003, p.72). A esperança, para Hobbes (2009), é o desejo junto a ideia de conquistar algo (HOBBES, 2009, p.57). Possuímos apetite de obter, o que acarreta esperança e, a depender do contexto, podemos sentir medo a partir de uma esperança falha que não resultou na concretização do desejo. Medo e esperança são afetos próximos no turbilhão de afetos nos corpos e Spinoza (2018) ressalta como se mesclam e podem, inclusive, gerar superstições:

> (...) somos constituídos de maneira que facilmente cremos no que esperamos e dificilmente no que tememos, e a estas coisas estimamos além ou aquém da medida. Disto se originaram as superstições com que os homens se defrontam em toda parte. De resto, não penso que valha a pena mostrar aqui as flutuações do ânimo que se originam da esperança e do medo, visto que só da definição destes afetos segue que não se dá esperança sem medo, nem medo sem esperança, e visto que, além disso, enquanto esperamos ou tememos algo, nesta medida ou amamos ou odiamos, cada um poderá facilmente aplicar a esperança e ao medo tudo que dissemos do amor e do ódio (SPINOZA, 2018, p.315).

Spinoza (2018) compreende afetos como alterações no corpo na qual a potência de agir do corpo aumenta ou diminui de acordo com os diferentes encontros com o mundo. Somos afetados por múltiplas maneiras (SPINOZA, 2018, p.267). Afetos são alterações na potência de agir nos corpos (SPINOZA, 2018, p.237). A potência de agir é essa força interna em nossos corpos que governa nossos afetos nos conduzindo a alegria e ao aumento da potência; ou a tristeza e diminuição dessa potência, em uma variação constante, sucessiva, que se manifesta conforme cada vivência.

Alegria e tristeza são indicativos do crescimento ou diminuição dessa potência que encontra similaridade na "vontade de potência" em Nietzsche, ou seja, na força motriz nos indivíduos. A alegria junto a identificação do que a causou é denominada "amor", ao passo que o ódio junto a identificação do que a causou é denominado "tristeza", e assim, costumamos conservar o que amamos e buscamos "destruir" o que temos ódio (SPINOZA, 2018, p. 261).

O ódio, portanto, é um afeto triste que diminui a potência do indivíduo mas também pode estimular a potência de agir de uma pessoa na disputa política, visto que leva a ação contra o objeto ou acontecimento que a entristece. No caso de reversão da

adversidade a seu favor, o que acarreta no fracasso do oponente, isto é, no encaminhamento ou satisfação do desejo antes reprimido por outra proposta, sua potência de agir aumenta e passa do estágio do ódio e tristeza para o afeto de alegria e amor, pois tudo o que ambicionava era ter seu desejo satisfeito com a derrota alheia, que por algum motivo levava a discordância e aos afetos de ódio e tristeza. Jair Bolsonaro através do fundamentalismo político mobilizou afetos e ofereceu a verdade oculta pelo *establishment*.

1.1 Fundamentalismo político no governo Bolsonaro

Vasconcelos (2008) e Armstrong (2001) permitem uma aproximação dos fundamentalismos com o governo Bolsonaro e o bolsonarismo na categorização do termo "fundamentalismo político". Em uma análise do governo de Jair Bolsonaro à luz de Vasconcelos (2008), é possível encontrar características dos fundamentalismos como a busca do monopólio da verdade; nas referências religiosas do líder ao seguidor; na militância agressiva, violenta; nas narrativas de perseguição e de deterioração dos valores, enquanto em Armstrong (2001), verifica-se a dinâmica própria na luta do bem contra o mal projetadas pelo medo e pela ansiedade.

Consideramos a noção de "bem e mal" sob a ótica espinozana na qual o autor reforça a ligação com o aumento ou diminuição da potência de agir dos indivíduos. Nesta concepção, o que é visto como mal reduz a potência de agir do indivíduo e o que é bom expande a mesma força interna:

> Chamamos bem ou mal o que serve ou obsta à conservação de nosso ser, isto é, o que aumenta ou diminui, favorece ou coíbe nossa potência de agir. E assim, enquanto percebemos que alguma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza, chamamo-la boa ou má; e por isso o conhecimento do bem e do mal nada outro é que a ideia de alegria ou de tristeza que segue necessariamente do próprio afeto de alegria ou de tristeza. Ora, esta ideia está unida ao afeto da mesma maneira que a mente está unida ao corpo (SPINOZA, 2018, p.391).

O fundamentalismo político incentiva e pode governar o medo, a ansiedade e a esperança. No contexto específico brasileiro, no caso do governo Bolsonaro, estimula também o ódio direcionado aos inimigos, contra o Partido dos Trabalhadores, as esquerdas, as minorias. O uso de expressões bíblicas e menções a Deus não são exclusividade de Jair Bolsonaro, porém, o fundamentalismo político não se verifica em seu principal inimigo Lula. Se Bolsonaro tem maior proximidade e facilidade de diálogo com igrejas evangélicas, Lula dialoga com as comunidades eclesiais de base influenciadas pela Teologia da Libertação na igreja católica que ajudaram na construção do PT. Lago e Barros (2022, p.112) percebem que quando Lula discursa mencionando Deus se refere ao

cristianismo como um todo e para todos, enquanto Bolsonaro fecha seu discurso de maneira "exclusivista" em uma lógica tribal, ponto em que chegamos novamente ao fundamentalismo político.

Jair Bolsonaro conseguiu o comando do direcionamento do antipetismo, abrindo espaço para que o afeto de esperança ultrapassasse o medo na fluidez do ódio contra o partido e contra Lula, como apontou Solano (2019), ao verificar empiricamente em pesquisas no impeachment em 2016 e com eleitores de Bolsonaro:

> Uma das questões que com mais insistência aparecem nas entrevistas como legitimadoras do voto em Bolsonaro é que ele representaria "alguém diferente", um *outsider* e, mais ainda, um antissistema, alguém capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida. A palavra "esperança" atrelada à figura de Bolsonaro se apresentou em 23 das trinta entrevistas. Essas pessoas diziam sentir esperança num possível governo dele por entender que só um político com as características de Bolsonaro poderia mudar o cenário político brasileiro (SOLANO, 2019, p.313, aspas da autora)

A luta empreendida por Jair Bolsonaro e pelo bolsonarismo tem uma dinâmica própria e enxerga não só o PT como o mal a ser combatido, já que o conflito se amplia a qualquer oposição a Bolsonaro, inclusive de ex-aliados do campo conservador e da extrema direita. Para o bolsonarismo, se antepor ou criticar qualquer pauta importante do governo ou criticar Bolsonaro é sinal evidente de que a pessoa desertou para se tornar comunista.

Conservadores e liberais como Kim Kataguiri, Arthur do Val, Alexandre Frota, Joice Hasselmann, Rachel Sheherazade, Lobão, José Padilha, são alguns nomes taxados de comunistas[15]. A cada desavença entre aliados durante o governo Bolsonaro foi comum uma provocação irônica de que "a lista de comunistas do Brasil foi atualizada". Janaína Paschoal, outra grande aliada de Bolsonaro, passou a ser chamada de comunista após recusar a divulgação de manifestações pró-governo e perguntar sobre a sanidade de Bolsonaro. Quer dizer que se você não está ao lado do bem, automaticamente é classificado como o mal a ser combatido.

Grande aliada do bolsonarismo, a equipe da Jovem Pan foi agredida verbalmente e quase sofreu violência física no acampamento golpista em Brasília em novembro de 2022, após a derrota de Bolsonaro para Lula quando se delineava o plano de ação

[15] CIPRIANI, Juliana. **Saiba como Paschoal, Kim e outros nomes da direita viraram 'comunistas'.** 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/27/interna_politica,757803/saiba-como-paschoal-kim-e-outros-nomes-da-direita-viraram-comunistas.shtml> (Acesso em: 01/05/2023).

incentivado pelo fundamentalismo político. A demissão de comentaristas muito associados ao bolsonarismo e o posicionamento da emissora de acatar o resultado das eleições 2022 voltou o movimento bolsonarista naquele momento contra um dos meios de comunicação que ajudou a solidificar o movimento e o próprio ato golpista[16].

Existe a certeza no fundamentalismo político presente no bolsonarismo de que adversários são inimigos porque representam a possibilidade do retorno ao poder do "mal onipresente" na figura do PT. O medo sustenta crenças recém adquiridas ou antigas e alimenta as chamadas teorias da conspiração que integram as relações de poder a partir do poder teológico originado do fundamentalismo político. Teorias da conspiração dão sentido a temas sem explicação direta e quanto mais estas teorias são estimuladas, ganhando corpo social com discussões e repercussões, mais são passíveis de confiança.

Cesarino, a partir de Mahl et al. (2022), sugere uma designação mínima para teorias da conspiração: "explicações epistemológicas singulares que refutam explicações oficiais e oferecem, em seu lugar, explicações alternativas para eventos ou práticas que envolvem indivíduos ou grupos que agem em segredo" (CESARINO, 2022, p.229). A autora elege três eixos para pensar teorias da conspiração: oposição ao mainstream; colocar a culpa em indivíduos ou grupos; revelação de verdades ocultas – que formam um padrão antiestrutural (CESARINO, 2022, p.229).

As chamadas verdades ocultas encontram respaldo em teorias da conspiração. Assim, teorias da conspiração revelam medo que convidam à ação e podem transformar-se em agressividade quando se tem a ideia de luta para melhorar as condições da própria vida, como vimos na tentativa de golpe de Estado em oito de janeiro de 2023. As teorias da conspiração como, a exemplo, a acusação de que o Brasil vai "virar uma Venezuela" com as esquerdas implementando um regime comunista em um plano feito nos porões do Foro de São Paulo, que de acordo com a visão conservadora, seria uma organização das esquerdas para a tomada do poder na América Latina, são comuns no imaginário bolsonarista.

Jair Bolsonaro usou a passagem bíblica "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (João 8:32) durante a campanha eleitoral à Presidência da República em 2018

[16] CARMO, Wendal. **Equipe da Jovem Pan é hostilizada por bolsonaristas durante ato golpista em Brasília**. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/equipe-da-jovem-pan-e-hostilizada-por-bolsonaristas-durante-ato-golpista-em-brasilia/> (Acesso em: 01/05/2023).

e permaneceu utilizando o versículo após eleito, principalmente em seus posts na rede social Twitter (atual X) e na rede social Facebook.

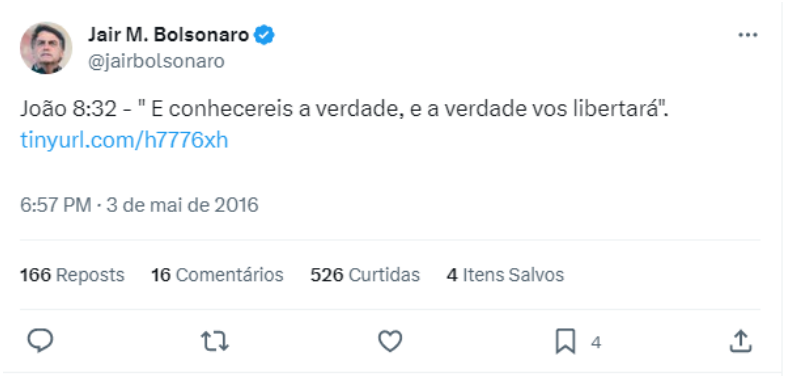

Figura 1: Jair Bolsonaro usa o versículo bíblico João 8:32 (Print do autor da rede social Twitter, atual X)

A escolha de João 8:32 não é por acaso. Já em 2016, como exposto na (*figura 1*) Jair Bolsonaro usava o versículo a fim de se referir a qualquer tema que o contrariava. Durante o governo, diversos posts de Jair Bolsonaro que tinham intenção de desmentir verdades factuais vinham com a frase contida em João 8:32, como negar eventos de destruição da floresta Amazônica, trazer outra versão de matérias publicadas na imprensa ou simplesmente construir outra narrativa política agradável a sua ação política e aos convertidos do fundamentalismo político.

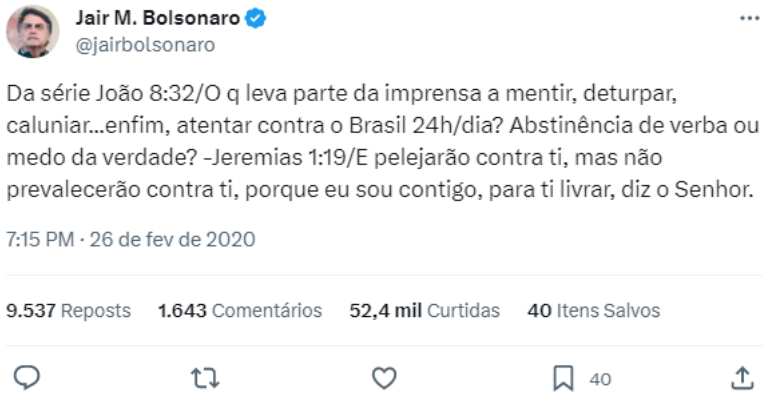

Figura 2: Jair Bolsonaro ataca a imprensa com o versículo bíblico Jeremias 1:19 (Print da rede social Twitter, atual X)

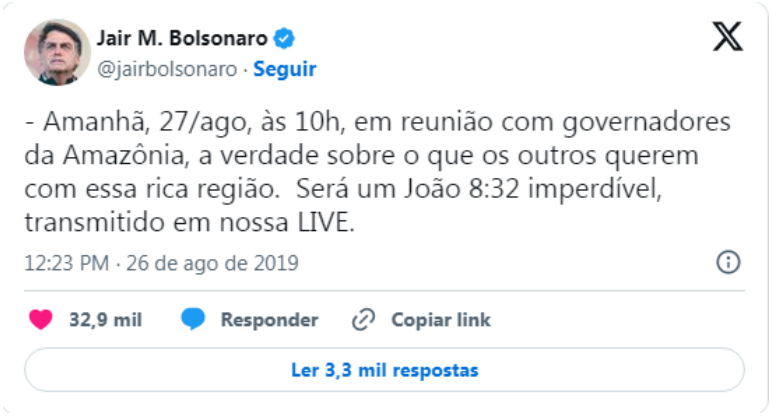

Figura 3: Jair Bolsonaro reivindica a verdade atacando Governadores (Print da rede social Twitter, atual X)

O versículo bíblico cumpre uma função comunicativa simplificadora: reduz a distância com cristãos praticantes além de convidar não praticantes a conhecer a verdade que liberta. Que verdade é essa? O convite à verdade originada de uma figura política que se contrapõe as mentiras da classe política - que teve imagem danificada depois de sucessivos escândalos de corrupção que não atingiram apenas o PT e colocaram a confiança em xeque – desperta curiosidade, provoca sensações, atiça o imaginário.

Contudo, qual é o contexto de João 8:32? Alexandre (2020) percebe que o contexto de João 8:32 é alterado por Bolsonaro, pois não se trata de uma promessa de verdade, mas de um desafio feito por Jesus a elite religiosa de sua época. Em tom de irritação, fariseus e "mestres da lei" no pátio do templo, espaço de grande circulação de judeus questionavam a Jesus quem era ele por "declarações a respeito de si mesmo" como se dizer "filho de Deus", "a luz do mundo" alguém que não pertence a este mundo (ALEXANDRE, 2020, p. 17).

Jesus esclarece as autoridades religiosas que quem o segue o reconhece, ama a verdade e ouve sua voz. Daí a afirmação que antecede o já famoso versículo: "Vocês são verdadeiramente meus discípulos se permanecerem fieis a meus ensinamentos", no que conclui: "Então conhecerão a verdade, e a verdade os libertará" (ALEXANDRE, 2020, p.17). Nesse sentido, Jesus indica que ele é a verdade e por meio dela se encontra o caminho da salvação da humanidade ao se absorver ensinamentos de amor, fraternidade, perdão, sinceridade, respeito.

Não se trata, nesse sentido, de compreender se há ou não pretensão de Jair Bolsonaro de equivaler-se a Jesus em João 8:32, o que não parece ser o caso, dado os discursos de Bolsonaro que servem-se de muita humildade ao tocar em expressões

divinas, mas de refletir como encarnou os três corpos do rei em que Deus é povo e ele apenas um intermediário. Outra camada de análise em João 8:32 é realizada com a transposição do acontecimento envolvendo Jesus da teologia política para a ciência política em três passos:

1) quem o segue o reconhece, ama a verdade e ouve sua voz.

2) se são verdadeiramente discípulos, permanecem fiéis aos ensinamentos.

3) Então conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.

O fundamentalismo político de Jair Bolsonaro propõe uma conversão *antiestablishment* que aceite a verdade mediada. Nesta relação de confiança, Jair Bolsonaro torna-se a representação do grupo que ele constrói como povo e detentor do monopólio da verdade coletiva. A conversão realizada permite a internalização da verdade da liderança de Bolsonaro, afastando qualquer ruído contrário. Reconhecer, seguir, obedecer são diretrizes dessa conversão. O versículo bíblico associado ao bordão acenam ao rebanho no fundamentalismo político de Bolsonaro.

No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, João 8:32 traz a verdade revelada que só depende da conversão para ser legitimada. Barros (2020, p.29), a partir de Kahn, reflete se na modernidade ainda ocorrerá o conflito entre a identificação de verdades reveladas pela ação do poder junto a lei versus reações de deslegitimação do discurso teológico político. Buscar a desqualificação com discurso teológico aos convertidos, contudo, é inócuo. Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro na era digital com o efeito bolha gera com mais facilidade a certeza das crenças com o viés de confirmação dentro do grupo convertido.

Com a democracia como espaço vazio a ser preenchido, da concepção de Lefort[17], e pelas múltiplas vozes envolvidas no processo democrático, inexiste a possibilidade de que lideranças que usam o expediente da verdade revelada não tenham intenção de significar esse vazio (BARROS, 2020, p.32) e afastar essas lideranças da chance de significar esse vazio e alcançar o poder depende muito das forças democráticas e das disputas em jogo.

[17] Ernesto Laclau segue a direção de Claude Lefort no conceito de espaço vazio do poder, porém, na perspectiva que o significante que preenche o vazio é construído intencionando uma operação hegemônica.

Barros (2020) alerta para o perigo social que representa o espaço vazio da democracia significado por uma liderança que reivindica a verdade revelada:

> A condição ou experiência de liberdade que os autoriza a tomar parte desse vazio, assim como a qualquer outro grupo ou indivíduo componente da diversidade do político, é a mesma que põe o poder sob a ameaça de que seja apropriado por qualquer um deles. A mesma abertura aos componentes do político põe em risco o próprio poder. Tal risco se esboça e se materializa a cada tentativa de tornar o lugar do poder exclusivo daqueles que o ocupam e impermeável àqueles que ainda permanecem rumo à sua conquista (BARROS, 2020, p.32)

A condução da liderança que diz deter a verdade revelada e oculta faz a significação da democracia aos seus próprios termos autoritários e pode levar relações de poder que conduzem à ação política para um esgarçamento do tecido social que estrangula a política, mas, mesmo diante de forças impetuosas, a política não se destrói, apenas se sucede por acontecimentos, invenções, retornos, progressos, movimentos em direções variadas, a qual o autoritarismo é uma delas. O que Jair Bolsonaro faz ao significar a democracia e a verdade a sua maneira é um percurso a um autoritarismo que, como em Schmitt, tem na democracia bases para uma ditadura que mantenha aparência e o discurso que ainda se trata de uma democracia.

Barros (2020, p.32) aponta que o posicionamento teológico político é problemático, uma vez que a liderança busca ocupar o vazio com a "verdade da revelação". "Atuações políticas que reivindicam, ou se orientam ou se identificam às verdades reveladas têm prevalecido com larga e desafiadora repercussões nas instituições e nos espaços públicos" (BARROS, 2020 p.34).

Assim, a verdade revelada pela liderança de Jair Bolsonaro no fundamentalismo político anula diferenças, rejeita a pluralidade em um tipo de poder teológico que o corpo do rei transcendente mantém a unidade do povo construído:

> Essa cristalização exclusivista demarca a desmobilização da vitalidade do político; é a anulação das diferenças, a redução da pluralidade à estabilidade de uma forma do poder que permanece identificada na imanência ao corpo do rei, na transcendência à onipotência de Deus. Mesmo que tal corporeidade seja transitória, a teologia política mantém a unidade simbólica e a permanência desse corpo político lastreadas na transcendência de uma verdade que ela sustenta ser atemporal e indestrutível (BARROS, 2020, p.35).

Jair Bolsonaro aciona formas discursivas que se inscrevem no poder teológico do fundamentalismo político como o bordão "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", que introduz uma autoridade moral e divina como única instância legítima que em

circulação na esfera pública desmobiliza a luta de classes porque iguala a todos a obediência a "verdade única da nação" (ALONSO, 2019, p.54).

O bordão que deu nome à coligação de Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018 tem origem na apropriação de brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército[18]. Criado no contexto da ditadura civil militar de 1964, após o ato institucional n°5 (AI5), por um grupo de paraquedistas nacionalistas ideológicos que afirmavam enfrentar as divisões promovidas pelo marxismo, foi muito criticado por copiar o brado nazista "Alemanha acima de tudo" (no alemão, "*Deutschland über alles*"). Bolsonaro repetiu mais de uma vez o slogan "Deus, pátria, família" da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento abertamente fascista dos anos 1930. Em outros momentos, Bolsonaro incluiu a palavra "liberdade" ao tema[19].

Diversas declarações de aliados e de Jair Bolsonaro apresentam seu governo como escolhido por um poder divino, muito em conta por Bolsonaro atribuir a Deus a sobrevivência ao atentado a faca que sofreu em cidade de Juiz de Fora durante a campanha presidencial de 2018. "Escapei pela mão de Deus"[20], disse o candidato depois da facada. A teologia política em Jair Bolsonaro reconhece o milagre e o transforma em ativo político que orienta em direção a verdade oculta pelo *establishment* em relação a facada, o que estabelece a construção de uma fronteira entre o *establishment* que desejava sua morte e a salvação redentora de Deus que salvou seu corpo, tornando-o transcendente para servir ao povo.

No primeiro ato público após a vitória, em um culto na Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ao lado do pastor Silas Malafaia, o Presidente eleito ressaltou que não "era o mais capacitado, mas que Deus capacita os escolhidos"[21]. No início de setembro

---

[18] SETO, Guilherme. **Slogan de Bolsonaro foi inspirado em brado de paraquedistas militares**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml> (Acesso em: 01/05/2023).

[19] NORBERTO, Cristiane. **Bolsonaro repete lema de inspiração fascista: 'Deus, pátria, família'**. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/04/26/interna_politica,1362409/bolsonaro-repete-lema-de-inspiracao-fascista-deus-patria-familia.shtml (Acesso em: 10/05/2023).

[20] CULTURA UOL. **"Escapei pela mão de Deus", diz Bolsonaro sobre facada**. 2022. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/50708_escapei-pela-mao-de-deus-diz-bolsonaro-sobre-facada.html> (Acesso em: 10/05/2023).

[21] FERNANDES, Talita. **"Não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos", diz Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/nao-sou-o-mais-capacitado-mas-deus-capacita-os-escolhidos-diz-bolsonaro-em-culto.shtml> (Acesso em: 10/05/2023).

de 2019, o pastor Edir Macedo "ungiu" Bolsonaro e disse que ele foi escolhido por Deus para liderar 210 milhões de brasileiros[22]. O então Ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, explicou que "Deus escolheu o mais improvável dos Deputados para ser Presidente e o capacitou"[23].

Em maio de 2019, Jair Bolsonaro publicou um vídeo em uma rede social na qual o pastor Steve Kunda dizia que ele fora "escolhido por Deus"[24] para comandar o Brasil. "Só Deus me tira da Presidência"[25], disse Bolsonaro em abril de 2021, após a ministra do STF Carmen Lúcia estabelecer cinco dias para o Presidente da Câmara Arthur Lira explicar porque o parlamentar não responde a diversas solicitações de impeachment paradas em seu gabinete que dependiam de decisão para seguir em frente ou serem arquivadas.

Apenas quatro meses depois, em reação a ataque que tinha feito aos Ministros do STF, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, disse que não estava preocupado em se manter no cargo. "Já dou recado: só Deus me tira daquela cadeira"[26]. Durante a Marcha para Jesus na cidade de Curitiba, em maio de 2022, Bolsonaro reforçou: "só Deus me tira daquela cadeira"[27]. Fica claro que Bolsonaro busca ganhar capital político ao usar Deus para legitimar sua manutenção no poder. O fundamentalismo político de Bolsonaro é um importante instrumento nas lutas culturais.

---

[22] FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro recebe unção de Edir Macedo e bispo diz que presidente vai arrebentar**. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebe-uncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebentar,70002992132> (Acesso em: 10/01/2023).

[23] ESTADO DE MINAS. **Deus escolheu o mais improvável para ser presidente, diz Onix.** 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/08/22/interna_politica,1079156/deus-escolheu-o-mais-improvavel-para-ser-presidente-diz-onix.shtml> (Acesso em: 12/01/2023).

[24] PODER 360. **Governo Bolsonaro publica vídeo em que o pastor o aponto como escolhido por Deus.** 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-publica-video-em-que-pastor-o-aponta-como-escolhido-por-deus/> (Acesso em: 12/01/2023).

[25] COSTA, Gabriela A. **'Só Deus me tira da cadeira presidencial', diz Bolsonaro sobre impeachment**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/so-deus-me-tira-da-cadeira-presidencial-diz-bolsonaro-sobre-impeachment/> (Acesso em: 12/01/2023).

[26] MENDONÇA, Ana. **Bolsonaro: 'Só Deus me tira da presidência'**. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/06/interna_politica,1293474/bolsonaro-so-deus-me-tira-da-presidencia.shtml> (Acesso em: 12/01/2023).

[27] FARIAS, Carolina. **Em Marcha para Jesus, Bolsonaro diz que é democrata e "só Deus me tira daquela cadeira".** 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/em-marcha-para-jesus-bolsonaro-diz-que-e-democrata-e-so-deus-me-tira-daquela-cadeira/> (Acesso em: 12/01/2023).

1.2 Guerras Culturais

Guerras culturais trazem a verdade moral última, com uma autoridade que dita o que é certo ou errado, como explica Hunter (1991). O autor nota a emergência do que chama de guerras culturais no início da década de 1990 nos Estados Unidos e percebe tratar-se de uma disputa complexa. "A guerra cultural surge devido a concepções fundamentalmente diferentes de autoridade moral, a diferentes ideias e crenças sobre a verdade, o bem, a obrigação mútua. É, portanto, um conflito cultural no seu nível mais profundo" (HUNTER, 1991, p.49).

Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro são atores políticos essenciais nos conflitos das guerras culturais. A verdade oculta e revelada por Jair Bolsonaro em seu fundamentalismo político constitui parte da operação hegemônica realizada por Bolsonaro e Olavo de Carvalho que tem por finalidade atingir níveis profundos de discussão para estabelecer uma nova ordem. Como destaca Mouffe (2015, p.17), a busca de uma nova ordem se configura em práticas hegemônicas. Nesta luta por hegemonia, a cultura é ponto central na disputa em busca da modulação de concepções de mundo.

Atualizando Gramsci (1984, p.36) para o cenário político que se apresenta em 2023 no Brasil, o que está em jogo é uma "luta cultural para transformar a mentalidade popular". Por concepção de mundo, Gramsci compreende os elementos compartilhados entre pessoas que tem maneira de pensar e agir similares no pertencimento a algum grupo (GRAMSCI, 1984, p.12).

As lutas culturais não são batalhas pontuais ou com pouco alcance temporal, à medida que as transformações culturais são lentas e graduais, dada a complexa elaboração em torno da cultura (GRAMSCI, 1982, p.175) que pode perdurar décadas em uma guerra de posições até um confronto físico na guerra de movimento. Na guerra de posições, busca-se direcionamento para a hegemonia cultural, que seria o Estado composto por sociedade civil, acrescida de sociedade política. Nesse sentido, a sociedade civil flutua na órbita da cultura, da ideologia, como aparelho ideológico do Estado; enquanto a sociedade política funciona na base da coerção, da violência como aparelho repressivo do Estado.

Assim como registra Gramsci (1984, p.21), a luta por hegemonia contrasta direções no campo da ética e da política, até atingir uma concepção própria do real, favorecendo a própria compreensão que o indivíduo tem de si:

> A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de "hegemonias" políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética,

> depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual a teoria e prática finalmente se unificam (GRAMSCI, 1984, p.21, aspas do autor).

Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho atuam para atingir subjetividades, trazendo outra concepção de mundo que forma um potente sistema de crenças (ROCHA, J., 2021, p.348). Gramsci (1984, p.25) explica que se a substituição se mostra impossível no momento da combinação entre a nova e a velha concepção de mundo, nesta oscilação pode ocorrer um confronto de ideias com grande perda de confiança.

No Brasil, temos uma velha concepção de mundo construída em décadas de autoritarismo dos militares e presença deles na política que se tornou projeto hegemônico associado as direitas brasileiras, ao passo que o projeto hegemônico democrático marcado pela Constituição de 1988 se antepôs ao anterior trazendo uma nova concepção de mundo. O sistema de crenças bolsolavista busca recuperar a hegemonia vista como perdida para as esquerdas. De acordo com Mouffe (2015, p.17), toda ordem hegemônica pode ser contraposta por práticas anti-hegemônicas que tentam desarticular o que já existe, a fim de implementar outra hegemonia.

Porto et al (2020) destacam parte da composição deste projeto hegemônico com aliança política entre setores da sociedade com Jair Bolsonaro:

> Em 2018, estes setores participam do estabelecimento de uma nova aliança política que inclui a classe média urbana, instituições de accountability (incluindo o Judiciário e o Ministério Público), lideranças militares e o candidato *outsider* e de extrema direita Jair Bolsonaro (PORTO et al, 2020, p.13).

Com o fim da ditadura civil militar de 1964 sem ruptura, este projeto que sustentava a hegemonia militar secular e o projeto democrático colidiram, ocasionando uma disputa que retornou de forma pujante com Jair Bolsonaro e o retorno dos militares para a política. São essas as concepções de mundo em conflito que encaminham-se tornar senso comum. O senso comum, folclore da filosofia, não é rígido ou imóvel e pode se transformar (GRAMSCI, 1982, p. 178).

Senso comum é uma concepção desagregada, incoerente do mundo social e quando tem grande força de expansividade pode ser considerado uma "verdade" (GRAMSCI, 1984, p.143, 147). Novas crenças, como o sistema bolsolavista, portanto, trazem um novo senso comum. "A certeza crítica das verdades do senso comum e da consciência ingênua, daquelas verdades sobre as quais pode-se afirmar que todo homem

as sente naturalmente, constituindo a estrutura sólida da mentalidade da qual ele se utiliza para viver" (GRAMSCI, 1984, p.146).

Gramsci (1984) expõe as necessidades para todo movimento cultural que pretenda substituir o senso comum e antigas ideias do mundo em geral:

> 1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literariamente sua forma): a repetição é o meio mais didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é a que realmente modifica o "panorama ideológico" de uma época (GRAMSCI, 1984, p. 27, aspas do autor).

Recomendações de Gramsci (1984) visavam uma revolução permanente para ascensão de um partido que direcione as classes subalternas a sua emancipação. Entretanto, Olavo de Carvalho, que leu o autor, seguiu os escritos gramscianos como a repetição de seus argumentos e na associação de seu nome a única direita viável existente no Brasil, na direção de mudar o panorama ideológico da sua época, atrelando sua filosofia a uma nova concepção de mundo que almeja transformação para verdade no senso comum.

A busca por uma hegemonia bolsonarista tem como ponto estratégico a preservação da família, do cidadão de bem e o ataque aos inimigos comunistas que colocam essas tradições em risco. O posicionamento *antiestablishment* de Bolsonaro tem em vista se opor a essa concepção de mundo que possibilitou a destruição da família pelas esquerdas com objetivo de substituição dessa forma de pensar.

Como a defesa da família é o núcleo da concepção de mundo bolsonarista, os conflitos das guerras culturais se desenvolvem em uma revolução permanente que atravessa o campo da moral, condenando atitudes e comportamentos (MOUFFE, 2015). Guerras culturais na macropolítica funcionam como operação hegemônica e na micropolítica na regulação dos corpos que destroem a família. Existe uma racionalidade contida dentro das guerras culturais expressa no marxismo cultural, bem como na ideia de politicamente correto que a sustenta, em uma defesa conservadora e reacionária da família patriarcal heteronormativa que contém ainda o combate ao feminismo e a chamada ideologia de gênero.

E é nessa esteira de guerra de movimentos onde se faz a disputas pelas subjetividades que dão forma as guerras culturais na ocupação de cada espaço. A partir de suas lutas, feminismos, grupos LGBTQIA+ e antirracistas antes excluídos dos processos decisórios no Estado sobre seus próprio corpos, passaram a ocupar espaços no campo do Estado conquistando direitos, discutindo políticas públicas, alterando assim o panorama de nossos tempos (BIROLI et al, 2020, p.20).

Estão em curso mudanças nas estruturas estruturadas conservadoras reconfiguradas por estruturas estruturantes na qual diversos *habitus* (BOURDIEU, 2023) progressistas lutam pela sua própria autorização nos discursos no espaço social. Vivemos, portanto, momento histórico de rejeição a exclusão do livre viver desses corpos que antes eram considerados desviantes, desajustados e se escondiam do convívio social.

Não há livre viver quando se precisa de autorização para agir, quando é necessário esconder atitudes para não sofrer represálias ou quando se é discriminado pela cor de sua pele. O livre viver de mulheres, grupos LGBTQIA+ e negros e negras é parte de um longo processo de lutas e lenta ocupação de espaços institucionais. Mulheres precisavam de autorização do marido para trabalhar até mudanças no Estatuto da mulher casada ocorridas apenas no ano de 1962 (SAFFIOTI, 2015, p.140). Ou a Lei n°4121 que dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Somente em agosto de 2022, um projeto de lei no Congresso Nacional acaba com o efeito dessa legislação que exigia consentimento do marido para procedimento de laqueadura. Em ambas situações, homens tinham poder sobre o corpo das mulheres.

Relações homossexuais eram crime na Inglaterra e no País de Gales até 1967, na Escócia até 1980 e na Irlanda do Norte até 1982. O Reino Unido pediu perdão por condenar gays apenas por serem gays somente em 2016[28]. Relação homossexual ainda é crime em 70 países[29] de um total de 193 nações, de acordo com levantamento "Homofobia de Estado" feito pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA) junto a mil organizações de todo o mundo. Os primeiros casamentos

[28] G1. **Reino Unido vai pedir perdão a gays condenados por serem gays.** 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/reino-unido-vai-pedir-perdao-a-gays-condenados-por-serem-gays.html> (Acesso em: 20/05/2023).

[29] MANTOVANI, Flávia. **Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/relacao-homossexual-e-crime-em-70-paises-mostra-relatorio-mundial.shtml>. Acesso em (12/05/2023).

de pessoas do mesmo sexo foram feitos na Holanda no ano de 2001. Desde então, mais 33 países elaboraram leis formalizando a união homoafetiva. União civil de pessoas do mesmo sexo foram permitidas no Brasil em decisão do STF no ano de 2011. Em 2013, resolução do Conselho Nacional de Justiça determinou que cartórios não podem rejeitar registros de casamento de pessoas do mesmo sexo[30].

Fica evidente a atuação do Estado como regulador de desejos e da existência social dos corpos de minorias, usando a letra dura da lei a fim de enquadrar qualquer ação que perturbe a ordem familiar patriarcal heteronormativa (BIROLI et al, 2020; PRADO e JUNQUEIRA, 2011; LACERDA, 2019). Ocupar o Estado é tarefa primordial na guerra de movimento nesse sentido. O comportamento mais contido dessas minorias durante longo tempo não foi devido a vergonha ou timidez. As atitudes eram fortemente reprimidas pelo Estado e não absorvidas pelo capital, devido a hegemonia que não autorizava outras expressões. Atualmente, o campo do Estado está na agenda de lutas dessas minorias que tem apoio de frações do capital, a exemplo dos programas de diversidade e inclusão na qual grandes empresas absorvem a força de trabalho e abrem o mercado para utilizar essa força de trabalho.

Muros sociais são derrubados diariamente com a voz potente das minorias que aos olhos da dominância patriarcal ousaram se erguer e romper barreiras seculares erguidas para dominar, afastar, excluir (SAFFIOTI, 2015). Estas minorias desejam cada vez mais ampliar espaços de representação no Legislativo e Executivo, pois a afirmação de identidades emancipou corpos que passaram a ocupar espaços institucionais; aspirar equidade salarial, tal como posições de destaque nos campos sociais, em trocas que dizem não ao rebaixamento de suas atuações ou deboches de comportamentos que chegaram ao nível do insuportável, isto é, aquilo que não se é mais capaz de suportar. As minorias colocaram um basta na aceitação de piadas ofendendo gays, nas piadas e expressões que diminuem a capacidade das mulheres ou demonstram racismo velado. São insultos, estereótipos, violências simbólicas e até físicas antes normalizados na dominação patriarcal heteronormativa (BIROLI et al, 2020).

[30] FONSECA, **Fernanda. 34 países permitem casamento entre pessoas do mesmo sexo.** 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/34-paises-permitem-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/#:~:text=Todos%20os%2034%20Estados%20que,casais%20adotem%20de%20forma%20conjunta> (Acesso em: 21/06/2023).

No sentido contrário em que se encontra a resistência a esses avanços, parcelas das direitas reagiram e inseriram o Brasil nas guerras culturais que já aconteciam em outras partes do mundo. A recusa ou dificuldade em aceitar esse novo modo de conviver gerou a acusação de que esses movimentos agiriam de maneira "politicamente correta", ao passo que desaprovam determinadas expressões consideradas ofensivas e essa reprovação, as vezes feita de forma contundente, é denominada como autoritária e classificada como patrulha, perseguição, ditadura ou cancelamento, o que culminou na percepção conservadora de que o politicamente correto se situa em oposição a liberdade de expressão (SOARES, 2022, p.19). Na realidade, o termo funciona como escudo para desqualificar críticas e naturalizar ofensas que circulavam com naturalidade.

O humor é mais uma trincheira nas guerras culturais. Nos longos debates a respeito se deveria haver limites no humor, a liberdade de expressão é sempre invocada. É comum a circulação de piadas objetificando pessoas LGBTQIA+, pessoas negras, mulheres, e outras minorias, apontando diferenças nos corpos que não atendem a um padrão normativo, usando a liberdade de expressão para circular insultos com pretensão de humor (SOARES, 2022).

Existem exemplos de humoristas que fazem piadas politicamente incorretas e se colocam como perseguidos pelo *establishment* por não poderem circular sua visão de mundo que lhes garantem sustentação. Dizer o que se pensa na era digital garante legitimidade por dar verniz de autenticidade e de autorização (RECUERO, 2020). Nesse sentido, o intelectual orgânico do bolsonarismo, Olavo de Carvalho, se inscreveu nas guerras culturais com vocábulo chulo, repleto de palavrões contra essas minorias, e disseminou os conceitos de marxismo cultural e ideologia de gênero no Brasil. Antes de entrar diretamente nesses conceitos, exploraremos brevemente quem foi Olavo de Carvalho.

1.3 Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho é passagem fundamental para compreender a consolidação da racionalidade conservadora e reacionária no Brasil. Ele atuou como jornalista a partir do final dos anos 1970, como ensaísta e colunista e teve passagem por veículos como Folha de São Paulo, Bravo!, Planeta, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época, Zero Hora e Diário do Comércio. Precursor no uso da internet para espalhar suas ideias, concebeu o site "Mídia sem Máscara" no ano de 2002. Com a criação da rede social Orkut no ano de 2004, Olavo de Carvalho já era conhecido atraindo

apoiadores e rivais. Naquele momento, duas comunidades discutiam sua atuação: “Olavo de Carvalho e a Filosofia de Olavo de Carvalho”, e “Eu odeio Olavo de Carvalho”, mais tarde rebatizada de “Olavo de Carvalho nos odeia” (ROCHA C., 2021, p.93).

Olavo de Carvalho nunca finalizou a faculdade de filosofia nem outro curso superior. Se autointitulava filosófo e ministrou um curso de filosofia que logo passou a ser transmitido online. Suas aulas online atingiram alto número de alunos, pregando combate as esquerdas, batendo em teclas como marxismo cultural, através da leitura da Escola de Frankfurt e de Gramsci num planejamento de revolução não armada a fim de atingir subjetividades pela cultura; ideologia de gênero (principalmente o discurso contra pedofilia e crianças trans); politicamente correto, com acusações de censura, a posicionamentos preconceituosos contra minorias.

Principal expoente do bolsonarismo, Olavo de Carvalho se tornou intelectual orgânico da operação hegemônica bolsonarista. O principal objetivo dos intelectuais orgânicos é “determinar e organizar a reforma moral e intelectual” (GRAMSCI, 1984, p.178, adequando a cultura à prática. Quando essa prática é conservadora ou reacionária, o intelectual se torna “cristalizado”, pois toda ação tomada tem como alvo uma ligação ao passado (GRAMSCI, 1984, p.178).

Gramsci (1984) explica que a relação ativa de um filósofo individual e o ambiente cultural que ele busca transformar o torna um “professor” que realiza por si só sua autocrítica, assim como todo homem é um filósofo. Para fluir as ideias da sua filosofia, diz Gramsci, a liberdade de expressão é invocada:

> Compreende-se assim por que uma das maiores reivindicações das modernas camadas intelectuais no campo político seja a chamada “liberdade de pensamento e de expressão do pensamento (imprensa e associação)”, já que só onde existe esta condição política se realiza a relação de professor discípulo no sentido mais geral, acima mencionado; e, na realidade, só assim surge “historicamente” um novo tipo de filósofo, que se pode chamar de “filósofo democrático”, isto é, um filósofo consciente de que a sua personalidade não se limita à sua individualidade física, mas é uma relação social ativa de modificação do ambiente cultural (GRAMSCI, 1984, p.38, aspas do autor).

A frase “Olavo tem razão” virou amuleto da direita em manifestações antipetistas pelo impeachment em 2015 (ROCHA J., 2021, 57). “Olavo tem razão” é o reconhecimento de que a operação psicológica doutrinadora que realiza foi internalizada e que a operação hegemônica forjada por ele iniciou a mudança que pretende pela verdade de sua filosofia. A importância da influência de Olavo de Carvalho na formação dessas novas direitas é incontestável:

> (...) sem a ação inicialmente positiva de Olavo de Carvalho, na década de 1990, a ascensão da direita não teria encontrado a linguagem que hoje a irmana, tampouco teria desenvolvido uma visão de mundo própria, que, embora elaborada com base em intricadas teorias conspiratórias, permite uma coesão social impressionante, e, sobretudo, propicia um alto grau de resistência ao mais elementar princípio da realidade (ROCHA, J., 2021, p.57).

Olavo de Carvalho criou em torno de si um sistema de crenças que deu bases para a racionalidade das novas direitas no Brasil e para a ascensão do bolsonarismo. A reação conservadora e reacionária ao avanço das pautas LGBTQIA+, antirracista e feminista buscou nessa racionalidade a chave para expor preconceitos sob o pretexto do incômodo do discurso politicamente correto em defesa à liberdade de expressão contra acusações de censura. O bolsolavismo é um poderoso sistema de crenças dotado de coerência interna paranoica, tornando-o praticamente imune ao princípio de realidade (ROCHA, J., 2021, p.57).

Como registra Gramsci (1984), toda cultura tem um momento religioso e de especulação e o sistema de pensamento que a sustenta pode ser aperfeiçoado "dogmaticamente" e se transformar em uma fé transcendental – que difere de concepções de mundo formadas no senso comum. Toda descaracterização de uma velha ordem provém de um "pensamento refinado altamente especulativo" (GRAMSCI, 1984, p.57). "Para as grandes massas da população governada e dirigida, a filosofia ou religião do grupo dirigente e dos seus intelectuais apresenta-se sempre como fanatismo e superstição" (GRAMSCI, 1984, p.227).

O direcionamento para a hegemonia busca, enfim, levar a verdade do senso comum que no encontro do fundamentalismo político de Bolsonaro ativa a verdade revelada. Como os elementos principais do senso comum provém das religiões (GRAMSCI, 1984, p.144), toda frase que ativa o fundamentalismo político busca formar uma concepção de mundo. O sistema de crenças de Olavo de Carvalho que tem por finalidade a destruição de um sistema tomado pelos comunistas tem base no Tradicionalismo, corrente que difere do que conhecemos por tradição na discussão sobre o conservadorismo.

1.3.1 Tradicionalismo e a agenda da destruição

A prática *antiestablishment* em Jair Bolsonaro tem como objetivo destruir as instituições para reconstruí-las a sua própria maneira e encontra embasamento no pensamento de Olavo de Carvalho. Vasculhar a formação do pensamento de Olavo de Carvalho depende de uma investigação por diversos autores que são citados por ele em

suas aulas, mas destacaremos dois autores que sustentam o Tradicionalismo, corrente a qual Olavo de Carvalho se identifica e que tem em seu núcleo a destruição do *establishment* para reconstrução com base em um passado mítico.

Tradicionalismo não deve ser confundido com tradição, característica do conservadorismo que será discutido mais à frente. Para Sedgwick (2020, p.55), tradição, minúscula na grafia, se define pela "declaração, crença ou prática transmitida". O Tradicionalismo com T maiúsculo, busca retomar esse sentido da tradição que teria, na concepção de Julius Evola, deixado de ser transmitida no Ocidente através das gerações e foram perdidas, gerando a crise que se vive na modernidade.

Assim, o Tradicionalismo, com 'T' maiúsculo se distingue da "tradição", conceito que define prudência e manutenção da ordem, explicada no conservadorismo descrito por Edmund Burke, Samuel Huntington, Karl Mannheim ou Michael Oakeshot, e que se diferencia na revolta contra a modernidade como utopia reacionária que deseja subverter a ordem ancorada no Iluminismo.

René Guénon[31] e Julius Evola[32] são os principais pensadores dessa corrente esotérico/espiritual/política em que o progresso é decadência. O pensamento reacionário considerado para além do fascismo, busca o retorno a um passado mítico pautado por desejo de uma teocracia em oposição a modernidade decaída pelo antropocentrismo. Por ser desejo de teocracia, está inscrito em uma teologia política. Outros aspectos do Tradicionalismo: anticapitalista e pode ser anticristão (TEITELBAUM, 2020, p.231). Essa teocracia encontra bases sólidas na circulação do fundamentalismo político.

Sedgwick (2020), com base em Evola, destaca que além de Guénon, Friedrich Nietzsche e Johann Jakob Bachofen são alguns dos autores que sustentam o Tradicionalismo. Em Nietzsche, o super-homem nietzschiano e em Bachofen, tipologias binárias (SEDGWICK, 2020, p.186). O homem forte que pisa em homens fracos tem grande influência no Tradicionalismo de Evola até em Olavo de Carvalho.

---

[31] Considerado fundador da escola perenialista ou tradicionalista, abordagem dedicada a retomar a ideia de uma filosofia perene, René Guénon (1886-1951) foi escritor e intelectual esotérico francês. Seus textos influenciaram Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexandr Dugin.

[32] Julius Evola (1898-1974) foi um intelectual italiano que influenciou o fascismo italiano até ser afastado do movimento fascista por ser fascista demais com a defesa do racismo espiritual. Por isso, era considerado um ultra fascista. Sua obra mais famosa, "Revolta Contra o Mundo Moderno", inspirou o Tradicionalismo e foi lida por Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexandr Dugin, além de neonazistas.

Julius Evola foi contemporâneo do fascismo italiano de Mussolini, mas suas ideias eram consideradas radicais demais e por isso ele foi classificado como ultra fascista pelos próprios fascistas da Itália. Contra a igreja católica e favorável a uma caçada humana para a purificação da humanidade que denota racismo biológico, além de racismo espiritual, Evola acreditava que a modernidade tem a evolução de uma patologia silenciosa que destrói a essência humana.

"Há doenças que incubam durante muito tempo, mas que só se tornam evidentes quando a sua obra subterrânea já quase chegou ao fim. Assim acontece com a queda do homem ao longo das vias da que ele glorificou como sendo a civilização por excelência" (EVOLA, 1989, p.10).

Rene Guenón alterou o nome para Abd al-Wahid Yahya no momento em que se converteu ao Islamismo. Para ele, a tradição nas religiões sumiram, restando fragmentos em práticas de fé, o que inverteu o sistema de valores. Por conta disso, nova inversão é necessária, na qual tudo que você acha que é bom é ruim; todo progresso, é regressão, toda justiça, opressão. Textos de Guénon e Evola circularam por canais marginais por décadas e eram difíceis de serem encontrados no Ocidente, o que gerou a impressão de serem verdades ocultas escondidas pelo *establishment*.

O que separa o pensamento de Guénon e Evola no Tradicionalismo é que Guénon acreditava que a casta sacerdotal tinha aspecto elevado em relação a casta guerreira, enquanto Evola achava o contrário, o que denota que o pensamento de Evola liga o Tradicionalismo a política e Guénon a aspectos apolíticos, transcendentes (SEDGWICK, 2020, p. 510).

Tradicionalistas travam uma luta contra o mundo moderno, embora o tradicionalismo tenha nascido na modernidade (SEDGWICK, 2020, p.47). O Tradicionalismo busca retorno a um passado anti-moderno sem a racionalidade construída pela modernidade e por isso estimula combate contra a ciência moderna, universidades, mídia, instituições do Ocidente que, para os Tradicionalistas, trazem o oposto da verdade.

Assim, o Tradicionalismo fornece um "terreno místico" para a subjetividade *antiestablishment* (TEITELBAUM, 2020, p,76, 127). Traduzindo a visão tradicionalista para o caso brasileiro, "a mídia, o sistema educacional e o governo do Brasil" estão "corrompidos" (TEITELBAUM, 2020, p.231). Há, portanto, uma justificativa espiritual

e política com o Tradicionalismo e o fundamentalismo político para a destruição do *establishment* decadente e mentiroso.

Tradicionalismo apresenta a "verdade absoluta de origem imemorial". "Apenas alguém que conheça a filosofia Tradicionalista e esteja procurando-a reconhecerá sua presença nesses livros; interpretações Tradicionalistas nunca são apresentadas como tal, mas colocadas simplesmente como a verdade" (SEDGWICK, 2020, p.305). É, dessa forma, a representação da "verdade última", como em religiões ou tipos de filosofia (SEDGWICK, 2020, p.518). A verdade em Olavo de Carvalho em referência a destruição do *establishment* tem influência espiritual do Tradicionalismo, uma vez que seguia a orientação Tradicionalista de Guénon, mais que a vertente política em Evola.

Olavo de Carvalho se reconhece Tradicionalista, assim como o ex-Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e outros nomes internacionais que se comunicam elaborando estratégias de ação nas extremas direitas pelo mundo como Steve Bannon e Alexandr Dugin. Esse sistema de pensamento explica o apoio a tudo o que é "oposto" visando a destruição dos valores da modernidade (TEITELBAUM, 2020, p.248).

A presença da influência de Tradicionalistas no governo não significa que Bolsonaro e seu grupo político comunguem desse sistema de pensamento. Não quer dizer que o Presidente entrou em contato com as leituras raras e obscuras de Guénon e Evola. Não afirmamos essa postura. Isso não impede, contudo, a tradução da política de destruição Tradicionalista de Olavo de Carvalho para seus seguidores, inclusive, a família Bolsonaro. A destruição como agenda do Tradicionalismo[33] acaba se tornando o motivo condutor por trás de Jair Bolsonaro que, por sua vez, implementou o desmonte.

O Tradicionalismo encontra terreno fértil nas ideias de destruição de instituições que teriam sido tomadas pelas esquerdas dentro do globalismo e dentro do marxismo cultural. Olavo de Carvalho atuou como conselheiro do Presidente da República Jair Bolsonaro, indicando dois Ministros, Ernesto Araújo e Ricardo Vélez Rodríguez (Ministério da Educação), além de ter Abraham Weintraub como aliado. Tradicionalistas

[33] DUARTE, Letícia. **"Destruição é a agenda do Tradicionalismo", a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html> (Acesso em 21/06/2023).

e fundamentalistas políticos se encontram também na aposta da transformação pela educação. Destes, Araújo é um Tradicionalista assumido.

A política do Tradicionalismo no governo Bolsonaro ganha contornos de uma "metapolítica". No entanto, este é um conceito polissêmico assim como a política o é. Ernesto Araújo, ex-Ministro das Relações Exteriores, em seu blog[34], explica que ele ajuda na libertação do Brasil e do mundo da ideologia globalista comandada pelo marxismo cultural. Segundo Araújo, "o projeto metapolítico significa, essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história" e assim, chegamos novamente ao fundamentalismo político.

Em outro significado, a metapolítica é a ação política através da cultura em diversos grupos de extrema direita (TEITELBAUM, 2020, p.62). A guerra cultural molda subjetividades, criando oportunidades políticas de aceitação a uma nova ordem social e moral. Alterar a cultura na proposta de organizar uma sociedade alternativa dentro da sociedade com vistas a chegar ao poder (TEITELBAUM, 2020, p.63).

Sobre o pensamento Tradicionalista, as escolas públicas são um campo de batalha importante para o "guerreiro cultural conservador – um espaço para a metapolítica". (TEITELBAUM, 2020, p.106, 107). Diante dessas evidências, portanto, podemos verificar uma racionalidade *antiestablishment* através do Tradicionalismo. Jair Bolsonaro pode até não exercer na prática ensinamentos das fontes originais dos Tradicionalistas, mas sua política de desmonte e destruição comunga com a política destrutiva do Tradicionalismo. Destruir para reconstruir segue uma operação hegemônica que através do fundamentalismo político de Bolsonaro tem as guerras culturais como um dos alvos, buscando uma regressão de valores e de costumes.

1.4 Marxismo Cultural

Pode-se contestar a qualidade da leitura que autores das direitas fazem das esquerdas, mas o fato é que leram Adorno, Marcuse, Horkheimer, Fromm, Gramsci. O que instigou eles a procurarem essas leituras era compreender qual seria o próximo passo das esquerdas, visto que o projeto revolucionário marxista era engolido pelo capitalismo com a queda do Muro de Berlim. O fantasma do comunismo que assombrou a Europa se foi, mas retornou no fantasma do marxismo cultural a partir do início dos anos 1990. "O

[34] BLOG METAPOLÍTICA. Ver mais em: <https://www.metapoliticabrasil.com/about> (Acesso em 21/06/2023).

fantasma que nos assombra, que nos ameaça, com o retrocesso que pode acontecer, é o marxismo cultural, é a lógica de bagunçar para dominar"[35], alerta o empresário Flávio Rocha diante das eleições de 2018. É no alerta contra Gramsci e a Escola de Frankfurt que se sustenta a racionalidade do marxismo cultural.

O marxismo cultural é apresentado como um projeto de dominação das esquerdas que visa tomar as instituições de Estado através da hegemonia pela cultura (CORRÊA, 2022, p. 26) e não mais pela revolução armada. É no artigo "A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o Politicamente Correto"[36], de Michael Minnicino, publicado em 1992 na revista Fidelio da *think tank* "Schiller Institute", que se firma a ponte entre Adorno, Benjamin, Horkheimer e a ideia de que existe um grande plano que usa os meios de comunicação de massa para difundir sorrateiramente o ideal comunista. "A análise de Adorno-Benjamin representa quase a totalidade da base teórica de todas as tendências estéticas politicamente corretas que hoje assolam nossas universidades" (MINNICINO, 2022, p.17).

Essas ideias foram disseminadas pelos ultraconservadores Lyndon LaRouche, Pat Buchanan e William S. Lind com apoio de Think Tanks como Free Congress Foundation, Civitas Institute e Schiller Institute. Lind explica o conceito de politicamente correto no documentário "The History of Political Correctness". Minnicino (2022, p.22) acreditava que a Escola de Frankfurt era uma conspiração marxista construída pelas esquerdas com objetivo de romper fundamentos da civilização judaico-cristã. Isso ocorreria através de uma manipulação feita pelas elites das esquerdas usando técnicas de lavagem cerebral com propagandas por meio do rádio, da televisão, do teatro e do cinema. Para Minnicino (2022), a mídia possui um controle das subjetividades e alimenta uma conspiração que ganhou vida própria. Assim, somente uma nova renascença pode combater o mal perpetuado pelos autores da Escola de Frankfurt:

> Em última análise, uma nova Renascença dependerá de cientistas, artistas e compositores, mas, no primeiro momento, depende de pessoas aparentemente comuns, que defenderão a centelha divina da razão em si mesmas e não tolerarão menos nos outros. Dados os sucessos da Escola de Frankfurt e de seus patrocinadores da "Nova Idade das Trevas", esses indivíduos comuns,

[35] ESTADO DE MINAS. **Rocha: debate que influenciará voto do eleitor será o de costumes da sociedade**. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/09/interna_politica,950348/rocha-debate-que-influenciara-voto-do-eleitor-sera-o-de-costumes-da-s.shtml> (Acesso em: 25/06/2023).

[36] SCHILLER INSTITUTE. Ver mais em: <https://archive.schillerinstitute.com/fid_91-96/921_frankfurt.html> (Acesso em 08/08/2023).

> com sua crença na razão e na diferença entre o certo e o errado, serão "impopulares". Mas, nenhuma ideia realmente boa foi popular no começo (MINNICINO, 2022, p.45, aspas do autor).

Para o autor, vivemos a nova era da Internacional Comunista em que a correção política nas universidades deu origem ao politicamente correto. "Os herdeiros de Marcuse e Adorno dominam completamente as universidades, ensinando seus próprios alunos a substituir a razão por exercícios rituais 'politicamente corretos'" (MINNICINO, 2022, p.43). O autor ultraconservador William Lind fortalece a racionalidade das guerras culturais ao associar o politicamente correto ao marxismo cultural. Lind escreveu um artigo em 1989 em que justifica que o conflito entre socialismo e comunismo não acontece mais em termos bélicos convencionais e chama a disputa pela cultura como "guerra da quarta geração" (CORRÊA, 2022, p.28).

O "politicamente correto" é uma esfera do marxismo cultural, a medida em que minorias traduziram o marxismo de termos econômicos, para fins culturais através de Gramsci. Isso se verifica também em um documentário produzido pela Think Tank, Free Congress Foundation. Segundo o filme, o politicamente correto é a justificação intelectual para a contracultura: luta feminista, luta antirracista, luta pela liberação sexual, luta pela inclusão LGBTQIA+, etc. Na visão de Lind, combater o politicamente correto é contestar os poderes vigentes (CORRÊA, 2022, p. 20), ou seja, é uma luta contra o *establishment* e assumir uma postura contra o politicamente correto e consequentemente contra o marxismo cultural significa se posicionar como *antiestablishment*, já que o que se busca é uma subversão da hegemonia para implementar uma nova cultura, uma outra forma de ver o mundo.

Em 2004, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, durante o governo Lula, lançou uma publicação chamada "Politicamente Correto e Direitos Humanos" explicando expressões consideradas ofensivas. Em 2009, Leandro Narloch publicou o "Guia do Politicamente Incorreto", em um declarado ataque ao *establishment*. Em 2012, Luiz Felipe Pondé, lançou o Guia do Politicamente Incorreto na Filosofia" (CORRÊA, 2022, p.21). Os argumentos de Lind e de outros autores em torno dessa temática circularam nos meios militares por Olavo de Carvalho com a publicação do livro "A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci", de 1994, e "A Verdade Sufocada", de Carlos Alberto Brilhante Ustra, publicado em 2006 (CORRÊA, 2022, p.30).

Os dois projetos que disputam hegemonia acusam o outro lado de "lavagem cerebral", já que subjetividades estão em disputa. Minnicino (2022) menciona o uso de técnicas de lavagem cerebral. Carvalho (1994, p.43) destaca que as esquerdas buscam apagar a mentalidade popular com uma gigantesca operação de lavagem cerebral. Por outro lado, Rocha J. (2021) explica que o conceito chave da obra de Olavo de Carvalho é a lavagem cerebral com táticas de manipulação mental coletiva.

O que está em jogo necessariamente, não é só a luta de classes, mas a luta por subjetividades com projetos culturais distintos e inconciliáveis. O grande objetivo de Olavo de Carvalho era o resgate da alta cultura a fim das pessoas terem senso de medida das tradições – o que para ele existiu até anos 1970. A fim de elaborar sua noção de marxismo cultural, Olavo de Carvalho leu Minnicino e Lind. Toda a base da ideia de marxismo cultural em Olavo de Carvalho, contudo, está presente no livro "Pensadores da Nova Esquerda", de Roger Scruton, autor que o brasileiro admite ter lido atentamente.

Na obra, Scruton pretende revelar estratégias das esquerdas após a primeira guerra mundial. Um desses autores analisados é Gramsci. Para Scruton (2019), a hegemonia dominante vai sendo substituída aos poucos em uma lenta e gradual tomada das instituições até que se instaure uma nova ordem social. "Foi através da cultura – através das universidades, escolas de arte, teatros e livros – que a Nova Esquerda conseguiu seu maior e mais imediato impacto durante os anos 1970" (SCRUTON, 2019, p.272).

Scruton (2019) acredita que Gramsci merece um olhar cuidadoso porque tirou a revolução das ruas para levá-la para a cultura. "Gramsci redesenhou o programa da esquerda como revolução cultural que poderia ser conduzida sem violência e cujo local seriam as universidades, teatros, salas de palestras e escolas, onde os intelectuais encontravam suas principais audiências" (SCRUTON, 2019, p.284).

De fato, o pensamento de Olavo de Carvalho registrado no livro "A Nova Era e a Revolução Cultural" contém as chaves para entrar no castelo das direitas brasileiras e tem grande influência de Scruton (2019). Rocha J. (2021) explica que após o fim da ditadura civil militar de 1964, Olavo de Carvalho fomentou a ideia de que as esquerdas usam estratégias para chegar e manter o poder através da cultura, usando as ideias de Gramsci (ROCHA J., 2021, p.95). Segundo Olavo de Carvalho, o PT tem um programa gramsciano desde sua fundação e por muitos homens que seguem o programa sem se dar conta (CARVALHO, 1994, p.52).

Se definir o que significa comunismo para essas direitas é um grande desafio, dado o vasto alargamento do significante, uma leitura cuidadosa em Olavo de Carvalho, um olhar em seus vídeos, ajuda muito a dar conta do preenchimento parcial desse significante vazio e flutuante. O documentário "O Jardim das Aflições", dirigido por Josias Teófilo, mostra a posição de Olavo de Carvalho acerca da cultura. Segundo ele, as esquerdas ocupam espaço em universidades, em meios de comunicação, no movimento eleitoral; em órgãos de cultura, no Estado. Essa seria a adoção da estratégia gramsciana de uma revolução cultural e de ocupação de espaços pela cultura e não mais pela luta armada. A cultura age sobre nós e para Olavo de Carvalho é imprescindível compreender quais poderes agem em nossas subjetividades.

Nós incorporamos ideias do meio cultural e precisamos saber a origem da ideia, não seu fundamento. "A cultura te molda", previne Olavo de Carvalho, que acredita que apenas repetimos as diversas correntes culturais que chegam até nós. A saída para não ser moldado é compor a cultura de sua própria maneira e se integrar por meio dela, de modo a compreender as origens das ideias que incorporamos. Olavo de Carvalho propunha aos alunos de seus cursos que escrevessem e entregassem a ele um texto com a história de suas ideias. Com isso, afirmava compreender como a cultura que combate pode ser substituída pela que entende como ideal. Teófilo foi um de seus alunos e se tornou um de seus fiéis seguidores.

Ainda de acordo com Olavo de Carvalho, a revolução cultural é um processo pra disseminar o programa comunista sem esse nome e assim "todos se tornam socialistas sem saber", o que para ele ocorre nos meios de comunicação e nas universidades. Segundo Olavo de Carvalho, "a mensagem do partido chega por canais diferentes sem a identidade partidária" substituindo as poucos a cultura com a criação de uma nova elite que estaria mais acima do povo que a elite anterior.

Dessa forma, o autor alerta que já vivemos o comunismo, pois o marxismo cultural se infiltrou discretamente, sem o conhecimento de muitos, na doutrinação das universidades, material escolar para ensino médio e fundamental, na ciência, na mídia. As táticas de Gramsci colocadas em prática ocorrem por uma sabotagem psicológica (CARVALHO, 1994, p.12) e quem as usa espera alcançar o poder ao momento que não tiver mais ideias contrárias no repertório da população (CARVALHO, 1994, p.40). Segundo esta concepção, pensamos, sentimos e agimos como parte integrante de um Estado comunista ainda que vivendo no capitalismo, fator que é necessário para que se

aceite um novo regime comunista total com naturalidade, sem resistências (CARVALHO, 1994, p.39).

Segundo Olavo de Carvalho, não se absorve a cultura revolucionária de forma consciente, por conta de sua circulação sutil transmitida pela militância como dogma:

> O rebaixamento das artes, da filosofia e até de algumas ciências à condição de megafones da propaganda revolucionária, que os melhores pensadores marxistas sempre rejeitaram como uma tentação aviltante, tornou-se a praxe estabelecida, que ninguém ousa contestar, menos pelo temor de um revide explícito do que pela certeza absoluta de que seus ouvintes já não poderão compreendê-lo, tão longe estão de imaginar que a cultura possa ter outros e mais elevados fins. Pois o dogma da cultura militante não se adotou como opção consciente, vencedora no confronto com outras concepções possíveis, mas se infiltrou sorrateiramente, como um pressuposto implícito, aproveitando-se da ignorância das novas gerações, que ao despertarem para o mundo da "cultura" já a encontram identificada à propaganda ideológica como se este fosse o seu estado natural e seu destino eterno (CARVALHO, 1994, p.10, aspas do autor).

Deve-se ter em vista com o alerta olavista que a verdade está perdida no gramscismo porque não se diferencia mais verdade e falsidade e assim a cultura não é mais capaz de captar a verdade objetiva, mas revelar a crença coletiva (CARVALHO, 1994, p.24, p. 45). A verdade é ditada pelo partido e por seus intelectuais orgânicos e a única saída proposta por Olavo de Carvalho é a completa negação da cultura que teria sido introduzida pelo gramscismo. Por isso a implicância com jornalistas, cineastas, músicos, entre outros agentes sociais destes campos. Eles fazem a introdução do gramscismo de forma discreta no mundo social:

> Daí que Gramsci dê relativamente pouca importância à pregação revolucionária aberta, mas enfatize muito o valor da penetração camuflada e sutil. Para a revolução gramsciana vale menos um orador, um agitador notório, do que um jornalista discreto que, sem tomar posição explícita, vá delicadamente mudando o teor do noticiário, ou do que um cineasta cujos filmes, sem qualquer mensagem política ostensiva, afeiçoem o público a um novo imaginário, gerador de um novo senso comum. Jornalistas, cineastas, músicos, psicólogos, pedagogos infantis e conselheiros familiares representam uma tropa de elite do exército gramsciano. Sua atuação informal penetra fundo nas consciências, sem nenhum intuito político declarado, e deixa nelas as marcas de novos sentimentos, de novas reações, de novas atitudes morais que, no momento propício, se integrarão harmoniosamente na hegemonia comunista (CARVALHO, 1994, p.44).

Conforme argumenta Olavo de Carvalho, a noção de propaganda disfarçada é definitiva para a doutrinação a fim de mudar "sentimentos morais" sendo que qualquer obra de literatura ou notícia de jornal pode contribuir para o marxismo cultural trazendo outro sentido. "O gramscismo transforma em propaganda tudo o que toca, contamina de objetivos propagandísticos todas as atividades culturais, inclusive as mais inócuas em

aparência, pois até simples giros de frase, estilos de vestir ou de gesticular podem ter valor propagandístico" (CARVALHO, 1994, p.53).

Toda a indústria cultural criticada pela Escola de Frankfurt, vestimentas, gestos, frases, fazem parte do projeto gramsciano de implementação do comunismo. Portanto, toda a ampla produção cultural, intelectual e jornalística tem esse objetivo. "É claro que ninguém adere a Gramsci com outro propósito que não o de implantar o comunismo em alguma parte do mundo" (CARVALHO, 1994, p.57).

E assim, chegamos a uma definição flutuante de comunismo, mas que encontra uma certa estabilidade. O que é ser comunista? Comunista é o indivíduo que utiliza estratégias gramscianas através do marxismo cultural. Existe uma intencionalidade na propaganda dessa cultura até que na outra ponta se formem militantes comunistas que não conseguem pensar por si mesmos ao passo que suas ideias só existem porque são ditadas pelo coletivo e sem ter a mínima ideia dessa internalização sutil, se tornam imbecis coletivos a serviço da revolução. Um comunista pode então ser identificado pela roupa que usa, por algum gesto corporal, por uma frase de efeito, por uma música que ouve, por uma peça que assiste, por um filme que vê.

Os ensinamentos de Olavo de Carvalho estimularam alguns de seus alunos a criarem cursos, a exemplo do economista e comentarista Rodrigo Constantino[37] e do padre e professor Paulo Ricardo[38]. De acordo com Carvalho, a publicação dessas obras, em especial de 'O imbecil coletivo', a qual tecia críticas aos intelectuais e acadêmicos de esquerda brasileiros, teria aberto um espaço para liberais e conservadores que lhes havia sido negado desde os anos 1980 (ROCHA J., 2021, p. 76).

O padre Paulo Ricardo, por sua vez, oferece um curso sobre marxismo cultural alertando sobre o avanço do comunismo. Todos os nomes das direitas com destaque no

[37] Presidente do conselho deliberativo do Instituto Liberal e membro fundador do Instituto Millenium, Rodrigo Constantino se define como um liberal que não tem medo da patrulha da esquerda politicamente correta. Se notabilizou como grande defensor do presidente da República Jair Bolsonaro quando esteve como comentarista na rádio Jovem Pan e em um blog mantido no jornal Gazeta do Povo. Constantino fez diversos comentários com desinformação e *fake news* e estimulou o golpe de Estado e uma ruptura.

[38] Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior pertence ao clero da Arquidiocese. Foi ordenado sacerdote em 1992, pelo Papa São João Paulo II. É bacharel em Teologia e mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Foi membro do Conselho Internacional de Catequese da Santa Sé e lecionou nas Faculdades de Filosofia da Santa Sé. Desde 2006, se dedica a oferecer cursos com formação teológica e espiritual, como "Terapia das Doenças Espirituais", "Revolução e Marxismo Cultural", "Engenharia da Santidade", "Lutero e o Mundo Moderno" e "O Segredo de Teresinha".

campo político a partir de 2013 tiveram influência de Olavo de Carvalho e muitos deles romperam tanto com Olavo quanto com Bolsonaro. No entanto, os ensinamentos acerca do marxismo cultural e ideologia de gênero não se descartam junto com o rompimento, uma vez que foram incorporados.

O projeto hegemônico de Olavo de Carvalho se coloca na guerra de posições (GRAMSCI, 1984) em um corte no tempo a um cenário ideal que teria subjetividades moldadas por uma outra cultura que rejeita a diversidade do livre viver das minorias, o que demonstra que a revolução cultural do bolsolavismo tem características puras de um movimento reacionário. Miguel (2018, p.22) define como "reacionarismo moral". Quer dizer, como mostra Rocha J. (2021), as guerras culturais dependem de uma concepção fundamentalista do mundo social que procura a eliminação da diversidade (ROCHA, J., 2021, p.113) que ameaça as estruturas do patriarcado heteronormativo (BIROLI et al, 2020).

Como percebe Carapanã (2018, p.39), o marxismo cultural constrói um inimigo onipresente na educação pública, na mídia, nos ativistas dos direitos civis, na indústria do entretenimento na vigilância contra a tentativa de destruir você, sua família, sua propriedade. Marxismo cultural encontra apelo no fundamentalismo político com o apontamento do inimigo a ser combatido, no encerramento do diálogo, na captura da verdade que foi deformada, e em última instância, em um plano de ação. O norueguês Anders Behring Breivik matou oito pessoas com a explosão de uma bomba perto da sede do governo em Oslo e atirou e matou 69 pessoas em um acampamento de verão da Juventude Trabalhista. Anders foi inspirado pela ameaça que representa para ele o marxismo cultural e o Islã.

No momento do crime, assumiu que poupou uma vítima porque o jeito que se vestia não parecia um comunista, mas uma pessoa conservadora. Neonazista declarado, antes do atentado divulgou o texto "A European Declaration of Independence – 2083" (Uma declaração de Independência Europeia - 2083) sob o pseudônimo Andrew Berwick e tinha vídeos no YouTube onde falava sobre abolir o marxismo cultural. Anders riu de sua sentença e disse que foi cruel, mas necessário[39]. Depois do atentado de Anders

[39] G1. **Massacre em Oslo: o suspeito considera os fatos, "cruéis" mas "necessários"** – 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/massacre-em-oslo-o-suspeito-considera-os-fatos-crueis-mas-necessarios.html> (Acesso: 28/06/2023).

Behring, um dos criadores do conceito de marxismo cultural, Michael Minnicino divulgou nota rejeitando tudo o que havia escrito sobre o tema[40].

Marxismo cultural não é o único tema que permeia as guerras culturais. O termo ideologia de gênero foi incluído nesse debate. O aumento do uso do conceito de ideologia de gênero objetiva barrar as pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA+ (BIROLI, et al, 2020, p.37). Barrar pautas objetiva interromper o avanço estruturante desses movimentos no espaço social, buscando até retroceder direitos conquistados.

1.5 Ideologia de gênero

O marxismo cultural e o politicamente correto não são as únicas formas de corrosão da cultura pelas esquerdas identificadas pelas direitas. Em oposição a identidade de gênero, começou a circular na década de 1990 a ideia de que existiria uma ideologia de gênero. Assim, o feminismo de gênero e grupos LGBTQIA+ usam a estratégia da ideologia de gênero e politicamente correto. A reação conservadora apresenta argumentos de que não existe gênero, apenas um sexo determinado pela natureza. Segundo esta visão, existe uma doutrinação que visa ensinar o indivíduo a confundir sexo com gênero e a negar a natureza que determinou a essência humana, o que resultou em uma degradação moral individual e das instituições. Ideologia de gênero cria uma guerra entre homens em mulheres, uma guerra entre heterossexuais e homossexuais a fim de mostrar que o sexo como determinado por natureza não existe (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.104).

No Brasil, ideologia de gênero se fortaleceu entre as novas direitas na década de 2010, unindo conservadores católicos e evangélicos contra a degradação moral que buscam retroceder ou interromper a discussão de pautas ligadas aos direitos sexuais e dos corpos. No Brasil, a ideologia de gênero conta com apoio de políticos que muitas vezes não tem ligação direta com aspectos religiosos. Movimentos antigênero contribuem para projetos autoritários como na Polônia e na Hungria (BIROLI, et al, 2020).

Isto conduz uma luta para restaurar a ordem moral perdida, ou seja, retomar a dominação sobre estes corpos. A solidificação desse pensamento nasceu dentro da igreja católica. Escritos do Cardeal Joseph Ratzinger nos anos 1980 repudiavam a transexualidade e ganharam notoriedade com o monsenhor Michel Schooyans, que em

[40] MARTINS, Elisa. ORTELLADO, Pablo. **Podcast guerras culturais – marxismo e teorias conspiratórias ressurgem na corrida eleitoral.** 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-guerras-culturais-marxismo-cultural-e-teorias-conspiratorias-ressurgem-na-corrida-eleitoral.ghtml> (Acesso em 28/06/2023).

1997 ressaltou que a ideologia de gênero era uma vertente do marxismo, bem como inspirou a pesquisadora Mary Anne Case (BIROLI et al, 2020; BORBA, 2022).

Ainda em 1997, a ideia de ideologia de gênero aparece no livro "Agenda de Gênero" da jornalista Dale O'Leary (BORBA, 2022, p.36) e se solidifica entre as novas direitas com o "Livro Negro da Nova Esquerda" de Agustín Laje e Nicolas Marquez, com publicações de Olavo de Carvalho (CORRÊA, 2022, p. 29) e com o livro "Ideologia de Gênero – o neototalitarismo e a morte da família" de Jorge Scala.

Se o avanço do marxismo cultural só é possível por métodos de lavagem cerebral, a ideologia de gênero segue o mesmo caminho. Segundo os autores reacionários Agustín Laje e Nicolas Marquez, "a revolução deixou de expropriar contas bancárias para expropriar mentes" (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.10). Como não encontra correspondência na realidade, toma formas de substituição do homem para a construção de outro ser humano (SCALA, 2011, p.56).

Lavagem cerebral é citada diversas vezes no texto de Scala (2011, p.18) e só pode ser implantada de forma totalitária em uma imposição de valores falsos e antinaturais. "Uma radicalização na manipulação da linguagem é o uso de técnicas de 'lavagem cerebral' em nível massivo. Para isso é necessária a utilização intensiva dos meios informais de educação, ou seja, as mídias de massa (...) especialmente a escola" (SCALA, 2011, p.36). Laje e Marquez (2016) alertam que se a militância feminista der sequência a proibições e perseguições seguindo a cartilha do politicamente correto estaremos em meio a instauração de uma "ditadura de gênero" (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.141).

A associação do feminismo com o mal, como inimigo a ser combatido, cumpre a função de deixar claro que direitos das mulheres e pessoas LGBTQIA+ são feitos por uma minoria ruidosa que está longe das tradições do povo composto pelos cidadãos de bem. Jair Bolsonaro a partir de 2010 conseguiu grande visibilidade na luta contra a "ideologia de gênero" que lhe garantiu alianças com políticos da bancada evangélica (BIROLI et al, 2020).

Como destaca Biroli (2020), reação reacionária ao avanço dos feminismos é retaliação a perda de espaço do patriarcado:

> A construção do feminismo como ameaça a toda a sociedade, pelos neoconservadores, indica que sua reação não é apenas aos avanços já codificados no âmbito legal e político-institucional, mas também aos feminismos, assim como aos movimentos LGBTQIA+, enquanto atores

> políticos. Seu potencial é visto como risco de perda de poder por aqueles cujas posições são resguardadas pelo status quo patriarcal (...) os neoconservadores entendem que haveria difusão e ativação da militância, projetos de ocupação do poder e, no limite, um efeito sobre a intimidade, sobre as famílias e sobre toda a sociedade (BIROLI, 2020, p.174)

A propaganda da ideologia de gênero, para Scala (2011), é feita pelo cinema, teatro, músicas, jornais, mesmos meios verificados na propagação do marxismo cultural em esquemas mentais introduzindo aos poucos novos significados com intuito de tornar pautas morais uniformes (SCALA, 2011, p.37) e politicamente corretas. Para Scala (2011, p.88), a ruptura com a cultura ocorre com a destruição da família como instituição.

A destruição da família começa pela doutrinação das crianças, tema muito caro as novas direitas. Biroli (2020, p.159) ressalta a campanha #ConMisHijosNoTeMetas lançada no Peru para trazer regras de educação sexual. Nesta campanha, deixa-se claro que as elites globais financiariam as minorias; que o lobby das minorias ameaça as famílias; e que as crianças são alvos principais e necessitam de proteção.

Educação sexual é uma ameaça direta a família (VAGGIONE, 2020, p.72) e assim é um tema rejeitado. Com a imposição da ideologia de gênero, a doutrinação pode atingir as crianças, que não devem ser ensinadas sobre sexualidade por não ser o momento adequado e por ser função da própria família passar esses valores (QUINALHA, 2019).

Carrara e Lacerda (2011, 86) observam que existem concepções enraizadas de conservadores nas guerras culturais de que homossexuais e a uniões entre eles é injúria a família tradicional, representação do mal e até patologia. É por conta disso que a educação sexual nas escolas e originadas de iniciativas do Estado tem que ser barradas (BIROLI et al, 2020) e escolas militares devem ser implementadas – até para sustentar o projeto hegemônico bolsonarista.

Essa racionalidade fica nítida em Laje e Marquez (2016), que destacam que grupos de esquerda recrutam e doutrinam jovens homossexuais convencendo-os de que sua indignação ocorre por serem vítimas de uma herança cultural opressora como a igreja, a família e a tradição (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.263). Segundo os autores, o indivíduo *queer* não tem capacidade de compreender sua própria vida e foi levado por teóricos como Judith Butler[41] a odiar um sistema dominado por heterossexuais brancos. Termos como

[41] Nascida nos Estados Unidos, a filósofa pós-estruturalista Judith Butler é uma das grandes teóricas a respeito do feminismo e da teoria *queer*. Professora da Universidade da Califórnia, em Berkeley (Estados Unidos), também reflete sobre filosofia política e ética. Butler distingue gênero de sexo. O gênero é performativo, como explica no livro "Os atos performativos e a constituição do gênero" de 1988 e no livro

“falocracia”, “heteronormatividade”, “heterocapitalismo”, fazem parte dessa teorização que conduz inaptos (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.105), indo ao encontro do pensamento coletivo que escraviza as esquerdas como alerta Carvalho (1994).

Por conta disso, ideologia de gênero é uma “ideologia do mal” que ataca as bases da família patriarcal heteronormativa e pretende, com isso, destruir o capitalismo. Ideologia de gênero é apenas fachada para a revolução cultural das esquerdas (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.270). Para Laje e Marquez (2016), existe um projeto de destruição da heterossexualidade a fim de derrubar a unidade familiar que ajuda a manter a ordem capitalista (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.80).

Vaggione (2020, p.58) destaca que apoio popular ao neoconservadorismo como o proposto por Scala (2011) e Laje e Marquez (2016) busca resgatar uma ordem moral ameaçada e para tanto, a luta busca um retorno ao passado para trazer de volta um modelo moral por meio de argumentos que defendem uma ordem sexual heteronormativa que concebe apenas um modelo único de família.

Dado que se trata de uma luta do bem contra o mal, ao apetite da circulação do fundamentalismo político (VASCONCELOS 2008; ARMSTRONG, 2001), o autor aposta que com a vitória do bem, a ideologia de gênero desaparecerá. “Assim como as outras ideologias malignas desapareceram, esta também sucumbirá” (SCALA, 2011, p.197). A ideologia de gênero tende a desaparecer porque, na visão de Scala (2011, p.109), não há equilíbrio psíquico em uma pessoa LGBTQIA+, dado que se trata de uma doença mental (SCALA, 2011, p.109). O posicionamento do autor fornece base a discussões absurdas sobre a “cura gay”, tratando o tema como uma patologia.

Biroli (2020, p.166) analisa o texto de Scala (2011) e ressalta que o livro é fundamental para neoconservadores na construção do feminismo como inimigo. O termo ideologia de gênero alcança nível global em detrimento da identidade e igualdade de gênero e assim a moralidade se torna o principal eixo da luta, em argumentos de autoridade em nome da família.

Laje e Marquez (2016, p.92) atacam diretamente a teoria *queer* e todos os feminismos. A teoria *queer* dispõe que o gênero e a orientação sexual dos indivíduos são

“Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade” de 1989. Sua filosofia se tornou grande inimiga de conservadores e reacionários que lutam contra a ideologia de gênero e contra o que acreditam ser estímulo a pedofilia.

construções sociais. Os complexos textos sobre teoria *queer* da filósofa Judith Butler passaram a ser esmiuçados e a autora atacada por essa racionalidade que criminaliza a ideologia de gênero. “Em Butler há uma evasão total, como já dissemos, das condições biológicas da existência; somos apresentados ao sujeito suspenso no nada, como um semideus que se faz a si mesmo” (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.92).

Quando a filósofa Judith Butler veio ao Brasil em 2017 para apresentar um seminário em São Paulo, uma petição online com mais de 300 mil assinaturas exigia o cancelamento do evento. O texto da petição, sem assinatura, ressaltava que “Judith Butler não é bem vinda no Brasil”.

> Nossa nação negou a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação e nos Planos Municipais de Educação de quase todos os municípios. Não queremos uma ideologia que mascara um objetivo político marxista. Seus livros querem nos fazer crer que a identidade é variável e fruto da cultura. A ciência e, acima de tudo, a realidade nos mostram o contrário (Petição Online – Judith Butler não é bem vinda no Brasil).[42]

Do lado de fora do evento, onde aliás Judith Butler falava de democracia e não de gênero, um grupo de cem pessoas carregava faixas e cartazes com escritos “Menino nasce menino” “#XoJudith", “Não à ideologia de gênero”" e “Meus filhos minhas regras”[43]. Além disso, esses manifestantes colocaram fogo em um boneco caracterizado como uma bruxa com o rosto de Judith Butler enquanto uma pessoa erguia um crucifixo.

---

[42] FOLHA DE S. PAULO. **Manifestantes pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia**. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml> (Acesso em: 28/06/2023).

[43] Idem

Figura 4: Manifestantes queimam boneco simbolizando Judith Butler em defesa das crianças (Foto: Bruno Santos/Folhapress)

Um outro grupo, favorável a Butler, ligado a movimentos LGBTQIA+, esteve presente no local da manifestação dos conservadores e reacionários, marcando posição a favor das ideias da filósofa e resistindo ao ataque à diversidade. A Polícia Militar separou os grupos, que discutiram e trocaram ofensas. No momento em que embarcava no aeroporto de Congonhas, três dias após o evento, Judith Butler foi perseguida e xingada por algumas pessoas. Na tentativa de apaziguar ânimos e defender Butler, uma mulher foi agredida com um tapa[44].

Meses depois, Judith Butler se manifestou sobre o ocorrido no Brasil. Para a filósofa, o movimento contra ela no país nasceu de uma "fantasia" a respeito de uma "palestra imaginária". Butler explicou que não nega a diferença natural entre os sexos, porém, ideias de masculino e feminino dependem da cultura e não tem significados fixos. Também negou veementemente que seja a favor de pedofilia ou qualquer forma de exploração de crianças. "Meu compromisso é me opor às ofensas que diminuam as chances de alguém viver com alegria e dignidade"[45], escreveu Butler. O protesto dos conservadores e reacionários, contudo, não era contra a palestra de Butler, mas contra

[44] G1. **Filósofa Judith Butler é agredida em aeroporto de SP e mulher leva tapa ao defendê-la.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml> (Acesso em: 02/07/2023).

[45] BUTLER, Judith. ALLAIN, Clara. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml> (Acesso em: 02/07/2023).

tudo o que ela representa no imaginário construído da ideologia de gênero e da defesa das crianças.

Muitos desses conservadores e reacionários não se enxergam como preconceituosos, já que tem o nobre ideal da manutenção da família como tema sagrado contra o mal que visa destruí-la. Laje e Marquez (2016) desenvolvem toda essa discussão sobre ideologia de gênero e se apressam em explicar que não são homofóbicos:

> Nada deveria importar, por exemplo, que determinado sujeito considere a si mesmo, inclusive, um crocodilo ou uma macaca enclausurada em corpo humano, vítima da tirania da "construção social do discurso"; o problema é que a pressão ideológica exercida sobre o Estado leve-o a nos obrigar a compartilhar tal loucura e pagar por ela, sob a ameaça de coerção (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.106, aspas dos autores).

Laje e Marquez (2016) vendem a ideia de que não negam o direito de cada um viver sua intimidade como bem entender, desde que terceiros não sejam prejudicados (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.263), o que leva ao discurso de que não existe preconceito com a opção sexual do indivíduo ou de sua identidade de gênero LGBTQIA+, mas combate a ideologização do tema com a apologia dos militantes (LAJE e MARQUEZ, 2016, p.150).

A atenção fornecida pelo Estado a agenda das minorias levou o neoconservadorismo a reagir diante de uma suposta ameaça à família tradicional proveniente dos movimentos LGBTQIA+, movimentos feministas, (HUNTER, 1991; LACERDA, 2019, p.27) como podemos observar em Carvalho (1994), Minnicino (2022), Scala (2011), Laje e Marquez (2016). A autora detalha a reação neoconservadora que conhecemos na figura das guerras culturais:

> Os movimentos LGBT e feminista já existiam, mas, quando passam a ter suas reivindicações recolhidas pelas instituições públicas, é acionado o alerta de que a família e os valores morais religiosos precisam ser defendidos. Trata-se da dinâmica própria de um movimento conservador: preservar o status quo frente a uma ameaça concreta de mudança (LACERDA, 2019, p.195).

Efetivamente, o aumento do uso do conceito de ideologia de gênero objetiva barrar as pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA+ (BIROLI et al, 2020, p.37). Interromper a tramitação de pautas objetiva desestruturar esses movimentos no espaço social. O combate as minorias é o que estes conservadores e reacionários entendem por resgate de valores perdidos que ameaçam a existência da família tradicional patriarcal constituída apenas dos gêneros masculino e feminino.

Assim, o ponto central dessa reação foca nas questões morais, sexuais e reprodutivas, em uma ação de repressão e regulação da identidade e do desejo alheio (LACERDA, 2019, p.39). Não só regulação do desejo, mas também questionamento a identidade de gênero. Pessoas que não se encaixam no modelo hétero-cis-patriarcal estão sujeitas a preconceitos e violências. O discurso da ideologia de gênero oferece uma racionalidade que se traduz em práticas que ameaçam concretamente o livre viver dos corpos, com violência simbólica e violência física.

1.6 Lutas Culturais no Brasil

Jair Bolsonaro demonstrou comportamentos homofóbicos, racistas e misóginos bem antes da sua candidatura à Presidência da República. À exemplo, cabe recordar que seria incapaz de amar um filho gay e disse preferir um filho morto em um acidente caso este fosse homossexual[46]. Seu entendimento de que não existe gênero socialmente construído, apenas sexos determinados pela natureza é igual ao de Scala (2011), Laje e Marquez (2016) e Carvalho (1994). Jair Bolsonaro manifesta o desejo que "Joãozinho seja Joãozinho a vida toda e Mariazinha seja Maria a vida toda" já que seu modelo patriarcal de família é composto apenas de "homem, mulher e filho"[47].

Após ser interrompido numa fala em que defendia redução da maioridade penal, no ano de 2003, Bolsonaro disse a deputada Maria do Rosário (PT) na Câmara, "eu jamais ia estuprar você porque você não merece. Você é feia"[48]. Em 2014, argumentou que as mulheres devem receber salário menor que homens exercendo a mesma função porque engravidam[49].

---

[46] TERRA BRASIL. **Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual"**. 2011. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html > (Acesso em: 04/07/2023).

[47] PORTILHO, Ananda. **Bolsonaro adota fala homofóbica e defende que 'Joãozinho seja Joãozinho a vida toda'.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/bolsonaro-adota-fala-homofobica-e-defende-que-joaozinho-seja-joaozinho-a-vida-toda.shtml> (Acesso em: 04/07/2023).

[48] FOLHA DE S. PAULO. **Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 04/07/2023).

[49] LIMA, Vanessa. Revista Crescer. **Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida**. 2015. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html> (Acesso em: 05/07/2023).

Durante palestra no Clube Hebraica, abril de 2017, ao reclamar que os quilombolas sobrevivem de recursos oriundos de impostos, sem trabalhar, registrou: "Fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriadores servem mais. Mais de R$ 1 bilhão por ano é gastado com eles" (sic).

Jair Bolsonaro nunca escondeu seu desprezo[50] por minorias em geral. "As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar"[51], explicou ao se defender de críticas de homofobia e transfobia. "Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas"[52], disse Bolsonaro ao associar homossexuais com drogas. "Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta"[53], revela Bolsonaro.

Para Mouffe (2015, p.74), os antagonismo políticos atualmente ocorrem na esfera moral. As guerras culturais alimentadas por Bolsonaro potencializam antagonismos que vem sendo manifestados em condições morais. A escolha pelo certo ou errado na esfera da moralidade impedem que antagonismos assumam uma forma agonística. Se há percepção construída politicamente ou real de que "eles" pertencem ao mal e questionam e ameaçam a identidade de "nós", o debate agonístico é impossível: é preciso exterminá-los (MOUFFE, 2015, p.75). Isso inclui o comunismo disseminado por artistas e outras frentes culturais consideradas de esquerda.

---

[50] REVISTA ISTO É. **Frases de Bolsonaro o candidato que despreza as minorias**. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/> (Acesso em:05/07/2023).

[51] ANDRADE, Hanrrikson. **Bolsonaro defende falas transfóbicas e diz que "minorias tem que se adequar".** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm> (Acesso em: 05/07/2023).

[52] DELGADO, Maria M. **"Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas"**. 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html> (Acesso em: 07/07/2023).

[53] O ESTADO DE MINAS. **Bolsonaro: 'Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta'**. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/30/interna_politica,1318523/bolsonaro-ninguem-gosta-de-homossexual-a-gente-suporta.shtml> (Acesso em: 09/07/2023).

Bolsonaro extinguiu o Ministério da Cultura (MinC) em seu governo[54], o que resultou na asfixia da cultura no Brasil. Com a extinção, foi criada a Secretaria da Cultura que a princípio ficou alocada no Ministério da Cidadania para depois ser transferida para dentro do Ministério do Turismo[55]. A Lei Rouanet foi criada em 1991 dentro do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) com finalidade de artistas, produtores culturais e instituições de buscarem investimentos privados no financiamento de iniciativas culturais com abatimento posterior do valor investido no Imposto de Renda. No início do governo Bolsonaro, a legislação passou a se chamar Lei de Incentivo à Cultura com corte de R$ 60 milhões para apenas R$ 1 milhão por projeto no limite na captação de recursos[56]. A ideia de Bolsonaro era contemplar artistas menores em detrimento de grande artistas.

> Estamos mexendo na Lei Rouanet. Nós queremos a Lei Rouanet para atender aquele artista que está começando a carreira e não para figurões ou figuronas como a querida Ivete Sangalo, disse o Presidente, que também alfinetou o ator José de Abreu. "Eles estão chateados, porque acabou aquela teta deles gorda de pegar até R$ 10 milhões por ano da Lei Rouanet e defender o Presidente de plantão. Eu não quero que me defenda, eu quero que fale a verdade a meu respeito (Presidente Jair Bolsonaro)[57].

A intenção de Jair Bolsonaro é mostrar que grandes artistas opositores de seu governo demonstram insatisfação porque perderam benefícios oferecidos pelos amigos dentro do Estado com os governos petistas e também rotular de comunistas todos esses artistas que deformam a cultura nacional. Esse pensamento já estava presente na revolução cultural proposta por Olavo de Carvalho em 1994. “Os intelectuais e artistas clamam contra as injustiças enquanto levam vida de príncipes às expensas do erário público”. (CARVALHO, 1994, p.12). Para Hunter (1991, p.249), a batalha em relação as

---

[54] FERNANDES, Talita. MARQUES, José. 2018. **Bolsonaro extingue Cultura e Esportes e deixa ministérios de Mulheres e Direitos Humanos para depois.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-extingue-cultura-e-esportes-e-deixa-ministerios-de-mulheres-e-direitos-humanos-para-depois.shtml> (Acesso em: 09/07/2023).

[55] SORANO, Vitor. **Bolsonaro transfere Secretaria de Cultura para Ministério do Turismo.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/07/bolsonaro-transfere-secretaria-de-cultura-para-ministerio-do-turismo.ghtml> (Acesso em: 10/07/2023).

[56] G1. **Relembre a polêmica criada pelo governo e por bolsonaristas sobre a Lei Rouanet**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/03/relembre-a-polemica-criada-pelo-governo-e-por-bolsonaristas-sobre-a-lei-rouanet.ghtml> (Acesso em: 10/07/2023).

[57] SBT NEWS. **Bolsonaro: Lei Rouanet deve atender artistas iniciantes, não figurões.** 2022. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/governo/192483-bolsonaro-lei-rouanet-deve-atender-artistas-iniciantes-nao-figuroes> (Acesso em: 10/07/2023).

artes sempre envolve tensões que devem estender por muito tempo ainda as guerras culturais.

A racionalidade e prática do bolsolavismo contra a cultura ganhou apoio popular com respostas prontas originadas na circulação das teorias da conspiração e simplificações. Um dos entrevistados para esta tese explicou a partir de desinformações checadas como a Lei Rouanet beneficiava os artistas comunistas contatados pela Rede Globo que seriam ligados ao PT, assunto que surgiu mesmo sem pertencer ao roteiro de perguntas nas entrevistas em profundidade.

Existe muita desinformação e *fake news* verificadas por agências de checagem contra a Lei Rouanet presentes em breves pesquisas nos buscadores na internet. A exemplo da desinformação de que famosos como Anitta, Luan Santana, Daniela Mercury, Camila Pitanga, Bruna Marquezine receberam R$ 15 bilhões via Lei Rouanet, recursos que foram desviados do orçamento dos Ministérios da Saúde e da Educação[58]. Ao apontar que artistas estariam sendo privilegiados com dinheiro público, Olavo de Carvalho e Bolsonaro promovem mais uma batalha na arena das guerras culturais ressaltando como uma elite de esquerda se vale do Estado contra recursos desviados do povo. Assim, é preciso lutar contra esse sistema dominado por comunistas com um posicionamento *antiestablishment* que coloque em disputa outro projeto de cultura em busca da hegemonia.

Ministros de Jair Bolsonaro indicados por Olavo de Carvalho expressaram abertamente a luta contra o comunismo. O Ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, que esteve no cargo entre janeiro de 2019 e abril de 2019, enalteceu a família, a igreja e afirmou que o MEC iria combater o marxismo cultural[59]. O Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, afirmou que o Itamaraty ia se libertar do marxismo

[58] MACÁRIO, Carol. **É falso que famosos usaram Lei Rouanet para 'torrar' R$ 15 bilhões do orçamento da Saúde e da Educação**. 2021. Disponível: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/01/27/verificamos-lei-rouanet-15-bilhoes-saude-educacao> (Acesso em: 12/07/2023).

[59] SALDAÑA, Paulo. **Vélez exalta igreja e família e diz que MEC vai combater marxismo cultural.** 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-exalta-igreja-e-familia-e-diz-que-mec-vai-combater-marxismo-cultural.shtml> (Acesso em: 12/07/2023).

cultural[60] combatendo o alarmismo climático. Ambos Ministros foram alunos de Olavo de Carvalho.

As lutas culturais na guerra ideológica estão presentes no Brasil em alguns exemplos: Fim do Ministério da Cultura (ataques a Lei Rouanet); Politicamente Correto (discursos de ódio): Ataque ao feminismo – (Feminazi); Ideologia de Gênero – "Ditadura Gayzista", azul versus rosa; Escola sem Partido; Mamadeira de Piroca (Kit Gay); a censura a uma publicação com dois homens se beijando pelo Prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, na Bienal do Livro; Performance com Nu no Museu Arte Moderna | Mostra QueerMuseu; desfiles no carnaval do Rio de Janeiro com os sambas enredos da Mangueira 2019 e do Paraíso do Tuiuti 2018; exposição de charges com críticas ao governo Bolsonaro; Filme Bruna Surfistinha – Ancine; recolhimento de apostilas sobre diversidade sexual do Ensino Fundamental pelo Governador de São Paulo, João Doria; Parada Gay – golden shower; MC Reaça – Funk do Bolsonaro.

O modo de pensar com as lentes ideológicas do marxismo cultural, politicamente correto e ideologia de gênero se encaixam perfeitamente a uma luta do bem contra o mal, em uma reação moral que encontra abrigo no fundamentalismo político e lugar em um posicionamento *establishment* que desafia o *establishment*. É ainda, a vontade de um recuo, de um retrocesso. Essa busca pelo retorno a um passado em que a atuação dos grupos subalternos não provocava danos nas estruturas de dominação que mantinham, a família tradicional resvala e entra em um pensamento reacionário típico do desejo de girar a roda da história para trás e é amparado no discurso *antiestablishment* do bolsonarismo.

[60] REVISTA EXAME. **Futuro chanceler diz que vai libertar o Itamaraty do "marxismo cultural"**. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/futuro-chanceler-diz-que-vai-libertar-o-itamaraty-do-marxismo-cultural/> (Acesso em: 12/07/2023).

CAPÍTULO 2. BOLSONARO E O BOLSONARISMO NA LUTA *ANTIESTABLISHMENT*

Jair Bolsonaro rompeu o duopólio eleitoral de 24 anos de duelos entre PT e PSDB. No debate social, muitos não acreditavam na possibilidade de vitória do ex-capitão do exército que atuou como Deputado Federal por mais de duas décadas, mas pesquisa em outubro de 2017[61], um ano antes da eleição presidencial, mostrava Bolsonaro atrás apenas de Lula, marcando 17% ante 35% do petista, o que já revelava derretimento eleitoral do PSDB e declínio da direita democrática. Com a prisão de Lula, em abril de 2018[62], Bolsonaro assumiu a liderança nos levantamentos eleitorais e venceu o primeiro turno das eleições.

Candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro recebeu no segundo turno 57.797.847 votos (55,13%) ante 47.040.906 votos ou (44,87%) obtidos por Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores. O êxito eleitoral superou obstáculos observados por cientistas políticos, afinal, concorreu por um partido pequeno, sem apoio formal de nenhuma sigla média ou grande, o que resultou em pouco tempo de horário eleitoral gratuito e poucos recursos financeiros (NICOLAU, 2020, p.20,21).

A campanha de Jair Bolsonaro gastou R$ 1,2 milhão no primeiro turno da eleição, menos que a média do gasto de um Deputado Federal que gira em torno de R$ 2,5 milhões. No segundo turno, foram gastos R$ 4,4 milhões (NICOLAU, 2020, p.25). Haddad, candidato do PT, gastou R$ 39 milhões, 20 vezes a mais que Bolsonaro.

Contudo, ao menos dois pontos que ocorreram em outras eleições presidenciais desde a redemocratização foram verificados: quadro político que está à frente nas pesquisas sai vencedor das eleições; candidato que passa em primeiro lugar ao segundo turno obtém a vitória nas eleições (NICOLAU, 2020, p.30).

Jair Bolsonaro (PSL) teve 2 blocos diários de 8 segundos cada, mais 11 inserções ao longo do primeiro turno. Geraldo Alckmin, candidato tucano, teve 2 blocos diários de 5 minutos e 32 segundos cada, mais 434 inserções. Fernando Haddad, candidato petista,

---

[61] FOLHA DE S. PAULO. **Lula lidera disputa presidencial; sem ele, Marina e Bolsonaro ficam à frente**. 2017. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2017/10/1923631-lula-lidera-disputa-presidencial-sem-ele-marina-e-bolsonaro-ficam-a-frente.shtml> (Acesso em: 20/07/2023).

[62] G1. **Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml> (Acesso em: 20/07/2023).

teve 2 blocos diários de 2 minutos e 23 segundos cada, mais 188 inserções. A expectativa que havia entre os cientistas políticos era a de que o pleito do executivo nacional de 2018 repetisse a polarização PT x PSDB, ocorrida desde 1994. Com tempo de sobra para a comunicação, esperava-se que Alckmin decolasse e ultrapassasse Bolsonaro, o que não ocorreu em nenhum momento durante a campanha.

Diversos fatores foram preponderantes para essa estabilidade. A cobertura midiática do ataque a faca em Jair Bolsonaro num ato na cidade de Juiz de Fora, em setembro de 2018, um mês antes das eleições, elevou a exposição do candidato. A facada foi decisiva para ajudar a tornar Bolsonaro conhecido em nível nacional, o que não significa que fosse condição suficiente pra ser votado (NICOLAU, 2020, p.31, p.32), isto é, diante de inúmeras motivações ao voto, não é possível mensurar quanto a exibição midiática de sua condição de vítima de uma facada durante a campanha eleitoral foi preponderante para sua vitória.

Nas eleições 2018, Jair Bolsonaro apresentou-se como candidato antipetista na luta para resgatar valores tradicionais e costumes da família brasileira; o retorno do protagonismo das Forças Armadas no exercício da política e o protagonismo de Deus nas decisões dos homens. Sua candidatura se valeu do discurso anti-corrupção em alta naquele momento devido a Operação Lava Jato e do descrédito de agentes sociais das instituições do campo político, do campo da mídia, do campo judiciário, para assim, potencializar o sentimento de inquietação com um discurso *antiestablishment*.

Discurso *antiestablishment* de Jair Bolsonaro não é isolado no mundo e encontra conexões internacionais. O projeto bolsonarista tem correspondência com outras experiências *antiestablishment* de extrema direita pelo mundo, o que chama atenção pelo diálogo além das fronteiras que se posiciona contra o que chamam de globalismos.

2.1 Internacionalização do discurso da extrema direita

Jair Bolsonaro não conseguiu viabilizar a criação do seu partido próprio "Aliança pelo Brasil" para seu projeto de degradação democrática, ao contrário de outros líderes de extrema direita pelo mundo, como Viktor Orbán com o Fidesz, Santiago Abascal com o Vox, na Espanha, ou André Ventura com o "Chega" em Portugal. Essas lideranças de extrema direita, contudo, estão dialogando entre si e trocando experiências. Jair

Bolsonaro em visita a Hungria, chamou Viktor Orbán de "meu irmão"[63] e destacou valores em comum como "Deus, pátria, família, liberdade".

Discursos radicais apresentados como moderados e vistos como transparentes são potentes instrumentos de sedução e engajamento. Declarações contundentes contra estrangeiros ou homossexuais que uma década antes eram repudiados pela opinião pública começaram a ser chamados de "politicamente incorretos" e passaram a retornar ao debate social com apoio intelectual e direcionamento de lideranças. Se o discurso considerado preconceituoso ou xenófobo era isolado ou ressaltado em tom de aviso pela imprensa, agora pode impulsionar o capital simbólico de lideranças com ideias extremas.

André Ventura, líder do "Chega" ficou conhecido como comentarista de segurança em programas de televisão defendendo leis duras e prisão perpétua. Ganhou notoriedade explodindo nas redes sociais ao culpar ciganos por uma onda de crimes e por acusá-los de receber benefícios indevidos do Estado, assunto que nenhum político tinha coragem para abordar e que lhe deu reconhecimento nacional e capital político para fundar o próprio partido.

Santiago Abascal saiu do PP na Espanha porque o achava muito moderado e junto a dissidentes criou o Vox, que deixou de ser partido nanico ao defender a unidade da Espanha quando o Parlamento da Catalunha decretou a independência do país. Essa reação tornou o Vox hoje a terceira força eleitoral na Espanha com pautas antiaborto, contra o casamento de homossexuais, contra o marxismo cultural, demonstrando grande afinidade com a família Bolsonaro.

O líder do Vox esteve no Brasil no Congresso Brasil Profundo, do Instituto Conservador-Liberal criado por Eduardo Bolsonaro e visitou Jair Bolsonaro no Palácio da Alvorada onde conversaram e pousaram para foto de divulgação. O Vox tem um projeto de internacionalização na Fundação Dissenso[64] que se aliou ao bolsonarismo contra o Foro de São Paulo[65]. No site da Fundação Dissenso, há um documentário sobre

---

[63] G1 – **Bolsonaro chama Orbán de irmão e destaca afinidade nos costumes: 'Deus, pátria, família'.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/17/bolsonaro-e-orban-assinam-acordos-em-budapeste.ghtml> (Acesso em: 06/02/2023).

[64] FUNDAÇÃO DISSENSO. Ver mais em: <https://fundaciondisenso.org/> (acesso em: 12/06/2023).

[65] O Foro de São Paulo é uma organização que reúne partidos de esquerda na América Latina, criado a partir de uma convocatória dos ex-presidentes Lula e Fidel Castro a partidos, em julho de 1990. O Foro de SP possui atualmente 123 partidos membros em 27 países que se reúnem em um Encontro Anual, e um Grupo de Trabalho composto por representações de 16 países que se reúne periodicamente. Os objetivos

o Foro de São Paulo, com entrevistados da América Latina, como Eduardo Bolsonaro, que explica a revolução cultural promovida pelas esquerdas através das estratégias gramscianas expressadas na doutrinação do marxismo cultural[66].

A Fundação criou um equivalente do Foro de SP, chamado Foro de Madrid, aproximando conservadores europeus com homólogos da América Latina. Na primeira reunião do grupo, foi redigida a "Carta de Madri"[67], que aponta que é necessário combater as tentativas de implantação de regime totalitário de inspiração comunista pelas esquerdas. Por isso, é necessário defender as liberdades, Estado de Direito, propriedade privada em nome da democracia.

Um dos signatários da carta de Madri é Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, que se tornou representante da Fundação Dissenso na América Latina. Eduardo Bolsonaro se tornou próximo de Santiago Abascal depois de ter recebido a liderança espanhola no Brasil. Nome forte que ajuda a unir as extremas direitas pelo mundo, como já mencionado anteriormente, é Steve Bannon.

Aproximação do bolsonarismo com Steve Bannon se dá muito pela afinidade nas concepções de mundo, uma vez que Bannon acredita que a mídia não informa, que os cientistas não fazem ciência, que as universidades não ensinam e gabinetes não compreendem a política. Para ele, "trata-se de um mundo de simulações" (TEITELBAUM, 2020, p.75). Daí a convergência de ideias *antiestablishment* entre Bannon, Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro.

As relações de Steve Bannon com Olavo de Carvalho e a família Bolsonaro são conhecidas. Steve Bannon compartilha das ideias de Olavo de Carvalho e o classificava com um "pensador seminal" (EMPOLI, 2020, p.38). Eduardo Bolsonaro foi escolhido

do Foro de SP são: 1) Avançar com propostas de unidade de ação consensuais na luta anti-imperialista e popular. 2) Promover intercâmbios especializados em torno dos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais. 3) Definir as bases de um novo conceito de unidade e integração continental. Ver mais em: <https://forodesaopaulo.org/> (Acesso em: 14/08/2023).

[66] LIMA, João G. **Bolsonaro quer aderir internacional da ultradireita**. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-quer-aderir-internacional-da-ultradireita/> (Acesso em: 08/02/2023).

[67] FUNDAÇÃO DISSENSO. **Carta de Madrid**. Ver mais em: https://fundaciondisenso.org/carta-de-madrid/ (acesso em: 16/08/2023).

por Bannon para liderar o The Movement na América Latina[68]. Ambos se conheceram na ocasião das eleições de 2018 e a relação[69] ganhou proximidade com a chegada de Bolsonaro ao poder, como já destacado. Dessa maneira, Eduardo Bolsonaro se tornou um embaixador do conservadorismo informal e se posiciona no tabuleiro político internacional dialogando com lideranças conservadoras pelo mundo, a exemplo de Steve Bannon. O fato de não ter um partido não prejudica o bolsonarismo nestas trocas de experiências, tampouco afasta eleitores, uma vez que Jair Bolsonaro tem um partido digital como observa Marcos Nobre.

2.2 Partido digital

Vivemos uma "democracia do digital" como bem observou Nobre (2022, p.81). A partir de uma leitura de Bernard Manin, Marcos Nobre traz a ideia de democracia de público e, com base em Paolo Gerbaudo, conceitua o partido digital à brasileira. Manin aponta que com o advento dos partidos políticos de massa, ocorreu no século XX a passagem da "democracia de partidos" para a "democracia do público", e assim as escolhas eleitorais antes compreendidas pelas fragmentações de classe se alteraram para uma personalização do voto.

A principal mudança percebida por Manin está na captura dos partidos políticos por um líder pelas novas técnicas de comunicação como rádio e televisão. Na democracia do público, o líder cria um espaço discursivo em que fixa temas para sua campanha ao levantar bandeiras que são identificadas posteriormente pelos eleitores. Jair Bolsonaro soube abrir cada vez mais esse flanco com as guerras culturais.

Nobre (2022) percebe que com as plataformas e as redes sociais, a personalização da democracia de público se intensifica e facilita a criação de "partidos digitais". O autor nota a abertura do *gatekeeper* em meio a coincidências das crises da democracia e crise da mídia tradicional com a ascendência das redes sociais (NOBRE, 2022, p.91). *Gatekeepers* nos períodos democráticos são os "guardiões dos portões" do mundo social, a exemplo da elite partidária que escolhe quem irá concorrer em uma disputa eleitoral;

---

[68] G1. **Eduardo Bolsonaro se declarou líder latino do movimento conservador comandado por Bannon.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/bannon-ex-estrategista-de-trump-que-foi-preso-mantinha-contato-com-os-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 08/02/2023).

[69] MARCHESINI, Lucas. **A história de Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon em tweets.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/a-historia-de-eduardo-bolsonaro-e-steve-bannon-em-tweets> (Acesso em: 08/02/2023).

como a imprensa que decide a agenda do que será notícia; ou qual fonte vai compor a matéria, ou no caso da TV, que imagens irão aparecer.

Com a abertura dos *gatekeepers* pelas redes sociais e confiança depositada na intermediação feita pelos algoritmos, qualquer pessoa pode entender o que é relevante para si, ao passo que isto era uma ação restrita de editores de jornais (PARISER, 2012, p.62). Assim, conteúdos selecionados em jornais, rádios e TVs passaram a concorrer com materiais diversos feitos por qualquer pessoa, acontecimento que foi bem canalizado por lideranças populistas (CESARINO, 2020, p.101) no estímulo a ideia de que intermediários a exemplo de instituições e especialistas são danosos e por isso não são necessários já que é possível uma relação direta entre a liderança e o povo (CESARINO, 2020, p.106).

Redes sociais danificaram esses *gatekeepers* que ao se enfraquecerem abriram brechas para novas maneiras de comunicação e ação política. Não quer dizer que os agentes dominantes nesses campos tenham deixado o controle nos jogos sociais, afinal, essa influência na democracia ainda que deteriorada com redução do capital social permanece atuante. Ocorre que a possibilidade de construir uma maneira personalizada de comunicação com o público contorna os *gatekeepers* (FISHER, 2022, p.328), como fizeram Donald Trump e Jair Bolsonaro, e pode deteriorar as democracias.

Jair Bolsonaro contornou os *gatekeepers* estabelecidos na democracia brasileira e seu êxito está ligado ao uso das redes sociais, pois sua comunicação conseguiu penetrar as brechas do tecido social (NOBRE, 2022, p.157) como nas *lives* que eram transmitidas todas as quintas feiras, promovendo sua agenda política e atacando a agenda da mídia, que por muitas vezes era pautada pela agenda bolsonarista ao repercutir falas do Presidente em nome do interesse público. Deslocar o *gatekeeper* e encontrar o caminho digital gera um atalho informacional baseado apenas na visão de mundo de Jair Bolsonaro.

Propaganda bolsonarista nas redes sociais levou o conteúdo diretamente ao público e, nesse sentido, as emoções negativas auxiliam na retroalimentação das bolhas, pois esses afetos trazem maior participação, o que ajuda na circulação de desinformação e teorias da conspiração (EMPOLI, 2020, p.20). Chats, fóruns, e redes sociais como o Orkut, no início dos anos 2000, beneficiaram muito a reunião de pessoas que se identificaram como conservadores e formaram as novas direitas brasileiras. Rocha C.

(2021, p.17) ressalta a novidade das direitas em comparação com as direitas que atuavam no período da redemocratização em 1988. Bolsonarismo só se solidifica por conta dessas novas direitas (ROCHA C., 2021, p.9), pela racionalidade olavista e pela liderança de Jair Bolsonaro.

O celular aparece como mais um meio para contornar os *gatekeepers* e receber propaganda direcionada. Carregar um aparelho celular traz todas as respostas do mundo com a "verdade nos bolsos" e satisfaz demandas e desejos de consumo imediatamente (EMPOLI, 2020, p.74). Celular como instrumento de alcance da verdade é um meio de comunicação efetivo e une os agentes sociais que tomaram a "*red pill"* para enxergar somente a verdade que o *establishment* oculta.

Como lembra Stefanoni (2022, p.162), no filme Matrix, de 1999, o personagem protagonista é obrigado a escolher entre tomar uma pílula azul (que mantém o acesso a um mundo falso que escraviza) ou ingerir a pílula vermelha (que garante uma visão de mundo para fora da Matrix, isto é, que possibilita a verdade do mundo real). No fórum do *4chan*, onde se pode postar anonimamente, as *red pills* são princípios de autoridade na argumentação de quem acredita deter o monopólio da verdade (STEFANONI, 2022, p.66). A *red pill* é um termo muito comum entre as direitas *antiestablishment*, como aponta Stefanoni (2022):

> Muitas dessas direitas se difundem como subculturas online e se autorrepresentam como cristãos que vivem, e realizam seu culto, nas cavernas, em virtude do acosso que sofreriam ao expressar suas ideias em um mundo controlado pela "polícia do pensamento" progressista, presente nos meios de comunicação, nas escolas e nas universidades, passando pelas organizações multilaterais e pela maior parte dos governos. Muitos dos seus seguidores creem ter tomado a *red pill* (a pílula vermelha de Matrix) que lhes garante seguir sendo livres em meio a uma ditadura do "politicamente correto", na qual já não se pode dizer nada sem ser prontamente condenado à fogueira (STEFANONI, 2022, p.19, aspas do autor).

Muitos usuários das redes sociais acreditam que tomaram a *red pill* e são críticos ao *establishment* por deter essa verdade. Bolsonaristas ainda acreditam que estão a apenas um post, comentário ou compartilhamento do smartphone da liderança que também tomou a *red pill*. Jair Bolsonaro incentiva essa expectativa com mensagens no Twitter (atual X) ou Facebook em que explicita que resolveu algum ato oficial depois de ouvir solicitações de apoiadores nas redes sociais (CESARINO, 2020, p.106).

Redes sociais não acabaram com a dominância da elite que controla os *gatekeepers*, embora tenha colocado a hegemonia conquistada por ela em disputa, onde

uma das guerras travadas é digital, antes de assumir às ruas. Algoritmos[70] começaram a funcionar como *gatekeepers*, determinando o que será consumido (FISHER, 2022, 328), e por isso as redes sociais e outras plataformas são os atuais *gatekeepers* (RAMOS, 2017, p. 81).

Assim, a informação que circula é determinada pelo algoritmo e com essa dinâmica ocorre a formação de bolhas (RAMOS, 2017, p. 80). O algoritmo fornece direcionamento para a informação com "enquadramento de sentido" (RAMOS, 2017, p.80), que no caso do bolsonarismo direciona desinformação, dando sentido a circulação de conteúdo semelhante por pares no filtro das bolhas.

Filtros bolha são mecanismos que constroem um universo de informações exclusivo para cada pessoa e que muda profundamente a maneira como recebemos informações e formamos nossas opiniões (PARISER, 2012, p.14). Códigos presentes nesses filtros captam e examinam o que gostamos em nossos percursos virtuais para depois, em função de mecanismos de previsão, refinar o que vemos nesses ambientes em experiências personalizadas nas redes (PARISER, 2012, p.14).

Um dos aspectos negativos da personalização é o estímulo a comportamentos passivos, já que quanto mais conteúdo personalizado atinge as pessoas, mais elas não necessitam explorar versões distintas (PARISER, 2012, p.95). A personalização divide um mundo social manipulado por algoritmos, fragmentados e hostis ao diálogo democrático (PARISER, 2012, p.147).

O grupo político de Jair Bolsonaro compreendeu como a formação de bolhas poderia beneficiar a circulação da sua mensagem, já que nos filtros das bolhas pode-se produzir desordem informacional para depois oferecer um discurso de união típico da dinâmica populista que sustenta a promessa de trazer ordem a desordem (CESARINO, 2020, p.107), num ciclo infindável de repetição do próprio universo bolsonarista.

Fundamentado em nossas crenças preexistentes dentro de um funil virtual, somos capturados para dentro de bolhas, sem isso ter sido uma escolha, e nossas experiências de personalização nos encaminham a um determinismo informativo na qual se forma um

[70] Ramos (2017), com base em Gillispie (2013), define os algoritmos como "estruturas codificadas para a transformação de *input* de dados num desejável *output*, baseadas em cálculos específicos" (RAMOS, 2017, p.78).

cenário em que tudo que é clicado anteriormente determina o que será visto posteriormente num movimento repetitivo. Assim, nos tornamos "uma repetição infindável de nós mesmos" (PARISER, 2012, p.20) e nosso comportamento se tornou uma "mercadoria" (PARISER, 2012, p.45) na economia de dados do capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2021).

A bolha filtro muda radicalmente o mundo social definindo o que vemos ou não, mexendo com subjetividades (PARISER, 2012, p.76) e criando ambiente perfeito para a proliferação da retórica do ódio e extremismos. Pariser (2012) explica o processo do efeito do filtro bolha:

> Quando ligamos o canal Fox News ou lemos o jornal The Nation, estamos fazendo uma escolha sobre o tipo de filtro que usamos para tentar entender o mundo. É um processo ativo: nós conseguimos perceber de que modo as inclinações dos editores moldam a nossa percepção, como quando usamos óculos com lentes coloridas. Mas não fazemos esse tipo de escolha quando usamos filtros personalizados. Eles vêm até nós – e, por serem a base dos lucros dos sites que os utilizam, será cada vez mais difícil evitá-los (PARISER, 2012, p.15).

Nosso uso de dados que se transformam em informações modulam nossa concepção de mundo, ao passo que os usuários modelam o algoritmo com seu engajamento no mundo digital (RAMOS, 2017, p.78). Ramos (2017, p.80), a partir de Arruda (2016), ressalta que o ecossistema online forma territórios com códigos próprios que se separa de um meio cultural mais amplo, transformando subjetividades coletivas em subjetividades coletivas especializadas, reforçando elos entre os indivíduos interessados nos mesmos propósitos.

A lógica algorítimica facilita muito o fundamentalismo político de Jair Bolsonaro. Subjetividades coletivas do bolsonarismo enclausuradas nos filtros bolhas consomem a verdade ditada por Jair Bolsonaro que se reproduz rapidamente pelo viés de confirmação das pessoas, que é uma forma de conservação da subjetividade para proteger esquemas de percepção do mundo de deterioração (PARISER, 2012, p.81) e qualquer ruído que atrapalhe a verdade alcançada através de Bolsonaro ativa a "dissonância cognitiva coletiva". A bolha filtro amplia a chance de sucesso do viés de confirmação (PARISER, 2012, p.81) e não funciona para alcançar diversidade, ao contrário, perde-se a ligação com a "diferença" (PARISER, 2012, p.93).

Viés da confirmação em relação a outras pessoas com as mesmas crenças num espaço digital restrito leva ao isolamento da diferença no mundo social. Dessa forma, os

indivíduos entram em contato somente com informações opiniões que reforçam a posição do grupo (RECUERO, et al 2021, p.4). O ambiente propiciado pelo filtro bolha, portanto, se torna uma câmara de eco. Recuero et al (2021), a partir de Sunstein, explicam que grupos na política podem compor câmaras de eco em contextos específicos. Indivíduos com posicionamentos semelhantes se isolam do resto da sociedade e possuem acesso somente a opiniões e informações que reforçam o posicionamento do grupo (RECUERO et al, 2021, p.4), levando ao viés da confirmação.

Já o conceito de dissonância cognitiva foi cunhado por Leon Festinger em "Uma teoria da dissonância cognitiva" (ROCHA, 2023, p.88). A dissonância cognitiva ocorre quando se percebe em si um incômodo na distância entre crenças e comportamentos (ROCHA, 2023, p.86). Dessa maneira, os agentes sociais buscam diminuir a dissonância e para isso buscam harmonia, rejeitando contextos que possam expandir essa dissonância (ROCHA J., 2021, p.348).

O filtro bolha que favorece as câmaras de eco bolsonaristas afasta informações conflitantes com a dissonância cognitiva. A dissonância cognitiva é ativada no momento em que qualquer coisa abale o sistema de crenças bolsolavista, funcionando como mecanismo de defesa (ROCHA J., 2021, p.72) das crenças internalizadas, resistindo ao princípio de realidade (ROCHA J., 2023, p.54).

A dissonância cognitiva move o bolsonarismo (ROCHA J., 2021, p.348) e mantém ativo e em sintonia de ideias o partido digital de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, a dissonância cognitiva pode abastecer a retórica do ódio baseada em desinformação e teorias da conspiração (ROCHA, 2023, p.89). A dissonância cognitiva coletiva constitui o partido digital de Jair Bolsonaro.

Diante de uma "midiosfera extremista" que produz e circula desinformação, o fenômeno da dissonância alcançou outro patamar e se transformou em dissonância cognitiva coletiva (ROCHA, 2023, p.89). "No universo das redes sociais, além de evitar informações que produzam dissonância, as massas digitais buscam a confirmação de suas crenças no grande supermercado contemporâneo de fatos alternativos, notícias falsas e teorias insensatas" (ROCHA J., 2021, 348).

Lideranças e estrategistas das extremas direitas perceberam precocemente que a lógica algorítimica poderia ser útil na estratégia de expansão de suas ideias nas redes. Empoli (2020) chama esses líderes de "engenheiros do caos". Mensagens falsas ou com

tons conspiratórios, baseadas em um discurso de medo, que pregam emergência, alertando para o mal presente em algum inimigo, são estimuladas nas redes pelos engenheiros do caos para afastar e bloquear ou incentivar e cultivar afetos de medo que atingem indivíduos (EMPOLI, 2020, p.20).

Empoli (2020, p.158), a partir da matemática que trabalha com algoritmos Cathy O'Neil, enfatizou como ela notou que Donald Trump durante o período eleitoral de 2016 nos Estados Unidos disparava diversas mensagens, muitas com desinformação, para depois modificá-las de acordo com a reação do público, o que tornou Trump um "algoritmo de carne e osso" (EMPOLI, 2020, p.158).

Jair Bolsonaro também age e recua para moldar e estimular comportamentos nas redes. Esse incentivo ao fechamento nas bolhas sob o fundamentalismo político de Jair Bolsonaro concentra a retórica de ódio e a normaliza diante da observação que o usuário faz da circulação daquela mensagem por diversos canais e outros usuários.

Em frente a este mundo social algorítmico que derrubou o *gatekeeper* da mídia tradicional e que conduz a personalização dos filtros bolhas, reduzindo a possibilidade de diálogo com o diferente, a principal característica do partido digital de Jair Bolsonaro é o modelo fechado no qual os bolsonaristas são filtrados em uma bolha no ambiente digital na qual se relacionam em torno do viés de confirmação e de câmaras de eco. A diferença não interessa ao partido digital bolsonarista, a não ser que seja para a identificação e combate do inimigo.

Na democracia digital em que se insere o partido digital de Jair Bolsonaro, tem valor o hiperengajamento (NOBRE, 2022, p.97) em que curtidas, comentários, compartilhamentos e, principalmente, a repercussão sobre determinadas agendas são incorporadas ao conflito entre múltiplas forças políticas. A desinformação se tornou um negócio lucrativo com o hiperengajamento. Exemplo ocorre com a alta adesão a canais no YouTube que em contrapartida são monetizados de acordo com o sucesso virtual.

Os chamados "Youtubers" são mais uma força política de destaque no debate social digital para entrar no filtro bolha e ressoar na câmara de eco bolsonarista. Youtubers de extrema direita souberam bem utilizar a plataforma para defender o bolsonarismo e alavancar desinformação, funcionando como intelectuais orgânicos no direcionamento dos bolsonaristas, como o canal "Barbara – Te Atualizei". Esses YouTubers são importantes para o funcionamento do partido digital de Jair Bolsonaro.

Nobre (2022), a partir de Gerbaudo, destaca que o partido digital se alimenta de dados, de um rápido crescimento mirando o hiperengajamento. Nessa democracia digital, a personalização da liderança de Jair Bolsonaro hackeia partidos existentes a fim de incluir sua base na internet e criar seu "partido digital", o que permite estímulos a uma mobilização permanente sem se institucionalizar, mas aproveitando-se de partidos institucionalizados (NOBRE, 2022, p.111) para concorrer ao poder político de Estado.

Jair Bolsonaro hackeou o Partido Social Liberal (PSL) no ano de 2018 e saiu do partido em novembro de 2019, retirando seu partido digital da sigla. Depois, hackeou o Partido Liberal (PL) com a concordância do líder da sigla, Valdemar da Costa Neto, que certamente esperou agregar capilaridade ao partido com o capital político de Bolsonaro junto a enorme base do partido digital que sustenta o crescimento da legenda.

Gerbaudo percebe que no comando do partido digital, surge um "hiperlíder" que se comunica diretamente com sua base, em um discurso que por não haver intermediários tem maior confiança do receptor, pois qualquer mediação é encarada com desconfiança, criando um tipo de relação que descontruiu intermediários como partidos políticos e mídias tradicionais (NOBRE, 2022, p.120), mas que precisa de renovação na sua adesão a fim de manter a superbase. "No caso de Trump ou de Bolsonaro, seus respectivos partidos digitais fazem uso das estruturas partidárias – e institucionais, de forma mais ampla – de maneira meramente utilitária, como meios de expansão das suas bases" (NOBRE, 2022, p.122).

Jair Bolsonaro construiu seu partido digital apoiado em desinformação e *fake news* como forma e com uma técnica discursiva de retórica do ódio no conteúdo. Com esses alicerces, implementa o fundamentalismo político ao trazer a teologia para a política. Nobre (2022) repara que há Partidos digitais que não se institucionalizam e entram em atrito com a institucionalidade, bem como existem partidos digitais que se institucionalizam, como o de Jair Bolsonaro, para romper a institucionalidade estabelecida (NOBRE, 2022, p.114). Em outras palavras, age-se por dentro do sistema para destruir o próprio sistema. Mas afinal, o que é esse sistema?

Se formos recorrer a um olhar para os componentes de um sistema, seja qual for, perceberemos modelos organicistas de funcionamento de suas partes interdependentes. David Easton no livro "O sistema político", lançado em 1953, explicitou o conceito de sistemas para a política. Desde então, a ideia de sistema e de antissistema adentraram o

senso comum na política. Uma crítica ao conceito de sistema consiste no modelo organicista que não prevê a contingência da política, como observa Bourdieu (2023):

> Existe toda uma corrente inspirada pela teoria dos sistemas para pensar o mundo social e que transfere ao mundo social o pensamento em termos da teoria dos sistemas correndo o perigo, do organicismo que está contido na teoria dos sistemas e em toda transferência de modos de pensamento inspirados, no sentido mais amplo, pela biologia (BOURDIEU, 2023, p.25).

Não se espera, por exemplo, que órgãos do sistema digestório no corpo humano funcionem diferentemente do que prevê os órgãos contidos nesse sistema. Na política, demandas são racionalizadas, porém estão a mercê de apetites, paixões, que revelam a incerteza da política. No momento em que Jair Bolsonaro é classificado de antissistema, o que é esse sistema que o Presidente ataca? Se a resposta for somente "as instituições", o olhar para o desmonte bolsonarista não leva em consideração particularidades importantes. Cada pequeno universo no mundo social possui relações de força que constituem atritos específicos. Ataques de Bolsonaro ocorrem nesses pequenos universos e não em uma totalidade compreendida como sistema.

2.3 Campo político

O conceito de "campo" de Pierre Bourdieu abre um rico leque de pensamento a fim de compreendermos onde se situa o partido digital de Bolsonaro, sua posição no espaço social, além de ser um conceito que permite acompanhar as diversas transformações sociais, ao contrário da ideia estática de sistema. Afinal, onde se encontra o partido digital de Jair Bolsonaro? O partido digital de Jair Bolsonaro conta com seguidores conectados em bolhas. Nos diversos grupos em redes sociais, ocorre uma grande troca entre esses seguidores.

De forma complementar a esta pesquisa, estivemos presentes como observadores em grupos bolsonaristas públicos e privados na rede social Facebook, afinal, é na internet que os bolsonaristas discutem política apaixonadamente, enclausurados em grupos nas redes sociais como uma assembleia permanente caótica sem organização do momento da fala, com restrições feitas por moderadores, em caso de destoarem o que é repetido na câmara de eco.

Adicione a estas discussões os grupos dos aplicativos Whatsapp e Telegram, e notaremos as muitas assembleias virtuais que criam e disseminam conteúdo desinformativo para acomodar a indignação contra os inimigos e o apoio a Jair Bolsonaro que compõe um corpo digital. Não existe coesão neste corpo, o que pode soar como um

oxímoro, mas essa base digital forma um corpo com inúmeros desejos, alguns deles em conflito, e assim, as falas de Jair Bolsonaro são complementadas por seguidores que formam seu corpo digital (CESARINO, 2022, p.265). Cesarino explica a reflexão trazida do "corpo do rei" elaborado por Ernst H. Kantorowicz:

> No contexto republicano, onde a fonte da soberania é secularizada de Deus para o povo, o corpo físico debilitado do candidato foi substituído por um *corpus politicum* formado por seus eleitores, que passaram a fazer a campanha no seu lugar. Os "marqueteiros do Jair" depois flutuaram enquanto "fiscais do Jair", "escudo do Jair", "exército do Jair" e, depois da posse, a "base parlamentar do Jair" – os próprios usuários incorporaram o mecanismo populista e passaram a (re)produzir seus padrões de linguagem digital (CESARINO, 2020, p.105, aspas da autora).

O corpo digital de Jair Bolsonaro segue à risca a verdade de seu fundamentalismo político e não tem problemas com mutações e transformações como troca de partido. O partido digital de Jair Bolsonaro só se localiza dentro do campo político quando hackeia uma sigla institucionalizada como aconteceu com PSL e com o PL. Antes do hackeamento, o partido digital de Jair Bolsonaro se inscreve nos variados pequenos universos do mundo social. Para compreender algumas das forças em conflito com protagonismo no campo político brasileiro, situaremos o político e o seu antagonismo intrínseco apresentados por Chantal Mouffe e colocaremos esses conceitos dentro do campo de forças apresentado por Pierre Bourdieu.

Como a tendência de todo campo de forças é a de conservação feita por agentes sociais dominantes, pode ocorrer um fechamento do campo como se fosse um sistema quando se efetivam barreiras a novos entrantes; quando se ataca o capital social de algum agente dominado para que não se transforme em um dominante; quando se estabilizam as fronteiras do campo (BORDIEU, 2023, p.29). Ainda assim, o campo se diferencia do sistema uma vez que suas estruturas podem sofrer alterações de acordo com a ação dos agentes sociais, ao passo que seu princípio de visão e divisão do mundo social se modifica em contato com essas mesmas estruturas.

Situaremos a noção de campo em vez de nos valermos do conceito de sistema e para se referir a uma posição antissistema, utilizaremos a expressão "*antiestablishment*", que é traduzida no senso comum como "antissistema", contudo, se trata de uma posição contra uma ordem estabelecida. Uma liderança política *antiestablishment* como Jair

Bolsonaro age para subverter a ordem estabelecida nos campos em razão de seu projeto e manter a posição que conquistou dentro do próprio campo político[71].

Os agentes sociais envolvidos nas lutas que se desenvolvem no campo político buscam impor sua visão de mundo social dentro das regras do jogo (BOURDIEU, 2001, p. 201). Atuando como Deputado Federal desde 1991, Bolsonaro sempre esteve no baixo clero, posicionado como dominado dentro do campo político. Apresentou 171 projetos de lei[72], de lei complementar, de decreto legislativo e propostas de emenda à Constituição (PECs) com aprovação de apenas dois projetos: um estendeu isenção de Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) em bens de informática e outro autorizava a utilização da fosfoetanolamina sintética, a chamada pílula do câncer. Sua primeira emenda caracterizava a impressão do voto nas urnas eletrônicas. Nas quatro vezes que tentou ser Presidente da Câmara dos Deputados[73], obteve menos de dez votos – em todas as ocasiões. Em fevereiro de 2005, concorreu e angariou dois votos; em outubro de 2005, teve zero votos (sendo que nem ele votou em si); no ano de 2010, conseguiu nove votos; no ano de 2017, registrou quatro votos.

Jair Bolsonaro participa de uma luta simbólica e política que modula os princípios de visão e divisão de mundo em uma ação constante pela percepção dos seguidores de seu partido digital. Toda divisão, diz Bourdieu (2023, p.134), pressupõe uma classificação e lutas por classificação. Bourdieu (2023, p.124) nota que é nos momentos de crise social onde as estruturas ficam mais enfraquecidas que surgem os discursos proféticos.

No campo político, o poder aparece como alvo a ser atingido, sendo que a mentira pode ser um caminho a fim de conquistar espaço. Na democracia brasileira, as eleições organizam a administração do Estado e observamos como Jair Bolsonaro se valeu de desinformação a fim de vencer a disputa eleitoral. A mentira é um artifício válido no

---

71 O campo político é um espaço de concorrência por "produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos" (BOURDIEU, 2010, p.164). Espaço relativamente autônomo onde se luta para dominar o campo do poder e, consequentemente, o campo do Estado.

72 GZH. **Em 26 anos, Bolsonaro apresentou 171 projetos; dois foram aprovados.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-dois-foram-aprovados-9850750.html> (Acesso em: 25/07/2023).

73 CHEREM, Carlos E. **Zero voto, bronca no filho: 4 vezes em que Bolsonaro quis chefiar a Câmara.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/31/zero-votos-bronca-no-filho-4-vezes-em-que-bolsonaro-quis-chefiar-a-camara.htm> (Acesso em: 20/08/2023).

campo político, ao passo que é rejeitada no campo do jornalismo. Se o campo do jornalismo trabalha com a verdade factual e o campo político pode se valer do uso de mentiras, há uma tensão permanente na intersecção entre os dois campos que fica mais evidente quando um líder no campo político tenta deslocar a questão da verdade factual.

Dentro do campo de forças do campo político em busca da dominância e do poder como troféu, localizam-se os políticos, a quem definiremos no sentido de Mouffe (2015). Aproximar correntes teóricas distintas se mostra desafiante, mas é plenamente possível, como mostra Cavalcanti (2016), que buscou compreender o campo da arte com conceitos de agonismo em Mouffe (2015) e obteve êxito em mediar autores que não dialogam diretamente entre si como Pierre Bourdieu e Chantal Mouffe. Para Cavalcanti (2016, p.144), o conceito de campo estabeleceu o espaço dos discursos e práticas, enquanto o agonismo de Mouffe ajudou a entender as lutas discursivas e suas nuances.

2.4 Antagonismos

Constitui parte da essência do político o antagonismo e o conflito, características próprias da sua atuação. Discursos de reconciliação, de busca de unidade, só levam a autoritarismos ou totalitarismos. Mouffe (2015, p.10) se baseia na oposição amigo/inimigo trazida por Carl Schmitt a fim de observar a composição "nós" contra "eles" de identificação de um coletivo versus o outro, porém, inverte o ímpeto totalitário do autor. Mouffe (2015, p.13) coloca "Schmitt contra Schmitt" ao propor um entendimento da política na democracia e não contra ela como faz Schmitt ao criticar o liberalismo e sugerir um demos homogêneo em defesa de uma ditadura.

É a partir dessa homogeneização simplista que a "direita" e a "esquerda" não fariam mais sentido (MOUFFE, 2015, p.5), pois, o discurso segue em torno de uma reconciliação de desejos dos agentes sociais em busca de um povo único para acabar com polarizações como requer a política liberal, o que de acordo com a autora só pode conduzir a caminhos autoritários que descartam a existência de outros projetos hegemônicos em uma ordem multipolar. Ao passo que a esfera moral dita as práticas no campo político, o nós contra eles se transforma em bem contra o mal, onde só existe certo ou errado e o então adversário no caminho errado, contrário ao cidadão de bem, se materializa em inimigo que precisa ser destruído (MOUFFE, 2015, p.5).

Se o antagonismo faz parte da natureza do político, cabe estabelecer relações no campo de força em que o nós contra eles seja domesticado em relações do tipo agonística

na qual projetos hegemônicos disputam o poder com harmonia na disputa plural (MOUFFE, 2015, p.13). E ainda assim, vale frisar que mesmo em relações agônicas, o fator antagonismo não deixa de existir. A autora explica: "poderíamos dizer que a tarefa da democracia é transformar antagonismo em agonismo" (MOUFFE, 2015, p.19). De forma mais detalhada, Mouffe (2016) ressalta a passagem do antagonismo para formas mais suavizadas de encarar conflitos indissolúveis:

> Se por um lado queremos reconhecer a permanência da dimensão antagonística do conflito, e por outro permitir a possibilidade de que ele seja "domesticado", é necessário considerar um terceiro tipo de relação. É esse tipo de relação que eu sugeri chamar de "agonismo". Enquanto o antagonismo é uma relação nós/eles em que os dois lados são inimigos que não possuem nenhum ponto em comum, o agonismo é uma relação nós/eles em que as partes conflitantes, embora reconhecendo que não existe nenhuma solução racional para o conflito, ainda assim reconhecem a legitimidade de seus oponentes. Eles são "adversários", não inimigos. Isso quer dizer que, embora em conflito, eles se consideram pertencentes ao mesmo ente político, partilhando um espaço simbólico dentro do qual tem lugar o conflito. Poderíamos dizer que a tarefa da democracia é transformar antagonismo em agonismo (MOUFFE, 2015, p.19, aspas da autora).

Colocados os apontamentos de Mouffe (2015), percebe-se que as instituições na democracia podem ajudar a conter paixões a fim de que se aceite a hegemonia de outro projeto político. Para se ter mais legitimidade, além da mera dominação tradicional, demonstra-se a necessidade de legitimidade já a partir do conflito encarado no modelo que reconhece a presença do adversário e a discordância como naturais para que ocorra um "choque de posições democráticas legítimas" (MOUFFE, 2015, p.29).

O antagonismo exacerbado oferece espaço à construção e manutenção da posição *antiestablishment* de Jair Bolsonaro. Mouffe (2015) alerta que no momento que um projeto hegemônico tome postura extremas que ameacem a ordem existente, este não possui legitimidade na sua reivindicação e tem que ser excluído do debate democrático (MOUFFE, 2015, p.48). Foi o caso de Jair Bolsonaro, que foi negligenciado por diversos atores sociais que acreditavam na sua domesticação para moderar seu discurso.

A narrativa *antiestablishment* de Jair Bolsonaro faz parte de uma estratégia de "política de guerra" que dificulta ou impossibilita a "convivência democrática" (NOBRE, 2020, p. 10). A oposição nós/eles exacerbada é essencial para a movimentação do projeto bolsonarista, uma vez que o bolsonarismo não funciona sem a idealização do "inimigo" (AVRITZER, 2020, p.57) para a derrubada da ordem estabelecida.

Jair Bolsonaro caracteriza a "democracia" como "sistema" (NOBRE, 2020, p.22) a fim de mostrar que a democracia conduzida pelo *establishment* exclui o pensamento

conservador e nega liberdades. A democracia real bolsonarista precisa ser resgatada, reconstruída, com um novo projeto hegemônico e esse feito só pode ser alcançado através do atrito permanente com as instituições.

Nesse sentido, o bolsonarismo é tanto uma via eleitoral quanto uma maneira de "intimidação" (AVRITZER, 2020, p.21). A intimidação as instituições democráticas faz parte da racionalidade *antiestablishment* do projeto hegemônico de Bolsonaro e disseminar esse conflito traz os inimigos para dentro da arena discursiva onde se travam as lutas, já que acuados pelas intimidações precisam se defender.

Manter a prática *antiestablishment* ativa depende da rápida identificação dos inimigos a serem combatidos e de uma comunicação eficiente com base em desinformação para nutrir narrativas na garantia do domínio da verdade da tropa digital – que auxilia na convocação de novos soldados digitais. "Na eterna batalha de narrativas, identificar inimigos é o que importa" (ROCHA J., 2021, p. 346).

O combate de Jair Bolsonaro contra tudo o que está aí"[74] engloba veículos de comunicação tradicionais, o Supremo Tribunal Federal (STF), universidades, órgãos de preservação ambiental, entre outros atores institucionais. "O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa. Para depois nós começarmos a fazer"[75], salienta Jair Bolsonaro.

Vieira et al (2022, p.592) conceituam as ações de desmonte de Jair Bolsonaro de infralegalismo autoritário, isto é, construção de uma agenda populista e autoritária através da edição de decretos, nomeações e ações administrativas, orçamentárias e burocráticas, que são defendidas na pressão parainstitucional em cima de agentes públicos com objetivo de erodir ou neutralizar direitos e valores fixados na Constituição de 1988. Como os atos infralegais de Bolsonaro escaparam do controle Legislativo devido a ação política,

---

[74] QUEIROZ, Antônio A. **A campanha presidencial do "contra tudo o que está aí".** 2018. Disponível<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/a-campanha-presidencial-do-contra-tudo-que-esta-ai/> (Acesso em: 20/07/2023).

[75] VALOR ECONÔMICO. **"Nós temos é que destruir muita coisa", diz Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/18/nos-temos-e-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-durante-jantar.ghtml> (Acesso em: 25/07/2023).

interromper o desmonte ficou sob incumbência do Judiciário na figura do STF, que já arbitrava conflitos políticos.

Brito et al (2022), em trabalho sobre os caminhos da autocracia em Jair Bolsonaro em comparação a outros líderes mundiais, ressaltam como ocorreram alguns desses desmontes:

> Nomeações de reitores temporários, extinção e esvaziamento de conselhos participativos e defesa do uso ostensivo de coerção física por forças de segurança são apenas alguns exemplos desses ataques. Diversas organizações da sociedade civil e estudiosos reportaram, em consequência, o enfraquecimento da autonomia universitária, a desinstitucionalização de políticas públicas e de iniciativas de diálogo com a sociedade civil e o aumento vertiginoso do registro de armas de fogo por agentes privados (BRITO et al, 2022, p.26)

A desconstrução de Jair Bolsonaro, portanto, se refere a uma grande substituição. Gramsci (1984) explica que uma nova hegemonia depende de um terreno ideológico adequado para que o novo substitua o velho e a disputa deve ocorrer no campo da cultura, formando subjetividades dentro da esfera moral até modular comportamentos:

> A realização de um aparato hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma e consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico. Em linguagem croceana: quando se consegue introduzir uma nova moral adequada a uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma reforma filosófica total (GRAMSCI, 1984, p.52).

Está em curso uma crise de hegemonia provocada por uma reação conservadora heterogênea que deposita esperanças em Jair Bolsonaro. Foi com sua liderança que se aprofundou uma guerra de posições gramsciana na qual o grupo bolsonarista busca implementar uma nova hegemonia. Implementar essa nova hegemonia depende de uma profunda reforma nas instituições, sobretudo no poder Judiciário, visto que dominar este campo é fundamental para dar legalidade a essa nova racionalidade.

Uma vez identificados os inimigos pelos seguidores, é preciso alimentar o ódio que os coloca à disposição nessa posição de combate. Rocha J. (2021) observou que o bolsolavismo usa uma técnica discursiva de retórica do ódio que se desdobra na desqualificação nulificadora e na hipérbole descaracterizadora. A retórica do ódio é proferida de forma objetiva e nisso se diferencia do discurso de ódio que muitas vezes é subjetivo (ROCHA J., 2021, p.160).

A retórica do ódio é uma técnica discursiva que reduz o outro ao papel de inimigo a ser eliminado (ROCHA J., 2021, p.159) e como se trata de uma técnica, é ensinada,

transmitida, papel que era feito principalmente por Olavo de Carvalho. É uma "pedagogia da desumanização do outro" (ROCHA, 2023, p.33). A técnica da retórica do ódio foi ensinada e foi replicada, como observa-se na normalização dos ataques sofridos pelo Ministro do STF, Alexandre de Moraes.

Embates com o Ministro do STF, Alexandre de Moraes[76] envolvendo xingamentos, notícia crime, pedido de impeachment, tem o único objetivo de acenar para as bases *antiestablishment*, alimentando a retórica do ódio. O que importa é desgastar, deteriorar, corromper o capital social do Ministro em relação a alta corte e mobilizar a base eleitoral com o pretexto de resguardar a democracia e as liberdades.

Outra tática que ajuda na retórica do ódio é a desqualificação nulificadora que simplifica o inimigo até anular sua existência, algo que Olavo de Carvalho realizava muito com a associação de inimigos a apelidos jocosos. "O efeito é assustador porque autoriza a completa desumanização de todo aquele que não seja espelho de minhas próprias convicções" (ROCHA J., 2021, p.163). Não só inimigos antigos, mas aliados rompidos de Olavo de Carvalho também ganhavam apelidos e recebiam o mesmo tratamento que comunistas inimigos.

A desqualificação nulificadora foi delineada por Olavo de Carvalho e é muito utilizada por YouTubers de direita, pois tem efeito de linchamento permanente (ROCHA J., 2021, p.163). Ocorre ao se satirizar o nome de um inimigo; na estigmatização que transforma o inimigo em uma "caricatura" incentivando o "sacrifício simbólico" até a eliminação simbólica e física do outro (ROCHA J., 2021, p.164, p.165).

Rocha C. (2021, p.107) mostra que o uso de palavrões por Olavo de Carvalho sempre foi comum e que ele estimulava seguidores a replicar o mesmo comportamento contra inimigos já na rede social Orkut. A autora destaca um trecho de Olavo de Carvalho em que ele explica a estratégia no uso de palavrões:

> Eu uso palavrões porque são necessários. São necessários no contexto brasileiro para demolir essa linguagem polida que é uma camisa de força que prende as pessoas, obrigando-as a respeitar o que não merece respeito. Então, às vezes, quando você discorda de um sujeito, mas discorda respeitosamente, você está dando mais força pra ele do que se concordasse. Porque você está indo contra a ideia dele. Autoridade é respeitabilidade. O problema dessas

[76] O Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes foi indicado pelo presidente da República golpista, Michel Temer (PMDB), em 2017, depois de atuar como Ministro da Justiça de Temer por dez meses. Assumiu a Presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em agosto de 2022. Notabilizou-se com os inquéritos contra bolsonaristas e contra Jair Bolsonaro e foi alvo de discurso de ódio e ameaças de violência física pelo bolsonarismo.

> pessoas, desses bandidos de que eu estou falando, não são as ideias. É justamente o fato de que são canalhas. São canalhas, são bandidos, são ladrões. VÃO TODOS TOMAR NO CU! (ROCHA, C. apud Olavo de Carvalho 2021, p.107).

Para Gramsci (1984), linguagem significa cultura e filosofia na esfera do senso comum, se afirmando em uma pluralidade de fatos coerentes e coordenados. "A cultura, em seus vários níveis, unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, em contato mais ou menos expressivo, que se estendem entre si em diversos graus (GRAMSCI, 1984, p.36). Linguagem chula repleta de palavrões para Olavo de Carvalho é uma operação hegemônica que constitui estratégia *antiestablishment* para demonizar o inimigo que deve ser aniquilado. Não importam as ideias do inimigo no conflito, apenas a desqualificação e descaracterização. Nada em Olavo de Carvalho é por acaso e toda sua comunicação tem uma reflexão de onde quer chegar e de quem quer modular. Mestre na arte das modulações, Olavo de Carvalho sabia que a linguagem operando significantes vazios e flutuantes é instrumento potente na guerra híbrida para a implementação de uma nova hegemonia.

A hipérbole é uma figura de linguagem que ressalta o exagero. Na hipérbole descaracterizadora, Rocha J., (2021) enfatiza como o bolsolavismo exagera nas expressões que usam para romper mediações ao usar redundância e autoelogio. "A hipérbole olavista é descaracterizadora porque suprime deliberadamente as mediações entre os pontos tratados num argumento qualquer" (ROCHA J., 2021, p.181). É assim que junto a estimulação contraditória se fixa no bolsolavismo um "sistema de crenças" (ROCHA J., 2021, p.110).

O sistema de crença bolsolavista quando internalizado possui verdades específicas. A verdade filosófica de Olavo de Carvalho, afinal, "Olavo tem razão" se liga a verdade proferida pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro. Ambas verdades destoam da verdade factual produzida pelas mídias tradicionais, contornando *gatekeepers* para abrir espaço a outras narrativas, o que mostra a importância de manter o ataque permanente as mídias que lidam com a verdade factual por ela ajudar a manutenção do *establishment*.

Outra frente de destaque são as escolas e universidades, já que a cultura é ponto chave para o estabelecimento de outra cultura, isto é, uma nova concepção de mundo ensinada pelo sistema de crenças bolsolavista que protege os cidadãos de bem e as famílias patriarcais heteronormativas. As escolas militares aparecem como alternativa

viável a esse projeto. A indignação *antiestablishment* e a certeza de que é preciso defender valores familiares criam um ambiente de indiferença em relação à veracidade na política. Parece ser mais importante proteger um mundo visto como ameaçado (Bruno e Roque, 2019, p.20) pela atual ordem estabelecida.

Os ataques de Jair Bolsonaro se configuram, portanto, contra alguns agentes sociais dominantes em seus campos que bloqueiam a chance de seu projeto prosperar. Desqualificar é palavra chave em sua estratégia desde que se tornou dominante no campo político e no campo do Estado com a vitória nas eleições de 2018. Desqualificar só é possível, entretanto, quando se acumula muito capital social que lhe garanta essa legitimidade.

A legitimidade, como lembra Weber, está sempre ligada ao exercício do poder e não a pessoa e por isso quem exerce o poder tem de ter as condições para recebê-lo, pois toda legitimidade tem limites. O campo é espaço de legitimidade do discurso na autorização da fala e, portanto, Bourdieu (2011) mostra que não interessa o que é dito, mas a relação entre o que é dito e a posição social que ocupa o agente social. Deputado Federal do baixo clero por 28 anos, Jair Bolsonaro discursou muitas vezes para plenários esvaziados e seus temas morais eram desprezados dentro do campo político. Ao momento que sua posição social foi elevada a outro patamar dentro do campo político, tudo que é proferido por Bolsonaro ganha outra dimensão de escuta e alcance.

Weber (2011. p.68) aponta que a legitimidade possui três fundamentos que garantem a dominação. São elas: a dominação tradicional, a dominação carismática e a dominação racional legal, sendo que não são tipos ideais puros e assim geralmente se misturam. Jair Bolsonaro a frente da Presidência da República possui tanto poder tradicional e racional legal, operados no campo do Estado, como também o carismático que o impulsionou na forma de dom pessoal a quem seguidores demonstram devoção e confiança. O bolsonarismo deposita fé em Bolsonaro, que por sua vez, age em nome de Deus pelo fundamentalismo político.

De acordo com os entrevistados da tese, o carisma de Bolsonaro aparece em sua simplicidade, nos xingamentos que marcam a rejeição do decoro parlamentar que caracteriza a atividade política, o que vai ao encontro da dinâmica populista como veremos mais à frente. Comportamento sisudo de Bolsonaro próprio do *habitus*

internalizado no campo militar dentro do campo do Estado é encarado como o do pai rígido, porém descontraído, principalmente pelo deboche com que trata a elite política.

Legitimidade concedida à Jair Bolsonaro garante a ele um escudo na guerra contra o *establishment*. É possível encontrar saídas discursivas para acusações diversas, omissões, má administração, ou outras, pois cada crítica vinda de atores do *establishment* é vista como contaminada com intenções de derrubar Jair Bolsonaro por lutar contra as mazelas do próprio *establishment*, passando a impressão de que é atacado pelo *establishment* para a preservação de esquemas, de privilégios, de negociatas, etc, que estariam em risco com sua atuação.

A operação hegemônica bolsolavista visa derrubar a ordem estabelecida, contudo, não é desejo subverter a economia. *Antiestablishment* do bolsonarismo não é anticapitalista, pelo contrário. Paulo Guedes[77], Ministro da Economia durante todo governo Bolsonaro, operou de maneira a fortalecer o livre mercado, a agenda de reformas advindas das reformas feitas por Michel Temer. O bolsonarismo segue as regras do jogo do capital. Seus alvos principais são a cultura e a racionalidade jurídica na luta pela hegemonia.

Ademais, o *antiestablishment* bolsonarista está igualmente longe de representar os excluídos que estão à margem do sistema capitalista, dentro do sistema prisional ou fora dele, em organizações como o PCC ou fora delas. Referir a quem desafia o sistema capitalista define melhor o termo "*antiestablishment*", porém, como significados flutuantes o *antiestablishment* bolsonarista não deixa de fazer sentido.

É dessa forma que Jair Bolsonaro se posiciona como *antiestablishment* e não há contradição em se aliar ao *establishment* e usar estratégias *antiestablishment*, como criticar o centrão[78] em campanha para depois se aliar a ele e dizer que sempre foi do centrão. A primeira premissa de Bolsonaro para atacar o *establishment* de forma contundente é a manutenção do poder e de uma base parlamentar, a fim de se proteger

[77] Paulo Guedes é economista e atuou como especulador no mercado financeiro. Foi Ministro da Economia durante todo o governo de Jair Bolsonaro, entre 2019 e 2023. Guedes foi considerado "superministro", já que seu ministério teve fusões do Ministério da Fazenda; Ministério do Planejamento; Ministério da Indústria e Comércio Exterior e partes do Ministério do Trabalho.

[78] O centrão é um bloco informal na Câmara dos Deputados que reúne parlamentares de diversos partidos políticos de centro e centro-direita, geralmente do baixo clero da casa, que ficou conhecido negativamente pelo fisiologismo, porém, compõe força legislativa importante no presidencialismo de coalização desde 1987.

como puder de pedidos de impeachment e emplacar projetos que possam corroer as instituições. Bolsonaro ataca uma elite política em uma dinâmica populista para fundar uma nova ordem e conta com um sistema de crença e um partido digital para disseminar seu projeto hegemônico.

2.5 Dinâmica populista de Bolsonaro

O contexto de antagonismo político nós contra eles no Brasil foi instrumentalizado por Jair Bolsonaro numa lógica populista. O populismo tem sido muito discutido com a ascensão de líderes como Jair Bolsonaro, no Brasil; Donald Trump, nos Estados Unidos; Andrés Manuel López Obrador, no México; Viktor Orbán, na Hungria. O populismo pode ser, portanto, de um governo de esquerda ou de um governo de direita, em maior ou menor grau, isto é, escapa de uma lógica binária e deve ser refletido como "populismos" no plural (BARROS e LAGO, 2022, p.87).

Como apontam Barros e Lago (2022), os populismos são muitas vezes encarados de maneira pejorativa. "(...) aparecem como sinônimos de demagogia, manipulação, cinismo, irracionalidade, autoritarismo, radicalismo, extremismo, personalismo, negacionismo, pós-verdade, conspiracionismo, irresponsabilidade fiscal, estatismo, clientelismo, corrupção" (BARROS e LAGO, 2022, p. 10).

O termo populismo começou a ser usado por jornais conservadores de forma vaga na década de 1940, por integralistas, e fez parte da luta política contra Getúlio Vargas e Ademar de Barros com acusações de demagogia populista. Por circular como meio para acusar adversário ou inimigos cai em um significante vazio negativo, de acordo com Barros e Lago (2022, p.10) pensando a partir de Ernesto Laclau.

Sem ser determinista, a lógica populista possui alguns aspectos para ser delineada que fogem das simplificações do uso pejorativo do termo, sendo que as principais são: a oposição entre povo/elite e a construção da fronteira que dentro da racionalidade populista traz o povo como sujeito político (BARROS E LAGO, 2022, p.83).

Em tempo, necessário esclarecer que se considera o "povo" a partir de uma perspectiva política e não sociológica, o que quer dizer que a referência a elite não significa um estrato rico e povo não denota uma parcela pobre do mundo social, ou seja, não é uma questão de classes sociais (BARROS e LAGO, 2022, p.101).

Populismo pode assumir formas de teologia política, na disputa transcendente entre salvos e perdidos em meio a Deus e o Diabo, como enfatizam Barros e Lagos (2022,

p. 106) na leitura de Arato (2013). Para os autores, não há dúvida de que esse é o discurso mobilizado por Jair Bolsonaro (inclusive com apelos ao eleitorado cristão). “No discurso de Bolsonaro, encontramos apelos diretos à ideia messiânica de que um milagre o havia salvado da morte por esfaqueamento para derrotar a esquerda, apresentada como uma força anticristã a ser aniquilada” (BARROS e LAGOS, 2020, p. 106).

O versículo bíblico João 8:32 “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” cumpre o papel da dinâmica populista divina que funciona na transcendência dos três corpos de Jair Bolsonaro, a destacar o corpo digital (CESARINO, 2022, p.164).

Barros e Lago (2022) explicam, a partir de Laclau e Mouffe, que o populismo constrói identidades coletivas por meio da intensificação do nós contra eles (BARROS e LAGO, 2022, p.88), ao passo que o nós se torna o povo, a exemplo do cidadão de bem, e o eles se transforma no inimigo que tem que ser combatido. Tendo em vista a riqueza das reflexões de Laclau, faz-se necessário delinear mais profundamente seu pensamento em face da compreensão do fenômeno do bolsonarismo.

Laclau (2013, p.121) aponta para a lógica populista na construção política do povo como “única totalidade legítima”, já que populismo possui uma parte da população que reivindica ser o todo (LACLAU, 2013, p.134). Na lógica populista, o poder do povo foi roubado por uma elite (GOULART, 2024, p.8). Essa construção é possível através do encontro de posicionamentos e discursos da liderança com o descontentamento provocado por desejos que se transformaram em demandas não atendidas.

Isto é, a frustração de demandas provém de uma “falta” e a construção do povo responde a essa ausência que aumenta o antagonismo e estabelece a fronteira (LACLAU, 2013, p.140). Laclau (2013, p.124) explica que a racionalidade populista aparece em comportamentos da liderança que podem ou não emergir na construção de uma fronteira interna que divide parcelas da população a partir de uma cadeia de equivalências de demandas não atendidas e que se concretizam em exigências. Assim, cria-se uma identidade global quando há equivalência de pluralidade de demandas (LACLAU, 2013, p.137).

Goulart (2024) explica pensando, a partir de Laclau, que a equivalência construída a partir da racionalidade populista não anula a diferença. “Embora o populismo implique uma expansão da lógica da equivalência, isso não determina a construção de uma

articulação total das demandas com a completa diluição das diferenças entre elas (GOULART, 2024, p.11).

Laclau (2013) denomina como demanda democrática aquela que fica isolada, ao passo que conceitua que uma pluralidade de demandas que são articuladas formando uma subjetividade no mundo social são demandas populares. Essa articulação da liderança vai constituindo o "povo" e o início de uma racionalidade baseada no populismo (LACLAU, 2013, p.124).

Por isso, vale frisar, populismo não é uma categoria ou um conceito. Populismo também não é ideologia justamente porque, a partir da perspectiva de Laclau (2013), a unidade de análise não se fecha em grupos formados, mas em demandas presentes individualmente ou por diferentes grupos (GOULART, 2024, p.10) que se encontram na cadeia de equivalências formada pelo líder. Populismo não é tipologia, mas expressão da própria política (PARZIANELLO, 2019, p.59) e dessa forma constitui qualquer dinâmica política, operando em contextos empíricos, ideológicos e históricos (CESARINO, 2020, p.98).

Demandas democráticas dentro de uma cadeia de equivalências se configuram em uma "guerra de posições" como definida por Gramsci com discursos em disputa (LACLAU, 2013, p.144). Esses laços de equivalência carregam uma negatividade inerente (LACLAU, 2013, p.154), que dão sentido no combate ao inimigo. Quando diversas demandas se encontram dentro de uma cadeia de equivalências, fixa-se uma identidade popular (LACLAU, 2013, p.128). A razão populista captura a percepção que as pessoas possuem de que suas demandas não são atendidas e se aproveita dessa negatividade para ir formando a cadeia de equivalências (GOULART, 2024, p.10).

Do outro lado da fronteira, encontram-se os inimigos, que têm sua identidade construída politicamente e são facilmente identificados com a certeza de quem são (LACLAU, 2013, 141). A construção e estimulação ao ataque ao inimigo é fundamental para alimentar o cenário de perigo permanente a integridade do povo (CESARINO, 2020, p.99).

Dessa forma, diversas demandas de equivalência articuladas por significantes vazios auxiliam na construção do povo contra os inimigos (LACLAU, 2013, p.248). De um lado da fronteira, uma parte reivindica o todo e de outra, ocorre a exclusão do inimigo que passa a ter uma identidade política (LACLAU, 2013, p.127, p.141).

Vazio no significante ocorre depois que as cadeias de equivalência são estabelecidas, uma vez que essa operação faz parte da natureza do político (LACLAU, 2013, p.158), assim como o antagonismo e a constituição de fronteiras. Cadeias de equivalência são unificadas em significantes vazios (LACLAU, 2013, p.228), o que leva a identificação com o líder (LACLAU, 2013, p.159) e passa a representar a ideia de uma totalidade (LACLAU, 2013, p.237).

Parzianello (2019) explica como o significante vazio funciona na referência a uma série de significados, a depender do encaixe do discurso da liderança em determinado contexto político:

> O populismo tem sempre um corte antagônico entre as demandas diversas do povo (a unidade na diversidade que o constitui) e que se traduz invariavelmente num significante vazio, numa espécie de signo ou marca e que não tem exatamente um só significado, mas acaba valendo para representar e referir a muitas coisas, fazendo parecer à diversidade de demandas, que todas estejam contempladas na unidade que este signo produz ou oferece (PARZIANELLO, 2019, p.59).

A lógica populista é organizada de forma "frouxa" e "ambígua" na operacionalização que lhe dá significado (GOULART, 2024, p.9). Não existe solidez nestas fronteiras levantadas na emergência de discursos populistas. Na construção do povo, as fronteiras são instáveis e podem ser deslocadas a qualquer instante, e por isso, os significantes que dão sustentação a essa construção são flutuantes, à medida que fronteiras construídas não são imóveis e junto ao significante vazio fazem parte da construção hegemônica do povo. Significantes vazios e flutuantes são construções políticas que funcionam como operações hegemônicas que se sobrepõem. O significante vazio fornece a identidade popular em uma fronteira aparentemente estável, enquanto o significante flutuante captura os deslocamentos daquela fronteira. (LACLAU, 2013, p.199, 200).

Requisitos básicos da construção do populismo:

a) articulação das demandas que gerem uma cadeia de equivalências, abrindo a possibilidade para o aparecimento de excluídos do bloco hegemônico se tornarem povo; b) significantes vazios que estabelecem uma identidade popular; c) fronteira interna que separa o povo da elite; d) solidificação da cadeia de equivalências e dos significantes vazios que resultam em uma identidade popular. Quando esses pontos cruciais são unidos pela liderança, significados vazios se tornam estáveis (LACLAU, 2013, p.124).

Prior (2023) explica que o incentivo ao antagonismo por Jair Bolsonaro possui um "nós" positivo e um "eles" do outro lado da fronteira negativo (PRIOR, 2023, p.121).

Na cadeia de equivalências de demandas não atendidas que Bolsonaro conseguiu vínculos, é possível destacar:

a) combate à corrupção – b) combate ao petismo - c) candidato viável contra o PT - d) combate a valores perdidos – que aparecem como demandas negativas não atendidas que encontraram voz em Bolsonaro.

Solano (2019) ressalta que Jair Bolsonaro não oferece ao seu público questões programáticas, mas promessas a partir das categorias do negativo. "Estamos diante de uma tendência política que não tem em seu centro questões programáticas ou propositivas, mas é construída a partir da negação: o movimento é não apenas antipetista mas antipartidário; não apenas antipartidário, mas antissistêmico" (SOLANO, 2019, p.309).

Ao contrário do observado por Solano (2019), há sim demandas propositivas de Jair Bolsonaro, centradas em seu projeto: e) família – f) segurança – g) Deus e verdade – h) menos Estado. Essas são algumas demandas que Bolsonaro trouxe para a cadeia de equivalências.

Laclau (2013) explica detalhadamente a razão populista:

> Aqui nossa exploração chega ao final. A emergência do povo depende das três variáveis que isolei: relações de equivalência representadas hegemonicamente através de significantes vazios; deslocamentos das fronteiras internas mediante a produção de significantes flutuantes; e uma heterogeneidade constitutiva que torna impossíveis as recuperações dialéticas e confere à articulação política sua verdadeira centralidade. Agora alcançarmos um conceito plenamente desenvolvido de populismo (LACLAU, 2013, p.230).

Lideranças populistas indicam que estão ouvindo as demandas não atendidas para dar resposta a elas em forma de promessas e assim o povo construído passa a ter a percepção de que concorda com essas ideias, quando apenas opera um mecanismo de devolução de demandas que o povo já gostaria de ouvir (PARZIANELLO, 2019, p.61).

Mouffe (2015, p.69) acredita que o populismo de direita conseguiu obter identificação em torno do significante povo por trocar a oposição esquerda/direita no campo político para um nós/eles ao redor do conflito povo/*establishment*. A troca da arena da luta de classes para a esfera moral facilita o discurso de homogeneização que alimenta o antagonismo acentuado. A hiperliderança de Jair Bolsonaro aponta quem é povo que o

apoia, o cidadão de bem que protege a família e ama Deus; e quem é o inimigo, comunista eleitor do PT, definindo as fronteiras por significantes vazios relativamente estáveis.

Assim, esquerdas passaram a ser vinculadas a uma elite corrupta, hipócrita e autointeressada, enquanto a extrema direita passou a ser vista como o povo simples e puro (CESARINO, 2020, p.109). Estabeleceu-se de um lado da fronteira, o povo puro e de outro as elites corruptas, dividindo o mundo social em "nós versus eles" (PRIOR, 2023, p.109) e nesse sentido, o povo puro foi silenciado pelas elites de esquerda que não se preocupam com o povo puro (PRIOR, 2023, p.110).

Cesarino (2020), a partir de Douglas (2002), aponta que o povo construído teme a desintegração pela impureza apresentada pelos inimigos do outro lado da fronteira e essa percepção de repulsa, nojo, animosidade impede uma relação agonística e reforça o estigma do inimigo a ser aniquilado (CESARINO, 2020, p.110).

Como lembra Laclau (2013), o povo no momento que ascende depois de sua construção tem em si a ameaça de ruptura com a ordem estabelecida (LACLAU, 2013, p.187). Jair Bolsonaro se apresenta como representante legítimo do povo puro que contém os cidadãos de bem contra os impuros das esquerdas (PRIOR, 2023, p.114).

O comportamento populista é outro ponto que sobressai a vista. Tudo que se refere a um estilo de político "refinado", "sofisticado", "erudito", "fino", "elegante", e assim, "bem comportado", é rompido pela liderança populista (BARROS e LAGO, 2022, p.115). O comportamento que busca a "humilhação dos poderosos" é muito comum a fim de gerar identificação com o povo que se sente próximo da liderança corajosa que combateu a elite dominante (EMPOLI, 2020, p.73).

Existe uma "liturgia da transgressão" nos gestos de Jair Bolsonaro. O jeito que se veste, deixando de lado paletó e gravata característicos do político para usar camisetas de futebol; a maneira como se alimenta dando preferência a pão francês com leite condensado ou comendo pizza em pé na rua em outro país; a rejeição a hotéis que geralmente recebem lideranças mundiais, hospedando-se em embaixadas com a justificativa de economizar dinheiro público; o uso coloquial e grosseiro da língua portuguesa, com palavrões e linguagem popular, o que passa a ideia de que fala o que vem à cabeça (BARROS e LAGO, 2022, p.121, 122).

Na construção do povo, a liderança populista se vale de sinais emotivos, estéticos, morais, sejam positivos, através de esperança, justiça, mudança ou desejo de ordem, ou negativos, com base em ódio ao inimigo, vingança, ressentimento (CESARINO, 2020, p.101).

Verdade factual não interessa mais na dinâmica populista, uma vez que sentimentos e sensações (EMPOLI, 2020, p.24) conduzem a desinformação trazida pela liderança. Carisma de Jair Bolsonaro é diferente de outras lideranças como Lula ou Perón. Bolsonaro conseguiu associar sua imagem como a de um homem simples e honesto (CESARINO, 2020, p.111).

Como propomos nesta tese compreender aspectos que envolvem Jair Bolsonaro e os bolsonaristas, é imprescindível unir pontas de análise que ficariam soltas em um olhar focado somente na liderança de Bolsonaro. Goulart (2024, p.7) em estudo sobre as cadeias de equivalências formadas por Jair Bolsonaro, desde sua agenda legislativa de quando era Deputado Federal, realizou uma abordagem metodológica instrumental do populismo, a fim de compreender as dimensões de emissão e recepção dos discursos, o que envolve não reduzir a lógica populista apenas a aspectos da liderança como o carisma, compreendendo partes constitutivas do fenômeno. Nesta abordagem metodológica proposta por Goulart (2024), dois pontos destacam-se: a) descrição da ação da liderança; b) explicação do motivo do apoio do "povo" (GOULART, 2024, p.7).

Goulart (2024) analisou o trabalho legislativo de Jair Bolsonaro, percorrendo os 162 projetos de lei desenvolvidos pelo Deputado Federal em sete mandatos consecutivos na Câmara dos Deputados com objetivo de compreender a expansão da base eleitoral basicamente composta por militares e agentes sociais interessados no tema da segurança para outros segmentos sociais.

Posto esse cenário, aplicou a razão populista descrita por Laclau (2013) identificando cadeias de equivalência que aumentaram sua base eleitoral e que possibilitaram posteriormente sua eleição ao executivo nacional. Prior (2023) observa que Jair Bolsonaro montou uma cadeia de equivalências no antagonismo amigo-inimigo através do moralismo e da construção do povo feito por cidadãos de bem que amam e se identificam com seu país (PRIOR, 2023, p.121).

Jair Bolsonaro conseguiu agrupar em torno de si direitas heterogêneas que enxergaram nele a figura ideal para derrotar o petismo e retomar valores perdidos.

Bolsonaro pode não comungar com ideário neonazista, integralista, anarcocapitalista (ancap), neoliberal, mas neonazistas, integralistas, ancaps, neoliberais partilham de suas ideias, além de outros tantos grupos – que navegam pelo senso comum afastados das ideologias.

Goulart (2024) notou que Jair Bolsonaro expandiu sua base legislativa articulando em torno de si a possibilidade de realização de desejos de pessoas com diversas demandas distintas que passaram a ter interesses em comum, ganhando coesão na ação política e uma identidade (GOULART, 2024, p.14). Foi nessa articulação que sua campanha ao executivo nacional garantiu expansão.

Nos elementos discursivos dos projetos de lei, Goulart (2024) encontrou: a) menções a uma totalidade homogênea chamada por Jair Bolsonaro de povo; b) referências a corrupção de uma elite política; c) auto nomeação como defensor do povo das ameaças originadas na esquerda associada a esta mesma elite política (GOULART, 2024, p.9).

O tema da segurança e da ordem foi apropriado por Bolsonaro e se tornou um significante vazio que ajudou na ampliação da base do Deputado Federal (GOULART, 2024, p.20). Na articulação da cadeia de equivalências que atinge grupos heterogêneos, e portanto, com demandas distintas, há o entrelaçamento a partir da mobilização de significantes vazios ou flutuantes por Bolsonaro com noções abertas de nação, ordem, segurança, mudança, o que denota a imprecisão e simplificação do discurso performativo na dinâmica populista que costura a equivalência (CESARINO, 2020, p.99).

Com o avanço de Bolsonaro na década de 2010, o significante segurança passou a ser relacionado a mais armamentos para policiais no combate ao crime; em outro sentido, significa que o Brasil nas mãos de Bolsonaro ficaria seguro dos avanços comunistas perpetuados pelo PT e a continuidade da hegemonia petista; enquanto por outro lado, a segurança representa combate a corrupção, além de resgate de valores morais (PARZIANELLO, 2019, p.60) que culminam nas guerras culturais.

A agenda da corrupção apareceu de maneira mais intensa nos discursos de Jair Bolsonaro a partir de 2004 com a eclosão do escândalo dos Correios e do mensalão, que junto a bandeira da segurança resultou em mais um "ponto nodal" na cadeia de equivalência bolsonarista. O ataque a corrupção e ao PT como gestor dos desvios junto ao elogio ao autoritarismo militar estabeleceu "laços de identidade" que elevaram o antagonismo contra as esquerdas (GOULART, 2024, p.24).

Assim, Goulart (2024) conclui que ameaças contra o cidadão de bem compreendidas como negatividade funcionaram como significantes vazios:

> Nossa conclusão, por conseguinte, é de que a percepção de desmoralização, de ataque aos valores tradicionais (cristãos), de ausência de ordem e de falta de segurança, entendidas como negatividade, isto é, como uma ameaça ao cristão ou ao cidadão de bem, funcionaram ao longo da trajetória legislativa de Bolsonaro como significantes vazios, por meio do qual foi operada a articulação entre os diferentes grupos que compõem a cadeia de equivalência bolsonarista (GOULART, 2024, p.30).

Parzianello (2019) destaca que a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022 foi uma forma de resistência a hegemonia petista entre 2002 e 2016 associada a demandas não atendidas e a percepção de corrupção generalizada (PARZIANELLO, 2019, p.57, 58). Jair Bolsonaro conseguiu transformar demandas diferentes em significantes vazios ao prometer mudanças contra a continuidade do PT que significaria a frustração dessas demandas (PARZIANELLO, 2019, p.58).

Prior (2023) percebe que Jair Bolsonaro uniu o anticomunismo ao antipetismo e ao antiesquerdismo à ideia de corrupção, junto a degradação de valores que estariam sendo ameaçados pelas elites de esquerda nos núcleos familiares e escolares, nas pautas de movimentos progressistas como feministas, LGBTQIA+ ou Movimento Sem Terra (PRIOR, 2023, p.120).

Nesse sentido, Prior (2023) explica que o populismo é o inverso do pluralismo político, pois o discurso da liderança se direciona para uma maioria imaginária que rejeita outras visões de mundo classificados como pertencentes a uma minoria inimiga (PRIOR, 2023, p.108). Populismo leva o debate público para uma batalha moral anti-pluralista e por isso estimula uma "identificação tribal" sedutora com forte apelo aos valores na construção da essência do povo brasileiro (PRIOR, 2023, p.121).

A partir de Cesarino (2020), Prior enfatiza como Jair Bolsonaro construiu uma cadeia de equivalências que vincula identidades vagas a exemplo de cristãos, trabalhadores, patriotas, que são posicionados como oprimidos pela militância à esquerda ligada a movimentos identitários. Prior (2023) destaca como o estímulo das batalhas morais por Jair Bolsonaro fortaleceram as fronteiras do "nós contra eles":

> O investimento discursivo no eixo moralista da mecânica populista de Bolsonaro, permitiu estabelecer fronteiras entre grupos, os puros e homens de bem, contra inimigos corruptos, bandidos que contaminam a sociedade, ou grupos que causam repulsa, como movimentos feministas, gays e lésbicas, e demais grupos protegidos pelas políticas de reconhecimento das pautas

> progressistas que visam proteger as minorias ou grupos sociais em situação de desigualdade estrutural (PRIOR, 2023, p.121).

Os inimigos do outro lado da fronteira, portanto, são tratados como forças que corrompem a democracia que concordam com atos de corrupção porque têm suas demandas atendidas (PRIOR, 2023, p.112). Nessa batalha moral que compõe as guerras culturais, o povo puro observa o uso do Estado pelas elites de esquerda beneficiando esses grupos pertencentes ao mesmo espectro ideológico, o que ativa o sinal de alerta para uma ameaça aos valores partilhados pelo povo puro, mesmo que estes sejam, na realidade, grupos historicamente excluídos da sociedade (PRIOR, 2023, p.110).

2.5.1 Bolsonarismo

O povo construído por Jair Bolsonaro e estes agentes sociais que se consideram bolsonaristas estão posicionados fora do campo político, o que leva a algumas observações. Bourdieu (2010) utiliza uma metáfora religiosa para se referir aos agentes sociais que estão dentro ou fora do campo político. São os profanos. Isso porque enquanto profanos têm dificuldade de entender o funcionamento do campo, os profissionais da política circulam com desenvoltura.

Essa relação acontece de maneira natural pois os profanos não possuem o ferramental necessário para compreender o funcionamento do campo, já que estão excluídos do espaço sagrado que os clérigos frequentam[79] (BOURDIEU, 2010, p.195, p.212).

A separação dos profissionais da política com os profanos cresce de acordo com a lógica própria de autonomização dos campos (BOURDIEU, 2011, p.199). O campo político, contudo, nunca pode se autonomizar completamente numa democracia porque depende dos profanos leigos que tem a decisão de quais serão os clérigos que disputarão as lutas no jogo político. A partir daqui, utilizaremos o termo "profanos" para nos referir aos seguidores de Jair Bolsonaro. Estes profanos fazem parte do partido digital bolsonarista e são o povo construído pelo populismo de Bolsonaro que luta contra uma elite corrupta de esquerda.

O bolsonarismo ainda se forma em laços contidos em relações de poder na defesa da posse e porte de armas; no negacionismo da ciência; na defesa da terra para o

[79] Bourdieu (2010) também se refere aos agentes sociais fora do campo político como consumidores com chances de "mal entendidos" que aumentam à medida que esses agentes sociais se distanciam do local onde a política é feita (2010, p.164).

agronegócio em detrimento do meio ambiente; no ataque aos meios de comunicação tradicionais e instituições encarados como parte do *establishment*, bem como aos partidos de esquerda, minorias e na reação a um significado próprio de comunismo. O bolsonarista alinhado a algumas dessas pautas, entre outras, se identifica como "cidadão de bem", dado que Jair Bolsonaro já o individualiza como cidadão de bem (KALIL, 2018).

O cidadão de bem ergue uma barreira moral na resistência a ideia de avanço do comunismo no espaço social e acredita lutar pela democracia, contra o fascismo de esquerda que traz autoritarismo (KALIL, 2018, p.10, p.11). Ameaças difusas de um fantasma comunista foram internalizadas no bolsonarismo naturalmente. Kalil (2018) reitera que o comunismo revela medo a ideia de esquerda, associada a pobreza, autoritarismo, corrupção, bolivarianismo.

Se você não comunga com os desejos dos cidadãos de bem, automaticamente será taxado de comunista, petista, de esquerda – encarado como apoiador da corrupção e da vagabundagem. "Trata-se de uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo" (KALIL, 2018, p.9). Esse sentimento de pertencer a um mundo correto, junto a identificação de quem não deveria pertencer a esse mundo, separando cidadãos de bem e o mal, motiva os planos de ação do bolsonarismo nas redes sociais e nas ruas.

Quando o sistema de crenças de uma liderança obtém identificação, cria-se a possibilidade de laços improváveis entre pessoas que podem passar a se ver como pertencentes a um movimento, como no caso do bolsonarismo. O bolsonarista, em última instância, é o povo construído por Jair Bolsonaro - que também ganha identidade na significação negativa feita pela oposição a esse sistema de crenças, a exemplo da caracterização como "bolsominions". Bolsonaristas se tornaram bolsominions no senso comum opositor do bolsonarismo. O termo "bolsominion"[80] surge em alusão ao filme "Meu Malvado Favorito" e foi escolhido por se referir na história do longa a uma obediência cega que é comparada ao apoio irrestrito à Bolsonaro.

Bolsonarismo é um "projeto" que permeia as classes sociais pela política do topo a uma forte afinidade na base (NUNES, 2022, p.28). Bolsonaro conseguiu reunir temas

[80] TALARICO, Fernanda. **Bolsominions: como personagens se tornaram sinônimo de bolsonaristas?** 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/30/bolsominions-como-personagens-se-tornaram-sinonimo-de-bolsonaristas.htm> (Acesso em: 29/07/2023)

caros a conservadores, liberais e libertários de direita e reacionários espalhados na sociedade, e assim, o bolsonarismo já existia antes mesmo que Bolsonaro fosse designado (NUNES, 2022, p.24). Como conseguiu levar sua mensagem politicamente incorreta a grupos específicos, criou-se ao redor de Bolsonaro a ideia do "mito" que compreende os desejos dos bolsonaristas (KALIL, 2018, p.2). Os corpos do rei foram mitificados pelos bolsonaristas que se tornaram soldados da sua guerra.

Como bem percebeu Cesarino (2022), Bolsonaro age muito na base da díade ação-reação, onde se encaixam perfeitamente as contradições, ambiguidades e dualidades plantadas estrategicamente. Ação-recuo compõem as engrenagens discursivas de Jair Bolsonaro e dos intelectuais orgânicos do bolsonarismo, como se percebe nas falas *antiestablishment* de Jair Bolsonaro, que geram reação da opinião pública formada na ordem estabelecida e por conseguinte, o recuo de Bolsonaro, como se avançasse e retornasse orientando a direção à tropa de soldados. O povo que se tornou tropa através da dinâmica populista aliada ao fazer político militarizado de Bolsonaro teve grande influência de Olavo de Carvalho, diretamente no contato com sua obra ou indiretamente recepcionando a tradução de seu pensamento para dentro do senso comum. Assim, verifica-se que o populismo digital cumpre função importante nessas cadeias de equivalências também em Olavo de Carvalho.

2.5.2 Populismo Digital e a cadeia de equivalências olavista

Com uso das redes sociais, Jair Bolsonaro imprimiu um ritmo de ação política que sua mensagem operou em uma dinâmica que Cesarino (2020) classifica de "populismo digital" ao refletir sobre a existência de um aparelho midiático digital de mobilização que serve-se de estratégias para a construção de uma nova hegemonia (CESARINO, 2020, p.96).

Dinâmica do populismo digital independe do carisma da liderança e capacidade retórica que eram necessários no mundo analógico, uma vez que no modelo digital a própria liderança alimenta seus canais de comunicação e dessa forma seus seguidores reproduzem discursos espontaneamente (CESARINO, 2020, p.105).

Não é somente Jair Bolsonaro que ergue fronteiras e constrói o povo numa cadeia de equivalências por significantes vazios. O populismo digital de Olavo de Carvalho necessita ser destacado. Verificamos o discurso de Olavo de Carvalho em vídeos no Youtube (com *lives*, *hangouts* e entrevistas), na pesquisa em seus perfis no Facebook e

no Twitter (atual X) e na reprodução de artigos publicados no jornal Diário do Comércio, replicados no blog de Carvalho "Sapientiam Autem Non Vincit Malitia" (A malícia não supera a sabedoria, em tradução).

Olavo de Carvalho é um grande criador de cadeias de equivalências e significantes vazios, como o comunismo e o Foro de São Paulo. Como lembra Rocha J. (2021, p.57), o pensamento de Olavo de Carvalho conseguiu grande "coesão social" e não há dúvidas a respeito de sua influência no pensamento conservador e reacionário no Brasil. Foi Olavo de Carvalho a partir do livro "A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci" que introduziu o marxismo cultural no Brasil, embora ele considere este termo impreciso.

Como explica Laclau (2013), aspectos do populismo conservador envolvendo o comunismo aparecem de forma potente com o machartismo nos anos 1950 nos Estados Unidos, principalmente na desmobilização popular (LACLAU, 2013, p.202). "Uma elite conspiratória, organizada tanto no interior do governo como no mundo cultural, estava forçando os americanos em direção a um sistema que destruiria seus meios de subsistência e arrasaria seus valores" (LACLAU, 2013, p.203).

Buscaremos esclarecer a seguir como o comunismo se tornou um significante vazio e flutuante relacionado as esquerdas e ao PT num processo de generalização, que tem Olavo de Carvalho como grande articulador. Para compreender o processo de redemocratização no Brasil na década de 1980 e o que considera silenciamento do conservadorismo no país, utilizando inclusive o conceito de "espiral do silêncio" elaborado por Elizabeth Noelle-Neumann, Olavo de Carvalho procurou seguir os rastros do comunismo depois da queda do Muro de Berlim, pois acreditava que, ao contrário da pregação que o comunismo teria acabado, este seguiria outros caminhos. O comunismo para Olavo de Carvalho, portanto, permanece ativo seguindo a revolução cultural proposta por Antonio Gramsci.

A partir desse momento, o comunismo passa a ser um significante vazio instável que flutua a depender do contexto, mas que tem fortes raízes na ideia de marxismo cultural e assim, Olavo de Carvalho convoca uma guerra de significados que no combate as universidades se torna um conflito epistêmico. Na concepção olavista, todo conhecimento acumulado nas universidades brasileiras tomadas pelas esquerdas deve ser

eliminado para dar espaço a uma filosofia conservadora baseada na verdade trazida pelo próprio filósofo e que é ocultada pelo *establishment*.

Lynch e Casemiro (2022) destacam a verdade de Olavo de Carvalho que separa o bem e o mal:

> A filosofia de Olavo é caracterizada por uma concepção petrificada de cultura, concebida como um saber verdadeiro e eterno de origem divina, cujo inimigo seria o progresso e a revolução, associados ao casuísmo e a subversão (...) todos os fenômenos do mundo só apresentados como sendo, em última análise, uma luta entre o bem – a tradição, o clássico, os mortos, a filosofia – contra o mal – a revolução, os modernos, os vivos (...) essa dominação (LYNCH e CASEMIRO, 2022, p.78)

Atento a Gramsci, Olavo de Carvalho defendia a derrubada do *establishment* para implementação de uma nova hegemonia. A crise com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, foi mais um acontecimento da guerra de movimentos importante. Neste momento, a candidatura à Presidência da República por Jair Bolsonaro era apenas uma promessa distante, porém, Olavo de Carvalho refletia como o impeachment era na prática um instrumento do *establishment* para remoção de presidentes que poderia ser replicado contra um presidente conservador. Daí a necessidade de "desmantelar o sistema hegemônico".

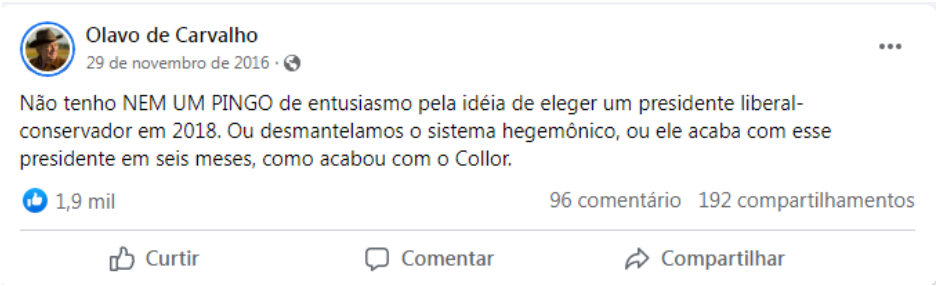

Figura 5: Olavo de Carvalho estimula a derrubada do establishment *para um projeto conservador (Print da rede social Facebook)*

Em comentário no seu perfil do Facebook no ano de 2017, Olavo de Carvalho destaca como o fator militância é fundamental para a manutenção de um presidente para, com esse apoio, iniciar o ataque a todos os aparelhos hegemônicos que mantém o *establishment*. Toda a militância de Jair Bolsonaro passa a ser o povo que ele construiu com o auxílio de Olavo de Carvalho, que atua além da órbita de um intelectual orgânico, como um tipo de conselheiro de guerra que indica pontos fracos e fortes do inimigo, bem como o momento correto de atacar e recuar.

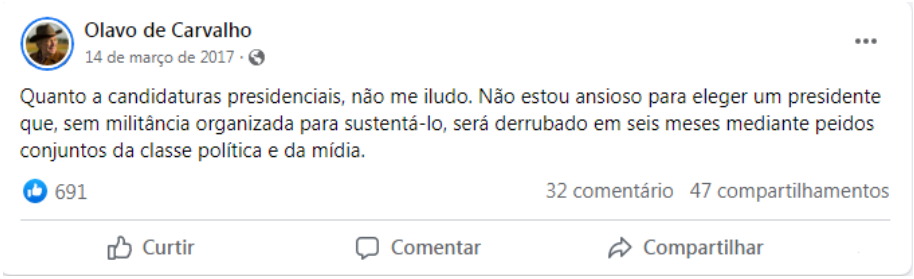

Figura 6: Olavo de Carvalho ataca o campo político e a mídia (Print da rede social Facebook)

No contexto da Operação Lava Jato que atingiu políticos de diversos partidos políticos com denúncias de corrupção e irregularidades, Olavo de Carvalho acentuou o antagonismo para além do PT. Para ele, extinguir o partido era pouco e acabar com toda a classe política era necessário. Destruir o aparelho hegemônico da elite política que mantém a ordem estabelecida no campo político e no mundo social foi mais uma operação hegemônica de Olavo de Carvalho.

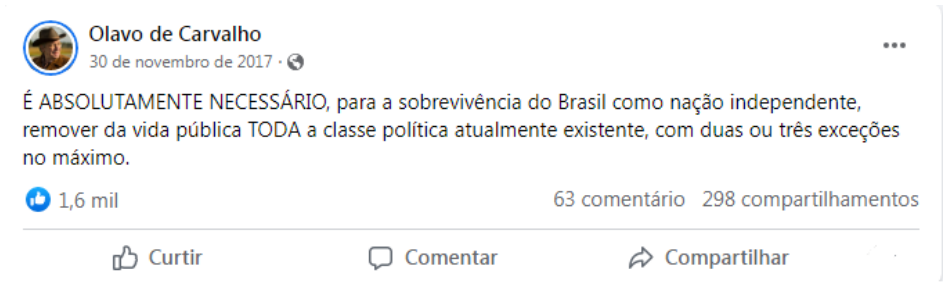

Figura 7: Olavo de Carvalho incentiva o ataque e remoção do campo político (Print da rede social Facebook)

Olavo de Carvalho acreditava que o movimento comunista no mundo se orienta em percursos ditados pela China que são filtrados em estratégias desenhadas pelo PT e pelo Foro de São Paulo na América Latina. "Uma das principais fontes da retórica anticomunista tem sido a vinculação histórica entre o PT e outros partidos e movimentos revolucionários de esquerda, através do Foro de São Paulo" (LYNCH e CASEMIRO, 2022, p.93). Desvirtuado do sentido original, o comunismo passa a ter uma ampla gama de significados:

> A teoria do "comunismo" passou a ser mobilizada para explicar todas as alianças políticas, as decisões econômicas e as agendas sociais da esquerda: a aliança com partidos de direita por meio da divisão de cargos no executivo e da corrupção e desvio do recurso público, os acordos com o grande empresariado nacional e com os bancos, as tentativas – mesmo tímidas de impor uma agenda vista pela esquerda como progressista no campo dos costumes, a tentativa de regular a imprensa, tudo isso seria explicado pelos esforços de um grande projeto de cooptação da sociedade civil e de aparelhamento do Estado em direção a um projeto revolucionário (LYNCH e CASIMIRO, 2022, p.94, 95, aspas dos autores).

Significativo compreender que Olavo de Carvalho não era contra o capitalismo, mas fazia oposição a atual elite capitalista e globalista que financia as esquerdas, o que para ele tornava a esquerda subserviente e usada pelo grande capital. "A intimidade promíscua entre megacapitalistas e movimentos de esquerda radical é hoje uma realidade tão bem documentada, que só num chiqueiro intelectual como a esquerda brasileira pode ainda funcionar a tentativa de negá-la"[81], escreveu Olavo de Carvalho.

Em comentário na rede social X (antigo Twitter), Olavo de Carvalho revela sua impressão que contribui à dinâmica populista:

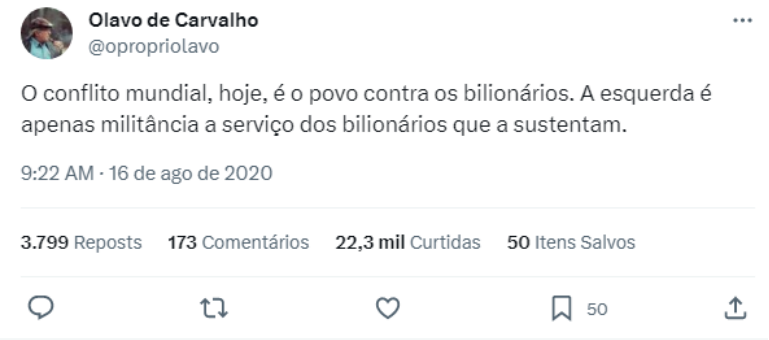

Figura 8: Olavo de Carvalho ataca as esquerdas e a coloca a serviço do grande capital (Print da rede social Twitter, atual X)

Assim, verifica-se em Olavo de Carvalho o antagonismo do povo contra a elite, que no governo Bolsonaro é o *establishment* a ser combatido. Isso foi possível com a cadeia de equivalências feita por Olavo de Carvalho na tática de esvaziamento de significados e construção do povo na operação hegemônica de derrubada da atual ordem estabelecida organizada principalmente pela mídia, as universidades e o Supremo Tribunal Federal. Em comentário no seu perfil no Facebook no ano de 2020, Olavo de Carvalho expressa a fronteira do povo com Bolsonaro contra a elite identificada nestes aparelhos.

[81] CARVALHO, Olavo. **Difamação por osmose**. 2014. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/difamacao-por-osmose/> (acesso em 10/11/2023).

Figura 9: Olavo de Carvalho denomina quem é a elite comunista e onde ela atua para ser combatida (Print da rede social Facebook)

Rocha J. (2021), aponta que o sistema de crenças bolsolavista não propõe a construção de um projeto nacional, mas a destruição das instituições que foram aparelhadas pela esquerda no processo de revolução cultural (ROCHA J. 2021, p.272). Nas eleições de 2018, a fronteira entre "nós e eles" ficou ainda mais escancarada quando Olavo de Carvalho invocou o medo de que o Brasil se tornasse uma Venezuela com a possibilidade de outra vitória do PT no executivo nacional com Fernando Haddad. Com base nessa narrativa que vem carregada do medo do comunismo, o filósofo buscou influenciar no voto com narrativa ideológica em comentário em seu perfil no Facebook.

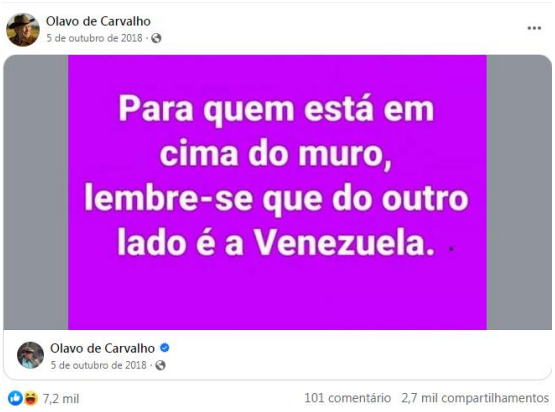

Figura 10: Dinâmica populista de Olavo de Carvalho ergue a fronteira entre o bem e o mal, em comparação com o 'bolivarianismo' venezuelano (Print da rede social Facebook)

A tática de esvaziar o comunismo depende de exemplos reais como relação com a Venezuela para que esse significante ganhe sentido, embora seja flutuante e tenha diversos significados. Este é mais um passo da operação hegemônica olavista que observou rapidamente em Bolsonaro uma liderança que poderia construir um povo e lutar contra o *establishment*.

Construção de uma nova hegemonia depende da desconfiança da imprensa e da comunicação direta com a liderança, contornando o *gatekeeper* (LYNCH e CASIMIRO,

2022, p.105), assim como a deslegitimação do saber produzido nas universidades e do trabalho do STF. É, em suma, um longo processo de substituição de uma elite capitalista e não o desejo de acabar com o capitalismo. Para entender e atacar táticas de inimigo, como se estivéssemos em uma guerra, Olavo de Carvalho propõe um mergulho profundo em Gramsci.

Conceitos gramscianos como "guerra de posições", "guerra de movimentos", "hegemonia", "bloco de poder", ou a ideia de que o príncipe de Maquiavel tomava na modernidade a forma de partido político, foram relacionados por Olavo de Carvalho à ação política do PT, como se fossem utilizadas pelo partido em uma cartilha de implementação do comunismo. Olavo de Carvalho afirma que leu os Cadernos de Teses dos Congressos do PT que descrevem táticas gramscianas usadas pelo partido e frisa que o objetivo petista é a ditadura total na figura do príncipe moderno gramsciano.

Olavo de Carvalho foi o principal propagador da ideia que o Foro de São Paulo é uma organização criminosa que objetiva a tomada do poder de Estado para retroalimentar o crime e o PT. Olavo de Carvalho escreveu o livro "O Foro de São Paulo: a ascensão do comunismo latino americano" com a intenção de fornecer subsídios para as direitas atacarem o Foro.

Sem receio de se opor a qualquer pessoa, Olavo de Carvalho criticou Jair Bolsonaro em 2021 por ele enfrentar a Rede Globo e não o Foro de São Paulo: "Atacar a Globo em vez do Foro de São Paulo é, para usar a expressão bíblica, coar o mosquito e engolir o caramelo"[82].

A argumentação anticomunista aproveita a participação do PT no Foro de São Paulo como prova de que o partido usa o Estado quando está liderando o executivo nacional para mostrar a face revolucionária e finalmente dar um golpe sustentado pela rede de solidariedade dos partidos e movimentos revolucionários (LYNCH e CASSIMIRO, 2022, p.93), mas só depois da revolução cultural abrir o caminho permissivo para a tomada do Estado.

[82] PODER 360. **Voto em Bolsonaro "por falta de alternativas", afirma Olavo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/voto-em-bolsonaro-por-falta-de-alternativas-afirma-olavo/> (Acesso em: 29/07/2023).

O PT é obviamente corrupto na concepção olavista, mas reduzir o partido a apenas essa característica negativa é pouco, e assim, Olavo de Carvalho realizou novas associações que se tornaram cadeias de equivalência. Em comentário no ano de 2020 em seu perfil no Facebook, Olavo de Carvalho relaciona o partido ao Foro de São Paulo e ao comunismo.

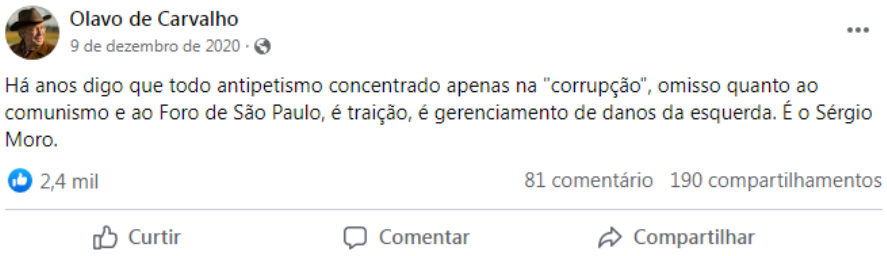

Figura 11: Olavo de Carvalho incentiva o ataque ao comunismo e ao Foro de S. Paulo (Print da rede social Facebook)

Com a eleição de Lula em 2002, o plano petista não era implementar o comunismo no Brasil, mas auxiliar o movimento comunista na América Latina, segundo a visão olavista. Mais que isso, Olavo de Carvalho também associa o PT a organizações criminosas, a exemplo do Primeiro Comando da Capital (PCC) ou Comando Vermelho, em um plano comunista que tem a sustentação do Foro de São Paulo, criando mais uma cadeia de equivalência com a criminalização do partido. "O comando das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), reconheceu em documento oficial que a fundação do Foro de São Paulo organismo pelo PT havia pura e simplesmente salvado da extinção o comunismo latino-americano"[83], diz Olavo de Carvalho.

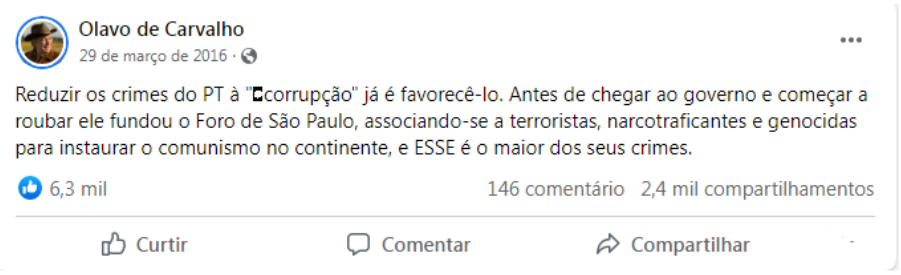

Figura 12: Olavo de Carvalho propõe cadeia de equivalências entre o PT e organizações criminosas (Print da rede social Facebook)

A revolução cultural feita silenciosamente pelas esquerdas descrita por Olavo de Carvalho em seu livro foi ignorada na década de 1990, o que deixou o filósofo isolado,

[83] CARVALHO, Olavo. **A oligarquia contra o povo.** 2015. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-oligarquia-contra-o-povo/> (Acesso em: 10/11/2023).

devido à pouca relevância direcionada a teses conspiratórias, sem nenhuma base na realidade. Naquela ocasião, Olavo de Carvalho percebeu que reinventar a ameaça comunista para que essas ideias voltassem a ser um tema em ebulição junto aos militares era um método para assegurar o antagonismo com as esquerdas e proporcionar substância a racionalidade militar que influencia em certa medida a razão de Estado. Divulgar a revolução cultural comunista passou a ser a missão de Olavo de Carvalho.

Ao contrário do colocado por Rocha J. (2023, p.115) de que a revolução cultural gramsciana aparece no livro "Orvil"[84], livro secreto de militares ligados a linha dura da ditadura militar, publicado em 1988, que teria influenciado Olavo de Carvalho, há sinais claros de que Olavo de Carvalho buscou essas noções que deram origem ao marxismo cultural em Roger Scruton, que publicou "Pensadores da Nova Esquerda" em 1985 e não em Orvil, como explicitado pelo próprio Olavo de Carvalho, que era leitor de Scruton e diz ter lido Orvil somente depois dos anos 2000.

Orvil (2012), lançado internamente dentro das Forças Armadas em 1988, não menciona diretamente as guerras culturais, embora mencione a influência do Congresso Cultural de Havana, de Herbert Marcuse da Escola de Frankfurt e da revolução cultural na China nos jovens brasileiros. "Não foi surpresa, portanto, a radicalização dos estudantes brasileiros, que havia alguns anos vinham sofrendo a influência das organizações comunistas" (ORVIL, 2012, p.222). Fora essas tímidas menções, não é possível afirmar que Orvil deu sustentação a racionalidade das guerras culturais, já que a preocupação da publicação incorre na demonização das esquerdas e na revolução armada.

Palestras para militares nos anos 1990 e começo dos anos 2000, levaram a ideia da revolução cultural praticada pelo PT para dentro da racionalidade das Forças Armadas. "Essa ideias vieram das palestra de Olavo de Carvalho fez na ESG e ECEME nos anos 1990. O General Coutinho fez sua leitura de Gramsci, e a adaptou" (LEIRNER, 2022, p.194).

Na década de 2010, o general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho começou a realizar palestras sobre o combate ao "gramscismo" e o "marxismo cultural", que são

[84] Orvil, "o livro negro do terrorismo no Brasil", encomendado nos anos 1980 pelo Ministro do exército Leônidas Pires Gonçalves ao CIE (Centro de Inteligência do Exército), objetiva mostrar crimes, conspirações e planos de tomada de poder pelas esquerdas que culminariam na derrubada da ordem vigente para um sistema comunista, o que revela o antagonismo secular entre militares e as esquerdas brasileiras.

apresentados como repaginação do movimento comunista (GODOY, 2021 p.57). A racionalidade militar em torno das guerras culturais estava formada.

Leirner (2022) mostra como o comunismo vai ganhando unidade dentro das Forças Armadas, devido a racionalidade olavista e a hierarquia que controla a formação dos militares:

> O problema do comunismo, mais do que uma alavanca para criar coesão no consórcio militar, também serviu de parâmetro para espelhar um modo de conceber a organização da guerra híbrida que agora vemos em curso. E isto ocorre justamente na ligação orgânica que ocorre entre sentimento corporativo, a cadeia de comando e as formas estratégias e táticas de organização de um sistema militar na ofensiva contemporânea (LEIRNER, 2022, p.193).

Quando Jair Bolsonaro foi eleito Presidente da República em 2018, a racionalidade olavista do comunismo, das guerras culturais, em relação ao PT e as esquerdas, já estava presente dentro das instalações das Forças Armadas de modo que Bolsonaro encontrou pautas em comum com os militares junto ao impulso dado pelo medo da ação comunista.

A dinâmica populista de Olavo de Carvalho conseguiu produzir uma cadeia de equivalências entre o Foro de São Paulo, o PT, organizações criminosas como PCC e as FARC, classe política, universidades, STF, que juntos compõem a linha de frente da elite que implementaria o comunismo no Brasil.

Significantes vazios e flutuantes passaram a operar a internalização do povo para a ação política, em um entendimento simplificado de que o PT e o Foro de São Paulo são meios para o comunismo como fim em uma sociedade dominada por organizações criminosas que visam destruir os cidadãos de bem e a família.

Nessa cadeia de equivalências que visa destruir o *establishment*, o STF foi incluído por Jair Bolsonaro e não por Olavo de Carvalho. Prior (2023) destaca como Bolsonaro usa a narrativa de que a interrupção do contrapeso vindo de outras instituições fortaleceria a democracia e por isso a necessidade de atacar o STF, Congresso Nacional e imprensa (PRIOR, 2023, p.111).

Combate ao STF não era uma demanda não atendida. Essa foi uma luta construída a partir do esvaziamento do signo de luta contra a corrupção que o STF tinha obtido no julgamento do mensalão e, de significante vazio, é atualmente compreendido como agente de imposição de uma ditadura comandada pelo PT. A decisão do STF que soltou

Lula da prisão foi instrumentalizada por Bolsonaro em associação que tornou o tribunal impuro assim como os petistas.

2.5.3 Relação entre PT e PSDB

Lideranças que esperavam obter ganhos de poder com o impeachment de Dilma Rousseff (PT) como Aécio Neves (PSDB) foram diretamente impactados com denúncias de corrupção. O PSDB desidratou e foi considerado corrupto, assim como o PT, de modo que a dissonância cognitiva não foi ativada na percepção de eleitores a fim de relevar as implicações que rodeavam os tucanos.

Aécio Neves sofreu perda de capital político devido a legitimidade concedida a Lava Jato e o PSDB declinou, como se mostrou a votação pífia de Geraldo Alckmin à Presidência da República em 2018 (4,76%), além da falta de candidato tucano ao mesmo cargo em 2022, que resultou em uma bancada de apenas 18 Deputados Federais eleitos em federação com o Cidadania e nenhum Senador.

Com as denúncias da Operação Lava Jato contra Aécio Neves (PSDB), principal liderança tucana naquele período, não foi difícil igualar PT e PSDB como parceiros da corrupção que apenas alternavam o poder, e assim, a decepção com PSDB e com a falta de um candidato viável contra o que o PT representa foi capturado por Jair Bolsonaro.

Liderança que moralizasse a política era uma demanda que estava represada nas instâncias do judiciário na Operação Lava Jato e desse modo faltava um candidato que levasse essa moralização para o campo da política deixando claro as distinções com o modelo anterior corrompido. Com a ascensão de Jair Bolsonaro, o deslocamento de forças levaram a política para o campo de um antagonismo perigoso para a democracia. Breve digressão para entendimento das relações que eram praticadas se faz necessária. O campo político no Brasil foi dominado por disputas eleitorais entre PT e PSDB de 1994 a 2014. Fernando Henrique Cardoso (PSDB) assumiu a Presidência da República no ano de 1995 e com a aprovação da reeleição e vitória, foi reconduzido ao cargo até 2002.

A partir de 2003, começa a hegemonia petista: duas vitórias eleitorais de Luis Inácio Lula da Silva e duas vitórias eleitorais de Dilma Rousseff, período que se encerrou no ano de 2016, com a aprovação de um pedido de impeachment contra a presidenta. As disputas entre PT e PSDB seguiram o modelo adversarial agonístico até as eleições de

2002. Com a deflagração do escândalo do mensalão[85], iniciou-se um processo de criminalização do PT com denúncias de que petistas agiriam em uma "organização criminosa".

José Dirceu[86], José Genoíno[87], Delúbio Soares[88] e Silvio Pereira[89] foram denunciados por organização criminosa no caso do mensalão ao STF pelo Procurador-Geral da República (PGR), Antonio Fernando de Souza. De acordo com o Procurador, a organização teria como finalidade a "continuidade do projeto de poder do Partido dos Trabalhadores, mediante a compra de suporte político de outros partidos". A denúncia de organização criminosa no caso do mensalão estimulou a redação de nove pedidos de impeachment por cidadãos comuns fora do campo político até a eleição em outubro de 2006 (AMORIM, 2019, p.177). Nas eleições de 2006, o candidato tucano Geraldo Alckmin (PSDB) disse que o PT era uma "sofisticada organização criminosa"[90].

Não há relação agonística possível no momento em que o adversário se transforma em inimigo, já que agentes políticos com elos com o crime organizado são caracterizados como o mal encarnado e só o bem pode vencer. Buscar retirar adversários da disputa eleitoral sugerindo prisão a eles assume formas antagonísticas acentuadas que

[85] O escândalo do "mensalão" constituiu um esquema de compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional a fim de votarem favoravelmente a projetos de interesse do Governo, que foi denunciado por Roberto Jefferson durante a primeira gestão de Lula (PT) entre 2003 e 2006. O escândalo político atingiu o núcleo duro do PT e envolveu partidos como PTB, PP, PL, PMDB. O Supremo Tribunal Federal (STF) julgou os réus do mensalão na ação penal 470 entre 2012 e 2013, condenando 24 dos 38 réus. Lula não se tornou réu, embora tenha havido pressão para incluí-lo no processo, julgando-o com previsão na "teoria do domínio do fato" que foi construída por um jurista pensando em cenários de guerra.

[86] Filiado ao PT, José Dirceu foi Ministro-Chefe da Casa Civil durante o primeiro governo Lula. Também foi Deputado Federal, Deputado Estadual e Presidente Nacional do PT. Foi preso e condenado por corrupção no caso do mensalão e na operação Lava Jato. Desde que recuperou a liberdade, passou a atuar nos bastidores como estrategista do partido.

[87] Filiado ao PT, José Genoíno foi Deputado Federal e Presidente Nacional do PT. Foi condenado no escândalo do mensalão e, quando solto, abandonou a vida pública e deixou as atividades partidárias.

[88] Sindicalista e filiado ao PT, Delúbio Soares foi tesoureiro do partido e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Foi condenado por corrupção no caso do mensalão e na operação Lava Jato. Desde que retornou da prisão, mantém seu perfil discreto nas atividades partidárias.

[89] Sociólogo, filiado ao PT, Silvio Pereira foi Secretário-Geral Nacional do PT. Ele foi citado nos casos do mensalão e na Operação Lava Jato, mas não foi condenado.

[90] A TARDE. **Alckmin chama PT de sofisticada organização criminosa**. 2006. Disponível em: <https://atarde.com.br/politica/alckmin-chama-pt-de-sofisticada-organizacao-criminosa-119175> (Acesso em: 01/08/2023).

contribuíram para fortalecer a argumentação antipetista alimentada por forças da mídia, forças da oposição e forças do judiciário.

Denúncias de casos de corrupção contra Lula e PT numa linha do tempo do mensalão até a Operação Lava Jato evidenciaram a mídia tradicional como ator político. Foi com a corrupção canalizada em torno de um único partido originada pela mídia e pela oposição que votar no PT entrou em um predomínio mais evidente da esfera do que é certo ou errado. O antipetista acredita veementemente que o voto em Lula é errado porque diante de tantos fatos contra ele, se torna uma atitude imoral e condenável. O antagonismo assume um caráter moral.

Apesar disso, é muito relevante frisar que o antagonismo praticado pelo PSDB ocorre em menor grau que o antagonismo efetuado por Jair Bolsonaro. São atuações muito diferentes em relação à democracia. O PSDB atualmente flutua entre o centro e a direita democrática no campo político como oposição a Lula desde 2003 e embora Aécio Neves, candidato tucano à Presidência da República tenha semeado e estimulado dúvidas acerca das urnas eletrônicas nas eleições de 2014, o PSDB sempre respeitou as regras escritas e não escritas do jogo democrático desencadeado dentro do campo político. Foi na dinâmica do populismo digital com a construção da cadeia de equivalências e significantes vazios que demonstramos que um político com pouca expressão no campo como Jair Bolsonaro conseguiu ganhar capital político para chegar à Presidência da República.

Lula e Bolsonaro no início da década de 2020 aparecem com grande quantidade de capital político no campo e ambos podem ser pensados a partir do populismo, desde que se descrevam as diferenças para além da distância ideológica no campo, ressaltando que Lula se posiciona como centro-esquerda com acenos conservadores como fez com o pacto conservador (SINGER, 2012) nos seus primeiros dois mandatos e Jair Bolsonaro aparece posicionado na extrema direita com acenos a conservadores no plano institucional, onde manteve mínima governabilidade e a chance de impeachment afastada.

Para Barros e Lagos (2022), Lula representa o contrário de Bolsonaro pois não estimula antagonismos maniqueístas. Os autores discorrem que Lula tem aumentado os antagonismos, mas nunca na esfera de eliminação do adversário, sendo que muitos dos antagonismos do petista ocorreram na luta por mais direitos que culminassem em mais inclusão. Opostamente a Jair Bolsonaro, Lula não estimula antagonismos de forma

maniqueísta, apresentando um conflito entre o bem e o mal, mas coloca regras democráticas a frente de sua prática política[91] (BARROS e LAGO, 2022, p. 112, 113). Em suma, populismo de Lula não ameaça a democracia como o populismo de Jair Bolsonaro.

Nesta posição antagônica de Jair Bolsonaro, observa-se a retórica do ódio, a luta do bem contra o mal do discurso populista que pede a eliminação do inimigo. Mais que isso, ação e recuo compõe cartilhas de estratégia militar e ensinamentos que fazem parte do *habitus* de Jair Bolsonaro, que foi capitão do Exército. Jair Bolsonaro construiu sua carreira política dizendo representar os militares e defender o que chama de legado do regime militar, que na verdade foi a ditadura militar de 1964.

2.6 Ditadura é *fake news*

Jair Bolsonaro a frente da Presidência da República deu mais visibilidade à desinformação de que não houve ditadura civil militar no Brasil a partir de 1964. Sem pudores para mentir, a negação da ditadura é a desinformação chave de sua atuação desde que entrou na política institucional eleito Deputado Federal. "É mentira que o regime militar foi uma ditadura" (BOLSONARO, 2011, apud BARRETTO JR., 2021, p.14).

Não houve ditadura no Brasil em 1964[92], mas um regime militar que impediu o Brasil de virar uma grande Cuba. "Onde você viu uma ditadura entregar para a oposição de forma pacífica o governo? Só no Brasil. Então, não houve ditadura"[93], disse Bolsonaro que defende com ênfase todos os Presidentes do período da ditadura civil militar de 1964[94] no Brasil. O significante que forças políticas contrárias a ditadura imprimiram a ditadura de 1964 incomoda a Bolsonaro e a muitos militares.

---

[91] Como a política brasileira assumiu uma forma antagonística intensa em que as ideologias tomaram de assalto o debate público, importante frisar que a atribuição de antagonismo exacerbado a Bolsonaro e não a Lula é analítica, de acordo com raciocínio baseado nos autores. Este alerta busca escapar de uma leitura enviesada deste trabalho a partir da lógica do bem contra o mal, do certo ou errado, que envolve o debate moral. Não entramos no mérito de acusações contra o petista, nem sugerimos que o petista seja vítima, pois foge do escopo deste trabalho. Buscamos apenas situar antagonismos e populismos dentro do campo político diante das lideranças de Lula e Bolsonaro.

[92] FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro nega ditadura e diz que regime viveu probleminhas**. 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/nao-houve-ditadura-teve-uns-probleminhas-diz-bolsonaro-sobre-regime-militar-no-pais.shtml> (Acesso em: 02/08/2023).

[93] AGÊNCIA BRASIL: **Para Bolsonaro não houve ditadura no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/para-bolsonaro-nao-houve-ditadura-no-brasil> (Acesso em: 02/08/2023).

Sem esconder seu ódio ao pensamento divergente presente no espectro das esquerdas e seu desejo de eliminar essa corrente política, Jair Bolsonaro nunca teve receio de afirmar publicamente que é favorável a tortura e que a ditadura civil militar de 1964 matou pouco. "O erro (da ditadura) foi torturar e não matar", disse Jair Bolsonaro, nesta frase que reúne retórica do ódio, antagonismo exacerbado, luta do bem contra o mal. Apesar dessa declaração em que reconhece a tortura praticada na ditadura, Jair Bolsonaro não assume essa posição, assim como o discurso dominante dos militares. Não houve ditadura no entendimento deles – na luta pelo esvaziamento deste significante, tampouco tortura.

Jair Bolsonaro comemorou o dia 31 de março[95], data do golpe civil militar de 1964, nos quatro anos de seu governo. Quando foi impedido de celebrar o golpe de Estado, ganhou na Justiça o direito de celebrar depois de recorrer de decisão que impedia qualquer manifestação a data[96] pelo Estado brasileiro. Como aponta Leirner (2022, p.218), apenas o Clube Militar realizava comemorações do que chamam de regime militar de 1964.

Nesta visão romantizada cercada de falsidades de uma ditadura que encerrou eleições presidenciais diretas, censurou, perseguiu, torturou e matou opositores, expressões que buscam laços para cadeias de equivalências como o "regime militar salvou o Brasil", "sustentou a democracia" e "pacificou"[97] o país, são comuns na disputa política brasileira de revisionismo e ressignificação mais de 30 anos depois do fim da ditadura. Apresentar essas narrativas no debate público no momento da redemocratização era inviável devido a tensão no retorno do poder aos civis sem ruptura e pelo clima de opinião desfavorável.

---

[94] MAZUI, Guilherme. RODRIGUES, Paloma. **Em discurso, Bolsonaro defende ditadores militares e deputado dos atos antidemocráticos**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/31/em-discurso-no-planalto-bolsonaro-defende-ditadores-militares-e-deputado-reu-por-atos-antidemocraticos.ghtml> (Acesso em: 12/06/2023

[95] DEUTSCHE WELLE. **Gestão Bolsonaro celebra golpe de 64 pelo quarto ano seguido.** 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/gest%C3%A3o-bolsonaro-celebra-golpe-de-64-pelo-quarto-ano-seguido/a-61322242> (Acesso em: 02/08/2023).

[96] FREY, João. **Governo Bolsonaro ganha na Justiça direito de celebrar o golpe de 1964.** 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/governo-bolsonaro-ganha-na-justica-direito-de-celebrar-golpe-de-1964/> (Acesso em: 05/08/2023).

[97] Idem

Jair Bolsonaro luta como soldado pela desfactualização daquele período em um revisionismo histórico que intenciona dominar a memória do golpe de 1964, recontando a história e ironizando vítimas da ditadura. Debochar de torturas sofridas ou do desaparecimento de pessoas que resistiam à ditadura civil militar faz parte da retórica do ódio de Jair Bolsonaro que intimida inimigos. Esse discurso também sinaliza para o bolsonarismo que a esquerda mente sobre as torturas sofridas nesse período. Daí a necessidade de uma "cultura da memória", como reforça Emcke (2020, p.170), que repita incessantemente a necessidade inclusiva que não isole pessoas indesejáveis como "impuras" e que mantenha o legado histórico factual, como os horrores da ditadura civil militar de 1964. "Somente uma rememoração que permaneça atenta aos mecanismo de exclusão e violência também no presente pode impedir que, em algum momento, ela perca todo seu significado" (EMCKE, 2020, p. 170).

Sobre as pessoas que sumiram na guerrilha do Araguaia no combate ao terror de Estado, Jair Bolsonaro comenta com deboche. "Quem procura osso é cachorro". Ao criticar a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no caso de Adélio Bispo, Bolsonaro disse ao Presidente da entidade, Felipe Santa Cruz, que ele "não vai querer saber a verdade"[98] sobre o desaparecimento do pai, Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira, durante o período na ditadura civil militar.

O relato de tortura da jornalista Miriam Leitão é desacreditado por Jair Bolsonaro. "Ela conta um drama todo, mentiroso, que teria sido torturada, sofreu abuso etc. Mentira. Mentira."[99]. Miriam Leitão foi presa e torturada com chutes, tapas, socos, tendo que ficar nua em frente a 10 soldados que a deixaram horas fechada numa sala com uma jiboia. Depois do relato estarrecedor, o Deputado Eduardo Bolsonaro afirmou ter "pena da cobra"[100]. Enquadrado pelo Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, Eduardo

[98] MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: **'Se o presidente da OAB quiser saber como o pai desapareceu no período militar, eu conto para ele**'. 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 05/08/2023).

[99] CONGRESSO EM FOCO. **Onze veze em que Bolsonaro ofendeu vítimas da ditadura**. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/onze-declaracoes-de-bolsonaro-em-defesa-da-ditadura/> (Acesso em: 05/08/2023).

[100] ANATER, Rubens. **Eduardo Bolsonaro debocha de tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/04/03/eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-pela-jornalista-miriam-leitao.htm> (Acesso em 08/08/2023).

Bolsonaro se apresentou como vítima e disse que não pode nem fazer uma "piada"[101], em mais um ensaio de ação e recuo da tropa bolsonarista.

Jair Bolsonaro zombou da tortura sofrida pela presidenta Dilma Rousseff (PT)[102]. "Dizem que a Dilma foi torturada e fraturaram a mandíbula dela. Traz o raio X para a gente ver. Olha que eu não sou médico, mas até hoje estou aguardando o raio X"[103]. Jair Bolsonaro coloca em descrédito as violências em Dilma Rousseff no período da repressão e anos antes, durante o processo de impeachment que afastou a petista no ano de 2016, exaltou em seu voto, Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos militares que a Justiça reconheceu como torturador na ditadura civil militar de 1964.

"Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim"[104]. O voto de Bolsonaro louvando Ustra foi uma sinalização junto a linha dura militar que nunca aceitou a passagem do poder para os civis com a abertura democrática e uma sinalização ao retorno da linha dura militar à política.

Dossiê elaborado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, aponta 60 casos de mortes e desaparecimentos relacionados diretamente a Ustra - que comandou o DOI-CODI, órgão repressivo do 2º Exército, em São Paulo. O projeto "Brasil Nunca Mais", transformado em livro, denunciou mais de 500 casos de tortura realizados dentro das paredes do DOI-CODI entre 1970 e 1974, anos em que Ustra chefiava o aparelho de repressão[105].

---

[101] UOL. "**Eu não posso sequer fazer uma piada", diz Eduardo Bolsonaro sobre tortura de Miriam Leitão**. 2022. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/48439_eu-nao-posso-sequer-fazer-uma-piada-diz-eduardo-bolsonaro-sobre-tortura-de-miriam-leitao.html> (Acesso em 08/08/2023).

[102] Dilma Rousseff (PT) foi presidente da República do Brasil entre 2011 e 2014. Foi reeleita para outro mandato nas eleições de 2014 mas sofreu impeachment no ano de 2016, considerado golpe parlamentar que beneficiou seu vice Michel Temer (PMDB).

[103] RODRIGUES, Thais. **Bolsonaro debocha de tortura sofrida por Dilma e subverte lógica sobre vacinação**. 2021. Disponível em: < https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-dilma-e-inverte-logica-sobre-vacinacao/> (Acesso em: 08/08/2023).

[104] BARBA, Mariana D. e WENTZEL, Marina. **Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarrecidos' e leva OAB a pedir sua cassação**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb> (Acesso em: 08/08/2023).

[105] EXTRA. **Coronel Ustra, homenageado por Bolsonaro como 'o pavor de Dilma Rousseff', era um dos mais temidos da ditadura**. 2016. Disponível em:

Ustra foi reconhecido como torturador pelo Tribunal de Justiça de São Paulo em processo desencadeado pela família Teles[106]. No ano de 2012, a Justiça negou o recurso de Ustra e reafirmou a decisão. Ustra também foi condenado pela tortura e assassinato do jornalista Luiz Eduardo Merlino, mas ao recorrer seus herdeiros tiveram de pagar indenização à família Merlino de R$ 100 mil já que o crime foi considerado prescrito por Ustra ter morrido em 2015[107]. Recentemente, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) rejeitou pedido de indenização advindo da família de Merlino por danos morais aos herdeiros de Ustra, o que mostra como a luta pela significação da ditadura civil militar de 1964 atinge a Justiça e a racionalidade no direito[108].

Relações próximas entre Jair Bolsonaro e essa linha dura militar representada por Ustra foram destacadas publicamente a fim de fortalecer laços. O livro "Verdade Sufocada", escrito por Ustra, presente no discurso de posse, foi recomendado por Jair Bolsonaro a uma professora e um aluno[109], além de divulgação em uma transmissão ao vivo inserida dentro de uma rede social. Quando exercia a Presidência da República, Bolsonaro recebeu a viúva de Ustra, Maria Joseíta Silva Brilhante Ustra, e chamou seu marido de "herói nacional"[110].

A publicação de 'Verdade Sufocada' tem a pretensão de mostrar que o *establishment* oculta a realidade do que aconteceu na ditadura, revelando o que considera

<https://extra.globo.com/noticias/brasil/coronel-ustra-homenageado-por-bolsonaro-como-pavor-de-dilma-rousseff-era-um-dos-mais-temidos-da-ditadura-19112449.html> (Acesso em: 10/08/2023).

[106] JORNALISTAS LIVRES. **Coronel Ustra pode ser condenado esta semana por tortura e assassinato**. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/coronel-ustra-poder-ser-condenado-esta-semana-por-tortura-e-assassinato/> (Acesso em:10/08/2023).

[107] BOEHM, Camilla. **Agência Brasil: Justiça paulista extingue condenação por tortura contra coronel Ustra**. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-10/justica-paulista-extingue-condenacao-por-tortura-contra-coronel-ustra> (Acesso em: 10/08/2023).

[108] MARQUES, José. **STJ nega pedido de indenização contra Ustra por família de torturado na ditadura.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/11/stj-nega-pedido-de-indenizacao-contra-ustra-por-familia-de-torturado-na-ditadura.shtml> (Acesso em 12/12/2023).

[109] CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro recomenda livro de Ustra, coronel condenado por tortura, a estudante e professora.** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/bolsonaro-recomenda-livro-de-ustra-coronel-condenado-por-tortura-a-estudante-e-professora/> (Acesso em: 10/08/2023).

[110] Na ocasião, Maria Joseíta negou um cargo no governo. Entre os 40 militares dispensados por Lula no início do seu governo em 2023 que trabalhavam na coordenação do Palácio do Alvorada, estava o coronel Marcelo Ustra da Silva Soares, primo do torturador da ditadura militar Carlos Alberto Brilhante Ustra.

falsidade sobre a ditadura militar, criminalizando as esquerdas e justificando o golpe de 1964. Esse entendimento revisionista estratégico do período da ditadura civil militar de 1964 é pauta de parcelas das Forças Armadas e não é restrito a Jair Bolsonaro e a seu grupo político, penetrando em diversos nichos da sociedade brasileira devido a anistia e a negociação à democracia que não criminalizou os perseguidores e torturadores que utilizaram o terror do Estado contra grupos comunistas autodeclarados e também a quem denominavam comunistas, mesmo que não fossem. O Brasil nunca puniu os militares por seus crimes praticados na ditadura.

Países vizinhos que foram dominados por ditaduras no mesmo período histórico que o Brasil como Argentina e Chile, puniram os crimes contra a humanidade cometidos por seus respectivos militares, o que possibilitou a criminalização da ditadura e gerou entendimento negativo na maior parcela da opinião pública dessas nações. Embora haja tentativas de revisionismo, reescrevendo a história a favor de Augusto Pinochet[111] ou Jorge Rafael Videla[112], predominam nessas sociedades a compreensão de que o horror da ditadura foi prejudicial.

Parcelas de militares brasileiros não reconhecem o passado de crimes contra a humanidade praticados durante a ditadura civil militar, o que diverge das Forças Armadas da Argentina e Chile que tornaram públicos os pedidos de perdão pelo terror cometido por suas ditaduras, apresentando-os à justiça (CARVALHO, 2005, p.18). No Brasil, a devolução do poder dos militares para os civis foi um período de tensões na qual não houve ruptura da ditadura para o renascimento da democracia, de modo que os governos de José Sarney (PMDB-AP)[113] e Fernando Collor de Mello[114] (PRN-AL) ainda tiveram participações de militares e os crimes contra a humanidade continuaram sem punição.

---

[111] Augusto Pinochet foi general e ditador no Chile entre 1973 e 1990. Assumiu o poder após depor o governo democrático de Salvador Allende e sua administração foi marcada por assassinatos e torturas contra inimigos. Foi preso em Londres em 1998 para responder por seus crimes cometidos na ditadura, porém, nunca foi condenado no Chile em razão dos apelos à justiça por sua condição de saúde debilitada. Faleceu em dezembro de 2006.

[112] Rafael Videla foi general e ditador na Argentina entre 1976 e 1981. Assumiu o poder iniciando a ditadura ao depor o governo de María Estela Perón. Seu período no poder foi marcado por assassinatos e torturas. Em 2010, foi condenado a prisão perpétua pelos crimes de lesa-humanidade cometidos na ditadura. Faleceu em maio de 2013.

[113] José Sarney foi o primeiro Presidente da República do Brasil pós redemocratização. Governou o país entre 1985 e 1990, período em que a Constituição Federal de 1988, vigente até hoje, foi discutida e promulgada.

A inexistência de ruptura deu continuidade a subjetividades construídas no período militar que possibilitaram a disputa da verdade do que ocorreu entre 1964 e 1985, deixando a ditadura como significante flutuante que é classificada como revolução ou regime que teria salvado a democracia do comunismo.

Goulart (2024) aponta que a reinterpretação da ditadura civil militar de 1964 por Jair Bolsonaro se tornou um mecanismo de autoridade que compõe uma cadeia de equivalências (GOULART, 2024, p.29). O laço principal dessa equivalência se dá com a ideia de democracia, como se a ditadura civil militar tivesse sido um período democrático ou que devolveu a democracia para o país da ação dos comunistas.

Jair Bolsonaro acena para os militares desde que entrou na política se apresentando como legítimo representante da caserna e sempre dedicou sua atividade legislativa a defesa da ditadura e em acenos aos militares. Projetos de lei para beneficiar militares compuseram 66,6% das proposições apresentadas pelo Deputado Federal em quase trinta anos de atuação (GOULART, 2024, p.19).

No período de redemocratização, o ressentimento com publicações como "Brasil nunca Mais" que traz relatos de torturas e desaparecimentos na ditadura civil militar de 1964 e os rumos da opinião pública que condenou os 21 anos de autoritarismo, levaram a posições revanchistas como a criação do Ternuma (Terrorismo Nunca Mais) em julho de 1998 por militares aposentados e civis com objetivo de elucidar a verdade dos fatos[115]. Para eles, os comunistas enfim haviam chegado ao poder com Fernando Henrique Cardoso (PSDB), pois o partido de FHC, na visão militar, possui ideologia próxima a um "socialismo fabiano" como aponta Leirner (2022, p.194).

O Presidente do Terrorismo Nunca Mais no ano 2000, o coronel-aviador reformado Juarez de Deus Gomes da Silva, explicando sobre a criação do Ternuma, confirmou a visão de que FHC era o primeiro comunista no poder depois do fim da ditadura. "Não existe ex-comunista. Se existe esquerda, nós somos antiesquerda. Para

[114] Fernando Collor de Mello (PRN) foi presidente da República do Brasil entre 1990 e 1992. Collor não completou o mandato porque foi o primeiro presidente da República a sofrer impeachment e deixar o cargo dois anos antes de completa-lo. Collor sofreu impeachment em 1992.

[115] FOLHA DE S. PAULO. **Grupo pretende mostrar outra face de regime**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0511200019.htm> (Acesso em: 12/08/2023).

mim não existe esquerda light"[116], explica Silva. Com o site criado em maio de 2000, vislumbrando o potencial expansivo da internet, o endereço digital do Ternuma passou a divulgar trechos do livro Orvil para fazer o enfrentamento em busca da verdade sobre o período da ditadura.

Polêmico por criminalizar as esquerdas e pelo potencial de acirramento dos antagonismos, o arquivamento de Orvil foi negociado pelo Presidente da República, José Sarney (PMDB), e assim, ficou restrito a cópias xerocadas na circulação dentro campo militar. O engavetamento do livro Orvil foi ao encontro do recolhimento dos militares para as casernas e o silenciamento da cúpula militar após o fim da ditadura civil militar de 1964 e se revelou um movimento de retração, não o fim da participação dos militares na política (GODOY, 2021 p.58). A ausência dos militares em governos civis pós-Collor deu a falsa impressão de retirada deles da política, mas o primeiro governo com ligação com as Forças Armadas trouxe de volta militares da ativa que deviam permanecer no campo do Estado e não no campo da política.

Na concepção bolsonarista construída como narrativa política na guerra de posições, o livro Orvil[117], ocultado da sociedade brasileira, se tornou instrumento de saber *antiestablishment* que traz a verdade que a esquerda queria esconder e escancara a narrativa de negação dos crimes praticados pela ditadura.

> Boa parte das denúncias de tortura no Brasil foi feita com essas motivações: atender a vaidades ou, como propaganda adversa, buscando denegrir, aos olhos da população brasileira e do mundo, os órgãos de segurança do País, visando à sua desmoralização e intimidação. Isto é, como instrumento de guerra psicológica (ORVIL, 2012, p.452).

O diagnóstico de uma "guerra psicológica" está presente na doutrina militar e demonstra como a disputa das subjetividades está em jogo na visão militar. Nesse sentido, Olavo de Carvalho retoma nos anos 1990 o tema da imagem dos militares com o conflito sobre a verdade da ditadura e a crítica feita a eles por não terem se preocupado em controlar a cultura, as visões de mundo.

---

[116] FOLHA DE S. PAULO. **Comunistas chegaram ao poder, diz militar**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2310200012.htm> (Acesso em: 12/08/2023).

[117] Orvil se tornou ponto obrigatório para militares escreverem suas próprias publicações. Da inspiração em Orvil, o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra lançou o livro "A Verdade Sufocada", já Agnaldo Del Nero, escreveu "A grande mentira", publicações contendo narrativas falsas em defesa da ditadura civil militar a que chamam de regime ou de revolução - que teria impedido o avanço comunista.

Como já explicado no populismo digital de Olavo de Carvalho, o comunismo se tornou um significante flutuante para se referir ao PT ou as guerras culturais. Militares não reinventaram a ameaça comunista pelo Orvil ou por artigos publicados em sites ligados aos militares, uma vez que estes saberes foram ensinados pela filosofia olavista nos anos 1990, como bem aponta Leirner (2022) e como podem ser verificados em transcrições de palestras de Olavo de Carvalho para os militares presentes em seu site.

Para Olavo de Carvalho, o governo militar errou ao ser brando na permissão da construção de mentiras pela esquerda sobre 1964, deixando-os livres para tomada de universidades e jornais. Isso só foi possível pela implementação militar da teoria da panela de pressão que deixava válvula de escape para expressões deste espectro político. Ainda de acordo com essa concepção, militares não teriam percebido a infiltração das esquerdas na cultura com a tática gramsciana em busca de uma hegemonia que foi conquistada e que se reflete atualmente, diz Olavo de Carvalho.

O filósofo justifica que a imagem negativa da ditadura civil militar de 1964 foi construída pela hegemonia da esquerda - que teria se apropriado do controle da história. Posto esse cenário, em janeiro de 1999, Olavo de Carvalho escreveu artigo no jornal o Globo mostrando que a história oficial registrada por livros, documentários, TV e jornais, legitimou uma "visão invertida"[118] dos acontecimentos ocorridos a partir de 1964.

> Deixados à vontade no seu feudo intelectual, os derrotados de 1964 obtiveram assim uma vingança literária, monopolizando a indústria das interpretações do fato consumado. E, quando a ditadura se desfez por mero cansaço, a esquerda, intoxicada de Gramsci, já tinha tomado consciência das vantagens políticas da hegemonia cultural, e apegou-se com redobrada sanha ao seu monopólio do passado histórico. É por isso que a literatura sobre o regime militar, em vez de se tornar mais serena e objetiva com a passagem dos anos, tanto mais assume o tom de polêmica e denúncia quanto mais os fatos se tornam distantes e os personagens desaparecem nas brumas do tempo (CARVALHO, 1999)[119].

O artigo de Olavo de Carvalho repercutiu entre os militares que entraram em contato com ele. O coronel Luís Paulo Macedo Carvalho, Presidente do Instituto de História e Geografia Militar, e o General Hélio Ibiapina Lima, Presidente do Clube Militar do Rio de Janeiro, o convidaram para dar palestras no aniversário do golpe militar em 31 de março de 1999. Olavo de Carvalho demonstrou satisfação pelo convite e afirmou uma relação de amizade com os militares da reserva. Na palestra, iniciou revelando que era de

---

[118] CARVALHO, Olavo. **A História oficial de 1964**. 1999.
Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/> (Acesso em: 12/08/2023).

[119] Idem

esquerda nos anos 1960 e que se tornou conservador observando que as teses marxistas não faziam sentido.

Leirner (2022, p.37) destaca que o filósofo foi bem acolhido pelos militares. Antes de fazer a pregação anticomunista reencarnada, Olavo de Carvalho se dedicou a estimular os militares a terem orgulho pelo golpe de 1964:

> Eu não posso mudar o curso da história passada, mas posso dizer algumas coisas boas àquelas pessoas que participaram desses acontecimentos, que tiveram uma participação em 1964 e que ajudaram a construir o Brasil. Não adianta chegar hipocritamente para vocês e pedir desculpas. Não se trata disso. Mas há uma coisa que posso fazer. Posso lhes dizer: Não se envergonhem da sua obra. Levantem as suas cabeças, tenham orgulho e não permitam que nenhum hipócrita comunista venha se fazer de seu fiscal. Nunca, nunca cedam a sua dignidade ao falso moralismo da hora, nunca sacrifiquem aquilo que é elevado e digno em vocês àquilo que é baixo e vil num outro qualquer. Era isso que eu queria pedir a todos vocês. Muito obrigado (CARVALHO, 1999).

O discurso de Olavo de Carvalho era o que muitos militares estavam buscando. Leirner (2022, p.37), com base em Santos (2009), enfatiza que o comando militar estava atento ao que se discutia na mídia a respeito da memória de 1964 e requisitou ao General Hélio Ibiapina Lima que produzisse material didático em uma "batalha da memória".

Olavo de Carvalho realizou uma operação psicológica entre os militares, que aproveitaram a racionalidade olavista para atualizar suas próprias operações psicológicas, dado que em Orvil já tinham detectado operações psicológicas advindas de inimigos internos. "O resultado disso foi que as ideias de Carvalho ganharam corpo, passando a andar sozinhas dentro dos muros militares" (LEIRNER, 2020, p.41).

Assim, a conspiração do Foro de S. Paulo, a revolução cultural das esquerdas, o comunismo petista implantado lentamente corrompendo as instituições, o apoio de narcoguerrilhas como as FARC ou do crime organizado pelo PCC ganharam dimensões didáticas nas academias militares (LEIRNER, 2022, 220, 221).

Como a estrutura militar funciona por hierarquia, todo conteúdo ensinado dentro dos quartéis é selecionado e controlado através de material didático de resenhas e comentadores, o que revela, por exemplo, que a leitura de Gramsci não é fornecida aos alunos, mas sua interpretação pelo General Coutinho, sim (LEIRNER, 2022, p.194).

Não é apenas a defesa da ditadura de 1964 que une Jair Bolsonaro e militares, mas o embate contra inimigos que vão configurar guerras híbridas (LEIRNER, 2022).

2.6.1 Guerras híbridas

Com a tropa devidamente doutrinada contra o inimigo interno, resta sinalizar silenciosamente para fora dos quartéis essa racionalidade que evidencia o perigo. Leirner (2022) percebeu o uso de *false flags* pelos militares desde o impeachment de Dilma Rousseff. Operação de *false flag* consiste em operação política ou militar que acusa o adversário pelo acontecimento negativo. Embora seja um instrumento de guerra, também é usado contra inimigos internos como o PT. Assim, a política passou a ser extensão da guerra em contexto que não se distingue mais a fronteira entre guerra e política (LEIRNER, 2022, p.19).

Não é uma guerra metafórica, é uma guerra que Leirner (2022, p.81) chama de guerra híbrida. Esta guerra é prevista em manuais militares e promovida no meio militar com auxílio de Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e seu grupo político. Guerra híbrida ocorre discursivamente e estimula mensagens com contradições, dualidades, e ambiguidades, principalmente no uso de desinformação.

Depois de terem absorvido o olavismo, três ideias principais passaram a circular com força e autonomia dentro dos muros militares se tornando uma potente ideologia (LEIRNER, 2022, p.41):

a) O PT dividiu o Brasil produzindo a "luta de classes".

b) O PT aparelhou o Estado para implementar uma "revolução gramsciana".

c) O PT se transformou numa organização criminosa que se associou às elites empresariais, por meio de chantagem e coação.

Antagonismo dessas parcelas de militares contra o PT surge a partir de ações do partido que incomodaram. Militares não são políticos para antagonizar com um partido político, mas isso é irrelevante quando tem histórica atuação política. Leirner (2022, p.28) aponta que o campo militar transmite uma racionalidade amigo/inimigo schmittiana. Nesse sentido, os inimigos internos são os comunistas e as esquerdas em geral no espectro político.

Marco da reação dos militares da reserva ocorre na instalação e no desenvolvimento da Comissão Nacional da Verdade (CNV) no ano de 2011 em que o descontentamento de parcelas das Forças Armadas ficou escancarado. Até então calados no debate público, passaram a defender o legado da ditadura civil de 1964 com deboche

e irritação[120]. Jair Bolsonaro deslegitimou o trabalho da CNV e classificou de "balela"[121] os documentos oficiais pesquisados.

O coronel da reserva Celso Seixas Marques, que atuou no extermínio da Guerrilha do Araguaia durante a ditadura civil militar em 1964, disse 23 vezes "nada a declarar" nos questionamentos da CNV. Quando resolveu falar, ameaçou: "A comissão não tem autoridade para me prender (...) estão inventando, tentando envenenar o brasileiro de uma maneira só, embora esta porcaria não esteja na agenda do povo brasileiro. Que nunca mais apareça a Polícia Federal na minha porta, certo?"[122].

A CNV apresentou relatório sobre 191 mortes e 243 desaparecidos no Brasil e no exterior durante a ditadura civil militar de 1964, bem como confirmação de "prática sistemática de detenções ilegais e arbitrárias e de tortura, assim como o cometimento de execuções, desaparecimentos forçados e ocultação de cadáveres por agentes do Estado brasileiro"[123]. Oficiais reformados do Clube Naval do Rio de Janeiro formaram uma "comissão paralela" para rebater as provas colhidas pela CNV, sem intenção de apresentar outro relatório, mas mostrar o desconforto do que creem ser uma "vingança" das esquerdas[124].

Para Leirner (2022), a CNV acionou um incômodo insuportável dentro das Forças Armadas que auxiliou no agrupamento de ideias que pertenciam apenas a ala mais radical. "O fato é que a Comissão da Verdade, que de início incomodaria muito mais ao setor da

---

120 ÉBOLI, Evandro. **Militares mostram irritação e ironia ao depor na Comissão da Verdade**. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/militares-mostram-irritacao-ironia-ao-depor-na-comissao-da-verdade-13779077> (Acesso em: 12/08/2023).

121 FERNANDES, Talita. VALENTE, Rubens. **Bolsonaro chama de 'balela' documentos oficiais sobre mortos na ditadura militar**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/bolsonaro-chama-de-balela-documentos-oficiais-sobre-mortos-na-ditadura-militar.shtml> (12/08/2023).

122 Idem

123 SOUZA, Everton. BRONZE, Giovanna. **Comissão da Verdade, criada para apurar crimes da ditadura militar, faz 10 anos**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/comissao-da-verdade-criada-para-apurar-crimes-da-ditadura-militar-faz-10-anos/> (Acesso em: 12/08/2023).

124 CABRAL, Paulo. **Comissão da Verdade enfrenta críticas e iniciativa paralela de militares**. 2014. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120515_comissao_verdade_pc> (Acesso em: 12/08/2023).

comunidade repressiva [militar], acionou o gatilho corporativo e inflou uma mobilização geral (LEIRNER, 2022, p.224).

Segundo aspecto que aumentou o ruído entre PT e militares foi o Decreto n° 8.515, de 3 de setembro de 2015[125], editado pela presidenta Dilma Rousseff (PT), que prevê delegação de competência ao Ministro de Estado da Defesa para a edição de atos relativos a pessoal militar, o que na prática retirava da cúpula militar a prerrogativa de promoções, exonerações, transferências, agregações, nomeações dos militares, que passariam a incumbência do petista Jaques Wagner, Ministro da Defesa, e alterava o *nomos* do campo militar consideravelmente, colocando tutela civil nos militares dado o poder de interferência (LEIRNER, 2022, p.231).

Terceiro aspecto que elevou o antagonismo entre PT e militares foi o Decreto nº 8.577, de 26 de novembro de 2015[126], que prevê a mudança do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) para o antigo nome "Casa Militar", com subordinação à Casa Civil, não mais ao Ministério da Defesa. O GSI é historicamente composto por militares. O então Ministro do GSI, General José Elito, lamentou que Dilma Rousseff tenha incluído os militares na reforma administrativa por conta da tradição de atuação dos militares (LEIRNER, 2022, p.238).

Em suma, os três pontos que aumentaram o antagonismo entre PT e militares de acordo com Leirner (2022), são:

i) Instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV).

ii) Delegação de competência ao Ministro de Estado da Defesa para a edição de atos relativos a pessoal militar.

iii) Mudança do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) para o antigo nome Casa Militar, com subordinação à Casa Civil.

Com esses três fatores de incômodo, a insatisfação dos militares se revelou politicamente e eles retornaram ao debate público. "É a volta dos que nunca foram",

---

125 DECRETO LEI **N° 8.515, DE 3 DE SETEMBRO DE 2015**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8515.htm> (Acesso em:15/08/2023).

126 DECRETO LEI **Nº 8.577, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/D8577.htm> (Acesso em: 15/08/2023).

avalia o cientista político Rodrigo Lentz[127]. A partir de 2017, um ano após o impeachment de Dilma Rousseff, qualquer possibilidade de o PT retornar ao poder tornava a guerra híbrida evidente. Era preciso deixar claro que Lula não era bem vindo em nova eleição à Presidência e que deveria permanecer preso.

Para Gramsci (1984, p.278), o exército é um "ator político por excelência mesmo em tempos de paz". O general da ativa Hamilton Mourão, que depois foi Vice-Presidente da República, disse que seus companheiros da alta cúpula do exército acreditavam em uma "intervenção militar"[128] se o poder Judiciário não fizesse seu papel em relação à corrupção, em recado aos processos contra Lula. Militares camuflados de desejo de justiça, na realidade, intencionavam tirar qualquer possibilidade de Lula participar da disputa eleitoral.

O maior gesto contra Lula, no entanto, veio da alta cúpula. General Eduardo Villas Bôas, que comandou o exército entre 2014 e 2019, em entrevista no ano de 2018, advertiu que o país estava à deriva e "sem projeto para o futuro"[129], abrindo espaço a novas manifestações, inclusive as dele próprio contra as instituições (SILVA, 2021, p.46).

Segundo o general "a coisa poderia fugir do controle"[130]. Em 3 de abril de 2018, bem no término do Jornal Nacional da TV Globo, isto é, em tempo de ser notícia no final do telejornal, Villas Bôas intimidou o Supremo Tribunal Federal a não conceder *habeas corpus* a Luiz Inácio Lula da Silva em uma mensagem na rede social Twitter (atual X) que buscava demonstrar revolta com a impunidade (GODOY, 2021, p.60).

---

127 QUADROS, Vasconcelos. **É a volta dos que nunca foram", diz pesquisador sobre militares no governo Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/07/e-a-volta-dos-que-nunca-foram-diz-pesquisador-sobre-militares-no-governo-bolsonaro/> (Acesso em: 15/08/2023).

128 VALENTE, Rubens. **General fala em intervenção se Justiça não agir contra corrupção**. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1919322-general-do-exercito-ameaca-impor-solucao-para-crise-politica-no-pais.shtml> (Acesso em: 15/08/2023).

129 JOVEM PAN. **Brasil está 'à deriva' e sem projeto para o futuro, afirma general Villas Bôas**. 2018.
Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/brasil-esta-a-deriva-e-sem-projeto-para-o-futuro-afirma-general-villas-boas.html> (Acesso em: 15/08/2023).

130 GIELOW, Igor. '**Bolsonaro não é volta dos militares, mas há o risco de politização de quartéis', diz Villas Bôas.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-nao-e-volta-dos-militares-mas-ha-o-risco-de-politizacao-de-quarteis-diz-villas-boas.shtml> (Acesso em: 15/08/2023).

Figura 13: General Villas Boas intimida o Supremo Tribunal Federal a não soltar Lula da prisão (Print da rede social Twitter, atual X)

Os tuítes de Villas Bôas não foram publicados em decisão unilateral, já que foram discutidos com outros militares da alta cúpula que, inclusive, participaram do governo Bolsonaro posteriormente[131]. Villas Bôas foi um deles, pois aceitou do governo Bolsonaro o cargo de assessor especial do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) em 2019 e só foi exonerado[132] em junho de 2022, bem próximo do final da gestão. O próprio general, logo após a eleição de 2018, confessou a possibilidade de politização nos quartéis com a vitória de Bolsonaro. Mas, como demonstra Leirner (2022), os quartéis já estavam politizados.

Para Godoy (2021), não fosse o tuíte de Villas Bôas ou Bolsonaro, o fenômeno de retorno dos militares encontraria outras formas de se manifestar. "Talvez, menos eficientes para dissolver barreiras entre o mundo militar e o civil, levando a política aos quartéis e quartéis à política" (GODOY, 2021, p.62).

Com a CNV e as intromissões de Hamilton Mourão, Villas Bôas, Augusto Heleno, Leirner (2022, p.226) aponta que a guerra híbrida estava declarada. E Leirner (2022, p.25) percebeu a existência da guerra híbrida ao ler textos do general Pinto e Silva que define

131 O TEMPO. **Tuíte de general Villas Bôas sobre Lula foi discutido por ministros de Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/tuite-de-general-villas-boas-sobre-lula-foi-discutido-por-ministros-de-bolsonaro-1.2447248> (Acesso em: 15/08/2023).

132 G1. **A pedido, general Villas Bôas deixa cargo de assessor no governo.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/21/a-pedido-general-villas-b. oas-deixa-cargo-de-assessor-no-governo.ghtml> (Acesso em: 18/08/2023).

o conceito para o uso prático. Militares encontraram motivação para guerras híbridas pela impressão de revanchismo; pela revelação dos crimes da ditadura pela CNV; pela possibilidade de retorno de Lula ao poder; e pelo passado de interferência no campo militar junto a operação psicológica feita por Olavo de Carvalho, demonstrando o plano petista de um aparelhamento similar a Venezuela ou a impressão consolidada de maior aparelhamento da história feito no Estado brasileiro (LEIRNER, 2022, p.234, 237). Não apenas aparelhamento do Estado, mas do receio de o PT voltar ao poder (LEIRNER, 2022, p.47).

Guerra híbrida refere-se a uma diversidade de meios para ataque, ocorrendo principalmente na mudança de rota no discurso; possibilidade de transformação, de mudança de opinião; disseminação de desinformação, de imagens contraditórias (LEIRNER, 2022, p.12). Guerra híbridas comportam outra variedade de táticas e podem chegar a violência como a guerra convencional para coibir a desordem (LEIRNER, 2022, p.170).

Essência da guerra híbrida é a negação de qualquer prática de guerra, mas de maneira dissimulada (LEIRNER, 2022, p.12). "A guerra híbrida ideal é aquela em que teoricamente as pessoas sequer notam que estão no meio de uma guerra" (LEIRNER, 2022, p.115). Guerra híbrida não se trata de tanques nas ruas e tiros entre soldados em frentes de batalhas, pois segue a direção da guerra informacional e cognitiva (LEIRNER, 2022, p.22).

Guerra híbrida dos militares contra o PT e as esquerdas relaciona-se a uma série de eventos interpretados como atos que buscam levar ao comunismo (LEIRNER, 2022, p.191), principalmente no período em que o partido foi governo entre 2003 e 2016, o que torna a ação militar uma reação em nome da defesa nacional, num processo que Leirner (2022, p.27) chama de "grande inversão".

Militares agem de forma disruptiva para provocar tensão com outros setores do Estado (LEIRNER, 2022, p.27). Assim, realizaram uma artilharia de bombas semióticas em um conflito descentralizado (LEIRNER, 2022, p.275). Agentes sociais, no caso os profanos bolsonaristas, domesticados pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, são capturados para dentro da guerra híbrida. Assim, se tornam replicantes, soldados, máquinas de guerra (LEIRNER, 2022, p.12). Como explica Leirner (2022), agentes sociais passam a fazer parte do conflito sem que saibam, replicando conteúdos:

> A partir do momento em que uma guerra híbrida começa, uma série de agentes atua sem que se tenha uma ligação direta com o centro decisório. A guerra híbrida funciona como um dispositivo que aciona comportamentos, como a cismogênese. Esta, em sua forma simétrica aciona uma escalada horizontal do conflito: aumenta seu espectro, envolve cada vez mais pessoas e grupos. Assim, toda estratégia se baseou na ideia de que as fraturas eram produzidas pelo "outro lado" e por "inversões" de papéis, o que em denominação militar são as operações de *false flag*, e este padrão se disseminou por vários agentes sociais (LEIRNER, 2022, p.275, aspas do autor).

Os discursos de Jair Bolsonaro que de início podem parecer sem sentido, fazem parte de um ataque semiótico que segue a doutrina militar (LEIRNER, 2022, p.303). Jair Bolsonaro e militares provocaram discursos disruptivos em busca de ruídos que levassem a dissonância cognitiva (LEIRNER, 2022, p.184). "Um conjunto de informações atuam para provocar dissonância cognitiva. Trata-se de um efeito semelhante ao de bombas de efeito moral, que visam fazer os atingidos perder todas as referências espaciais e assim se tornarem elementos fáceis para um cerco" (LEIRNER, 2022, p. 174).

Estamos em meio a uma guerra híbrida que se configura junto a guerra de posições gramsciana. Cesarino (2020) explica que Jair Bolsonaro busca uma nova hegemonia que acabe com o ciclo iniciado desde a redemocratização:

> ...pode-se dizer que a campanha e o governo Bolsonaro buscam uma reversão do ciclo hegemônico aberto com a redemocratização e a Constituição de 1988: daí a inversão radical da narrativa sobre 64, idolatria de torturadores reconhecidos, desmonte da legislação ambiental, indígena, de direitos humanos e de provisões de seguridade social instituídas pela constituinte (CESARINO, 2020, p.108).

A guerra de posições em busca da quebra da hegemonia mostra que parcelas de militares não aceitam o projeto hegemônico dos comunistas civis. Nessa disputa, o uso da dissonância cognitiva por militares e Bolsonaro denota o uso de operações psicológicas para que os agentes sociais civis atuem em favor deles, sem que saibam que estão agindo em torno de um objetivo planejado no andar superior do Estado (LEIRNER, 2022, p.47). Operações psicológicas são voltadas para dentro do campo militar, mas também são usadas fora dos quartéis (LEIRNER, 2022, p.199).

Nas etnografias realizadas com militares, Piero Leirner entrou em contato com oficiais do CEP (Centro de Estudos de Pessoal do Exército) que eram ensinados a aplicar as operações psicológicas para realizar a formação de áreas como comunicação social e relações públicas (LEIRNER, 2022, p.81) e assim encontrou descrições de operações psicológicas em manuais militares. Produção de dissonância cognitiva, desorientação, fazem parte de rol de táticas para elevar o clima do conflito (LEIRNER, 2022, p.111).

Parcelas de militares e Jair Bolsonaro nutriram boa relação a ponto de Bolsonaro ter entrada para campanha eleitoral entre os militares já em 2015 (LEIRNER, 2022). Nem mesmo a patente baixa de Jair Bolsonaro quando era da ativa no campo militar importou na união com militares de alta patente, já que é conveniente, pois há inimigos em comum.

Aposentado do exército brasileiro com a patente de capitão, Jair Bolsonaro disse diversas vezes que era o "chefe supremo das Forças Armadas"[133] durante seu governo. Em sua primeira fala presencial depois de perder a reeleição, no dia 9 de dezembro de 2022, repetiu a frase em um momento em que as manifestações golpistas em frente aos quartéis pediam intervenção militar. De fato, as Forças Armadas estão subordinadas ao ministério da Defesa, dentro do Executivo comandado pelo Presidente da República. Jair Bolsonaro, contudo, lembra sua posição no topo da hierarquia para reafirmar seu poder e intimidar opositores.

Jair Bolsonaro estreitou laços com militares da ativa e da reserva oferecendo postos dentro da máquina pública, ultrapassando a linha de neutralidade que deveriam manter como instituição do Estado, sem participação em manifestações ou declarações políticas. Mais de 6,3 mil militares brasileiros ocuparam cargos civis em diferentes áreas do governo Bolsonaro, segundo o estudo "A Militarização da Administração Pública no Brasil: Projeto de Nação ou Projeto de Poder?", de William Nozaki[134].

Verificação do Tribunal de Contas da União (TCU) revelou 6.157 militares da ativa e da reserva em cargos civis no governo Bolsonaro. A quantidade de militares no executivo é mais que o dobro do que em 2018, no governo Michel Temer (2.765)[135]. Militares ocupando cargos no primeiro escalão do governo Bolsonaro superou em

---

133 DURÃES, Mariana. GOMES, Beatriz. **Bolsonaro mantém o tom de antes da eleição e diz chefiar as Forças Armadas**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/12/09/primeira-fala-apoiadores-bolsonaro-diz-ser-chefe-forcas-armadas.htm> (Acesso em: 18/08/2023).

134 MOTTA, Cláudia. **Mais de 6 mil militares atuam em cargos civis no governo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/militares-governo-bolsonaro-6-mil-cargos-civis/> (Acesso em: 20/08/2023).

135 G1. **Governo Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis, aponta TCU**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml> (Acesso em: 20/08/2023).

números a Ditadura Civil Militar de 1964[136]. Nesse sentido, há predomínio da presença de oficiais do Exército nestes cargos.

2.6.2 Militares na tutela civil

Não é novidade a participação dos militares na política brasileira. Os militares no Brasil protagonizaram disputas políticas desde 1889, ocasião da Proclamação da República por meio de um golpe de Estado. Nesta rotação de elites no poder com a derrocada da monarquia, os dez anos que encerraram o século XIX foram de conflitos que tiveram, inclusive, ameaças de impeachment (AMORIM, 2019), violência, ditadura (como o governo do Marechal Floriano Peixoto).

Os militares na política brasileira aparecem como atores políticos em diversos momentos: na revolução de 1930 que se configurou como nova rotação de elites na ascensão de Getúlio Vargas ao poder; no golpe chamado Estado Novo em 1937; na desestabilização de Vargas entre 1951-1954; na crise institucional após o suicídio do Presidente; no golpe civil militar que perdurou 21 anos até a abertura democrática nos anos 1980.

A atuação nesses períodos tencionou a relação com as esquerdas, seja por uma ameaça real de avanço comunista como na Intentona Comunista em 1934[137], ou de forma construída, como em 1964, criando todo um imaginário passado como herança a outras gerações das Forças Armadas e que se solidificou enquanto racionalidade na publicação Orvil e na doutrina de Olavo de Carvalho.

O golpe de Estado em 1964 no Brasil colocou fim a ordem constitucional normatizada pela Constituição de 1946 em uma ruptura que teve retaguarda dos Estados Unidos, caso fosse necessário reforço contra uma possível resistência. A justificativa para o golpe se baseou na construção de uma ameaça comunista importada da Guerra Fria, potencializada pela posse do Vice-Presidente de centro esquerda, João Goulart, depois da renúncia de Jânio Quadros, mas que se configurou como propagação de desinformação,

---

[136] WETERMAN, Daniel. FRAZÃO, Felipe. **Desbolsonarização no Governo Lula atinge militares em cargos políticos**. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/desbolsonarizacao-no-governo-lula-atinge-militares-em-cargos-politicos/> (Acesso em: 20/08/2023).

[137] No Brasil, o fantasma do comunismo só se materializou nos anos 1930, no século XX, com a Intentona Comunista. Este acontecimento gerou medo e foi embalado como desinformação na justificativa da ditadura varguista do Estado Novo em 1937 e no golpe de Estado civil militar em 1964.

já que uma tomada de poder pelos comunistas estava distante de uma organização minimamente factível.

Antes desse período, o Estado brasileiro foi apropriado pelo Estado Novo varguista e, retornando ao início da primeira República, tivemos a chamada "política café com leite" com forte base coronelista e pouca confiança no processo eleitoral em uma disputa entre as elites. Visto em panorama, ampliando a visão no século, a participação dos militares na política brasileira é um fator constante. Na democracia iniciada em 1946 e interrompida em 1964, novamente os militares estiveram presentes, a exemplo da ligação da União Democrática Nacional (UDN) com facções militares a fim de desestabilizar o Presidente da República, Getúlio Vargas (KAYSEL, 2015, p.64).

Kaysel (2015) observa como nesse período da história brasileira a direita se consolidou com um anticomunismo militante depois da rápida cassação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (KAYSEL, 2015, p.55) que buscava provocar a sensação de que a extinção de qualquer agremiação comunista era caso de justiça.

Presença de militares na política brasileira deixa marcas como verifica-se na história das Cartas Magnas. Forças Armadas tem histórico de função política em cinco de nossas sete Constituições após a Independência. Isso só não ocorre nas constituições imperial de 1824 e do Estado Novo de 1937, ambas outorgadas sem a formação de Assembleias constituintes. Assim, Constituições de 1891, 1934, 1946 e 1967 tinham papel político e de polícia (CARVALHO, 2005, p. 24).

Kaysel (2015, p.64), a partir de Alfred Stepan (1975), revela como militares na história republicana tem um "papel moderador" e são convocados por civis de direita para resolver problemas políticos. Diante deste cenário em que a mera presença militar aumenta a tensão na democracia, o bolsonarismo fez uma interpretação constitucional de um dispositivo que se tornou instrumento de implosão do *establishment*. Constituição cidadã de 1988, vigente até a conclusão desta tese em 2024, fixa no artigo 142 que as Forças Armadas tem como missão a defesa da pátria, "a garantia dos poderes constitucionais" (CARVALHO, 2005, p.24).

Esse artigo constitucional pode ser invocado por desejo de qualquer poder da República pra manter a "lei e a ordem", o que revela mais uma vez, as Forças Armadas com um papel político e policial, o que é compreendido como uma tutela que é invocada pelo partido digital bolsonarista.

Carvalho (2005) enxerga uma aproximação entre a garantia constitucional do artigo 142 e o poder moderador da Constituição imperial de 1824 que dava metapoderes a Dom Pedro I, e em última instância, fere o sistema de freios e contrapesos:

> A atribuição conferida às Forças Armadas de garantir os poderes constitucionais muito se aproxima do papel do poder moderador previsto no artigo 98 da Constituição de 1824, qual seja, o de velar sobre a "manutenção da independência, equilíbrio e harmonia dos mais poderes políticos". É como se a República desconfiasse de sua capacidade de exercer o autogoverno civil e entregasse às Forças Armadas o papel político de tutela (CARVALHO, 2005, p. 25, aspas do autor).

Assim, em um cenário de instabilidade institucional grave, as Forças Armadas poderiam ser invocadas para assegurar o retorno e a estabilidade do sistema político, porém, a simples possibilidade de intervenção emperra a consolidação democrática que pode ficar refém de ameaças de ruptura como ocorreu no governo Bolsonaro. Carvalho (2005) aponta como o artigo 142 amarra a democracia brasileira funcionando como uma armadilha. "Sendo o exército um instrumento essencialmente político, a consciência coletiva deve-se criar para se fazer a política do Exército e não a política no Exército. A ideologia do poder moderador das Forças Armadas tem aí sua primeira formulação sistemática" (CARVALHO, 2005, p.68).

A negação da ditadura, comemoração da "revolução de 64" como chamado pela extrema direita, e politização do campo do Estado com os militares foram aspectos correntes no governo Bolsonaro, o que agitou a base do partido digital bolsonarista que acreditava em um caminho para estender o poder do Presidente da República por um caminho dentro da Constituição no art.142.

Como se trata de uma interpretação equivocada da Constituição, utilizar o art.142 como evoca a cartilha bolsonarista seria um golpe no estado democrático de direito, porém, Jair Bolsonaro calibrou o discurso quando menciona que "joga dentro das quatro linhas da Constituição", justamente em caso de necessidade de uso deste recurso, que por estar presente na Carta Magna, seria a construção final da ruptura democrática com um discurso por "mais democracia".

São muitas as tensões no campo de forças em que os profanos conservadores buscam espaço no mundo social. Os militares atuando no governo Bolsonaro encontraram oposição dentro do próprio campo conservador. Olavo de Carvalho foi grande crítico a presença de militares no governo, embora tenha tido aproximações com eles. O general Santos Cruz, à frente da Secretaria de Governo foi diversas vezes atacado por Olavo de

Carvalho e pelo filho do Presidente, Carlos Bolsonaro, até deixar o governo[138]. Em uma ocasião antes da demissão, Olavo de Carvalho disse que Cruz era "apenas uma bosta engomada"[139].

Olavo de Carvalho teve outros atritos públicos com militares. O ex-comandante do exército e assessor lotado no Palácio do Planalto, general Eduardo Villas Bôas disse que Olavo de Carvalho estava "prestando um desserviço ao país" ao passo que o intelectual orgânico do bolsonarismo respondeu que Villas Bôas era um "doente preso a uma cadeira de rodas"[140] que estava sendo usado por outros militares. Posteriormente, Villas Bôas disse que Olavo de Carvalho era o "Trotsky de direita"[141].

Nesse embate, Olavo de Carvalho faz acenos duplos: culpa a elite militar, mas faz sinais a patentes baixas os chamando de "homens honrados". Olavo de Carvalho e o bolsonarismo sempre atuaram para 'seduzir' patentes baixas demonstrando respeito e devoção como se pudessem um dia se rebelar contra a hierarquia. Jair Bolsonaro participou diversas vezes da formatura de militares.

Nesse sentido, era preciso ir além dos ataques pontuais a indivíduos da elite militar e assim, Olavo de Carvalho subiu o tom contra toda a cúpula da classe pelo que considera aliança e condescendência com "comunistas" que enganam o povo[142].

Olavo de Carvalho acreditava que os militares durante a ditadura civil militar de 1964 fracassaram ao deixar as universidades e a mídia serem controladas pelo

---

138 ROSSI, Marina. **General Santos Cruz é demitido e vira terceiro ministro a deixar o Governo Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/13/politica/1560458432_237660.html> (Acesso em: 22/08/2023).

139 O ANTAGONISTA. **Olavo: "Santos Cruz é apenas uma bosta engomada"**. 2019. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/olavo-santos-cruz-e-apenas-uma-bosta-engomada/> (Acesso em: 22/08/2023).

140 IG. **Olavo de Carvalho chama Villas Bôas de "doente preso a cadeira de rodas"**. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-07/olavo-de-carvalho-chama-villas-boas-de-doente-preso-a-cadeira-de-rodas.html> (Acesso em: 22/08/2023);

141 PODER 360. **General Villas Bôas chama Olavo de Carvalho de 'Trotsky de direita'**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/general-villas-boas-chama-olavo-de-carvalho-de-trotsky-de-direita/> (Acesso em: 22/08/2023).

142 PODER 360. **Olavo de Carvalho diz que Forças Armadas são comandadas por "traidores"**. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/olavo-de-carvalho-diz-que-forcas-armadas-sao-comandadas-por-traidores/> (Acesso em: 22/08/2023).

comunismo[143], o que reflete a prioridade nos conflitos gerados pelo governo Bolsonaro. Com os ataques de Olavo de Carvalhos aos militares, Bolsonaro chegou a minimizar os atritos dizendo ser "página virada"[144], porém, Olavo de Carvalho não interrompeu a artilharia contra os militares.

Olavo de Carvalho era odiado por parcelas dos militares pelas declarações contundentes, mas por outro lado, sua racionalidade que deu origem a luta contra a revolução cultural gramsciana faz parte da cartilha militar e sua obra é unanimidade nas academias militares. Monografias desenvolvidas em trabalhos de conclusão de curso da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (Eceme) citam Olavo de Carvalho por ele ter avisado sobre os riscos do avanço do comunismo e do globalismo.

Em um dos trabalhos, um aluno fez uma dedicatória "por ter avisado sobre os perigos contra a nação, quando ninguém acreditava". Outro trabalho aprovado elenca os temas provenientes do globalismo que ameaçam o país: "o feminismo radical, o ambientalismo, o pacifismo, os direitos humanos, a ideologia de gênero, a homossexualidade, o racismo, a liberação das drogas, a imigração, o fortalecimento de organizações globais, o desarmamento e a legalização do aborto"[145].

Esta influência nas academias militares bem como na formação de muitos alunos no pensamento conservador e reacionário torna Olavo de Carvalho chave fundamental na ascensão das direitas nas primeiras duas décadas do século XXI. Compreender parte da composição da formação da sua racionalidade e seu papel nas guerras culturais é parte integrante da sustentação do bolsonarismo e do entendimento do que (ROCHA, J., 2021, p.348) denomina "bolsolavismo" com a consolidação do pensamento conservador e reacionário no Brasil.

---

143 BUELLER, Christian. **Olavo de Carvalho critica militares por permitirem que "comunismo tomasse conta do país"**. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/olavo-de-carvalho-critica-militares-por-permitirem-que-comunismo-tomasse-conta-do-pa%C3%ADs-1.331827> (Acesso em: 22/08/2023).

144 G1. **Após novos ataques de Olavo de Carvalho a militares, Bolsonaro diz esperar fim de desentendimentos, mas ideólogo segue atacando.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/07/apos-novos-ataques-de-olavo-de-carvalho-a-militares-bolsonaro-diz-esperar-fim-de-desentendimentos-mas-olavo-seguiu-atacando.ghtml> (Acesso em: 22/08/2023).

145 NEIVA, Lucas. **Com Bolsonaro, Olavo de Carvalho ganhou espaço nas academias militares.** 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/com-bolsonaro-olavo-de-carvalho-ganhou-espaco-em-academias-militares/> (Acesso em: 24/08/2023).

2.7 Conservadorismo no campo político

Conservadorismo reemergiu no Brasil em um processo lento que foi se configurando década a década, devido a múltiplos fatores, mas que tem um marco na ascensão das esquerdas ao poder com Lula em 2003. É possível observar empiricamente essa evolução das novas direitas em cada pedido de impeachment feito por cidadãos contra Lula. Aversão contra movimentos sociais e por mais segurança; denúncias de casos de corrupção; abuso de poder, foram motivações correntes na formulação de solicitações de impedimento, sendo que nas justificativas o discurso conservador e reacionário é facilmente verificável (AMORIM, 2019, p.136).

Velasco e Cruz (2015) pontuam que os termos "direita" e "conservadorismo" não são sinônimos no vocabulário político e precisam de distinção. Direita é conceito que não se refere a uma corrente de pensamento específica ou série de pensadores; ao contrário, o conservadorismo, como categoria, possui uma escola de intelectuais, segmentada em correntes. O autor esclarece essa diferenciação. "Podemos dizer de um conservador, ou de um comunista, que ele está à esquerda ou à direita de algum de seus pares, mas não faria o menor sentido dizer de alguém de esquerda ou de direita que ele é mais fascista, ou socialista do que um outro qualquer (VELASCO e CRUZ, 2015, p.14).

Assim, a categoria conservadorismo aparece como racionalidade e o conceito de direita, que funciona apenas em função de uma esquerda como aponta Bobbio (2011) orienta o posicionamento conservador dentro do espectro político, possibilitando compreender distâncias entre direita e esquerda em coordenadas opostas numa escala espacial (VELASCO e CRUZ, 2015, p.15).

Com as esquerdas no poder pela primeira vez desde o breve governo de João Goulart que foi sucedido por um golpe de Estado, a ameaça que esse espectro político representa para alguns conservadores já mereceu ativação de uma resistência para preservar a ordem e o Estado. Houve grande crescimento das direitas na internalização de matérias do jornalismo tradicional como a Revista Veja; na indignação advinda das denúncias de corrupção do PT; no acompanhamento do discurso de Olavo de Carvalho; que junto a outros acontecimentos culminaram nas jornadas de junho de 2013 e levaram ao aparecimento de novas lideranças que conseguiram mobilizar pessoas com grande auxílio das plataformas digitais (SILVEIRA, 2015, p.223).

Com o debate público em meados da década de 1980 voltada a discussão democrática, novas direitas no Brasil diminuíram a carga ideológica em vigor durante a ditadura e voltaram a se organizar. Rocha C. (2021) ressalta a importância da rede social Orkut nos anos 2000 na construção de arenas discursivas virtuais que ajudaram a formação das novas direitas. "O primeiro passo nessa direção foi dado ainda no fim dos anos 1990, com a criação do já referido blog de Olavo de Carvalho" (ROCHA C., 2021, p. 93).

Inicia-se com o reaparecimento das direitas em uma guerra de posições no Brasil e na América Latina que atropela o Estado democrático de direito e regras democráticas (VELASCO e CRUZ, et al, 2015, p. 8). Na guerra de posições, as subjetividades são disputadas através de projetos pedagógicos. Conservadorismo nos costumes aliado a uma visão econômica liberal iniciou uma ampliação da divulgação dessas ideias por diversos canais.

No mercado editorial, a revista Visão ou as editoras É Realizações; Vide Editorial; Grupo Editorial Record; no audiovisual, a produtora de vídeos Brasil Paralelo, que se define como uma "empresa de entretenimento e educação (...) orientados pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos". A racionalidade conservadora e liberal também é propagada por Think Tanks como Instituto Liberal, Movimento Endireita Brasil, Instituto Millenium, Instituto Mises Brasil, Instituto de Estudos Empresariais, Atlas Network, Fundação Friedrich Naumann, Foundation for Economic Freedom, Cato Institute, Estudantes pela Liberdade[146].

Como aponta Gramsci (1984), "toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica" que ocorre dentro dos países em meio a heterogeneidade de forças e nas relações internacionais (GRAMSCI, 1984, p.37). Novas direitas brasileiras não formam um bloco homogêneo, uma vez que diferentes vozes com forças heterogêneas, de diferentes tradições, chegam até a se contrapor (KAYSEL, 2015, p.50) o que denota a fragmentação do campo conservador. Muitas dessas peças foram juntadas como um

[146] Pensadores como Edmund Burke, Joseph de Maistre, Michael Oakeshott, Russell Kirk, Eric Voegelin, Raymond Aron, Roger Scruton, Theodore Dalrymple, Adam Smith, Thomas Sowell, Ludwig Von Mises, Friedrich von Hayek, Milton Friedman, entre outros, fornecem subsídios ao pensamento conservador e liberal. Esquerdas, por sua vez, encontram lastro em Karl Marx, Friedrich Engels, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci, Pierre Joseph-Proudhon, Max Stirner, Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, etc.

mosaico por Jair Bolsonaro, que conseguiu entrelaçar demandas distintas e desejos similares que atravessam diferentes grupos.

Faganello (2015) revela um pouco dessa multiplicidade nas direitas:

> O que está desenhado é uma multiplicidade de movimentos [de direitas] que buscam caminhar em direções próprias. Possuem discursos, finalidades e públicos distintos, mas, por manterem alguns pontos de contato mais ideológicos do que práticos – e se aproveitando de um contexto político favorável –, acabam ganhando corpo e uma direção mais ou menos consistente e articulada de acordo com a situação e os interesses em jogo (FAGANELLO, 2015, p.146)

Essa multiplicidade não seria possível, contudo, caso as pessoas não se enxergassem orientadas por esse espectro político. Se identificar como conservador tornou-se comum e motivo de orgulho no país. Pesquisa Panorama Político, realizada pelo Instituto DataSenado em 2022, revelou que a maioria dos brasileiros afirmam mais afinidade com as direitas do que com as esquerdas: 21% dos eleitores são das direitas, versus 11% das esquerdas, enquanto 55% não tem identificação com nenhum dos lados, tampouco com o centro[147].

Outro estudo, da Confederação Nacional do Transporte (CNT) em parceria com Instituto MDA no ano de 2020, demonstrou números similares: 27,7% se declararam das direitas, 4,3% afirmaram ser de Centro-direita, 17,1% Centro, 2,7% Centro-esquerda, 11% esquerdas e 37,2%, não souberam ou não responderam a questão.

Pouco mais de 30 anos depois do fim da ditadura civil militar de 1964, a identificação com a direita ocorre naturalmente sem que haja vergonha em admitir essa posição. Logo após a redemocratização, a autoclassificação como direita no Congresso Nacional praticamente desapareceu, possivelmente devido a memória muito viva da ditadura civil militar de 1964 associada aos militares e ao conservadorismo.

Meneguello, Mainwaring e Power (2000), a partir de Rodrigues, sublinham que a autoclassificação ideológica entre 428 Deputados Federais em 1987 mostrou que nenhum deles se definiu como “direita radical” ou extrema direita, 6% eram moderados ou centro direita, sendo 37% centro, 52% centro esquerda, 5% esquerda radical ou extrema esquerda.

---

147 R7. **Mais pessoas se declaram de direita do que de esquerda no Brasil, mostra pesquisa do Senado**. 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/politica/mais-pessoas-se-declaram-de-direita-do-que-de-esquerda-no-brasil-mostra-pesquisa-do-senado-29062022> (Acesso em: 24/08/2023).

No campo político, o conservadorismo não desapareceu devido a redemocratização, o que diminuiu foi a carga ideológica e o aumento do pragmatismo com apoio ao projeto neoliberal que se instalava com o Consenso de Washington na gestão Collor. Com o fim da Arena, partido conservador que sustentava a ditadura civil militar, muitos dos seus integrantes se espalharam em outros partidos que foram se sucedendo como PDS, PFL, PP, e se misturaram em junções e mudanças. Velasco e Cruz (2015, p.18) sublinham que partidos conservadores em atividade necessitam de definição de acordo com a natureza da relação nutrida com o mundo social, observando as respectivas bases eleitorais.

Mas, afinal, o conservadorismo pode ser considerado uma ideologia? Huntington (2021, p.7), na resposta a esse questionamento, aponta como o conservadorismo pode ser considerado uma ideologia situacional que emerge em situações específicas. Isto é, diante da necessidade, o conservadorismo se ergue. Kaysel (2015, p.51) demonstra outra chave teórica a partir de Mannheim em que o conservadorismo reage de maneira negativa a modernidade construída pela burguesia em bases aristocráticas. Seguiremos a proposta de Huntington.

Silveira (2015, p.214), com base em Morozov, observa que internet beneficiou a fragmentação das ideologias. Após as jornadas de junho de 2013 no Brasil, ideologias passaram a ter papel preponderante no conflito político, pois, o conservadorismo reaparece com força colocando a reação em luta, seja na afirmação do presente ou na busca de um passado mítico, o que forçou um reposicionamento progressista. Existe uma grande discussão na literatura da ciência política que separa conservadores e reacionários, embora ambos tenham pontos de contato. Ao se refletir essa díade por tipos ideais, é possível compreender como se afastam e se aproximam das direitas brasileiras.

O conservadorismo de Olavo de Carvalho e da família Bolsonaro toca em comportamentos reacionários em diversas ocasiões. Em tempo, é necessário definir o que é conservadorismo e o que é o comportamento reacionário. De pronto, essencial argumentar que não são modelos de encaixe pronto, já que os indivíduos podem apresentar ideias e modos de proceder que apresentem características conservadoras e reacionárias em um mesmo diálogo, podendo até trazer algum tema progressista, ainda que seja mais difícil, fato que ocorre também no campo progressista com atitudes consideradas conservadoras ou até reacionárias em determinados momentos. Assim,

existe a necessidade de distinguir o pensamento conservador do pensamento reacionário a fim de compreender onde se encaixa o governo Bolsonaro.

2.7.1 Conservador ou reacionário

Geralmente documentado com início a partir da revolução Francesa, a racionalidade conservadora tem raízes mais antigas. A defesa das instituições políticas medievais e da relação entre igreja e Estado para manter a ordem pluralista medieval contra o crescente poder dos monarcas nacionais inspirou escritos de Francis Hotman em "Franco-Gallia" (1573) e Juan de Mariana em "De Rege et Regis Institutione" (1611) nos séculos XVI e XVII, bem como Richard Hooker na obra "Laws of Ecclesiastical Polity" (1594), em reação ao ataque ao episcopado.

Foi baseado em Edmund Burke, porém, que o conservadorismo se tornou referência histórica no campo conservador com seus escritos registrados ao longo da efervescência da Revolução Francesa. O evento definidor daquela revolução para Burke foi o ato de força contra família real. Em sua concepção, soberanos devem ser removidos do poder apenas em casos de tirania, de excessos contra o povo, o que Burke julga não ter ocorrido na ocasião da revolução. "A linha teórica de demarcação que indica o fim da obediência e o começo da resistência é vaga, obscura e não facilmente definível" (BURKE, 2016, p.52).

Edmund Burke foi eleito para a Câmara dos Comuns na Inglaterra e conhecia os caminhos institucionais e a formação do Estado. Assim, recorda a restauração da monarquia após o golpe republicano aplicado por Oliver Cromwell[148] e a Revolução Gloriosa[149] como exemplos de crises que abalaram a ordem por determinados períodos, contudo, não destruíram a sabedoria humana acumulada que mantinham as instituições:

> Os dois princípios da conservação e da correção agiram fortemente nos dois períodos críticos da Restauração e da Revolução, quando a Inglaterra se encontrou sem rei. Em cada um destes dois períodos, o fator de união do velho

[148] Nascido em 1599, Oliver Cromwell se destacou na Guerra Civil Inglesa (1642) e teve participação na condenação do rei Carlos I à morte e na breve instauração de uma República na Inglaterra, considerada por muitos um período ditatorial. Faleceu em 1658. A monarquia foi restaurada apenas dois anos depois, em 1660. Na ocasião, o corpo de Cromwell foi exumado e sua cabeça decapitada e exposta na Torre de Londres, como uma espécie de avisos à tentativas de novas insurreições.

[149] Ocorrida em 1688, a Revolução Gloriosa derrubou o absolutismo na Inglaterra, depois de séculos de lutas do Parlamento com o Rei a fim de diminuir seu poder – principalmente no que tange os impostos. Assim, a monarquia absolutista se tornou monarquia constitucional, com poderes distribuídos também dentro do Parlamento, movimento que consolidou a dominação da burguesia naquele país. Foi a partir do desenvolvimento tecnológico - que tem início neste período - que possibilitou o protagonismo da Inglaterra na revolução Industrial, alguns séculos depois.

> edifício nacional foi rompido: nem por isto a nação destruiu todo o edifício. Ao contrário, empregou-se as partes da antiga Constituição que nada tinham sofrido na regeneração daquela que faltava. Conservou-se as antigas partes exatamente como eram, a fim de que aquela que se reconstituía pudesse ser adaptada a elas. Agiu-se por meio dos antigos estados, constituídos na forma tradicional de sua organização, e não por meio de *moleculae* orgânicas de um povo desagregado (BURKE, 2016, p.44).

Burke aponta que se um prédio tem problemas em seus alicerces, não se derruba o prédio, faz-se uma reforma. Na visão de Burke, sociedade é comunidade de almas que junta os mortos, os vivos e os que ainda virão a nascer. Isto é, os mortos em sua vivência criaram as tradições que os vivos tem que manter para garantir que não haja risco aos que nascerão. "Um povo que não cultiva a memória de seus ancestrais não cuidará de seus descendentes" (BURKE, 2016, p.55), o que revela a importância das tradições.

Receber, conservar e transmitir instituições políticas, propriedades e nossas vidas são dádivas da Providência divina (BURKE, 2016, p.55). Afinal, o que há no coração de um verdadeiro conservador? Burke responde: "verdadeiros corações de carne e sangue batem em nossos peitos. Tememos a Deus; olhamos com admiração aos reis, com afeição aos parlamentos, com submissão aos magistrados, com reverência aos sacerdotes e com respeito à nobreza" (BURKE, 2016, p.106). Palavras chave em Burke são conservação, reação, tradição, providência, prudência, liberdade, cultivar leis, ordem e transformações lentas, graduais.

A não-violência para manutenção das leis é ponto pacífico no conservadorismo de Burke. O Estado deve ter acúmulo de sabedoria institucional para manter sua estrutura e soluções para extirpar seus males. É a sabedoria acumulada da humanidade que orienta o hábito e o costume no conhecimento dos iletrados (KIRK, 2020, p.128). A prudência como propósito divino é interiorizada na observação paciente e investigação ponderada (KIRK, 2020, p.127).

O conhecimento acumulado dos princípios de governo, da esfera da moral e das ideias de liberdade são assimilados a séculos (BURKE, 2016, p.105). A política para Burke tem que ter prudência, cautela, cuidado. Segundo o autor, "é melhor se desdenhado por excesso de precaução, que se ver arruinado por excesso de confiança" (BURKE, 2016, p.32). A ideia de prudência é retomada em Kirk (2020) na análise que faz de Burke:

> É exigida maior prudência ao homem quando tem de acomodar esse conjunto de opiniões herdado às exigências dos novos tempos. A preconcepção não é fanatismo ou superstição, ainda que possa nisso degenerar. A preconcepção é pré-julgamento, a resposta que a intuição e o consenso de opinião ancestral

> oferecem ao homem quando lhe falta tempo ou conhecimento para chegar à decisão com base na razão pura (KIRK, 2020, p.125).

Prudência vai ao sentido da cautela, mas não do imobilismo. Acusações de que o conservadorismo a partir de Burke seria imobilista é uma afirmação equivocada. Segundo o autor, "um Estado onde não se pode mudar nada, não tem meios de se conservar. Sem meios de mudança, ele arrisca perder as partes de sua Constituição que com mais ardor desejaria conservar" (BURKE, 2016, p.44).

Mudança é processo de renovação dado que sociedade rígida não é desejável, só que tem de ser a partir de uma necessidade real, não imaginada (KIRK, 2020, p.134). Conservadorismo não é estrutura fixa, imutável de dogmas. "Conservadores herdam de Burke o talento de expressar novamente suas convicções para ajustarem-se aos tempos. Como premissa de trabalho, todavia, podemos observar que a essência do conservadorismo social é a preservação das antigas tradições morais" (KIRK, 2020, p.85).

Huntington (2021) ressalta que o pensamento conservador geralmente é estático, mas concorda com mudanças de acordo com a necessidade. Estático, porém, para um conservador, é a concretização do desejo de realidade (COUTINHO, 2014, p.26). Sociedade deve mudar lentamente (LACERDA, 2019, p.24) e diferentemente do pensamento utópico que é evolutivo, acaba se tornando repetitivo toda vez que a reação emerge como necessidade a alguma transformação brusca (HUNTINGTON, 2021, p.7).

Kirk (2020), autor do século XX, influenciado por Burke, destaca os principais pontos do conservadorismo. São eles: corpo de leis que rege a sociedade; oposição a uniformidade considerada limitadora, isto é, ao igualitarismo (que deve acontecer somente perante a lei); sociedade necessita de ordem e classes sociais; poder deve ser controlado pelos costumes, pelos usos consagrados; mudança social tem que ser prudente para a própria preservação social (KIRK, 2020, p. 86, 87).

Oakeshott (2018), autor contemporâneo de Kirk (2020), define o conservador como aquele indivíduo que escolhe o que é conhecido do que é incomum: "conservador prefere (...) o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna" (OAKESHOTT, 2018, p.179).

O autor observa que o conservador age de uma maneira específica, respeitando o que está disponível. O comportamento conservador para ele seria mais verificável em pessoas com mais idade do que em jovens, pois as pessoas mais velhas entendem com mais clareza a "escassez de recursos disponíveis no mundo", dando-lhe mais importância (OAKESHOTT, 2018, p.178). Assim, especifica o que é ser conservador:

> Sempre que a estabilidade for mais proveitosa que a melhora, sempre que a certeza for mais valiosa que a especulação, sempre que a familiaridade for mais desejável que a perfeição, sempre que um erro acordado for superior a uma verdade controversa, sempre que uma doença for mais aceitável que sua cura, sempre que uma satisfação pelas expectativas for mais importante que a justiça delas, sempre que uma regra de qualquer natureza for preferível a não haver regra alguma, a disposição a ser conservador será mais apropriada que qualquer outra; e sob qualquer prisma da condição humana tal situação cobre uma vasta gama de circunstâncias (OAKESHOTT, 2018, p.199).

Lacerda, a partir de Huntington (2021), salienta três modos do conservadorismo: a aristocrática, em crítica a Mannheim, elaborador do conceito que associa conservadorismo a elite, o que denota data de validade em um período histórico como a ascensão da burguesia; a autônoma, em que conservadorismo aparece em qualquer período histórico, desde que venha preservar a religião, as tradições e a propriedade, que não se faz possível por não termos momentos de crise à ordem estabelecida o tempo todo; e a situacional – mais factível – que emerge em contextos específicos a fim de conservar as alterações nas estruturas consideradas prejudiciais (LACERDA, 2019, p23).

Huntington (2021) sustenta o conservadorismo como ideologia, contudo, não há ideal a ser alcançado, um padrão a ser estabelecido para servir como meta, uma utopia a ser agarrada. Se o tecido social é arruinado, a ideologia conservadora surge para relembrar a importância da manutenção das instituições e do perigo de abstrações. O conservadorismo desponta como uma "ideologia de emergência" porque surge em reação a uma ameaça que coloca as estruturas sociais em perigo (COUTINHO, 2014, p.29).

Gramsci (1984, p.61) sublinha que ideologias surgiram no século XVIII significando "ciência das ideias". Ideologias, entendidas como "sistema de ideias", de acordo com Huntington (2021, p.7), podem ser inerentes ou posicionais. As ideologias inerentes provém de grupos, enquanto a posicional reflete uma situação, um contexto, ao que se revela alterações no ambiente externo que demandam a reação de um determinado grupo. Com ideologias posicionais, não é uma questão de "quem", mas de "onde" (HUNTINGTON, 2021, p.7). Dessa maneira, conservadorismo é uma ideologia posicional, pois discorre em função de uma necessidade histórica específica.

Oaskeshott (2018) explica que a atividade de governar demanda uma postura conservadora. O governo é a garantia do cumprimento da lei e tem como função mediar as normas existentes no jogo (OAKESHOTT, 2018, p.217). “Um árbitro que também é jogador numa partida não é um árbitro; regras nas quais não estamos dispostos a ser conservadores não são ordens, são um convite para a desordem; a conjunção de sonho com governo se degenera em tirania” (OAKESHOTT, 2018, p.231).

Para Kirk (2020), governantes necessitam de habilidade para reformar com desejo de preservar sem amor pela mudança. “O homem que ama a mudança está totalmente desqualificado, por sua concupiscência, a ser agente da transformação” (KIRK, 2020, p.134). Metafísica ligada ao desejo de mudança aponta para um pensamento reacionário – que tem raízes em um contemporâneo de Burke e influência da revolução Francesa.

Joseph de Maistre, escritor e filósofo, contemporâneo de Edmund Burke, atuava para restaurar uma monarquia dirigida por Deus em busca de uma “liberdade pelo monarca” (MAISTRE, 2010, p.240). O autor tinha em mente que a revolução Francesa foi radicalmente má, contra a Providência divina, contendo a “pura impureza”, fruto da violência que acredita ser intrínseca ao ser humano (MAISTRE, 2010, p.151). “Há na Revolução francesa um carácter satânico que a distingue de tudo o que já se viu e talvez de tudo o que se verá” (MAISTRE, 2010, p.157).

Maistre (2010) acredita que o mal se alastrou depois das ideias iluministas e que a filosofia encobre o mal ao afirmar que tudo caminha bem. Compartilha com Burke o horror a quebra de costumes, das tradições, mas difere demonstrando forte desejo contrarrevolucionário, carregado de viés ideacional que influenciou muito o pensamento reacionário. “O povo, ou a massa dos cidadãos, não tem pois nada a perder; e, ao contrário, tem tudo a ganhar com o reestabelecimento da Monarquia (MAISTRE, 2010, p.251). Maistre e Burke se separam nesta vontade desmedida de restauração, no exato ponto de separação que circunda o ceticismo e a aceitação de mudanças em frente a um ideal a ser alcançado e a revolta que impulsiona o desejo de retrocesso.

Diferentemente dos reacionários, conservadores tendem a aceitar uma nova ordem como obra inevitável do destino (HUNTINGTON, 2021, p.3) ainda que façam de tudo para conservá-la, como na revolução Francesa. O autor define claramente a distinção entre conservadores e reacionários:

> O conservador malsucedido que permanece apegado aos ideais de sua velha filosofia ideacional torna-se um reacionário, ou seja, um crítico da sociedade existente que deseja recriar no futuro um ideal que ele supõe ter existido no passado. Ele é um radical. Não existe distinção válida entre "mudar para trás" e "mudar para frente". Mudança é mudança; a história não recua nem se repete; e toda mudança está longe do status quo. Com o passar do tempo, o ideal do reacionário torna-se cada vez menos relacionado a qualquer sociedade real do passado. O passado é romantizado e, no final, o reacionário passa a apoiar um retorno a uma "Idade de Ouro" idealizada que nunca existiu de fato (HUNTINGTON, 2021, p.3, aspas do autor).

Verifica-se essa concepção de Huntington (2021, p.3) do conservador malsucedido que se torna reacionário em Jair Bolsonaro e sua defesa da ditadura civil militar de 1964. Como crítico da sociedade atual, Bolsonaro traz o passado romantizado da ditadura como modelo ideal para a democracia deteriorada por suas próprias ações, se tornando um radical. Reacionários sempre buscam mudanças bem afastadas do status quo.

No sentido oposto a Maistre, Burke (2016) acredita que faltou prudência nos acontecimentos que resultaram na revolta que deu origem a deposição do rei. Espantado com os acontecimentos sangrentos da revolução que derrubaram sangue nobre, Burke questiona: "eram necessários todos esses horrores?". E indaga: "Eram o resultado inevitável do combate desesperado de patriotas resolutos que, para alcançar a margem de uma liberdade tranquila e próspera, não tiveram outra escolha senão o tumulto e o sangue?" (BURKE, 2016, p.60).

Sem jamais intencionar estabelecer um comparativo entre a revolução Francesa e a tentativa de golpe de Estado em 8 de Janeiro de 2023 no Brasil, mas fazendo uma aproximação, notável em Burke seu olhar ao "combate desesperado de patriotas resolutos" que lutavam pela "liberdade". Esses trechos na reflexão do autor servem para embasar de forma típica ideal o pensamento conservador diante de qualquer insurreição, inclusive a que ocorreu no Brasil em oito de janeiro de 2023.

A tentativa de ruptura institucional que teve como alvo as instituições instaladas na Praça dos Três Poderes em Brasília, principalmente o Supremo Tribunal Federal, seus Ministros, especificamente, os Ministros Alexandre de Moraes, Edson Fachin e Luís Roberto Barroso não se encaixa nas definições conservadoras de Burke, mas pode ser enquadrada no reacionarismo de Maistre.

Burke é claro no respeito que um conservador deve nutrir pelo judiciário que compõe o Estado: "o magistrado deve ser respeitado e as leis obedecidas. Os princípios

de subordinação natural não podem ser desarraigados artificialmente da alma do povo" (BURKE, 2016, p.251). A análise do bolsonarismo no oito de janeiro de 2023 à luz de Burke revela que não se trata de um movimento conservador puro, mas um movimento reacionário, na esteira de Maistre (2010).

Bolsonaro e a construção do bolsonarismo são tipicamente reacionários, como bem anota Alonso (2019):

> (...) a candidatura de Bolsonaro falou aos estratos sociais afligidos com a mudança de costumes e desejos de restaurar a hierarquia de gênero, a dominância do casamento heterossexual, a orientação religiosa da conduta, a educação baseada na autoridade (...) essa retórica não é conservadora, é reacionária. Por isso tem efeito e faz sucesso. Ao contrário das utopias de esquerda, que prometem futuro incerto, pleiteia o retorno a um passado conhecido, com valores, costumes e hierarquias antimodernos. Com tantos sistemas de crença e padrões de comportamento laicos e cosmopolitas em competição, muitos se sentem desenraizados, desorientados, desprotegidos. Anseiam pela sombra protetora de um patriarca. De preferência, armado (ALONSO, 2019, p.62).

O bolsonarismo formou-se na esteira do politicamente incorreto, potencializado pela liderança de Jair Bolsonaro - que forneceu salvo conduto na expressão de pensamentos preconceituosos, retrógrados. O fundamentalismo político de Jair Bolsonaro é tipicamente reacionário na idealização de Deus para a condução a um passado mítico. O conflito moral na arena das guerras culturais também é reacionário, à medida que se deseja o retorno para valores patriarcais heteronormativos como modelo único para os corpos – que não podem desviar desse padrão.

Com as pessoas reconhecendo esse imaginário fincado no retorno ou mitificação de um passado, iniciou-se uma reação que revela facetas antidemocráticas sem receio de represálias e para isso o governo reacionário de Jair Bolsonaro se valeu da desinformação junto a diversas estratégias digitais na luta *antiestablishment*.

CAPÍTULO 3. DESINFORMAÇÃO E ATAQUES COMO ESTRATÉGIA DE INTIMIDAÇÃO DE JAIR BOLSONARO

Um passeio investigativo na história revela a desinformação em diferentes épocas e seu uso poderia tranquilamente partir de um conselho de Maquiavel como ferramenta complementar para alcançar e manter o poder de Estado. A desinformação esteve presente no antigo Egito, no império Bizantino, na Renascença italiana, nas vésperas da Revolução Francesa, registra o "Breve Guia da História das *Fake News*" (POSETTI e MATTHEWS, 2018).

Notícias falsas monopolizadas nas mãos de elites no passado já eram usadas para obter vantagens em relações de poder. O desprezo pela verdade factual também não é novidade. George Orwell percebeu empiricamente durante a Segunda Guerra Mundial um fluxo de mentiras em que notícias não tinham nada a ver com os fatos (ORWELL, 2020, p.97).

Desinformação contamina a opinião pública e auxilia no esgarçamento do tecido social democrático. Novidade em nossos tempos no século XXI é que a internet possibilita a produção de desinformação por qualquer indivíduo, de qualquer campo no espaço social. Mais que isso, desinformação ganhou espaço de recepção na última década com o potencial expansivo das redes sociais. Diversas vozes convergem na internet, simplificando a formação de grupos e o encontro de interesses (INNERARITY, 2017, p.143).

No espaço digital sem fronteiras ocorre a livre circulação de informações e de infinitas relações (MARTINO, 2015, p.46, p.61). Estamos imersos na cultura da convergência em que fluxos de conteúdos atravessam plataformas de mídia corporativa e alternativa criando novas subjetividades e experiências nos sujeitos. A circulação dos conteúdos depende da participação ativa dos consumidores, o que denota a "cultura participativa". (JENKINS, 2009, p.29, p.30).

Jair Bolsonaro e seu grupo político estimulam o ataque ao *establishment* e a desinformação é um instrumento potente nesta batalha. A desinformação foi pensada, produzida e disseminada em larga escala, não foi esporádica ou isolada. Existem técnicas no uso da desinformação para atacar inimigos. Ainda que uma das características principais do partido digital bolsonarista seja a cacofonia entrelaçada pela

desorganização, o conteúdo falso feito na midiosfera extremista tem boa aceitação e harmonia entre os membros em virtude da confiança concedida à Jair Bolsonaro.

Já que o fundamentalismo político bolsonarista funciona apenas na esfera moral do que é bem ou mal, certo ou errado, toda desinformação originada no grupo bolsonarista ou compartilhada diretamente por Jair Bolsonaro possui grande capital simbólico emprestado da liderança que mostra o lado certo da história.

Por mais que seja inspirado pelo mais nobre espírito de informar o mundo social, não devemos perder de vista que o jornalismo é um negócio e a verdade factual um produto a venda no mercado, o que não diminui sua importância nas democracias, afinal, a verdade factual oxigena o debate democrático. A verdade factual não foi deslocada do campo do jornalismo, mas foi desfigurada devido a sua própria essência frágil nas mãos do poder político, em uma campanha permanente de desqualificação dos meios de comunicação tradicionais que tornou essa mesma verdade factual um produto desinteressante, sem apelo, sem confiança, o que levou a animosidade contra alguns jornalistas, chegando a ameaças de violências físicas e simbólicas. Existe a impressão de que a atitude bélica contra os inimigos é correta.

O bolsonarismo não é direcionado pela verdade factual, mas pela verdade ditada pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro. Profanos bolsonaristas eram escravo do *establishment* e depois de tomar a *red pill* conheceram a verdade e a liberdade fora da ordem estabelecida. A liberdade do bolsonarismo. Trazer a verdade factual para dentro do universo bolsonarista ativa a negação instantânea e a defesa de fatos alternativos. Caso haja recuo de Bolsonaro, há adaptação as contradições trazidas pelas circunstâncias com a dissonância cognitiva coletiva.

Antes de adentrar o universo desinformativo do bolsonarismo, necessário compreender a definição de *fake news* e desinformação para depois compreender o ecossistema de desordem informacional.

3.1 Definição de *fake news* e Desinformação

Pós-verdade foi escolhida palavra do ano em 2016 pela Oxford Dictionaries. Quer dizer que existem "circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal". A etimologia do conceito é alvo de discordâncias, noção que foi utilizada pela primeira vez em 1992, na

revista *The Nation*, em um artigo do escritor sérvio-norte americano Steve Tesich (D'ANCONA, 2018, p.20).

Desconfiança de parcelas da população em torno de conteúdos produzidos pelos veículos de comunicação tradicionais dominantes como Globo e Folha de S. Paulo, indicam uma crise de legitimidade de atores sociais dominantes no campo do jornalismo. Desinformação e *fake news* aparecem como instrumento de luta entre os agentes sociais na chamada era da pós-verdade. Notícias falsas podem atingir em cheio a imagem de uma figura pública, reforçando a percepção negativa que um agente social cultiva sobre ele, ou lançando a dúvida sobre sua participação em algum acontecimento que prejudica seu capital político.

Para discutir *fake news* e desinformação é necessário delimitar um porto seguro que faça a anteposição que é a verdade factual. *Fake news* são textos intencionalmente e verificadamente falsos que podem enganar os leitores (TANDOC, et al 2018, p.138, tradução livre). Allcott e Gentzkow (2017, p.4), por sua vez, concebem as *fake news* como textos intencionalmente e verificáveis falsos que podem levar os leitores ao engano.

Mas como essas *fake news* e desinformações chegam ao público? Segundo Bounegru et al, (2020, p.8)[150] são as culturas participativas que facilitam a circulação e a recepção de *fake news*, sendo que somente no ambiente online um conteúdo pode ser considerado *fake news*.

Disseminação de informações falsas nas redes sociais e a cultura de compartilhamento levaram a desinformação e *fake news* à outro nível (DELMAZO e VALENTE, 2018), pois se tornaram uma perigosa epidemia subproduto do capitalismo digital em que é rentável produzir notícias falsas que chamam cliques (MOROZOV, 2018, p.182, 184, 186).

Verdade factual desqualificada não é viral e não circula na mesma velocidade da desinformação, de maneira que vivemos uma infodemia que é resistente a verdade, bem como uma crise da escuta atenta. Digitalização do mundo social deteriora o factual (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.44, p. 46, p. 86) "Digitalização é oposta diametralmente da facticidade (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.93).

---

[150] BOUNEGRU, et al. **A Field Guide To "Fake News" and other Information Disorders**. 2020. Disponível em: <https://fakenews.publicdatalab.org/> (Acesso em 25/08/2023).

Dourado (2021, p.53), define *fake news* como um tipo particular de informação inverídica divulgada como se fosse factual, mas comprovadamente falsa. *Fake news* como objeto de pesquisa é imprevisível, efêmero, dinâmico, o que torna complicado um padrão metodológico (DOURADO, 2021, p.61).

Para McGonagle (2017)[151], variedade de significados torna o conceito de *fake news* muito flexível. O conceito não é claro e define diferentes tipos de expressão, mas ainda assim, é prudente não descartar o termo de imediato, pois ele não desaparecerá rapidamente. *Fake news* simulam linguagem jornalística, são 'news' falsificadas (BUCCI, 2019a), isto é, são apresentadas como novidades com interesse público. Assim, um fato inventado é apresentado como 'news' através da imitação do jornalismo ou pelo impacto de um texto que traga novidades (DOURADO, 2021, p. 53). Notícia que passa confiança não precisa necessariamente ser verdadeira (BRUNO e ROQUE, 2019, p.13) na era da pós-verdade.

Wardle e Derakhshan (2017) não levam em consideração o termo *fake news* porque não se tratam apenas de notícias, mas de um ecossistema de informações. Conceito de *fake news* sozinho não consegue abarcar a miríade informativa contida em memes, links, vídeos, imagens. A politização das *fake news* corrompeu o termo, que passa por uma descaracterização toda vez que uma mentira precisa de uma aparência de verdade ou quando se quer acusar alguém. O uso político de *fake news*, na prática, rebate a verificação dos fatos que revela a falsidade, apontando que a acusação feita seria falsa e motivada por interesse de prejudicar (SEGURADO e CHICARINO, 2022).

Fake news se tornou um recurso na argumentação como saída a controvérsias, denúncias dentro do campo político, informações indesejadas (DOURADO, 2021, p.10). O contorcionismo retórico no conceito de *fake news* confunde para legitimar a farsa. Quando um líder como Bolsonaro ou Trump rebate acusações de *fake news* as chamando de *fake news*, todo um aparato de apoiadores, comentaristas, influenciadores, com forte presença no mundo social é ativado. A contestação dos líderes que usam *fake news* funciona como bússola para orientar o caminho e a opinião desses formadores de opinião oferece subsídios nas subjetividades para construção de repertórios.

[151] MCGONAGLE, Tarlach. **"Fake news": False fears or real concerns?"** 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0924051917738685> (Acesso em 25/08/2023).

Uma das estratégias para legitimar narrativas em detrimento da verdade factual ocorre em frases como: “o que é *fake news* para mim, não é para você”; “minha verdade pode ser diferente da sua”, declarações que trocam a verdade factual por opiniões e buscam legitimar o que é falso, permitindo um caminho para a desinformação sob a alegação de ser uma narrativa independente ou em contraposição (AMORIM, 2022).

Isso ocorre porque há uma apropriação do termo *fake news* por alguns políticos quando são cobrados e indagados (SEGURADO e CHICARINO, 2022). A definição do que é ou não *fake news* depende do direcionamento do líder, mesmo que fatos checados apontem o contrário. Por conta disso, usaremos o conceito de desinformação para se referir a falsidades e *fake news* para observar o uso político da desinformação.

O termo *fake news* é utilizado neste trabalho neste sentido de apropriação política e indefinição conceitual, ficando ao termo desinformação o papel de compreender o fenômeno das informações falsas. Além disso, há uma discussão a respeito da imprecisão do termo *fake news* no meio acadêmico. Daí a importância a destacar o conceito de desinformação.

Líderes políticos que incluem *fake news* a sua ação política se destacam da “manada dos comuns” (EMPOLI, 2020, p.24, p.163). Desunir de maneira explosiva virou corrente entre líderes que falam diretamente ao povo contra uma elite corrupta. Opinião baseada em conteúdo falso permite caminhos para circulação de mentiras e muitas vezes confusão em relação ao que é opinião e o que é notícia. Muitas pessoas alteraram sua dieta informacional com a internet compreendendo a realidade por meio de narrativas interiorizadas em mídias alternativas, sem compromisso com a verdade factual em um contexto em que fatos misturam-se com ficção (CESARINO, 2022, p.225).

Wardle e Derakhshan (2017, p.20) construíram uma diferenciação entre desinformação e os termos, sem tradução em português, *misinformation* e *malinformation*. A desinformação é constatada na criação e compartilhamento deliberado do indivíduo que busca enganar. Estamos no coração da discussão sobre a intencionalidade dos indivíduos em divulgar desinformação. *Misinformation* diz respeito ao compartilhamento desavisado, ou seja, a pessoa não sabe se tratar de informações falsas e não há intencionalidade. E a *malinformation* denomina-se no compartilhamento intencional de material privado, sem interesse público.

Debord (1997, p.202) coloca a desinformação como mau uso da verdade. Desinformação circula num contexto de sociedade do espetáculo, de relações de intermediação por imagens que pela especialização se autonomizou ao ponto do "mentiroso se convencer da construção de sua mentira" (DEBORD, 1997, p.13, 14). No '*Comentário sobre a Sociedade do Espetáculo*', escrito em 1984, Debord alertava que a circulação de desinformação já ocorria num mundo em que a verificação dos fatos perdeu espaço (DEBORD, 1997, p.204).

Com o intuito de entender o ecossistema de informações, Wardle e Derakhshan (2017) propõe analisar os diferentes tipos de conteúdo criados e compartilhados; as motivações de quem criou; e a forma como o conteúdo é repassado. A informação é muito ágil nas redes sociais com o ecossistema de informações (BOYD, 2017)[152].

No ecossistema informacional, Wardle e Derakhshan (2017) elaborou tipologias para classificar ramificações de desinformação, *misinformation* e *malinformation*. São elas: a) Sátira ou paródia: não há intenção de prejudicar, mas tem potencial de enganar; b) Conteúdo enganoso: utilização falsa de informação que pode causar prejuízo; c) Conteúdo impostor: modificação de conteúdo original; d) Conteúdo fabricado: novo conteúdo 100% falso, projetado para enganar e prejudicar; e) Conexão falsa: quando o visual do título ou as legendas não suportam o conteúdo; f) Contexto falso: quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informações contextuais falsas; g) Conteúdo manipulado: quando informações ou imagens genuínas são manipuladas para enganar.

Já a *European Association for Viewers Interests (EAVI)* elaborou material didático batizado de '*Beyond 'Fake News' - 10 Types of Misleading News'* identificando dez categorias de notícias falsas: a) propaganda, b) clickbait, c) conteúdo patrocinado, d) sátira e boato, e) erro, f) conteúdo partidário, g) teoria da conspiração, h) pseudociência, i) desinformação e j) conteúdo falso. Prováveis motivações por trás das tipologias são: dinheiro, política/poder, humor/diversão, paixão e objetivo de desinformar[153].

Desinformação mobiliza pessoas a reagirem e despertam sentimentos e motivações. Pensando em outros tipos ideais (Segurado e Chicarino, 2022), podemos

[152] BOYD, Danah. **The Information War Has Begun**. 2017. Disponível em: <https://zephoria.medium.com/the-information-war-has-begun-e86a27b8b675> (Acesso em: 26/08/2023).

[153] EUROPEAN ASSOCIATION FOR VIEWERS INTERESTS (EAVI). **Beyond Fake News: 10 types of Misleading news.** Disponível em: <https://eavi.eu/beyond-fake-news-10-types-misleading-info/> (Acesso em: 26/08/2023).

destacar alguns dos motivos do repasse de *fake news*: a confiança em quem repassou a notícia; o viés de confirmação, isto é, a confirmação de crenças internalizadas; por entretenimento (sátira, ironia), seja por ódio, medo, esperança; incompreensão ou desconhecimento dos fatos; pela narrativa inusitada que beira o absurdo; ou por intencionalidade, ou seja, quando se sabe da falsidade do material e se compartilha mesmo assim (SEGURADO, CHICARINO et al, 2022). Como explica Bruno e Roque (2019), não adianta trazer a verdade para desmentir um fato quando emoções conectam grupos de acordo com crenças preexistentes:

> Estudos sobre estratégias de combate à desinformação dizem o seguinte: não espere contrariar a enxurrada de falsidades com um esguicho de água da verdade. Mensagens que suscitam emoções fortes são particularmente persuasivas: asco, medo ou raiva são sensações que levam uma pessoa a repassar imediatamente uma mensagem. Isso só confirma que o engajamento no repasse da mensagem pode estar menos vinculado à veracidade de seu conteúdo do que à sua pertinência a um conjunto de convicções coletivas. A repetição de mensagens em grupos de afinidade leva à familiaridade, que, por sua vez, leva à aceitação (BRUNO e ROQUE, 2019, p.21).

Nem a checagem de informações produz a verdade (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.96), como veremos mais à frente nas entrevistas com profanos bolsonaristas. Agências de checagem não trazem a verdade para eles. Quando entramos em contato com informações, sempre vem a impressão que a informação poderia ser recortada de outra forma e por isso sempre vem acompanhada de uma desconfiança em sua essência. Mais que isso, perdemos a confiança na sociedade da informação (BYUNG- CHUL HAN, 2022, p.94).

Tandoc et al (2018) apontam que o "jornalismo cidadão" que estava restrito a blogs há quase duas décadas, hoje desafia o jornalismo profissional tradicional (TANDOC, et al 2018, p.139). A crise de legitimidade do jornalismo dominante deslocou a questão da 'verdade'. Para Tandoc et al (p.149), quando o público confunde as notícias reais com as notícias falsas pode-se brincar com a legitimidade do jornalismo. (TANDOC, et al, p.149). A crise de legitimidade de veículos do jornalismo dominante é efeito da fragilidade da 'verdade factual' nas mãos da política.

3.2 Verdade e bolsonarismo

Desinformação surge como tática de guerra na metade do século XX, mas sua ocorrência não se verifica apenas em períodos bélicos. A mentira sistemática não é utilizada somente por Estados totalitários. O fundamentalismo de Jair Bolsonaro (PL) sequestra a noção de verdade ao usar o slogan "Brasil acima de tudo, Deus acima de

todos" e a passagem bíblica "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (João 8:32) - principalmente durante a campanha eleitoral à Presidência da República em 2018 em que estava no PSL. O Presidente continuou utilizando o versículo após eleito, principalmente em seus posts na rede social Twitter (atual X), na rede social Facebook e na campanha eleitoral de 2022. Essa é a entrada discursiva para sua própria verdade que na realidade é uma rede de desinformação.

Estudo de pesquisadores do *Media Lab*, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, revelou que as *fake news* são 70% mais prováveis de compartilhamento por pessoas do que as notícias verdadeiras. Para chegar a essa conclusão, foram averiguadas 126 mil histórias compartilhadas por três milhões de pessoas no Twitter entre 2006 e 2017. Isso porque o impacto de uma *fake news* ativa afetos nas pessoas. Como já mencionado, sentimentos como revolta, medo, incerteza prevalecem sobre argumentos, de maneira que o factual é superado pelo sensacional em frente ao desejo (BUCCI, 2019, p. 44) e a crença.

Falseamento tornou-se parte mais viva da disputa político eleitoral. Narrativas escritas com base no que deveria ter acontecido e não no factual eram normalmente inseridas no debate público. "A verdade objetiva está desaparecendo do mundo", disse Orwell (2020, p.99) em artigos de jornais no período totalitário do nazi-fascismo, assustado ao perceber que as mentiras podem ser incorporadas à história.

Kakutani (2018) analisando Orwell, ressalta que o totalitarismo destrói a base comum de concordância que leva a verdade. No momento em que a verdade se fragmenta e se torna relativa, abre-se espaço para uma liderança dite o que é verdade ou não. "A teoria nazista, de fato, nega especificamente a 'verdade'" (KAKUTANI, 2018, p.64).

Orwell (2020) relata espanto ao ver uma pessoa acreditar ou duvidar de atrocidades baseando-se apenas em suas crenças. "Todos acreditam nas atrocidades do inimigo e duvidam daquelas cometidas por seu próprio lado, sem nem se darem ao trabalho de examinar as evidências" (ORWELL, 2020, p.91). Ainda distante da época das *fake news* disseminadas pelas redes sociais, Orwell (2020) percebia como as notícias falsas eram descoladas dos fatos e incorporadas à guerra no combate ao inimigo a ser aniquilado:

> Ainda jovem me dei conta de que nenhum acontecimento é corretamente relatado num jornal, mas na Espanha, pela primeira vez, vi notícias que não tinham a menor relação com os fatos, nem mesmo o relacionamento implícito

> numa mentira banal. Vi notícias de grandes batalhas onde não houvera nenhum combate, e silêncio total onde centenas de homens tinham sido mortos. Vi soldados que lutaram bravamente ser denunciados como covardes e traidores, e outros que nunca dispararam um tiro ser exaltados como heróis de vidas imaginárias; e vi jornais em Londres reproduzindo essas mentiras e, intelectuais afoitos erguendo superestruturas emocionais sobre eventos que nunca haviam ocorrido. Vi, na verdade, a história sendo escrita não em termos do que aconteceu, mas do que deveria ter acontecido de acordo com várias "linhas partidárias" (ORWELL, 2020, p.97).

Com a verdade objetiva desaparecendo do mundo, aumenta a possibilidade da mentira ser incorporada a história (ORWELL, 2020, p.99). Em nossos tempos, a noção de verdade tem sido posta à prova junto a desconfiança das instituições que legitimavam a verdade como ciência, imprensa, universidades (BARBOSA, 2019, p.7). Verdade é também similar a uma relação de confiança (CESARINO, 2022. p.220). Falta confiança na mediação que nos fazem pressupor que algo é verdade por falta de transparência, ao passo que toda representação falsifica (CRUZ, 2019, p.26). Profissionais da verdade no jornalismo dominante tem o difícil embate com a instantaneidade das mídias sociais em transmissões ao vivo, sendo que quanto menos mediações, há mais confiança no que é passado (CESARINO, 2022, p.232).

Evidências obtidas pela ciência em busca de verdades consideradas restritas a especialistas são contestadas como se fossem controladas por uma elite de poucas pessoas. Não vivemos uma crise da verdade, mas uma crise na maneira que alcançamos a verdade (BRUNO e ROQUE, 2019, p.17, 18) contornando *gatekeepers*, numa repetição infindável que ocorre nas bolhas e câmaras de eco. Mentira ganhou outra dimensão, dificultando a construção da opinião pública e a verdade ficou diminuída a uma hipótese que não tem demonstração, o que implica em efeitos na política, na ciência, na justiça, nas artes (DEBORD, 1997, p.176). "Nunca foi possível mentir com tão perfeita ausência de consequências. O espectador é suposto ignorante de tudo, não merecedor de nada. Quem fica sempre olhando, para saber o que vem depois, nunca age: assim deve ser o bom espectador" (DEBORD, 1997, p.183).

Fatos deixaram de ser pontos fixos em que se baseava uma opinião. Essa desfactualização foi percebida por Arendt (2017), pois, a verdade factual é frágil ao ser apropriada pelo poder político. O mundo desfatualizado (ARENDT, 2017, p.39) é caminho fértil para o bolsonarismo. O Presidente incorre num deslocamento da verdade como estratégia para legitimar suas ações *antiestablishment* e a mentira é fundamentalista por essência, já que sua propagação pode impedir consensos fundamentais. Há

desconfiança em torno de atores sociais que legitimavam a verdade, o que potencializou o sentimento *antiestablishment* aproveitado e potencializado por Bolsonaro e Trump.

No modelo de produção capitalista em que o neoliberalismo molda subjetividades, as forças em disputa imersas na acumulação de espetáculos (Debord, 1997) do empresário de si mesmo mostra os efeitos do rompimento do que era vivido diretamente por um mundo de representação e contemplação. Limites foram apagados, como explica Debord (1997):

> O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu que a presença ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalcamento de toda verdade vivida, diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência (DEBORD, 1997, p.140).

O que se torna aparência em um tipo de representação espetacular atualmente contestada abre espaço para desorganização informacional. Para Arendt (2016), a mentira organizada pode ser um instrumento contra a verdade. A mentira organizada, segundo a autora, destrói o que quer negar (ARENDT, 2016).

Bucci (2019, p.24) explica que, segundo Arendt, existe uma cisão entre a política e a verdade factual porque a política pode se apropriar dos fatos. Para a autora, não há segurança dos acontecimentos nas mãos do poder (ARENDT, 2016). Bucci (2019, p.24) esclarece que, aos olhos de Arendt, a política não pode estabelecer a verdade dos fatos para não flertar com o autoritarismo. Segundo Arendt (2016), pretender uma verdade absoluta deteriora a base política e qualquer regime (ARENDT, 2016).

De fato, não existe segurança dos acontecimentos nas mãos do poder (ARENDT, 2016, p.289). A política que estabelece a verdade dos fatos está fardada a flertar com o autoritarismo (BUCCI, 2019, p.24). A pretensão da verdade (ARENDT, 2016, p.292) abala a política e desestrutura a democracia. Verdade factual e processos de veracidade perderam valor, ao passo que a crise do modo como alcançamos a verdade abala a crença nos próprios fatos com a perda da linguagem comum.

Notícias falsas desinformam o público poluindo o debate democrático na fonte e colocar o Estado para regulação é objeto de intensa disputa política envolvendo liberdade

de expressão versus censura e assim a legislação para coibir *fake news* é problemática, dado que pode sufocar a mídia independente e crítica.[154]

Com a ideia de regulação da sociedade pela verdade factual em crise, o tecido social se desorganiza. Opiniões podem e devem ser diferentes, mas baseadas em fatos ou não haverá legitimidade. Isso porque a liberdade de expressão decai em farsa se não estiver ancorada a uma verdade factual (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.44, 83, p.86) "Desaparecimento de uma facticidade da vida mundana dificulta massivamente a comunicação orientada ao entendimento" (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.58).

> Na era das *fake news*, desinformações e teorias da conspiração, a realidade, com suas verdades factuais, foi extraviada. Passam a circular então, informações totalmente desacopladas da realidade, formando um espaço hiper-real. A crença na facticidade foi perdida. Vivemos, assim, em um universo desfactuado. Ao fim e a cabo, com o desaparecimento das verdades factuais, desaparece também o mundo comum no qual podíamos nos reportar em nossa ação (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.82).

Byung-Chul Han (2022, p.93) critica Hannah Arendt pela sua percepção de que embora a verdade factual seja frágil, essa verdade pode desaparecer. Para Chul Han, a persistência dos fatos que constituem a verdade factual são parte do passado (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.23), o que beneficiaria lideranças como Trump e Bolsonaro. Entre o otimismo de Arendt e o pessimismo de Chul Han, observamos que verdade factual ainda está presente no mundo, embora seja ainda mais frágil que supunha Arendt com a circulação veloz de informações na internet, essa verdade factual passa impressão de desaparecimento diante de contextos históricos em que líderes autoritários sequestram a verdade. No entanto, parte da crise que vivemos gira em torno de como alcançamos a verdade.

Líderes autoritários afirmam com convicção dizer a verdade já que a ideologia se traveste de "verdade". "Hitler dissemina sua ideologia racista justamente em nome da verdade" (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.88). Para Han (2022, p.88, p.93), Trump não mente em nome da verdade e por inventar nova realidade, não mente em sentido usual, pois cria narrativas com seus "fatos alternativos". Jair Bolsonaro, por sua vez, mente em nome da verdade redirecionando a confiança perdida para que a verdade seja encontrada apenas em seu discurso.

---

[154] MCGONAGLE, Tarlach. **"Fake news": False fears or real concerns?"** 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0924051917738685> (Acesso em 25/08/2023).

Boyd (2017) afirma que "a mídia de notícias se tornou um peão em um grande jogo de xadrez de uma guerra de informação"[155], que é também uma guerra híbrida (LEIRNER, 2022). Gomes e Dourado (2019) ressaltam que existe uma guerrilha de desinformação que faz a manutenção da tensão a deixando sempre em elevação à medida que gera comoção coletiva, possibilitando disseminação de desinformação sobre diferentes temas, levando a epistemologias tribais e comportamentos de tribo (GOMES e DOURADO, 2019, p.38).

Ensinamentos da cartilha militar influenciaram Jair Bolsonaro. Por isso, conhece estratégias de desinformação e de guerra informacional e, mais ainda, como estimular e direcionar o seu exército de profanos bolsonaristas a atacar os inimigos. Esse discurso belicoso transferido para a linguagem da internet se reflete em técnicas que são utilizadas pelo bolsonarismo e que serão explicadas no próximo segmento.

3.3 Técnicas de desinformação e intimidação do bolsonarismo

Apurações e investigações acerca do emprego de desinformação na campanha eleitoral de 2018 de Jair Bolsonaro concluíram a existência de uma estrutura de disseminação de informações falsas. Repórter Patrícia Campos Mello, do jornal Folha de S. Paulo, denunciou durante a disputa de 2018 que empresas e pessoas favoráveis a Jair Bolsonaro contrataram agências de marketing político para realizar disparos em massa de mensagens falsas contra o PT no Whatsapp[156]. Para atingir essa finalidade, utilizavam de maneira criminosa nomes e CPFs de idosos no registro de chips de celular[157]. Compartilhar um conteúdo sem saber que é falso, a chamada *misinformation*, é mais perigoso e preocupante que a criação de sites de notícias falsas (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

Depois das primeiras denúncias, Mello (2020) aponta que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não sabia distinguir impulsionamento de postagens no Facebook ou Twitter (atual X) de disparos em massas no WhatsApp feitos de forma profissional por

---

155 BOYD, Danah. **The Information War Has Begun**. 2017. Disponível em: <https://zephoria.medium.com/the-information-war-has-begun-e86a27b8b675> (Acesso em: 26/08/2023).

156 MELLO, Patrícia C. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> (acesso em 27/01/2023)

157 RODRIGUES, Artur. MELLO, Patrícia C. **Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml> (acesso em 28/01/2023).

agências de marketing (MELLO, 2020, p. 69). Enquanto o bolsonarismo sabia o que fazia nas redes sociais, as instituições desconheciam os meios por onde a desinformação escoava ao público.

3.3.1 CPMI das *Fake News*

Diante dos fortes indícios de irregularidades, instalou-se uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI)[158], a fim de se investigar a produção e disseminação de desinformação nas redes sociais e o ataque de perfis falsos a pessoas e instituições (MELLO, 2020, p.79). Na CPMI, formaram-se dois blocos discursivos antagônicos similares a configuração da campanha eleitoral de 2018: o governista por Jair Bolsonaro junto a apoiadores antipetistas e outro de suporte ao PT, fatia não homogênea, que se unia com o partido no antibolsonarismo (CHICARINO, CONCEIÇÃO, 2020, p.20).

Aliados ao governo como o blogueiro Allan dos Santos, o empresário Luciano Hang, o secretário da Secom/Presidência da República Fábio Wajngarten, o assessor especial da Presidência da República Filipe G. Martins, foram alguns dos principais nomes que prestaram depoimento a CPMI, bem como agentes sociais que romperam com o bolsonarismo como, o Ministro da secretaria de governo, general Carlos Alberto dos Santos Cruz, o Deputado Federal Alexandre Frota (PSL-SP) e a deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP). No depoimento de Hasselmann, tornou-se pública a existência de uma milícia digital dirigida pelo núcleo duro do bolsonarismo, o que cunhou de "gabinete do ódio".

Gabinete do ódio consiste em um grupo de servidores que eram lotados no executivo federal que criavam e propagavam notícias falsas e insultos contra políticos e instituições. Com as informações da CPMI compartilhadas com o STF, o Ministro Alexandre de Moraes ratificou a existência de um gabinete do ódio[159] que tinha o filho de Jair Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, como mentor, como verificou-se nas investigações da

[158] Instalada em setembro de 2019, a CPMI foi interrompida diante da pandemia de Covid-19 em março de 2020 e foi encerrada sem chegar a uma conclusão, porém, informações foram compartilhadas com o STF no inquérito das *fake news* e das milícias digitais.

[159] BOGHOSSIAN, Bruno. FABRINI, Fábio. TEIXEIRA, Matheus. **Decisão do Supremo cita 'gabinete do ódio' do Planalto e indica possível associação criminosa.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/decisao-de-moraes-para-operacao-contra-fake-news-cita-gabinete-do-odio-e-assessores-de-bolsonaro.shtml> (acesso em 30/08/2023).

Polícia Federal[160]. Assim, o gabinete do ódio se valia da ativação do *firehosing* (MELLO, 2019, p.19) e do *astroturfing* (CHAGAS, 2020) e qualquer um que discordasse do governo estava passível de sofrer *doxing* e *flaming*. A reação da Justiça as ilegalidades digitais foi instrumentalizada politicamente pelo grupo bolsonarista como se estivessem sendo atacados pelo *establishment* que defende a circulação de desinformação.

Durante a CPMI, a oposição ao governo Bolsonaro se ocupou de apontar inconsistências nos depoimentos de Hans River do Nascimento e de Allan dos Santos, enquanto eles se defendiam nas redes sociais espalhando mais desinformação. Allan dos Santos aproveitou para disseminar o discurso *antiestablishment*, atacando instituições e a mídia tradicional em defesa de uma "alternativa à mídia tradicional" (CHICARINO, CONCEIÇÃO, 2020, p.20).

Apesar de não ter tido um relatório final, as investigações foram compartilhadas com o STF e mostraram a existência de uma rede de desinformação que atacava inimigos em fóruns numerados, com agendas e pautas coordenadas e com administração centralizada[161]. WhatsApp baniu 400 mil contas no Brasil durante as eleições de 2018 por transgressão aos termos de uso[162]. Destas, 55 mil tinham funcionamento anormal e foram considerados *bots* e 24 contas, que se descobriu serem de administradores, realizavam a maior parte destes disparos em massa[163].

Dois parlamentares bolsonaristas que eram titulares da CPMI das *Fake News*, os Deputados Filipe Barros (PSL-PR) e Coronel Tadeu (PSL-SP), aparecem como administradores de grupos de Whatsapp que circulam desinformação contra outros Deputados Federais e Ministros do STF. Barros é um dos dois administradores do grupo

---

[160] COLON, Leandro. **PF identifica Carlos Bolsonaro como articulador em esquema criminoso de fake news.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-articulador-em-esquema-criminoso-de-fake-news.shtml> (acesso em 30/08/2023).

[161] REBELLO, Aiuri. SEGALLA, Vinícius. **Veja os passos da milícia digital contra jornalista da Folha citada em CPI**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/16/fake-news-whatsapp-cpi-patricia-campos-mello.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

[162] BRITO, Ricardo. **WhatsApp baniu 400 mil contas do Brasil durante eleições de 2018.** 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/reuters/2019/11/19/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

[163] MILITÃO, Eduardo. REBELLO, Aiuri. **CPI chega a principais contas de disparo irregular de WhatsApp nas eleições**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/16/cpmi-fake-news-whatsapp-25-numeros-linhas-internacionais-disparo-em-massa.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

de WhatsApp "Militantes Bolsonaristas 3". Tadeu, por sua vez, é um dos nove administradores (todos identificando-se como militares ou assessores de militares) do grupo de WhatsApp "Major Vitor Santos", com 80 integrantes[164].

Uma semana depois de depoimento na CPMI, o Deputado Federal Alexandre Frota (PSL-SP) relatou em entrevista que sabia da existência de quatro gabinetes de Deputados Federais no qual assessores parlamentares atuavam como milicianos digitais que alimentavam a midiosfera extremista com desinformação. Segundo Frota, que tinha rompido com Jair Bolsonaro em setembro de 2019, o conteúdo desinformativo era coordenado pela liderança de Olavo de Carvalho, que também escolhia os inimigos que deveriam ser atacados.

Depois de selecionados os inimigos, YouTubers como Allan dos Santos, Bernardo Kuster, Barbará "Te Atualizei", entram em ação iniciando a disseminação que ocorre com replicadores como o Deputado Estadual paulista Douglas Garcia (PSL), o Presidente do Movimento Conservador Edson Salomão, o Deputado Estadual paulista Gil Diniz (PSL), entre outros[165]. Nesse sentido, lideranças do PT; o então Presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (DEM-RJ); o então Presidente do Senado Davi Alcolumbre (DEM-AP); a então deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) e os Ministros do STF José Antonio Dias Toffoli e Alexandre de Moraes eram os principais alvos desses grupos.

Chagas (2020) percebe o uso de uma técnica chamada *astroturfing* na campanha eleitoral de 2018 com práticas coordenadas. Essas ações ocorriam por meio da integração de administradores de grupos de WhatsApp que agiam coordenadamente nos ataques e promoção de agendas positivas à Jair Bolsonaro. Disseminação de notícias falsas por robôs ou *bots*, números de telefones estrangeiros, sites políticos ocultando os verdadeiros autores denomina-se "*astroturfing*" (MELLO, 2020, p.27,28).

Assim, buscamos compreender as técnicas utilizadas na estratégia *antiestablishment* bolsonarista. *Firehosing*, *Astroturfing*, *Flaming* e *Doxing* são técnicas

---

164 SEGALLA, Vinícius. REBELLO, Aiuri. **Deputados da CPI das Fake News mantêm grupos com notícias falsas e ataques**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/12/deputados-filipe-barros-coronel-tadeu-whatsapp-fake-news-stf-maia-toffoli.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

165 SEGALLA, Vinícius. KONCHINSKI, Vinícius. **Frota lista Olavo, deputados e empresário em rede de fake news bolsonarista**. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/02/entrevista-alexandre-frota-fake-news-governo-bolsonaro.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

de escoamento digital de desinformação, projeção e intimidação. Compreenderemos esses conceitos no mundo social com os ataques contra a jornalista Patrícia Campos Mello e a psicóloga Tatiana Lionço. A análise acerca da jornalista se justifica a medida que suas apurações revelaram um grande esquema de disseminação de informação e intimidação da qual ela própria foi alvo na disputa política ocorrida na CPMI das *Fake News*. A análise em torno da psicóloga faz-se necessária ao passo que foi vítima por anos de uma batalha nas guerras culturais por ser associada ao Kit Gay.

Patrícia Campos Mello se tornou inimiga do bolsonarismo depois da matéria em que revelava os disparos em massa do bolsonarismo, mas faltava uma narrativa para atacá-la. Essa narrativa foi construída a partir da traição da fonte principal de suas informações. Ex-funcionário da empresa de marketing digital que fez os disparos em massa, Hans River do Rio Nascimento, disse a CPMI que fez disparos em massa para vários partidos políticos, principalmente para Fernando Haddad, candidato do PT, negando que tenha atuado na campanha de Jair Bolsonaro[166]. A fala gerou a narrativa de que Jair Bolsonaro não precisava usar *bots*, pois teria pessoas dispostas a disseminar sua mensagem naturalmente, de forma orgânica, os chamados marqueteiros do Jair, e que Patrícia Campos Mello criou a *fake news* sobre disparos em massa para atingir Bolsonaro e beneficiar o PT. Para associá-la aos petistas, vasculharam sua vida em busca de qualquer vestígio.

Um vídeo editado, onde Patrícia Campos Mello admite ter votado no PT em uma eleição, circulou nas redes sociais apresentando-a como militante fervorosa que não consegue ser isenta e precisa atacar Bolsonaro. A revista Brasileiros, de seu pai, o fotógrafo Hélio Campos Mello, associada as esquerdas foi mais uma estratégia de deslegitimação[167]. Para contestar Hans River do Nascimento, a repórter Patrícia Campos

[166] DUARTE, Melissa. **Testemunha diz na CPMI das fake news que fez disparos em massa para Haddad**. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/testemunha-diz-na-cpi-das-fake-news-que-fez-disparos-em-massa-para-haddad/> (acesso em 15/09/2023).

[167] CANETA.ORG. **Jornalista da Folha que fez denúncia contra Bolsonaro e Zema afirma: "sempre votei no PT"**. 2018. Disponível em <https://caneta.org/noticias/jornalista-da-folha-que-fez-denuncia-contra-bolsonaro-afirma-que-sempre-votou-no-pt/> (Acesso em 15/09/2023).

Mello e a Folha de S. Paulo expuseram as conversas entre a jornalista e a fonte, a fim de provar que Hans River mentiu[168].

A situação se elevou para violência simbólica de tom misógino no momento em que Hans River mentiu novamente[169] à CPMI e ofendeu Patrícia Campos Mello ao relatar que a repórter ofereceu uma relação sexual em troca de informações[170]. Com a grande repercussão da fala de Hans na opinião pública, o Presidente Jair Bolsonaro em entrevista em frente a um grupo de apoiadores, ampliou a ofensa sexual à Patrícia Campos Mello de maneira debochada. "Ela queria dar o furo"[171], disse em entrevista na frente de um grupo de apoiadores no Palácio do Alvorada.

O "furo" no jargão jornalístico é uma expressão que denota que o jornalista conseguiu exclusividade na revelação de uma matéria. Contudo, este não foi o sentido colocado por Jair Bolsonaro, que através do deboche realizou a insinuação grosseira e violenta contra Mello. Jair Bolsonaro foi condenado a pagar 20 mil reais de indenização à repórter por danos morais.[172] Após recorrer, a condenação foi mantida e o valor da indenização aumentado para 35 mil reais[173].

---

168 PODER 360. **Folha mostra mensagens e afirma que Hans River mentiu à CPMI das fake news.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/folha-mostra-mensagens-e-afirma-que-hans-river-mentiu-a-cpmi-das-fake-news/> (Acesso em: 18/01/2023).

169 FOLHA DE PERNAMBUCO. **Veja quais foram as mentiras a CPMI de ex-funcionário de empresa de disparo em massa**. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/veja-quais-foram-as-mentiras-a-cpmi-de-ex-funcionario-de-empresa-de-di/130691/> (acesso em 18/01/2023).

170 FOLHA DE S. PAULO. **Ex-funcionário de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da Folha**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml> (acesso em (28/01/2023).

171 URIBE, Gustavo. **Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml> (acesso em 28/01/2023).

172 FOLHA DE S. PAULO. **Justiça condena Bolsonaro a indenizar repórter da Folha por danos morais**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/justica-condena-bolsonaro-a-indenizar-reporter-da-folha-por-danos-morais.shtml> (acesso em 29/01/2023).

173 BRANDINO, Géssica. **Por 4 votos a 1, TJ-SP mantém condenação a Bolsonaro por ofensas a repórter da Folha.** 2022. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/por-4-votos-1-tj-sp-mantem-condenacao-a-bolsonaro-por-ofensas-a-reporter-da-folha.shtml> (acesso em 29/01/2023).

A Justiça de São Paulo condenou Hans River a pagar 50 mil reais de indenização à repórter por danos morais[174]. Hans River agiu de acordo com o mandamento que Jair Bolsonaro imprimiu no bolsonarismo: ação e recuo (CESARINO, 2022, p.202) para produzir um efeito de instrução e estímulo nos apoiadores. Voltar atrás na argumentação apoiando-se em uma mentira em depoimento a uma CPI, mesmo depois de ter revelado a verdade diz muito sobre a era que vivemos e se compara a ação e recuo próprios do bolsonarismo. O depoimento de Hans forneceu material para o ataque a repórter e a mídia tradicional, reforçando o posicionamento antagônico do 'nós versus eles'. Patrícia Campos Mello foi colocada do outro lado da fronteira como mais uma inimiga comunista a ser destruída.

Eduardo Bolsonaro, outro filho de Jair, fez o mesmo insulto sexual contra Patrícia. A repórter, que define o gabinete do ódio como máquina do ódio, conta o que passou:

> Não podia acreditar no que estava acontecendo. Primeiro, uma testemunha mente em uma CPI, o que é crime. Eu já estava quebrando a cabeça tentando entender por que Nascimento havia feito isso. Ele sabia que eu tinha tudo registrado, documentado. Por que inventou essa história? Agora, um Deputado, filho do Presidente da República, dizia que não duvidava que eu tinha me insinuado sexualmente (MELLO, 2020, p.95).

As violências cometidas por Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro a partir das insinuações de Hans River do Nascimento autorizaram o bolsonarismo a se voltar contra Patrícia Campos Mello. Falas de Jair Bolsonaro são complementadas por seguidores que formam seu corpo digital (CESARINO, 2022, p.265). Com a repercussão explosiva da matéria de Patrícia Campos Mello e seus desdobramentos, os apoiadores de Bolsonaro passaram a atacar a reputação da repórter com as hashtags #CadêAsProvas e #MarqueteirosdoJair que passaram a dominar as redes (MELLO, 2020, p.48). Na dissonância cognitiva coletiva do bolsonarismo, não havia dúvidas da lisura de Jair Bolsonaro e da culpa de Patrícia Campos Mello e do PT. Com a fala de Hans River e o estímulo de Bolsonaro, era irrefutável a narrativa de que os disparos em massa foram realizados por Haddad e atribuídos ao oponente.

Disparos em massa como relatados no funcionamento da midiosfera extremista bolsonarista em uma difusão maciça de informações falsas em fluxo contínuo é

[174] BRANDINO, Géssica. **Justiça condena Hans River a indenizar repórter da Folha em R$ 50 mil por danos morais**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/justica-condena-hans-river-a-indenizar-reporter-da-folha-em-r-50-mil-por-danos-morais.shtml> (Acesso em: 20/01/2023).

denominado de *firehosing*, palavra cunhada por americanos que vem de "*fire house*", ou mangueira de incêndio. As pessoas recebem grande volume de notícias inverídicas que vão ao encontro de crenças preexistentes, o que acaba validando aquele conteúdo (MELLO, 2020, p.24).

3.3.2 *Firehosing*

Firehosing é uma técnica de desinformação aprimorada pelos russos. Como reforça Debord (1997, p.201), a desinformação na gestão dos Estados modernos tem elaboração na Rússia. Paul e Matthews (2016, p.1) buscaram entender o fluxo de desinformação na Rússia no período que compreende 2008 e 2014 e perceberam a existência de uma máquina de propaganda similar a utilizada pela União Soviética, que se distingue obviamente pela velocidade e capacidade de disseminação de uma mensagem nas redes sociais.

Paul e Mathews (2016) trazem considerações fundamentais para a compreensão acadêmica do conceito de *firehosing*, mas é crucial salientar a posição que ocupam como especialistas da Rand Corporation[175] a fim de entender o contexto de guerra híbrida entre americanos e russos. Rand Corporation em 1996 previu a guerra informacional nas redes e as operações psicológicas para controlar percepções (LEIRNER, 2022, p.53).

Para Leirner (2020, p.55), Paul e Mathews consolidaram o conceito de fireshosing para contra atacar a acusação russa de que os americanos que promoviam guerras híbridas contra eles. Para a Rand, portanto, a prática de *firehosing* teria origem russa, enquanto para os russos, teria origem nas guerras híbridas promovidas pelos Estados Unidos.

É de extrema relevância perceber que acusações de ambos lados, tanto Estados Unidos, quanto Rússia, a respeito da solidificação do *firehosing* como prática nos colocam no centro de combate das guerras híbridas já que um dos princípios desses combates é o ocultamento da identidade de quem iniciou a disseminação da mensagem, levando a desorientação do receptor. É sabido que Paul e Mathews (2016) da Rand

[175] Rand Corporation é um *think tank* americano que conta com milhares de especialistas, oferecendo pesquisas, análises e relatórios de inteligência que servem as Forças Armadas dos Estados Unidos. Financiado pelo governo dos EUA, por empresas privadas, universidades e civis, a RAND elabora estratégias a longo prazo, funcionando como um dos importantes produtores de conteúdo de análise geopolítica e de defesa externa. Ver mais em: <https://www.rand.org/> (Acesso em: 18/11/2023).

sistematizaram o conceito de *firehosing*, mas quem iniciou a guerra híbrida utilizando o *firehosing* como instrumento é impreciso, dada a característica da própria guerra híbrida.

Paul e Mathews (2016) trazem contribuições relevantes para a compreensão do fenômeno do *firehosing* e por conta disso, feitas as ressalvas, as considerações dos pesquisadores merecem acolhimento para delinear o que está em jogo quando se menciona o uso de *firehosing*.

Os autores ressaltam que essa máquina de propaganda desinformativa intenciona influenciar e persuadir indivíduos e foi caracterizado pela semelhança metafórica com uma "mangueira de incêndio da falsidade". A técnica funciona a partir da disseminação de grande quantidade de material em formato de texto, meme, vídeo, áudio e imagens estáticas e é propagado através de mídias sociais, televisão e rádio, impulsionados por "*trolls*"[176] pagos e *bots* (PAUL e MATTHEWS, 2016, p.1). A figura do *troll* como baderneiro virtual se distingue de ações mais contundentes de envolvimento em um conflito como as realizadas pelos "*flamers*" (ARANHA, 2014, p.126) que praticam o *flaming*, que discutiremos mais à frente. A propaganda de desinformação atinge crenças pessoais e assim as pessoas agem de acordo com seu viés de confirmação, indo ao encontro do interesse de quem a atingiu com o *firehosing* (PAUL e MATTHEWS, 2016, p.2).

O *firehosing* possui algumas características fundamentais: a) um elevado número de mensagens em multicanais de comunicação; b) desejo incontrolável de disseminar verdades parciais ou puras ficções; c) falta de compromisso com a verdade factual; d) sem consistência entre o que é dito entre cada discurso[177]. Com isso, espera-se que essa técnica gere entretenimento, confusão e sobrecarga dos indivíduos (PAUL e MATTHEWS, 2016, p.1).

Na prática do *firehosing*, a verdade factual não tem relevância, uma vez que o que interessa é uma interpretação dos acontecimentos de acordo com as intenções de quem se vale da técnica. Não significa que todo material seja falso, pois muitas vezes contém uma

---

[176] *Trolls* são usuários na internet que provocam discórdia em debates e fóruns com ataques sem motivo aparente, disseminando críticas pesadas e ódio. Paul e Matthews (2016, p.2) ressaltam que de acordo com um ex-*troll* russo pago da Internet, os *trolls* ficam de plantão 24 horas por dia, em turnos de 12 horas, e cada um tem uma cota diária de 135 posts comentários de pelo menos 200 caracteres.

[177] SIMÃO, Renan B. **Firehosing: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas**. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/firehosing-por-que-fatos-nao-vao-chegar-aos-bolsonaristas/> (Acesso em: 20/09/2023).

fração significativa da verdade (PAUL e MATTTEWS, 2016, p.5). A velocidade da internet auxilia o uso do *firehosing*: enquanto jornalistas profissionais apuram a verdade factual, o uso do *firehosing* já apresenta a primeira versão dos acontecimentos, dado que distorcer ou inventar fatos leva menos tempo que a verificação jornalística (PAUL e MATTTEWS, 2016, p.9).

Outro aspecto que destacamos no *firehosing* é a repetição da desinformação. Segundo os autores, a exposição repetida a uma declaração aumenta sua aceitação como verdadeira, uma vez que as primeiras impressões resistem na subjetividade, além da repetição conduzir a uma familiaridade que leva à aceitação daquela mensagem (PAUL e MATTTEWS, 2016, p.5). A repetição é potencializada pelas bolhas e câmaras de eco e são parte fundamental para projetos hegemônicos.

Firehosing se beneficia de um ecossistema digital repleto de possibilidades de fontes e meios de informação. Dessa maneira, os autores ressaltam três pontos acerca da persuasão e confiança na vivência online:

a) Múltiplos canais e fontes são mais persuasivos do que uma única fonte, especialmente se essas fontes contiverem argumentos diferentes que apontam para a mesma conclusão.

b) Receber a mesma mensagem ou semelhante de múltiplas fontes é mais persuasivo.

c) As pessoas assumem que as informações de múltiplas fontes são, provavelmente, baseadas em perspectivas diferentes e, portanto, merecem maior consideração.

Assim, percebemos que as mensagens recebidas em maior volume por multicanais de informações serão mais persuasivas, uma vez que o endosso de um grande número de usuários estimula a confiança nas informações e consequentemente nos veículos que transmitiram a mensagem. Daí que as opiniões daqueles que pensam de forma semelhante são fundamentais (PAUL e MATTTEWS, 2016, p.3). Enfim, os autores resumem o *firehosing*:

> Primeiro, o alto volume de mensagens pode consumir a atenção e outra largura de banda disponível de audiências potenciais, abafando mensagens concorrentes. Em segundo lugar, o volume elevado pode sobrecarregar mensagens concorrentes numa enxurrada de desacordos. Terceiro, múltiplos canais aumentam as chances de o público-alvo ser exposto à mensagem.

> Quarto, receber uma mensagem através de múltiplos modos e de múltiplas fontes aumenta a credibilidade percebida da mensagem, especialmente se uma fonte de divulgação é aquele com o qual um membro do público se identifica (PAUL e MATTTEWS, 2016, p.4).

Firehosing foi apropriado por Steve Bannon, que adicionou a técnica em sua cartilha: "a verdadeira oposição são os meios de comunicação. E a maneira de lidar com eles é inundar a zona com merda", ou "Flood the zone with shit"[178]. A ideia é saturar o ecossistema digital de desinformação até gerar um curto circuito na mídia tradicional que gere tensão à ordem estabelecida, desorientando os indivíduos com narrativas concorrentes da verdade factual. Com isso, os meios de comunicação tradicionais não conseguem se estabelecer como mediadores da verdade e são soterrados por outras narrativas[179].

Seguindo à risca a cartilha de Bannon, Jair Bolsonaro ativou o *firehosing* na campanha eleitoral de 2018 e se valeu dessa técnica durante seu governo. O uso de robôs para disparos em massa irrigou a rede de desinformação bolsonarista que ficou conhecida como "gabinete do ódio" de maneira que após as eleições, 80% das contas permaneceram ativas[180]. Campanhas sistemáticas de desinformação preocupam principalmente quando essa mensagem direcionada é específica (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017) o que é cada vez mais comum na economia de dados e no efeito filtro (PARISER, 2012).

3.3.3 *Astroturfing*

Astroturfing foi outra técnica dentro do arsenal bolsonarista. *Astroturfing* é uma prática comum no campo da comunicação na área de relações públicas. Consiste na construção de um público que é simulada, e portanto, não existe, bem como no ocultamento de quem investiu recursos e energia em uma mensagem. Entrou no campo político em 1985 pela história da falsa pressão feita por empresas de seguro de vida contra o Senador do estado do Texas Lloyd Bentsen, nos Estados Unidos (REZENDE, 2017, 274).

---

178 ILING, Sean. **"Flood the zone with shit": How misinformation overwhelmed our democracy**. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2020/1/16/20991816/impeachment-trial-trump-bannon-misinformation> (Acesso em: 26/09/2023).

179 Idem

180 MILITÃO, Eduardo. REBELLO, Aiuiri. **Rede de fake news com robôs pró-Bolsonaro mantém 80% das contas ativas**. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm> (acesso em 27/09/2023).

Rezende (2017, p.271), a partir de Kolivos e Kuperman, definem o *astroturfing* como um "movimento social falso, articulado por agentes ocultos que objetivam manipular a opinião pública a favor ou contra cidadãos, instituições ou setores que estão sob o crivo da sociedade". Na internet, o *astroturfing* ocorre na disseminação artificial de desinformação realizada por robôs e perfis falsos de pessoas para inflar a militância digital (REZENDE, 2017, p.274).

Chagas (2022) define as linhas gerais do que denomina *astroturfing* digital e, a partir de Silva, conceitua o *astroturfing* como uma "demonstração encenada" que simula um público orgânico que se efetua por organizações políticas. Com base em Leiser, designa o *astroturfing* como uma "heurística de repetição" de desinformação para atingir a opinião pública na definição da agenda pública para a cobertura da imprensa (CHAGAS, 2022, p. 2434). Fóruns na internet, consultas públicas online, espaços de comentários são as esferas onde o *astroturfing* tem facilidade de proliferação e um laço próprio com a confiança (CHAGAS, 2022, p.2434).

Astroturfing digital ocorre com ações coordenadas, não dispersas. As desinformações disseminadas se tornam virais e sem rastro das pegadas de como isso se iniciou (CHAGAS, 2022, p.2435). Chagas (2022) aplica o conceito de *astroturfing* empiricamente. O autor estudou o uso de grupos de WhatsApp por bolsonaristas nas eleições de 2018 para entender os efeitos do *astroturfing* digital em um cenário polarizado. Desinformação é corriqueira nestes grupos bolsonaristas. "A maioria destes grupos é caracterizada por um intenso fluxo de links de blogs de extrema direita e vídeos do YouTube que atacam adversários políticos, espalham discursos de ódio contra minorias ou divulgam teorias da conspiração" (CHAGAS, 2021, p.2440).

Chagas (2012) percebeu um número de administradores maior do que o número de usuários nestes grupos, o que demonstra grande controle do conteúdo. Muitos desses administradores tem mais de um grupo, revelando que a rede é mais hierárquica e menos orgânica e assim há um grau de organização e coordenação que denotam o *astroturfing* e o grande potencial de disseminação de desinformação em um circuito veloz e eficaz (CHAGAS, 2022, p.2448). Hierarquia e coordenação são dois pontos destacados pelo autor:

> O fato de existir uma discrepância notável entre um pequeno conjunto de utilizadores que distribuem mais mensagens enquanto a maioria recebe mais do que envia, e uma discrepância semelhante na centralidade ocupada por alguns intervenientes nesta rede, sugere mais uma vez que está longe de ser

> uma situação espontânea em uma estrutura equilibrada em termos de engajamento. Em vez disso, sugere um elevado grau de hierarquia e coordenação (CHAGAS, 2012, p.2449, tradução própria).

Na amostra de Chagas (2012) estava um grupo com o número do celular do Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o que revela a participação de um agente social do campo da política. "Os dados sugerem que Eduardo Bolsonaro foi um dos principais organizadores da campanha de *astroturfing* no WhatsApp durante as eleições brasileiras de 2018" (CHAGAS, 2022, p.18). Como se trata de uma situação de ocultamento da participação da estrutura hierárquica, é notoriamente caso de *astroturfing* (CHAGAS, 2022, p.2449). Desinformação disseminada por essa técnica pode levar as pessoas à indignação, o que para elas justificaria o *doxing* e o *flaming*.

3.3.4 *Doxing*

Astroturfing combinado ao *doxing* leva a uma mistura de desinformação, ocultamento dessa desinformação e intimidação. Stefanoni (2022) explica que o *doxing* é a divulgação de dados de uma pessoa com objetivo de intimidar e provocar medo. "Compilação e difusão de dados pessoais de alguém na internet, incluindo eventualmente o endereço e o telefone, para facilitar o acosso e o assédio. A palavra provém da abreviatura 'docs', e com frequência esses dados são hackeados" (STEFANONI, 2022, p.158). Patrícia Campos Mello foi alvo de *firehosing*, *astroturfing* e *doxing*. Como se trata de uma estratégia de ameaça, o *doxing* eleva o antagonismo amigo/inimigo e se encaixa perfeitamente ao modo de operação de política de intimidação e de guerra do bolsonarismo.

Para Douglas (2016, p.123), *doxing* é a disseminação intencional de informações pessoais na internet com objetivo de humilhar, ameaçar, intimidar ou punir o alvo identificado e assim, aspectos do linchamento virtual ou "*online shaming*" são encontrados no *doxing* (BRIONY e WOOD, 2021, 219). "Um espectro assombra a Internet – o espectro do *doxing*", diz Douglas (2016) construindo a frase em referência a famosa provocação de Karl Marx.

Doxing se distingue de chantagem, difamação e fofoca. Diferentemente da chantagem, não há exigência para impedir divulgação de informações. Ao contrário da difamação, *doxing* não necessita mostrar um fato constrangedor da pessoa envolvida (DOUGLAS, 2016, p.202). Briony e Wood (2021), a partir de Douglas (2016), diferenciam o *doxing* da fofoca a medida que no *doxing* se apresentam informações de

alguém, ao passo que na fofoca se colocam informações sobre alguém (BRIONY e WOOD, 2021, p. 207).

Douglas (2016) criou três tipologias de *doxing* para compreender o fenômeno com mais precisão: 1) *doxing* sem anonimato; 2) *doxing* de direcionamento; 3) *doxing* de deslegitimação.

No *doxing* sem anonimato são divulgadas informações pessoais que estabelecem a identidade de um indivíduo anteriormente anônimo ou conhecido por pseudônimo (DOUGLAS, 2016, p.199). Com base em Serracino-Inglott (2013), Briony e Wood (2021) fornecem o exemplo dos hackers do "Anonymous", que prezam pelo ocultamento de suas identidades. Assim, o *doxing* é usado como forma de punição a um integrante transgressor, demonstrando como pode ser utilizado como instrumento de controle (BRIONY e WOOD, 2021, p. 217).

No *doxing* de direcionamento, informações pessoais são divulgadas para revelar detalhes específicos no contexto da vida de uma pessoa, seja privada ou pública, removendo o sigilo do local onde vive ou trabalha, o que permite que ela seja encontrada fisicamente e possa ser alvo de violência (DOUGLAS, 2016, p.199).

No *doxing* de deslegitimação são reveladas informações que deterioram a credibilidade da pessoa. A iniciativa busca envergonhar e humilhar, tratando a pessoa como transgressora (DOUGLAS, 2016, p.199). Briony e Wood (2021, p.209) adicionam mais uma tipologia: o *doxing* de desvantagem, que atua contra corporações, não pessoas, buscando usar informações como vantagens na competição contra outras empresas. Humilhar e intimidar em práticas de perseguição digitais são focos de punição típicas do *doxing*.

Briony e Wood (2021) refletem sobre os motivos de *doxing* e concluem que essa prática virtual pode ocorrer em casos de extorsão, de silenciamento, de retribuição, de controle, (BRIONY e WOOD, 2021, p.206). Outra grande motivação para "doxar" uma pessoa é revelar o "mal" do transgressor (DOUGLAS, 2016, p.199).

Como já discutido, o combate ao mal no fundamentalismo político pode alcançar práticas violentas. Douglas (2016) enfatiza que o *doxing* pode causar grandes danos nos alvos escolhidos:

> O *doxing* pode ter um impacto devastador para as suas vítimas. Auxilia no assédio e perseguição de indivíduos, tanto fisicamente quanto na Internet. Tal

> perseguição cria sofrimento significativo e aumenta o risco de danos físicos, especialmente se as informações pessoais forem utilizadas para encorajar outras pessoas a abusar da vítima (DOUGLAS, 2016, p.200).

Os três tipos de *doxing* não são puros e podem se misturar ao se observar a realidade. O *doxing* de deslegitimação muitas vezes se associa ao *doxing* de direcionamento, no qual a deslegitimação permite o motivo para a perseguição e o direcionamento mostra o local do alvo que pode ou não ser atingido (DOUGLAS, 2016, p.206). A partir de Franks (2012), Douglas (2016) explica que a deslegitimação causada pelo *doxing* pode levar a um "cativeiro virtual", uma vez que os abusos direcionados a uma pessoa ficam disponíveis para novos ataques em diferentes redes sociais (DOUGLAS, 2016, p.205).

Todo *doxing* de deslegitimação direcionado à Patrícia Campos Mello em 2018 retornou em 2022. Evento na internet na plataforma YouTube realizado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) durante o período eleitoral discutindo *fake news* teve a jornalista como convidada e a sessão de comentários da transmissão ao vivo[181] foi tomada por uma *flame war*. Grande maioria dos comentários deslegitimou Patrícia Campos Mello pelo comentário abusivo e violento de Jair Bolsonaro sobre o "furo".

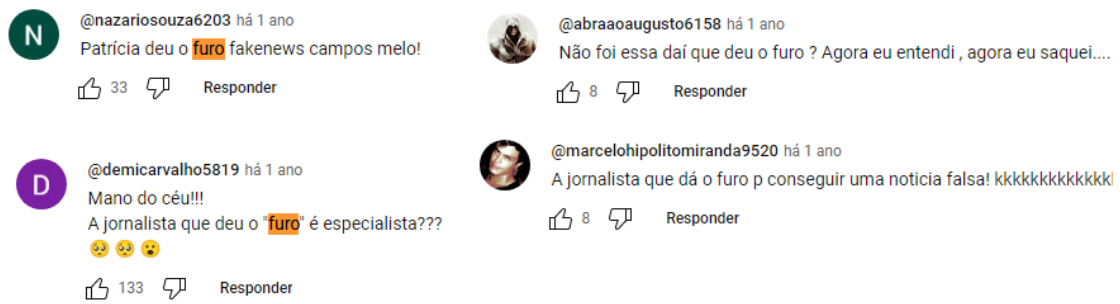

Figura 14: Internautas em uma 'flame war' contra Patrícia Campos Mello (Print da área de comentários do YouTube)

Douglas (2016) explica que a sexualidade é normalmente utilizada a fim de deslegitimar outras pessoas. Linguagem violenta e misógina que rodeia casos de deslegitimação do *doxing* implicam a objetificação da mulher, apresentando-a como algo que pode ser usada e descartada (DOUGLAS, 2016, p.205). Verifica-se, assim, que a jornalista Patrícia Campos Mello sofreu *doxing* de deslegitimação e *doxing* de direcionamento pelos profanos bolsonaristas por um longo tempo e isso pode perdurar.

[181] JUSTIÇA ELEITORAL. **Os maiores especialistas do mundo no combate às Fake News - parte I**. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MgX2j8Z8HQE (Acesso em 27/10/2023).

Briony e Wood (2021, p.214), a partir de Chen et al. (2018), apontam que mulheres são mais vítimas de *doxing* do que homens, o que mostra que o *doxing* é um fenômeno associado ao gênero e a misoginia. Com base em Bowles (2017), os autores contam que o *doxing* é um instrumento muito utilizado nas guerras culturais pelas direitas (BRIONY e WOOD, 2021, p.218). No caso de Patrícia Campos Mello, adiciona-se mais um instrumento de guerra virtual: o *flaming*.

3.3.5 *Flaming*

Flaming é mais um meio de intimidação verificável nos ambientes públicos conectados que se complementa ao *doxing* e se mistura a ele, principalmente quando se busca envergonhar e humilhar alguém. *Flaming* ou "debate inflamável" é uma discussão online que se torna *flaming* no momento em que insultos e hostilidades são proferidos, aprofundando o assunto ou desviando-o completamente do motivo que iniciou o debate. Ideias não importam mais e a partir desse ponto, inicia-se uma "*flame war*" (ARANHA, 2014, p.124) com foco na humilhação, ofensa, descrédito do indivíduo que se agrupam a outros usuários para um ataque que se transforma em um linchamento moral (ARANHA, 2014, p.125).

O *flaming* é uma prática de *cyberbullying*[182], mas não é a única. Aranha (2014) destaca outras formas de *cyberbullying*:

> O *harassment* (assédio), *denigration* (difamação), *impersonation* (falsa identidade), *outing and trickery* (saída e travessura), *exclusion* (exclusão), *cyberstalking* (ciberperseguição) e *cyberthreats* (ameaça cibernética), coexistem e, eventualmente, são tomadas umas pelas outras. O *flaming* pode adotar ações comuns a outras formas, principalmente do *harassment, denigration e cyberstalking* (ARANHA, 2014, p.125).

Junto ao assédio, difamação e perseguição, adiciona-se o *doxing* para complementar o ferramental de intimidação. O *flaming* é intenso e chega a ameaças de violência (ARANHA, 2014, p.125). No momento em que uma *flame war* se sobressai, existe uma veloz adesão de pessoas que se engajam na disputa, participam e compartilham

[182] *Bullying* e *Cyberbullying* foram tipificados como crimes em 2024, passando a constar no Código Penal. A lei tem como foco evitar e punir *bullying* nas escolas mas se estende ao ambiente virtual, enrijecendo a pena que é de multa em caso de *bullying* e prisão de dois a quatro anos em caso de *cyberbullying*. Na elaboração da lei, foi considerado que a prática de *cyberbullying* é realizada majoritariamente por pessoas maiores de idade e que fazem ataques com intencionalidade, diferentemente do *bullying* que rodeia o universo adolescente. Ver mais em: HOLANDA, Mariana. MENON, Isabella. **Lula sanciona lei que criminaliza bullying e agrava pena para ataques em escolas**. 2024. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/01/lula-sanciona-lei-que-criminaliza-bullying-e-agrava-pena-para-ataques-em-escolas.shtml> (Acesso em: 16/01/2024)

espontaneamente o conteúdo contra um indivíduo ou grupo, o que reforça a construção de uma "percepção de veracidade" do seu lado do conflito (ARANHA, 2014, p.130).

Ainda no evento realizado online do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) durante o período eleitoral de 2022 que discutiu *fake news* e desinformação, Patrícia Campos Mello foi alvo de todo tipo de conteúdo pelos *flamers*. Chama atenção a confiança que possuem na narrativa de que Patrícia Campos Mello produziu matérias falsas sobre o disparo em massa na campanha eleitoral de 2018. A verdade constituída por Jair Bolsonaro em seu fundamentalismo político endossou Hans River do Nascimento junto aos bolsonaristas:

Figura 15: Internautas acusam Patrícia Campos Mello de ser produtora de fake news e defendem Hans River (Print da área de comentários do YouTube)

No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, o direcionamento para disputas morais é muito incentivado para combater o mal. Se vendendo como candidato da família, Jair Bolsonaro soube usar muito bem o tema da educação sexual para crianças com o Kit Gay nas eleições de 2018 até um antagonismo amigo/inimigo. Foi aí que ocorreu maior identificação com um candidato que reacionários e conservadores ligados as guerras culturais buscavam depositar confiança.

3.3.6 Kit Gay

Uma das maiores farsas apresentadas para influenciar a disputa nas eleições de 2018 não ocorreu em nenhum site hospedado com domínio duvidoso ou que tenta imitar os veículos da grande mídia, mas na emissora de TV com maior audiência no Brasil, o que denota a ousadia de Jair Bolsonaro. Na ocasião das sabatinas dos candidatos à Presidência realizadas no Jornal Nacional da TV Globo, o candidato Bolsonaro exibiu um exemplar do livro "Aparelho Sexual e Cia"[183] referindo-se à publicação como parte de

[183] MOLINERO, Bruno. **O que diz, afinal, o livro infantil que Bolsonaro levou ao Jornal Nacional?** 2018. Disponível em: <https://eraoutravez.blogfolha.uol.com.br/2018/08/29/o-que-diz-afinal-o-livro-infantil-que-bolsonaro-levou-ao-jornal-nacional/> (Acesso em: 26/09/2023).

um “Kit Gay” que seria distribuído a crianças de seis anos e associou o material a gestão do seu adversário Fernando Haddad (PT), quando este estava à frente do Ministério da Educação. O livro contém histórias em quadrinhos falando sobre sexualidade, amor e relacionamento de maneira divertida e lúdica. Tem caráter educativo na conscientização a respeito destes temas. O MEC, contudo, teve que recuar, negou que tivesse ocorrido distribuição nas escolas[184]. O TSE deliberou a remoção dos vídeos nas redes sociais (AMORIM, 2022, p.33, 34).

Pesquisa IDEIA Big Data/Avaaz, feita durante as eleições em outubro de 2018, revelou que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram no Kit Gay[185]. O levantamento demonstrou que 85,2% dos eleitores de Jair Bolsonaro receberam a desinformação. Apenas 10% dos eleitores de Haddad julgaram verdadeira. Ainda de acordo com a pesquisa, 74% dos eleitores de Bolsonaro concordaram que poderia haver fraude nas urnas eletrônicas; 74,6% tinham em mente que Haddad tinha práticas de incesto e pedofilia. Outra *fake news* que ganhou relevância foi a de que o Deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) seria o Ministro da Educação em uma eventual gestão do petista. Das 123 *fake news* descobertas por agências de checagem, 104[186] tinham conteúdo favorável à Bolsonaro contra Haddad.

Kit Gay foi um tema trabalhado por Jair Bolsonaro muito antes das eleições de 2018. Impedir que instruções educativas para jovens em iniciativas que dizem respeito ao conhecimento de seus corpos foi uma briga comprada por Jair Bolsonaro nas gestões petistas enquanto Deputado Federal. O programa “Escola Sem Homofobia”, gestado no final do segundo mandato de Lula, foi desenvolvido após provocação do Ministério Público, e tinha como intuito a formulação de material que auxiliasse no combate ao preconceito a sexualidade e identidade de gênero entre jovens.

---

184 FALCÃO, Márcio. **MEC nega ter distribuído "kit gay" e diz que material pode mudar**. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/917454-mec-nega-ter-distribuido-kit-gay-e-diz-que-material-pode-mudar.shtml> (Acesso em: 28/10/2023).

185 CONGRESSO EM FOCO. **Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no Kit Gay**. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/> (Acesso em: 28/10/2023).

186 MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro.** 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/> (Acesso em: 28/10/2023).

Inicialmente, foram gravados vídeos de conscientização contra o preconceito. O primeiro tratava da angústia de uma aluna trans que sofre preconceito ao não ser chamada pelo nome de mulher e por não poder utilizar o banheiro feminino. O segundo relata o romance entre meninas que são alvo de preconceito na escola e acaba com abraço e pedido de namoro. O terceiro aborda um rapaz que despertou a atração por mulheres e por homens no ambiente do colégio[187]. Depois de pressão da bancada evangélica e forte campanha feita pelo Deputado Federal Jair Bolsonaro, o governo Dilma Rousseff – que tinha herdado essa discussão – resolveu cancelar a distribuição do material composto por vídeos e cartilhas e elaborar novo conteúdo[188], porém, a iniciativa foi pejorativamente chamada de "kit gay".

Guerras culturais já ocorriam no início da década de 2010 nas comissões parlamentares. Jair Bolsonaro era oposição frequente na Comissão de Educação e Cultura e foi titular da Comissão de Direitos Humanos, onde o palco das batalhas teve o ápice com a Presidência do Pastor Marco Feliciano (PSC-SP)[189] e com a candidatura de Jair Bolsonaro derrotada no ano seguinte na mesma Comissão[190]. Desde então, sexualidade e gênero foram colocados no centro de um embate e narrativas de que as crianças precisavam ser salvas de uma doutrinação foram cada vez mais reforçadas.

Em discurso no plenário da Câmara dos Deputados no ano de 2010, o Deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) disse sentir nojo das discussões na Comissão de "Direitos Humanos e Minorias" e acusou o governo de usar políticas públicas contra a homofobia como pretexto para aliciar jovens a serem gays ou lésbicas e mencionou que isso seria feito por um kit gay:

> A grande discussão da nossa Comissão de Direitos Humanos e Minorias é a profundidade em que a língua de uma menina tinha que entrar na boca da outra

187 FOLHA DE S. PAULO. **Deputados atacam vídeo anti-homofobia.** 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1301201136.htm> (Acesso em: 30/10/2023).

188 CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Pressão de bancadas faz governo cancelar kit sobre homossexualidade**. 2011. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/215309-pressao-de-bancadas-faz-governo-%20cancelar-kit-sobre-homossexualidade> (Acesso em: 30/10/2023).

189 NÉRI, Felipe. **Marco Feliciano é eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos**. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/marco-feliciano-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos.html> (Acesso em: 30/10/2023).

190 PASSARINHO, Nathalia. **Petista derrota Bolsonaro na eleição da Comissão de Direitos Humanos**. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/deputado-do-pt-derrota-bolsonaro-em-eleicao-para-comissao-da-camara.html> (Acesso em: 30/10/2023).

> menina. Dá para continuar discutindo esse assunto? Dá nojo! (...) Esses gays e lésbicas querem que nós entubemos, como exemplo de comportamento, a sua promiscuidade. Isso é uma coisa extremamente séria (...) Esse kit, destinado a crianças de 7 a 12 anos, será distribuído no ano que vem para 6 mil escolas públicas do Brasil. Isso é uma vergonha! (...) Essa história de homofobia é uma história de cobertura para aliciar a garotada, especialmente os garotos que eles acham que têm tendências homossexuais. Está na pesquisa, publicada aqui, o número de garotos *gays* ou de meninas lésbicas, repito, de 7, 8, 9 e 10 anos (...) Não me agrada falar em homossexual. Eu realmente assumo o que disse na TV Câmara: se um garoto tem desvio de conduta logo jovem, ele deve ser redirecionado para o caminho certo, nem que seja com umas palmadas. Acusam-me de ser violento, mas não sou promíscuo, não sou canalha com as famílias brasileiras! Muito obrigado, Sr. Presidente (Deputado Federal Jair Bolsonaro – Discurso na Câmara dos Deputados - Sessão: 208.4.53.O)[191].

Qualquer material sobre educação sexual produzido pelos governos petistas começou a ser pejorativamente chamado de Kit Gay pela oposição. Esvaziado de sentido com múltiplas narrativas, o kit gay se transformou em um significante vazio e significante flutuante construído por Jair Bolsonaro, e assim o kit gay foi associado a doutrinação de crianças pela ideologia de gênero.

Cesarino (2020) percebeu que o kit gay passou a ter um significado flutuante, especialmente durante a campanha eleitoral de 2018:

> Durante a campanha, a eficácia flutuante do kit gay foi especialmente reveladora desse aspecto: qualquer um podia cortar, colar, montar (gravar um vídeo, um áudio) e compartilhar sua própria versão caseira desse signo do inimigo. Nas redes bolsonaristas, o kit gay circulou como puro significante (no sentido de Saussure), a ponto de perder qualquer conexão com um referente concreto. Ninguém nunca viu o kit gay original, e, não obstante, enquanto significante flutuante ele produziu efeitos reais sobre o eleitorado (CESARINO, 2020, p.102).

Jair Bolsonaro foi opositor ferrenho ao projeto de lei que previa proibição de castigos físicos como palmadas ou beliscões ou que provoquem dor e sofrimento a crianças e adolescentes por acreditar que esse era um modo de educar crianças com "desvio de conduta", isto é, reprimir violentamente comportamentos considerados desviantes do padrão heteronormativo.

Vídeo gravado[192] por Jair Bolsonaro na Comissão de "Educação e Cultura" no 9º Seminário LGBT no Congresso Nacional no dia 15/05/2012 foi editado pelo gabinete do

---

[191] BOLSONARO, Jair. (PP-RJ). **Discurso na Câmara dos Deputados**. Sessão: 208.4.53.O. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E> (Acesso em: 30/10/2023).

[192] BOLSONARO, **Jair. Deus, salve as crianças**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w4H-iswc9bw> (Acesso em 27/10/2023).

Deputado Federal. O tema em discussão era "respeito à diversidade se aprende na infância". Na ocasião, diversos convidados expressaram seu pensamento e a psicóloga, pesquisadora e professora Tatiana Lionço falava sobre sexualidade de crianças como atividade comum se valendo de conceitos de Freud[193]. Os diversos cortes na edição do vídeo buscam dar o sentido de simpatia e estímulo à pedofilia.

Fisher (2022) detalha o ocorrido com Tatiana Lionço no Congresso:

> Um deputado de extrema direita editou gravações do evento, reordenando as palavras de Lionço de modo a sugerir que ela havia incentivado a homossexualidade e o sexo entre crianças. O deputado, por muitos considerado uma esquisitice ás margens da política, tinha poucos aliados e poder efetivo. Mas tinha um séquito substancial no YouTube, onde postou a gravação editada. YouTubers de extrema direita, então uma comunidade pequena mas ativa, respostaram o vídeo enganador, acrescentando comentários carregados na desinformação. Lionço representava uma conspiração global comunista e homossexual, disseram. Ela havia endossado a pedofilia. Estava distribuindo "kits gays" para escolas, usados para converter crianças à homossexualidade. As declarações desses YouTubers chegaram ao Twitter e ao Facebook. Os comentários nos vídeos exigiam a morte de Lionço (FISHER, 2022, p.351, aspas do autor).

A desinformação produzida e disseminada por Jair Bolsonaro contra Tatiana Lionço se tornou realidade consensual nas redes sociais, revoltando profanos distantes do campo político (FISHER, 2022, p.352). Por mais que a psicóloga tentasse explicar suas intenções e negar a associação com pedofilia, nada adiantava. "Não estamos buscando instituir uma ditadura gay no país. Estamos apenas defendendo a nossa Constituição Federal e atentos a vários acordos internacionais em que o Brasil se comprometeu com garantia de direitos humanos e direitos sexuais, reprodutivos" (LIONÇO, 2018, p. 66).

Qualquer alegação em defesa de sua dignidade era simplesmente ignorada pelos *flamers*. "Sou mencionada como potencializadora da infração moral, da pedofilia, do abuso, embora eu defenda direitos e redes de proteção contra a violência. Em nome de Deus, estão cometendo abusos. Difamação, uso indevido de imagem, estupro da moral" (LIONÇO, 2018, p.78).

Com o vídeo postado por Jair Bolsonaro circulando nas redes sociais, a vida de Tatiana Lionço foi investigada e detalhes do seu passado digital foram revelados. Fotos

[193] LOPES, Débora. **É horrível ser difamado pelo Bolsonaro.** 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/ypm3gx/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro> (Acesso em: 02/11/2023).

das suas redes sociais foram expostas, fazendo associações com práticas homossexuais que estariam sendo ensinadas as crianças, denotando o *doxing* sem anonimato.

Tatiana Lionço passou a ser um rosto conhecido e atravessou um longo processo de *doxing* de deslegitimação. Youtubers de extrema direita permaneceram no ataque a Tatiana Lionço nos anos seguintes, uma vez que acreditam combater uma comunista acadêmica perigosa para a família (FISHER, 2022, p.352).

Além de Jair Bolsonaro, parlamentares da bancada evangélica e líderes religiosos se mobilizaram contra o Kit Gay e contra Tatiana Lionço, que foi marcada como símbolo da ideologia de gênero que busca destruir famílias na sexualização de crianças. Assim, uma sequência de narrativas para deslegitimar Lionço foram se sucedendo a partir do campo político. *Doxing* de direcionamento e estímulo a continuidade da *flame war* foram repetidas por outros Deputados. A criminalização do que chamaram de Kit Gay precisava de uma identidade e Tatiana Lionço foi escolhida como inimiga nesta batalha que já integrava parte da guerra cultural no Brasil.

Deputado Federal Ronaldo Fonseca (PR-DF) usou o processo de *doxing* de deslegitimação de Tatiana Lionço como material de campanha à reeleição em 2014. O rosto de Tatiana Lionço foi usado no vídeo de campanha chamado "Rebelião Contra a Igreja e a Família" a fim de mostrar os riscos do projeto de demonização que chegou as famílias pelo "espírito do anticristo" (LIONÇO, 2018, p.137). Tatiana Lionço comentou sobre o ocorrido: "Ronaldo Fonseca se superou e reservou a si próprio a autoria explícita de que seríamos anticristo, surfando na onda de ódio e intolerância" (LIONÇO, 2022, p.139) – que foi aberta por Jair Bolsonaro.

No ano de 2013, o Deputado Federal Marco Feliciano (PSC-SP) editou e publicou vídeo distorcendo falas do Reverendo Márcio Retamero, ativista LGBTQIA+, como se ele fosse um fanático pelo armamento de uma guerra contra heterossexuais (LIONÇO, 2018, .102). Em 2016, o Deputado Federal Marco Feliciano retornou ao ataque e produziu e publicou um vídeo associando o rosto e o nome de Tatiana Lionço a crimes sexuais e abusos contra crianças (LIONÇO, 2018, p.157).

Meme produzido por uma organização em defesa da heterossexualidade no ano de 2013 questionava porque o Conselho Federal de Psicologia não impedia a psicóloga Tatiana Lionço de exercer sua profissão e retornou ao ar no ano de 2016 pelo *flaming* de

Sara Winter – que recolou a psicóloga novamente em uma *flame war* (LIONÇO, 2018, p.162).

Doxing de direcionamento combinado ao *flaming* revelou o endereço de trabalho de Tatiana Lionço e sua demissão foi exigida. "Muitos entraram em contato com a universidade onde ela trabalhava, exigindo sua demissão. Acusaram seus chefes ou quem quer que a apoiasse de ameaçar a vida de crianças. Amigos e colegas se distanciaram" (FISHER, 2022, p.352).

Consequências violentas da abertura de informações pessoais de Tatiana Lionço passaram a ser temidas por ela. "Tais discursos são danosos e podem decorrer em violências materiais, sem minimizar evidentemente a gravidade da própria violência moral" (LIONÇO, 2018, p.160). Mesmo depois de um tempo ao vídeo postado por Jair Bolsonaro, ameaças de morte contra Lionço continuaram sendo uma presença constante em sua vida (FISHER, 2022, p.352).

Tatiana Lionço procurou se defender em diversos momentos, seja no discurso nas vias institucionais, por posts nas redes sociais, por vias judiciais e até no grito dentro da Câmara dos Deputados. No entanto, tantas pessoas passaram a atacar Lionço que ela reconheceu a impossibilidade de reverter o *flaming* e o *doxing* e processar judicialmente cada infrator (LIONÇO, 2022, p.82).

Tentativas de remoção do conteúdo que promoviam *flaming* e *doxing* nas redes contra Tatiana Lionço foram manobradas discursivamente e interpretadas como se fossem ameaças aos políticos, aos religiosos e a família brasileira (LIONÇO, 2018, p.87). "Visam destruir a dignidade alheia por meio da proliferação de pânico moral", explica Tatiana Lionço (LIONÇO, 2018, p.140).

Tatiana Lionço conta que ficou emocionalmente abalada com tantos ataques provenientes do *flaming* e do doxxing. "Senti estar sendo estuprada moralmente e usada à minha revelia para fins extremamente opostos aos de minha própria luta política" (LIONÇO, 2018, p.83). Para ela, o dano psíquico consequência da *flaming* e do *doxing* é imensurável:

> Não tenho como agora contabilizar todas as horas que gastei monitorando meu nome no Google, escrevendo documentos para ouvidorias e responsáveis no Poder Público, redigindo esclarecimentos para as instâncias que se posicionaram ao meu favor. Não há como contar todas as horas de sono que perdi. Não tenho como medir a desilusão que me acometeu. Não tenho como medir o impacto disso em minhas relações interpessoais e em meu ambiente

> de trabalho, apenas posso dizer que sofri um silêncio inquietante e me perturbei sem saber qual haveria de ser a posição de muitas pessoas que me são próximas e que me privaram de esclarecimentos sobre seu apoio/reprovação. Não tenho como medir a dor psíquica (...) eu vou carregar essa marca de violação para sempre (LIONÇO, 2018, p. 87, 88).

De fato, o *doxing* pode ocasionar problemas psíquicos. Briony e Wood (2021), com base em Chen et al. (2018), encontraram correlações entre depressão, ansiedade e estresse e o *doxing* com a revelação da maioria das informações pessoais. Os autores sustentam que a motivação de punição continuada a quem sofre *doxing* pode aprofundar a depressão e a ansiedade. Somado a isso, os autores explicam que o estudo de Chen et al. (2018) aponta que as mulheres são mais propensas a sofrerem *doxing* do que homens, com uma série de tipos de informação (BRIONY e WOOD, 2021, p.11).

O caso de Tatiana Lionço nos mostra como Jair Bolsonaro e seu núcleo político se valeu da distorção de informações com a edição de um vídeo em 2012 e depois observou como essa estratégia de estímulo a defesa da família com desinformação poderia prosperar na internet com o efeito das bolhas para depois retornar com o tema em 2018. Desde aquele momento, Jair Bolsonaro já acenava para as bases religiosas que seriam incorporadas na sua campanha eleitoral na defesa da família. O fundamentalismo religioso solidificou os alicerces do discurso religioso de Jair Bolsonaro que constituem seu fundamentalismo político. Jair Bolsonaro conseguiu com a expressão 'Kit Gay' um esvaziamento de sentido que resultou em uma cadeia de equivalências entre o ensino de gênero e sexo nas escolas e no combate a homofobia e a crimes sexuais como pedofilia e estímulo a homossexualidade.

Kit gay ganhou uma dimensão que abriu caminho para outras desinformações diversas com o deslocamento da verdade pela política de Jair Bolsonaro no telejornal mais assistido do país. Aproveitando-se da emergência das guerras culturais, Bolsonaro delineou com clareza na sabatina na TV Globo seu combate às minorias, às esquerdas e ao sistema consagrado no esquema da democracia liberal. Foi um "*dog whistle*" ou "apito de cachorro" utilizado como símbolo para chamar os *flamers* e ao mesmo tempo convocar pessoas com predisposição a preocupação com o sedutor tema da defesa da família. Ficou comprovado que mais do que uma prática amadora, o núcleo duro do bolsonarismo organizou uma estrutura profissional de propagação de desinformação e *fake news*.

Informações acompanham agora a intepretação permitida pelo mundo digital que contorna os *gatekeepers*, produzindo efeitos nas bolhas e nas câmaras de eco (NOBRE,

2022, p.113). Dentro da câmara de eco que reforça o posicionamento do grupo (RECUERO et al, 2021, p.4), o kit gay circula na lógica personalista do filtro bolha (PARISER, 2012, p.14) que influencia as escolhas das pessoas e as estimula a manter o debate sobre o assunto por anos a fio, a depender somente de um direcionamento e de um *flaming*, recebendo novos adeptos da farsa homofóbica, em um significante vazio que se tornou ponto comum dentro do partido digital bolsonarista. Se o partido digital bolsonarista tivesse um estatuto assim como partidos políticos tradicionais, o kit gay certamente estaria presente denunciando a ameaça à família brasileira e ao cidadão de bem.

O bolsonarismo possui um exército de guerreiros digitais dispostos a tudo nas batalhas das *flame wars* que compõe o arsenal de táticas bolsonaristas. O esquema de guerra bolsonarista funciona da seguinte maneira: ativação do *firehosing* com muita desinformação e com a máxima de Bannon para "inundar a zona com merda"; *astroturfing* com simulação de um público que não existe na ativação de *bots* e ocultamento de quem ativou a estratégia; *doxing* e *flaming* para direcionar, deslegitimar, insultar e em última instância, ameaçar de violência física.

Como aponta Stilben (2021, p.361), o *flaming* é uma estratégia de desqualificação da imprensa pelo bolsonarismo. Jair Bolsonaro ativou técnicas de desinformação com *firehosing* e *astroturfing* e estimulou na política de intimidação o *doxing* e o *flaming* e mais que isso, pode ter espionado inimigos com aparelhagem profissional do Estado brasileiro. A Polícia Federal (PF) suspeita que a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) foi utilizada ilegalmente durante o governo de Jair Bolsonaro para monitoramento secreto de celulares de jornalistas, Ministros do STF, e políticos[194]. O *FirstMile*, programa usado na ABIN, foi acionado mais de 30 mil vezes no período de 2019 até 2021 em que esteve operante[195]. Os ataques do bolsonarismo não têm limites quando se trata de enfrentamento dos inimigos.

[194] SERAPIÃO, Fábio. FEITOZA, Cézar. **Abin sob Bolsonaro rastreou políticos, juízes e jornalistas, suspeita PF**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/pf-faz-operacao-para-investigar-monitoramento-ilegal-da-abin-sob-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 02/11/2023).

[195] BRAGON, Ranier. **Abin diz que 35 servidores tinham acesso a software espião no governo Bolsonaro**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/abin-diz-que-35-servidores-tinham-acesso-a-software-espiao-no-governo-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 02/11/2023).

3.4 Jornalismo sob ataque

Jornais dominantes no Brasil são controlados por apenas 11 famílias[196]. Destes, Grupo Globo e Folha de S. Paulo foram declarados inimigos principais do bolsonarismo. Embora estes dois veículos tradicionais tenham linha editorial de centro direita liberal, Bolsonaro os rotula no espectro de esquerda como parte de uma demonização estratégica.

Quando classifica publicações do Grupo Globo ou Folha de S. Paulo de "comunistas" ou quando estabelece ligações destes meios de comunicação com o PT, Jair Bolsonaro cria uma cadeia de equivalências que iguala forças políticas desiguais em uma simplificação que facilita aos profanos bolsonaristas a visualização das fronteiras e dos inimigos que passam a ser vistos por eles de maneira homogênea, resultando como efeito um amplo espaço discursivo de perseguição por um suposto *establishment* corrupto dominado pelas esquerdas. É dessa maneira que simplifica a linguagem para sua base oferecendo verdades contra mentiras destes meios de comunicação que buscam o atingir.

Como sabemos, campos sociais definidos por Bourdieu (2011) têm suas particularidades, suas próprias lutas e motivações. Campo do jornalismo difere do campo da política em seus objetivos em relação a verdade. No jornalismo, a verdade factual é essencial, enquanto na política a verdade factual importa pouco ou nada. Como sublinha Thompson (2002, p.147), importa no campo político o poder simbólico que garante formas simbólicas de dominação e a confiança que se tem no político.

O campo jornalístico é um espaço de lógica propriamente cultural que atua pelo monopólio da informação legítima com os detentores da informação, especialmente das fontes oficiais, na distribuição dos diferentes jornais e jornalistas de acordo com sua posição no campo (BOURDIEU, 1997, p.102,103). Grande troféu deste campo são os prêmios concedidos pelos pares no trabalho de apuração que retrate e revele a verdade factual mais próxima de um acontecimento. Factualidade, diz Thompson (2002), faz parte do princípio de boa prática jornalística e sua busca quando internalizada se torna "*habitus* prático do jornalismo" (THOMPSON, 2002, p. 112).

---

196 FÓRUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO. "**Mídia brasileira é controlada por apenas 11 famílias**". Disponível em: <http://www.fndc.org.br/noticias/midia-brasileira-e-controlada-por-apenas-11-familias-924625/> (Acesso em: 26/11/2022).

No Brasil, o STF colocou fim a obrigatoriedade[197] do diploma em jornalismo para exercer a profissão. A decisão garantiu o exercício da atividade jornalística a qualquer cidadão, o que representou uma abertura nas fronteiras do campo. A decisão não mudou a estrutura do campo, que continua com os mesmos agentes dominantes, mas permitiu que agentes sociais sem formação em jornalismo trouxessem *habitus* de outros campos, sem que essa internalização proveniente de outras vivências tivesse compromisso com a verdade factual. Com isso, a desinformação pode ser construída por um agente social que se denomine jornalista e sites com conteúdo noticioso falso entram em conflito com a verdade factual.

Desinformação em circulação com alto engajamento de usuários numa lógica algorítimica que fortalece o efeito bolha força o jornalismo a se posicionar pelo resgate da verdade factual com o trabalho de agências de checagem de notícias e departamentos de checagem em jornais tradicionais que buscam detectar notícias falsas.

Estamos no centro de uma luta simbólica por confiança e consequentemente atribuição de desconfiança em que a desinformação assume aparência de verdade factual a fim de gerar efeitos de aceitação, uma vez que a confiança da informação passou a ser firmemente questionada por alguns agentes sociais que viraram as costas ao jornalismo profissional, como explicam Tandoc et al (2018):

> As notícias falsas ocultam-se sob um verniz de legitimidade, à medida que assumem alguma forma de credibilidade ao tentar parecer notícias reais. Além disso, indo além da simples aparência de um item de notícia, através do uso de *bots* de notícias, as notícias falsas imitam a onipresença das notícias ao criar uma rede de sites falsos. Esse é um reconhecimento claro do lugar das notícias na sociedade, mas, ao se apropriar da credibilidade das notícias, as notícias falsas também podem minar a legitimidade do jornalismo, especialmente em um ambiente de mídia social, quando a fonte real de informação é frequentemente removida ou pelo menos percebida à distância (TANDOC, et al, 2018, p.147, tradução livre).

As lutas no campo fragmentaram o monopólio da informação e deslocaram a informação legítima, isto é, a verdade factual para fatos alternativos dentro de inúmeros sites na internet em um conflito pela desqualificação dos meios de comunicação tradicionais mais consumidos no país como Folha de S. Paulo, Estadão ou grupo Globo.

---

197 ABREU, Diego. **STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista**. 2009. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html> (Acesso em: 28/10/2023).

Não são, contudo, todos os atores dominantes no campo do jornalismo em que se evidenciam o conflito com o Presidente. O jornalismo na televisão da Rede Bandeirantes, SBT, Rede Record e Rede TV[198] estão alinhados com Bolsonaro. Isso não quer dizer que Bolsonaro não ataque jornalistas desses veículos a depender do acontecimento ou da afiliada. A Secretaria Especial de Comunicação Social rejeita a medição do Ibope que privilegiaria a audiência da TV Globo, priorizando recursos no SBT e Rede Record[199].

A prática jornalística não é isenta de críticas, ao contrário, precisa ser analisada já que também se trata de um ator político com preferências próprias que influenciam as pessoas. Por isso é necessário compreender o agendamento, o modo de escolha das notícias de acordo com sua importância, enquadramento, o modo como as notícias são apresentadas nas manchetes, as valências, entre outras ferramentas, para aperfeiçoar o fluxo informativo factual e o processo democrático.

Como aponta Pariser (2012, p.139), *gatekeepers* condicionados a poucos agentes dominantes não é o mundo ideal porque se tornam "juízes da verdade", contudo, essa arbitragem da verdade factual é mais profícua do que a perda desse *gatekeeper* com a grande dificuldade que surge com a verificação de fatos.

Jair Bolsonaro faz funcionar a narrativa a seu grupo de que todo acontecimento no campo político apurado e checado pelos veículos de comunicação que o desgastem politicamente é *fake news*. O governo Bolsonaro vive em conflito com o campo do jornalismo, direcionando seus adeptos a produzirem e consumirem conteúdo que reforcem suas crenças em um viés de confirmação que encontra solidez no fundamentalismo político (AMORIM, 2022). Desqualificar a imprensa a fim de tirar a confiança que era depositada nela segue a estratégia "tempestade de merda" de Steve Bannon.

3.4.1 Confiança na imprensa

O prestígio na imprensa manteve uma média durante os mandatos petistas de acordo com pesquisa Datafolha realizada na cidade de São Paulo. Os dados foram obtidos

[198] FILHO, João. **Bolsonaro se diz perseguido pela imprensa. Mas Band, SBT, Record e Rede TV estão ao seu lado.** 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/> (Acesso em: 03/11/2023).

[199] LUCAS, Naian. **Secom de Bolsonaro ignora Ibope e prioriza SBT e Record em verba.** 2021. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/02/02/secom-de-bolsonaro-ignora-ibope-e-prioriza-sbt-e-record-em-verbas-157977.php> (Acesso em: 03/11/2023).

através da pergunta: “Agora vou citar algumas instituições nacionais e gostaria que você me dissesse de cada uma se tem muito prestígio, pouco prestígio ou nenhum prestígio na sociedade brasileira?”

Em 2003, primeiro ano de mandato de Lula, 74% da população dizia que a imprensa tinha muito prestígio; 18% diziam que a imprensa tinha um pouco de prestígio, 4% diziam que a imprensa não tinha nenhum prestígio. Em 2007, período em que a Presidência da República era ocupada por Lula em seu segundo mandato, 65% da população dizia que a imprensa tinha muito prestígio, 27% diziam que a imprensa tinha um pouco de prestígio, 6% diziam que a imprensa não tinha nenhum prestígio.

Em junho de 2013, mais precisamente dia 18, em que ocorriam as manifestações contra o aumento da tarifa nos transportes, nova pesquisa detectou que 61% diziam que a imprensa tinha muito prestígio, 30% diziam que a imprensa tinha pouco prestígio e 6% diziam que a imprensa não tinha nenhum prestígio.

A desconfiança a imprensa deu um pequeno salto entre 2012 e 2019, de acordo com pesquisa Datafolha com base de amostra nacional que questionou sobre confiança citando diversas instituições como Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal, Forças Armadas, Partidos Políticos, Presidência da República. Os dados foram coletados através da pergunta: “você confia muito, confia pouco ou não confia nas instituições”? Em 2012, 31% diziam confiar muito na imprensa, 51% diziam confiar um pouco na imprensa e 18% diziam não confiar na imprensa. Em 2019, 24% diziam confiar muito na imprensa, 48% diziam confiar um pouco e 26% diziam não confiar na imprensa.

A partir de 2020, em meio a pandemia de Covid-19, a disposição de confiança na imprensa melhorou. Levantamento da Edelman mostrou que 64% da população em dez países, incluso, Brasil, vê as matérias da imprensa tradicional como fonte mais confiável para se informar sobre a doença e em outra questão, 85% das pessoas tem medo de conteúdos falsos a respeito da pandemia[200].

Levantamento feito na mesma época pelo Datafolha demonstrou que programas jornalísticos na TV (61%) e jornais impressos (56%) lideram o índice de confiança sobre a pandemia de Covid-19, seguidos por programas jornalísticos de rádio (50%) e sites de

[200] FOLHA DE S. PAULO. **Pandemia restaura confiança no jornalismo profissional**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/pandemia-restaura-confianca-no-jornalismo-profissional.shtml> (Acesso em: 05/11/2023).

notícias (38%)[201]. Em sentido contrário, material proveniente do aplicativo WhatsApp e da rede social Facebook não tem confiança de 58% e 50% das pessoas, respectivamente, enquanto 12% afirmam confiar em informações obtidas por estes meios digitais[202].

Levantamento da Reuters Institute, Digital News Report, feito em 2023, momento de um maior controle da pandemia de Covid-19 devido a vacinação em escala mundial, revelou novo crescimento dos indivíduos que não confiam em notícias no Brasil, atingindo 48% das pessoas, ante 43% no ano de 2022, sendo que 36% evitam entrar em contato com conteúdo jornalístico.

Ainda de acordo com o levantamento, 79% das pessoas se informam principalmente pelo ambiente digital, ao passo que 51% utilizam preferencialmente as redes sociais. Televisão é apontada como fonte principal de notícias para 57% das pessoas, à medida que apenas 12% das pessoas tem jornais e revistas como principal fonte de notícias[203].

Os jornais mais confiáveis de acordo com o Reuters Institute:

SBT News (61%); Band News/Jornal da Band (60%); Record News/R7.com/Jornal da Record (60%); Jornais impressos locais ou regionais (58%); UOL (55%); Globo/ TV Globo/ GloboNews/ G1 (54%); O Globo (54%); Folha de S. Paulo (53%); O Estado de S. Paulo (53%); Veja (51%); Valor Econômico (51%); Terra (50%); Metrópoles.com (49%); RedeTV (49%); Yahoo News (48%)[204]. No relatório de 2022 da Reuters, os números são praticamente iguais com SBT, Record e Band a frente da Globo em confiança[205].

---

[201] MARQUES, José. **TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml> (Acesso em: 05/11/2023).

[202] Idem

[203] MEIO E MENSAGEM. **Cresce o percentual de brasileiros que não confia em notícias.** 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/cresce-o-percentual-de-brasileiros-que-nao-confia-em-noticias?fbclid=IwAR2JT0XNAUud4xFcV-uLAk9f5C5_LqmmFCDHDOEnGA5GyB-e6yeruPiI5Vs> (Acesso em: 05/11/2023).

[204] Idem

[205] YAHYA, Hanna. **38% dizem evitar se informar no mundo, diz Reuters Institute**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/38-dizem-evitar-se-informar-no-mundo-diz-reuters-institute/> (Acesso em: 05/11/2023).

Levantamentos demonstram que a confiança e a desconfiança em relação aos veículos de comunicação tradicionais dependem muito do contexto histórico de acordo com o clima de opinião do mundo social. Existe uma maior flutuação da desconfiança da imprensa tradicional a partir das jornadas de junho de 2013. A pesquisa do Reuters Institute revela algo próximo dos bolsonaristas entrevistados para esta tese com Globo, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, alvos preferencias do bolsonarismo, atrás de SBT, Record e Band quando se trata de confiança, credibilidade da notícia. Esse panorama revela como a atuação de Jair Bolsonaro tem papel fundamental na circulação de informações e como o direcionamento do seu fundamentalismo político levou a descredibilização da Folha de S. Paulo e Globo, como mostrou a grande maioria dos entrevistados nesta tese. Globo e Folha não merecem nenhuma audiência ou leitura, pois são mentirosos e inimigos do bolsonarismo.

3.4.2 Imprensa inimiga

Desqualificação de inimigos integra a estratégia *antiestablishment* de Jair Bolsonaro. Globo e Folha de S. Paulo foram os principais alvos de Bolsonaro no campo da mídia e o Supremo Tribunal Federal foi o alvo no campo judiciário, a fim de descredibilizar o que considera *establishment*. Montagem publicada no perfil de Bolsonaro em outubro de 2019, em formato de meme, um leão afugenta hienas e a metáfora nomeia os principais inimigos de Bolsonaro.

As hienas são colocadas como PT, PC do B, TV Globo, Movimento Feminista, Estadão, OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), PSOL, ONU (Organização das Nações Unidas), Folha de S. Paulo, Lei Rouanet, MBL (Movimento Brasil Livre), Força Sindical e PDT[206]. O STF, nas figuras dos Ministros Alexandre de Moraes, Edson Fachin e Luís Roberto Barroso, foram os alvos preferenciais de Bolsonaro, que apontou para o bolsonarismo quem deveria ser atacado.

Experiência do uso de desinformação na campanha eleitoral de 2018 continuou a ser aplicada para reforçar o posicionamento *antiestablishment* do bolsonarismo, bem como a acusação de produção de *fake news* pela mídia tradicional que opera na acentuação do antagonismo e na distinção que deixa nítida a separação das forças políticas

[206] FERRO, Maurício. **Bolsonaro publica vídeo de leão contra hienas do STF e PSL e depois apaga**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-video-bolsonaro-e-leao-que-ataca-hienas-do-stf-psl-e-outros/> (Acesso em: 08/11/2023).

em conflito. De acordo com base de dados do site "Aos Fatos"[207], em 1.459 dias como Presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas desde que assumiu o mandato presidencial em 2019 até dezembro de 2022.

Qualquer narrativa de liberdade de imprensa adotada por Jair Bolsonaro demonstra-se falsa à luz das evidências quando a matéria tem valência negativa. Jair Bolsonaro foi o político que mais acionou a Justiça para remoção de conteúdo jornalístico. Em um período de 2014 a 2019, foram 34 solicitações de retirada[208], sendo 31 delas na campanha eleitoral de 2018. Entre os textos, duas matérias do jornal Folha de S. Paulo que mostravam uma assessora política da família do Presidente, a Wal do Açaí; outro que revelava disparos em massa no WhatsApp a favor de Bolsonaro, com gastos pagos por empresas privadas, não declarados à Justiça Eleitoral. A perseguição revela que a disposição não é pela liberdade de imprensa, mas pela livre circulação de conteúdos falsos ou distorcidos feitos por seus apoiadores. Quando esse material é retirado do ar, a acusação de censura surge prontamente.

Ataque ao campo do jornalismo feito por Jair Bolsonaro ocorre de diversas maneiras. Foram 121 ataques de Bolsonaro contra o jornalismo tradicional e jornalistas no ano de 2019, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)[209], em um arsenal de agressões verbais contra jornalistas, deslegitimação da imprensa e de matérias em diversas plataformas. No ano de 2020, ainda de acordo com a FENAJ, foram mais 175 ataques[210] do Presidente da República. "Se você não lê jornal, está sem informação, se lê está desinformado", disse Jair Bolsonaro na rede social Twitter (atual X) (BOLSONARO, 2020, apud BARRETTO JR, 2021, p.73).

---

[207] Base de dados do site "Aos Fatos" agrega todas as declarações de Bolsonaro desde que assumiu a Presidência da República. A última atualização com os números trazidos a este trabalho ocorreu em 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/> (Acesso em: 25/10/2023).

[208] AOS FATOS. **Em 1.459 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas.** 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/29/?page=403> (Acesso em: 25/10/2023).

[209] FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas aumenta 54% em 2019**. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-aumenta-54-em-2019/> (Acesso em: 25/10/2023).

[210] FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS**. Contra ataques de Jair Bolsonaro a jornalistas, Sindicato de SP entra com ação**. 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/contra-ataques-de-jair-bolsonaro-a-jornalistas-sindicato-de-sp-entra-com-acao/> (Acesso em: 25/10/2023).

De acordo com o relatório, em 2018 foram contabilizados 135 ataques contra jornalistas. Em 2019, primeiro ano de mandato de Bolsonaro, os ataques passaram a 208, sendo que 121 foram feitos pelo Presidente em meio a 114 confrontos de descredibilização do conteúdo jornalístico, ou seja, tentativa de arruinar a credibilidade da informação com alguma declaração de cunho negativo. Dentro dos ataques em que se encontra a descredibilização, a FENAJ também percebeu crescimento de ameaças/hostilizações/intimidações e censura.

No ano de 2020, explodiram o número de ataques totalizando 428 ao passo que 175 foram realizados por Bolsonaro, entre eles 145 confrontos de descredibilização. Em 2021, foram dois casos a mais, o que equivaleu a 430 ataques, sendo que Bolsonaro efetuou sozinho 147, aos quais 129 foram confrontos de descredibilização. No último ano de mandato, ocorreram 376 ataques, sendo 104 feitos por Bolsonaro e ainda dentro desse último dado, 87 foram confrontos de descredibilização[211]. Além dos insultos já destacados, as expressões "fábrica de fake" e "imprensa de merda" destacados pela FENAJ resumem a disposição belicosa de Bolsonaro contra a imprensa no Brasil.

Insultos, ofensas, ironias, isto é, desqualificações de toda ordem estimularam violências física e simbólica contra jornalistas. Relatórios de "Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil" feitos pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) revelaram aumento das violências física e simbólica a partir da eleição de Bolsonaro com crescimento gradual desde 2021. Em 2020, ocorreu grande aumento das violências física e simbólica contra jornalistas e contra a imprensa. Foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. Em comparação com o último ano de mandato e o anterior, agressões verbais caíram 20,69%, porém, agressões físicas subiram a 88,46%. Impedimentos ao exercício profissional cresceram 200%: foram sete casos em 2021 e 21, em 2022.

Modo de atacar do Presidente leva em conta o capital simbólico do repórter. Com pouco capital simbólico, o ataque se voltava ao jornal. Com muito capital simbólico, o ataque se volta ao profissional, o que chama atenção pela quantidade de jornalistas mulheres atacadas por Jair Bolsonaro. Contextualizar insultos, recusas, ironias, faz-se necessário para compreendermos como a política de guerra, com campanha permanente

[211] FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil.** 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf> (Acesso em: 25/10/2023).

de intimidação levou ao registro de casos de violências física e simbólica contra jornalistas e a uma grande aversão internalizada pelos profanos bolsonaristas.

Alvos preferidos de Jair Bolsonaro são Grupo Globo e Folha de S. Paulo, enquanto demonstra afinidade com Jovem Pan, SBT, Rede Record e Rede TV!, contudo, quando se sente contrariado, o Presidente vai ao ataque seja qual for o veículo de comunicação. Pergunta da repórter Driele Veiga, da TV Aratu, afiliada local do SBT, a respeito da polêmica envolvendo Bolsonaro por ele ter segurado uma placa onde estava escrito "CPF cancelado", em referência às pessoas mortas pela polícia, ao lado do apresentador Sikêra Júnior, da RedeTV!, o Presidente disse: "Não tem o que perguntar, não? Deixa de ser idiota". E retornou ao insulto: "Pare de fazer pergunta idiota, por favor", acerca de questão do escândalo da Covaxin ou "Não vou responder pergunta idiota", no que se refere a questionamento da carona concedida a integrantes da família em helicóptero da Presidência.

Sátiras contra a imprensa que aguardava entrevista coletiva eram comuns. Em pelo menos duas ocasiões, colocou em seu lugar outra pessoa para responder os repórteres:

a) O Presidente ignorou os questionamentos dos jornalistas em relação a sua comemoração do aniversário do golpe civil militar de 1964 e sobre o ministério da Saúde, em março de 2020. "É o [apoiador], ele que vai falar"[212], disse ao atender à imprensa e aos seus apoiadores no Palácio do Alvorada.

b) Em outra situação, acompanhado de Márvio Lúcio, comediante conhecido como "Carioca", que estava fantasiado como se fosse Jair Bolsonaro com uma réplica da faixa presidencial, ironizou pergunta de repórteres sobre o crescimento de 1,1% do PIB em 2019 e mandou o comediante responder. "PIB? PIB? O que que é PIB? Pergunta o que que é PIB"[213].

Em diversos momentos, Jair Bolsonaro se recusou a conversar com a imprensa antes de qualquer questionamento.

---

[212] COLETTA, Ricardo D. **Bolsonaro se refere a aniversário do golpe de 64 como 'dia da liberdade'**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-se-refere-a-aniversario-do-golpe-de-64-como-dia-da-liberdade.shtml> (Acesso em: 09/02/2023).

[213] MILITÃO, Eduardo. **Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca em entrevista**. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm> (Acesso em: 09/02/2023).

a) "Lamento, mas não vou conversar com vocês", disse o Presidente sem que nenhuma pergunta fosse feita, um dia depois da morte de ex-PM investigado no caso de rachadinhas do Senador Flávio Bolsonaro.

b) Quando desembarcou em Brasília e foi inquirido a respeito de provas da acusação de que houve fraude nas eleições de 2018, se retirou da entrevista sem responder. Certa vez, além de negar iniciar entrevista a respeito da participação do Brasil em Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) foi dissimulado. "Imprensa, gosto muito de vocês. Mas tudo é deturpado. Quando fizerem uma matéria real do que aconteceu lá na ONU, eu dou entrevista".

Jair Bolsonaro encerrou abruptamente de forma autoritária em muitas situações:

a) "Está encerrada a entrevista, muito obrigado", disse o Presidente ao reagir a perguntas sobre mensagens entre o Ministro Sergio Moro (Justiça), enquanto juiz, e o procurador da Lava Jato, Deltan Dallagnol.

b) A frase "acabou a entrevista" foi repetida por Jair Bolsonaro em diferentes circunstâncias, como nas questões a respeito de conflitos de interesse na atuação do secretário-chefe da Secom, Fábio Wajngarten[214]; sobre os estudos do governo para a criação de um novo imposto nos moldes da antiga CPMF; a respeito da decisão do STJ de anular a quebra de sigilo de Flávio Bolsonaro no caso das "rachadinhas" na Assembleia do Rio; sobre possível saída de Onyx Lorenzoni da Casa Civil.

Quando não gosta do caminho que a entrevista segue, Jair Bolsonaro ameaça o encerramento:

a) "Se for nessa linha, acaba a entrevista", disse sobre os ataques de Carlos Bolsonaro ao seu vice, Hamilton Mourão.

b) "Se continuar perguntar nesse padrão, vai acabar a entrevista", no momento que o papo com os jornalistas foi direcionado as ofensas realizadas por ele à primeira-dama francesa Brigitte Macron.

Intimidação na política de guerra *antiestablishment* de Bolsonaro foi comum, como nas ofensas às mães de jornalistas:

[214] Fábio Wajngarten comandava a SECOM na gestão Bolsonaro e tinha atribuição de distribuir verbas de publicidade. Ocorre que é sócio de empresa que recebe mensalmente dinheiro das mesmas emissoras de TV e agências que são clientes do governo e nunca se declarou impedido por isso.

a) "Você está falando da sua mãe?", disse o Presidente depois de perguntado a respeito do caso de Fábio Wajngarten.

Homofobia utilizada a favor de desqualificar o repórter e o "cala a boca", expressão comum a uma liderança autoritária, mostraram a truculência como característica da liderança de Bolsonaro:

a) O Presidente enfatizou que o repórter tem "cara de homossexual terrível" e mandou jornalistas ficarem quietos após perguntas a respeito da apreensão realizada pela PF em endereços do Senador Flávio Bolsonaro.

Violência simbólica, mas também ameaça de violência física fizeram parte do arsenal de Bolsonaro:

a) "A vontade é encher tua boca com uma porrada, tá?", revelou depois de questão sobre os depósitos feitos pelo ex-policial militar Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro. Toda questão a respeito de suspeitas de irregularidades, ilegalidades envolvendo familiares, geraram reações destemperadas, exacerbadas e autoritárias do Presidente Bolsonaro.

3.4.3 Misoginia no combate a jornalistas inimigas

Como já mostrado anteriormente, a jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello, foi ofendida por Bolsonaro com uma insinuação de cunho sexual. "Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]"[215], disse o Presidente em referência a fala dita na CPMI das *Fake News* por um ex-funcionário de uma agência de disparos de mensagens em massa de que Patrícia teria oferecido sexo em troca de informações para uma matéria. "Eu não duvido que a senhora Patrícia Campos Mello, jornalista da Folha, possa ter se insinuado sexualmente, como disse o senhor Hans, em troca de informações para tentar prejudicar a campanha do Presidente Jair Bolsonaro"[216], disse o filho de Bolsonaro, Deputado Federal Eduardo Bolsonaro.

---

[215] URIBE, Gustavo. **Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml> (Acesso em: 09/11/2023).

[216] FOLHA DE S. PAULO. **Ex-funcionário de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da Folha.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml> (Acesso em: 09/11/2023).

As ofensas de Bolsonaro e seu grupo político à Patrícia resultaram em apoiadores se sentindo autorizados a reproduzir xingamentos em uma espiral de ódio contra a jornalista. Os robôs operados pelo gabinete do ódio subiram as hashtags #JornalistaProstituta #PutaJornalista #JornalistaDaOFuro, que foram utilizadas por apoiadores reais (MELLO, 2020, p.154). A jornalista procurou a Justiça e o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) reafirmou a manutenção da condenação de Jair Bolsonaro por ter ofendido a honra de Patrícia Campos Mello.

Ataques de Jair Bolsonaro a jornalistas privilegiam como alvo as mulheres, demonstrando seu comportamento misógino:

a) Depois de indagado pela repórter Victória Abel, da CBN, a respeito da aquisição da vacina indiana Covaxin, Jair Bolsonaro se irritou e, agressivamente, mandou a profissional voltar para a faculdade. Em nova pergunta da repórter ativando a retórica do ódio, disse que a repórter deveria "voltar para o ensino médio, depois para o jardim de infância e aí, nascer de novo"[217].

b) Daniela Lima, jornalista da CNN, teve uma fala distorcida por Bolsonaro, o que impulsionou o ataque do bolsonarismo à jornalista. Em conversa com bolsonaristas no chamado "cercadinho", local no Palácio do Planalto em que seguidores se amontoavam para ter contato com o Presidente, Bolsonaro chamou Daniela de "quadrúpede"[218].

c) A jornalista Juliana Dal Piva, do jornal O Globo, autora do livro "O negócio do Jair", foi atacada quando escreveu uma matéria sobre o documentário "1964: O Brasil entre armas e livros", da produtora "Brasil Paralelo". Um dia após a publicação da matéria, um perfil falso em uma rede social enviou uma mensagem: "você vai morrer". Em outros textos, foi atacada com discurso de ódio "vai chupar uma rola" e "vadia" (MELLO, 2020, p.91).

[217] GOMES, Bianca. **Bolsonaro volta a atacar jornalistas ao ser questionado sobre Covaxin**. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-atacar-jornalistas-ao-ser-questionado-sobre-covaxin-25077232> (Acesso em: 10/11/2023).

[218] UOL. **Bolsonaro xinga Daniela Lima de 'quadrúpede'; CNN Brasil reage à ataque.** 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/bolsonaro-xinga-daniela-lima-de-quadrupede-cnn-brasil-reage-ataque-58631?cpid=txt&cpid=txt> (Acesso em: 10/11/2023).

d) Jair Bolsonaro disse para a repórter Talita Fernandes, da Folha S. Paulo, "calar a boca" em meio a uma coletiva, desqualificando o jornal. Depois questionou se a repórter tinha marido e afirmou que só tinha perguntas idiotas a fazer (MELLO, 2020, p.86).

e) Marina Dias, outra repórter da Folha de S. Paulo, foi atacada com agressões verbais nas redes sociais e teve que suspender sua conta no Twitter (atual X) depois da hostilidade recebida após escrever uma matéria sobre Ana Cristina Valle, ex-mulher de Jair Bolsonaro, junto ao repórter Rubens Valente. Bolsonaro ainda disse a Marina que a Folha não deveria "contratar qualquer uma" e ela tinha que retornar a uma faculdade com mais qualidade e fazer "bom jornalismo" (MELLO, 2020, p.89).

f) Constança Rezende, colunista do UOL, foi acusada de planejar a destruição da reputação de Flávio Bolsonaro e de buscar o impeachment de Jair Bolsonaro, pois por ser filha de Chico Otávio, jornalista de O Globo, estariam a frente de um projeto para derrubar o bolsonarismo. A notícia sobre a intenção da jornalista foi publicada no Blog Terça Livre e ganhou repercussão com o compartilhamento feito por Bolsonaro. Alvo de *fake news*, Constança foi alvo de inúmeras ligações anônimas e mensagens com ameaças (MELLO, 2020, p.89, 90).

g) Vera Magalhães, colunista do jornal O Estado de S. Paulo e âncora do programa Roda Viva da TV Cultura, recebeu inúmeros xingamentos de bolsonaristas depois de publicar matéria do protesto marcado para 15 de março de 2019. Vera teve sua família exposta com a divulgação de documento da escola dos filhos, o que revela *doxing*. Bolsonaro chegou a dizer que não era da mesma "laia" que a da jornalista e após isso vários ataques ocorreram (MELLO, 2020, p. 88).

h) A comentarista de política da TV Globo Miriam Leitão é constantemente atacada por Bolsonaro e seu grupo político na divulgação da *fake news* de que a jornalista nunca teria sido torturada pela ditadura civil militar de 1964. Miriam é alvo de desinformação por meio de memes que a colocam como participante da guerrilha armada e como assaltante de bancos na ditadura civil militar de 1964 junto a Dilma Rousseff (MELLO, 2020, p. 92).

Jair Bolsonaro foi condenado em segunda instância por ofensas a jornalistas durante o mandato pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) com indenização de R$ 50 mil em ação pleiteada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São

Paulo. A acusação acatada foi de praticar assédio moral a toda a categoria profissional do jornalismo[219].

3.4.4 Folha de S. Paulo e Globo inimigos

Com dez meses de governo, Jair Bolsonaro determinou o cancelamento da assinatura da Folha de S. Paulo no Governo Federal e intimidou anunciantes ao ressaltar que tinham que "prestar atenção"[220]. A reação da Folha veio no editorial "Fantasia de imperador"[221], que chama Bolsonaro de "autoritário" que necessita conhecer os limites do Estado de direito como os limites que se colocam a uma "criança" e que o Presidente "incitou um boicote contra anunciantes" do jornal, e feriu o princípio de impessoalidade contido na Constituição Federal de 1988. Entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Associação Nacional de Jornais (ANJ) repudiaram a atitude[222] do Presidente.

A reação pública a uma provocação é tudo o que o bolsonarismo deseja e precisa para alimentar a crise permanente que lhe dá sentido. O Secretário de Comunicação do governo Bolsonaro, Fábio Wajngarten, classificou o editorial da Folha como "infame, injusto e leviano", que objetiva "defender uma conspiração pela saída do Presidente"[223]. Após vir à tona o escândalo envolvendo Fábio Wajngarten, Bolsonaro reagiu: "Fora, Folha de S. Paulo, você não tem moral para perguntar. Cala a boca".

Jornal Folha de S. Paulo foi um dos principais alvos de Bolsonaro:

---

219 TUPINA, Matheus. **Bolsonaro é condenado em 2ª instância por ataques a jornalistas durante mandato**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/05/bolsonaro-e-condenado-em-2a-instancia-por-ataques-a-jornalistas-durante-mandato.shtml> (Acesso em: 11/11/2023).

220 FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro cancela assinaturas da Folha no governo federal e ameaça anunciantes do jornal.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-determina-cancelamento-de-assinaturas-da-folha-no-governo-federal.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

221 FOLHA DE S. PAULO. Editorial. **"Fantasia de Imperador**". 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/11/fantasia-de-imperador.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

222 NUNES, Wálter. **Entidades repudiam declaração de Bolsonaro sobre cancelamento de assinaturas da Folha.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/entidades-repudiam-declaracao-de-bolsonaro-sobre-cancelamento-de-assinaturas-da-folha.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

223 PODER 360. **Wajngarten afirma que Folha defende conspiração contra Bolsonaro.** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/wajngarten-afirma-que-folha-defende-conspiracao-contra-bolsonaro/> (Acesso em: 12/11/2023).

a) "Cala a boca", proferiu ao ser indagado por repórteres no que concerne em mudanças na Polícia Federal. Na ocasião, Bolsonaro determinou que os profissionais calassem a boca e atacou a Folha, intitulando o jornal de "canalha", "patife" e "mentiroso".

Jair Bolsonaro chegou a dizer durante na campanha eleitoral de 2018 que o jornal controlado pela família Frias "por si só se acabou"[224]. Ainda no período eleitoral, ressaltou a manifestantes em vídeo exibido na avenida Paulista, na cidade de São Paulo, que a "Folha de S. Paulo era a maior *fake news* do Brasil"[225], prometeu que o jornal não teria mais recursos publicitários em seu governo e usou uma expressão de ordem no final do discurso para ativar a militância bolsonarista, direcionando o inimigo a ser combatido: "sem mentiras, sem *fake news*, sem Folha de S. Paulo"[226].

Jair Bolsonaro editou duas medidas provisórias para atacar os jornais impressos com intervalo de apenas um mês em agosto e setembro de 2019. A primeira MP autoriza empresas de capital aberto a publicação de balanços no site da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) ou do DO (Diário Oficial), em vez de veículos impressos[227].

A segunda MP revoga a obrigatoriedade de publicação de atos oficiais e licitações públicas em jornais, com exceção da imprensa oficial, sob a justificativa de diminuir gastos considerados necessários[228]. Na prática, a alteração busca asfixiar financeiramente os jornais com a possibilidade de perda de anunciantes e principalmente enfraquecer o jornalismo da Folha de S. Paulo e do Grupo Globo[229]. O Ministro do STF, Gilmar

---

224 FOLHA DE S. PAULO. **Esse jornal se acabou, diz Bolsonaro ao Jornal Nacional sobre a Folha**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/esse-jornal-se-acabou-diz-bolsonaro-ao-jornal-nacional-sobre-a-folha.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

225 MARQUES, José. **Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

226 Idem

227 MARQUES, José. SÁ, Nelson de. **Bolsonaro assina MP que acaba com publicação de balanço de empresa em jornais**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/bolsonaro-assina-mp-que-acaba-com-publicacao-de-balanco-de-empresa-em-jornais.shtml> (Acesso em:12/11/2023).

228 URIBE, Gustavo. **Bolsonaro assina e publica MP que acaba com aviso de licitação pública em jornal.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/bolsonaro-assina-e-publica-mp-que-acaba-com-aviso-de-licitacao-publica-em-jornal.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

229 O Grupo Globo é composto por jornais, rádios, sites de notícias, canal aberto e canais segmentados na TV paga, plataforma de vídeo sob demanda Globoplay, entre outros negócios.

Mendes, suspendeu a MP que acaba com a obrigatoriedade da publicação[230] e, meses depois as MPs perderam a validade[231].

O grupo Globo em seus diversos veículos de comunicação foi atacado por Bolsonaro com a mesma intensidade dedicada a Folha de S. Paulo. Ambos são afrontados pelo bolsonarismo com autorização do Presidente pela associação que fazem com o PT, com o comunismo, por enfim, fazerem parte do *establishment* corrupto que na visão bolsonarista deforma a democracia brasileira. "Cala a boca, vocês são uns canalhas", disse Jair Bolsonaro após ser lembrado por uma repórter de uma afiliada da TV Globo que foi multado pelo Governo de São Paulo por não usar máscara durante a pandemia de Covid-19, em junho de 2021.

Foi constante a ameaça a renovação da concessão da TV Globo em mais de uma declaração dada por Jair Bolsonaro. No Brasil, o Estado autoriza licenças para funcionamento de emissoras de rádio e televisão. Uma decisão desfavorável do chefe do executivo nacional não teria efeito prático imediato porque teria que tramitar no Congresso[232], mas, ainda assim, o Presidente sempre agiu como se a decisão final estivesse em suas mãos[233] e dava impressão para os profanos bolsonaristas de que iria cumprir o prometido.

Sinais que iria deliberar contra a concessão da TV Globo foram usadas na campanha eleitoral à reeleição. "Tem empresa que vai renovar seu contrato brevemente, eu não vou perseguir ninguém. [Mas] para quem estiver devendo, vai ter dificuldade. Então os órgãos de imprensa jogam pesado para ver se me tiram de combate para facilitar

---

230 SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Ministro suspende MP que dispensa órgãos públicos de divulgar editais em jornais**. 2019. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=427361&ori=1> (Acesso em:12/11/2023).

231 CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Perde validade MP que dispensa empresas de publicar demonstrações financeiras em jornais.** 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/621986-PERDE-VALIDADE-MP-QUE-DISPENSA-EMPRESAS-DE-PUBLICAR-DEMONSTRACOES-FINANCEIRAS-EM-JORNAIS> (Acesso em:12/11/2023).

232 O Congresso pode referendar ou derrubar o ato presidencial em votação nominal de 2/5 das Casas (artigo 223 da Constituição).

233 PODER 360. **Bolsonaro chama globo de lixo e ameaça concessão em 2022.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-globo-de-lixo-e-ameaca-nao-renovar-concessao-em-2022/> (Acesso em: 14/11/2023).

sua vida"[234], disse Bolsonaro em menção a ideia de que a Globo trabalha para derrubá-lo do cargo para não ter a renovação da concessão recusada.

Estrangulamento financeiro foi uma das táticas de Bolsonaro. A outra foi participar como intermediário na compra do Grupo Globo para um banco de investimento. O Presidente esteve presente em reunião na casa do Ministro do STF Dias Tofolli, em que se debateu a aquisição da emissora com André Esteves, sócio sênior do BTG Pactual[235]. O encontro nada republicano também contou com o comparecimento do Procurador Geral da República Augusto Aras.

Insultos e grosserias à TV Globo ocorreram em muitas situações. Destacamos, contudo, reação de Bolsonaro a reportagem sobre as investigações do assassinato da Vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), em março de 2018, em que o porteiro do condomínio disse ter reconhecido a voz "do seu Jair" na autorização a entrada de um dos suspeitos da morte da vereadora no dia do crime. Jair Bolsonaro se exaltou ao limite nos xingamentos a imprensa quando denúncias incluíram seus familiares, sua esposa, Michelle Bolsonaro, ou tem potencial destrutivo na opinião pública a ponto de ameaçar seu mandato.

Jair Bolsonaro aproveitou para acusar o inimigo, o então Governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), de ter vazado as informações para a TV Globo construir a matéria, pois o caso encontrava-se em segredo de justiça. "Patifaria", "não tem vergonha na cara", "porra", "patifes", "canalhas", "imprensa porca", "jornalismo podre", "nojenta", "imoral"[236], foram as palavras usadas por Bolsonaro para agredir a emissora em *live* em uma rede social, além de voltar a ameaçar a renovação da concessão. Mais tarde, apareceu no Jornal da Record onde reforçou as ofensas à Globo:

> TV Globo, vocês não têm juízo? Parem de trair o Brasil! Vocês não estão traindo a mim, não. Estão traindo o Brasil. Vocês querem arrebentar com o

[234] PINTO, ANA C.S. **Bolsonaro diz que falava com Queiroz sobre demissões e que caso de Cileide 'é normal'**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-diz-que-conversava-com-queiroz-sobre-demissoes-e-que-caso-de-cileide-e-normal.shtml> (Acesso em:14/11/2023).

[235] NOBLAT, Ricardo. **Bolsonaro participou de reunião onde se discutiu a compra da Globo.** 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/ricardo-noblat/bolsonaro-participou-de-reuniao-onde-se-discutiu-a-compra-da-globo> (Acesso em: 15/11/2023).

[236] STYCER, Mauricio. **Exaltado, Bolsonaro perde a linha em ataque com ofensas e ameaças Globo**. 2019. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/10/30/exaltado-bolsonaro-perde-a-linha-em-ataque-com-ofensas-e-ameacas-a-globo/> (Acesso em: 15/11/2023).

> Brasil. Estava muito bom com governos anteriores. Mamavam bilhões de estatais. Bilhões mamavam de estatais. (…) Acabou essa mamata. Não tem dinheiro público pra vocês. Acabou a teta! Vão ficar me infernizando até quando? Eu aguento a porrada, mas fico revoltado quando pegam filhos meus, parentes meus do Vale da Ribeira, quem tá do meu lado. Isso é uma patifaria, TV Globo! TV Globo, isso é uma patifaria! Não deveria perder a linha. Sou o Presidente da República. Mas confesso que estou no meu limite com vocês. O que vocês querem? Destruir o Brasil? Nós vamos resistir. A verdade está do meu lado. Pelo amor de Deus, quem vocês pensam que são? São canalhas! Patifes! Não são patriotas! Não pensam no Brasil. Vocês apoiavam o governo de plantão, em especial do governo do PT porque anunciava bilhões de reais no sistema Globo de televisão (Jair Bolsonaro, Presidente da República).

Repreender a TV Globo classificando a emissora como traidora do Brasil que se beneficia de dinheiro do Estado proveniente de governos do PT criou uma cadeia de equivalências que é verificável nos profanos bolsonaristas entrevistados. O povo construído por Jair Bolsonaro internalizou a luta contra a elite do *establishment* na figura da Globo e da Folha de S. Paulo associando estes veículos ao projeto comunista do PT em razão dos ganhos financeiros.

A TV Globo respondeu em nota que "não fez patifaria nem canalhice. Fez, como sempre, jornalismo com seriedade e responsabilidade" e sobre a renovação da concessão, complementa: "sobre a afirmação de que, em 2022, não perseguirá a Globo, mas só renovará a sua concessão se o processo estiver enxuto, a Globo afirma que não poderia esperar dele outra atitude. Há 54 anos, a emissora jamais deixou de cumprir as suas obrigações"[237], disse ao rebater Bolsonaro.

3.5 STF sob ataque

Política de guerra de Jair Bolsonaro posicionou seus soldados profanos bolsonaristas na trincheira contra a Globo e a Folha de S. Paulo, bem como convocou tropas para o enfrentamento com o Supremo Tribunal Federal (STF). Desqualificação e intimidação foram os esquemas escolhidos para criar e aumentar animosidade. Desqualificação dos Ministros foi incentivada para aumentar a desconfiança e trazer o confronto para o campo político, criando a percepção que a reação do STF acontece porque se tornou uma força política.

Intimidação de Jair Bolsonaro a Ministros do STF funcionou como autorização para hostilidades vindas dos profanos bolsonaristas, que construíram a fronteira

[237] CONGRESSO EM FOCO. **"Globo não faz patifaria nem canalhice, diz emissora em resposta a Bolsonaro".** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/globo-nao-faz-patifaria-nem-canalhice-diz-emissora-em-resposta-a-bolsonaro/> (Acesso em: 16/11/2023).

amigo/inimigo (MOUFFE, 2015) e apagou o limite no qual a violência poderia ser detida. Perigo de risco físico dos Ministros do STF se tornou real com o avanço do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro. Diante dos ataques, a alta corte se protegeu com inquéritos a fim de investigar o *firehosing* de desinformação e ameaças. Retórica do ódio aceita como conduta correta normalizou duras ofensas e uma série de investidas contra os Ministros do STF nas redes sociais.

Protestos nas ruas pedindo fechamento do STF ocorreram durante todo o mandato de Bolsonaro, com menor frequência durante a pandemia de Covid-19 devido a política de isolamento realizada por Prefeitos e Governadores. Desde o início do governo Bolsonaro, a fronteira que delimita a posição dos inimigos ficou clara: na Câmara dos Deputados, o Presidente Rodrigo Maia, no STF, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes. Todos eram igualados na cadeia de equivalências ao PT ou a uma tentativa escusa de tirá-lo do poder, em detrimento da vontade do povo. Como Jair Bolsonaro age esperando uma reação dupla, uma da oposição e outra de seus seguidores, fez declarações fortes para incentivar a figura dos inimigos e alertar que não era bem vindo ao poder porque trazia a verdade contra o *establishment*.

Alexandre de Moraes percebeu muito bem que a escolha de uma pessoa em vez da instituição STF para ser atacada é estratégica, uma vez que a personalização permite o desenvolvimento de uma narrativa contra o personagem e atingir esse inimigo significa reduzir seu capital social junto a uma vinculação que beneficia a redução do capital simbólico do STF. Ataque aos Ministros, portanto, recai na própria corte:

> Atacar o Judiciário só, falar de uma instituição fica um pouco etéreo. Você tem que personificar e achar dentro da instituição um inimigo de carne e osso porque aí você personifica. No caso do Brasil foi carne, osso e sem cabelo. Um preconceito. Você personifica e você vai batendo, vai batendo porque dá ibope. É uma novela. Não existe novela que o vilão é uma instituição. Tem que ser uma pessoa (Alexandre de Moraes – Ministro do STF)[238].

Ironia a ameaça comunista destacada por Alexandre de Moraes ou o tom professoral de do Ministro Luís Roberto Barroso[239] em que explica o conceito de

---

[238] FOLHA DE S. PAULO. **Moraes ironiza notícias falsas sobre comunismo e diz que é tratado como vilão**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/moraes-ironiza-noticias-falsas-sobre-comunismo-no-pais-e-diz-que-tema-da-ibope.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

[239] ESTADO DE MINAS. **Barroso sobre comunismo no Brasil: 'Faria Lima tem mais influência'**. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/09/14/interna_politica,1562079/barroso-sobre-comunismo-no-brasil-faria-lima-tem-mais-influencia.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

comunismo a partir de Karl Marx não se sustenta dentro do bolsonarismo, pois o signo comunismo foi esvaziado pela ação populista de Bolsonaro e de Olavo de Carvalho, que obtiveram sucesso em trazer para a política das novas direitas um novo significado, sem nenhuma ligação com a original, na qual evidencia amplamente qualquer ação das esquerdas, ligadas ao PT, ONGs, ou a pauta de costumes e valores.

Apesar dos esforços para trazer o STF para a disputa no campo político e sem pontuar a judicialização da política em que se discute se a corte está ou não ultrapassando atribuições e invadindo decisões que seriam matérias do legislativo, o STF permanece como ator dominante dentro do campo jurídico e atua na interpretação constitucional quando provocado.

O campo jurídico é um espaço em que se luta por uma visão legítima do mundo, em um conflito pelo monopólio de analisar textos jurídicos, fundamentar a ordem simbólica e determinar ou revalidar as regras no espaço social (BOURDIEU, 2010, p.211, 237) e tem uma relativa autonomia em relação a outros campos, uma liberdade às pressões de fora já que segue leis próprias, ainda que suas fronteiras sejam objeto de lutas, características similares ao campo político (BOURDIEU, 2010, p.211).

A retórica do agente social no campo jurídico se reveste de impessoalidade e neutralidade. É a autonomia do STF que está em jogo, através do ataque a impessoalidade e neutralidade dos juízes que estariam partidarizando os temas da corte. Na realidade, trata-se de mais uma maneira de deslegitimar o Supremo Tribunal Federal.

A manutenção da ordem simbólica pelo STF é constantemente ameaçada por Jair Bolsonaro ao instigar seus seguidores a atacar a corte máxima do Brasil e seus Ministros[240]. O auge ocorreu em junho de 2020, com as manifestações antidemocráticas que pediam o fechamento do STF[241] e que tiveram apoio do Presidente. A partir desta manifestação, a Procuradoria Geral da República (PGR), em nome do Procurador Geral,

[240] FOLHA DE S. PAULO. **Politicalha, 'acabou, porra', 'não ouse' e militância; veja ataques e ameaças de Bolsonaro ao Supremo**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/politicalha-acabou-porra-ligacao-com-pt-ativismo-e-militancia-veja-ataques-de-bolsonaro-a-ministros-do-stf.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

[241] BENITES, Afonso. **Bolsonaro invoca "intervenção militar" contra o STF e flerta com golpe**. 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-29/bolsonaro-invoca-intervencao-militar-contra-o-stf-e-flerta-com-golpe.html> (Acesso em: 16/11/2023).

Augusto Aras[242], pediu ao STF abertura de inquérito para investigar os atos golpistas realizados em diversas cidades brasileiras, mas sem mencionar a presença de Bolsonaro[243]. Um ano depois, a PGR pediu o arquivamento do inquérito dos atos antidemocráticos e das mídias digitais iniciado pela Polícia Federal[244], alegando falta de evidências.

Foram investigados blogueiros e parlamentares bolsonaristas da linha de frente da guerra bolsonarista, como a deputada federal Alê Silva (PSL-MG), a deputada Aline Sleutjes (PSL-PR), o Senador Arolde de Oliveira (PSD-RJ), a deputada federal Bia Kicis (PSL-DF), a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP), a deputada federal Caroline de Toni (PSL-SC), o Deputado Federal General Girão (PSL-RN), o Deputado Federal Guga Peixoto (PSL-SP), o Deputado Federal Junio Amaral (PSL-MG). Todos estes congressistas tiveram investigações arquivadas, exceto os Deputados Federais Daniel Silveira (PSL-RJ) e Otoni de Paula (PSC-RJ) que permaneceram na condição de investigados porque foram denunciados ao Supremo com base nesse inquérito[245].

Com o arquivamento pela PGR, o Ministro do STF Alexandre de Moraes iniciou uma nova frente para investigar a existência de uma organização criminosa digital que ataca a democracia[246]. Milícias digitais como objeto tem a justificativa de averiguar a defesa de um golpe de Estado com fechamento do STF e do Congresso no ano de 2020[247].

---

242 Antônio Augusto Brandão de Aras, ou Augusto Aras, foi indicado a Procuradoria Geral da República em setembro de 2019 e foi reconduzido ao cargo em agosto de 2021, com término da atuação no comando da PGR em setembro de 2023.

243 MILITÃO, Eduardo. **PGR pede que STF investigue atos pró-golpe, mas não cita Bolsonaro**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/pgr-pede-stf-investigue-atos-pro-golpe-deputado-jair-bolsonaro-brasilia.htm> (Acesso em: 18/11/2023).

244 FALCÃO, Márcio**. PGR pede ao STF arquivamento de investigação de parlamentares sobre atos antidemocráticos.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/04/pgr-atos-antidemocraticos.ghtml> (acesso 18/11/2023)

245 Idem.

246 FALCÃO, Márcio. VIVAS, Fernanda. **Moraes arquiva inquérito dos atos antidemocráticos no STF e abre outro sobre organização criminosa.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/01/moraes-arquiva-inquerito-dos-atos-antidemocraticos-no-stf-e-abre-novo-inquerito-sobre-organizacao-criminosa-contra-a-democracia.ghtml> (Acesso em: 18/11/2023).

247 G1. **Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml> (Acesso em: 18/11/2023).

Outro inquérito a respeito de atos antidemocráticos foi aberto após a violência perpetuada nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023.

Em resposta aos ataques a Ministro da alta corte contendo *fake news* e desinformação, o Supremo Tribunal Federal (STF) incluiu Jair Bolsonaro[248] no inquérito das *fake news*, o que elevou a tensão entre o bolsonarismo e o STF. Polêmica em torno do inquérito das *fake news* ocorre em razão do Presidente da Corte, José Antonio Dias Toffoli, ter feito a abertura da investigação, provocação que deveria ser feita pelo Ministério Público. Houve, inclusive, alguns pedidos do MP para arquivar o inquérito e juristas não descartam a possibilidade de arquivamento pelo Ministério Público Federal (MPF)[249].

Inquérito das *fake news* foi uma resposta do STF a Bolsonaro e ao grupo bolsonarista e coloca a verdade no centro do conflito, já que se trata de uma investigação contra a desqualificação dos Ministros por meio de falsidades, o que bolsonaristas garantem ser uma perseguição do *establishment*[250]. No confronto com o STF, destacaremos a atuação de alguns soldados da linha de frente do bolsonarismo. Daniel Silveira, Sarah Winter, Oswaldo Eustáquio e Allan dos Santos dão a dimensão bélica da luta contra o STF.

3.5.1 Daniel Silveira e a luta entre poderes

O ex-policial militar Daniel Silveira se elegeu Deputado Federal pelo Rio de Janeiro nas eleições de 2018 com 31.789 votos para seu primeiro mandato. Silveira ganhou notoriedade ao quebrar uma placa em homenagem a vereadora pelo Rio de janeiro, Marielle Franco[251], assassinada em um crime contratado e ainda sem

---

[248] G1. **Bolsonaro é incluído no inquérito das fake news: os principais pontos da decisão de Moraes.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/04/bolsonaro-e-incluido-no-inquerito-das-fake-news-os-principais-pontos-da-decisao-de-moraes.ghtml> (Acesso em: 20/11/2023).

[249] FREITAS, Vladimir de Passos. **O inquérito das fake news no STF e sua relação com o sistema de Justiça.** 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-nov-27/inquerito-fake-news-stf-relacao-justica> (acesso em 01/02/2023).

[250] Até a conclusão desta tese para o exame de qualificação, o Ministro do STF Alexandre de Moraes não decidiu sobre o desfecho do inquérito das *fake news*, bem como das milícias digitais que pode culminar em desmembramento para outras instâncias do judiciário, enviando para a primeira instância envolvimento de pessoas sem foro, mantendo investigação de políticos no STF.

[251] LEMOS, Nina. **Daniel Silveira, que quebrou placa de Marielle, representa ódio a mulheres**. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/02/17/daniel-silveira-que-quebrou-placa-de-marielle-representa-odio-a-mulhere.htm> (Acesso em: 20/11/2023).

esclarecimento. Enquanto exercia a função de policial, Silveira teve 26 dias de prisão por indisciplina, 54 dias de detenção, 14 repreensões e duas advertências, além de ter identificação e porte de arma recolhidos pela instituição.

Daniel Silveira acreditou que a imunidade parlamentar servisse de salvo conduto para qualquer declaração, mesmo de incitação à violência. Em vídeo no Youtube, Silveira ativou a retórica do ódio e incitou violência contra o Ministro do STF, Luiz Edson Fachin e outros pares da alta corte:

> Fachin, todo mundo já está cansado dessa sua cara de filho da puta que tu tem. Essa cara de vagabundo, né. (...) Por várias vezes já te imaginei tomando uma surra. Ô… quantas vezes eu imaginei você e todos os integrantes dessa Corte. O que você vai falar? Que eu tô fomentando a violência? Não (Daniel Silveira, ex-Deputado Federal)[252].

Em *live* de 19 de abril de 2020 estimulou cercar e invadir os prédios do STF e Congresso, com objetivo de retirar Ministro na "base da porrada". "O STF e a Justiça Eleitoral não vão mais existir porque nós não permitiremos"[253], vociferou Silveira. O comportamento que deixou a intimidação para ameaças violentas teve resposta do STF. Silveira foi condenado pelo STF em 2021 a oito anos e nove meses de prisão por incentivar atos antidemocráticos, por atacar Ministros do STF, além da perda de mandato e suspensão dos direitos políticos. Um dia depois da decisão, Bolsonaro concedeu o perdão da pena[254]. A prisão de Silveira foi considera injusta pelo bolsonarismo que protestou em 2021 pela libertação do Deputado. Em maio de 2023, o STF formou maioria e derrubou o perdão de Bolsonaro para Silveira[255] e o Ministro Alexandre de Moraes determinou cumprimento imediato da sentença[256].

---

[252] PODER 360. **Relembre o que levou Daniel Silveira a ser condenado pelo STF.** 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/relembre-o-que-levou-daniel-silveira-a-ser-condenado-pelo-stf> (Acesso em: 20/11/2023).

[253] PODER 360. **Saiba por que o STF viu crime de grave ameaça de Daniel Silveira**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/saiba-por-que-o-stf-viu-crime-de-grave-ameaca-do-daniel-silveira/> (Acesso em: 20/11/2023).

[254] HIRABAHASI, Gabriel. PORTO, Douglas. PINHEIRO, Marcio T. **Bolsonaro decreta perdão da pena a Daniel Silveira, condenado pelo STF**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-assina-decreto-que-da-indulto-a-daniel-silveira-condenado-pelo-stf/> (Acesso em: 20/11/2023).

[255] VIVAS, Fernanda. FALCÃO, Márcio. **STF derruba perdão da pena de Daniel Silveira, concedido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/10/stf-derruba-perdao-da-pena-de-daniel-silveira-concedido-pelo-ex-presidente-jair-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 20/11/2023).

3.5.2 Sarah Winter e os 300 do Brasil

Sara Geromini, que adota o pseudônimo Sara Winter[257], fez uma inversão ideológica radical em uma década. Em 2012, ela foi uma das fundadoras da vertente brasileira do "Femen", grupo feminista ucraniano que defende o aborto e luta contra a violência que atinge mulheres, usando o corpo como forma de protesto. O feminismo de Sara sempre foi encarado com desconfiança por movimentos feministas e pelo Femen ucraniano. A relação de Sara com a Ucrânia é outro aspecto relevante em sua trajetória. Desautorizada pelo Femen ucraniano, fundou o "BastardXs", movimento que aceitava o apoio de homens na luta feminista contra o patriarcado e que manifestou repúdio contra Bolsonaro pois Sara o definia como machista que flerta com o fascismo[258].

Toda militância de Sara no feminismo foi negada e enterrada em pouco tempo. Em 2015, estava imersa em pautas conservadoras, se tornou antifeminista, anticomunista, antiaborto, pró-vida, e pediu desculpas aos cristãos por ter militado no movimento feminista. Também lançou o livro "Vadia não! Sete vezes que fui traída pelo feminismo"[259], contando experiências de quando foi feminista com escritos em forma de revelação espiritual. Sara rompeu com as esquerdas e iniciou sua militância conservadora e reacionária se aproximando de figuras como o Deputado Federal Marco Feliciano (Podemos-SP) e Jair Bolsonaro.

Desde a vitória de Jair Bolsonaro na eleição de 2018, o comportamento de Sara se radicalizou. Diante do fundamentalismo político de Bolsonaro, Sara foi direcionada a combater o Supremo Tribunal Federal (STF), o Presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (DEM-RJ), e a figura do Ministro Alexandre de Moraes. Sara liderou um grupo chamado "300 do Brasil", que segundo ela, foi ideia do seu guru, Olavo de

---

256 MENDES, Lucas. **Moraes determina cumprimento de pena de Daniel Silveira.** 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/moraes-determina-cumprimento-de-pena-de-daniel-silveira/> (Acesso em: 20/11/2023).

257 Sara Winter foi uma militante espiã nazifascista britânica que atuou em meio a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo Sara Geromini, não há inspiração e se tratou de uma "infeliz coincidência".

258 ALVES, Renato. **No Forrobodó do balacobaco**. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-forrobodo-do-balacobaco/> (Acesso em:21/11/2023)

259 BBB Brasil. **Quem é Sara Winter, a ex-feminista e atual militante radical bolsonarista presa pela PF a mando do STF**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53053329> (Acesso em: 21/11/2023).

Carvalho[260] e tem por finalidade combater "a corrupção e a esquerda"[261]. O movimento se inspira no filme "300", fato que se assemelha a inspiração neonazista de grupos na Europa com o mesmo filme. Sara afirma ter sido treinada na Ucrânia e menciona a "ucranização do Brasil"[262] em referência a luta por ruptura do status quo naquele país e disse que aprendeu tática de guerra informacional na Ucrânia.

A ativista montou um acampamento na praça dos três poderes em Brasília para protestar contra os poderes e admitiu a presença de armas[263], justificando que eram CACs que estavam armados para a proteção do grupo. Com discurso de ódio e ameaça de violência para intimidar o STF, Sara Winter foi incluída no inquérito dos atos antidemocráticos e em seguida no inquérito das *fake news*.

O grupo "300 do Brasil" age como milícia armada a serviço do bolsonarismo contra o *establishment*. Sob a liderança de Sara Winter e direcionados por Bolsonaro, estavam preparados para tomar qualquer atitude. Sara conduziu o grupo "300 pelo Brasil" com seus participantes usando máscaras brancas, carregando tochas acesas, gritando palavras de ordem contra Alexandre de Moraes até o STF num ato simbólico em que lançaram fogos de artifício na instituição. De acordo com Sara, o ato foi inspirado na passagem bíblica "Juízes 7:16" que diz: "então dividiu os 300 homens em três companhias; e deu-lhes a cada um, nas suas mãos, buzinas, e cântaros vazios com tochas neles acesas"[264]. O fundamentalismo político ganha corpo com um plano de ação a fim de realizar uma missão em força de um bem maior e transcendente.

---

[260] DIP, Andrea. FRANZEN, Niklas. **Especialistas apontam semelhanças entre os 300 de Sara Winter e grupos fascistas europeus**. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhancas-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/> (Acesso em: 21/11/2023).

[261] Idem.

[262] MORI, Letícia. **Por que a Ucrânia, onde Sara Winter diz ter sido treinada, fascina bolsonaristas?** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52900757> (Acesso em 21/11/2023).

[263] SENRA, Ricardo. **Ativista admite presença de armas em acampamento bolsonarista: 'Servem para proteção dos membros'**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/12/ativista-admite-presenca-de-armas-em-acampamento-bolsonarista-servem-para-a-protecao-dos-membros.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

[264] UOL. **Sara Winter afirma à PF que ato dos '300' foi baseado na Bíblia, diz TV.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/15/sara-winter-depoimento-pf.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

Em resposta a um mandado de busca e apreensão relacionado ao inquérito das *fake news*, Sara Winter ativou a retórica do ódio e chamou Alexandre de Moraes de "covarde"[265] e o ameaçou:

> Eles [STF] não vão me calar. De maneira nenhuma. Pelo contrário. Eu sou uma pessoa extremamente resiliente. Pena que ele [Alexandre de Moraes] mora em São Paulo. Se estivesse aqui, eu estava na porta da casa dele, convidando ele para trocar soco comigo. Juro por Deus, eu queria trocar soco com esse filho da puta desse arrombado. Infelizmente eu não posso. Mas eu queria. Ele mora lá em São Paulo, né? Você me aguarde, Alexandre de Moraes. O senhor nunca mais vai ter paz na vida do senhor (Sara Winter – ativista)[266]

Sara Winter continuou a subir o tom das ameaças contra Alexandre de Moraes, estimulando *flaming* e *doxing*. "A gente vai infernizar a tua vida e descobrir os lugares que você frequenta, as empregadas domésticas que trabalham pro senhor. A gente vai descobrir tudo da sua vida até o senhor pedir pra sair. Hoje, o senhor tomou a pior decisão da vida do senhor"[267], ameaçou. Sara Winter foi presa[268] dentro do inquérito dos atos antidemocráticos e foi denunciada por injúria e ameaça contra Alexandre de Moraes[269] pelo Ministério Público (MP) para o STF. Sara foi solta dez dias depois com restrições: utilização de tornozeleira eletrônica, proibição de se encontrar com outros investigados e não pode se aproximar do Congresso ou do STF em um raio de 1 km[270]. O movimento 300 do Brasil perdeu fôlego e Sara esfriou sua militância. Em maio 2022, desencantada

---

[265] UOL. **Sara Winter chama Moraes de covarde após ser alvo de operação da PF.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/27/sara-winter-chama-moraes-de-covarde-apos-ser-alvo-de-operacao-da-pf.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

[266] UOL. **Sara Winter fala em infernizar vida de Alexandre de Moraes e 'trocar socos'.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/27/sara-winter-fala-em-infernizar-vida-de-alexandre-de-moraes-e-trocar-socos.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

[267] UOL. **Liderado por alvo do STF, grupo faz ato com tochas e máscaras contra Moraes**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

[268] CAMPOS, João P. **Sara Winter é presa pela PF em Brasília.** 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonarista-sara-winter-e-presa-pela-pf-em-brasilia> (Acesso em: 22/11/2023).

[269] UOL. **Sara Winter é denunciada por injúria e ameaça contra Alexandre de Moraes**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/17/sara-winter-e-denunciada-por-injuria-e-ameaca-contra-alexandre-de-moraes.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

[270] VENAGLIA, Guilherme. **Sara Winter deixa prisão com tornozeleira eletrônica e lista de restrições**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sara-winter-deixa-prisao-com-tornozeleira-eletronica-e-lista-de-restricoes/> (Acesso em: 22/11/2023).

com Jair Bolsonaro declarou que não ia tomar partido nas eleições, abandonou a militância e o codinome Sara Winter para adotar o sobrenome do marido[271].

3.5.3 Oswaldo Eustáquio, o soldado ferido

Um dos grandes defensores nas redes sociais pela soltura de Sara Winter foi o blogueiro bolsonarista Oswaldo Eustáquio, que trabalhou na equipe de transição do governo Temer para o governo Bolsonaro junto a Damares Alves. O blogueiro é mais um bolsonarista que desqualifica o STF e pede seu fechamento. Eustáquio classifica o STF como corrupto, criminalizando a alta corte da mesma maneira como se instrumentaliza a corrupção contra partidos político visando desidratá-los.

Assim como a grande maioria no bolsonarismo, tem certeza de que não houve golpe civil militar em 1964, mas uma reação contra a tentativa de tomada de poder comunista em nome da democracia. "Esse Supremo Tribunal Federal corrupto (...) Em 64 não houve golpe militar, foi um contragolpe (...) porque daqui a pouco as pessoas vão falar: 'Oswaldo, você é a favor de uma intervenção militar? Não, sou a favor de intervenção do povo'" (EUSTÁQUIO, 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p.88).

Se colocar a favor de uma intervenção do povo, sustentado pela argumentação constitucional de que todo poder emana do povo, é uma maneira sutil sedutora de fazer circular um discurso golpista por dentro da Constituição que corrói e implode a democracia, já que na prática anseia pela tutela das Forças Armadas na tomada de poder de Estado, ao mesmo tempo que rejeita uma ditadura militar e a ilegalidade contida no rompimento da Constituição que resultaria no fim do período democrático por um golpe de Estado. É em si, um truque retórico eficaz junto ao bolsonarismo, afinal, quem se opõe a uma intervenção do povo no poder, reforçaria os desmandos de uma elite corrupta. A ideia de "intervenção do povo" apareceu em entrevistas feitas nesta tese quando o questionamento se referia a uma intervenção e deu embasamento aos atos golpistas de oito de janeiro de 2023 e pode ser lido mais à frente no texto em 4.6.4 Ruptura.

A rejeição de Eustáquio a uma intervenção militar e a sugestão por uma intervenção do povo é instrumento para o fechamento do STF e do Congresso, o que foi prontamente lido pela alta corte como grave ameaça à democracia brasileira. Eustáquio foi preso por ordem de Alexandre de Moraes dez dias depois da soltura de Sara Winter,

---

[271] CORREIO BRAZILIENSE. **Sara Winter muda de sobrenome e diz que não apoiará nenhum candidato**. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5010171-sara-winter-muda-de-sobrenome-e-diz-que-nao-apoiara-nenhum-candidato.html> (Acesso em 22/11/2023).

apontado como um dos organizadores das manifestações ocorridas em 2020 por uma intervenção militar. Ficou detido por dez dias. Solto, sofreu as mesmas restrições de Sara de permanecer distante do STF e utilizar tornozeleira eletrônica. Foi preso mais duas vezes por infringir as restrições e relatou agressões da Polícia Federal (PF), além de alegar ter ficado paraplégico na prisão após um acidente.

Jovem Pan, veículo aliado de Bolsonaro, abriu espaço para Eustáquio contar agressões em que "apanhou até apagar" e a perda dos movimentos nas pernas[272]. A Revista Oeste, veículo bolsonarista, noticiou que Eustáquio recebeu diagnóstico de paraplegia[273]. Contudo, a deputada federal Bia Kicis (PL-DF), integrante do grupo bolsonarista, declarou que Eustáquio "não está paraplégico"[274] e "em breve deve recuperar os movimentos"[275]. Um vídeo disponível no YouTube mostra Eustáquio mexendo as pernas em um evento[276]. Diante da dificuldade de apontar o quadro clínico de Eustáquio com informações divergentes, a instrumentalização política do acidente, em uma guerra informacional, a fim de render ganhos políticos, é evidente.

A narrativa construída por Eustáquio o posiciona como vítima de perseguição política e o STF como dono de atitudes autoritárias, o que rende a denominação de "ditadura de toga" pelos bolsonaristas. "Fui vítima de uma perseguição insana e doentia, e de injustiça. Estamos em uma guerra ideológica. E, na guerra, alguns soldados ficam

---

272 MAZZA, Giullia C. **Preso há um ano em inquérito dos atos antidemocráticos, Oswaldo Eustáquio denuncia torturas: 'Apanhei até apagar'.** 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/preso-ha-um-ano-em-inquerito-dos-atos-antidemocraticos-oswaldo-eustaquio-denuncia-torturas-apanhei-ate-apagar.html> (Acesso em: 24/11/2023).

273 SCARDOELLI, Anderson. **Jornalista Oswaldo Eustáquio recebe diagnóstico de paraplegia**. 2021. Disponível em: <https://revistaoeste.com/brasil/jornalista-oswaldo-eustaquio-recebe-diagnostico-de-paraplegia/> (Acesso em: 24/11/2023).

274 VELEDA, Raphael. **Exame mostra que Oswaldo Eustáquio não está paraplégico, diz Bia Kicis**. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/exame-mostra-que-oswaldo-eustaquio-nao-esta-paraplegico-diz-bia-kicis> (Acesso em: 24/11/2023).

275 O TEMPO. **Oswaldo Eustáquio não está paraplégico e é transferido de hospital, diz deputada**. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/oswaldo-eustaquio-nao-esta-paraplegico-e-e-transferido-de-hospital-diz-deputada-1.2428135> (Acesso em: 24/11/2023).

276 CANAL GALÃ FEIO. **Paraplégico, Oswaldo Eustáquio mexe as pernas em evento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wh6uf9qpyAk> (Acesso em: 24/11/2023).

feridos. Eu fui um deles"[277], disse Eustáquio. Tanto Daniel Silveira, quanto Sara Winter e Oswaldo Eustáquio definem suas prisões como políticas[278]. "As atitudes do Ministro do STF Alexandre de Moraes tem levado o país a insegurança jurídica internacional que gera desgaste público e redução de investimentos em infraestrutura. Afinal onde vamos parar? Que sejam libertados os presos políticos", esbravejou Carla Zambelli em setembro de 2021 (ZAMBELLI, 2021, apud, BARRETTO JR., 2021, p.234). "Não podemos continuar aceitando que uma pessoa específica da região dos três poderes continue barbarizando a nossa população. Não podemos mais aceitar prisões políticas no nosso Brasil" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.236), disse Jair Bolsonaro.

3.5.4 Deboche *antiestablishment* de Allan dos Santos

O jornalista Allan dos Santos é um dos mais leais soldados do bolsonarismo, que se vangloria por ter uma relação de amizade com Jair Bolsonaro, com seus filhos e com Olavo de Carvalho. Ele é dono do canal "Terça Livre", atualmente bloqueado pela Justiça pela fluxo intermitente de desinformação contendo o estímulo a atitudes antidemocráticas, com ataques ao STF, Congresso Nacional e ao jornalismo.

Allan dos Santos ficou conhecido pelas declarações extremistas, negacionistas, em tom provocativo, bélico, influenciado pelo contato com Olavo de Carvalho, de quem foi aluno. Para se ter uma ideia de como Allan dos Santos age na guerra informacional, vale ressaltar como distorce a realidade em favor do bolsonarismo. Em meio a pandemia de Covid-19, o blogueiro disse que a infestação por coronavírus era uma grande mentira e publicou diversas falsidades como a de que o então Ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, havia adquirido R$ 25 milhões em gel lubrificante; ou que o jogador Eriksen, da Dinamarca, havia caído em campo por causa de efeitos colaterais da vacina contra a Covid-19, quando se tratou de um mal súbito[279]. Allan dos Santos está presente na lista

---

[277] CHAPOLA, Ricardo. **"Fui vítima de uma perseguição doentia", diz Oswaldo Eustáquio**. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/fui-vitima-de-uma-perseguicao-doentia-diz-oswaldo-eustaquio> (Acesso em: 24/11/2023).

[278] SOBRINHO, Wanderley P. **Daniel Silveira, Sara Winter e Eustáquio: os bolsonaristas presos pelo STF.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/02/17/presos-bolsonaristas-sara-winter-daniel-silveira-alexandre-de-moraes-stf.htm> (Acesso em: 24/11/2023).

[279] ISTO É. **Relembre as maiores barbaridades que Allan dos Santos disse na internet.** 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/relembre-as-maiores-barbaridades-que-allan-dos-santos-disse-na-internet/> (Acesso em: 26/11/2023).

66 pessoas indiciadas no relatório final da CPI da Covid classificado como "maior agente de disseminação de *fake news*"[280] que agravaram o combate à pandemia.

Ferrenho anticomunista, Allan dos Santos propôs a criação de um aplicativo para localizar e caçar comunistas nas redes sociais e nas ruas. Dessa forma, seriam cadastrados, expostos, linchados digitalmente e até presos. Para ele, toda oposição a Jair Bolsonaro dentro do "sistema" é comunista, principalmente as elites políticas, as elites donas da mídia, as elites institucionais. Assim, tudo que o atinge pela via institucional é considerado como ação de uma elite togada comunista que busca somente ampliar seus poderes em detrimento da real Justiça.

Por solicitação da Polícia Federal, o STF aceitou as denúncias contra Allan dos Santos, que então se tornou um dos investigados no inquérito das milícias digitais e no inquérito das *fake news*. "A pretexto de atuar como jornalista, [Allan dos Santos] assumiu a condição de um dos organizadores de um movimento responsável por ataques à Constituição, aos poderes de Estado e à democracia"[281], diz a PF.

Allan dos Santos aproveitou o desejo de uma estagiária do Ministro do STF Ricardo Lewandowski em trabalhar no gabinete da deputada Bia Kicis (PL-DF) para cooptá-la e usá-la como informante do que ela via na alta corte[282]. A estagiária mantinha um perfil falso com publicações a favor de Bolsonaro e com ataques ao STF e aos seus Ministros.

De acordo com documentos obtidos pela CPI da pandemia de Covid-19, o empresário Luciano Hang[283] financiou a disseminação de *fake news* e desinformação feita

---

[280] RESENDE, Leandro. **Allan dos Santos é citado 16 vezes em relatório final da CPI da Pandemia.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/allan-dos-santos-e-citado-16-vezes-em-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia/> (Acesso em: 26/11/2023).

[281] LOSEKANN, Marcos. FALCÃO, Márcio. **Alexandre de Moraes determina prisão preventiva e extradição de blogueiro bolsonarista.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/21/moraes-determina-prisao-preventiva-de-blogueiro-bolsonarista-e-pede-que-ministerio-inicie-extradicao.ghtml> (Acesso em: 26/11/2023).

[282] REZENDE, Constança. MACHADO, Renato. **Blogueiro bolsonarista investigado pelo STF usou estagiária de Lewandowski como informante, indicam mensagens.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/blogueiro-bolsonarista-investigado-pelo-stf-usou-estagiaria-de-lewandowski-como-informante-indicam-mensagens.shtml > (Acesso em: 26/11/2023).

[283] IG. **Conversas apontam que Hang financiou blogueiro com apoio de Eduardo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-09-24/conversas-hang-financiou-allan-dos-santos-apoio-eduardo-bolsonaro.html> (Acesso em: 26/11/2023).

por Allan dos Santos. Foi Eduardo Bolsonaro quem os apresentou e também quem ajudou Allan dos Santos a fugir do Brasil[284] em um momento de emissão de sinais de que seria preso pela PF. Allan dos Santos nega que tenha fugido ou que seja foragido porque não reconhece a investigação contra ele como legítima. Ele justifica que saiu do país por motivos de segurança e seguindo a estratégia de vitimização, apontou suspeitos caso algo ocorresse com sua integridade física. Assim, qualquer atentado seria por mando dos chineses, coreanos do norte, petistas ou Ministros do STF[285].

Um ano depois de ter mudado para os Estados Unidos, o Ministro Alexandre de Moraes determinou a prisão preventiva de Allan dos Santos, de acordo com solicitação da Polícia Federal no inquérito das milícias digitais[286]. O processo de extradição de Allan dos Santos foi enviado para os Estados Unidos e aguarda decisão que se arrastou até o governo Lula, que pressiona pelo andamento do requerimento. "Chora, tirano de merda. Foragido é seu forevis"[287], ironiza Allan dos Santos sobre a possibilidade de extradição.

A PF acredita que membros do Ministério Público (MP) postergaram e obstruíram a extradição de Allan dos Santos, o que mostra, como o caso da estagiária no gabinete do Ministro do STF, que houve forte politização da Justiça no caso de Allan e como o bolsonarismo circula o fundamentalismo político de Bolsonaro dentro das instituições democráticas.

Allan dos Santos define o inquérito das *fake news* como institucional e ataca fortemente o Ministro Alexandre de Moraes:

---

284 FOLHA DE S. PAULO. **Eduardo Bolsonaro ofereceu ajuda para blogueiro investigado pelo STF deixar o país, apontam mensagens**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/eduardo-bolsonaro-ofereceu-ajuda-para-blogueiro-investigado-pelo-stf-deixar-o-pais-apontam-mensagens.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

285 BERGAMO, Mônica. **Blogueiro bolsonarista Allan dos Santos diz que saiu do Brasil para se proteger**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/blogueiro-bolsonarista-allan-dos-santos-diz-que-saiu-do-brasil-para-se-proteger.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

286 SATIE, Anna. LOPES, Nathan. NEVES, Rafael. RIBEIRO, Weudson. **Moraes determina prisão do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/10/21/moraes-determina-prisao-do-blogueiro-bolsonarista-allan-dos-santos.htm> (Acesso em: 26/11/2023).

287 ESTADO DE MINAS. **Allan dos Santos provoca Moraes: 'Chora, Xandão'**. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/02/19/interna_politica,1459502/allan-dos-santos-provoca-moraes-chora-xandao.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

> Só para deixar consignado, não retiro nada do que eu disse sobre comportamento do Alexandre de Moraes. Ele é um psicopata, um tirano, age a despeito da lei. E eu não retiro uma única e mísera palavra acerca do comportamento desse psicopata que hoje usurpa o poder judiciário brasileiro (Allan dos Santos, blogueiro bolsonarista)[288].

Todas as contas de Allan dos Santos em redes sociais como Twitter (atual X), Facebook, YouTube, Instagram foram suspensas pelas principais *big techs* atendendo solicitação de Alexandre de Moraes[289] e as contas bancárias bloqueadas[290]. Allan dos Santos participou de manifestação contra o STF em Nova York[291] e discursou como se fosse um perseguido político legítimo que sofre ações arbitrárias de uma ditadura comunista togada. Nesta ocasião, cinco Ministros da alta corte brasileira participavam de um evento do Lide (Grupo de Líderes Empresariais). Um grupo de bolsonaristas presentes na manifestação contra os Ministros gritavam: "ei, Xandão, seu lugar é na prisão"[292], em alusão a um dos apelidos de Moraes.

3.5.5 Violência contra os Ministros do STF

Doxing e *flaming* contra os Ministros do STF se tornaram ameaças de violência reais. Alguns foram escoltados na saída do evento do Lide em meio a hostilização bolsonarista e foram seguidos pela cidade em restaurantes. Quando há reação, como a do Ministro Luís Roberto Barroso, que disse: "perdeu, mané, não amola!"[293], em referência ao processo eleitoral em que Lula venceu Bolsonaro poucas semanas antes, os ânimos bolsonaristas ficam ainda mais aflorados, convictos de suas ações, como álcool perto do

---

[288] NADIR, Patrícia. **Em áudio, Allan dos Santos chama Moraes de "psicopata e tirano".** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/em-audio-allan-dos-santos-chama-moraes-de-psicopata-e-tirano/> (Acesso em: 26/11/2023).

[289] NETTO, Paulo R. **Após decisão de Moraes, Twitter suspende contas de Allan dos Santos.** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/apos-decisao-de-moraes-twitter-suspende-contas-de-allan-dos-santos/> (Acesso em: 27/11/2023).

[290] PODER 360. **STF mantém bloqueio bancário de Allan dos Santos.** 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/stf-mantem-bloqueio-bancario-de-allan-dos-santos/> (Acesso em: 27/11/2023).

[291] VENCESLAU, Pedro. **Foragido, Allan dos Santos se junta a manifestantes em Nova York**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/15/foragido-allan-dos-santos-se-junta-a-manifestantes-em-nova-york.htm> (Acesso em: 27/11/2023).

[292] GIELOW, Igor. **Bolsonaristas xingam ministros do STF e mudam rotina de rua em NY.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaristas-fazem-protesto-contra-ministros-do-stf-em-ny.shtml> (Acesso em: 27/11/2023).

[293] GIELOW, Igor. **Barroso responde a manifestante em NY: 'Perdeu, mané, não amola'; veja vídeo.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/barroso-responde-a-manifestante-em-ny-perdeu-mane-nao-amola-veja-video.shtml> (Acesso em: 27/11/2023).

fogo. O jornalista Allan dos Santos, presente no ato, encontrou uma maneira de abrir uma conta em uma rede social para postar o vídeo, que circulou nas redes sociais e inflamou o bolsonarismo no Brasil.

Allan dos Santos, Daniel Silveira, Sara Winter, Oswaldo Eustáquio, são instruídos pela liderança e Bolsonaro e atuam influenciando o bolsonarismo a atacar os alvos definidos. Ministros do STF foram hostilizados em diversas ocasiões. O Ministro Ricardo Lewandowski, atualmente aposentado da corte, foi xingado por uma passageira ao chegar em Brasília. "O STF não presta para nada. Tem que fechar aquilo lá", disseram passageiros de um voo ao Ministro Gilmar Mendes, xingando-o de "cagão"[294].

O Ministro Luís Roberto Barroso foi vaiado e xingado no aeroporto de Miami, na Flórida, Estados Unidos. Barroso foi chamado de "lixo", "ladrão" e "vagabundo" em um restaurante em Santa Catarina. Manifestantes gritavam que "supremo é o povo" e "eleição não se ganha, se toma"[295] e o Ministro teve de sair escoltado para não sofrer violência física. "Vamos fechar o STF", disse um agente publicitário detido por insultar Alexandre de Moraes no Clube Pinheiros, na cidade de São Paulo, depois de chamá-lo de "careca ladrão", "advogado do PCC" e "careca filha da puta". "Bandido", "comunista" e "comprado" foram as hostilizações que Alexandre de Moraes sofreu no aeroporto internacional de Roma. Na ocasião, o filho de Moraes teria sofrido uma agressão física no rosto[296].

3.6 Ensaios antidemocráticos

Manifestações contra o *establishment* foram incentivadas por Jair Bolsonaro como parte do antagonismo na construção do povo, na afirmação da fronteira, em operações hegemônicas pela normalização de uma ruptura com ensaios antidemocráticos. Os dois atos principais ocorreram em sete de setembro de 2021 e 2022, com discursos de Bolsonaro que geraram grande tensão entre os poderes. "Não somos três poderes, somos dois" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.223), disse o Presidente a

---

[294] TUPINA, Matheus. **Hostilidade a Moraes se soma a outras contra ministros do STF; veja casos.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/hostilidade-a-moraes-se-soma-a-outras-contra-ministros-do-stf-veja-casos.shtml> (Acesso em: 28/11/2023).

[295] Idem

[296] ROCHA, Marcelo. HOLANDA, Marianna. **Moraes e família são hostilizados em aeroporto de Roma, e PF abre inquérito**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/moraes-e-hostilizado-em-aeroporto-de-roma-e-pf-e-acionada.shtml> (Acesso em: 28/11/2023).

poucos dias para a manifestação de 7 de setembro de 2021, diminuindo o papel do judiciário.

Dia da comemoração da independência do Brasil entrou na cadeia de equivalência como símbolo de luta dos patriotas cidadãos de bem que compõe a construção de povo bolsonarista. Jair Bolsonaro participou ativamente do recrutamento[297] e convocou[298] pessoas para a manifestação, assim como seus Ministros[299], em protesto contra o que consideram desmandos do STF, principalmente após os inquéritos, prisões e atuações contra o voto impresso, na suspeição com o sistema eleitoral brasileiro.

"(...) uma concentração na Paulista para darmos o último recado para aqueles que ousam açoitar a democracia. Repito: o último recado. Se o povo estiver comigo, nós vamos fazer que a vontade popular seja cumprida", convocou Bolsonaro (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.206) em mais uma construção do povo na qual o discurso se volta objetivamente a democracia como significante flutuante com estabelecimento de fronteira que marca os inimigos do outro lado que "açoitam a democracia". Três dias antes do ato no dia 7 de setembro de 2021, Jair Bolsonaro elevou a tensão ao nível máximo ao ameaçar que a tendência era que ocorresse uma "ruptura" caso o STF permanecesse "jogando fora das quatro linhas da Constituição"[300].

Na retórica do ódio ensinada aos profanos bolsonaristas, muitas demonstrações de ódio e ameaças de violência contra o Ministro do STF, Alexandre de Moraes foram

---

[297] O partido digital bolsonarista foi convocado e inflamou a participação de policiais. A Deputada Federal Carla Zambelli fez alta quantidade de publicações e obteve grande engajamento no chamamento para a manifestação. Policiais Militares (PM) foram cooptados por Jair Bolsonaro e por bolsonaristas a participarem da manifestação e havia temor de que policiais da ativa estivessem presentes, desrespeitando a neutralidade na atuação que aprendem na corporação, porém isso não ocorreu e os PMs passaram despercebidos. O Deputado Federal Capital Derrite (PP-SP) foi um dos que disseram que "policial pode e deve participar dos atos". Ministérios Públicos de São Paulo e de Brasília classificaram como ilegal a participação de policiais militares nos atos.

[298] FERNANDEZ, Melissa. **Bolsonaro reforça convocação para atos do sete de setembro via redes sociais.** 2021. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-reforca-convocacao-para-atos-do-sete-de-setembro-via-redes-sociais/> (Acesso em: 29/11/2023).

[299] BARBOSA, Rafael. BEHNKE, Emilly. **Bolsonaro acena a PMs e convoca ministros para atos no 7 de Setembro**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-acena-a-pms-e-convoca-ministros-para-atos-em-7-de-setembro/> (Acesso em: 29/11/2023).

[300] ESTADO DE MINAS. **Bolsonaro fala em 'enquadrar' quem não respeita a Constituição**. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/09/04/interna_politica,1302569/bolsonaro-fala-em-enquadrar-quem-nao-respeita-a-constituicao.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

registradas antes dessa manifestação. “Pela cabeça do Alexandre de Moraes. Vivo ou morto, querem trazer ele. Agora no Brasil vai ser assim, vai ter prêmio pela cabeça deles”, disse o professor Márcio Niquelatti (NIQUELATTI, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.234).

“Terça feira, 7 de setembro, vamos te matar Alexandre de Moraes e matar toda a sua família, seu vagabundo”, disse Cássio Costa Souza, ex-policial militar (SOUZA, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.235).

“Alexandre de Moraes não pode mais andar nas ruas. Ao Deus que é justo juiz, que está vendo tudo isso, Deus abençoe o Brasil”, disse o pastor Silas Malafaia (MALAFAIA, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.238), ampliando o fundamentalismo político bolsonarista.

No dia da manifestação, 7 de setembro de 2021, Jair Bolsonaro deu declarações fortíssimas contra o Ministro Alexandre de Moraes para a multidão. “Ou esse Ministro se enquadra, ou ele pede para sair. Sai, Alexandre de Moraes! Deixa de ser canalha! (...) Dizer aos canalhas que nunca serei preso. A minha vida pertence a Deus, mas a vitória é de todos nós”, disse Bolsonaro (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.238). A provocação por um ruptura deu o passo final em discurso para milhares de pessoas tanto em Brasília quanto em São Paulo:

> Nós devemos determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade. Dizer a vocês que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse Presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou. Ele tem tempo ainda […] de cuidar da sua vida. Ele para nós não existe mais. Liberdade para os presos políticos. Fim da censura. Fim da perseguição aqueles conservadores, aqueles que pensam no Brasil. Como sempre… Dizer mais a vocês, nós acreditamos e queremos a democracia, a alma da democracia é o voto. Não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece qualquer segurança por ocasião das eleições. Dizer também que não é uma pessoa do Tribunal Superior Eleitoral que vai nos dizer que esse processo é seguro e confiável porque não é (Jair Bolsonaro – Presidente da República)[301]

Assim, percebemos que o sistema de freios e contrapesos foi diretamente atacado por Jair Bolsonaro a fim de expandir os limites do campo do Estado. “Tem um Presidente que não deseja, nem aceita rupturas, mas tudo tem um limite em nossa vida. Não podemos continuar convivendo com isso. Tenho três alternativas para meu futuro: estar preso, ser

[301] PODER 360. **Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro no ato de 7 de Setembro em São Paulo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/> (Acesso em: 29/11/2023).

morto ou a vitória. A primeira alternativa, preso não existe" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR, 2021, p.223), ameaçou Jair Bolsonaro[302]. O Presidente Jair Bolsonaro atacou o membros do judiciário em 12 oportunidades e o sistema eleitoral por 23 vezes no ano de 2021[303].

Atentos a instrução do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, parcelas do bolsonarismo reagiram e partiram para um plano de ação. Na manhã seguinte, caminhoneiros invadiram a Esplanada dos Ministérios e estacionaram seus caminhões[304] exigindo o fechamento do STF, porém, não ultrapassaram a barreira montada no final de semana da manifestação. No ato, trouxeram um faixa mostrando atores do *establishment* como "câncer" do Brasil. Manifestantes bolsonaristas também ameaçaram uma equipe da TV Record. Na sequência, tentaram invadir o Ministério da Saúde e foram impedidos[305].

Jair Bolsonaro conseguiu obter apoio dos caminhoneiros e do agronegócio, o que gerou grande preocupação a respeito do bloqueio de vias e retenção de alimentos. Todos os atores políticos descritos na faixa revelam o êxito de Jair Bolsonaro na construção da cadeia de equivalências, na captura da verdade no significante vazio e no convite à luta do bem contra o mal.

---

[302] Distante temporalmente do acontecimento, dois anos depois, em 2023, o presidente do PL, Valdemar Costa Santos (PL), admitiu que ficou preocupado com a chance de Jair Bolsonaro cometer uma "loucura". Valdemar assumiu que a manifestação de 7 de setembro de 2021 foi o "pior momento" de Bolsonaro pois o parlamentar chegou a acreditar que o presidente da República fosse "fechar o Supremo".

[303] PODER 360. **Bolsonaro criticou sistema eleitoral mais de 20 vezes em 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-atacou-sistema-eleitoral-mais-de-20-vezes-em-2021/> (Acesso em: 29/11/2023).

[304] SASSINE, Vinicius. **Caminhões bloqueiam a Esplanada e pressionam por invasão ao acesso do STF.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/caminhoes-bloqueiam-a-esplanada-e-pressionam-por-invasao-ao-acesso-do-stf.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

[305] FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaristas tentam invadir Ministério da Saúde após ameaçar equipe de TV; veja vídeo.** 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaristas-tentam-invadir-ministerio-da-saude-em-brasilia.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

Figura 16: Manifestação de caminhoneiros a favor de Bolsonaro revela o antagonismo contra o establishment (Fonte: Vinicius Sassine / Folhapress)

Com o discurso de Jair Bolsonaro no 7 de setembro na avenida Paulista, em São Paulo, a crise institucional chegou ao limite e a ameaça de impeachment contra o Presidente ficou mais intensa[306]. O campo político virou as costas a Bolsonaro, contudo, Presidente acuado[307] não significa necessariamente impedimento. Havia um grande empecilho para o avanço de qualquer solicitação de impeachment na figura do aliado Presidente da Câmara Deputado Federal Artur Lira (PP-AL). Decisões para aceitação do impeachment do Presidente da República são tomadas monocraticamente pelo Presidente da Câmara dos Deputados. A repercussão da fala de Bolsonaro anunciando a ruptura institucional foi gigantesca na opinião pública, gerando contestação e indignação a quem percebeu a democracia ferida em leito de morte. "Ninguém fechará esta corte. Nós a manteremos de pé, com suor e perseverança"[308], disse o Presidente do STF, Luiz Fux.

Caso transformasse discurso em prática, o não cumprimento de uma decisão de um Ministro do STF concretizaria uma ruptura. Jair Bolsonaro, entretanto, recuou do discurso golpistas dois dias depois da manifestação de 7 de setembro de 2021 em mais

306 Mais de 130 pedidos de impeachment foram protocolados contra o presidente Jair Bolsonaro desde de março de 2019 e dessa vez a opinião pública e as instituições receberam seu discurso avaliando dar prosseguimento a algum processo de impedimento para tirar Bolsonaro do poder.

307 BRANT, Danielle. MACHADO, Renato. **Congressistas veem Bolsonaro acuado e pressão maior por impeachment após fala golpista**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/congressistas-veem-bolsonaro-acuado-e-pressao-maior-por-impeachment-apos-fala-golpista.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

308 FOLHA DE S. PAULO. **Fux alerta para crime de responsabilidade de Bolsonaro, já Lira fala em 'basta' sem citar impeachment.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/fux-diz-que-desobediencia-de-bolsonaro-a-decisoes-do-stf-sera-crime-de-responsabilidade.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

uma clara ação-recuo da tropa bolsonarista na guerra híbrida. Jair Bolsonaro procurou Michel Temer (PMDB), expoente do *establishment*, que o ajudou a redigir uma carta aberta e a entrar em contato com Alexandre de Moraes pelo telefone[309].

Junto ao Ministro do STF, Jair Bolsonaro antecipou o conteúdo divulgado posteriormente na carta de que não teve "nenhuma intenção de agredir quaisquer dos poderes"[310] e que suas palavras se deveram ao "calor do momento"[311]. O acordo momentâneo desagradou e muito a base bolsonarista, mas horas depois da carta de recuo, Jair Bolsonaro sinalizou para o bolsonarismo com afirmação de que o Ministro do STF Luiz Roberto Barroso "não convence ninguém"[312] sobre as urnas eletrônicas. O discurso disruptivo produz dissonância cognitiva, acalmando a câmara de eco bolsonarista.

Depois do recuo de Jair Bolsonaro muitos analistas pontuaram que ele iria interromper os ataques ao STF, as urnas eletrônicas, e passar a ter respeito pelas instituições. Não foi o que ocorreu. Em abril de 2022, Bolsonaro recomendou ao TSE que acatasse as sugestões feitas pelas Forças Armadas para aperfeiçoamento das urnas eletrônicas. O TSE enviou às Forças Armadas um documento de mais de 700 páginas com respostas sobre a segurança e inviolabilidade das urnas eletrônicas[313].

Além do mais, recomentou em tom de intimidação que as Forças Armadas fizessem uma checagem in loco no processo eleitoral e voltou a desqualificar o STF, o TSE, bem como deslegitimar Luiz Roberto Barroso. A desinformação de que existiria

---

309 FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro conversa com Moraes, em telefonema mediado por Temer.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/09/bolsonaro-conversa-com-moraes-em-telefonema-mediado-por-temer.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

310 FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro recua após ameaças golpistas e agora diz que não teve intenção de agredir Poderes.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-recua-apos-ameacas-golpistas-e-agora-diz-que-nao-teve-intencao-de-agredir-poderes.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

311 Idem

312 VARGAS, Mateus. LUIZ, Washington. **Horas após nota de recuo, Bolsonaro diz que Barroso não convence ninguém sobre urna eletrônica**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-diz-que-barroso-nao-convence-ninguem-sobre-urna-eletronica-horas-apos-nota-de-recuo.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

313 UOL. **TSE envia às Forças Armadas respostas sobre segurança eleitoral**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/02/14/tse-enviou-as-forcas-armadas-respostas-sobre-seguranca-eleitoral.htm> (Acesso em: 01/12/2023).

uma "sala secreta"[314] no TSE para apuração e manipulação de votos beneficiando quem a instituição desejar foi novamente mencionada por Bolsonaro – direcionando o partido digital a mais desconfiança.

Em junho de 2022, quatro meses antes das eleições 2022, Jair Bolsonaro subiu o tom novamente, atacou as urnas eletrônicas e disse que duvidava de coragem para cassar sua candidatura em outra intimidação ao TSE[315]. No mesmo mês, Bolsonaro voltou a intimidar lembrando que é o chefe das Forças Armadas e usou desinformação ao afirmar que as FA encontraram "centenas de vulnerabilidades" e algo deveria ser feito pois não iriam fazer "papel de idiota"[316].

Durante a campanha eleitoral, em entrevista ao Jornal Nacional da TV Globo, Jair Bolsonaro afirmou que a relação com Alexandre de Moraes estava "pacificada" e que pedidos para fechar o Congresso ou STF por seus seguidores fazem parte da "liberdade de expressão"[317]. Questionado a respeito de aceitar o resultado das eleições seja qual fosse, afirmou que iria aceitar o resultado das urnas eletrônicas desde que fossem "limpas"[318]. Jair Bolsonaro manteve a narrativa de desqualificar o resultado das eleições em caso de derrota, colocando a culpa no *establishment* que poderia manipular as urnas eletrônicas. Dessa forma, estimulou o povo construído por ele à indignação e a luta do bem contra a possibilidade de o mal retornar ao poder por meio de fraude.

---

[314] UOL. **Bolsonaro volta a atacar urnas e Barroso e a colocar eleições sob suspeita**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/27/bolsonaro-volta-a-atacar-urnas-e-barroso-e-a-colocar-eleicoes-sob-suspeita.htm> (Acesso em: (01/12/2023).

[315] PARO, Denise. PITOMBO, João P. **Bolsonaro ataca urnas, desafia TSE e diz duvidar de coragem para cassar sua candidatura**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonaro-ataca-urnas-desafia-tse-e-diz-duvidar-de-coragem-para-cassar-sua-candidatura.shtml> (Acesso em: 01/12/2023).

[316] GOMES, Beatriz **Não faremos papel de idiota, diz Bolsonaro ao citar Exército e atacar urna**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/06/07/bolsonaro-07-de-junho.htm> (Acesso em: 01/12/2023).

[317] RODRIGUES, Mateus. BORGES, Beatriz. HENRIQUE, Pedro. **Bolsonaro repete mentira sobre urnas, diz que aceitará resultado das eleições 'desde que sejam limpas' e defende aliança com Centrão**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-repete-mentira-sobre-urnas-diz-que-aceitara-resultado-das-eleicoes-desde-que-sejam-limpas-e-defende-alianca-com-centrao.ghtml> (Acesso em: 01/12/2023).

[318] Idem

Na oficialização da campanha à reeleição na Convenção Nacional do PL, Jair Bolsonaro convocou apoiadores e eleitores para mais um ato de 7 de setembro para protestar contra as urnas eletrônicas e contra o STF que, de acordo com o discurso bolsonarista, age contra o Brasil e desrespeita a Constituição e consequentemente os outros poderes:

> Estes poucos surdos de capa preta têm que entender o que é a voz do povo. Têm que entender que quem faz as leis é o poder Executivo e o poder Legislativo. Todos têm que jogar dentro das quatro linhas da Constituição. Interessa para todos nós. Não queremos o Brasil dominado por outra potência. O que nós queremos é paz e tranquilidade, respeito à Constituição (Jair Bolsonaro – Presidente da República)[319].

Horas antes de discursar nas duas capitais na manifestação de 7 de setembro de 2022, Jair Bolsonaro citou datas em que ocorreram instabilidades políticas, levantes ou golpes de Estado no Brasil como 1922, 1964, 2016 e intimidou: "A história pode se repetir. O bem sempre venceu o mal"[320], colocando-se como o bem que luta contra o mal que trouxe a liberdade para se falar em Deus abertamente.

Jair Bolsonaro esteve presente em Brasília e no Rio de Janeiro nos atos e, diferentemente do ano anterior, adotou tom menos radical, deixando a ruptura nas entrelinhas. No discurso, enfatizou que levaria todos aqueles que atuam fora da Constituição Federal para dentro dela, referindo-se ao STF e ao TSE. A ameaça velada revela a intenção de Bolsonaro de usar o art.142, previsto na Constituição:

> Esperem uma reeleição para vocês verem se todos não vão jogar dentro das quatro linhas da Constituição. Fizemos a campanha com João 8:32, 'Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará'. Depois passamos por outra passagem bíblica, que diz 'Por falta de conhecimento, seu povo pereceu'. Hoje vocês sabem também como funciona a Câmara dos Deputados, sabem como funciona o Senado Federal. E sabem também como funciona o Supremo Tribunal Federal (Jair Bolsonaro – Presidente da República)[321].

---

319 GANDRA, Frederico. **Bolsonaro convoca manifestação para 7 de Setembro.** 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/07/25/interna_politica,1382373/bolsonaro-convoca-manifestacao-para-7-de-setembro.shtml> (Acesso em: 02/12/2023).

320 MACHADO, Renato. BALLOUSSIER, Anna V. **'A história pode se repetir', diz Bolsonaro, ao citar golpe militar de 1964.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/a-historia-pode-se-repetir-afirma-bolsonaro-citando-momentos-de-ruptura-democratica.shtml#:~:text=Ap%C3%B3s%20ter%20citado%20diversos%20momentos,%22hist%C3%B3ria%20pode%20se%20repetir%22> (Acesso em: 02/12/2023).

321 FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro captura o 7 de Setembro com comícios, machismo e ameaças repetidas**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-captura-o-7-de-setembro-com-comicios-machismo-e-ameacas-repetidas.shtml> (Acesso em: 02/12/2023).

A luta contra o *establishment* incentivada por Jair Bolsonaro se tornou tema de campanha e luta do bem contra o mal. "Não estamos aqui por poder, muito menos por status. Estamos aqui para cumprir um chamado. O inimigo não vai vencer"[322], explicou a primeira dama Michelle Bolsonaro, ativando o fundamentalismo político como forma discursiva populista.

Toda política de intimidação e de desconfiança na guerra híbrida promovida por Jair Bolsonaro potencializou os ensaios antidemocráticos contra as instituições e o sistema eleitoral. Pedidos de intervenção militar ou outra forma discursiva mais sutil como 'intervenção federal' foram normalizadas nas manifestações durante o governo de Bolsonaro[323].

Nesse sentido, manifestações de 7 de setembro de 2021 e 2022 tiveram grande importância para o projeto de Jair Bolsonaro. Os atos nas datas de independência foram ensaios antidemocráticos possibilitados pelo efeito direto da desinformação e das guerras híbridas. Os protestos notabilizaram a cadeia de equivalências construída por Bolsonaro na associação do cidadão de bem patriota a liberdade negada e a verdade revelada, que precisam ser conquistadas na luta contra o mal representado no *establishment*. Com a retórica do ódio normalizada e ensinada no sistema de crenças bolsonarista, a concepção de mundo do povo bolsonarista tem o antagonismo na essência com fronteiras, inimigos, e a verdade revelada pelo fundamentalismo político de Bolsonaro.

---

322 FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro repete ameaças, pede voto e usa Michelle em fala machista na Esplanada**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-usa-michelle-ataca-stf-e-repete-ameacas-diante-de-milhares-na-esplanada.shtml> (Acesso em: 03/12/2023).

323 FOLHA DE S. PAULO. **Acompanhe as manifestações do 7 de Setembro pelo país**. 2022. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/09/06/6195-acompanhe-as-manifestacoes-do-7-de-setembro-pelo-pais.shtml#post419058> (Acesso em: 03/12/2023).

CAPÍTULO 4. CONCEPÇÃO DE MUNDO *ANTIESTABLISHMENT* DO BOLSONARISMO

Neste segmento, desenvolveremos os eixos de análise das entrevistas realizadas com bolsonaristas e eleitores de Jair Bolsonaro no período eleitoral de 2022 na cidade de São Paulo. Os eixos foram determinados a partir do roteiro de perguntas e os trechos das entrevistas foram selecionados pela identificação de compatibilidades. Estas ideias em comum foram repetidas pelos bolsonaristas de diversas faixas etárias. Assim, criamos seis eixos: 1) "Pandemia de Covid-19"; 2) "Mídia"; 3) "Supremo Tribunal Federal"; 4) "Antagonismo"; 5) "Guerras Culturais' e 6) "Sistema Eleitoral".

O fundamentalismo político de Jair Bolsonaro se apropria da verdade dentro do bolsonarismo e com isso faz uma política de estimulação a essa ruptura, normalizando ataques a meios de comunicação, jornalistas, cientistas, Ministros do STF. É por meio desses estímulos em cada declaração que os profanos bolsonaristas internalizaram o contexto caótico da luta política sempre em favor de Bolsonaro, gerando afetos que levam a práticas e planos de ação desorganizados pela própria estrutura desorganizada do partido digital bolsonarista.

4.1 Eixo pandemia Covid-19

O Presidente Jair Bolsonaro tinha apenas um ano e dois meses de mandato quando teve que lidar com este grave problema sanitário. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), tinha alcançado um estágio de transmissão global, o que caracterizava a passagem de uma epidemia a uma pandemia. Na ocasião, o número de infectados fora da China, epicentro da doença onde teve origem, tinha aumentado 13 vezes, e o número de países impactados havia triplicado[324].

Até então, Jair Bolsonaro registrava comportamento de intimidação e guerra (AVRITZER, 2020; NOBRE, 2022) contra o *establishment* e nem a eclosão da pandemia de Covid-19 o fez mudar, pois não adotou um tom mais ameno na relação com meios de comunicação, Supremo Tribunal Federal (STF) e atores de oposição ao Governo Federal, em busca de diminuir antagonismos (MOUFFE, 2015). Bolsonaro observou o

[324] Naquele momento, eram 118 mil casos ao redor do mundo e 4.291 mortes. O primeiro caso de Covid-19 foi contraído por uma vendedora dentro de um mercado de animais, de acordo com pesquisa publicada pelo virologista americano Michael Worobey, publicadas em um estudo na revista científica Science. Há outras linhas de pesquisa que têm a hipótese de que a doença teve origem em laboratório, portanto, não é possível delinear com precisão como surgiu a Covid-19.

establishment se organizar no combate à doença e continuou os ataques ao *establishment*, acusando-os de serem censores que querem restringir liberdades (NOBRE, 2022, p.182).

Encarada na esfera moral, o certo e o errado na pandemia de Covid-19 foram determinados por Jair Bolsonaro pela verdade de seu fundamentalismo político (MOUFFE, 2015; ARMSTRONG 2001; VASCONCELOS 2008). Assim, o "certo" e o "errado" não se produzem através da ciência do *establishment*, isto é, pelas descobertas e recomendações científicas divulgadas pela mídia tradicional inimiga. No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, Deus o colocou no caminho correto para o enfrentamento da doença e inimigos que o prejudiquem esse caminho ditado por Deus são o mal a ser combatido – seja como for.

Jair Bolsonaro se opôs ao direcionamento da atividade científica como se ela fosse parte do *establishment* a ser combatido (NOBRE, 2022), e assim, incentivou a imunidade de rebanho; estimulou o uso de remédios sem eficácia comprovada; alertou que só pessoas com comorbidades, idosos e que não tenham feito tratamento precoce estariam sujeitos a agravação de quadro de Covid-19[325] (TEIXEIRA e SILVA, 2022).

Nobre (2022) sustenta que há estratégia em Bolsonaro e ela consiste em estimular o caos montando um governo de guerra. No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, a palavra final acerca da pandemia vem através de sua autorização e validação (RECUERO, 2020) e de seu grupo político que capturaram a verdade em nome de Deus. Foi comum a divulgação de estudos pretensamente científicos, falsos, inconclusivos, ou em andamento como se fossem resultados finais sobre a Covid-19, geralmente polêmicos e contrários a outras evidências.

Teixeira e Silva (2022), a partir de Werneck et al, registram a omissão do governo Bolsonaro que levou ao aumento do caos durante momentos cruciais de evolução e casos e mortes oriundos da pandemia de Covid-19:

> Decisões tardias sobre o controle de portos, aeroportos e fronteiras; priorização do funcionamento de atividades econômicas; falta de equipamentos de proteção individual para profissionais de saúde; escassez de oxímetros, ventiladores e cilindros de oxigênio em unidades de saúde; leitos insuficientes para receber os doentes; inexistência de política de testagem e de rastreamento de casos e contatos; carência de profissionais de saúde especializados. A

[325] A conduta de Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19 seguiu a linha *antiestablishment* de atrito com as instituições, com a ciência, com veículos do jornalismo, entre outros. Aliados próximos de Bolsonaro saíram em defesa de seu discurso e reforçaram a tensão ideológica, tornando ainda mais difícil a sobrevivência em face de um vírus que chegou a matar 4.249 pessoas em um só dia.

> aplicação de recursos financeiros também foi equivocada e infrutífera (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.53).[326]

Acrescente-se ao levantamento de Teixeira e Silva (2022) as vacinas que foram desacreditadas e postergadas na hora da aquisição pelo estado brasileiro, o negacionismo, estímulos a imunidade de rebanho e ao consumo de medicamentos sem eficácia comprovadas e teremos um panorama da política de morte[327] implementada por Jair Bolsonaro.

4.1.1 Necropolítica bolsonarista

Jair Bolsonaro e seu grupo político sempre defenderam a imunidade de rebanho, isto é, uma imunidade adquirida pela reação do corpo à contaminação da doença que obviamente pode acarretar na morte da pessoa infectada. É uma estratégia necropolítica (MBEMBE, 2018) em uma macabra roda da morte em que uns são sorteados e outros não.

Desinformação intencional (RECUERO, 2020; WARDLE e DERAKHSHAN, 2017) foi estrategicamente utilizada para fortalecer a criação de inimigos que, ao reagirem, estariam acuando o Presidente da República – que na verdade, produz o caos para oferecer a ordem (NOBRE, 2022). Ocorreu um grande volume de desinformação durante a pandemia criadas e disseminadas com a estrutura do Governo Federal (SEGURADO, 2021, p.16). Jair Bolsonaro utilizou técnicas de desinformação para ativar um Estado desinformativo necropolítico.

Necropolítica de Jair Bolsonaro tem o apoio dos bolsonaristas. Questionamos os apoiadores do Presidente sobre o que acharam da condução da pandemia de Covid-19 pelo governo; sobre o que acharam da atuação de Prefeitos e Governadores durante esse período; e sobre a percepção que tem da cobertura da imprensa a respeito da crise sanitária. O não cancelamento do carnaval e médicos negacionistas foram espontaneamente citados nas entrevistas e também serão abordados.

Estimulação a contaminação e a imunidade de rebanho feita por Jair Bolsonaro surtiu efeito em muitos bolsonaristas que passaram a diminuir o potencial ofensivo da

[326] Exceção a essas omissões ocorreu com o "auxílio emergencial" que destinou valores a pessoas que necessitassem de renda durante a pandemia de Covid-19. No entanto, a medida não foi iniciativa do governo Bolsonaro, mas do Congresso Nacional, sendo posteriormente apropriada pelo executivo.

[327] "O país só fica isento, imune da Covid-19, depois que 60% ou 70% forem infectados", (BOLSONARO, 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p.60) disse Bolsonaro em março de 2020.

doença. A simplificação ou diminuição do potencial ofensivo da Covid-19 foi um aspecto que surgiu em muitas conversas. Para o empresário de produtos químicos Júlio Fared, Jair Bolsonaro agiu bem pela continuidade das relações presenciais no trabalho devido à preocupação em relação a economia. Proprietário da empresa, Júlio Fared, 45 anos, rejeitou o isolamento social e impôs que seus funcionários estivessem à disposição para o trabalhar presencialmente mesmo na fase mais agressiva da disseminação da doença:

> Eu chamei a turma da empresa, mais de 20 pessoas, e falei assim: pessoal, é assim, eu não pego virose nem qualquer tipo de gripe. Eu vou dar a receita para vocês, porque o que está vindo aí é uma virose, eles estão pintando a coisa muito mais feia do que ela é, mas todo cuidado é bom, então durmam bem, se alimentem bem e procurem viver felizes porque não baixa a imunidade, vocês não vão pegar isso aí. Se pegar, não morre não, fica tranquilo (...) a minha empresa teve só 3 dias de quarentena. Na quarta conversei com eles, quinta e sexta falei - segunda feira todo mundo volta (Júlio Fared, 45 anos – Empresário de Produtos Químicos).

Posturas negacionistas como a do empresário Júlio Fared, 45, foram repetidas por todo o Brasil colocando em risco vidas de trabalhadores que tiveram que se expor a possibilidade de contágio da doença. "Eu vi muitas pessoas ficando doentes mentais e consegui resgatar muita gente", completa o empresário Júlio Fared ao se referir as pessoas que ele convenceu a abandonar o distanciamento social.

Com a autorização de Jair Bolsonaro para desafiar a ciência e as recomendações feitas pelo *establishment*, validadas por toda estrutura digital do bolsonarismo (RECUERO, 2020; MELLO, 2020), pesquisas falsas e discursos passam a ter valor de verdade e influenciam o cotidiano das pessoas. Baseado em uma pesquisa sem reconhecimento da comunidade científica, Jair Bolsonaro espalhou que mesmo isolado dentro de casa seria possível pegar o vírus. "Um estudo francês mostrou que 86% das pessoas pegaram o vírus em casa", (BOLSONARO, 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p. 81).

Nesse sentido, o contador Milton Bastos, 65 anos, enfatizou que mesmo isolado contraiu a doença. "Eu em casa peguei Covid. Então, não significa que você em casa deixava de pegar a Covid, você trabalhando estava correndo o mesmo risco". A defesa do trabalho presencial ganhou grande força com o discurso de Jair Bolsonaro de que a economia não poderia ser descuidada. Foram muitas frases esvaziando a gravidade da doença para justificar retorno às atividades.

Jair Bolsonaro insistiu em se contrapor às medidas de isolamento com um discurso de que a economia não podia parar[328], pois se o mercado desaquecesse viveríamos uma "catástrofe ainda maior"[329]. No tema econômico convergem as posições de todos entrevistados, contra a política do "fique em casa". "A economia é a espinha dorsal de qualquer processo social", pondera o consultor de marketing Leandro Faverin, 55 anos. "A atitude dele foi louvável porque ele agiu". Para a empresária Fernanda Buchner, 52 anos, Bolsonaro soube equilibrar bem os desafios que se apresentavam. "Então, acho que ele conduziu quase com a via econômica e com a via humana. Não acho ele desumano".

Teixeira e Silva (2022, p.61) enfatizam que Jair Bolsonaro atuou no medo das pessoas que tinham receio de perder seus empregos, demonstrando estar ao lado dos mais prejudicados. Nobre (2022) sustenta que o discurso em favor do direito de trabalhar e da livre circulação das pessoas foi estrategicamente colocado em circulação por Bolsonaro para se antepor a política de Prefeitos e Governadores.

Culpar decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) para se eximir da responsabilidade sobre políticas que auxiliem o combate a pandemia (TEIXEIRA e SILVA, 2022) foi mais uma tentativa de vitimização, reforçando na câmara de eco bolsonarista (RECUERO et al, 2021; SEGURADO, 2021) a ideia de perseguição pelo *establishment*.

Na crise permanente com o STF, Jair Bolsonaro usou desinformação a respeito de não ter nenhuma responsabilidade[330] na condução da pandemia de Covid-19 como salvo conduto para a instalação do Estado necropolítico (MBEMBE, 2018). Essa justificativa foi internalizada por praticamente todos os entrevistados. Para a produtora de conteúdo, Renata Damasceno, 43 anos, o Presidente não conseguiu administrar a pandemia de

---

328 "Alguns idiotas até hoje ficam em casa", (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR. 2021, p.165), disse Bolsonaro após um ano de pandemia de Covid-19 em maio de 2021.

329 CNN BRASIL. **Economia não pode parar por causa do novo coronavírus, diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/economia-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus-diz-bolsonaro/> (Acesso em: 03/12/2023).

330 AFONSO, Nathália. **É falso que STF afastou Bolsonaro do controle de ações estratégicas contra pandemia de Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/01/verificamos-stf-bolsonaro-covid> (Acesso em: 04/12/2023).

Covid-19 e foi proibido de atuar ou falar sobre a doença pelo Supremo Tribunal Federal (STF):

> Na verdade, ele [Jair Bolsonaro] foi proibido de falar e fazer qualquer coisa na pandemia porque o STF proibiu que ele desse qualquer orientação, porque foi proibido, então, não dá nem pra dizer que ele geriu alguma coisa sendo que ele foi proibido disso em nível nacional né? Quem geriu a pandemia na verdade foram os Governadores e os Prefeitos né? Os estados e municípios, e não o Bolsonaro. O pouco que o Bolsonaro falava, o pouco que ele falou a respeito desse assunto, ele sempre demonstrou uma preocupação com o trabalhador, com o agora e o depois, com a pandemia em si, as pessoas que poderiam ficar doentes e com quem precisava trabalhar, ele sempre pensou nos dois lados da moeda (Renata Damasceno, 43 anos, – Produtora de Conteúdo).

A informação de que o STF proibiu Jair Bolsonaro de atuar na condução da pandemia de Covid-19 foi distorcida pelo Presidente - que sustentou essa desinformação até o final de seu governo[331]. O STF chegou a desmentir a desinformação[332]explicando que se tratava apenas da definição da atribuição de cada poder, no qual o poder municipal e estados teriam autonomia para decidirem planos de ação ou fechamentos. A desordem informacional, contudo, já tinha produzido estrago incalculável, ainda mais com a defesa e repetição da narrativa falsa (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017; RECUERO, 2020).

4.1.2 Atuação de Prefeitos e Governadores

Política de isolamento social adotada por Prefeitos e Governadores em muitas cidades no Brasil gerou atrito com políticos de diversas matizes, principalmente o Governador do estado de São Paulo, João Doria e o Prefeito da cidade de São Paulo Bruno Covas (TEIXEIRA e SILVA, 2022). Com o fechamento de estabelecimentos comerciais, permanecendo abertos somente os serviços considerados essenciais, ligados a saúde e a alimentação, houve muita insatisfação de pessoas que se sentiram prejudicadas e passaram a encontrar proteção no discurso de Bolsonaro[333] em nome das liberdades.

---

331 CARTA CAPITAL. **Bolsonaro repete fake news de que STF o 'proibiu' de combater a Covid-19.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-repete-fake-news-de-que-stf-o-proibiu-de-combater-a-covid-19/> (Acesso em: 04/12/2023).

332 SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **STF desmente fake news sobre suposta decisão do ministro Alexandre de Moraes dirigida a Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=465223&ori=1> (Acesso em: 04/12/2023).

333 "E como a decisão de fechar é dos Governadores; se fosse minha, não fecharia nada", registrou o presidente em janeiro de 2021 (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.134).

Fatima Abdul, 62 anos, eleitora de ocasião do Presidente, não definindo-se como bolsonarista, argumentou a favor do que chamou de "liberdades individuais" e ressaltou que achou o Governador do estado de São Paulo, João Doria (PSDB), autoritário:

> Eu achei que o [João] Doria foi autoritário, Bruno [Covas] foi ignorante porque tirou os ônibus e amontoou as pessoas. E não achei certo, a condução deles não me agradou. Me senti tolhida, me senti com medo, me senti em prisão domiciliar. Eu até poderia ficar se fosse conscientizada, mas não daquela forma, obrigada. Um monte de memes falando "velha sai da rua, velha fica em casa". Eu não deixei de ver minha mãe, não me isolei dos meus entes queridos, mas muitos se isolaram de mim, inclusive. E notei que as pessoas de 30 anos ficaram muito assustadas, as pessoas mais velhas, como eu de 60 anos, ficaram mais livres, se sentindo menos oprimidas. Fiquei sentindo que teve um "nós" contra "eles" (Fatima Abdul, 62 anos, psicóloga).

Fatima Abdul sustenta a sensação de um antagonismo "nós" contra "eles" (MOUFFE, 2015; VASCONCELOS, 2008), sem perceber que apoia a liderança de Jair Bolsonaro que acentua o próprio antagonismo, transformando o adversário em inimigo, como fez a psicóloga em relação as lideranças de João Doria[334] e Bruno Covas[335]. Os dois políticos, Governador do estado de São Paulo e Prefeito da cidade de São Paulo, respectivamente, foram alvos preferenciais de Jair Bolsonaro. Como Doria era potencial candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro agiu ofensivamente contra o tucano para reduzir suas chances ou impedir sua candidatura.

Para o empresário Júlio Fared, 45, Governadores e Prefeitos agiram como ditadores. "Eles se sentiram pequenos reis, tiranos e praticaram a ditadura, alguns dos que eu pude acompanhar e ver principalmente aquele João Doria, que decepção, que lixo humano que aquele cara é, né? Que crápula".

Percepção de que João Doria e Bruno Covas, entre outros opositores de Jair Bolsonaro, são ditadores que restringem liberdades se tornou comum no bolsonarismo. Dessa maneira, a narrativa de que a pandemia era mais um capítulo da instalação sutil do

[334] João Doria é empresário e jornalista. Ficou conhecido como apresentador de um Talk show. Comanda o Grupo Doria, que conta com seis organizações, incluído o Lide (Grupo de Líderes Empresariais) que reúne 1.600 empresas nacionais e multinacionais. Foi eleito Prefeito da cidade de São Paulo em 2016 pelo PSDB, aproveitando o desgaste do campo político que não conteve a entrada de *outsider*. No entanto, abandonou o cargo em 2018 para concorrer ao governo do Estado de São Paulo. Vencedor novamente, se tornou Governador do Estado de São Paulo no mandato entre 2019 e 2022 pelo mesmo partido. Foi um dos grandes opositores de Jair Bolsonaro neste período, embora tenha sido eleito pedindo votos junto a Bolsonaro, o que ficou conhecido como voto "BolsoDoria".

[335] Bruno Covas foi Deputado Estadual, Secretário do Meio Ambiente de São Paulo, Presidente da Juventude do PSDB, Deputado Federal. Foi eleito Vice-Prefeito da cidade de São Paulo na gestão 2016-2020 e assumiu o cargo no ano de 2018 com a renúncia de João Doria. Bruno Covas foi reeleito Prefeito da cidade de São Paulo na gestão 2020-2024, mas faleceu em decorrência de um câncer no ano de 2021.

comunismo por políticos vinculados ao globalismo foi concebida como uma ameaça (TEIXEIRA e SILVA, 2022) e a desinformação não intencional se tornou meio de combate para evitar esse mal.

Teixeira e Silva (2022) destacam que a repetição de mentiras na pandemia por Bolsonaro e seu grupo político criou uma "versão alternativa dos fatos" até que tivessem semelhança a uma verdade factual – que foram internalizadas e passaram a ser defendidas por bolsonaristas e eleitores de ocasião do Presidente (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.67). A desinformação em circulação nas redes sociais e aplicativos de mensagens simplificam temáticas complexas em uma divisão do 'bem contra o mal', em que o bem aparece na figura de Bolsonaro e o mal se configura na oposição ao Presidente (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.71; ARMSTRONG, 2001; VASCONCELOS, 2008).

A disputa de Bolsonaro com João Doria se estendeu a compra de vacinas anticovid-19. O Governador do estado de São Paulo saiu à frente do Governo Federal na aquisição de imunizantes com a Coronavac em acordo com a China[336]. O Presidente ameaçou não comprar o que chamou de "vacina chinesa de João Doria"[337], inicialmente argumentando sobre a baixa eficácia. Com a suspensão dos testes da Coronavac ordenada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), até que se verificasse a causa da morte de um dos voluntários e comprovasse que não havia relação com a aplicação do imunizante, Bolsonaro afirmou que a vacina da China poderia ocasionar "morte, invalidez, anomalia" e que o episódio era "mais uma que Jair Bolsonaro ganha"[338] (TEIXEIRA e SILVA, 2022).

---

[336] O Governo Federal teve chance de antecipar a compra com o imunizante da Pfizer porém, deixou de responder a 53 e-mails de acordo com a CPI da Covid-19, o que denota omissão e o motivo no atraso do cronograma. Foi somente uma semana após a primeira vacina aplicada da Coronavac que o Governo Federal começou a vacinar com o imunizante Astrazeneca. Com o início da vacinação, Bolsonaro passou a defender a não obrigatoriedade das pessoas se vacinarem contra a Covid-19 e enfatizou que não iria se vacinar. O discurso em defesa da liberdade ganhou notoriedade neste momento até o controle posterior através do passaporte vacinal. Os pais teriam a liberdade, inclusive, para negar a vacinação em seus filhos menores de idade.

[337] IG. **Relembre 10 vezes que Bolsonaro atacou a Coronavac**. 2021. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-coronavac.html> (Acesso em: 05/12/2023).

[338] MAZUI, Guilherme. **'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', diz presidente sobre suspensão de testes da CoronaVac**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-o-presidente-ao-comentar-suspensao-de-testes-da-vacina-coronavac.ghtml> (Acesso em: 06/12/2023).

Como destacam Teixeira e Silva (2022, p.119), o atrito entre Jair Bolsonaro e Prefeitos e Governadores desestabilizou não somente a relação institucional, mas o próprio pacto federativo, ao desrespeitar a autonomia destes entes federados e promover disputas que tentavam impor aspectos políticos acima de detalhes técnicos científicos e que serviram apenas para aprofundar o projeto necropolítico bolsonarista. Em suma, enquanto muitos Prefeitos e Governadores tentavam um gerenciamento da pandemia (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p,249), Jair Bolsonaro apostava na intimidação, na guerra e no caos como método (NOBRE, 2022; AVRITZER, 2020).

Segundo dados de um relatório do Ministério das Comunicações requisitados da CPI da Covid-19[339], das 2.596 postagens dos canais do governo, 64%, isto é, 1.648 eram relacionadas a empregos, renda e auxílio emergencial, enquanto 36% (948) foram sobre entregas feitas na área de saúde, dos repasses de verbas obrigatórios aos Estados e Municípios, de medidas de prevenção e da compra de vacinas[340].

O relatório prova que a comunicação do governo Bolsonaro favoreceu a defesa da economia em detrimento ao combate da pandemia de Covid-19. A resistência ao isolamento estava anunciada pelo chefe do executivo nacional e seria acompanhada por seguidores e simpatizantes. A taxa de 70% de isolamento das pessoas apresentada pelo Governo do Estado de São Paulo como ideal não foi atingida na capital paulista, que chegou no máximo a 59% em uma semana de abril de 2020[341].

Defesa da economia por Jair Bolsonaro em detrimento do isolamento social diante do crescente número de casos e aumento do número de mortos, debochando e minimizando a doença, levou o Presidente a ser chamado de genocida em face da sua necropolítica. Bolsonaristas reagiram a esse movimento com ataques ao *establishment*.

---

339 Tendo em vista a condução necropolítica da pandemia de Covid-19 no Brasil, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) foi instalada no Senado Federal a fim de investigar a ocorrência altíssima de óbitos no Brasil que ultrapassou 700 mil mortes. As conclusões da CPI provieram de depoimentos de testemunhas e investigações em seis meses de trabalhos entre abril de 2021 e outubro de 2021.

340 BENITES, Afonso. **Comunicação do Governo priorizou economia à saúde no combate à pandemia, revelam documentos da CPI.** 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-08/comunicacao-do-governo-priorizou-economia-a-saude-no-combate-a-pandemia-revelam-documentos-da-cpi.html> (Acesso em: 06/12/2023).

341 TOOGE, Rikardy. **Coronavírus: taxa de isolamento social em SP cai para 51%; apenas 7 cidades já conseguiram atingir meta do governo de 70%**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/21/coronavirus-taxa-de-isolamento-social-em-sp-cai-para-51percent-meta-do-governo-e-de-70percent.ghtml> (Acesso em: 06/12/2023).

A realização do carnaval no início de 2020 foi citado espontaneamente nas entrevistas como hipocrisia dos opositores do Presidente que nessa concepção se preocupavam mais com ganhos financeiros do que com vidas. Uma portaria assinada pelo Presidente com objetivo de prevenir a chegada do coronavírus no Brasil foi distorcida pelo bolsonarismo e se tornou um falso decreto de emergência que cancelava o carnaval. Essa narrativa falsa em circulação deu base para esse entendimento que foi mencionado pelos entrevistados.

Para a gerente comercial, Barbara Neuman, 49 anos, houve muitas críticas a Bolsonaro por ter agido contra o carnaval. "Bolsonaro tentou não ter o carnaval, mas ele foi duramente criticado". Na visão da advogada Bianca Borragine, 29, o *establishment* se valeu do carnaval para depois desidratar Bolsonaro culpando o Presidente pelos contágios. "Era conveniente deixar o povo entrar no Brasil para curtir o carnaval e depois [o sistema] tocar o terror".

Nobre (2022) ressalta que Jair Bolsonaro teve êxito na venda da ideia de que não se pode responsabilizar sua atuação na pandemia de Covid-19, pois o que ocorreu se trata de um evento da natureza que não tem como ser interrompido facilmente pela força humana:

> Bolsonaro foi bem sucedido em fincar – para uma parte relevante da população, ao menos – a ideia de que tentar responsabilizá-lo pela pandemia é politizar um fenômeno que não pode ser, no limite, evitado. Ou seja, quem politiza a pandemia é "político", faz parte do "sistema", da "velha política". Com isso, Bolsonaro reforça a ideia de que também na pandemia tenta lutar contra o sistema que, por sua vez, tenta destruí-lo, politizando a tragédia a morte de pessoas (NOBRE, 2022, p.184, aspas do autor)

4.1.3 Médicos negacionistas e o gabinete paralelo

Em complemento a desinformação e as falas negacionistas de Jair Bolsonaro, declarações do campo da medicina de médicos alinhados ao bolsonarismo invadiram as redes sociais ocasionando efeitos nas câmaras de ecos e na dissonância cognitiva dos profanos (RECUERO et al, 2021; ROCHA J., 2021). Médicos Youtubers compõem a linha de frente da política de guerra bolsonarista fornecendo material para a midiosfera extremista divulgar a "verdade do bolsonarismo" com técnicas de desinformação, desfactualização, reenquadramento. Desinformação e negacionismo já tem uma capacidade devastadora e se potencializa ainda mais na divulgação feita por um Presidente da República.

Quando a fonte tem origem em um estudo pretensamente científico, ainda mais, autorizado e validado por um médico, amplia-se a potência da desinformação que passa a ter alto grau de legitimidade, revestimento e aparência de verdade, ganhando confiança das pessoas que passam a acreditar na desinformação (RECUERO, 2020), além de defendê-la com empenho, em virtude dessa cadeia de qualificação de falsidade, o que em uma pandemia pode gerar mais contágio, progressão da doença e das mortes.

Como a legitimidade de médicos com título de doutorado na área é alta, pois se trata de muito capital social e simbólico acumulado (BOURDIEU, 2023), qualquer desinformação é mais facilmente internalizada pelos profanos e o argumento para defender o ponto de vista do médico começa por sua legitimidade. O empresário Júlio Fared, 45, afirmou que "ouvia muito o Dr. Zeballos"[342]. Quem não ouviria conselhos de um doutor renomado? O problema é que com a politização da pandemia de Covid-19, na ponta da mensagem recebida estão vidas em risco e a desinformação pode conduzir a situações de perigo a saúde pública.

Desinformação intencional propagada por Dr. Zeballos, através de um vídeo sobre maior imunidade em sujeitos que contraíram e venceram a Covid-19 graças a imunidade desenvolvida à partir da doença, teve grande engajamento. O vídeo foi publicado no site *Frontliner* e divulgado pelo Deputado Federal e médico Osmar Terra[343] (DEM-RS) e foi compartilhado milhares de vezes[344]. O médico negacionista[345] explica que a fonte foi um

[342] Doutor Roberto Zeballos tem mais de 600 mil seguidores na rede social Instagram. O médico se tornou fonte frequente de programas da Rádio e da TV Jovem Pan e deu entrevistas em várias ocasiões à emissora. Zeballos foi um grande defensor do uso de corticoides para casos graves de Covid-19 e fez vídeos com argumentos contra as vacinas. Agências de checagem de fatos comprovam que Dr. Zeballos fez parte da midiosfera extremista que circula *fake news* e desinformação, como a desinformação de que vacinas não eram eficazes contra a variante Delta.

[343] O Deputado Federal Osmar Terra (MDB-RS), médico de formação, recomendou medicamentos sem eficácia comprovada como Cloroquina e Ivermectina e criticou ações pelo isolamento feitos por Governadores. Em suas previsões erradas, disse que as mortes por H1N1 seriam maiores do que por Covid-19 e que a pandemia teria duração de apenas dois meses. "Mais isolamento social é igual a mais mortes, como mostra o Prof. da UFPE, Bruno Campello. E nunca nos esqueçamos que a maior parte das mortes, que infelizmente ocorreram no mundo, foi de idosos em asilos", argumentou Terra, valendo-se de interpretação equivocada de um estudo, fazendo um reenquadramento do fato de acordo com a busca da afirmação de sua crença.

[344] SIMIONATO, Letícia. **Mentiras no Bolso do Jaleco**. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mentiras-no-bolso-do-jaleco/> (Acesso em: 08/12/2023).

[345] Em repúdio as práticas de Dr. Zeballos, vinte professores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) redigiram uma carta na qual criticam o médico pelas declarações contra as vacinas e favorável ao chamado tratamento precoce.

estudo de Israel que posteriormente foi desmentido pelo próprio Ministério da Saúde daquele país[346].

Citado em diversas entrevistas de maneira espontânea, o médico Drauzio Varella[347] foi acusado pelos profanos bolsonaristas de classificar a Covid-19 de "gripezinha" e, assim, Jair Bolsonaro só teria repetido o que Varella disse. No início da pandemia de Covid-19, em 30 janeiro de 2020, quando ainda não havia nenhuma pessoa contaminada no Brasil pela doença, Drauzio Varella fez um vídeo em que enfatizou que a Covid-19 era um "resfriadinho" e que iria andar na rua normalmente. Dois meses depois, manifestou remorso, pediu a retirada do YouTube e explicou o contexto: naquela ocasião as informações vindas da China eram desencontradas e sinalizavam que esse novo coronavírus afetava o corpo apenas como um resfriado[348], o que se evidenciou falso já em fevereiro de 2020.

No dia 20 de março de 2020, Jair Bolsonaro afirmou que depois da facada no período eleitoral contra ele, não seria uma "gripezinha"[349] que iria derrubá-lo. O vídeo feito por Drauzio Varella serviu muito bem às técnicas de desinformação[350] e da retórica do ódio da midiosfera extremista (ROCHA J., 2021) para colocar outra versão em conflito junto a repercussão da fala de Bolsonaro. O recurso usado foi a desfactualização (ARENDT, 2016).

---

346 PROJETO COMPROVA. **Ministério da Saúde de Israel nega que seus dados permitam concluir sobre imunidade de infectados.** 2021. Disponível em: <https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ministerio-da-saude-de-israel-nega-que-seus-dados-permitam-concluir-sobre-imunidade-de-infectados/> (Acesso em: 09/12/2023).

347 Antônio Drauzio Varella é médico especializado em oncologia e escritor. É um disseminador de informações sobre a ciência. Por ter participações em programas da TV Globo é associado a emissora e taxado de inimigo do bolsonarismo.

348 VALÉCIO, Marcelo de. **"Tenho remorso por ter dito isso", afirma Drauzio Varella em live**. 2020. Disponível em: <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/1512-tenho-remorso-por-ter-dito-isso-afirma-drauzio-varella-em-live> (Acesso em: 08/12/2023).

349 MAZIEIRO, Guilherme. **Depois da facada, não vai ser gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/20/depois-da-facada-nao-vai-ser-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro.htm> (Acesso em: 08/12/2023).

350 No dia 21 de março de 2020, apenas um dia após a declaração polêmica, o vídeo de Varella foi postado pelo Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e pelo Senador, Flávio Bolsonaro (PL-RJ), sendo compartilhado milhares de vezes como se tivesse sido produzido recentemente, isto é, tirando a data de contexto. Mesmo ocorrida em 30 de janeiro e com Drauzio Varella mudando sua concepção, recomendando para que as pessoas ficassem em casa, a desinformação circulou e atingiu entrevistados para esta tese – três anos após o vídeo.

A produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43 anos, explica que Jair Bolsonaro apenas repetiu Varella ironizando a fala do médico:

> Eu acho que ele sempre foi muito coerente e consistente com as suas falas. Inclusive, o que virou meme, virou apelido de genocida pra ele, foi quando ele repetiu a fala do médico da Globo, o Drauzio Varella. Ele brincou, aí saíram falando que ele era genocida, que ele não estava nem aí para os outros (Renata Damasceno, 43 anos – Produtora de Conteúdo).

Médicos negacionistas atuaram próximos ao governo Bolsonaro, elaborando estratégias de enfrentamento. Na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, ficou comprovada a existência de um gabinete paralelo que atuava em defesa de medicamentos sem eficácia comprovada no combate à doença como Cloroquina e Ivermectina. De acordo com a CPI, que investigou a condução da pandemia no ano de 2021, o "gabinete paralelo" foi formado por médicos, empresários e políticos. Operou na validação da garantia de segurança ao se contaminar por Covid-19, com mais poderes que o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, desde que se adotasse o uso do tratamento precoce com medicamento sem eficácia comprovada (TEIXEIRA e SILVA, 2022).

De acordo com o relatório final da CPI[351], foram ao menos 27 encontros do gabinete com Jair Bolsonaro na elaboração da comunicação de planos de ação, ademais a interferência em trâmites técnicos, a exemplo da tentativa de alterar a bula da Cloroquina para que contivesse o combate a Covid-19 em sua prescrição. O gabinete tinha como função dar bases científicas aos discursos oficiais mentirosos do Governo Federal com dados, estatísticas, buscando legitimar remédios sem eficácia comprovada e estudos de fontes não reconhecidas (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.95).

4.1.4 Kit Covid

Gabinete paralelo forneceu subsídios e legitimidade a remédios como Cloroquina e Ivermectina que fazem parte do chamado tratamento precoce ou Kit Covid. Toda vez que alguém questiona o uso do Kit Covid, surgem inúmeros argumentos dos profanos bolsonaristas baseados em estudos pretensamente científicos e em caso de oposição ao

[351] A CPI chegou as seguintes definições em seu relatório final: ação do Governo Federal ocasionou número elevado de mortes; gabinete paralelo ratificou a imunidade de rebanho, discurso antivacina e de medicamentos ineficazes; '*Fake news*' potencializaram orientações equivocadas no combate à pandemia; omissões aos indígenas; falta de coordenação com governos estaduais e municipais; omissão na negociação que culminou no atraso de vacinas; 'interesses escusos' permearam a aquisição de vacinas. O texto pede indiciamento de 78 pessoas e duas empresas, incluso Jair Bolsonaro. O relatório ainda solicitou pedido de ação no Supremo Tribunal Federal (STF) com o objetivo de retirar Bolsonaro das redes sociais. Requerimentos de indiciamento foram direcionados a Procuradoria Geral da República, aos Ministérios Públicos Estaduais e à Polícia Federal.

uso, a tropa é acionada para qualificar e defender a crença criada em torno desses medicamentos. “Esquerda se une para fazer pesquisa fake sobre a Cloroquina. Objetivo é demonizar o remédio, mesmo sabendo que ele é efetivo para salvar vidas”, disse o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) (BOLSONARO, E. 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p.68). Já o Deputado Coronel Tadeu (PSL-SP), associou as mortes por Covid-19 à possibilidade de retorno das esquerdas ao poder. “Esse jogo para mim é claro, as pessoas estão morrendo justamente para facilitar o caminho de retomada ao poder pela esquerda” (TADEU, 2021, apud BARRETTO JR. 2021, p.141).

Assim, vemos como técnicas de desinformação são usadas para acentuar antagonismos e fortalecer o combate a inimigos (MOUFFE, 2015) durante a pandemia de Covid-19. As acusações de que a esquerda se junta na criação de desinformação sobre o Kit Covid cria espaço a narrativa para sustentar a briga ideológica, deslocando a verdade e alimentando a midiosfera extremista. Podemos verificar, dessa maneira, que o comportamento de Jair Bolsonaro e seu grupo político no estímulo a medicamentos sem eficácia comprovada perdurou até o final de seu governo e atingiu em cheio a subjetividade dos bolsonaristas.

Pesquisa da Universidade de Oxford ainda em estágio inicial em junho de 2021 sobre efeitos da Ivermectina contra a Covid-19 foi tirada de contexto por Bolsonaro[352], que disse que haviam sido encontrados “fortes indícios” dos benefícios do medicamento. Foi necessário apenas sinalizar sobre o estudo dentro da câmara de eco (RECUERO et al, 2021; SEGURADO, 2021) para os profanos internalizarem rapidamente a mensagem. Para o publicitário Diogo Grezzi, 58 anos, vários estudos respaldaram o uso de Ivermectina e qualquer indicação contrária é vista como desinformação:

> Jornalistas escondem as pesquisas. Tem vários estudos por exemplo da Ivermectina, vários, tem gente que fala - instituições sérias na Inglaterra - que metade das mortes poderiam ter sido evitadas. Daí falam, não tem comprovação científica, a vacina tinha? (...) Então, essa quantidade de desinformação por conta dessa agenda global ai, você vê que a OMS [Organização Mundial da Saúde] é meio puxadinho da China. O que aconteceu com a China até agora cara? Quem questionou a China? Eles destruíram o mundo (Diogo Grezzi, publicitário, 58 anos).

[352] FOLHA DE S. PAULO. **Universidade de Oxford não encontrou fortes indícios da eficácia da ivermectina contra a Covid.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/universidade-de-oxford-nao-encontrou-fortes-indicios-da-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid.shtml> (Acesso em: 08/12/2023).

Diogo Grezzi cita a agenda do globalismo e acusa a China exatamente como ocorre na dinâmica populista digital (CESARINO, 2022) de Olavo de Carvalho. Para Diogo Grezzi, 58, meios de comunicação tradicionais como Globo e Folha de S. Paulo produzem *fake news* e escondem fatos sobre a Ivermectina para criar um cenário caótico de contaminação e prejudicar Jair Bolsonaro, além de criar pânico na população. "É um mar de desinformação e tentativa de meter medo mesmo na população, né? Você via isso 24 horas por dia, deram visibilidade a gente absolutamente idiota, sem cultura alguma".

Os embates de Jair Bolsonaro com o jornalismo se acentuaram com o surgimento da pandemia de Covid-19. Como mencionado, a inversão de um fato divulgado pela mídia denominado de *fake news* pelo Presidente foi usual, de modo que *fake news* se tornou uma expressão usada politicamente para acusar adversários (SEGURADO e CHICARINO, 2022).

A demonstração de confiança de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho em suas próprias palavras vende a autenticidade necessária aos profanos bolsonaristas e a rede social Twitter (atual X) foi um canal muito utilizado pelo Presidente para se comunicar. "A desinformação mata mais do que o próprio vírus. O tempo e a ciência nos mostrarão que o uso político da Covid-19 por essa TV [Globo] trouxe-nos mortes que poderiam ter sido evitadas", disse o Presidente. Jair Bolsonaro tem forte convicção de que suas ações durante a pandemia foram corretas e serão validadas universalmente no futuro. "A história irá dizer quem está certo no futuro, e a quem cabe qualquer responsabilidade sobre parte das mortes".

Os profanos bolsonaristas, todavia, acompanharam o antagonismo produzido pelo Presidente contra o consórcio de mídia durante a pandemia. O comerciante Marcos Sanchez, 57, acredita que os meios de comunicação tradicionais atuam politicamente como partido de oposição ao Presidente da República. "Se [Jair] Bolsonaro tivesse adotado medidas drásticas em relação a pandemia, trancado tudo, proibindo pessoas, a imprensa teria tomado uma outra posição na época, seria o inverso".

A TV Globo e o jornal Folha de S. Paulo foram os principais alvos dos bolsonaristas entrevistados, de modo que a acusação de atuarem como oposição ao Presidente e gerarem pânico nas pessoas foi comum, aspecto que apareceu na maioria das entrevistas com os profanos bolsonaristas. Na percepção do analista tributário, Wesley Lima, 31 anos, Globo e Folha não praticam bom jornalismo e atuam como força política

contra Bolsonaro. “Era um jornalismo totalmente parcial, principalmente se tratando de Rede Globo, Folha de São Paulo, seja contra o Presidente, foi a única coisa que eles falavam, tudo que era contra”.

Para o despachante Murilo Freitas, 56 anos, o Grupo Globo possui responsabilidade direta em relação a mortes na pandemia de Covid-19:

> Terrível, terrível, graças ao jornalismo, principalmente da Globo, muita gente morreu e muita gente tem sequelas, não só físicas como mentais também por conta de tanto terrorismo que fizeram. Fizeram muito terror, muito terror mesmo. (...) os jornais agiram muito mal, tirando o poder dos médicos, os governantes, os políticos se calaram. Terrível (Murilo Freitas, 56 anos - Despachante).

Na percepção de Júlio Fared, 45, desinformação durante a pandemia de Covid-19 foi motivo da morte de um colega da maçonaria. “Ele [colega da maçonaria] não comia mais, tinha medo de tudo, não saia mais no portão, ai ele deitou no sofá, dormiu e não acordou mais. Para você ver o quanto *fake news*, o quanto a mentira, o quanto a mensagem deturpada prejudica as pessoas”.

Somente a Jovem Pan foi mencionada como veículo que trazia material noticioso de confiança durante a pandemia de Covid-19. “A mídia remou contra o tempo inteiro, com exceção da Jovem Pan”, disse o empresário Júlio Fared, 45, em tom de lamento. “Porque o pessoal não tem um meio de comunicação, exceto a Jovem Pan, o resto todos não falaram a verdade em momento nenhum. Só mentiram a respeito. E mentem, continuam mentindo”, explica com convicção o contador Milton Bastos.

Profanos bolsonaristas entrevistados nesta tese fizeram coro com Jair Bolsonaro contra o carnaval, contra a política de distanciamento social de Prefeitos e Governadores e contra alguns veículos de comunicação. Questionados sobre a atuação de Bolsonaro na condução da pandemia, os entrevistados revelaram apoio e também críticas quanto ao seu comportamento e atuação. Contudo, os entrevistados que compuseram a grande maioria avaliaram positivamente a maneira como o Presidente agiu na pandemia de Covid-19.

> Eu tiro o chapéu pra ele, pro Presidente [Jair Bolsonaro], eu tiro o chapéu, bato palmas: para comprar vacina, com auxílio emergencial, a rapidez com que isso foi pro Brasil, pra quem precisava, o cuidado que eles tiveram para distribuir o dinheiro direitinho. Então acho que foi muito positivo e acho que o Brasil - na minha opinião - foi um dos que mais tirou de letra a pandemia (Kerena Rodriguez, 45 anos - Analista de Sistemas).

Nem todas as percepções dos bolsonaristas a respeito de Jair Bolsonaro são carregadas apenas de elogios com claras características de dissonância cognitiva

(ROCHA J., 2021) O jeito como o Presidente se expressou durante a pandemia de Covid-19 gerou desconforto e críticas de alguns entrevistados. De acordo com o motorista de aplicativo e IAT, Roberto Lorente, 38 anos, a comunicação em relação a doença foi o ponto fraco de Jair Bolsonaro. "Eu acho que ele [Jair Bolsonaro] pode ter dado uma ramelada, ele pecou nesse assunto [pandemia Covid-19], porque assim eu não sou hipócrita, ele tem umas brincadeirinhas, ele deu uma zoada nisso".

Nesse ponto, o analista tributário Wesley Lima, 31, concorda com Lorente. "Acredito que esse foi o único erro do Presidente com relação ao governo dele, porque essa questão - não necessariamente da condução [da pandemia], mas da forma como ele se pronunciava - acredito que foi aí que ele pecou".

Para a analista societária Daiane Costa, 30 anos, o comportamento de Jair Bolsonaro poderia ter sido outro. "Creio que ele poderia ter tomado várias outras atitudes na pandemia com relação às vacinas, principalmente, porque eu creio que hoje se ele não tá eleito no primeiro turno, foi por conta das vacinas né?".

Segundo o comerciante Marcos Sanchez, 57, houve erros e acertos na condução da pandemia:

> Ele [Jair Bolsonaro] não precisava ser chucro e bater o pé em certas coisas, mesmo ele tendo razão em muitas coisas e agora vai acabar se provando, logo, logo, vai acabar aparecendo - na minha opinião - muitas coisas que ele [Jair Bolsonaro] tinha razão. Mas não era papel de um Presidente da República ficar batendo pé e aparecendo em público, indo numa padaria sem máscara (Marcos Sanchez, 57 anos – Comerciante).

A lógica populista de Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19 ocorreu em aglomerações sem nenhuma distância social, contra o uso de máscaras de proteção contra a doença. A "liturgia da transgressão" (BARROS e LAGO, 2022, p.122) de Bolsonaro encontra a necropolítica no momento em que se aproxima do povo e o coloca em risco pela circulação do vírus, sem que haja qualquer proteção ou indicação de higienização com álcool em gel.

Em suma, nada escapou da politização[353] na pandemia de Covid-19, nem o uso de máscara de proteção individual para cobrir boca e nariz e manuseio de álcool em gel, que foi aprovado pelo Congresso Nacional e vetado pelo Presidente da República. Toda

[353] CANCIAN, Natália. **Luta de Bolsonaro contra máscara é política e prejudica combate à Covid, dizem especialistas.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/luta-de-bolsonaro-contra-mascara-e-politica-e-prejudica-combate-a-covid-dizem-especialistas.shtml> (Acesso em: 09/12/2023).

atuação de Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19 demonstrou intencionalidade na desinformação, em omissões e atitudes que operavam para levar o caos e a intimidação (NOBRE, 2022; AVRITZER, 2020) em um projeto necropolítico suicidário.

Para Teixeira e Silva (2022, p.27), trata-se de uma estratégia "suicida" (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.27). Safatle (2020), com base em Paul Virilio, observa a ascensão de um Estado suicidário, para além da necropolítica do Estado que combina a gestão da morte e o flerte com a sua própria destruição. Jair Bolsonaro deixa isso claro com frases durante a crise sanitária como "vai morrer gente"[354], "Brasil tem de deixar de ser país de maricas e enfrentar a pandemia de peito aberto"[355], pois, "todos nós vamos morrer um dia"[356].

Toda atuação necropolítica de Jair Bolsonaro[357] foi investigada em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Jair Bolsonaro desqualificou a CPI em diversas declarações e deixou claro que a possibilidade de o relatório da comissão impulsionar um processo de impeachment resvalaria na negativa divina.

"É um crime o que vem acontecendo nessa CPI da Covid-19 no Senado Federal. O recado que eu tenho para esse indivíduo, se quer fazer um show tentando me derrubar, não fará. Somente Deus me tira daquela cadeira", (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR. 2021, p.161) disse o Presidente no mês de maio de 2021, ativando o poder teológico que coloca o fundamentalismo político em circulação (ARMSTRONG, 2001; VASCONCELOS, 2008).

---

354 FERRO, Maurício. **"Vai morrer gente? Vai morrer gente", diz Bolsonaro sobre a covid-19.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/vai-morrer-gente-vai-morrer-gente-diz-bolsonaro-sobre-a-covid-19/> (Acesso em: 16/11/2023).

355 GOMES, Pedro H. **Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml> (Acesso em: 17/11/2023).

356 TAJRA, Alex. **"Todos nós vamos morrer um dia": veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm> (Acesso em: 17/11/2023).

357 O presidente Jair Bolsonaro foi indiciado na CPI por epidemia com resultado morte; infração de medida sanitária preventiva; charlatanismo; incitação ao crime; falsificação de documento particular; emprego irregular de verbas públicas; prevaricação; crimes contra a humanidade; crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo).

Para o comerciante Marcos Sanchez, 57, a CPI foi um episódio "grotesco". "A CPI que foi criada para investigar o governo foi uma das coisas mais grotescas da história da República. Um assombro de perversidade de incoerências que eles fizeram lá para combater, e as coisas erradas dos Governadores e Prefeitos nada investigado".

Jair Bolsonaro usou a lógica populista (BARROS e LAGOS, 2022) estabelecendo a fronteira do povo contra a elite do campo da ciência, do campo do jornalismo (LACLAU, 2013). O 'nós contra eles' na esfera moral fez o Presidente estabelecer o que é o certo e o que é o errado (MOUFFE, 2015) no fundamentalismo político que estabelece a verdade do bolsonarismo. Tudo o que foi na direção contrária à sua política de morte foi classificada de "politização", como a CPI da pandemia. Máscaras e álcool em gel foram rejeitados pelo Presidente dentro dessa lógica, o que caracterizou a necropolítica suicidária de Jair Bolsonaro em associação a imunidade de rebanho.

Na razão de Estado moderna, os mecanismos de dominação que contam com a sociedade disciplinar, sociedade de controle, biopolítica junto ao necropoder definem quem importa ou é descartável (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.23). É necessário admitir a faceta necropolítica implementada pelo Governo Federal que se mostrou na negação da ciência; recusa do isolamento e lockdown; do uso de máscaras e álcool em gel; na defesa da economia e do trabalho mesmo que significasse contaminação pela Covid-19, na omissão por falta de política de interrupção na disseminação deliberada do vírus em aldeias indígenas como limpeza social no favorecimento da grilagem e roubo de terras (MEI, 2021, p.153).

As ações de Bolsonaro deram origem a um mecanismo gestor da morte e da destruição por omissão ou intencionalidade, à medida que a defesa da imunidade de rebanho foi o caminho que ativou a necropolítica bolsonarista, como defendem Teixeira e Silva (2022):

> A pandemia oportunizou a simbiose entre o Estado administrador da morte e o bolsonarismo, gerando a necropolítica bolsonarista, que sobrepõe a morte à vida, na ordem do discurso, dos valores e das políticas públicas. Cada vida perdida entrou para a história apenas como um número, um dado estatístico, uma cifra que representou economia aos cofres públicos em benefício e serviços assistenciais, portanto, lágrimas e homenagens não se faziam necessárias. A soberania é exercida então enquanto direito de descartar os vivos e contabilizar os mortos (TEIXEIRA e SILVA, 2022, p.108).

Na sua necropolítica, Jair Bolsonaro chegou a dizer que uma pessoa poderia contrair o vírus da AIDS a partir da aplicação de uma vacina contra a Covid-19. A Polícia

Federal (PF) enviou um relatório ao Supremo Tribunal Federal (STF) em que caracteriza crime de Bolsonaro ter associado a vacina anticovid a AIDS[358] (TEIXEIRA e SILVA, 2022).

A *live*, transmissão ao vivo em uma rede social em que Bolsonaro fez essa associação, foi retirada do ar pelo Facebook, Instagram e YouTube, pois as plataformas julgaram que ocorreu disseminação de informações sem comprovação científica. A Procuradoria Geral da República (PGR) pediu que o STF arquivasse o inquérito sobre a mentira de Bolsonaro que ligou vacina à AIDS[359]. Desinformação, portanto, serve não só para manter ativa a necropolítica, mas para chocar o *establishment* e prosseguir com seu projeto.

4.2 Eixo Mídia

A "verdade" é um tema muito utilizado por Jair Bolsonaro e é a porta de entrada para embarcar em seu projeto. É com a indicação da verdade que o Presidente se opõe a meios de comunicação tradicionais que considera inimigos. No fundamentalismo político de Bolsonaro, a passagem bíblica João 8:32 apropriada politicamente por Jair Bolsonaro se tornou um instrumento de imposição da verdade que conduz a midiosfera extremista e seu partido digital a afrontar as notícias produzidas por alguns meios de comunicação, pela ciência, e por qualquer agente social que seja julgado como *establishment* por Bolsonaro.

Em João 8:32, Jair Bolsonaro hiperpersonaliza valores e apresenta a verdade como se ela não existisse fora de seu próprio discurso, a exemplo de seitas religiosas (CASARÕES, 2022, p.15). A semelhança do discurso de verdade de Bolsonaro com uma seita ou com uma identificação tribal (PRIOR, 2023) revela como o fundamentalismo político ativado por um poder teológico (CHAUÍ, 2006) encerra a possibilidade de debate e anula o diálogo (MIGUEL, 2018) com a pretensão da verdade revelada.

No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, a desinformação apresentada como verdade revelada é instrumento de apropriação que funciona reivindicando o

[358] MESTRE, Gabriela. **PF vê crime de Bolsonaro por associar vacina anticovid à aids**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/pf-ve-crime-de-bolsonaro-por-associar-vacina-anticovid-a-aids/> (Acesso em: 10/12/2023).

[359] CARTA CAPITAL. **PGR pede que STF arquive inquérito sobre mentira de Bolsonaro que ligou vacina à Aids**. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pgr-pede-que-stf-arquive-inquerito-sobre-mentira-de-bolsonaro-que-ligou-vacina-a-aids/> (Acesso em: 10/12/2023).

monopólio da verdade (VASCONCELOS, 2008) que estaria sendo oculta por uma ordem estabelecida que insiste em escondê-la.

Jair Bolsonaro entrou em conflito com meios de comunicação que publicam notícias contrárias a seu projeto já na campanha eleitoral de 2018 e permaneceu no ataque enquanto Presidente da República e na campanha à reeleição (CASARÕES, 2022, p.13). A política de guerra adotada por Bolsonaro na prática *antiestablishment* que se configura na dominação pelo fundamentalismo político identifica o bem e o mal a ser combatido. Parte da imprensa foi exposta como mal a ser tratado como inimigo e destruído.

Lutar pela desqualificação nulificadora (ROCHA, J., 2021, p.348) de determinados veículos do campo do jornalismo como Globo e Folha de S. Paulo perante o povo construído faz parte da estratégia *antiestablishment* de Bolsonaro. Declarações de uma liderança como Bolsonaro tem forte impacto na esfera social. Como destaca Mello (2020) "quando um ataque vem do topo da hierarquia, ele funciona como uma autorização" (MELLO, 2020, p.92).

4.2.1 Verdade do bolsonarismo

Questionamos os profanos bolsonaristas sobre o que acham da atuação da mídia, *fake news* e a respeito da sua dieta informacional. Iniciamos captando impressão que têm sobre o versículo bíblico João 8:32 "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Na percepção do analista tributário Wesley Lima, 31 anos, a liderança de Bolsonaro incentiva as pessoas a buscarem a verdade. "Ele [Jair Bolsonaro] está fazendo com que as pessoas se interessem mais por política e vá atrás do que de fato está acontecendo (...) enfim, começar a discutir o que é dito".

Segundo a advogada Bianca Borragine, 29 anos, o uso de João 8:32 por Jair Bolsonaro é um modo de conscientização. "Quando ele [Jair Bolsonaro] fala isso é uma abertura realmente dos olhos da gente que a partir do momento que você busca e que você sabe a verdade, aí sim você pode se posicionar de maneira correta, fora isso você é uma massa de manobra".

Confiança em Jair Bolsonaro é aspecto que chama atenção do motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38 anos. "Então, a gente tem o direito de saber a verdade e a gente tem direito de escolher o que a gente quer a gente tem direito de escolher a verdade. Por isso que eu sou bolsonarista, eu confio no cara".

A produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43 anos, afirma que sabe decifrar o discurso verdadeiro de uma pessoa pelo tom de voz e pela postura corporal devido aos ensinamentos que teve na comunicação social. Depois de analisar Jair Bolsonaro, ela enxerga verdade em sua liderança:

> Quando ele fala, você vê verdade nos olhos dele, você vê verdade no tom de voz, na postura corporal dele, a gente que estudou comunicação sabe, lê a pessoa, a gente percebe quando tá mentindo e quando não tá, então, ele é gente de verdade, ele não é um personagem que foi criado pra agradar quem odeia ele, ele não usa isso para se manter no poder, não mente para ficar no poder, ele não faz nada só para agradar ninguém, nem os que odeiam ele para conquistar e nem quem tá em cima do muro, enfim a gente percebe nele uma verdade, entende? (Renata Damasceno, 43 anos – Produtora de Conteúdo).

Dinâmica populista de Jair Bolsonaro se verifica na fala de Renata Damasceno com o rompimento do falso bom comportamento do políticos do *establishment* (BARROS e LAGO, 2022, p.115). Aos olhos da produtora de conteúdo, por ser uma figura simples, "gente como a gente" como é dito no senso comum, Jair Bolsonaro não se vale de mentiras e pronuncia discursos de verdade que transparecem em suas expressões corporais.

No relato de Renata Damasceno, Roberto Lorente, Bianca Borragine e Wesley Lima, o fundamentalismo político de Bolsonaro surge na forma da ingestão de uma *red pill* (STEFANONI, 2022), que cumpre o propósito de uma operação cognitiva que traz a concepção correta de mundo que estava ocultada pelo *establishment*. João 8:32 no discurso bolsonarista funciona como uma *red pill* que encoraja o enfrentamento (CESARINO, 2022, p.243).

O contador Milton Bastos, 65 anos, demonstra o efeito da *red pill* que esclarece a verdade revelada do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro:

> Todos os brasileiros eram cegos politicamente, eram todos cegos. Mas quando você começa a ouvir a verdade e mostrando a verdade, não adianta falar, você tem que fazer, você tem que mostrar. Hoje, todos nós sabemos quem fala a verdade e quem fala a mentira. E quem age a favor da verdade e quem age contra a verdade. Então hoje, isso tá muito claro pelo menos para 50% da população, 60% da população. Os que ainda se comunicam só através dos meios de comunicação, a verdade não chegou pra eles ainda. Porque a mídia convencional ainda pra muita gente é o único meio de comunicação. Então ela só leva mentira e conhece aquilo, fala mentira todo dia e ela passa a ser verdade, é o que vale pra essas pessoas que têm menos informações. A mídia tradicional não traz verdade, mas hoje temos mais pessoas falando a verdade na mídia alternativa do que mentiras. E hoje a gente consegue identificar quem fala verdade e quem fala mentira. Fica a critério de cada um o que seguir (Milton Bastos, 65 anos – Contador).

Milton Bastos sintetiza bem a *red pill* da verdade revelada por Jair Bolsonaro: brasileiros eram "cegos politicamente" antes do direcionamento de Bolsonaro e a verdade abriu o campo de visão de quem não enxergava porque era impedido. A liberdade bolsonarista nasce desse impedimento de uma elite que forma o *establishment* e que precisa esconder a verdade para a manutenção de seus privilégios.

Jair Bolsonaro e a midiosfera extremista alimentam a câmara de eco (RECUERO et al, 2021) da desinformação ao incentivar que o bolsonarismo dê ganhos de audiência que garantam engajamento nas redes sociais a influenciadores que acabam por reforçar o discurso *antiestablishment* do Presidente contra os meios de comunicação tradicionais. O Senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) em sua conta na rede social Twitter (atual X) explicitou esses nomes:

> Quer se manter informado? N°1 @oproprioolavo. @tercalivre. @conexaopolitica. @renovamidia. @jornalbsm. @alexandregarcia. @bernardopkuster. @allantercalivre. @lilovlog. @camila_abdo. @profpaulamarisa. @valeriabnews. @visamacro. @oproprioponte s. @winstonling. @isentoes2. @anapaulavolei (BOLSONARO, F. 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p.78).

Esta é parte da tropa que compõe a linha de frente da midiosfera extremista bolsonarista. A estratégia principal que os liga é o combate a esquerda como inimigo, insuflando seguidores a uma revolta que estimule o *flaming*, o *doxing*, (ARANHA, 2014; DOUGLAS, 2016) gerando engajamento e normalizando o ódio como combustível à ação.

Deixar a retórica do ódio (ROCHA J., 2021) fluir sem uma resposta é tarefa difícil, mas cumpre função de não dar mais visibilidade a este discurso. Provocações respondidas pelos inimigos do bolsonarismo são fundamentais para o aumento do engajamento, uma vez que levam o algoritmo a dar destaque àquela postagem, o que traz o assunto discutido, geralmente polêmico ou crítico, para a agenda de interesses da extrema direita. Isso ainda resulta em um hiperengajamento que gera monetização. Assim, conseguem ao mesmo tempo a captura da agenda discutida naquele pequeno universo digital e ganhar dinheiro em cima de embates pautados pela retórica do ódio.

Profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese acreditam que eleitores do PT sofrem "manipulação" dos meios de comunicação. Eles ficam perplexos pelo fato de as pessoas votarem em Lula mesmo sabendo do envolvimento do petista em casos de corrupção. Acreditam ser muito óbvio que Lula roubou e que os meios de comunicação

construíram a ideia de que Jair Bolsonaro é um "genocida" devido a atuação na pandemia de Covid-19. Fugir dessa manipulação apontada pelos profanos bolsonaristas só pode decorrer de entendimento livre que se baseie no resgate da verdade. "Essas pessoas precisam da verdade porque não é bem assim e a mídia colocou isso na cabeça das pessoas", lamenta a analista societária Daiane Costa, 30 anos.

4.2.2 *Fake news* para os bolsonaristas

Fake news são classificados como "notícias falsas", "notícias mentirosas" para quase todos os profanos bolsonaristas, com exceção de alguns entrevistados que definiram *fake news* em tom jocoso: "*fake news* é o PT". Nenhum dos entrevistados assumiu a produção e a disseminação de *fake news* por Jair Bolsonaro por si mesmos ou por conhecidos, ato que foi atribuído exclusivamente ao PT e as esquerdas.

O empresário Jean Simão, 31 anos, garante que o discurso vitimista do PT começa com Lula, pois ele teria mutilado o dedo da mão para ganhar benefícios do Estado e para elevar sua notoriedade entre os trabalhadores no sindicato. "A vida inteira roubou [Lula], eu sei de gente que falou, gente lá de São Bernardo, os caras que eram da metalúrgica, que ele arrancou o dedo de propósito, para entrar na mamata, pra entrar lá na turma".

Conteúdos discursivos carregados de medo ou ódio como registrados por Jean Simão, 31, são sedutores para o repasse de uma desinformação ou *misinformation*, abrindo mais espaço para convicções do que para a verdade factual. "A repetição de mensagens em grupos de afinidade leva à familiaridade, que, por sua vez, leva à aceitação" (BRUNO e ROQUE, 2019, p.21), e essa repetição de si mesmo operada pelo filtro bolha (PARISER, 2012) e pelas câmaras de eco garantem a crença por meio do viés de confirmação (RECUERO et al, 2021, p.4).

Ao mostrar indignação com o discurso de desinformação de controle da mídia por Lula, o motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, refere-se ao petista como "9 dedos", "vagabundo", "safado". Esse tipo de desqualificação nulificadora que verbaliza a retórica do ódio é normalizada por Olavo de Carvalho e outras forças políticas dentro do campo político (ROCHA J., 2021).

Na esfera moral onde o bolsonarismo se enxerga como o bem que combate o mal petista, xingamentos são vistos como corretos e servem como elementos de distinção, estabelecendo a fronteira entre indignados repletos de virtudes positivas e bandidos

corruptos comunistas nocivos, e assim os palavrões atingem diretamente o inimigo que tem que ser combatido com um ódio normalizado.

O comerciante Marcos Sanchez, 57 anos, denuncia a existência de muitas *fake news* produzidas pelo PT contra o PT para mobilizar a base petista, gerar engajamento e um discurso vitimista. "Eu sei de muitas *fake news* contra o PT, que é feito pelo petista. Por que ele faz isso? Para divulgar e depois falar - "Estão divulgando." A maioria é isso que acontece, eles próprios lançam as *fake news* para ser desmascarados depois", disse o comerciante sugerindo a verdade para combater a prática desinformativa do inimigo. "Por isso que a gente tem a obrigação, todo mundo, de procurar a verdade, saber a verdade e propagar só a verdade", completa.

Segundo o empresário Júlio Fared, 45 anos, as esquerdas tem um modo de operação próprio que ele define: "acuse-os do que você faz, chame-os do que você é". No universo conservador e reacionário, essa é uma frase muito comum, repetida por diversas forças políticas. Cesarino (2022) explica que raciocínios que buscam a verdade ou mentira, bem e mal, amigo e inimigo com uso de frases como "Olavo tem razão" ou "acuse-os do que você faz" são parte de um padrão cognitivo no bolsonarismo (CESARINO, 2022, p.127).

Em um contexto de crítica a lideranças de esquerda na América Latina, em especial Evo Morales, que disputava eleições na Bolívia, o Presidente Jair Bolsonaro citou a frase e a atribuiu a Lênin: "Eles sempre usam as armas da democracia para conseguirem seus objetivos e depois mudam completamente. E tem aquela máxima de Lênin: 'acuse-os do que você faz, chame-os do que você é'"[360].

A afirmação de Jair Bolsonaro de que "eles", do *establishment* fazem uso de "armas da democracia" revela essa disputa pelo significante da democracia. A origem da frase 'acuse-os do que você faz' provém do chamado "Decálogo de Lênin" que é uma lista de regras para realizar uma revolução de maneira silenciosa. Estadão Verifica[361] fez a checagem e descobriu ser uma adaptação de um texto com o título "Communist Rules

[360] URIBE, Gustavo. **Bolsonaro ameniza discurso e diz que não pretende ter problema com Evo.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/bolsonaro-ameniza-discurso-e-diz-que-nao-pretende-ter-problema-com-evo.shtml> (Acesso em: 11/12/2023).

[361] LIMA, Samuel. **Boato sobre 'decálogo de Lenin' adapta farsa difundida na época da Guerra Fria**. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/boato-sobre-decalogo-de-lenin-adapta-farsa-difundida-na-epoca-da-guerra-fria/> (Acesso em: 11/12/2023).

for Revolution", ou "Regras Comunistas para Revolução" em que a frase "acuse-os do que você faz, chame-os do que você é", foi incluído no decálogo falso - que não é validado nem mesmo pelo Brasil Paralelo[362]. Em suma, não há vestígios de que Lenin tenha dito essa frase. Entretanto, a frase "acuse-os do que você faz" acentua o antagonismo (MOUFFE, 2015).

4.2.3 Jornalismo dominante de esquerda

No antagonismo acentuado do bolsonarismo, todo universo de jornalistas está a serviço do *establishment* em uma concepção de que trabalham suas *fake news* em consonância com ideologias de esquerda. Todas as redações desses meios de comunicação tradicionais inimigos do bolsonarismo são considerados eleitores do PT ou de esquerda. "Eles estão todos ideologizados né?", diz o empresário Júlio Fared, 45.

Para o dramaturgo Alexandre Dantas, 61 anos, houve ferrenha doutrinação. "Foram doutrinadas, a minha geração e as gerações anteriores e uma ou duas posterior foram doutrinadas a serem de esquerda, era bonito ser de esquerda quando eu era jovem, e é quem está nas redações, principalmente os donos né? Quem são quem mandam", ressalta, percepção que é compartilhada com o publicitário Diogo Grezzi, 58. "São todos militantes de esquerda em sua grande maioria né", lamenta. Para eles, não só os meios de comunicação possuem redações repletas de agentes sociais à esquerda no espectro político. A ordem estabelecida é considerada tomada pelas esquerdas devido a doutrinação inicial no ensino escolar até a universidade.

"Jornalista não é pra dar opinião a não ser que seja num programa de opinião. Onde tem que dar notícia tem que dar notícia e não como eles fazem reeditando o nazismo, pra chamar o Bolso de nazista e ele não é nazista.", diz a psicóloga Fatima Abdul, 62. Ela ainda acrescenta sua visão do campo do jornalismo a partir de sua posição como agente social dentro do campo da psicologia:

> Qualquer notícia é manipulável de acordo com a forma como ela é escrita, é falada a entonação, como psicóloga, eu percebo as nuances. Talvez nem todo mundo perceba, mas as pessoas são levadas a terem a mesma opinião do jornal ou a que a notícia falada. As caras que eles fazem... aquela Monalisa [Perrone] falando do Bolsonaro com cara de nojo, também não é pra tanto (Fatima Abdul, 62 anos - Psicóloga).

[362] BRASIL PARALELO. **O Decálogo de Lenin é real? Saiba mais sobre o pensamento e os crimes do líder comunista.** Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-decalogo-de-lenin> (Acesso em: 11/12/2023).

Azevedo (2004) e Porto (2004), ao refletirem sobre o agenda setting, explicam, a partir de Cohen, que a mídia não manipula as pessoas porque não diz às pessoas como devem pensar, mas sugere sobre o que pensar (AZEVEDO 2004; PORTO, 2004). Nesse sentido, a derrocada da Globo como aparelho privado de hegemonia (PORTO, et al, 2020), em disputa com a Rede Record e Jovem Pan, revela coberturas distintas de Jair Bolsonaro e uma crise no bloco histórico mais amplo que compunha as força política pós redemocratização.

Ainda analisando a percepção de Fatima Abdul, 62, é na indistinção entre fato e opinião que a desinformação e *misinformation* encontram espaço para proliferar. Eleitora de ocasião de Jair Bolsonaro na luta contra o antipetismo, Fatima se aproxima e adentra o conflito *antiestablishment* do Presidente. Não diferenciar opinião da verdade factual gera um caos informativo. Nesse sentido, influenciadores, comentaristas, intelectuais orgânicos cumprem papel importante na retroalimentação desse circuito, pois emitem opiniões contendo desinformação que são internalizadas pelos profanos bolsonaristas como fatos. A partir disso, os profanos reproduzem opiniões como fatos nas relações interpessoais. Opinião baseada em desinformação permite caminhos para circulação de mentiras em que fatos misturam-se com ficção (CESARINO, 2022, p.225).

A deslegitimação de jornalistas e do jornalismo entre os profanos bolsonaristas atinge um pico de desconfiança declarado abertamente que se aprofundou a medida que acreditam numa campanha de destruição de Jair Bolsonaro pela mídia. “O brasileiro tem a maldade da mídia porque a imprensa foi muito maldosa, jornalismo deixou de existir, eu não acredito mais no jornalismo depois do que eu vi nesse tempo todo, não acredito mais em nenhum jornalista”, ressalta a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43.

Desconfiança no jornalismo e em instituições que contrariam o bolsonarismo como registrado por Renata Damasceno é ponto comum entre os bolsonaristas. Para Barbosa (2019, p.7), desconfiança nas instituições que sustentavam a verdade como ciência, imprensa, universidades, foi ampliada, dado que verdade é também similar a uma relação de confiança (CESARINO, 2022. p.220). Como ressalta Bruno e Roque (2019, p.18), e já mencionado, não estamos vivendo uma crise da verdade, porém, uma crise no jeito que a verdade é alcançada.

4.2.4 Globo e Folha de S. Paulo a serviço das *fake news*

Maioria dos profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese acredita que os meios de comunicação tradicionais que contrariam o bolsonarismo como Globo e Folha de S. Paulo produzem *fake news*, com ressalva a Jovem Pan, mídia que obtém confiança do bolsonarismo. "O jornalismo não fala a verdade porque ele virou hoje uma propagação de *fake news*. A gente vê a mídia mentir demais", diz a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43.

Para o contador Milton Bastos, 65, até as pessoas menos informadas, crianças ou adolescentes sabem que os meios de comunicação tradicionais não dizem a verdade. "Os comentaristas hoje fazem um contorcionismo de uma mentira para torná-la verdade". "Assistia esse Globonews antigamente, não tenho mais nenhum prazer", completa o contador ao transparecer a mudança na sua dieta informacional a partir da influência de Jair Bolsonaro.

Estamos no centro da arena de lutas em que a verdade factual fragilizada é apropriada politicamente como advertiu Hannah Arendt. Adiciona-se a isso a verdade operada pelo fundamentalismo político. Diferentemente da percepção deste pequeno universo bolsonarista, não é possível que o jornalismo dos meios de comunicação tradicionais produza *fake news*, uma vez que buscam a verdade factual. Não significa que jornais sejam neutros, sem posição e atuação política, mas que o jornalismo tem como objetivo informar seguindo práticas de apuração, checagem, redação mais próxima do factual. Só depois dessas etapas se tornam notícias (AMORIM, 2022).

Ainda que a notícia sobre determinado fato seja uma representação do real, o jornalismo busca a verdade de um fato. No ciclo jornalístico de produção de uma notícia não pode-se afirmar que jornais tradicionais dominantes no campo do jornalismo brasileiro produzam *fake news* ou desinformação intencional, pois o principal troféu neste campo é a busca da verdade factual, o que não quer dizer que não possam errar no processo de apuração até a publicação.

Por isso, o jornalismo tem compromisso com a verdade factual ao admitir erros na apuração de uma matéria. Em suma, o objetivo dos agentes sociais dominantes no campo do jornalismo é que a verdade factual se torne prêmio para acúmulo de mais capital simbólico e social e consequentemente mais dominância no campo.

Na concepção bolsonarista, o jornalismo tradicional produz *fake news* com objetivo de desgastar e derrubar o Presidente Jair Bolsonaro. “Acredito que eles gostem de trabalhar muito com essa parte de mentira pra denegrir a imagem do Bolsonaro”, comenta o motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38. “Falta transparência das emissoras pra falar coisa positiva do cara”. Para ele, a TV Globo colocou no ar muitas *fake news* contra Jair Bolsonaro:

> Nesse mandato dele, desses 3 anos e 9 meses, eu acho que muita *fake news* foi falado dele [Jair Bolsonaro] na Globo, em outros canais ai, em jornal. Porque eu vi, não me recordo muitos, mas me lembro de muitas coisas que foram postadas que o próprio filho dele, o Carlos, ia lá e rebatia “olha, isso não é verdade, porque meu pai fez outra coisa”, então, eu creio que eram muitas as *fake news* falando sobre o [Jair] Bolsonaro (Roberto Lorente, 38 anos – Motorista de Aplicativo e Instrutor de Armamento e Tiro).

No relato de Roberto Lorente, 38, a *fake news* contra Jair Bolsonaro na prática é a verdade factual provocando ruído na dissonância cognitiva. A checagem da informação dentro da bolha junto ao próprio grupo político de Jair Bolsonaro faz a desinformação original ressoar e ser legitimada por pares pelo viés de confirmação.

Jair Bolsonaro nunca tentou regular os meios de comunicação como prega Lula na opinião do dramaturgo Alexandre Dantas, 61 anos, “apesar da mídia bater nele desde quando ele era candidato, ao contrário do que tentaram vender, ele não foi ditador, porque ele apanhou e deixou todo mundo bater, nunca falou em regular imprensa, simplesmente respondia na mesma altura”. Uma resposta “na mesma altura” como sugere o dramaturgo não se verifica com os frequentes ataques de Jair Bolsonaro a alguns jornalistas (como visto no segmento 3.4.2) acentuando antagonismos e estimulando desconfiança, violência física e simbólica contra jornalistas.

Segundo o contador Milton Bastos, 65, têm perguntas de jornalistas que tem tom provocativo e não devem ser toleradas. “Pessoal que entra com as perguntas provocando pra ver qual é a reação dele [Jair Bolsonaro]. Tem coisas que não dá pra você aguentar, pô! Não tem uma reportagem que fala de benefícios”. Como aponta Rocha J. (2021), bolsonaristas tem uma pedagogia com a retórica do ódio que leva a desumanização do outro (ROCHA, 2023, p.33).

Para a corretora de seguros, Eloisa Correia, é clara a perseguição de alguns veículos de comunicação contra Jair Bolsonaro. A corretora de seguros explica sua percepção da reação de Jair Bolsonaro em relação a essas mídias:

> Sabe o que acontece? Eu me vejo no Bolsonaro no seguinte aspecto, mano, você imagina todo dia, toda hora que você abre o olho até a hora que você fecha tem alguém te enchendo o saco e metendo o pau em você? Na vida militar não tem pão, pão, queijo, queijo, mano é isso e acabou. A tolerância é zero numa educação militar, quando eu falo tolerância zero é nos mimimi da vida, tá? Aí todo dia "Ai porque o Bolsonaro falou que a mulher tem braço cabeludo. Ai porque o Bolsonaro falou que não vai dar absorvente pra mulher", Porra! Que saco! A mulher lá da minha comunidade paga 100 conto pra ir botar unha de gel, eu não tenho unha de gel que custa 100 conto, ai tem que pagar isso, tem que pagar aquilo, porra! O Governo Federal tem que ter quantas tetas? Um bilhão de tetas e ninguém faz nada? (Eloisa Correia, 50 anos – Corretora de Seguros).

4.2.5 Dieta informacional dos bolsonaristas

Na dieta informacional dos profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese, Jovem Pan, Record e SBT são veículos confiáveis enquanto Globo, Folha de S. Paulo e UOL são veículos passíveis de desconfiança. Absolutamente todos os entrevistados tem essa posição de confiança na Jovem Pan, na Rede Record e no SBT.

O portal R7 tem a confiança do fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, da corretora de seguros Eloisa Correia, 50, do empresário Jean Simão, 31, entre outros entrevistados. A percepção comum entre eles é a de que se trata de um jornalismo que precisa melhorar a qualidade de seu conteúdo, mas que é correto na cobertura das atividades do Presidente da República. O motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, acredita que SBT e Record não atuam politicamente contra Jair Bolsonaro e por isso podem trazer um enfoque equilibrado. "No SBT e na Record o pessoal tenta falar sempre o lado positivo do Bolsonaro".

Cobertura da Rede Record se alinha a agenda política de Jair Bolsonaro. É uma aliança política com a Record TV e em menor grau com o SBT (PORTO et al, 2020, p.7, 29). A composição entre Record e Jair Bolsonaro é sintoma de uma crise hegemônica, dado a posição dominante da Globo no campo da mídia como principal aparelho privado hegemônico (PORTO et al, 2020, p.29) do país.

Ligada à igreja Universal do Reino de Deus (IURD), do bispo Edir Macedo, a Rede Record dedica toda a programação da madrugada a transmissão de cultos religiosos com orientação neopentecostal e atendimentos ao vivo com as pessoas. A Globo, por sua vez, tem forte discurso associado a igreja católica, porém, oferecendo espaço reduzido na programação para missas que são realizadas apenas nas manhãs de domingos. Estas ligações são parte da crise hegemônica instalada pelo atrito de projetos opostos.

Para o publicitário Diogo Grezzi, 58, poucos veículos são realmente confiáveis. "Só assisto a Jovem Pan e a Fox News as vezes". Segundo ele, é nítida a divisão partidária existente no portal R7, do Grupo Record. "Quando não estou na Jovem Pan, por exemplo, o portal, ele é meio ruim de notícia, o R7, e ali você vê bem a divisão entre gente que é petista e Bolsonarista dentro da própria redação, você consegue ver que tem os dois lados, não consigo usar globo.com", completa.

SBT e Rede TV também são veículos bem avaliados pelos profanos bolsonaristas. Na visão do contador Milton Bastos, 65, a emissora de Silvio Santos faz bom jornalismo e o jornal "Alerta Nacional", comandado por Sikêra Jr.[363] não produz *fake news*. "O SBT também trabalha bem. O jornalismo do Sikêra Jr. também fala a verdade, não é de ficar mentindo não".

Para Felizola (2022, p.136), Jovem Pan se tornou veículo oficial das novas direitas. Na concepção do relações públicas, Pietro Barbosa, o jornalismo "hegemônico" deixa a desejar. "Confio mais na 'A Gazeta do Povo', o 'The Telegraph' da Inglaterra, a 'Fox News', a 'Sky News', a 'ACI digital' que é ligado à igreja católica (...) e na Jovem Pan".

Empresária Fernanda Buchner, 52, afirma gostar muito da TV Jovem Pan[364] porque é um veículo com comentaristas de direita e de esquerda no espectro político, o que passa a ela a impressão de busca de imparcialidade. Como estão ao volante do carro na maior parte do dia, o motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, e o empresário Júlio Fared, 45, escutam muito a Jovem Pan pelo rádio. "Sempre estou dirigindo e escutando a Jovem Pan porque confio muito naquele pessoal, nos repórteres deles, confio muito nessa instituição".

Já Fared passa por boa parte da programação da emissora. "Eu coloco na Jovem Pan de manhã até de noite vou ouvindo todos os programas que quando eu tô no carro,

[363] José Siqueira Barros Junior ou Sikêra Junior é apresentador de televisão e radialista. Ganhou notoriedade em todo o Brasil com o programa "Alerta Nacional" exibido pela RedeTV. Aliado de Jair Bolsonaro, é conhecido pelos comentários homofóbicos e por comemorar a morte de criminosos em seu programa de forma jocosa. Foi demitido da emissora em abril de 2023.

[364] A Jovem Pan News estreou em outubro de 2021 em TV por assinatura. Muito da programação do canal é vinculada ao que é transmitido na rádio. Toda a programação da TV pode ser acessada abertamente pelo YouTube e pelo aplicativo Panflix.

então eu pego o jornal da manhã na Jovem Pan, o Pânico na hora do almoço o Pingo nos I's todos os jornais que passam na Jovem Pan eu sigo bastante".

Aliada ideológica do governo Bolsonaro, a rádio Jovem Pan triplicou as verbas de publicidade angariadas do Governo Federal. No último ano de governo Temer, em 2018, a Secom destinou R$ 840 mil com intuito de que as rádios do grupo Jovem Pan veiculassem propagandas do governo. O valor disparou nos anos seguintes, chegando a R$ 2,5 milhões em 2021[365]. O grupo Jovem Pan lançou um canal de televisão por assinatura homônimo com aposta no jornalismo[366].

Jovem Pan se tornou a voz do bolsonarismo, com discurso alinhado a Bolsonaro na desconfiança do sistema eleitoral, ataque aos Ministros do STF e apoio a qualquer ação do governo. Se este posicionamento não fica claro nas notícias, é no debate entre comentaristas que estes temas direcionam o bolsonarismo, ainda que a Jovem Pan frise que a opinião dos comentaristas não reflita necessariamente a opinião da emissora. Augusto Nunes, José Maria Trindade, Paulo Figueiredo, Ana Paula Henkel, Roberto Mota, Guilherme Fiúza, Zoe Martínez, Adrilles Jorge, Caio Coppola, se tornaram linha de frente na disseminação da mensagem bolsonarista. Nos debates, tratam Lula como ex-presidiário (carregando a fala em tom negativo), apresentam a imprensa como "velha", embora a JP tenha 80 anos de existência, chamam os Ministros do STF de ativistas de toga.

O programa Pingo nos Is da JP passa dos 180 mil ouvintes por minuto, o que corresponde a 38% mais do que a Bandnews, segunda colocada, de acordo com levantamento da Kantar Ibope em junho de 2022. Por volta de 2,8 milhões de pessoas na capital paulista por mês acompanham o jornalismo da Jovem Pan[367]. Felizola (2022) acredita que a JP busca se tornar um canal de direita no estilo reacionário da Fox News americana que se transformou em um meio de comunicação aliado de Donald Trump.

---

365 CHAVES, Eduardo. MAZZA, Luigi. BUONO, Renata. 2022. **A propaganda é a alma de reeleição**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/propaganda-e-alma-da-reeleicao/> (Acesso em: 12/12/2023).

366 JOVEM PAN NEWS. **Canal Jovem Pan News estreia na TV por assinatura e na parabólica**. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/canal-jovem-pan-news-estreia-na-tv-por-assinatura-e-na-parabolica-confira-novidades.html> (Acesso em: 12/12/2023).

367 SOPRANA, Paula. PASSOS, Paulo. WIZIACK. Julio. **Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml> (Acesso em: 12/12/2023).

“Os programas são claramente voltados para a defesa do presidente” (FELIZOLA, 2022, p. 136).

Internet é outro espaço em que a Jovem Pan soube expandir sua audiência. Profanos bolsonaristas citaram acompanhar a emissora no Youtube ou por aplicativos de mensagens. “Mídia assim convencional eu só ouço a Jovem Pan. Aqui no celular, no Whatsapp, não vejo pela TV. ‘Direto ao Ponto’, tudo pelo Whatsapp. Vejo vídeos no Youtube. É o que eu mais confio”, assume o contador Milton Bastos.

Como lembra Cesarino (2020), WhatsApp entrou na percepção que traz a possibilidade de verdade e liberdade de expressão, ao passo que alguns jornais tradicionais passaram a ser classificados como instrumentos para disseminação de *fake news* e manipulações de notícias. “Nesse contexto, torna-se cada vez mais difícil diferenciar mídia centralizada e oficial de mídia informal e descentralizada; discernir verdades de rumores; fatos de conspirações” (CESARINO, 2020, p.107).

A advogada Bianca Borragine, 29, também assiste ao conteúdo da emissora pela internet. “Eu procuro ver jornal na internet, sempre assisto Jovem Pan, CNN e costumo fazer paralelo entre elas. A TV aberta não considero informação, quando vejo algo que me espanta, vou na internet, busco as fontes mais seguras pra chegar numa conclusão minha”.

Já a gerente comercial Barbara Neuman, 49, acompanha a Jovem Pan pelo YouTube nos seus deslocamentos diários pela cidade. “Jovem Pan eu acompanho mais no Youtube porque ultimamente eu tenho tempo no metrô, ônibus”.

Google foi muito citado entre alguns entrevistados como fonte principal de informações, além da Jovem Pan. O empresário Jean Simão, 31, ressalta o mecanismo de buscas online e a validação posterior nas relações interpessoais. “Procuro geralmente no Google. Depois, se tenho dúvida, faço a validação com alguém que saiba”. Kerena Rodriguez, 55, analista de sistemas, tem a mesma percepção de Simão. “Eu confio mais no que eu pesquiso pelo Google. Outro meio de comunicação é conversar com as pessoas, ‘olha vi essa matéria, o que você acha? acha que isso é verdade?’; então vai juntando tudo, pra ter um equilíbrio’ de informação”.

A pesquisa no Google combinada as relações interpessoais também aparece na visão da gerente comercial Barbara Neuman, 49. “Eu procuro muitas informações na

internet, no Google, pai Google ajuda muita gente, e às vezes eu pergunto muito pro meu sobrinho porque eu falo assim 'recebi tal informação, o que você acha? onde que eu posso ver". A pesquisa de notícias pelo Google junto a diálogos dentro das bolhas estabelecidas reforça a câmara de eco e a dissonância cognitiva coletiva destes profanos bolsonaristas, o que levou Rocha (2023) a observar um tipo de dissonância cognitiva coletiva no bolsonarismo (ROCHA, 2023).

Transmissões ao vivo foram recursos muito utilizados por Jair Bolsonaro para se comunicar diretamente com seu público. Nas tradicionais *lives* transmitidas todas as quintas a noite pelas suas redes sociais, Jair Bolsonaro desmentia verdades factuais, trazia desinformações e comentava sobre seu governo. Na concepção da estudante Stephany Santana, 22, Jair Bolsonaro faz *lives* para mostrar a verdade que estes meios de comunicação não mostram. "Acho que a mídia mente muito em respeito ao Bolsonaro e percebo que ele [Jair Bolsonaro] faz as *lives* dele pra falar".

Gatekeepers escancarados pelas redes sociais, com mediação algorítimica, levam as pessoas a entender as informações que são importantes para si, sem que estas notícias passem pelo filtro com a ação de editores de jornais (PARISER, 2012, p.62). Jair Bolsonaro conseguiu contornar os *gatekeepers* (FISHER, 2022, p.328) e com isso retirou o filtro que controlava a distribuição da verdade factual, o que levou as pessoas a terem outras formas de alcançar o que ele chama de verdade através de seu fundamentalismo político (AMORIM, 2022). Construção de uma nova hegemonia precisa da desconfiança da mídia contrária ao projeto e da comunicação direta com a liderança, contornando o *gatekeeper* (LYNCH e CASIMIRO, 2022, p.105).

Júlio Fared, 45, empresário, foi o único profano bolsonarista que citou espontaneamente um canal de YouTube, Barbara do "Te Atualizei"[368]. "Eu assisto bastante, ela sintetiza bastante o que está acontecendo na semana política, ela ajuda muito nisso", diz. Fared também cita de passagem o canal de Alessandro Santana ou "Canal do Negão"[369].

[368] Barbara Destefani é jornalista e influencer. Criou no YouTube o canal Barbara "Te Atualizei" onde diz comentar política com humor. Aliada ao presidente Jair Bolsonaro, já teve contas suspensas nas redes sociais por disseminar desinformação e é investigada no inquérito das *Fake News*. O canal Te Atualizei tem mais de 1 milhão e meio de inscritos. (Acesso em 01/10/2023).

[369] Alessandro Santana da Silva é empreendedor e comentarista político. Fundou o "Canal do Negão" que possui 711 mil inscritos (Acesso em 01/10/2023) e é frequentemente convidado para participar de programas da Jovem Pan.

Todos os comentaristas de notícias citados trabalham ou trabalharam na Jovem Pan em algum momento nos anos da gestão Jair Bolsonaro. Caio Coppola[370], Rodrigo Constantino e Alexandre Garcia[371] são os mais lembrados pelos profanos bolsonaristas seguidos de José Maria Trindade[372], Paulo Figueiredo[373], Ana Paula Henkel[374], Adrilles Jorge[375], Zoe Martinez[376], Augusto Nunes[377], Roberto Motta[378]. Todos estes comentaristas, com exceção de Trindade, de perfil mais moderado, estimularam a ruptura democrática ao desqualificar o sistema eleitoral brasileiro.

Recuero (2020) sublinha que práticas de legitimação pela desinformação são validadas. Autoridade e a replicação dos conteúdos são aspecto importantes para a legitimação da desinformação. "Discursos com maior validação utilizaram textos opinativos para apresentar a informação em questão (RECUERO, 2020, p.401). Desinformação que parte de Jair Bolsonaro pode chegar diretamente aos bolsonaristas ou pode ser filtrada e reelaborada por influenciadores e até atingir seu destino. Possível também que essa desinformação passe por tratamento nas mãos de uma série de agentes

[370] Caio Coppola é jornalista, comentarista de política conservador. Alinhado as ideias de Jair Bolsonaro, esteve na Jovem Pan em 2019. Retornou à emissora em 2021onde ficou até 31 de outubro de 2022, quando foi demitido. Foi um dos comentarista que estimulou a ruptura democrática.

[371] Alexandre Garcia é jornalista e comentarista de política. Conservador, foi porta voz de João Figueiredo, último presidente da República do período da ditadura civil militar de 1964. Garcia foi contratado pela Jovem Pan depois de ter sido demitido pela CNN por disseminar o tratamento precoce de Covid-19. Foi um dos comentaristas que estimulou a ruptura democrática.

[372] José Maria Trindade é jornalista, comentarista político, correspondente da Jovem Pan em Brasília.

[373] Paulo Figueiredo Filho é jornalista, comentarista político. Neto do ex-ditador presidente da República, João Figueiredo, incentivou a ruptura democrática.

[374] Ana Paula Henkel é ex-jogadora de vôlei, comentarista de política da Jovem Pan. Demitida em novembro de 2022 pela Jovem Pan, foi uma das comentaristas que estimularam a ruptura democrática.

[375] Adrilles Jorge – Ex participante do reality show Big Brother Brasil, jornalista e comentarista político, foi demitido da Jovem Pan por um gesto nazista em fevereiro de 2022 e foi recontratado em março de 2022 onde ficou até sair para ser candidato em abril do mesmo ano. Foi um dos comentaristas que estimularam a ruptura democrática.

[376] Zoe Martinez é cubana naturalizada brasileira, estudante de Direito, comentarista de política da Jovem Pan. Foi demitida em janeiro de 2023. Foi uma das comentaristas que estimularam a ruptura democrática.

[377] Augusto Nunes é jornalista e comentarista político. Foi demitido da Jovem Pan em 31 de outubro de 2022. Foi um dos comentaristas que estimularam a ruptura democrática.

[378] Roberto Motta é escritor, engenheiro, comentarista de política. Atualmente trabalha na Jovem Pan, sendo um dos comentaristas que estimularam a ruptura democrática que permaneceram na emissora.

sociais em uma rede cheia de ramificações que formam uma midiosfera extremista (ROCHA J.,2021). Recuero (2020) observa essa legitimação por autoridade:

> Dependendo do ator que aparece no texto original (um líder de opinião, por exemplo), podemos encontrar uma legitimação por autoridade. Além disso, a pessoalidade da opinião do ator que é anexada à desinformação (notadamente sob a forma de avaliação moral ou alguma racionalização juntamente com o link para a informação falsa, vídeo ou imagem) também incorpora a autoridade ao texto (RECUERO, 2020, p.401)

Ferraretto et al (2023, p.17), ao analisarem os acontecimentos de oito de janeiro de 2023, perceberam como comentaristas da Jovem Pan tem um "apelo de autoridade" para validar ideias falsas. Comentaristas se valem do recurso da repetição dentro da bolha bolsonarista e da força do poder da voz – que estimula a agitação (FERRARETTO et al, 2023, p.18; PARISER, 2012).

A advogada Bianca Borragine, 29, diz gostar mais de Coppola. "Eu tô assistindo bastante Jovem Pan, então os comentaristas gosto muito Caio Coppola". "O que mais acompanho de comentarista político é o Caio Coppola acredito que ele seja o mais preparado e o mais lúcido nos comentários", diz o analista tributário Wesley Lima, 31. "Eu adoro aquele profissional, o Coppola. Acho o menino incrível, incrível", ressalta a empresária Fernanda Buchner, 52, que também gosta da "seriedade" de Alexandre Garcia.

O publicitário Diogo Grezzi, 58, destaca seus comentaristas favoritos. "Paulo Figueiredo, acompanho todos os caras da Jovem Pan, Augusto Nunes, Zé Maria Trindade, eu gosto muito desse Paulo Figueiredo, gosto muito daquele menino que mora na Flórida, Rodrigo Constantino, Caio Coppola eu gosto muito".

O comerciante Marcos Sanchez, 57, explica suas preferências:

> Eu gosto de vários, posso citar o [Caio] Coppola por exemplo, é um cara extremamente inteligente, o Adrilles [Jorge] que não é um jornalista propriamente dito de mídia, mas acabou vinculando, Ana Paula eu gosto bastante acho ela muito sensata, ela sabe transmitir a sua opinião de uma maneira muito peculiar, muito fácil para se entender, o Alexandre Garcia que eu nunca gostei, apesar de alguns exageros, eu acho que ele se tornou necessário, mesmo não gostando muito dele (Marcos Sanchez, 57 anos – Comerciante).

Estes comentaristas atuam como intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1984) do bolsonarismo e como vimos, atingem quase todos os profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese. Nesse sentido, a técnica da desinformação não se verifica nas notícias divulgadas na Jovem Pan, mas no discurso destes comentaristas que acentuam os antagonismos assim como Jair Bolsonaro, usando da mesma forma a retórica do ódio e a

hipérbole caracterizadora (ROCHA J., 2021), além de espalhar a dinâmica populista reforçando fronteiras e a identificação do povo (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022).

Foram comuns comentários destes influenciadores estimulando o ódio e a desqualificação do sistema eleitoral com desinformações, principalmente na Jovem Pan. Recuero et al (2021) sublinham a importância que estes intelectuais orgânicos do bolsonarismo tem como líderes de opinião:

> Além dos veículos hiperpartidários, outros atores são importantes na circulação de desinformação nas mídias sociais. Líderes de opinião impactam o espalhamento de desinformação porque possuem reputação perante uma audiência, assim os líderes de opinião acabam por legitimar a desinformação. Ativistas políticos, *trolls* e *bots*, por outro lado, auxiliam a circulação de desinformação em função de sua atividade na rede, já que costumam ser muito ativos, compartilhando frequentemente conteúdo monotemático (RECUERO et al, p.2021, p.7)

Muitos entrevistados para esta tese comentaram se informar através da opinião destes comentaristas, o que reforça o viés de confirmação e o sistema de crenças bolsolavista (ROCHA J., 2021). Na luta *antiestablishment* bolsonarista, Grupo Globo e jornal Folha de S. Paulo são os veículos que lutam contra Jair Bolsonaro e devem ser combatidos. Por conta disso, Bolsonaro justifica perante seus seguidores o incentivo a hostilidade (CASARÕES, 2022, p.13).

Todas as perguntas dos veículos de comunicação tradicionais como Globo e Folha de S. Paulo feitas a Jair Bolsonaro são tendenciosas de acordo com o contador Milton Bastos, 65. “Isso é geral. 100% dos jornalistas. Exceto a Jovem Pan que faz as perguntas necessárias”.

O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, afirma confiar menos na Globo e UOL. “Acho evidente que eles fazem um jornalismo parcial e os que eu mais confio são alguns sites respeitáveis de internet e a Jovem Pan”. A empresária Fernanda Buchner, 52, segue a cartilha de rejeição bolsonarista. “Eu não assisto mais grupo Folha nada do grupo. Folha, UOL, Rede Globo, Agora, esse Jornal do Piauí (Revista Piauí). Eles ficam espalhando notícias falsas”.

A advogada Bianca Borragine, 29, expressa sua desconfiança com a TV Globo e a checagem posterior a notícias que vê na emissora. “Globo eu não confio de jeito nenhum, o resto se estiver passando ali você vai ouvir ‘ah será que é mesmo?’ vou checar e vou matar a dúvida, mas assim, a Globo pra mim não existe imparcialidade”.

O comerciante Marcos Sanchez, 57, se diz "perseguidor assumido da Rede Globo". Sua desconfiança com a emissora começou a partir da cobertura esportiva e do monopólio nas transmissões do campeonato brasileiro de futebol, o que ele relaciona com a corrupção na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). "Eu não assisto a Rede Globo e vigio a Rede Globo".

Na visão da estudante Stephany Santana, 22, Globo, Folha de S. Paulo e CNN são "lixos". "Se você ligar a televisão já está perdendo tempo". O empresário Júlio Fared, 45, desconfia de todo conteúdo de Globo e Folha. "Cara, eu não confio em nada que sai da Globo em nada que sai da Folha, UOL, Estadão eu não confio em nada do que esses caras falam, escrevem ou dizem lá, eu não confio em nada". Para ele, toda edição de matérias da Globo são construídas em cima de desinformação:

> Ninguém mais consegue ouvir e escutar os jornais comuns como os da Globo que é tolhido de mentiras *full time*, o tempo inteiro. Como eu só vejo recortes - eu não assisto mais o jornal deles (Globo) - e os recortes que eu vejo estão baseados em *fake news*, então a impressão que dá é que é só *fake news*, mas eles mostram muitas coisas de forma hipócrita como era na época dos governos anteriores, pessoas morrendo de fome em filas de hospitais e eles bilionários dividindo dinheiro e champanhes caros com o dinheiro do governo ao invés de estar na mão desse povo. Ah, pra mim esse povo não presta, velho, é tudo lixo como eles (Júlio Fared, 45 anos – Empresário).

Nesta declaração do empresário Júlio Fared percebe-se uma anteposição entre uma mídia milionária que comemora o acúmulo de dinheiro e a realidade de recursos precários em hospitais que o povo tem de enfrentar diariamente. Isto é, uma lógica populista em que a elite de esquerda da mídia está contra o povo que sofre com as pautas hipócritas que só tem objetivo de torná-los mais ricos (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022).

Estadão foi um veículo que quase não foi citado pelos profanos bolsonaristas. No entanto, apareceu na fala do despachante Murilo Freitas, 56, que acredita que o jornal segue o mesmo caminho de mentiras dos jornais concorrentes dominantes no campo do jornalismo. "O Grupo Globo, o grupo Folha de São Paulo que tem UOL, Estadão, que tem um monte de gente aí, eu tô fora".

A psicóloga Fatima Abdul, 62, relata não confiar mais na Globo por causa da "militância". "Eu amava a Globo era a única TV que tinha boa. Depois que o Bolsonaro venceu em 2018 e começou a campanha contra ele, não deixavam nem ele governar, só falavam mal". A gerente comercial Barbara Neuman, 49, desconfia da Globo por ultrapassar os limites nos ataques à Jair Bolsonaro. "O que confio menos é a Globo, a

Globo pra mim ela bateu recorde". A analista de sistema Kerena Rodriguez, 55, demonstra irritação com pautas negativas contra Bolsonaro. "Não sei se é porque eu sou Bolsonarista, me irrita ouvir falar mal do que está dando certo, a Globo é a principal, e tudo o que está relacionado a ela".

Ramos (2005, p.65) destaca que o domínio da Rede Globo a tornou, na linguagem gramsciana, um aparelho privado de hegemonia com uma "capacidade de pressão quase imperial" no poder executivo e outras instituições (RAMOS, 2005, p.75). Porto et al (2020, p.7) destacam que a televisão como veículo passa atualmente por uma crise em seu monopólio como aparelho privado de hegemonia, principalmente na figura da Rede Globo.

Significa dizer que o bloco histórico hegemônico mais amplo que engloba o protagonismo de diversos atores como igreja católica, polarização PSDB-PT com mediação do MDB, no campo político (NOBRE, 2022); e monopólio da Globo no campo da mídia, encontram-se deteriorados sem o apelo a consensos políticos construídos em décadas (PORTO et al, 2020, p.9, 10, 11).

> Apontamos para o fato de que crises hegemônicas mais profundas tendem a gerar uma instabilidade ainda maior na relação entre mídia e instituições/grupos políticos, abrindo o terreno para o surgimento de novas modalidades de alinhamento entre o sistema político e o sistema midiático (PORTO et al, 2020, p.13)

Folha de S. Paulo, assim como a Globo, enfrenta grande rejeição dos profanos bolsonaristas. Para o consultor de marketing, Leandro Faverin, 55, a Folha "não dá mais". "Acima de tudo, mal, mal feito". O relações públicas Pietro Barbosa, 21, demonstra insatisfação com o jornal. "Folha de São Paulo ultimamente eu tenho confiado menos". De acordo com o publicitário Diogo Grezzi, 58, a Folha tem uma posição política clara, embora se diga neutra, isenta, imparcial. "A Folha eu nunca gostei dela (...) a Folha sempre foi muito esquerda".

Motivo principal das pautas negativas contra Jair Bolsonaro feitas pela Globo, Folha de S. Paulo, UOL, na visão dos profanos bolsonaristas é o corte de recursos realizados por Jair Bolsonaro. Essa percepção é comum entre praticamente todos os profanos entrevistados. O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, desconfia ainda mais de Globo e Folha porque atacam Bolsonaro por causa de interesses contrariados. "Tenho ainda menos confiança nas militantes, nessas esquerdistas, caras que estão dependendo de dinheiro. Tipo Globo, CNN, Band, UOL".

Na visão do analista tributário Wesley Lima, 31, a críticas de Globo e Folha de S. Paulo aumentaram com o corte de recursos do Governo Federal. "É somente críticas e a partir do momento que se cortaram benefícios para as emissoras ficou ainda pior, então só uma relação conturbada e não vai melhorar". Jair Bolsonaro foi virtuoso ao fazer reduções segundo o empresário Júlio Fared, 45. "Ele [Jair Bolsonaro] foi muito franco e verdadeiro e por ele ter suprimido a dinheirama que esse povo recebia a troco de nada, então se voltaram todos contra ele".

Na percepção da empresária Fernanda Buchner, 52, Jair Bolsonaro agiu diminuindo recursos desses veículos para estimular a independência entre as mídias:

> Como é que esses donos desses jornais e dessas mídias informativas vão gostar de um candidato a Presidente dizer que é candidato à reeleição e que na eleição anterior cortou todas essas facilidades? Não vou te dar esse favor. Sejam independentes, seja uma mídia independente. É isso que o Bolsonaro quer. Mídia independente (Fernanda Buchner, 52 anos – Empresária).

Para a gerente comercial Barbara Neuman, 49, a intenção de Bolsonaro era genuína, combatendo o monopólio de mídia e repartindo recursos. "Não é que o Bolsonaro é contra a mídia, ele é contra os ganhos exorbitantes de uma única empresa que quer criar um monopólio - que foi um monopólio durante muito tempo no nosso país - e que hoje está dividindo com outras emissoras".

Ortellado e Ribeiro (2018) mostram empiricamente que na campanha eleitoral de 2018, o tema de que a Globo recebia muito dinheiro dos governos petistas já estava presente no debate entre eleitores de Jair Bolsonaro. Por receber dinheiro público dos governos petistas, fez-se uma ligação imediata entre a emissora e o partido além da convicção de que a Globo deve satisfação ao povo de como paga seus funcionários (ORTELLADO e RIBEIRO, 2018, p.3).

O empresário Jean Simão, 31, compreende que Jair Bolsonaro foi muito "radical": "Bolsonaro entrou e já quis mudar o sistema inteiro". É por isso que Jean Simão sublinha que esses veículos querem o retorno do PT. "Ele [Jair Bolsonaro] cortou a verba de todo esse pessoal e esses caras tão contra ele, hoje toda a maior parte dessa mídia tá forçando uma troca pra entrar o PT que antes, tipo, liberava muita verba pra esse pessoal aí", completa.

Para o despachante Murilo Freitas, 56, não se trata de fazer pautas negativas contra Jair Bolsonaro por avaliar mal sua atuação no governo, mas de construir narrativas contra o Presidente devido a insatisfação com a diminuição de recursos para estes veículos.

“Então no final das contas não é ele que é ruim, é as pessoas que querem ele porque ele não tá pagando o que pedem”. “Foi só tirar o dinheiro deles, tá aí a campanha mostrando uma comparação que a Folha de São Paulo ganhava 200 milhões no governo do Lula enquanto o Bolsonaro paga só 4 ou 2, o resultado é pancada”, completa.

Governo Jair Bolsonaro teve investimento de 47% do total de verbas publicitárias para a TV no período de 2019 e 2022[379]. TV Globo ficou com 48,5% dos recursos em 2017 e 39,1% em 2018. No primeiro ano de Jair Bolsonaro a frente da Presidência da República, esse percentual caiu para 16,3%. Em 2020, a emissora recebeu 22%; em 2021, recebeu 23% e no primeiro semestre de 2022, recebeu 25% dos recursos[380]. Houve, portanto, diminuição radical dos recursos para a TV Globo de 2018 para 2019 com queda de 22,8%, devido a ação de Jair Bolsonaro, mas esse percentual aumentou nos anos subsequentes ainda que de forma tímida.

Os percentuais da Record foram de 26,6% em 2017, 31,1% no ano 2018 último sob a administração de Michel Temer. De largada no primeiro ano do governo Bolsonaro, esse percentual subiu para 42,6%; crescimento de 11,5%. No caso do SBT, nos dois últimos anos da gestão Temer os percentuais ficaram em 24,8% em 2017, 29,6% em 2018, ao passo que subiu para 41% no primeiro ano do governo Bolsonaro.

Por outro lado, o gasto nas redes sociais em apenas seis meses de 2022 foi maior do que nos anos de 2020 e 2021. Dessa maneira, Jair Bolsonaro subverteu a norma técnica que visa maior investimento de publicidade no veículo com maior audiência que, no caso, é a TV Globo. Esse é o critério para uma emissora receber mais recursos em prejuízo de outras. Isto é, a publicidade do Governo Federal segue a audiência do veículo para compra de mídia, perfil e alcance.

Logo que assumiu a Presidência, Jair Bolsonaro inverteu os critérios técnicos ao concentrar mais recursos nas aliadas ideológicas TV Record e SBT em detrimento da

---

379 PROPMARK. **Governo Lula prioriza verba de comunicação para a TV.** 2023. Disponível em: <https://propmark.com.br/governo-lula-prioriza-verba-de-comunicacao-para-a-tv/> (Acesso em: 13/12/2023).

380 STYCER, Mauricio. **Apesar da retórica anti-Globo, governo eleva verbas para a emissora**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2022/02/04/apesar-da-retorica-anti-globo-governo-eleva-verbas-para-a-emissora.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

Globo[381]. O Tribunal de Contas das União (TCU) determinou o retorno a critérios técnicos na escolha de distribuição de verbas publicitárias depois de investigar e concluir a ausência de um método impessoal baseado apenas em dados[382]. Isso justifica o crescimento dos recursos de publicidade destinados a inimiga TV Globo, e é conveniente uma vez que foi obrigado a agir assim e pode aproveitar da audiência da emissora para divulgar realizações do Governo Federal em ano de reeleição[383].

Jair Bolsonaro estreitou laços com donos de emissoras concorrentes da TV Globo a fim de fortalecê-las. O Presidente convidou os proprietários do SBT, Record e RedeTV para o camarote de autoridades no desfile de comemorações da independência em 2021[384]. A relação entre esses veículos e Bolsonaro foi construída com entrevistas exclusivas sem questões espinhosas para o governo; pela participação do grupo bolsonarista em programas de auditório; defesa de apresentadores de programas populares como Ratinho e Sikêra Jr.

O aparecimento de Jair Bolsonaro e seu grupo político nesses programas acontece de forma descontraída, assim como as entrevistas, construindo a imagem *soft* que naturaliza o projeto bolsonarista para a audiência. Coberturas favoráveis como ocorrida por SBT e Record no ato golpista de 7 de setembro de 2021 também deram a tônica da relação entre essas emissoras e Bolsonaro. O último bloco do jornal "SBT Brasil" foi todo dedicado aos 20 minutos de fala de Bolsonaro, na íntegra[385].

---

381 FABRINI, Fábio. **Globo perde participação em verba oficial de publicidade sob Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/globo-perde-participacao-em-verba-oficial-de-publicidade-sob-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 14/12/2023).

382 FELTRIN, Ricardo. **Decisão do TCU seca torneira de dinheiro para TVs religiosas.** 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/03/03/decisao-do-tcu-fechou-torneira-de-dinheiro-para-tvs-religiosas.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

383 ANDRADE, Hanrrikson. **Pela reeleição, Planalto eleva gasto em publicidade na Globo em 75% em 2022**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/04/por-reeleicao-planalto-volta-a-globo-e-dobra-gasto-com-publicidade-na-tv.htm> (Acesso em: 13/12/2023).

384 FILHO, João. **Bolsonaro se diz perseguido pela imprensa. Mas Band, SBT, Record e Rede TV estão ao seu lado.** 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/> (Acesso em: 13/12/2023).

385 CAROLINA, Ana. MENDES, Gyssele. MELLO, Maria. GOMES, Sheley. **SBT e Record favorecem Bolsonaro e amenizam tom golpista do 7 de setembro.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/sbt-e-record-favorecem-bolsonaro-e-amenizam-tom-golpista-do-7-de-setembro/> (Acesso em: 13/12/2023).

Notícias falsas são um problema no mundo social de difícil resolução que servem como técnica no fundamentalismo político de Jair Bolsonaro para a instalação do seu projeto. Agências de checagem de notícias atuam com objetivo de desmentir e barrar essas notícias falsas e as mais notabilizadas estão ligadas a veículos de comunicação como o Fato ou Fake do G1 da Globo; UOL Confere; Estadão Verifica; Projeto Comprova que é um trabalho colaborativo de diversos veículos como Folha de S. Paulo, Estadão, Band, Estado de Minas, entre outros; associadas como a Agência Lupa, hospedada na plataforma do UOL, ou independentes como "Aos Fatos".

Na visão do despachante Murilo Freitas, 56, agências de checagem não são confiáveis por causa da vinculação com meios de comunicação que não merecem confiança e produzem *fake news*. "Agências de checagem não vejo, não perco meu tempo porque como eu vou atrás, eu já vi que muitas delas são criados pela própria Folha, a Folha julgando a si mesmo, a Folha faz o jornal ela tem empresa de pesquisa e ela tem também a de checagem, ela e a Globo".

Assim, verificamos que nem a checagem de informações possibilita a verdade factual (BYUNG-CHUL HAN, 2022, p.96), uma vez que as agências que checam conteúdos são desqualificadas, passíveis de desconfiança, e profanos bolsonaristas dizem checar o conteúdo usando seus próprios métodos. Desmascarar desinformação com a verdade factual é ineficaz, pois a dissonância cognitiva encontra saídas como "não foi verdade, mas poderia ter sido", "dessa vez pode não ter sido, mas das outras sim" (CESARINO, 2022, p.223).

O consultor em marketing Leandro Faverin, 55, diz não confiar em nenhuma agência de checagem. "Não dá para levar a sério nenhuma delas". Esse é o mesmo ponto de vista da advogada Bianca Borragine, 29. "Pra ser sincera, eu não confio em agência de checagem". Para a produtora de conteúdo, Renata Damasceno, 43, não é possível acreditar em nada que venha da verificação feita pelas agências de checagem. "Eles são muito tendenciosos, acredito naquilo que eu mesma verifico".

A corretora de seguros Eloisa Correia, 50, prefere procurar por si mesma a verificação se um conteúdo é ou não *fake news*. "As agências de checagem não uso, eu vejo a notícia, ponho aqui, dou um Google e começo a abrir todo mundo que falou dela". O comerciante Marcos Sanchez, 57, diz que não confia nas agências de checagem, entretanto, assim como Eloisa Correia, 50, procura na internet a veracidade de um fato.

“Eu mesmo vou pesquisar porque eu não quero usar a mesma ferramenta o que outro lado usa”, relata referindo-se a desinformação utilizada pelo PT.

O publicitário Diogo Grezzi, 58, acredita que muitos conteúdos checados pelas agências de checagem são verdadeiros, mas classificados como falsos por interesses políticos:

> Confio zero e o pior é o seguinte, não é pelo fato de checar se o fato é verdadeiro ou não, até nisso eles são desonestos porque muito fato é verdadeiro que eles falam que é falso e que está fora de contexto. Eles inventam uma forma, agora assim, tudo o que a esquerda faz de *fake news* os caras não checam, não há agência de checagem pro [André] Janones, que diz que o Bolsonaro é pedófilo e que pode provar. Não existe agência de checagem pra esses caras, então assim, não é agência de checagem, é agência de censura (Diogo Grezzi, 58 anos – Publicitário).

Censura é um tema caro para os profanos bolsonaristas assim como a liberdade de expressão. Muita desinformação propagada neste universo e classificada como falsa gera a acusação de que a aquele material está sendo censurado, bem como o publicitário Diogo Grezzi, 58, percebe na atuação das agências de checagem. Ao contrário do que afirma Diogo Grezzi, agências de checagem também verificam adversários de Bolsonaro.

A agência Lupa mostrou como André Janones (Avante-MG) usou desinformação, distorções e ironias[386] para atacar Bolsonaro. Vale frisar que embora seja a mesma estratégia, Janones nem de longe possuiu uma estrutura de disseminação de *fake news* como montada por Jair Bolsonaro.

O contador Milton Bastos, 65, afirma que não confia em agências de checagem e costuma verificar as informações a partir das opiniões dos comentaristas que acompanha:

> Aquilo que eu vejo, geralmente tem dois, três, quatro comentaristas que estão falando a esse respeito, e quando as informações se fecham.... E hoje, a gente sabe, eu já sei, quem são as pessoas e o que elas fazem, então o que vem dessas pessoas eu confio. Tem várias aí que são confiáveis (Milton Bastos, 65 anos – Contador).

Na concepção do contador, percebemos o filtro bolha em ação (PARISER, 2012) que aprisiona dentro de uma câmara de eco que é fortalecida pela confiança na informação e ativada pelo viés de confirmação, rejeitando qualquer atrito com a internalização da notícia verificada na dissonância cognitiva. No fundamentalismo político de Bolsonaro a

386 MACÁRIO, Carol. DINIZ, Iara. **Janones usa desinformação, distorções e ironia para atacar Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/26/janones-desinformacao-bolsonaro> (Acesso em 14/12/2023).

confiança e consequente legitimidade concedida a ele, garante a circulação da desinformação pela reivindicação do monopólio da verdade.

4.3 Eixo Supremo Tribunal Federal

Estimular as pessoas a enxergar a verdade sobre o Supremo Tribunal Federal (STF) faz parte do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro e se torna plano de ação no desenvolvimento da sua estratégia *antiestablishment* buscando capturar a racionalidade jurídica (VASCONCELOS 2008; ARMSTRONG, 2001). Com a campanha de desqualificação do STF feita pelo bolsonarismo, a inclusão do tema no roteiro de perguntas fez-se inevitável, pois o combate ao *establishment* depende da tensão com a alta corte, uma vez que a captura do judiciário compõe o modo de operação de projetos autoritários pelo mundo.

Fazer a racionalidade jurídica incorporar a racionalidade bolsonarista abre a jurisprudência para a implementação do bem e do certo e da punição do mal e do errado em um entendimento moral da política que para atingir tal objetivo toma vias de uma guerra cósmica e híbrida (MOUFFE, 2015; ARMSTRONG, 2001; LEIRNER, 2022). Dado a relevância da discussão, questionamos profanos bolsonaristas sobre a visão que possuem do Supremo Tribunal Federal (STF), se destituiriam os Ministros da alta corte, se estes Ministros defendem a democracia brasileira e se as liberdades dos agentes sociais encontram-se ameaçadas pela atuação destes Ministros.

Desqualificar o Supremo Tribunal Federal (STF) integra a ação política de Jair Bolsonaro pela desconstrução da ordem estabelecida em uma operação hegemônica que é lenta e gradual (GRAMSCI, 1984). Criticar politicamente uma decisão da alta corte é verificável no atrito existente entre os poderes, entretanto, desqualificar uma instituição para afetar a legitimidade concedida a ela (MARONA e MAGALHÃES, 2021; VIEIRA et al, 2022), como faz Jair Bolsonaro, é um trabalho de repetição para mostrar a seus seguidores que há injustiça no atos da justiça e por isso é necessário se voltar contra o que está errado.

Como lembra Gramsci (1984), "a repetição é o meio mais didático, mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular" (GRAMSCI, 1984, p.27). Repetição da desinformação é destaque do projeto *antiestablishment* de Jair Bolsonaro. O trabalho de repetição da desinformação leva os receptores da mensagem a uma familiaridade (BRUNO e ROQUE, 2019; PAUL e MATTHEWS, 2016) e a internalização desse

processo por meio das redes sociais leva a uma repetição de si mesmo que beneficia a circulação das notícias falsas (PARISER, 2012).

"Me chamam de misógino, racista, fascista, homofóbico, genocida (...) Tudo bem. Chamam o pastor Silas Mafalafaia de tudo, chamam os parlamentares de tudo, não tem problema. Mas quando alguém crítica o STF, cai o mundo" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO, JR. 2021, p.191), declarou Bolsonaro em julho de 2021.

Este trabalho de repetição feito por Jair Bolsonaro em busca da corrosão do capital simbólico do STF foi implementado diariamente na condução do bolsonarismo para a luta, transformando a alta corte em um inimigo político e Jair Bolsonaro em vítima desta força política que age por interesses próprios na manutenção do *establishment* dominado pela esquerda comunista (MARONA e MAGALHÃES, 2021).

Inquéritos executados pelo STF desde o início serviram como pretexto para vitimização de Jair Bolsonaro que, seguindo esta narrativa, estaria sendo perseguido pelo *establishment* (CASARÕES, 2022, p.32). Ao longo do mandato, Bolsonaro foi alvo de inquéritos do STF por atos como a interferência do Presidente na PF; vazamento de dados de inquérito sigiloso da PF; prevaricação sobre irregularidades na negociação da vacina Covaxin; e ataques às urnas eletrônicas, esta última atendendo pedidos dos Ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)[387].

Com o cenário de perseguição apresentado como narrativa factível ao bolsonarismo, Jair Bolsonaro estimula hostilidades contra Ministros do STF e recebe em troca apoio contra a corte em diversos atos. Manifestação de apoiadores de Bolsonaro realizada na semana de abril de 2020 para expressar indignação contra o legislativo e o STF que, de acordo com a narrativa bolsonarista, não deixavam o Presidente governar, contou com a presença de Jair Bolsonaro, que discursou em frente ao quartel general do exército em Brasília, junto a parlamentares bolsonaristas. Os participantes pediam intervenção militar, AI-5 com Bolsonaro, fechamento do Congresso e do STF (MARONA e MAGALHÃES, 2021, p.125).

[387] D'AGOSTINO, Rosanne. **Saiba mais sobre os cinco inquéritos aos quais Bolsonaro responde no STF e no TSE**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/13/entenda-inqueritos-sobre-bolsonaro-no-supremo-e-no-tse.ghtml> (Acesso em: 14/12/2023).

O discurso feito por Jair Bolsonaro posiciona o significante vazio "povo" (LACLAU, 2013) no poder e ele como representante da vontade deste mesmo povo construído politicamente:

> Eu estou aqui porque acredito em vocês. Vocês estão aqui porque acreditam no Brasil. Nós não queremos negociar nada. Nós queremos é ação pelo Brasil. O que tinha de velho ficou para trás. Temos um novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção têm que ser patriotas. Acabou a época da patifaria. É agora o povo no poder. Mais do que um direito, vocês têm obrigação de lutar pelo país de vocês. Contem com o seu Presidente (Jair Bolsonaro)[388].

Nos períodos democráticos no Brasil, as agressões realizadas por Jair Bolsonaro e seu grupo político a elite do judiciário foram inéditas na história brasileira, ativando a lógica populista que consiste na construção do povo (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022) para estimulá-lo contra decisões judiciais antes consideradas legítimas para a maioria da população.

Nem muito tempo atrás, entre 2012 e 2013, o STF era celebrado pelas direitas no julgamento do mensalão envolvendo integrantes do PT. Como o certo a se fazer era condenar a corrupção petista, o STF agia bem pela moralização da política e a rejeição a mídias como Globo e Folha de S. Paulo era bem menor, dado o inimigo em comum que aproximava visões de mundo e unia mais do que separava. No período de denúncias de corrupção contra o PT, estes jornais atuaram nesta cobertura como forças oposicionistas que auxiliaram na articulação das direitas (KAYSEL, 2015, p.70).

Pesquisa Datafolha revela que reprovação do Supremo Tribunal Federal atingiu 38%, ante 31% de regular e 27% de aprovação. O instituto colocou o STF no questionário apenas em 2019, o que limita maiores comparações. Na ocasião, a reprovação ao STF chegava ao patamar de 31%; enquanto 34% consideravam a atuação regular e 31% aprovavam a corte[389]. Os números mostram a elevação da reprovação do STF, principalmente entre os profanos bolsonaristas.

Se o STF operava corretamente ao condenar petistas no mensalão e ao referendar a Operação Lava Jato, passou a agir na contramão da moralidade a partir da anulação das

---

[388] MILITÃO, Eduardo. **"Não queremos negociar nada", diz Bolsonaro em manifestação que pedia AI-5.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/jair-bolsoanaro-nao-queremos-negociar-nada-manifestacao-anti-congresso.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

[389] GIELOW, Igor. **Datafolha: reprovação do STF cresce e atinge 38%; aprovação recua para 27%.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/12/datafolha-reprovacao-do-stf-cresce-e-atinge-38-aprovacao-recua-para-27.shtml> (Acesso em: 21/12/2023).

condenações contra Lula depois de decisão do Ministro do STF Edson Fachin. Na esfera moral que decide o que é certo ou errado (MOUFFE, 2015), Ministros do STF passaram a representar o lado errado da história, permitindo a livre circulação do mal e a disputa pelo poder, uma vez que Lula voltou a se tornar elegível.

Prior (2023) contextualiza esse momento político específico:

> De referir que, em 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou as condenações da Lava Jato contra Lula da Silva, decretando parcialidade de Sérgio Moro nos processos do Triplex do Guarujá e do Sítio de Atibaia. O ódio ao sistema político dominante, especificamente aos atores tradicionais identificados com o fenômeno da corrupção, é uma concepção de política que resultou na convergência do ativismo político da Lava Jato com o emergente campo do bolsonarismo como a principal corrente de desafio ao sistema hegemônico (PRIOR, 2023, p.113).

Estabelecer essas ligações entre a soltura de Lula e o interesse político imediato do STF foi algo realizado com êxito por Jair Bolsonaro numa operação de cadeia de equivalências que preencheu significados flutuantes (LACLAU, 2013). Bolsonaro entrelaçou antagonismos como forma de pensar atingindo um lugar comum no sistema de crenças bolsolavista que na visão antipetista passou a fazer todo sentido, adicionando assim o ódio ao STF junto ao ódio PT, já que na relação amigo/inimigo, se você não está com "nós", está contra "eles" (MOUFFE, 2015). Foi comum em manifestações dos profanos bolsonaristas durante o mandato de Bolsonaro cartazes e faixas ou gritos de ordem esbravejando que "Supremo é o povo"[390], junto a pedidos de intervenção militar com Jair Bolsonaro.

4.3.1 STF aliado do PT

Na visão dos entrevistados para esta tese, STF e PT fazem parte do mesmo projeto político. De acordo com a psicóloga Fatima Abdul, 62 anos, o Ministro do STF Edson Fachin era advogado do PT e foi indicado pela presidenta Dilma Rousseff (PT) para defender o PT. Para ela, Fachin agiu errado no caso de Lula. "Eu acho que foi errado inocentarem o Lula". O STF não atua sozinho na manutenção do *establishment*, pois a ação dos Ministros considerada errada pelos profanos bolsonaristas passou a ter a ajuda de meios de comunicação aliados, como explica o comerciante Marcos Sanchez, 57:

> O Supremo [Tribunal Federal] só faz o que faz por causa do álibi da mídia, e o álibi da mídia não permite que o Supremo faça o papel de guardião da Constituição, pelo contrário, ele rasga a Constituição para o seu benefício, para sua ideologia, e para os seus interesses próprios. Interesses próprios que eu

[390] PODER 360. **Em Brasília, bolsonaristas gritam "Supremo é o povo" e "Xandão na cadeia".** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/em-brasilia-bolsonaristas-gritam-supremo-e-o-povo-e-xandao-na-cadeia/> (Acesso em: 14/12/2023).

> nem sei se são interesses propriamente ditos de vantagens, me parece que eles são obrigados a seguir uma linha, uma ordem entre aspas (Marcos Sanchez, 57 anos - comerciante).

Na concepção bolsonarista, a ordem estabelecida que o STF segue é a cartilha pregada pelas esquerdas, que envolve ampla gama de forças políticas contrárias a Bolsonaro. Na guerra de posições, o bolsonarismo age como se todo *establishment* estivesse contaminado pela hegemonia da esquerda (GRAMSCI, 1984). Entrar em atrito direto com os inimigos se tornou desejo dos profanos bolsonaristas.

O comerciante Marcos Sanchez, 57, expressa seu desejo em confrontar o Ministro do STF, Gilmar Mendes: "Sr. Ministro, o Sr. falou que o PT era uma quadrilha que o Lula era um criminoso e o Sr. ajudou a soltar ele. Como é que o Sr. explica isso? Ele deixou de ser criminoso?" É uma pergunta simples, por que ninguém chega lá e pergunta, questiona. "Então o trabalho do Supremo não é de Supremo, é de uma organização criminosa, a verdade é essa", completa o comerciante deixando nítido o antagonismo acentuado (MOUFFE, 2015) que iguala o PT e o STF com organizações criminosas.

A empresária Fernanda Buchner, 52, demonstra inconformismo com o papel do STF na libertação de Lula. "Eles [STF] soltaram uma pessoa com um julgamento condenado, eles que liberaram. A gente está nessa guerra entre o bem e o mal. Nós temos uma pessoa condenada, candidata à Presidência da República por causa do abuso de poder do Supremo Tribunal Federal". Na fala de Buchner se resume como o fundamentalismo político de Jair Bolsonaro atravessou seu corpo até a internalização desta luta do bem contra o mal em nome da verdade revelada (VASCONCELOS 2008; ARMSTRONG, 2001).

Absolutamente todos os entrevistados tem duras críticas ao STF, visão negativa dos Ministros, principalmente Alexandre de Moraes, Edson Fachin e José Antonio Toffoli em uma compreensão coletiva de que a alta corte atua para derrubar o Presidente da República e que rejeita ruídos comunicacionais em grupo, levando a uma dissonância coletiva cognitiva (ROCHA, 2023). O trabalho de repetição com a técnica de ação e recuo (CESARINO, 2022) nos estímulos ao antagonismo contra o STF tiveram efeitos diretos nos profanos bolsonaristas que expressam afetos de ódio e de revolta em relação ao mal que fazem ao Brasil por agirem errado como linha auxiliar do PT e da corrupção.

Na concepção do empresário Jean Simão, 31, a alta corte ultrapassa suas atribuições. "O STF está interferindo em coisas que ele não tem nada a ver". O motorista

de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, ressalta que os Ministros não utilizam corretamente o poder que possuem. “STF está exercendo o poder deles de forma errada”. A corretora de seguros Eloisa Correia, 50, e a analista societária Daiane Costa, 30, usaram a mesma palavra para definir o trabalho do STF: “desserviço”, com acréscimo raivoso de Eloisa Correia, 50: “Integrantes do STF são um lixo”.

Para o consultor em marketing, Leandro Faverin, 55, o STF atua politicamente quando deveria manter-se afastado da política. “É uma instituição que jamais deveria ser politizada e hoje ela é mais politizada do que jurídica”. Na concepção da psicóloga Fatima Abdul, 62 anos, o STF não zela pela Constituição Federal e age no intuito de perseguir. “Eles [STF] deveriam zelar pela Constituição, mas eles estão fazendo trabalho de polícia política. Prendendo pessoas que emitem opinião e eu sou contra censura”.

Classificar o STF de “polícia política” que “censura” é um artifício para esvaziar o trabalho de resposta aos ataques contra a democracia contidos na retórica do ódio que circulam com as técnicas de desinformação, a exemplo dos inquéritos antidemocráticos ou do inquérito das *fake news*. Para Da Ros e Taylor (2022), a impressão de autoritarismo da alta corte no Brasil ocorre pela resposta aos ataques sofridos como forma de autoproteção (DAS ROS e TAYLOR, 2022). Na avaliação de Vieira et al (2022, p.592), o início do governo Bolsonaro foi marcado por uma relação mais amistosa vinda do STF, porém, isso foi se deteriorando a partir das ameaças bolsonaristas. Assim, STF passou a controlar atos do governo para conter ameaças e ataques:

> Identificamos que o STF assumiu uma posição de proeminência na defesa da Constituição, reagindo de maneira progressiva à escalada anticonstitucional de Bolsonaro e transformando-se no principal obstáculo ao seu projeto autoritário. Conforme os ataques à Constituição e à democracia aumentavam, o SFT reagia de maneira mais contundente, com o objetivo de conter as tentativas de Bolsonaro e dos seus apoiadores de fragilizar o Estado democrático de direito. É verdade que, nesse percurso, o tribunal adotou algumas posições polêmicas e pouco ortodoxas (VIEIRA et al, 2022, p.601)

Abertura de inquérito pelo próprio STF, como a investigação das *Fake News*, sem provocação externa é uma das posições polêmicas em que se discute se a alta corte ultrapassou suas prerrogativas (VIEIRA et al, 2022, p.601). A determinação de prisão contra bolsonaristas que usaram retórica do ódio (ROCHA J., 2021) ameaçando Ministros do STF, a exemplo do jornalista Allan dos Santos e do ex-Deputado Federal Daniel Silveira (discutidos nos capítulos 3.5.4 e 3.5.1, respectivamente), ajudam a formar essa compreensão de abusos da alta corte.

Na concepção dos profanos bolsonaristas, STF tem unicamente interesses políticos. Para o fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, o STF interpreta a Constituição com interesses políticos. "Esse Supremo, a gente tá vendo cada decisão, coisas que a gente tá estudando, os caras estão passando por cima da Constituição, entendeu? Eu acho que eles estão fazendo o que querem. É uma interpretação que tem coisas que não tem como". O STF visto como instituição política também faz parte da convicção da empresária Fernanda Buchner:

> O Supremo Tribunal Federal deveria ser uma corte independente de fiscalização e hoje não é isso que ele faz. Ele é partidário, a máquina está sendo usada. Eu não sei qual é a troca de favores, não. Não pesquisei sobre se quem recebe o quê. Qual é a coisa? Ou se é só um jogo de ego e de orgulho, né? Mas o Supremo Tribunal Federal, hoje, é partidário. Ele é totalmente. Ele está totalmente aparelhado com abuso de poder e nós estamos reféns. Por quê? Por que nós estamos reféns? Cadê o Senado? Cadê o Congresso Nacional? A Câmara de Deputados Federais e Estaduais, juntamente com o Senado? Cadê o Senado? Ali seria o Senado tão omisso? Oi?! (Fernanda Buchner, 52 anos - empresária).

Impressão de partidarismo do STF ocorre devido a impressão de aparelhamento feito pelo PT na corte e em toda a sociedade. Indicar Ministros simpáticos ao projeto petista tem única intenção de dar volume ao discurso de defesa do projeto comunista de hegemonia (LEIRNER, 2022). "Eu acho que o trabalho do STF é atrapalhar tudo quanto é coisa. O Fachin se não me engano foi indicado pela Dilma, o Alexandre pelo Temer, e o Toffoli nem sei por quem, a Rosa Weber também não sei, mas acho que foi tudo pessoal do PT", explica o motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38.

Na avaliação do analista tributário Wesley Lima, 31, os Ministros do STF beneficiam o Presidente da República que os designam e como o PT indicou diversos Ministros da corte, o partido cobra vantagens posteriores. "O Supremo é - infelizmente - ele beneficia aquele que indicou". O empresário Júlio Fared, 45, destaca que o STF aos poucos coloca em prática um projeto autoritário de Lula. "Cara eu sou formado em direito então eu tenho uma leitura razoável das leis e o Supremo Tribunal Federal está fazendo um papel que é o sonho do Lula, ser ditador, mandar prender, mandar soltar, inventar e criar crimes".

Profanos bolsonaristas reconhecem que o aparelhamento feito pelo PT no STF iniciou a destruição do Brasil e este foi o motivo para que os Ministros ficassem conhecidos. "Depois do PT foi que começou a ter a notoriedade, até então a gente não sabia do STF", explica o despachante Murilo Freitas, 56. "Ninguém conhecia o que o Supremo fazia e como fazia. Hoje, até criança de 5 anos sabe que infelizmente temos um

Supremo sem postura, sem valores morais, sem valores éticos, sem valor nenhum. Infelizmente", lamenta o contador Milton Bastos, 65.

Jair Bolsonaro conseguiu criar cadeia de equivalências entre o STF e o PT, como se a corte atuasse politicamente todo o tempo para prejudicá-lo e ajudar os petistas. Isso conduz à dinâmica populista (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022). Assim, o significante esvaziado "Supremo Tribunal Federal" foi preenchido de forma que toda vez que a alta corte é citada, os profanos bolsonaristas a associam ao mal, a decisões políticas e equivocadas que buscam beneficiar apenas o *establishment* dominado pelas esquerdas.

Muitos profanos bolsonaristas reconheceram não saber o que fazia um Ministro do STF antes do direcionamento e significação feitas por Jair Bolsonaro, como a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43. "A gente nem sabia qual era a função deles [Ministros do STF] né? Porque eu nem tchum, sabia que existia, mas o atual é uma bandidagem arbitrária, arbitrariedade pura, censura pura, fazendo campanha para bandido, soltando um bandido".

Depoimento da produtora de conteúdo demonstra como a "verdade" construída por Jair Bolsonaro sobre o STF revelada pelo seu fundamentalismo político (VASCONCELOS, 2008) conduziu os profanos bolsonaristas e como o sistema de crenças bolsolavista que ensina pela retórica do ódio e pela desqualificação (ROCHA J. 2021) levaram a animosidade bélica que resultou nas guerras híbridas contra Ministros desumanizados (LEIRNER, 2022).

Na condução do bolsonarismo, o Presidente Jair Bolsonaro deixou claro a verdade construída que tem sobre o STF no discurso realizado para apoiadores no feriado de sete de setembro de 2022. "Muito feliz em ter ajudado a chegar até vocês a verdade. O conhecimento também liberta. Hoje todos sabem o que é o STF"[391].

Profanos bolsonaristas passaram, portanto, a conhecer o STF a partir da internalização do sistema de crenças bolsolavista. Durante esse processo de aprendizagem, eles foram ensinados sobre o que é o STF pela retórica do ódio, pela desqualificação nulificadora e pela hipérbole caracterizadora (ROCHA J., 2021). Assim, foram doutrinados pela linguagem do bolsonarismo na revelação da verdade e acentuação

[391] BONIN, Robson. **'O conhecimento liberta. Hoje, todos sabem o que é o STF', diz Bolsonaro**. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/o-conhecimento-liberta-hoje-todos-sabem-o-que-e-o-stf-diz-bolsonaro> (Acesso em: 15/12/2023).

do antagonismo que determina o mal e que contém a normalização da retórica do ódio, as técnicas de desinformação e a deslegitimação. Em suma, na hiperpolitização bolsonarista, os profanos vivem intensamente conflitos exacerbados porque foi a linguagem política que aprenderam no combate ao mal.

4.3.2 STF com mandato fixo

Impedir o aparelhamento no STF realizado pelo PT ou por outro Presidente da República, tem que ser evitado colocando fim ao mandato vitalício dos Ministros da alta corte. A advogada Bianca Borragine, 29, pertencente ao campo jurídico, discorda da forma como Ministros adentram o STF. "Eu não concordo com a forma de colocação dessas pessoas lá porque muitas vezes é assim estarrecedor você parar para olhar a formação dos Ministros".

Para reparar a contaminação política na alta corte, a estudante Stephany Santana, 22, sugere que Ministros do STF sejam eleitos. "Acho que deveria ser algo elegível, pelo povo. Dizem que o povo elege muito mal, mas a gente só pode cobrar se a gente eleger". Na visão do analista tributário, Wesley Lima, 31, mérito deveria ser o critério de ingresso no STF em um esquema de mandato fixo:

> Deveria, pelo menos, passar por um concurso, tem que ser por méritos, mas não indicação, por méritos mesmo de competência. Um mandato fixo, poderia seguir inclusive os moldes do governo, 4 anos, 8 não sei, espécie de um Senado, mas a coisa precisa rodar, é orgânico então tem que mudar, a cabeça muda, as ideias mudam, tudo evolui então, se você colocar isso que seja um mandato vitalício, é uma espécie de ditadura, Venezuela, Nicarágua, fica lá 20, 30, 40, 50 anos e isso não é progresso então deveria sim ter um prazo (Wesley Lima, 31 anos – analista tributário).

O Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) sinalizou colocar em debate um projeto de lei que visa elevação da idade mínima para ingressar no STF[392] e o estabelecimento de um mandato fixo para os Ministros[393]. Mesmo que sirva apenas para dar um recado ao judiciário devido ao contexto de judicialização da política com decisões em matérias que deveriam ser apreciadas pelo Legislativo[394], mudar as regras do STF no

---

[392] A idade mínima para ingresso no Supremo Tribunal Federal (STF) é 35 anos. Os Ministros só deixam o cargo ao completar 75 anos, quando tem que se aposentar.

[393] OLIVEIRA, Thaísa. **Pacheco volta a defender mandato para integrantes do STF**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/pacheco-volta-a-defender-mandato-para-integrantes-do-stf.shtml> (Acesso em: 21/12/2023).

[394] A ameaça de colocar em pauta um projeto que alteraria regras no Supremo Tribunal Federal foi uma resposta do presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG) para decisões a respeito do Marco Temporal das terras indígenas e a possibilidade de descriminalização da maconha, determinando uma quantidade que define o limite legal entre usuários e traficantes.

campo político encontra apoio dos profanos bolsonaristas e outras forças políticas. Alterar as regras do STF é o desejo mínimo dos profanos bolsonaristas que tem em vista também o fechamento da instituição ou apenas a destituição dos Ministros para substituí-los por outros alinhados a atitudes corretas.

A escolha do STF como inimigo político fez parte do projeto de Jair Bolsonaro antes mesmo das eleições. O objetivo, contudo, não era fechar a alta corte, visto que o Presidente diz jogar dentro das quatro linhas da Constituição, mas desqualificar os trabalhos do STF para refazer regras e com isso, ter uma sólida maioria até ter controle total e salvo conduto para impor seu projeto sem obstáculos.

Em meio a campanha eleitoral de 2018, a primeira sinalização veio por um vídeo que mostra o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) comentando o fechamento do STF[395] em um cursinho a aspirantes a Polícia Federal. "Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Você não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo, não"[396] (MARONA e MAGALHÃES, 2021, p.122).

"O que é o STF? Tira o poder da caneta de um Ministro do STF. Se prender um Ministro do STF, você acha que vai ter uma manifestação popular a favor do Ministro do STF, milhões na rua?", completa Eduardo Bolsonaro. Ao explicar a fala do filho, o candidato Jair Bolsonaro disse que a fala foi tirada de contexto na ação e recuo próprias de Bolsonaro (CESARINO, 2022).

4.3.3 Fechamento do STF

No filtro de seleção dos profanos bolsonaristas, buscamos compreender sobre o que achavam do fechamento do Supremo Tribunal Federal. As respostas foram bem divididas entre sim e não, contudo, prevaleceu o entendimento de que o STF deveria ser fechado. O Supremo Tribunal Federal (STF) nunca foi fechado em sua história desde sua

[395] Não foi esclarecido na ocasião como o vídeo, disponível na internet, ganhou notoriedade. Ainda que seja mais provável que tenha vindo à tona pelo trabalho de pesquisa da oposição à Jair Bolsonaro, ou da investigação da mídia, não podemos descartar a possibilidade de repasse do próprio grupo bolsonarista com intuito de iniciar a campanha de intimidação e difamação que foi registrada contra o STF. Assim, a declaração de Eduardo Bolsonaro sobre a facilidade no fechamento do STF e da impopularidade dos Ministros foi um aceno para o bolsonarismo, indicando o inimigo a ser combatido e iniciando uma formulação contrária ao STF, baseado em argumentos que veremos a seguir.

[396] FOLHA DE S. PAULO. **Bastam um soldado e um cabo para fechar STF, disse filho de Bolsonaro em vídeo**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml> (Acesso em 16/12/2023).

abertura com o início da República no Brasil. Trabalhos da alta corte foram afetados somente durante o período de 1965 a 1969 na ditadura civil militar iniciada em 1964 quando três Ministros da alta corte foram cassados e medidas autoritárias foram tomadas com a ampliação da corte de 11 para 16 Ministros, o que visava obter maioria para beneficiar o regime[397].

Promessa de ampliar o número de Ministros do STF, como ocorrido na ditadura civil militar de 1964, foi feita por Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018. Junto a ideia do mandato fixo, aumentar o número de Ministros do STF foi resposta a série de derrotas impostas pela alta corte contra as escaladas autoritárias de Bolsonaro durante o mandato (MARONA e MAGALHÃES, 2021).

Jair Bolsonaro prometeu elevar o número de Ministros do STF de 11 para 21, justificando que a alta corte "envergonha os brasileiros" e que indicaria pessoas "isentas". Com tal medida inconstitucional, desejava a possibilidade de designar dez Ministros a mais. "Temos discutido aumentar para 21 (o número de Ministros do Supremo Tribunal Federal). É uma maneira de botar dez isentos lá dentro" (BOLSONARO, 2018, apud BARRETTO JR. 2021, p.23).

No decorrer da campanha eleitoral para a reeleição em 2022, Jair Bolsonaro aventou novamente a proposta de inflar a alta corte com novos nomeados, em uma política de guerra e intimidação (NOBRE, 2022; AVRITZER, 2019) em que os 11 Ministros do STF passariam a 16[398], mas a promessa poderia ser descartada se a corte baixasse a "temperatura". Quando se refere a alta temperatura na relação entre poderes, Jair Bolsonaro condiciona que o STF se submeta a suas vontades.

Perguntados ainda se seriam favoráveis a uma ditadura e em caso afirmativo, em qual ocasião, uma minoria de entrevistados mencionaram os abusos do STF como motivo para uma regime ditatorial ou o retorno de Lula ao poder. Na visão do publicitário Diogo Grezzi, 58, é preferível o retorno da ditadura militar que a volta de Lula para o poder.

---

397 OLIVEIRA, Mariana. **Golpe de 1964 fez do Supremo um 'enfeite institucional', diz pesquisador.** 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/golpe-de-1964-fez-do-supremo-um-enfeite-institucional-diz-pesquisador.html> (Acesso em: 16/12/2023).

398 ORNELAS, Gabriela. **Bolsonaro reforça proposta de aumentar para 16 o número de ministros do STF.** 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5043126-bolsonaro-reforca-proposta-de-aumentar-para-16-o-numero-de-ministros-do-stf.html> (Acesso em: 16/12/2023).

“Entre o Lula e a volta da ditadura militar, um trilhão de vezes a Ditadura - “Ah, mas prendiam pessoas” – prendia vagabundo! Eu não tô defendendo, toda ditadura é ruim, mas melhor a ditadura militar que a ditadura do proletariado”.

Para o contador Milton Bastos, 65, uma intervenção militar teria de colocar a casa em ordem para não haver mais abusos de outro poder como o judiciário. “Os limites não podem ser ultrapassados”. A produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, acredita que uma nova ditadura pode ser necessária se o sistema de freios e contrapesos não funcionar mais. “Quando os outros poderes estão com abuso de poder”. Na visão da corretora de seguros Eloisa Correia, 50, uma ditadura se justifica se o STF continuar a agir como poder único. “Sou a favor se o Supremo achar que ele é quem manda no país”. Essa é a mesma percepção do motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38. “Eles [STF] querem mandar no Brasil, eles que estão mandando atualmente no Brasil pra ser mais sincero”.

Na visão do despachante Murilo Freitas[399], 56 anos, devido a eleição de um Congresso Nacional com maioria conservadora no pleito de 2022, principalmente na composição do Senado, um golpe de Estado não é mais necessário, uma vez que Ministros do STF estão passíveis de sofrer um processo de impeachment pela iniciativa conservadora no Senado. Ele, entretanto, revela que antes do impeachment como último recurso, tinha disposição a aceitar uma intervenção militar por meio da interpretação do art. 142 da Constituição Federal de 1988:

> Até essa última eleição eu achava necessário uma intervenção [militar] tá, mas como conseguimos eleger um Congresso bem conservador, então acredito que agora temos que ver para crer, claro. Eu acho que até essa última eleição, com perigo de elegerem o pessoal da esquerda, e com a história do STF pegando pesado, eu estava achando que realmente haveria necessidade dos militares entrarem e botar a casa em ordem, tanto que inclusive, Ministros e advogados renomados estavam pedindo a 142, então desembargadores pediam 142 para pôr a casa em ordem, agora que foi eleito um Congresso com a maioria conservadora acredito que as coisas entrem no trilho novamente, consertando o Senado a gente conserta o Supremo (Murilo Freitas, 56 anos – Despachante).

Como observado por Carvalho (2005, p.25), a interpretação equivocada do art.142 retorna a ideia de que as Forças Armadas funcionariam como um poder moderador com poder de polícia sobre a política. Bolsonaristas, contudo, acreditam nesse instrumento de salvação autorizando o uso do dispositivo constitucional contra a ameaça comunista na figura das esquerdas e do PT. Murilo Freitas, 56, se junta aos bolsonaristas que subiram

[399] Murilo Freitas foi entrevistado antes do segundo turno das eleições de 2022. Os resultados do Legislativo, portanto, já eram conhecidos.

a hashtag #euautorizo para Jair Bolsonaro tomar medidas de resgate da ordem pelo artigo 142 da Constituição Federal.

O jurista Ives Gandra, intelectual orgânico do bolsonarismo (GRAMSCI, 1984) emprestou seu capital social a essa visão de tutela dos poderes em crise com intervenção pelo art.142 em tentativa de dar racionalidade jurídica ao golpe. Jair Bolsonaro repetiu à exaustão que permaneceria dentro das quatro linhas da Constituição Federal, o que revela que buscaria a ruptura democrática via instrumentos previstos na própria Carta Magna, tentando um verniz de legitimidade as suas ações. Um golpe de Estado por meio do art.142 (CARVALHO, 2005) teria Jair Bolsonaro e todo grupo bolsonarista negando que seria uma ruptura justificada pelo recurso do dispositivo ter previsão constitucional. Seria, assim, um golpe que implodiria a Constituição por dentro.

4.3.4 Impeachment dos Ministros do STF

Os profanos bolsonaristas contrários ao fechamento do Supremo Tribunal Federal defenderam que os Ministros sofressem processo de impeachment. Para o empresário Jean Simão, 31, o Senado tem que "derrubar" diversos Ministros. "A função do Senado é fiscalizar o STF". O comerciante Marcos Sanchez, 57, acredita que os Senadores conservadores não irão decepcioná-lo na abertura de impeachment e fiscalização dos Ministros do STF. "O que está me consolando em relação a esse medo do Bolsonaro não ser reeleito, é que pelo menos o Congresso vai estar mais fortalecido, vai estar mais equilibrado para impedir que outras atrocidades sejam feitas".

Na concepção do publicitário Diogo Grezzi, 58, o Senado precisa acatar pedidos de impeachment contra Ministros do STF. "Pra que sejam pelo menos julgados e apreciados de forma legal. Daí com pressão popular, eles [Ministros do STF] vão ter que se explicar aos eleitores porque que eles acharam que não ou porque que eles acharam que sim".

O relações públicas Pietro Barbosa, 21, relata que aceita o STF enquanto instituição, mas tem severas críticas aos Ministros. "Acredito que deva ter uma abertura de Impeachment pelo Senado mas deva ser feito de uma forma muito delicada porque - ao meu ver - essa tensão com o STF até mesmo por parte da população é muito similar com o que está acontecendo com os Estados Unidos".

Tanto Pietro Barbosa, 21, quanto o consultor em marketing, Leandro Faverin, 55, citaram o impeachment de um Ministro em específico. "Eu sou a favor do processo de

Impeachment do Alexandre de Moraes", diz Barbosa. "Eu tenho quase certeza que o impeachment do Alexandre de Moraes dessa vez vai pra frente", expressa Faverin com confiança. "Alexandre de Moraes teria que ser o primeiro", diz a empresária Fernanda Buchner, 52.

Bogéa e Da Ros (2022, p.188) notam que buscar aumentar ou diminuir a composição da alta corte, solicitar pedidos de impeachment contra os Ministros, são formas de "contenção judicial", ou seja, iniciativas contra o poder judiciário que visam limitar sua independência (BOGÉA e DA ROS, 2022, p.187). Anulação de decisões como o indulto presidencial de Jair Bolsonaro concedido a Daniel Silveira que invalidou a pena estabelecida pelo STF é outra caracterização de contenção judicial.

O motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, iniciaria a alteração do STF com a destituição de Alexandre de Moraes. "Sem sombra de dúvidas começaria pelo Alexandre de Moraes, começaria por esse cara que eu tenho asco de ver a fisionomia dele. E depois o outro do bigodinho, do Fachin, tenho asco desse petista escroto". O sentimento partilhado por Roberto Lorente é igual ao da corretora de seguros Eloisa Correia, 50, que diz ter vontade apontar o dedo na cara do Ministro: "Chegar lá no Alexandre de Moraes e falar 'meu você é um bosta, você é canalha, você é bandido, você é mais do que tendencioso, você isso você aquilo'", até onde eu sei, é verdade".

O comerciante Marcos Sanchez, 57, manifesta sua vontade de ver o Ministro Alexandre de Moraes preso, mas com o devido processo legal:

> Você está falando com uma pessoa que é um Palmeirense apaixonado, eu sou assumidamente muito Palmeirense, eu trocaria um título mundial do Palmeiras pra ver o Alexandre de Moraes preso. Trocaria sem pestanejar um título mundial do Palmeiras pra ver o Alexandre de Moraes atrás das grades. Pela lei, seguindo as leis, nada na caneta como ele faz, prender por prender não. Desde que se siga a Constituição, as leis - porque se não, faz a mesma coisa que eles estão fazendo - seguindo as leis eu gostaria muito de ver o Ministro atrás das grades. Acho que o Brasil ia melhorar muito com isso (Marcos Sanchez, 57 anos – Comerciante).

Alexandre de Moraes é o Ministro do STF que tem mais pedidos de impeachment contra si entre seus pares. A maioria das formulações é justificada pelos inquéritos contra *fake news* e atos antidemocráticos, inclusive a solicitação redigida e protocolada pelo Presidente da República Jair Bolsonaro contra Moraes, o que revela caso de contenção judicial (BOGÉA e DA ROS, 2022).

Todas as entrevistas dos profanos bolsonaristas aconteceram em meio a emoção da campanha eleitoral de 2022. A expectativa da reeleição de Jair Bolsonaro vinha acompanhada da esperança que o Presidente indicasse dois novos Ministros ao STF com a aposentadoria de Ricardo Lewandowski e Rosa Weber e de que Alexandre de Moraes deixasse o cargo de Ministro. Entretanto, nem todos os Ministros do Supremo Tribunal Federal são ditadores, agem contra o Brasil ou merecem processo de impeachment. Indicados por Bolsonaro ao STF, os Ministros Kassio Nunes Marques[400] e André Luiz de Almeida Mendonça[401] são poupados pelos profanos bolsonaristas. "Tiraria todos, com exceção desses dois últimos aí", disse o despachante Murilo Freitas, 56. O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50 anos, preservaria os dois Ministros. "André Mendonça e Kassio Marques, se fosse hoje, eu deixaria. Eu não tenho como julgar o trabalho deles, pelo pouco que eles estão decidindo por aí, eu deixaria. Destituiria o Alexandre de Moraes, seria um dos primeiros, o Lewandowski, esses caras são militantes".

Quando indicou André Mendonça para o STF, Jair Bolsonaro prometeu mais Deus na instituição, simbolizando o fundamentalismo político que aponta para um direcionamento transcendental dos Ministros (VASCONCELOS, 2008, ARMSTRONG, 2001). Assim, Bolsonaro acenou para o eleitorado cristão evangélico com a indicação de um Ministro "terrivelmente evangélico", como ele mesmo definiu.

A justificativa pela preferência por André Mendonça se deu por ele ter a possibilidade de trazer uma oração para abrir as sessões do STF como se representasse o 'bem' entrando na alta corte. "Dei uma missão a ele [André Mendonça]. E ele se comprometeu a cumprir. Toda a primeira sessão da semana no STF, ele pedirá a palavra e iniciará os trabalhos após uma oração. Deus se fará mais presente naquela instituição" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR. 2021, p.217). O bem e o mal, o certo e o errado, ditam as práticas políticas em formas morais (MOUFFE, 2015; VASCONCELOS, 2008).

[400] Kassio Nunes Marques foi indicado em setembro de 2020 para o Supremo Tribunal Federal (STF) pelo presidente da República Jair Bolsonaro. Antes de assumir o posto no STF, foi advogado, juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí e desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

[401] André Luiz de Almeida Mendonça foi indicado em julho de 2021 para o Supremo Tribunal Federal (STF) pelo presidente da República Jair Bolsonaro. Anterior a isso, foi advogado da União entre 2000 e 2021 e exerceu os cargos de advogado-geral da União entre 2019 e 2020, novamente, em 2021, e Ministro da Justiça e Segurança Pública (de 2020 a 2021) durante o governo Jair Bolsonaro. Foi também assessor especial do Ministro da Controladoria-Geral da União Wagner Rosário (de 2016 a 2018) no governo Michel Temer.

Resguardar Kassio Nunes Marques e André Mendonça, entretanto, não é uma impressão unânime. O empresário Júlio Fared, 45 anos, destituiria todos os Ministros, sem exceção, para realização de uma eleição dentro do campo jurídico:

> Então, nesse momento o André Mendonça e o Kassio Marques também sairiam fora apesar de ter sido indicado pelo Bolsonaro eu pediria para o judiciário porque não dá pra ser meio termo, você entendeu? Eu iria na magistratura e falava: - Olha, elejam vocês os 11 Ministros. E aí nós teríamos no Supremo Tribunal Federal, 11 desembargadores de carreira, gente de verdade que prestou concurso que tem tarimba que tem prática de fazer aquilo e que não se submeteria a político nenhum porque não precisa se submeter a político porque hoje eles se submetem a políticos porque foram colocados por políticos, você entendeu? Então eu manteria a instituição Supremo Tribunal Federal num formato de somente juízes indicados por seus pares (Júlio Fared, 45 anos – Empresário).

4.3.5 Ditadura de toga

Novos Ministros são necessários porque a democracia brasileira está ameaçada com a atual composição do STF na compreensão dos profanos bolsonaristas. Para Júlio Fared, 45, vivemos uma ditadura do STF que sufoca a democracia que existia. "Eles [STF] são ditadores, eles são criminosos assim como aquele que eles descondenaram". Na visão da produtora de conteúdo, Renata Damasceno, 43, Ministros acabaram com a democracia. "Eles [STF] destruíram a democracia né? Eles ajudam no que?".

Na visão da psicóloga Fatima Abdul, 62, a democracia está ameaçada pelo autoritarismo do STF. "Eles [Ministros do STF] são autoritários e destroem a democracia". O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, acha que o STF é contra a democracia no Brasil. "Eles estão indo na contramão da democracia quando começam a inclusive segurar algumas coisas no YouTube, imprensa, enfim, eles não são democratas. Estão contra a democracia na minha visão".

O publicitário Diogo Grezzi, 58, acredita que os Ministros do STF são do espectro de esquerda e por isso não são democratas. "Eles [Ministros do STF] não são democratas, eles são partidários de partidos de esquerda e assim, não há democracia onde a esquerda governa". Ministros do STF não têm "democracia nenhuma", diz o motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38. "Eles [Ministros do STF] não respeitam a opinião do povo brasileiro. Então, o que eles acham é que só vale a opinião deles e ponto final. Foda-se, vamos fazer o que a gente quer".

Na concepção do comerciante Marcos Sanchez, 57, o STF deveria resguardar a Constituição Federal, porém, Ministros agem como em regime autoritário: "é uma ditadura". A advogada Bianca Borragine, 29, e a corretora de seguros Eloisa Correia, 50,

concordam com Sanchez sobre os Ministros do STF serem "ditadores de toga", principalmente o Ministro Alexandre de Moraes. Na visão do fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, Ministros do STF vivem uma realidade paralela:

> Os caras [Ministros do STF] estão no pensamento paralelo. Acho que eles falam em democracia, mas eles mesmos estão rompendo a democracia. Quando a gente fala de justiça, acho que eles estão passando por cima da justiça. Você pega alguém roubando um celular, é preso, condenado, fica lá o resto da vida dele. O cara roubou milhões, entregaram dinheiro e tão tudo solto. Quem soltou? O Supremo Tribunal Federal (Jonas Aguiar, 50 anos – Fiscal de apreensão).

A advogada Bianca Borragine, 29, presume que se os Ministros do STF atuassem com decisões que considera democráticas, não haveria aversão contra a instituição. "As decisões causam ódio nas pessoas, revolta". Assim, o medo e a ansiedade combinados ao afeto de ódio e revolta unem profanos bolsonaristas e Jair Bolsonaro pelo fundamentalismo político em uma dinâmica própria de ataque ao inimigo por uma verdade revelada e única (VASCONCELOS, 2008; ARMSTRONG, 2001).

Na avaliação dos profanos bolsonaristas, o STF está longe de ter uma atuação democrática e se tornou uma instituição que censura e restringe liberdades. Na campanha eleitoral de 2022, ações do TSE foram confundidas com decisões do STF, uma vez que alguns Ministros como Alexandre de Moraes, compõe as duas cortes. A corretora de seguros Eloisa Correia, 50, confunde determinações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com o Supremo Tribunal Federal e mistura informações a respeito da remoção de *fake news* em relação a Jovem Pan.

> Com certeza a Jovem Pan foi calada. Ué o STF agora tem duas horas pra tirar a *fake news*. Opa o STF foi feito pra isso? Eles não tem mais nada pra fazer da vida, é isso? Mais nada no país é importante, o negócio é tirar *fake news*? É isso? Mas a *fake news* pode ter vários prismas, tem um vídeo inclusive, que eu vi que eu mesma te pergunto, é um vídeo do Alexandre de Moraes metendo o pau no Lula, falando que o governo dele roubou que etc, etc, etc, mas o próprio vídeo dele está proibido? O que ele disse na época então era mentira? Ele está mentindo agora ou ele mentiu lá atrás? Qual foi o momento que ele mentiu? (Eloisa Correia, 50 anos – Corretora de Seguros).

Como lembra Bourdieu (2010, p.164), quanto mais distantes do campo político, maiores as chances de "mal entendidos" do que ocorre neste campo, o que se estende também ao campo judiciário e ao campo da mídia, entre outros microcosmos no mundo social. A declaração de Eloisa Correia demonstra esse mal entendido[402] que beneficia o

[402] A fala de Eloisa Correia necessita da contextualização da verdade factual. Tratam-se de acontecimentos separados. No primeiro, o TSE determinou prazo de retirada de desinformação de plataformas. No segundo, o TSE decidiu pela campanha do PT contra a Jovem Pan por desinformação. Resolução do Ministro do TSE, Alexandre de Moraes assegurou o tempo de duas horas para retirada de desinformação das redes

senso comum bolsonarista. A maneira como essa extrema direita responde ao que chamam de censura indica como se apropriam de práticas de resistência ao autoritarismo, uma vez que consideram que o Estado brasileiro sofre atualmente uma ditadura de esquerda pela revolução cultural (GRAMSCI, 1984).

Profanos bolsonaristas lutam contra a censura imposta pelo STF e acreditam que Jair Bolsonaro valoriza a liberdade. Nesse sentido, a linguagem bolsonarista percebe a liberdade de expressão incondicional na moral esfera do que é bom e correto, enquanto tem a impressão que qualquer restrição a essa liberdade recai na censura de quem é mal e errado (MOUFFE, 2015). Bolsonaro é visto como alguém que preserva todas as liberdades e por isso sofre os cerceamentos do *establishment*.

A advogada Bianca Borragine, 29, tem convicção de que Jair Bolsonaro valoriza a liberdade. "Se ele [Jair Bolsonaro] não fosse a favor da liberdade ou se ele não deixasse todo mundo com essa possibilidade, eu acho que eu nem apoiaria ele". É a mesma visão do empresário Jean Simão, 31, que adiciona a percepção de Bolsonaro ser contra a censura. "Se ele [Jair Bolsonaro] não valorizasse lá atrás ele faria todas essas censuras que estão sendo feitas hoje pra a favor dele e ele tá neutro, ele tá se defendendo".

Jair Bolsonaro peca em dar liberdade demais para seus inimigos na avaliação do comerciante Marcos Sanchez, 57. "Acho que a principal falha do Bolsonaro é dar liberdade demais. Imagina se ele tomasse medidas que o Supremo toma quando alguém critica ele? Eu duvido que as coisas estariam como estão", explica ressaltando cuidado em sua fala para não parecer que é "a favor da ditadura". De fato, no filtro de seleção para as entrevistas, Marcos Sanchez, 57 anos, negou ser favorável a uma ditadura, mas sua fala revela como essa linha entre democracia e ditadura é tênue quando se fala sempre favoravelmente a democracia.

A produtora de conteúdo, Renata Damasceno, 43, defende que Jair Bolsonaro tenha liberdade para bloquear inimigos nas redes sociais, repudia o que chama de "crime

sociais, sites, blogs quando o TSE julgar o conteúdo falso. Antes, as plataformas tinham até 48 horas para a remoção do material desinformativo. Mais ainda, dois dias antes das eleições de 2022, o prazo cai para uma hora. Em relação ao outro fato, nas eleições 2022, o TSE deu direito de resposta à coligação Brasil da Esperança na campanha de Lula na rádio Jovem Pan devido a desinformação disseminada por comentaristas da emissora. A Jovem Pan reagiu em editorial se dizendo "censurada" e proibiu comentaristas de usar expressões contra Lula como "ex-presidiário", "descondenado", "ladrão", "corrupto" e "chefe de organização criminosa".

de opinião" e enfatiza que xingamentos aos inimigos do *establishment* resultam em censura:

> O [Jair] Bolsonaro valoriza a liberdade totalmente, inclusive a dele própria né? De bloquear as redes sociais das pessoas que só ficam lá xingando. Aí falaram que ele estava censurando, mas não ele estava bloqueando pessoas que iam lá xingar ele, é a liberdade que ele tem. E eu acho sim que as liberdade não só estão sendo ameaçadas como já estão sendo destruídas né? Veja o que está acontecendo, tem gente presa por crime de opinião, não pode ter uma opinião e vai preso, enfim né? O que eu já comentei, Brasil Sem Medo, Terça Livre, Jovem Pan, [Roberto] Jeferson, se você xinga alguém do lado de lá você é censurado, mas eles podem xingar o que for, ameaçar então, não está só sendo ameaçada tá acontecendo a censura absurda né? (Renata Damasceno, 43 anos – Produtora de Conteúdo).

Para Renata Damasceno, 43, portanto, censura é sempre instrumento dos inimigos e nunca de Jair Bolsonaro. Nesta percepção, inimigos visam censurar a livre expressão bolsonarista. Os veículos citados por ela como "Brasil sem medo", de Olavo de Carvalho; Terça Livre, de Allan dos Santos, Jovem Pan e Roberto Jefferson compõe parte da midiosfera extremista (ROCHA J., 2021) que se defende atrás de um delito que não tem previsão legal como o "crime de opinião", que aparece como outro artifício argumentativo associado a liberdade de expressão para circular conteúdo de desinformação e retórica do ódio.

O medo de represálias é tão presente na vida desses profanos bolsonaristas que a gerente comercial, Barbara Neuman, 49, indagada sobre a visão que tem sobre o STF, se esquivou de responder. "Prefiro não comentar". Tá difícil viu, posso ser presa por isso". A normalização da retórica do ódio contra o STF traz a sensação de que os Ministros abusam de suas prerrogativas quando buscam impedir a circulação desses materiais.

Para Casarões (2022, p.17), Jair Bolsonaro usou o valor difuso da liberdade para mobilizar seus apoiadores. Assim, percebemos como o fundamentalismo político de Bolsonaro incentivou a liberdade incondicional de expressão associada a verdade revelada. Ao criar desordem (CESARINO, 2022) com as guerras híbridas com técnicas de desinformação para oferecer a ordem de seu projeto hegemônico, Jair Bolsonaro supriu demandas (LACLAU, 2013) por verdade e liberdade em uma dinâmica populista que coloca a censura e a perseguição sob responsabilidade da elite do *establishment*.

Nesse sentido, temos um cenário colocado em que na concepção bolsonarista, Jair Bolsonaro defende as liberdades e a democracia, ao passo que o STF censura e age de forma autoritária, a fim de perseguir e prejudicar o Presidente. Para resolver esse impasse, bolsonaristas acreditam na necessidade de mais poderes a Bolsonaro para fechar o STF e

replicar a punição contra o mal contido na corrupção na figura de Lula e reaver a democracia perdida na ação dos ditadores de toga.

4.4 Eixo Antagonismo

Comportamento político de Jair Bolsonaro incentiva o confronto contra inimigos que tem que ser destruídos. Para Mouffe (2015) o antagonismo natural que caracteriza o político assume forma extrema que ameaça o *establishment*. "Daí a eclosão generalizada de antagonismos que questionam os próprios parâmetros da ordem existente" (MOUFFE, 2015, p.5), o que revela o desenvolvimento de um projeto que não é apenas uma via eleitoral, mas uma operação hegemônica (GRAMSCI, 1984) que tem pretensões a longo prazo na tomada do Estado e na formação de subjetividades através de uma racionalidade que reforça um sistema de crenças (ROCHA, J., 2021) e que tem a verdade revelada do fundamentalismo político oferecendo o direcionamento (VASCONCELOS, 2008; ARMSTRONG, 2001).

Diante do estímulo de Jair Bolsonaro a intimidação e a guerra híbrida (NOBRE, 2022; LEIRNER, 2022) contra inimigos que acentuam os antagonismos, questionamos os profanos bolsonaristas sobre o que é ser bolsonarista; se Bolsonaro é perseguido pelo "sistema"; sobre o que acham da extinção do PT (grande inimigo do bolsonarismo) e compreendemos parte do clima de opinião da campanha eleitoral de 2022. Esses antagonismos se desenvolvem em categorias morais que determinam o que é o bem e o mal (MOUFFE, 2015, p.75), dividindo a fronteira nós e eles, que em Bolsonaro resvala no fundamentalismo político que traz a verdade oculta e revelada sobre o *establishment*. Entrevistas com os bolsonaristas deixaram claro como esses antagonismos foram internalizados.

Bolsonaristas eram agentes sociais dispersos no mundo social que encontraram em Jair Bolsonaro a esperança de ter suas demandas atendidas. Jair Bolsonaro conseguiu a produção de uma cadeia de equivalências na qual significantes vazios e flutuantes auxiliaram na identificação dos inimigos e na construção de fronteiras (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022) que separam o povo dos impuros (PRIOR, 2023).

4.4.1 O que é ser bolsonarista?

Na dinâmica de recepção do discurso populista (Goulart, 2024, p.7), a maioria dos profanos explicitou que ser bolsonarista é concordar com a maioria das coisas que Jair Bolsonaro fala, o que é o caso da grande maioria. Essa explicação dos profanos complementa o laço na cadeia de equivalências produzida por Jair Bolsonaro, uma vez

que seu discurso tem sentido entre eles e gera identificação. Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha[403] em dezembro de 2023, revela que 25% das pessoas se consideram bolsonaristas e 30% se dizem petistas.

O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50 anos, afirma que bolsonarista é "ter Deus no coração, ser patriota e valorizar a família". O instrutor de armamento e tiro (IAT) e motorista de aplicativo Roberto Lorente, 38, se enxerga como um "bolsonarista sensato": "Se sua opinião for diferente da minha e do Bolsonaro, vou respeitar, vou saber escutar e vou passar meu ponto de vista. Meu, cada um tem o livre arbítrio. Mas eu me considero bolsonarista".

Na concepção da empresária Fernanda Buchner, 52, Jair Bolsonaro usa "figuras linguísticas" que são alteradas pelos seus opositores, denotando sentido negativo a suas falas: "Ele (Bolsonaro) não prepara o discurso dele, diz o que pensa; é a pessoa mais verdadeira que eu já vi". Na declaração de Fernanda Buchner sintetiza-se a dinâmica populista e a dissonância cognitiva que norteia o bolsonarismo com o descarte de todo sentido negativo contra Jair Bolsonaro, afinal, ela tem a percepção de que ele "diz o que pensa", uma das características de lideranças populistas percebida por Barros e Lago (2022, p.122).

Alonso (2019, p.64) ressalta que Jair Bolsonaro se vende na "exaltação do homem comum" através do improviso em suas *lives* e aparições públicas 'despretensiosas', revelando o lado familiar e cotidiano de um político. Cada ato do Presidente em busca de comunicação com o povo que construiu visa passar a imagem do homem simples que é igual ao povão.

> Bandeira torta na parede, ostensiva fita adesiva, displicência no cenário, locações caseiras – até na área de serviço (...) ir à igreja, ao banco, ao barbeiro. Sua fala coloquial combina autoridade e emoção – pulso firme, coração mole. Assim se reproduz a persona do caseiro, religioso, humilde. É 'um de nós'. Pessoas sem frescuras, que encara o arroz com feijão da vida – e até um leite condensado (ALONSO, 2019, p.64).

Este homem comum meticulosamente fabricado pelo grupo bolsonarista tem em sua essência o antielitismo patriota (ALONSO, 2019) que transmite a imagem de que

[403] De acordo com a pesquisa, bolsonaristas são maioria no sul do Brasil (35%). No que se refere a religião, 34% se consideram evangélicos. Mais em: CARMO, Wendal. **Brasil tem 30% de petistas e 25% de bolsonaristas, aponta Datafolha**. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-30-de-petistas-e-25-de-bolsonaristas-aponta-datafolha/> (Acesso em: 05/01/2024).

Bolsonaro está ao lado do povo contra os desmandos de uma elite corrupta que só prejudica o Brasil em nome da realização de seus próprios desejos. A ideia de sinceridade e de um homem simples que se comunica com o povo é compartilhada por muitos eleitores de Bolsonaro, como o empresário Júlio Fared, 45, o que indica o êxito na propaganda da exaltação do homem comum e a dinâmica populista em ação:

> Antes de conhecer Bolsonaro, gostaria, pro Brasil, de um Presidente que gostasse de gente, um Presidente honesto e que acima de tudo também fosse patriota, porque senti que o sentimento de patriotismo tinha acabado. Dois ou três anos depois, apareceu a figura do Jair Bolsonaro, que eu passei a conhecer e admirar por conta do resgate dele do patriotismo, falando sempre em lisura. É um homem que tá sempre misturado com o povo, é uma coisa da vida inteira dele porque ele para nas feiras, toma caldo de cana, conversa de perto, não tem nojinho de gente humilde, de casa pobre. Ninguém elitizado, ninguém acima do afegão médio como é falado na Jovem Pan, que o pessoal comunica. Sou muito fã dele, me conquistou pela simplicidade, pela honestidade e pelo patriotismo, era o que eu queria (Júlio Fared, 45 anos - empresário).

Júlio Fared, 45, é o tipo ideal do cidadão de bem. Goulart (2024) sustenta que a ideia de "cidadão de bem" opera como um significante vazio, uma vez que faz a junção entre diversos elementos de natureza moral em uma cadeia de equivalências (GOULART, 2024, p.27). Jair Bolsonaro obteve a façanha de construir laços entre a defesa da família, o patriotismo e o militarismo; bem como o empreendedorismo, o libertarianismo, e o discurso anticorrupção, na figura do cidadão de bem (KALIL, 2018). Cidadão de bem que era conceito flutuante foi capturado por Jair Bolsonaro e se tornou significante vazio que revela o bolsonarista como moralmente bom em busca da verdade contra os inimigos do mal que mentem para manter a ordem do *establishment* intocada.

4.4.2 Bolsonaro é perseguido pelo *establishment*

Por buscar mudar o que está errado, Jair Bolsonaro se tornou vítima da perseguição do *establishment*. Na concepção dos profanos bolsonaristas, a perseguição é nítida. No ponto de vista do contador Milton Bastos, 65, o início do governo Bolsonaro foi marcado por perseguições:

> A primeira atitude que ele teve, para botar o Delegado da Polícia Federal, foi impedido. Como é que alguém pode interferir na tua casa, no teu trabalho? Não pode, pô. Não é função do Supremo [Tribunal Federal], é função dele. Cada uma na sua função, pô. (Milton Bastos, 65 anos – Contador).

Na visão da empresária Fernanda Buchner, 52, "Bolsonaro quebrou o sistema". Assim, o *establishment* é encarado como um gigante e Bolsonaro como um pequeno soldado na luta contra essa elite estabelecida em torno de corrupção. O despachante Murilo Freitas, 56, percebe uma caçada total contra Jair Bolsonaro. "O sistema está sim totalmente contra ele. É um caçada generalizada".

De acordo com o consultor em marketing, Leandro Faverin, 55, existe uma tentativa de "persegui-lo" pelo *establishment* composto por veículos de comunicação, bancos, empresas. "Então, esses caras, de um modo geral, eles estão sim, tentando minar lá". Para a gerente comercial Barbara Neuman, 49, todo *establishment* está contra Jair Bolsonaro, principalmente o Ministro Alexandre de Moraes, a quem dedicava admiração:

> O sistema está contra ele [Jair Bolsonaro], STF, tá todo mundo contra ele, tentando derrubar. O Alexandre de Moraes, eu acreditava muito nele quando ele se tornou Ministro, mas aí eu vi que ele só está preocupado com os interesses dele. Tinha muita admiração por ele, toda a trajetória dele na área da polícia como delegado, e tudo mais e quando ele mostrou realmente que ele é parcial, isso não demonstra atitude de alguém que está na cadeira que ele está (Barbara Neuman, 49 anos – Gerente Comercial).

O Ministro do STF e do TSE, Alexandre de Moraes foi citado pelo profanos bolsonaristas como o principal inimigo de Jair Bolsonaro. Para a analista de sistemas Kerena Rodriguez, 55, não há perseguição igual a sofrida pelo Presidente da República. "O [Jair] Bolsonaro está sendo perseguidíssimo eu acho que ele é a figura hoje mais perseguida no Brasil".

Motivo para a perseguição de Jair Bolsonaro é variada, mas busca em essência a livre circulação de negociatas escusas. Na visão do analista tributário Wesley Lima, 31, a corrupção é generalizada no Brasil, ocorre em todas as esferas de poder, exceto pela atuação íntegra de Jair Bolsonaro, que combate a corrupção dificultando a ocorrência de desvios. Por isso que há perseguição contra Bolsonaro, afinal, para o analista tributário, o *establishment* só funciona com a estrutura da corrupção e quem o combate só pode ser perseguido. "Com o governo Bolsonaro pelo menos a forma que as pessoas se beneficiaram com a corrupção ficou um pouco mais dificultada, entre aspas difícil".

O empresário Jean Simão, 31, atribui a perseguição do *establishment* ao enxugamento da máquina feito por Bolsonaro que acabou com os esquemas de corrupção. "Ele enxugou a máquina pública, eu sei de gente muito forte que chegou e falou 'O Bolsonaro entrou, fechou a torneira, não tem mais mamata, não tem mais um monte de coisa"'.

Na concepção do publicitário Diogo Grezzi, 58, Jair Bolsonaro é boicotado todos os dias pelo STF que se apressa em colocá-lo em evidência negativamente para derrubá-lo. "Todo dia tem alguma coisa, você lembra da época da Lava Jato que você acordava de manhã pra saber quem que ia ser preso naquele dia? Hoje acorda pra saber que merda que o STF tá fazendo contra o governo".

Jair Bolsonaro destoa do *establishment* na percepção dos profanos bolsonaristas, porque sempre recusou entrar em esquemas de corrupção e não se aliou ao mal e a mentira. Para a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, Bolsonaro nunca se "vendeu" e costuma sempre dizer a "verdade", com uma preocupação com as pessoas que o *establishment* nunca teve, pois a ordem estabelecida sempre esteve envolta em negociatas permeadas pela corrupção:

> Sim, o sistema sim, porque o Bolsonaro não se vendeu ele fala a verdade, ele se preocupa com as pessoas, ele fez as nossas estatais darem lucro bilionários e não mais prejuízos bilionários como antes, então ficou claro como o sistema da corrupção e o STF tudo causava, trazia muito prejuízo né? E o Bolsonaro mesmo durante a pandemia, o Brasil não faliu, então eles estão contra o Bolsonaro sim (Renata Damasceno, 43 anos – Produtora de Conteúdo).

O fundamentalismo político de Jair Bolsonaro obteve êxito em opor a captura da verdade sustentada por ele de uma série de mentiras produzidas pelo *establishment* e, dessa forma, contra mentiras a disputa política não pode ser leve ou moderada (VASCONCELOS 2008; ARMSTRONG, 2001). Profanos bolsonaristas apoiam o jeito truculento de Jair Bolsonaro no trato com seus inimigos. Para o contador Milton Bastos, 65, o Presidente sofria ataques constantes e por isso tinha que revidar a altura:

> Não está contra, sempre estiveram. Isso todo o sistema. E ele enfrenta. Como você pode enfrentar ponta de faca, a folha de papel, a flores...? Não dá cara. Você tem que ser duro. Se não você não aguenta. O cara leva pancada 24 horas por dia, apanha 24 horas por dia. Ele ainda consegue manter a seriedade, é um autocontrole que você deve fazer, um exercício diário para autocontrole. Porque você ser perseguido 24 horas por dia e você ser questionado e às vezes ser ignorado até por aqueles que tão recebendo benefício, é difícil, pô! (Milton Bastos, 65 anos – Contador).

4.4.3 Equivalência entre PT e PSDB

A frente ampla pela democracia brasileira que contou com diversos agentes sociais do campo político que antes eram adversários causou perplexidade nos profanos bolsonaristas, como apoio de figuras históricas do PSDB ou a aproximação de Geraldo Alckmin com petistas. Para eles, ter votado no passado na oposição ao PT e vê-los aliados provoca desconforto e irritação. Qualquer força política que apoiou a candidatura de Lula em 2022 e que no passado era adversário do petista, como o apoio de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) a Lula, foi mencionado espontaneamente com ojeriza, ódio, indignação.

A corretora de seguros Eloisa Correia, 50, considera "podre" a aproximação entre o petista e o tucano. "Para você ver o nível da podridão, Fernando Henrique Cardoso tá apoiando o Lula, que podre que nojento! O Alckmin eu nem vou falar porque o Alckmin já era podre lá atrás!", vocifera a corretora, exaltando o tom de voz. Na percepção

bolsonarista, qualquer aliado do PT ou agente social que dialogue com o partido incorre em uma associação do mal com uma organização criminosa, narrativa que é perfeita para a linguagem de memes nas redes sociais.

Na concepção da produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, a candidatura de Lula só foi possível devido a um esquema feito pelo PSDB junto ao *establishment* que o retirou da cadeia mesmo sem ser inocentado em uma armação que se estende ainda a facada dada em Jair Bolsonaro na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, durante a campanha eleitoral de 2018:

> Eu acho que tem gente do PSDB envolvido nesses últimos escândalos que foi o que levou o Lula pra cadeia, eu acho que se o Lula fosse condenado lá na terceira instância, de vez né, a sentença e tudo mais final, eu acho que ele ia acabar cantando, ele iria entregar o pessoal do PSDB também e aí eles ficaram com medo e, por isso, tentaram matar o Bolsonaro, tentaram tirar o Lula da cadeia para o Lula não cantar e não entregar o resto. Eu acho isso (Renata Damasceno, 43 anos - Produtora de conteúdo).

Teorias da conspiração como explicitadas por Renata Damasceno, 43, compõe o fundamentalismo político de Bolsonaro e funcionam para explicar contextos a partir de crenças que buscam o conforto cognitivo remodelando a aparência de verdade quando são colocadas à prova. Quanto mais uma teoria da conspiração tem apoio, mais esse conforto cognitivo permanece intocado, sem ruídos que ativem uma dissonância cognitiva (CESARINO 2022; ROCHA J., 2021).

Na concepção do fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, PT e PSDB apenas revezavam o poder, mas tinham os mesmos ideais. "Eles sempre foram farinha do mesmo saco, tudo esquerda dividindo o poder, mesmo lado da moeda". Apoio de tucanos a petistas impressiona o empresário Jean Simão, 31, que acredita em relações falsas do *establishment* e luta do bem contra o mal:

> Do lado do PT por exemplo tem gente que sempre, sempre, a vida inteira meteu o pau no PT, no Lula, na Dilma, no Haddad em quem viesse e hoje o cara tá aliado com ele. É a maior mentira que existe, é eu falar que não gosto de uva, nunca gostei na minha vida inteira, aí depois por algum interesse eu falo "eu amo uva, sempre amei", é mentira. Ai é bem contra o mal até em situação de ética, isso eu estou falando de uma coisa, tem várias outras (Jean Simão, 31 anos – Empresário).

Para Reis (2019), tucanos e petistas se tornaram "cúmplices e reféns de um sistema que foram incapazes de mudar", baseado no consumo e não na construção da cidadania, o que entre outros fatores levou a uma descrença com o campo político (REIS, 2019, p.283). Com a aproximação de tucanos com petistas, o antigo aliado contra o inimigo também virou o inimigo a ser exterminado, afinal, se estas forças políticas se juntam ao

PT, também são o mal a ser combatido (MOUFFE, 2015; VASCONCELOS 2008). O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, partilha dessa visão de Eloisa Correia, 50, e Jean Simão, 31, por conta de FHC se mostrar ao lado de Lula depois de disputar duas eleições contra ele em 1994 e 1998, permanecendo sempre em posições opostas dentro do campo político:

> Ah, eu não tenho dúvida, quando você vê que políticos todos que mandaram no Brasil a vida inteira e que sempre foram rivais se unem contra ele, a imprensa toda, a classe artística toda, evidentemente o sistema está contra ele. Eu acho que na verdade existe uma perseguição por tudo que ele representa né? Ele acabou com a mamata de quem mandou a vida inteira, por isso que ele foi perseguido a vida inteira - eu nunca vi na minha vida um Presidente ser tão perseguido, nem a Dilma no fim do mandato dela (Alexandre Dantas, 61 anos – Dramaturgo).

Pela ideia de que Jair Bolsonaro "acabou com a mamata de quem mandou a vida inteira", revela-se a internalização da lógica populista em que Bolsonaro representa o povo no combate a uma elite que se beneficia das relações sociais construídas no mandonismo e corrupção (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022). Sendo assim, o único jeito de combater os desmandos do *establishment* e os esquemas de corrupção enraizados no Estado interrompidos com a reeleição de Jair Bolsonaro.

4.4.4 Expectativa pela reeleição de Jair Bolsonaro

O motorista de aplicativo, Roberto Lorente, 38, expressa preocupação caso Bolsonaro não ganhasse as eleições de 2022 pelo medo de o *establishment* voltar a ter o poder e ter a oportunidade de concluir a perseguição com uma prisão. "Tenho receio dele [Jair Bolsonaro] não ganhar as eleições, eu espero que ganhe do fundo do coração, acho até possível tentarem prender o cara não sei porque, acho que pode rolar".

Profanos bolsonaristas demonstraram muita esperança na reeleição de Jair Bolsonaro. A vitória do Presidente significaria não só uma vitória eleitoral, mas um êxito contra o *establishment* importante para aprofundar o desmantelamento da ordem corrupta constituída pelo PT. Esperança de mudar o cenário político brasileiro é latente desde a campanha de 2018 (SOLANO, 2019, p.313)

Para o empresário Júlio Fared, 45, uma vitória de Jair Bolsonaro representaria um grande momento para o país. "Hoje, se o Bolsonaro conseguir um segundo governo eu falo 'se' porque eu tenho dúvida, se ele conseguir um segundo governo a gente vai ter talvez o início da melhor era áurea do Brasil", diz Fared que tem impressão de forças políticas muito maiores contra Bolsonaro do que a favor dele. "Tem muito mais gente querendo derrubar do que querendo ajudar, mas os que estão ajudando os que estão

querendo ajudar estão dobrando as suas forças - eu sou um, sou mais um soldado", completa o empresário demonstrando a internalização da lógica militarista (LEIRNER, 2022).

Por outro lado, uma vitória de Lula na eleição de 2022, seria a volta da corrupção sistêmica e de todo o mal contido nas administrações petistas, o que explica todo antagonismo com eleitores do PT que sustentam esse mal. A corrupção é o tema que move a retórica antipetista (SOLANO, 2019, p.312). Para o analista tributário Wesley Lima, 31, o mal está contido nos desvios do PT e a prisão de Lula é o único modo de colocar o mal no seu devido lugar. "A gente vê um governo conservador de direita, contra um governo de esquerda que é um trilhão de desvio público e essa é a guerra de bem contra o mal, e infelizmente querem colocar o bandido na cena do crime de novo e temos que prender ele [Lula] de novo".

Com base na criminalização do PT e de Lula, o comerciante Marcos Sanchez, 57, revela uma impressão compartilhada pela grande maioria dos profanos bolsonaristas. É muito óbvio para eles o lado certo e o lado errado da história. O voto em Lula ou no PT é uma aposta no lado errado da história por acreditarem ser uma organização criminosa:

> Eu não consigo encontrar um outro adjetivo que não seja o mal, uma quadrilha que quer voltar ao poder, com todos os crimes que Lula cometeu. Uma pessoa de fora vai achar que é um absurdo o que está acontecendo aqui, ela não vai se conformar. Como é que pode, tantos crimes? Como é que pode, os Ministros que condenavam, que falavam dos crimes, que criticavam? Os mesmos agora inventarem mecanismos para soltura e o cara é candidato a Presidente. Fora crimes mais graves, como das desconfianças de assassinatos. Como é que pode tantos milhões de brasileiros apoiarem isso? Eu fico nervoso. Eu estou falando aqui com você por causa do seu trabalho - mas eu tenho que manter a calma quando começo a falar sobre isso. Meus filhos, formados, votam contra o Bolsonaro, mesmo o PT sendo uma quadrilha, isso é um desgosto absurdo. Parece que foi uma lavagem cerebral que eles sofreram. É muito óbvio (Marcos Sanchez, 57– Comerciante).

Dado a obviedade que o lado errado da história não poderia contar com apoio nenhum, Marcos Sanchez revela inconformidade e nervosismo ao mencionar que seus filhos apoiam Lula contra Jair Bolsonaro. A lavagem cerebral a que o comerciante se refere tem base em autores da extrema direita como já visto na discussão que realizamos sobre guerras culturais (1.2). Olavo de Carvalho aponta que esquerdas querem apagar a mentalidade do povo efetuando uma lavagem cerebral (CARVALHO, 1994, p.43). Jorge Scala acredita que esquerdas usem técnicas de lavagem cerebral (Scala, 2011, p.18). A lavagem cerebral que teria sido realizada em eleitores do PT, como os filhos de Marcos

Sanchez, são diretamente atribuídas a produção de *fake news* pelo *establishment* contra Jair Bolsonaro.

Na luta do bem contra o mal, só os eleitores mais humildes que residem na região Nordeste do Brasil não conseguem perceber que o PT é o mal a ser combatido, compreende o publicitário Diogo Grezzi. "Somente as pessoas mais humildes não conseguem perceber isso. Mas eu não vou concordar que o nordestino é mal por essência". O publicitário confessa perder a paciência com eleitores do PT com grau de instrução mais elevado. "Eu tenho muita dificuldade de conversar com uma pessoa que eu sei que estudou, que teve condição, que viu tudo o que o Lula fez e fala que é honesto, esse é o único tipo de diálogo que eu evito para não perder a paciência e acabar xingando alguém".

Exemplos como os filhos "formados" de Marcos Sanchez ou o atrito de Diogo Grezzi com pessoas que estudaram apresenta o conflito na esfera moral do que é certo ou errado. Quanto mais capital social acumulado com títulos, mais espera-se que a pessoa tenha a mesma concepção de mundo que aquela esperada, isto é, mais estudo é sinal que a visão do que é certo deveria ser internalizada automaticamente e por isso uma prática distante como a esperada, como o voto no candidato "errado", gera falta de compreensão naquela atitude ou perda da paciência como relatou o profano bolsonarista. Conhecimento nesse sentido é discernimento do que é certo ou errado e uma pessoa com conhecimento que faz a escolha errada foi doutrinada ao nível de uma lavagem cerebral.

Diante da obviedade de que votar em Lula é errado e da enorme distância dos projetos de hegemonia em disputa, o grau do atrito se manteve elevado tanto nas eleições de 2018 como nas eleições de 2022. Conflitos familiares foram comuns e geraram disputas que separaram pais e filhos, irmãos, como na família do publicitário Diogo Grezzi. Ele conta sobre a divergência existente em seu seio familiar durante as eleições de 2022:

> A gente tem um irmão que a gente não fala sobre política com ele e no final como a gente fala muito de política ele se sente meio isolado, porque se ele vem defender, a gente tem muito argumento né? E daí acontece isso na verdade. A gente acaba se afastando um pouco mais, brigar mesmo de não encontrar, não, é claro que por exemplo a mulher dele também é petista - Ah pô, vem jantar em casa. Eu não vou. Eu, a minha namorada é Bolsonaro roxo, pra que eu vou ficar me desgastando com o cara né? Mas eu falo isso claramente pra ele, eu falo: - "Beto eu não vou, espera passar as eleições aí depois quem sabe. A gente se vê na casa da mamãe" (Diogo Grezzi, 58 anos – Publicitário).

Todos os entrevistados, tem essa percepção de que Jair Bolsonaro é perseguido pelo *establishment* porque não aderiu a esquemas de corrupção; de que o PT não é adversário, mas inimigo e votar no partido é errado e a consagração do mal. Surge também o medo de que Jair Bolsonaro não vencesse as eleições e a possibilidade de prisão marcaria a perseguição do *establishment*. Todos concordam que a culpa é do PT e a maioria acha que o Partido dos Trabalhadores deve ser extinto.

4.4.5 Extinção do PT

A advogada Bianca Borragine, 29, discorda da extinção porque acirraria ainda mais a luta política. "Não concordo porque eu acho que a gente não tá nem preparado pra isso por conta dessa polarização, eu acho que isso seria um bom absurdo". Segundo a analista societária Daiane Costa, 30, uma profunda mudança no partido já bastaria. "Extinção não, uma reestruturação do PT". Sua percepção é similar à da gerente comercial Barbara Neuman, 49. "Tem que mudar a ideologia do partido".

O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, pensa que o PT não deveria ser extinto, mas deveria acabar desidratando eleitoralmente e traz o exemplo do PSDB. "Eu concordo da extinção natural do PT, eu não sou a favor da extinção por violência ou por decreto, eu torço para que o PT vá perdendo força até acabar. Que é o que está acontecendo um pouco com o PSDB né?".

Esse é o mesmo posicionamento do consultor em marketing Leandro Faverin, 55, que é contra a extinção do PT por uma medida autoritária, pois acredita que o partido perderá força eleitoral por si só e cita o exemplo da Venezuela. "Então, o que eu acho que não precisa colocar o PT na ilegalidade. Deixe fazendo esses discursinhos que uma hora ele acaba sozinho por conta própria. A Venezuela vai virar o jogo uma hora, vai virar o jogo porque não se sustenta. Aquilo que é podre acaba".

Ao contrário dos profanos bolsonaristas que não veem a extinção do PT como uma boa opção para o país, a maioria dos entrevistados possui inúmeras razões para a extinção do partido. A analista de sistemas Kerena Rodriguez, 55, concorda com a extinção do PT, porém, acha que o espaço de oposição não pode ficar vago. "Com a extinção do PT eu concordo, mas eu tenho pra mim que a gente precisa ter um oponente, precisa ter direita e esquerda". A percepção de Kerena Rodriguez ainda que radical pela extinção do partido, respeita por outro lado uma relação agonística (MOUFFE, 2015,

p.19), reconhecendo a legitimidade de um possível adversário, mas que não seja o PT, afinal este é inimigo.

A corrupção associada ao PT é um dos principais motivos para exigir a extinção do partido. Na percepção do analista tributário Wesley Lima, 31, a extinção do PT acabaria com a origem da corrupção. "Eu acho que sim deveria ser extinto porque ali é a matriz da corrupção". O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, vai na mesma linha de Wesley porque crê que Lula é criminoso e se beneficiou da corrupção. "Tá provado tanto crime, tem que extinguir isso aí".

Como observa Solano (2019), a corrupção se encontra no centro da retórica das novas direitas e as une contra o PT e na aproximação à Bolsonaro, o que deixa nítido a rejeição ao *establishment* que seria todo contaminado por um fazer político dirigido pelos desvios do petismo. "A corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema. Não só os políticos profissionais seriam 'sujos' e corruptos, como o próprio fazer político desperta afetos negativos como vergonha e rejeição" (SOLANO, 2019, p.314).

O relações públicas Pietro Barbosa, 21, crê que o PT tem que ser extinto de uma maneira "democrática" pela caminho da legalidade em decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ele menciona o fato da chapa de Fernando Haddad (PT) ter Manuela D'Ávila do PcdoB como vice nas eleições de 2018 e explica que ter comunistas formando uma chapa com o PT bastaria para alguma determinação legal pelo fim do partido:

> Eu acredito que da forma mais democrática possível, o partido deva sofrer algum tipo de sanção legal e ser extinto, por exemplo daquela chapa que teve em 2018 entre Haddad e a Manuela D'Ávila que a Manuela era do PCdoB, acredito que deveria fechar justamente por causa dessa chapa porque eu concordo com propostas de certos países do leste europeu como a Polônia, que o comunismo deveria ser criminalizado como o nazismo porque a ideologia comunista foi professada pelo bloco socialista durante a cortina de ferro na época da Guerra Fria e é uma ideologia que, infelizmente, matou milhões de pessoas e tem vários ditadores que chegaram a ameaçar o mundo com a aniquilação nuclear, então eu acredito que sim deva ser extinto por vias legais (Pietro Barbosa, 21 anos – Relações Públicas).

A produtora Renata Damasceno, 43, vai além de Pietro Barbosa e requer a extinção imediata do PT, pois considera que o partido tem viés socialista e na visão dela, nenhum partido comunista ou socialista deveria ter permissão para disputar o poder em uma democracia, o que revela antagonismo que criminaliza os inimigos (MOUFFE, 2015; LEVITSKY e ZIBLATT, 2018, p.70). "Concordo com a extinção tanto do PT como de qualquer outro partido que seja socialista ou comunista". O empresário Júlio Fared, 45, concorda com Renata Damasceno e adiciona o PSOL a lista de partidos que deveriam ser

extintos. “Eu concordo com a exumação do PT com a extinção total, mas tem que levar junto o PSOL e os coligados porque só o PT é uma sigla”.

A concepção bolsonarista do mundo que tem o antagonismo acentuado como norte na prática política percebe não só o PT, mas qualquer força de esquerda como uma ameaça a sua existência. Marcos Sanchez, comerciante, 57, enfatiza que outra força política vai ocupar o lugar do PT e ela pode ser “mais radical”. “Apesar que tem uma outra ai forte que pode ser até pior e mais radical que o PT, que é o PSOL, que vai acabar ocupando o lugar do PT, mas até alcançar o que o PT alcançou vai demorar e vai ser muito mais difícil”.

Milton Bastos, contador, 65, também exige a extinção do PT e outros partidos de esquerda em nome do fim do autoritarismo e das divisões de classes criados nos discursos progressistas. “Do jeito que está, ele e mais outros partidos por aí tem que ser extintos por completo. Porque quando fica a raiz, em algum lugar ela vai germinar. E é só raiz ruim”.

Levitsky e Ziblatt (2018, p.70) a partir do trabalho de Linz criaram indicadores que demonstram o avanço do autoritarismo dentro das democracias, subvertendo-a por dentro, sem que ocorra um arroubo autoritário golpista que assuma a concretude de um golpe de Estado clássico. Entre esses indicadores, a negação da legitimidade de oponentes políticos, descritos como criminosos, desqualificando a participação como via eleitoral, que ameaça a ordem existente, estão presentes na percepção dos profanos bolsonaristas que desejam a extinção do PT. O partido tem sua legitimidade negada, seus membros são taxados de criminosos que não devem estar em eleições e que buscam levar o Brasil ao caminho político ‘bolivariano’ da Venezuela.

Para o comerciante Marcos Sanchez, 57, a extinção do PT seria um sonho e caso Lula perdesse as eleições de 2022, ele acredita em uma possibilidade maior da retirada do partido da disputa eleitoral. “Não só concordo, como seria um sonho o PT acabar. Infelizmente, estou com muito medo mesmo que o Lula volte a Presidência, mas se não for, eu acredito que teremos uma grande chance de acabar com o PT”. O medo foi um componente muito ativado na campanha eleitoral de 2022, uma vez que projetos hegemônicos distintos (GRAMSCI, 1984), sem conciliação, provocam diversos afetos.

Concepção de que o partido está ligado as elites financeiras, como estimula Jair Bolsonaro também foi verificado. A psicóloga Fatima Abdul, 62, cortaria o dinheiro

enviado ao partido pelo Fundo Partidário e Fundo Eleitoral (que é enviado de acordo com a representação) porque assim seria um partido "normal". "Só tirar o poder e a dinheirama que eles têm e a influência que eles têm em lugares demais. Colocar como um partido normal".

O despachante Murilo Freitas, 56, explica que não entende porque o PT ainda não foi extinto depois que foi comprovado que o partido recebia dinheiro do exterior. "Ah sim, e demorou ser extinto [o PT], deveria ter acontecido isso há muito tempo, principalmente depois que ficou meio escancarado que ele recebia dinheiro do exterior né do pessoal dos árabes e tudo mais, já era para ter caçado Lula e o PT ali".

Na concepção do motorista de aplicativo e IAT, Roberto Lorente, 38, a extinção do PT seria importante para o país porque o PT comprou o *establishment*. "Seria uma boa porque os caras tem tanta grana que podem comprar a mídia, podem comprar juiz, podem comprar o pessoal da toga, tem grana pra manipular quem eles quiserem. Quem tem dinheiro faz e demanda no Brasil, a gente sabe disso". Nesta dinâmica populista, distinção entre a elite milionária e a campanha modesta de Bolsonaro estabelecem mais um ponto nodal na construção da fronteira (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022).

Extinção do PT é necessária para tirar o mal da política no Brasil. Como já dito anteriormente, os profanos encaram a luta política na esfera moral, do que é certo ou errado (MOUFFE, 2015) ao encontro do fundamentalismo político do que é bem ou mal de acordo com a verdade professada pela liderança de Jair Bolsonaro (VASCONCELOS, 2008; ARMSTRONG, 2001). Questionamos os profanos bolsonaristas se vivemos uma luta do bem contra o mal e a grande maioria deles revelou que há uma luta do bem contra o mal de um lado versus outro flanco na qual poucos profanos discordam dessa visão de mundo.

4.4.6 Luta do bem contra o mal

Para a analista societária Daiane Costa, 30, não se trata de uma luta do bem contra o mal. Assim, a bolsonarista reconhece o modelo adversarial (MOUFFE, 2015) nos petistas. "Conheço muita gente boa que é petista e que não são más, pra mim, é uma batalha direita e esquerda, luta de lacradores com pessoas que se acham donos da razão e direitos da família que a gente vê que é hipocrisia".

Não faz sentido pensar em uma luta do bem contra o mal na visão da psicóloga Fatima Abdul, 62. Ela explica que discorda dessa forma de ver a disputa política e ressalta

que perdeu um cliente por demonstrar simpatia por Jair Bolsonaro e por isso deixou de se posicionar antes ou depois das sessões. “Eu sou obrigada, cliente que eu adoro, chega aqui e me xinga todinha sem saber que está me xingando, entendeu? É minion, é bolsominion”.

Todo o restante dos profanos bolsonaristas entrevistados têm a visão que vivemos atualmente no Brasil uma luta do bem contra o mal. Segundo a analista de sistemas Kerena Rodriguez, 55, é óbvio que existe uma luta do bem contra o mal. “Eu acho que sim, eu enxergo assim o bem é o Bolsonaro”. O dramaturgo Alexandre Dantas destaca o caráter contínuo da luta do bem contra o mal. “Eu acho que o bem contra o mal é uma luta eterna, sempre foi e na política também”.

O contador Milton Bastos, 65, entra na esfera moral do que é certo ou errado. “É uma luta do bem contra o mal de pessoas idôneas contra pessoas não idôneas. Temos uma cegueira política muito grande. É preciso combater o mal com a verdade”. Combater o mal com a verdade mostra o fundamentalismo político internalizado nos profanos bolsonaristas, ao passo que a verdade do bolsonarismo só pode ser alcançada através de Bolsonaro (BRUNO e ROQUE, 2009; ARMSTRONG, 2001).

Sempre foi uma luta do bem contra o mal durante toda a humanidade, diz o consultor de marketing Leandro Faverin, 55, mas o contexto em que estamos situados denota que a esquerda é um mal:

> A vida inteira foi isso, o bem contra o mal, né? Então, se você considerar o momento que a gente vive, aquilo que eu falo, sabe porque eu acho que sabe disso. Eu acho que assim à esquerda, ela hoje é um mal, porque ela não se reinventou. Ela ainda fica nesse discurso de sociedade de classe, do rico contra o pobre, que não... De eles contra nós. Quando na verdade, 100 anos atrás, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, praticamente 90% da população do planeta vivia abaixo da linha da pobreza (Leandro Faverin, 55 anos – Consultor em Marketing).

Bem e mal, núcleo do fundamentalismo político, é visto em termos religiosos pelo empresário e maçom Júlio Fared, 45. Ligado a maçonaria e ao espiritismo, ele conta que o plano espiritual informou a respeito da necessidade de travar uma luta do bem contra o mal petista para obter a evolução espiritual. O empresário traz uma visão ecumênica para legitimar a luta do bem contra o mal:

> Cara, eu tive muitas mensagens de religiosos espíritas principalmente porque eu, por ser espírita, acredito numa visão maior e de conselhos maiores, e eles passaram pra gente - eles que eu falo, o plano espiritual maior - de que se tratava sim de uma guerra do bem contra o mal, mas que esse tipo de situação é necessária para a nossa evolução. Ai sabem eles lá porque, e depois disso eu

> li no meu meio espírita essas notícias, aí eu comecei a ver muitos padres muitos pastores e até muitos umbandistas e vários outros tipos de livros espirituais, até judeus, dizendo que a gente tem que cuidar muito porque está se travando uma luta do bem contra o mal (Júlio Fared, 45 anos – Empresário).

Ao contrário do exposto pelo empresário Júlio Fared, outra pessoa entrevistada revela que não tem nada de espiritualidade na luta do bem contra o mal existente no país, pois esse conflito tem base na "realidade" quando se olha o avanço comunista na América do Sul, como diz a advogada Bianca Borragine, 29. Se funda, portanto, na prática política e não na metafísica, embora ambas sejam contempladas no fundamentalismo político. Acaba, para ela, sendo uma questão de obviedade:

> Daí a gente falaria, entraria no que seria o contexto do que que é bem e o que que é mal. Não é uma questão espiritual porque eu vejo até muita gente falando de espiritual - nesse ponto eu não acho que seja - é uma questão de realidade mesmo, poxa olha o que está acontecendo na maioria dos países da América do Sul com o socialismo, olha o que a gente enfrentou e olha como a gente saiu com o governo da direita. É questão de lógica, para mim tá? (Bianca Borragine, 29 anos – Advogada).

Armstrong (2001) explica que no fundamentalismo medo e ansiedade do desconhecido levam a raiva, ao desejo e a reação. Assim, se "preenche o vazio com certezas e sua convicção do mal onipresente" (ARMSTRONG, 2001, p.232). Fundamentalismo político em que a verdade é revelada pela liderança de Bolsonaro combinada a estímulos que elevam o antagonismo na esfera moral do "bem contra o mal" levam os profanos bolsonaristas a enxergar o inimigo como aquele que tem que ser exterminado (MOUFFE, 2015) e não há outra saída possível além do projeto hegemônico bolsonarista.

4.5 Eixo Guerras Culturais

Antagonismo acentuado presente no debate político que entra na esfera moral (MOUFFE, 2015) se desenvolve com ímpeto na arena das guerras culturais. Sendo assim, os conflitos das guerras culturais atravessam o campo da moral, condenando atitudes e comportamentos e lutando para modulá-los, pois há nessa disputa algo mais profundo (HUNTER, 1991). Discussão política atualmente deixa em segundo plano aspectos econômicos para debates morais (SOLANO et al, 2017, p.36).

Guerra cultural na macropolítica é operação hegemônica que busca formar subjetividades, enquanto na micropolítica é a regulação dos corpos que destroem a família. "A guerra cultural surge devido a concepções fundamentalmente diferentes de autoridade moral, a diferentes ideias e crenças sobre a verdade, o bem, a obrigação mútua, a natureza da comunidade" (HUNTER, 1991, p.49).

Ocorre neste processo de captura de subjetividades uma guerra de movimentos (GRAMSCI, 1984) pela proteção do núcleo familiar patriarcal heteronormativo por movimentos reacionários (ALONSO, 2019; BIROLI et al, 2020) em atrito direto com novas formas de constituição familiar, valores e vivências, ao passo que minorias expressas nos feminismos, grupos LGBTQIA+ e antirracistas antes excluídos dos processos decisórios no Estado sobre seus próprios corpos (LACERDA, 2019), passaram a ocupar espaços no campo do Estado conquistando direitos, discutindo políticas públicas, alterando assim o panorama de nossos tempos, encontrando por conseguinte, uma contra operação hegemônica (MOUFFE, 2015; GRAMSCI, 1984).

Biroli et al (2020, p.27) explicam que ao se diferenciar dos movimentos feministas e LGBTQIA+, grupos neoconservadores perceberam interesses em comum e iniciaram uma reação que resultou em uma identidade política. Esses movimentos de minorias colocados como antagonistas são taxados de ideológicos que tem que ser rejeitados e combatidos, pois são radicais e ameaçam a família. Todo esse conflito ocorre dentro da esfera moral (MOUFFE, 2015) que acentua o antagonismo e a relação "nós versus eles".

De acordo com Hunter (1991), guerras culturais são promovidas na falta de consenso moral e contemplam temas como aborto; cuidados com as crianças; financiamento para a arte; ações afirmativas e cotas; direitos e políticas públicas para homossexuais e para diferentes gêneros; valores educacionais; multiculturalismo; de forma que todos devem permanecer sob a tutela de uma autoridade moral que resguarde e proteja a sociedade de transformações bruscas.

Como observam Solano et al (2017, p.37), a partir de Lakoff, autoridades morais de conservadores e progressistas entram em conflito por duas definições distintas: a primeira é a de um pai rigoroso, próximo as direitas; enquanto a outra traz um pai carinhoso, identificado com as esquerdas, em uma metáfora familiar que pretende demonstrar a necessidade subjetiva da busca de um pai que faça imposição moral e determine valores aceitáveis para o convívio.

Essas autoridades morais determinam o que é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável ou inaceitável através de julgamentos morais (HUNTER, 1991, p.42). Existe também um "senso de verdade moral última" (HUNTER, 1991, p.59) que em Jair Bolsonaro faz eco com seu fundamentalismo político que traz a verdade oculta e revelada contra o mal encarnado que ocorre em formas discursivas que assumem uma dinâmica

populista (VASCONCELOS, 2008; ARATO, 2013; LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022).

Biroli (2020, p.149) explica que o neoconservadorismo resguarda tradições morais de maneira a instrumentalizá-las no embate político:

> Um dos aspectos dessa defesa é o louvor a uma antiga ordem na qual os papéis de gênero seriam "mais claros" e as mulheres cuidavam das demandas da vida familiar cotidiana enquanto os homens podiam "assumir os encargos da masculinidade". Os defensores das tradições morais aderem em graus distintos a abordagens repressivas à diversidade e mobilizam visões antipluralistas, nas quais a aceitação e a naturalização de papéis e desigualdades sexuais funcionariam como respostas a um suposto declínio da ordem moral (BIROLI, 2020, p.149, aspas do autor).

Adentramos a arena das guerras culturais questionando os profanos bolsonaristas sobre temas como importância da família, aborto, ideologia de gênero, feminismo, linguagem neutra, politicamente correto, Olavo de Carvalho, marxismo cultural e comunismo, com pretensão de verificar como se posicionam nesse conflito que tem Bolsonaro e Olavo de Carvalho como expoentes e estimuladores. Guerras culturais elevam o antagonismo ao limite na disputa moral do que é certo ou errado (MOUFFE, 2015) na condução patriarcal familiar e dos corpos considerados ameaçados (BIROLI, et al, 2020).

4.5.1 Aborto na percepção do bolsonarismo

Vaggione (2020, p.30) observa que as guerras culturais tem características reacionárias e para girar a roda da história para trás, muitos agentes sociais buscam a "juridificação da moralidade" levando a vontade de regulação dos corpos para o campo do direito, o que deixa nítido como a racionalidade jurídica é fundamental no projeto hegemônico bolsonarista:

> A emergência, a solidificação e, inclusive, o apoio popular ao neoconservadorismo se vinculam à necessidade de certos setores de defender a recuperação de uma ordem moral que se considera ameaçada. Se o neoconservadorismo se volta ao passado para restaurar um modelo moral (nunca de todo vigente), também projeta-o em direção ao futuro enquanto utopia (uma utopia reacionária). Uma das características dessa política restaurativa é a centralidade do direito na defesa da ordem moral em crise (VAGGIONE, 2020, p.58).

Nas lutas culturais que atingem o desejo de controle de corpos, o aborto aparece como um tema muito polêmico entre os profanos bolsonaristas entrevistados e é rejeitado pela grande maioria em todos os casos, até de estupro. Lei brasileira permite interromper

gravidez em casos de estupro, risco de morte para a mãe ou anencefalia do feto[404]. Uma minoria de entrevistados se mostrou favorável ao aborto ao que a lei já prevê, em caso de estupros ou que coloque a vida da mãe em risco. Maioria dos entrevistados é contra o aborto em qualquer situação.

O relações públicas Pietro Barbosa, 21, é um dos profanos que é totalmente contra o aborto em qualquer situação. "Sou a favor da defesa da vida desde a concepção até a morte natural, sou contra o aborto em todos os casos, sou a favor de outras medidas para que o aborto não seja necessário". No fundamentalismo político de Jair Bolsonaro, o aborto denota a degeneração moral e religiosa da sociedade (VASCONCELOS, 2008).

Métodos anticoncepcionais são largamente defendidos pelos profanos para que não haja necessidade de um aborto, como para o analista tributário Wesley Lima, 31, ou para a analista de sistemas Kerena Rodriguez, 55. "Eu acho que é um erro, principalmente na questão que o que se tem mais hoje são prevenções, o que tem de métodos que você pode evitar e a pessoa não utiliza e ainda quer realizar um aborto, eu acho totalmente errado", diz o analista tributário. "Eu sou completamente contra aborto. Pra que isso se a gente tem tantos métodos de evitar? O aborto é um assassinato covarde", completa a analista de sistemas.

Biroli e Miguel (2016) destacam que a rejeição ao aborto mobiliza valores tradicionais da família, apresentando o aborto como desvio moral. Assim, essa atitude de recusa desrespeita o direito da mulher ao seu próprio corpo (BIROLI e MIGUEL 2016, p.27, 28). A liberdade da mulher de ter decisões sobre o corpo é negada para estes profanos, ainda que a liberdade seja um valor caro ao bolsonarismo, o que demonstra que a liberdade é ditada pelo pai rigoroso, patriarca que administra, regula e controla corpos.

Todos os profanos bolsonaristas entrevistados ressaltam a importância da família como primordial em suas vidas e se juntam a Jair Bolsonaro na defesa incondicional do núcleo familiar, demonstrando a centralidade das guerras culturais. Para Hunter (1991), conflitos no domínio da vida em família são centrais na luta mais ampla que se configura nas guerras culturais e podem ser mais incisivas que outras batalhas que são travadas no mundo social (HUNTER, 1991, p.176). Tudo o que é visto como mau exemplo ou

[404] MELO, Débora. **Entenda o que diz a lei sobre aborto legal no Brasil.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/entenda-o-que-diz-a-lei-sobre-aborto-legal-no-brasil.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

propaganda negativa que pode desestabilizar a família é levantado pelos bolsonaristas – mesmo que sejam demonstrações de carinho.

Na visão da analista de sistema Kerena Rodriguez, 55, demonstrações de afetos de pessoas LGBTQIA+ a desagradam, uma vez que considera uma maneira de imposição àquela forma de vida. “O que não me agrada é as pessoas quererem colocar o tempo todo para que eles tenham a percepção do que realmente eles sentem”.

O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, afirma que respeita as pessoas LGBTQIA+, mas acha complexa a compreensão e ironiza as letras da sigla. “Eu respeito o alfabeto inteiro, mas eu tenho uma certa dificuldade - não de respeitar - de entender, e respeito todos eles até porque tenho muitos amigos inclusive trans, porém eu tenho dificuldade de entender”. Para ele, homofobia existe, mas deveria ser menos discutida. “Quando você coloca um holofote muito grande na homofobia, você está destacando a homofobia, eu acho tudo isso desnecessário”, completa o dramaturgo.

Prado e Junqueira (2011, p.54) destacam que sair do padrão heteronormativo leva a processos de marginalização que apontam quem é o sujeito normal e o desviante. Neoconservadorismo quando tem visão de mundo confrontada, eleva a discriminação contra gays (LACERDA, 2019, p.39). Na concepção do autor ultraconservador Jorge Scala, vivemos imposições totalitárias pela destruição da família, pois dessa maneira se conduz a ruptura com a cultura a fim de que o povo perca sua identidade e seja modulado por outras concepções de mundo (SCALA, 2011, p.88).

Scala (2011) e Laje e Marquez (2016) compõe a linha de frente de autores que reagiram a ocupação de espaços por minorias. Biroli (2022) analisa Scala (2011) e percebe que seu texto traz fundamentos importantes para neoconservadores na construção dos feminismos como inimigos. Na guerra de posições, reivindicações dos movimentos LGBTQIA+ e feministas atendidas pelo Estado ativaram um alerta pela defesa da família (LACERDA, 2019, p.195).

4.5.2 Ideologia de gênero na percepção bolsonarista

Adentramos as guerras culturais com os profanos bolsonaristas e buscamos a percepção que tem a respeito da expressão “ideologia de gênero”, linguagem muito comum no neoconservadorismo, na deturpação da teoria *queer* e identidade de gênero, como sublinham Covas e Bergamini (2021):

> A expressão [ideologia de gênero] tem sido atribuída como imprópria e incompatível com os "estudos" ou "teoria de gênero", constituindo-se tal argumento, na verdade, de uma estratégia ideológica na medida em que visa disfarçar, afastar e tolher a temática de gênero no campo dos direitos e do processo educativo (COVAS e BERGAMINI, 2021, p.54907, aspas de autores).

Ideologia de gênero é expressão pejorativa que remonta a comportamentos desviantes que questionam a heteronormatividade (QUINALHA, 2019, p.262), mas que fazem sentido no universo bolsonarista. Isso porque a partir de 2010, ideologia de gênero passou a ser difundido de forma eficaz por neoconservadores (BIROLI et al, 2020, p.22). O Presidente Jair Bolsonaro no seu discurso de posse em 2019, prometeu libertar o Brasil da ideologia de gênero (BIROLI, 2020, p.156) o que mostra que essa luta está na sua agenda política. Nesta concepção, uma das principais instituições que a "ideologia de gênero" ameaça é justamente a família (BIROLI et al, 2020, p.56). Stefanoni (2022, p.52), destaca que as novas direitas acreditam que esses grupos buscam a captura do Estado para se impor autoritariamente com a agenda da ideologia de gênero.

Na concepção bolsonarista, apenas dois gêneros tem que ser considerados, como destaca a analista de sistema Kerena Rodriguez, 55. "Eu não acredito em ideologia de gênero, acredito em dois gêneros, nasce o homem e a mulher, masculino e feminino. Quando você nasceu, o médico não falou 'ah é uma pessoa' a gente sabe que é uma pessoa". O motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, não concorda com a ideologia de gênero. "Eu sou completamente, como posso dizer... sou completamente desfavorável a isso". Ele traz um exemplo do uso do banheiro por uma mulher cis e uma mulher trans que é muito comum entre as direitas:

> Não sou a favor de homem com homem, mulher com mulher, desse negócio de gênero, não sou a favor de meu filho estar num banheiro com uma mulher, a gente fica como machista, mas em contrapartida, um homem com a tua filha... O cara não é uma menina, aí, o cara tá lá fazendo xixi em pé e minha filha vai lá fazer xixi, e o cara tá lá com o negócio [genitália] de fora, com a genital, eu não acho legal (Roberto Lorente, 38 anos – Motorista de Aplicativo e IAT).

Emcke (2020) ressalta que a falta de espaços públicos para pessoas trans como banheiros, academias, ginásios, gera a exclusão e a dúvida se devem arriscar entrar nesses locais onde podem ter contato com experiências de ódio, sendo expostas a discriminações e violências. O simples uso de um banheiro pode ocasionar grandes danos corporais e psíquicos em uma pessoa trans[405]. "A agressão específica que as pessoas trans e

[405] Emcke (2020, p.136) enfatiza que há uma grande discussão nos Estados Unidos sobre o acesso de pessoas trans a banheiros públicos. Opositores da emancipação desses corpos argumentam que defesa do uso do banheiro por pessoas trans é caracterizado como algo banal, de pouca importância.

intersexuais enfrentam é frequentemente desencadeada pelo fato de que pessoas ou grupos hostis a trans simplesmente não podem suportar ambiguidade ou ambivalência" (EMCKE, 2020, p.135).

O consultor em marketing Leandro Faverin, 55, acredita que a ideologia de gênero faz parte da imposição típica de um modelo autoritário. "Jamais deve ser imposta". Barbara Neuman, 49, gerente comercial, explica que conhece pessoas homossexuais contra a livre expressão de seus próprios direitos. "Eu conheço pessoas homossexuais que são contra a ideologia de gênero, que são contra casamento com pessoas do mesmo sexo, sendo elas namorando pessoas do mesmo sexo, mas são contra essa imposição". Assim, percebe-se que os bolsonaristas seguem o mesmo entendimento de Scala (2011) a respeito da imposição moral.

A ideologia de gênero tem grande oposição de cristãos como a gerente comercial Barbara Neuman, 49. A ideia tem origem na igreja católica e funciona como um termo pejorativo ao se referir as pessoas LBTQIA+ pois rejeita a identidade de gênero, não reconhecendo existências, além de confundir gênero com orientação sexual, abrindo espaço para todo tipo de preconceitos. A própria sigla LGBTQIA+ traz o rompimento do heterossexismo e nas letras há espaço tanto para orientação sexual, como por exemplo uma pessoa lésbica, como identidade de gênero, como uma pessoa trans.

Questionamos os profanos bolsonaristas no filtro de seleção[406] se somente a família tradicional deveria ser preservada e o resultado foi acirrado, porém, a maioria discorda que somente a família tradicional deva ser conservada, o que abre espaço para outras formas de união reconhecidas como família e não somente o modelo patriarcal heteronormativo (BIROLI et al, 2020).

Perguntamos na sequência se um casal gay é uma família e a grande maioria demonstrou concordar com essa premissa[407]. Assim, uma posição de aceitação de outro modelo familiar composto de pessoas LGBTQIA+ surge na percepção dos profanos bolsonaristas. Houve casos de respostas paradoxais: concordância que somente a família

[406] No filtro de seleção, os profanos bolsonaristas só respondiam se concordavam, discordavam, concordavam parcialmente ou discordavam parcialmente de alguma preposição. No entanto, alguns fizeram questão de justificar suas posições favoráveis a família tradicional como único modelo crível na realidade.

[407] Assim, não descarta-se a possibilidade de ocultamento da real impressão negativa que possuem, de maneira que as premissas apresentadas não conseguiriam captar o preconceito mesmo que mudássemos a preposição.

tradicional deve ser preservada e concordância de que um casal gay é considerada uma família.

Na visão do relações públicas Pietro Barbosa, 21, somente a família tradicional deve ser conservada. “Claro que dentro de quatro paredes cada um é cada um, no entanto, eu acredito que o modelo da família tradicional deve ser conservada sim”. Na concepção da gerente comercial Barbara Neuman, 49, a família tradicional está sob ataque. “Não, a família tradicional ela é uma coisa que está sendo atacada”, percepção que encontra novamente lastro em Scala (2011).

Para a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, não é possível um casal gay ser uma família. “Eu acredito que família é família, existem outras configurações de uniões mas que eu acho que não é família, são outras formas de união, mas família é um tipo, o resto, os outros tipos, são outros tipos de aglutinação social, mas não família”. Nesse sentido, Carrara e Lacerda (2011, p. 86), observam que existem concepções enraizadas na sociedade de que homossexuais e uniões entre eles são formas de injúria a família tradicional, representação do mal e até patologia.

Percebemos que quando os profanos bolsonaristas fazem alusão ao casal homossexual percebido como família ou com a pessoa que mudou de gênero e se identifica como pessoa trans, se referem ao “outro” e quando mencionam as crianças falam com a proximidade de quem é “igual”. “Há, na cruzada antigênero, um potencial de erosão de valores democráticos, naturalizando desigualdades e abrindo caminho para alternativas autoritárias contra inseguranças, incertezas e aqueles definidos como outros” (BIROLI, 2020, p.185). Isto significa que as crianças pertencem ao “nós”, ao grupo próximo que deve ser protegido e que o casal homossexual e/ou intergênero gira a órbita que circunda “eles”, o grupo afastado, e que em última instância, pode ser mais um inimigo (MOUFFE, 2015; HUNTER, 1991).

Assim, o publicitário Diogo Grezzi, 58, explica que rechaça a ideologia de gênero e estabelece uma separação entre respeito e ideologia de gênero. “O respeito ele não tem nada a ver com a ideologia de gênero”. Assim, indica que respeita “eles”, mas faz o inverso com a ideologia de gênero. Como boa parte das lutas LGBTQIA+ é entendida como parte da ideologia de gênero, esta luta dos bolsonaristas inclui quem eles dizem respeitar.

A maior preocupação desta apologia imposta é que ela chegue até o "nós" bolsonarista e atravesse a família atingindo as crianças, que não devem aprender sobre sexualidade porque isso despertaria interesses nos quais elas não estão preparadas para lidar (QUINALHA, 2019). Esse é um entendimento corriqueiro entre os profanos bolsonaristas e as direitas em geral. Nesse sentido, a defesa da família que embasa a guerra cultural tem o cuidado com as crianças como justificativa principal a fim de preservá-las da ideologia de gênero e da doutrinação das esquerdas. A advogada Bianca Borragine, 29, acredita que a imposição pela propaganda é muito ruim para as crianças, pois ocorre numa fase precoce da infância. "Eu acho isso terrível porque a gente acaba maculando as nossas crianças, não no sentido de que ser gay é uma coisa ruim, não é isso, mas eu macular a mente dela num momento em que ela não precisa disso".

Para o empresário Júlio Fared, 45, não haveria nenhum problema em apresentar educação sexual a partir dos 14 anos e deixar a escolha de gênero da pessoa livre para escolha dela. O que discorda é que se faça imposição da propaganda de gênero para crianças. "Não incutir na cabeça de uma criança uma ideologia de gênero. Então eu sou contra a ideologia de gênero como ela é colocada".

Quinalha (2019) observa que a reação conservadora preza muito pela formação moral, educação sexual e política das crianças, removendo este papel da escola e esvaziando qualquer debate sobre valores, conteúdos relacionados a saúde e o corpo, assim como orientações sobre métodos contraceptivos; formas de se proteger contra doenças sexualmente transmissíveis (QUINALHA, 2019, p.261).

Educação e crianças são temas caros para o bolsonarismo. O relações públicas Pietro Barbosa, 21, tem a impressão de que um casal gay não tem condições de criar uma criança por causa da educação pela ideologia de gênero e por isso é contra a adoção. "Sou contra adoções por pares do mesmo sexo como família". O empresário Jean Simão, 31, vai na mesma direção de Pietro Barbosa e conta como pensa a respeito de uma criança adotada por um casal gay:

> Então a criança nasce e ela tem referência do pai, da mãe, do que é o sexo masculino, então o cara pra prover a família, tem a mãe que é a pessoa que cuida do lar - tudo bem que hoje as mulheres estão trabalhando - mas assim, quem dá aquela atenção amorosa é a mãe, pai da mais a direção, como se comportar das coisas. Aí quando a gente muda um pouco isso, o que acontece, pega um casal homem o cara é fraco vamos pensar assim, o outro também é fraco, ai a criança não tem nenhuma referência, ou duas mulheres. Fica confuso. (Jean Simão, 31 anos – Empresário).

Em suma, existe o receio de que a ideologia de gênero mude a noção de criança que passaria a desejar se tornar transgênero. É inconcebível que crianças se tornem trans, como explica o analista tributário Wesley Lima, 31 anos. “Como que a criança tem um discernimento para escolher se vai ser homem ou mulher e o mesmo com menos de 16 anos não pode ser preso que não tem plena capacidade pra entender o que é certo e errado. Então esse discurso que não condiz”.

Se não existe criança trans na visão de mundo bolsonarista, é na imposição da ideologia de gênero que o conteúdo do mal pode influenciar crianças e construir desejos que não são naturais. Ideologia de gênero no núcleo familiar é rejeitada no mesmo grau que é repudiada nas escolas. “Discordo principalmente da ideologia dentro das escolas. Primeiro que a gente está falando de criança, colocar esse tópico de ideologia de gênero na criança, cara, criança tem que estudar, brincar, não tem que ficar vendo se você é ou não menino”, enfatiza o analista tributário Wesley Lima, 31.

Quinalha (2019) observa que qualquer discussão a respeito de corpos que envolvam saúde, identidade ou orientação sexual são rapidamente classificadas de doutrinação das esquerdas que buscam uma lavagem cerebral nas crianças em detrimento dos pais:

> Qualquer tentativa de reflexão sobre pluralidade e laicidade nas escolas, sob essa perspectiva, já deve ser tachada de partidarização, ideologia marxista e proselitismo comunista. Qualquer tentativa de discussão sobre a importância da educação sexual para crianças e adolescentes deve também ser caracterizada como apologia à homossexualidade e à transgeneridade (QUINALHA, 2019, p.261)

Educação sexual é uma ameaça direta a família (VAGGIONE, 2020, p.72) e assim é um tema repudiado por todos os profanos bolsonaristas, pois é a expressão máxima da ideologia de gênero. O chamado “kit gay” foi citado apenas uma vez de maneira espontânea pela psicóloga Fatima Abdul, 62. Para ela, a criação de crianças deve respeitar a natureza delas e não há maturidade suficiente a fim de ensinar assuntos que abordem sexo:

> Acho que criar um menino ou menina como se não fosse nada é desrespeitar a natureza dele. Sou a favor da natureza. Não devia ensinar sexo para as crianças, eles não têm maturidade pra compreender. Você só esclarece alguma coisa quando surge a dúvida e as crianças começam a perguntar. Se não perguntou é porque ela não tá pronta pra ouvir. Não gostei do conteúdo do kit gay (Fatima Abdul, 62 – Psicóloga).

Kit Gay passou a ser significante vazio após mais de uma década de discussão e de criminalização da iniciativa contra a homofobia gestada no governo Dilma Rousseff.

Como observou Cesarino (2020), refletindo sobre as eleições de 2018, qualquer agente social tem sua versão do material, de maneira que ele perdeu a referência concreta. "Ninguém nunca viu o kit gay original, e, não obstante, enquanto significante flutuante ele produziu efeitos reais sobre o eleitorado" (CESARINO, 2020, p.102).

Lógica digital algorítimica do filtro bolha beneficia a circulação de ideias sobre o kit gay e a ameaça que representa as crianças em práticas discursivas espirais dentro da câmara de eco bolsonarista (RECUERO et al, 2021; PARISER, 2012). Como explica Vaggione (2020), kit gay foi a expressão máxima de que sexualidade tem que ser aprendida com os pais e não por meio de um Estado aparelhado e tomado por valores deturpados.

4.5.3 Linguagem neutra na percepção do bolsonarismo

Linguagem neutra é percebido como mais um instrumento da ideologia de gênero e é rejeitada por absolutamente todos os profanos bolsonaristas entrevistados. A palavra mais utilizada por eles para definir a linguagem neutra é "ridículo". A seguir, "besteira", "feio", "desnecessário", "inviável", "estupidez", "bobagem", "desfiguração", "terrível", são outros adjetivos citados. Para Diogo Grezzi, 58, a linguagem neutra é uma patologia. "É falar como um retardado". Na percepção da empresária Fernanda Buchner, 52, a linguagem neutra prejudica o aprendizado da língua portuguesa infantil. "Como é que vai ficar a cabeça das crianças?". Escolas que adotaram expressões como "todes" têm sido espaço de batalha de pais contra a linguagem neutra e ideologia de gênero em diversas cidades do Brasil (COVAS e BERGAMINI, 2021, p.54893)

A linguagem neutra não entra na concepção binária de gênero internalizada pela gerente comercial Barbara Neuman, 49. "Eu acho que a linguagem neutra ela fere os princípios da educação, da língua portuguesa, da história, porque não existe linguagem neutra, ou é masculino ou é feminino, ou é A ou O". Biroli et al (2020) apontam que o masculino é adotado como neutro universal, mas essa constituição faz desaparecer sujeitos e perspectivas (BIROLI et al, 2020, p.11). Masculino como gênero neutro tem sido questionado por conter um "sexismo mascarado", "estruturalmente machista" (COVAS e BERGAMINI, p.54905).

Linguagem neutra indigna o motorista de aplicativo e IAT, Roberto Lorente, 38. "Eu não acho legal todes, todis, porra, é todos, todas, não tem cabimento essa coisa". Como parte da ideologia de gênero, a linguagem neutra para neoconservadores faz parte

de outra imposição (SCALA, 2011) como compreende o dramaturgo Alexandre Dantas, 61, "É uma tentativa de enfiar goela dentro uma narrativa, sou contra". A produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, concorda que se trata de uma imposição e gargalha antes de responder. "(Risada) A coisa mais burra e estúpida que inventaram, porque no português já existia o neutro que é o masculino e todo mundo sabe disso, só que eles querem impor essa estupidez".

A analista de sistema Kerena Rodriguez, 55, tem uma visão embaralhada do significado da linguagem neutra. "Que sentido tem todes? Eu sou mulher, eu sou mulher, ele é homem e ele é homem agora se eu sou homem e ele disse que ele é mulher, todes, isso não faz sentido nenhum". Para a psicóloga Fatima Abdul, 62, o dicionário muda demais o significado das palavras e não deveria ser alterado. "Baleia é homem ou mulher? Eu tô falando como uma velhinha, tá? Eu vou ter que falar todes, vou ter que fala igual ao Mussum[408], se não estarei sendo politicamente incorreta?".

Linguagem neutra, ou linguagem não binária, não marca nenhum gênero e permite o reconhecimento da existência de agentes sociais que não se incluem em um padrão binário de gênero, abrindo a possibilidade de ressignificação ou criação de palavras e funcionando como instrumento de expressão e reconhecimento (COVAS e BERGAMINI, 2021, p. 54902).

4.5.4 Feminismos na percepção dos bolsonaristas

Junto a ideologia de gênero, os feminismos são construídos como movimentos contra a família e a liberdade humana (BIROLI, 2020, p.138). Neoconservadores nas guerras culturais simplificam o significado dos inimigos, gerando cadeias de equivalências entre movimentos de minorias as lutas que englobam contextos variados. A forte presença do termo ideologia de gênero inscrita no senso comum objetiva barrar as pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA+ (BIROLI et al, 2020, p.37). Isso é verificável nos bolsonaristas entrevistados. O feminismo foi outro aspecto perguntado aos profanos bolsonaristas que demonstraram confusão com o termo e rejeição, como se fosse um bloco homogêneo.

Há, na realidade, pensamentos distintos em torno dos feminismos, como o feminismo reformista, o feminismo negro, o feminismo marxista, o feminismo radical

[408] Antônio Carlos Bernardes Gomes, o Mussum, foi um ator, humorista, músico, compositor. Foi integrante do grupo "Originais do Samba" e ganhou grande notoriedade no humorístico "Trapalhões". Seu personagem Mussum terminava palavras com a terminologia "is", que é a referência da entrevistada.

(HOOKS, 2020). Somente Fatima Abdul, 62, afirmou ser feminista, porém, ela tratou de se distinguir de um feminismo "radical" e demonstrou a grande confusão quando define o feminismo como o inverso do machismo. "Daqui a pouco as mulheres não vão conseguir mais transar. Acho que deveria ter igualdade. Feminismo é oposto do machismo. Eu não sou esse feminismo radical".

Ideologia de gênero é ruim e tem suporte de grupos feministas, de acordo com a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43. "Ideologia de gênero nasceu na cabeça do capeta para adoecer a sociedade e denegrir a criação de Deus e as feministas compraram a ideia né? Espalharam como algo bom, mas não é".

A advogada Bianca Borragine, 29, diz que não se considera feminista e critica as vertentes do movimento. "Eu acho que isso é uma coisa que as pessoas usam para disseminar uma visão totalmente distorcida do que é ser mulher". Na visão da Renata Damasceno, 43, feministas são iludidas por uma luta falsa. "É o maior inimigo da mulher só que a mulher acredita que é a melhor coisa que foi inventada".

Para Biroli (2020) colocar o feminismo como inimigo cumpre a estratégia de mostrar que direitos das minorias estão distanciados das tradições nacionais e interesses do "povo" (BIROLI, 2020, p.163). Na construção do povo feita por Jair Bolsonaro, desqualificar minorias faz parte de significá-los como comunistas e posicioná-los do outro lado da fronteira não como adversários, mas como inimigos (BIROLI, 2020; MOUFFE, 2015). O que ainda está em jogo é o status quo patriarcal (BIROLI, 2020). Para Hooks (2021, p.165), reações contra o feminismo ocorrem porque o movimento teve sucesso ao demonstrar ao mundo social como o patriarcado ameaça o bem estar de mulheres e homens.

Homens em defesa do patriarcado também se manifestaram contra os feminismos. O dramaturgo Alexandre Dantas, 61, crê que feminismo e machismo são "desnecessários", fazendo a mesma mistura equivocada entre feminismo e machismo. "Quando você coloca um holofote muito grande no feminismo, você está dando destaque pro machismo". O analista tributário Wesley Lima, 31, desqualifica as feministas. "Depende da forma como o assunto for tratado, mas muitas das pessoas que se dizem ai feministas, eu acho que só quer ir lá no bonde da lacração, não trabalham em cima de temas que seriam relevantes, e só querem falar coisas que não agregam em nada".

Para a analista societária Daiane Costa, 30, que não se considera feminista, todo movimento feminista que se apoie no corpo para fazer manifestações deve ser repudiado. “Eu entendo que as mulheres dizem “quero ser livre, quero ser livre”, mas você não precisa andar pelado na rua pra ser livre”.

4.5.5 Politicamente correto e marxismo cultural na percepção do bolsonarismo

Outra frente de batalha nas guerras culturais ocorre com o chamado politicamente correto. Soares (2022, p.22) observa que o tema ganhou proeminência com a ascensão dos feminismos, população negra, movimento LGBTQIA+, pessoas com deficiência e outros grupos discriminados. Para estes movimentos, trata-se de uma luta para visibilizar hierarquias e preconceitos. “É usado para desqualificar críticas e atos que questionam termos que ofendem ou excluem determinados grupos” (SOARES, 2022, p.21).

Politicamente correto é geralmente ativado e usado por neoconservadores que o criticam, pelo uso autoritário feito deste mecanismo por minorias que resultam na censura a livre expressão (SOARES, 2022, p.19). Assim, a livre expressão que neoconservadores defendem é a garantia a circulação do preconceito. O consultor em marketing Leandro Faverin, 55, é contra o politicamente correto. “Sou contra. Ele mata a criatividade”. É a mesma posição do dramaturgo Alexandre Dantas, 61. “Sou contra. O fiscal da vida dos outros é uma coisa que me incomoda”. Como destaca Soares (2022, p.19), termos como “patrulha”, “perseguição”, “ditadura” e “cancelamento” são vinculados ao politicamente correto pelos neoconservadores.

Ao contrário do expresso pelas minorias, adoção de um comportamento politicamente correto pode acarretar em atitudes preconceituosas, de acordo com a psicóloga Fatima Abdul, 62. “Eu acho que quando você é politicamente correto, muitas vezes você está sendo preconceituoso e hipócrita”. O analista tributário Wesley Lima, 31, acha o politicamente correto uma “chatice”. “Acho que deve ter de fato o respeito a partir do momento que você ultrapassa o limite da outra pessoa, ok você tem que parar, mas esse politicamente correto é chato, deixou as coisas chatas”.

Para a gerente comercial Barbara Neuman, 49, não deveria existir politicamente correto, somente “respeito”. “Ah porque eu não posso usar a palavra negro, não posso falar certas palavras, porque eu não posso? Porque hoje se eu me declaro mulher branca, hétero, conservadora, de uma família tradicional, e sofro preconceito. Deveria existir só o respeito”.

Incomoda muito aos profanos bolsonaristas serem chamados de racistas porque utilizaram expressões consideradas inapropriadas. “Você não pode dizer ‘criado mudo’, agora não pode mais é racista, não pode falar ‘a coisa tá preta’. Isso me perturba muito”, diz a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43.

O empresário Jean Simão, 31, acha o politicamente correto uma “besteira”. “Um dos meus melhores amigos é negro”. Entretanto, nem tudo pode ser dito e Simão aponta limites ao que é classificado como racismo. “Existem coisas que não dá pra falar, tipo, eu não vou chegar nesse meu amigo e falar – ‘ô macaco’ -, aí já é uma referência muito forte, mas é uma coisa que se a pessoa se incomoda, ela fala - “não me chama assim que eu não gosto”, completa. Racismo estrutural foi relatado pelo motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38. Ele relata que muitas expressões são ofensivas e conta um episódio de violência simbólica:

> Uma vez eu estava num emprego, até estou abrindo isso daí, bem chateado, eu estava no emprego, um cliente chegou lá da loja parou pertinho de mim e veio falar assim “você está parecendo um macaquinho não sei das quantas”. Aquilo desceu engasgado. Depois ele veio brincar comigo: “Nossa Roberto, você está de cara feia, porque?”. Eu falei “pô, você me chamou de macaco. Eu não sou teu amigo, eu não te dou essa liberdade pra me ofender desse jeito. Você tem que me respeitar”. Infelizmente, ele falou baixinho no meu ouvido. Porque se ele tivesse falado mais alto eu teria entrado com um processo contra ele. Eu não acho adequado isso. Eu não sou amigo do cara (Roberto Lorente, 38 anos – Motorista de aplicativo e IAT).

O caso relatado por Roberto Lorente revela como o racismo é normalizado no imaginário social brasileiro na constituição das diversas relações cotidianas, sejam políticas, econômicas, jurídicas ou familiares, de modo que não se trata de uma patologia, nem ao menos desarranjo institucional, mas estrutural na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2020, p.50). Roberto Lorente, 38, contudo, não deixa de registrar que o “mundo está cada vez mais chato” com o politicamente correto. Nenhum profano bolsonarista demonstrou estranhamento com a expressão “politicamente correto”, ao contrário do termo “marxismo cultural”, que foi respondido vagamente ou confundido com o marxismo convencional de Karl Marx.

Nada relacionado a uma luta cultural promovida pelas esquerdas que atingiu boa parte do mundo social. Isso revela como a discussão sobre marxismo cultural está restrita a um enfrentamento mais próximo dos intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1984), e portanto, encontra-se reclusa a blocos ideológicos, o que não quer dizer que não tenha se tornado senso comum na visão dos profanos bolsonaristas entrevistados, uma vez que

citam as lutas culturais, ainda que fragmentadas em conflitos pontuais, como contra verbas para artistas de elite pela Lei Rouanet.

4.5.6 Comunismo na percepção dos bolsonaristas

Marxismo cultural e politicamente correto estão presentes no cotidiano dos profanos bolsonaristas entrevistados na noção do senso comum que possuem de "comunismo". Os bolsonaristas em sua maioria dizem ter "medo" do comunismo. Baseados em uma visão que mistura a experiência da União Soviética de Cuba e da Venezuela, acreditam que o Brasil segue o mesmo caminho político autoritário da Venezuela sob a administração do PT. O grande disseminador do medo ao perigo comunista advindo de diversos pontos do *establishment* foi Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro (ROCHA J., 2021) que atualizaram o pavor da revolução armada para a luta cultural.

É unanime a impressão que este caminho leva a restrição das liberdades, principalmente dos opositores do regime comunista imaginado. "Visão errada de mundo", "prisão", "desordem", "abominável", "péssimo para a humanidade", "pobreza", "utopia", "extirpar", foram a impressões imediatas sobre comunismo que responderam.

A gerente comercial Barbara Neuman, 49, relata o grande medo que tem na implementação do comunismo pelo PT e pelo STF, à medida que tem conhecidos em países tomados por esses regimes. "A instalação de um comunismo, a gente tem medo disso, é um mal para a humanidade, eu estou falando isso com conhecimento de causa, eu conheço pessoas que moram na Venezuela, pessoas que moram em países que estão sendo atacados", relata com perplexidade e mostra receio com possibilidade do retorno do PT. "É uma coisa muito dura e hoje, infelizmente, Colômbia, Chile, a Argentina era considerada uma mini Europa dentro da América Latina, hoje ela é o que? Eu tenho medo sim do Brasil ficar nesse ponto porque é pra onde nós estamos caminhando".

Lacerda (2019) observa que a ideia de comunismo busca exemplos reais na associação com governos de países vizinhos:

> Mesmo com o fim da União Soviética, ainda faz sentido se falar em algo equivalente ao comunismo, que seria justamente essa ameaça bolivariana ou o "socialismo do século XXI". A Revolução Bolivariana se refere às mudanças realizadas a partir da Constituição venezuelana a partir de 1999, que criou a República Bolivariana da Venezuela (LACERDA, 2019, p.147, aspas da autora).

Kalil (2018) nota que o comunismo revela medo a ideia de esquerda, associada a pobreza, autoritarismo, corrupção, bolivarianismo. Bolivarianismo ou luta cultural, o comunismo tem esse aspecto difuso com um significante flutuante (LACLAU, 2013). É o inimigo eterno a ser eliminado (ROCHA J., 2021). Para a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, o comunismo sintetiza o mal que combate. "É um grande parasita do mal, critica o que tem dinheiro, mas ele quer tomar daquele que faz dinheiro para ele não ter que fazer dinheiro. Maior inimigo do Brasil", relata.

Profanos bolsonaristas associam o comunismo diretamente ao projeto hegemônico do PT. Prior (2023) percebe que Jair Bolsonaro ligou anticomunismo ao antipetismo e ao antiesquerdismo, associando-os a degradação de valores por minorias (PRIOR, 2023, p.120). Para os bolsonaristas, não há dúvidas de que o PT atua no comando do *establishment* e busca implementar o projeto comunista com aliados. Na visão do motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, será inevitável que o Brasil um dia tenha que viver o comunismo:

> Acho que é algo que nós não devemos viver, por mais que eu ache que uma hora ou outra isso vai rolar no Brasil. Acho que, infelizmente, o comunismo vai tomar conta do mundo. Eu acho que, infelizmente, não sei se tá breve ou não, mas vai acontecer de o comunismo tomar conta do mundo. Acho que não vai ser fácil. A esquerda infelizmente vai dominar uma hora, já tem uns países que isso tem acontecido tá? Eu acho que isso vai rolar. Eu acho que o comunismo é uma coisa que não devemos viver, mas infelizmente como eu disse é algo que vai rolar, mais cedo ou mais tarde, vai rolar. Como a gente tem visto na Venezuela, em Cuba, vai rolar. Uma hora ou outra isso vai rolar (Roberto Lorente, 38 anos – Motorista de aplicativo e IAT).

Foro de S. Paulo é o evento em que todas as estratégias comunistas são elaboradas na concepção muito divulgada por Olavo de Carvalho. Para ele, o Foro de S. Paulo é conspiração comunista gramsciana que tem objetivos de capturar subjetividades (LEIRNER, 2022). O Foro de São Paulo reúne partidos de esquerda na América para discutir desafios das regiões a partir de reflexões integradas.

Na visão do consultor em marketing Leandro Faverin, 55, o Foro de São Paulo é uma "organização criminosa". Para a produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, o Foro de São Paulo é uma "facção criminosa". O publicitário Diogo Grezzi crê que o evento junta criminosos. "Um crime que estão fazendo juntando só bandido, inclusive gente de FARC, essas coisas".

4.5.7 Olavo tem razão

Teorias da conspiração acerca do Foro de São Paulo junto a retórica do ódio colocam o Foro de S. Paulo como grande inimigo do bolsonarismo dentro do sistema de crenças do bolsolavismo (ROCHA J., 2021; CESARINO, 2022) e Olavo de Carvalho como grande guru que é conhecido pela maioria dos profanos entrevistados. Todos que o conhecem concordam que "Olavo tem razão". "Cara, o Olavo tem razão. Cara, li aquele livro dele com 'o mínimo que você precisa saber para não ser um idiota'. Eu achei muito interessante", diz o consultor em marketing Leandro Faverin, 55.

Tudo o que Olavo de Carvalho falou ou escreveu está acontecendo atualmente na visão do publicitário Diogo Grezzi, 58, que acha exagero dizer que Olavo era um "radical". "O Olavo tem razão em praticamente tudo, tudo o que ele falou aconteceu, tudo o que ele falou está acontecendo, eu não acho que ele seja tão radical como as pessoas falam, ele é radical na forma de falar, ele fala palavrão, ele é meio Bolsonaro dos intelectuais".

O linguajar de Olavo de Carvalho não media consequências na visão do despachante Murilo Freitas, 56, que diz que era afetado com dúvidas, informações e reflexões olavistas. "Às vezes ele era muito duro, às vezes ele falava coisas sobre os militares que a gente sem muito conhecimento fica meio assim "será que é isso mesmo?", mas eu gostava dele, no geral eu gostava dele". Assim, percebe-se como profanos bolsonaristas naturalizaram a hipérbole caracterizadora e a desqualificação nulificadora que compõe a retórica do ódio no sistema de crenças bolsolavista (ROCHA, J., 2021).

Falecido em 2022, Olavo de Carvalho faz falta para formar mais militantes de direita na visão do publicitário Diogo Grezzi, 58. "Olavo é um cara que faz falta porque ele formava muita gente de direita, o Brasil é carente de professores ou que sejam apolíticos ou que sejam de direita". O empresário Júlio Fared, 45, concorda com a importância de Olavo de Carvalho para a racionalidade das novas direitas e pelos alertas que deu a respeito da política brasileira. "O jovem brasileiro não tinha aparato nenhum de escritores, não tinha nenhum tipo de tutor pra esse tipo de assunto. Então Olavo foi hiper, mega, ultra importante para que a direita estudasse e voltasse melhor, armada verbalmente pra luta contra o socialismo". Nenhum dos profanos bolsonaristas entrevistados foi aluno de algum curso ministrado por Olavo de Carvalho.

Sistema de crenças olavista (ROCHA J., 2021) ensinou neoconservadores a agirem e se posicionarem nas batalhas que surgem nas guerras culturais como o embate com as feministas, na luta contra a ideologia de gênero, contra o politicamente correto, contra o marxismo cultural e o comunismo. Mais que isso, Olavo de Carvalho colocou em prática um contra operação hegemônica junto a Jair Bolsonaro, via luta cultural, buscando capturar subjetividades para um projeto que traz outras concepções de mundo, distantes das "imposições" realizadas pelas minorias progressistas.

Na visão da produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, Olavo de Carvalho tinha razão em tudo o que falava, inclusive nas críticas feitas a Jair Bolsonaro, pois se preocupava em alertar o Presidente acerca da importância de afastar os inimigos. "De que ele foi fraco de não se livrar de seus inimigos, ele deixou os inimigos muito perto e muito à vontade então isso foi um erro dele". Percepção de Renata Damasceno mostra como o antagonismo acentuado é a atitude comum no bolsonarismo (MOUFFE, 2015) e como é impossível relações agonísticas nas guerras culturais, dado a própria erosão democrática que esses conflitos promovem. Como ressalta Biroli (2020, p.159), movimentos das minorias representam perigo para as maiorias e por isso agem contra a verdadeira democracia, que precisa ser resgatada por Jair Bolsonaro, ouvindo a vontade do povo que ele mesmo construiu.

4.6 Eixo Sistema Eleitoral

Eleições de 2022 no Brasil foram marcadas pelo estímulo a narrativas contendo desconfiança nas urnas eletrônicas. O que interessa a lideranças como Jair Bolsonaro no Brasil ou Donald Trump nos Estados Unidos com incentivo a deslegitimação no meio de votação, não é aperfeiçoar o pleito, mas desqualificar o sistema eleitoral, seja ele eletrônico ou impresso, ocasionando efeitos nocivos nas democracias (RUEDIGER, GRASSI, 2020a).

Ruediger e Grassi (2020b) percebem semelhanças na retórica de desconfiança do sistema eleitoral em Trump e Bolsonaro e destacam a influência das eleições americanas de 2020 nas eleições municipais no Brasil, legitimando a postura de contestação do processo eleitoral nos Estados Unidos. Ações políticas para deteriorar a legitimidade das eleições têm se mostrado estratégias viáveis da cartilha autoritária que objetiva subverter a democracia por dentro. "Falsas acusações de fraude podem minar a confiança pública em eleições – e quando cidadãos não confiam no processo eleitoral, muitas vezes perdem fé na própria democracia" (LEVITSKY & ZIBLATT, 2018, p.187).

Jair Bolsonaro espalhou a desinformação intencional (WARDLE e DERAKHSHAN 2017; RECUERO, 2020) de que as urnas eletrônicas não são auditáveis, podem ser fraudadas e por isso exigiu a aprovação do voto impresso para verificação posterior como condição para interromper a desqualificação das urnas eletrônicas e ameaçar a realização das eleições[409].

Ruediger e Grassi (2020b) demonstram que o interesse do voto impresso se fixou diante da lentidão na comunicação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em mostrar as deficiências deste meio de votação – propagandas que demoraram para ir ao ar. Assim, narrativas foram fabricadas e disseminadas sem a existência de nenhuma evidência de fraude, fortalecendo o desejo pelo voto impresso (RUEDIGER e GRASSI, 2020b, p.24). A demanda por urgência pelo voto impresso não surgiu de forma espontânea no mundo social, mas foi construída por Bolsonaro.

Jair Bolsonaro entrelaçou uma cadeia de equivalências entre combate a corrupção e luta contra fraudes nas urnas eletrônicas (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022). Voto impresso foi fabricado como vontade popular em nome de Deus. O fundamentalismo político e a dinâmica populista presentes nos discursos de Jair Bolsonaro foram utilizados em torno das urnas eletrônicas e das instituições. “Respeitem a nossa Constituição, respeitem a vontade popular. Não continuem nos provocando, não queiram nos ameaçar, não queiram impor a sua vontade porque quem está com Deus e com o povo tem realmente o poder”, (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO Jr. 2021, p.209), disse Bolsonaro.

No contexto da negação da vitória de Joe Biden nas eleições americanas em 2020 por Donald Trump, na tentativa de golpe de Estado com a invasão do Congresso em 6 de janeiro de 2021[410], Bolsonaro comparou em tom ameaçador. “Se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os

[409] A política de intimidação e de estimulação realizada por Jair Bolsonaro na desqualificação das urnas eletrônicas se intensificou dois anos antes das eleições de 2022. “Se a gente não tiver voto impresso em 2022, pode esquecer a eleição”, disse Bolsonaro em dezembro de 2020 (BOLSONARO, 2020, apud BARRETTO JR., 2021, p.127).

[410] FOLHA de S. PAULO. **Insuflada por Trump, multidão invade Congresso e paralisa ratificação de Biden.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/insuflada-por-trump-multidao-invade-congresso-e-paralisa-ratificacao-de-biden.shtml> (Acesso em: 17/12/2023).

Estados Unidos", disse o Presidente brasileiro em janeiro de 2021 (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.130).

Nem sempre Jair Bolsonaro esteve contrário as urnas eletrônicas. Ele já foi favorável as urnas eletrônicas quando não estavam operando e a mudança era apenas um projeto no ano de 1993[411]. Projetos de lei para estabelecer voto impresso junto as urnas eletrônicas no Congresso foram discutidos e aprovados nos anos de 2009 e 2015, mas foram revogadas por inconstitucionalidade pelo STF em 2013 e 2018[412], respectivamente (SEGURADO e CHICARINO, 2022).

Na disputa política pelo voto impresso, Jair Bolsonaro chamou o então Presidente do TSE, Ministro Luís Roberto Barroso de "imbecil" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.195) e de "filho da puta"[413] e afirmou que o STF deseja o retorno da corrupção. Logo depois, apagou o vídeo com as ofensas. Ação e recuo (CESARINO, 2022) típicos da atuação de Jair Bolsonaro para novamente inflamar os profanos bolsonaristas em novo impulso na normalização da retórica do ódio (ROCHA J., 2021). Quando questionado sobre o insulto, negou: "não ofendi nenhum Ministro do Supremo [Tribunal Federal]" (BOLSONARO, 2021, apud BARRETTO JR., 2021, p.209). Pouco depois, mandou aviso para o Ministro do STF e do TSE, Alexandre de Moraes: "a hora dele vai chegar"[414].

Para fazer pressão na votação do voto impresso na Câmara, Jair Bolsonaro inventou que tinha provas de fraudes no sistema eleitoral e chegou a enviar ao TSE suposto material comprovatório, além de criar comoção em *live* onde revelaria a falsidade. Na transmissão, apresentou apenas indícios e fragmentos de notícias colhidas em vídeos da internet, trazendo suspeitas investigadas e desmentidas pelo Tribunal

411 ROQUE, Daniel S. **A eleição em que Bolsonaro defendeu urna eletrônica como antídoto contra fraude no voto impresso**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62311882> (Acesso em: 17/12/2023).

412 BRAGON, Ranier. **Testado em 2002, voto impresso causou confusão e tornou urna eletrônica vulnerável a fraude.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/testado-em-2002-voto-impresso-causou-confusao-e-tornou-urna-eletronica-vulneravel-a-fraude.shtml> (Acesso em: 17/12/2023).

413 FAGUNDES, Murilo. ANGELO, Tiago. **Bolsonaro chama Barroso de "filho da puta"; depois, apaga vídeo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-barroso-de-filho-da-puta-depois-apaga-video/> (Acesso em: 17/12/2023).

414 Idem

Superior Eleitoral (TSE)[415]. Apesar de ter a máquina do Estado com verbas, cargos e uma forte narrativa bélica de desconfiança nas urnas eletrônicas, a PEC nº 135/202 foi derrotada[416].

Durante a votação da PEC no Congresso, veículos blindados da Marinha desfilaram na Praça dos Três Poderes, em mais um aceno autoritário na política de intimidação (NOBRE, 2022) pela aprovação do voto impresso, ato que foi justificado como "coincidência de data" pelo comandante da Marinha[417]. Como se provou posteriormente, o comandante da Marinha embarcou no projeto de ruptura de Bolsonaro por uma intervenção militar. Mais que isso, relatório produzido por militares sobre a segurança das urnas eletrônicas, depois de convite do TSE, virou instrumento de pressão de Bolsonaro que ajudou a conturbar o processo eleitoral (AVRITZER, 2023).

Com a rejeição ao voto impresso pelo Congresso foi possível Jair Bolsonaro sustentar o discurso de fraudes das urnas eletrônicas, embora isto seja pouco relevante dado que a estratégia, como mencionado, não é oferecer mais segurança ao pleito, mas contestar o sistema eleitoral seja ele qual for, para tumultuar as eleições e abrir espaço para a ruptura em caso de vitória do inimigo.

A narrativa falsa em torno das urnas eletrônicas não é ocasional, ela é criada, distribuída e incentivada para a construção de apoio e engajamento. As anulações das condenações de Lula[418] pelo STF beneficiaram o discurso *antiestablishment* de Bolsonaro que direcionou os profanos contra a corte. "É justo quem tirou o Lula da cadeia, quem o

---

415 ALESSI, Gil. OLIVEIRA, Regiane. **Bolsonaro não tem provas sobre fraude de urnas, mas insiste em ilação já desmentida por TSE**. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-30/bolsonaro-nao-tem-provas-sobre-fraude-de-urnas-mas-insiste-em-ilacao-ja-desmentida-por-tse.html> (Acesso em: 18/12/2023).

416 Apesar de ter a máquina do Estado com verbas, cargos e uma forte narrativa bélica de desconfiança nas urnas eletrônicas, a PEC do voto impresso foi derrotada. Foram 229 votos a favor da mudança da urna eletrônica, 218 contra e 1 abstenção, placar distante dos 308 votos necessários para uma mudança constitucional.

417 BOYADJIAN, Victor. **Desfile militar no dia da votação do voto impresso é 'coincidência de data', diz comandante da Marinha.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/10/comandante-da-marinha-diz-que-desfile-militar-no-dia-da-votacao-do-voto-impresso-foi-coincidencia-de-datas.ghtml> (Acesso em: 19/12/2023).

418 COELHO, Gabriela. CURY, Teo. SÉ, Galton. BARCELLOS, Renato. **Por 8 a 3, STF confirma decisão de Fachin que mantém Lula elegível para 2022**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/maioria-do-stf-decide-por-anular-condenacoes-de-lula-na-lava-jato/> (Acesso em: 19/12/2023).

tornou elegível, ser o mesmo que vai contar os votos numa sala secreta no TSE. Cadê a contagem pública de votos"[419], disse Bolsonaro.

Técnicas de desinformação foram largamente utilizadas na desqualificação das urnas eletrônicas. Recuero (2020) observa que táticas de legitimação e deslegitimação operam como autorização nas formas discursivas. Validação gera autoridade e a repetição de desinformação dá grande visibilidade a este discurso na rede, gerando impressão de falso consenso em que as pessoas acreditam na veracidade da informação, já que todos a aceitariam. Recuero (2020) enfatiza como a legitimação desses discursos naturalizam a desinformação sobre as urnas eletrônicas:

> Deste modo, podemos compreender a legitimação dos discursos de desinformação como uma forma de naturalizar e constituir as relações de poder que esses textos propõem. Com isso, o processo de deslegitimação da urna eletrônica teria efeitos importantes na esfera democrática, colocando em dúvida, inclusive, o próprio processo eleitoral no Brasil. Pelo seu caráter público, a legitimação da desinformação também influenciaria as conversações e a esfera pública como um todo, levando essa desinformação para outros espaços (RECUERO, 2020, p.388).

Observações de Recuero (2020) e Mello (2020) são importantes para compreender como os profanos bolsonaristas se sentem autorizados a atacar as urnas eletrônicas, o *establishment*, e por outro lado, autorizam o Presidente Jair Bolsonaro a romper a ordem estabelecida ao demonstrarem intencionalidade com a hashtag #euautorizo para pedir intervenção militar com Bolsonaro (MELLO, 2020).

4.6.1 Fraude nas urnas na percepção dos profanos bolsonaristas

Tendo em vista a campanha permanente de difamação do sistema eleitoral brasileiro, buscamos compreender como os bolsonaristas recebem essas narrativas. Questionamos os profanos bolsonaristas sobre a percepção que possuem sobre segurança, transparência e confiabilidade das urnas eletrônicas e em um segundo momento, se seriam a favor de uma intervenção após as eleições de 2022, caso Jair Bolsonaro dissesse que a votação eletrônica foi fraudada.

Campanha permanente de desqualificação das urnas eletrônicas feita por Jair Bolsonaro e seu grupo político, incentivando a desconfiança em torno do processo eleitoral, sem que haja apresentação mínima de prova a respeito de fraudes, segue a verdade oculta pelo *establishment* que visa derrubar as chances de reeleição do Presidente

[419] Idem

e a verdade revelada (VASCONCELOS 2008; ARMSTRONG, 2001) do embuste construído em torno da votação eletrônica (AMORIM, 2022).

Na concepção dos profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese, as urnas eletrônicas não são confiáveis. Esta é a percepção da grande maioria, sendo que apenas três pessoas demonstraram acreditar em seu funcionamento correto. O analista tributário Wesley Lima, 31, acredita que não haja possibilidade de fraude nas urnas eletrônicas. "Não vejo como fraude, não tenho como afirmar que aconteceu uma fraude então eu prefiro acreditar que foi uma eleição limpa".

O consultor em marketing Leandro Faverin, 55, confia nas urnas eletrônicas, mas acredita que melhorias devem ser realizadas, demonstrando desinformação não intencional (*misinformation*) (WARDLE e DERAKHSHAN 2017; RECUERO, 2020) quando ressalta que as urnas eletrônicas não podem ser auditadas:

> Eu acho que a urna deveria sim ter melhorias. Deveria ser possível ser auditáveis, o que elas não são. Isso se comprovou, apesar do discurso do TSE, que elas não são auditáveis. Tanto é que se vê que o grupo lá de militares de T.I não consegue dar um parecer até agora do primeiro turno. Eu não acredito em teorias de conspiração, mas sei lá (Leandro Faverin, 55 anos – Consultor em Marketing).

Confusão na percepção de Leandro Faverin é ocasionado pela disrupção do discurso de validação do TSE, legitimando as urnas eletrônicas provocado por Jair Bolsonaro e por militares nas guerras híbridas que ativam a dissonância cognitiva como parte de uma operação psicológica (LEIRNER, 2022). Quando se trata de desconfiança, a narrativa de que as urnas eletrônicas não podem ser auditadas aparece na visão de alguns profanos bolsonaristas e é justamente nessa sensação de insegurança construída politicamente pelo bolsonarismo na PEC do voto impresso que residem ideias variadas sobre fraudes em resultados eleitorais. Estimular a desconfiança cumpre a função de desafiar o *establishment* e de deixar o antagonismo no limite (MOUFFE, 2015), o que incita o partido digital e a midiosfera extremista, prontos para atacar ou destruir a qualquer momento (NOBRE, 2022).

Listamos as dez principais desinformações selecionadas pelo alto engajamento sobre o processo eleitoral nas eleições de 2018 e na sequência nas eleições de 2022, de acordo com levantamento feito pelos Tribunais Regionais de Mato Grosso e São Paulo, respectivamente:

Dez desinformações que mais circularam nas eleições de 2018 sobre o sistema eleitoral:

- Novo contrato do TSE para a divulgação dos resultados das eleições
- Urnas programadas de acordo com horário de verão
- Estratégias da Ursal (União das Repúblicas Socialistas da América Latina) para fraudar as eleições brasileiras
- 7,2 milhões de votos foram anulados pela urna eletrônica
- Urna eletrônica está programada para autocompletar voto em Haddad
- Boletim de Urna em que votos de Haddad superam total de eleitores
- Polícia Federal apreendeu van com urnas eletrônicas adulteradas
- Ao tentar votar em Bolsonaro a urna eletrônica apresenta voto nulo
- Incluir o número do candidato ao lado da assinatura permite confrontar os votos na urna
- O eleitor pode pedir ao mesário o voto em papel

  Fonte: TSE[420]

Dez desinformações que mais circularam nas eleições de 2022 sobre o sistema eleitoral:

- Forças Armadas exigiram entrega do código-fonte
- Urnas possuem dois códigos-fonte distintos
- O processo eleitoral não é auditável
- Algumas seções eleitorais não tiveram os votos contabilizados
- É possível saber em quem as pessoas votaram pela internet
- Logs "descriptografados" das urnas revelam em quem a pessoa votou
- Urnas recolhidas de prédio em São Paulo foram usadas nas Eleições 2022
- Tela de mesário mostra voto duplicado para Presidente
- Seções em que todos os votos foram para o mesmo candidato indicam fraude
- Hackers russos invadiram o sistema de totalização

  Fonte: TSE[421]

Na campanha eleitoral de 2018, o TSE determinou ao Google e ao Facebook a remoção de 55 links em que Jair Bolsonaro põe dúvidas sobre as urnas eletrônicas[422]. Destes links, dois vídeos estavam na página de Bolsonaro e outros 53 achavam-se espalhados em diversos endereços digitais de bolsonaristas. A desconfiança sobre as

[420] TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE MATO GROSSO. **Fake News - Agências de checagem desmontam boatos sobre a urna eletrônica**. 2018. Disponível em: <https://www.tre-mt.jus.br/eleicoes/eleicoes-plebiscitos-e-referendos/eleicoes-2018/fakenews> (Acesso em 25/11/2023).

[421] TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO. **Festival de desinformação que circulou nas eleições poderia se chamar "É Tudo Mentira".** 2023. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Marco/festival-de-desinformacao-que-circulou-nas-eleicoes-poderia-se-chamar-201ce-tudo-mentira201d> (Acesso em: 25/11/2023).

[422] CASADO, Letícia. **TSE determina a retirada de 55 links em que Bolsonaro coloca urna eletrônica em dúvida.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/tse-determina-a-retirada-de-55-links-em-que-bolsonaro-coloca-urna-eletronica-em-duvida.shtml> (Acesso em: 25/11/2023).

urnas eletrônicas já existia antes de Jair Bolsonaro assumir a Presidência da República, porém, o Presidente estimulou corriqueiramente a normalização da ideia de fraude.

Ruediger e Grassi (2020a) notam que desinformações sobre as urnas eletrônicas acumulam-se a cada ano, mesmo em anos não eleitorais[423], aumentando o clima de hostilidade, a desconfiança e a radicalização. Desinformação sobre as urnas eletrônicas gera engajamento entre os bolsonaristas e se mantém ativa com o passar do tempo (RUEDIGER e GRASSI, 2020a, p.4), ganhando mais destaque que narrativas como o "kit gay" ou "ideologia de gênero" (RUEDIGER e GRASSI, 2020, p.8, p.9; SEGURADO e CHICARINO, 2022).

Na prática, essa desinformação acaba circulando nas bolhas das novas direitas, gerando um clima de opinião perfeito para a internalização e validação do conteúdo falso em câmaras de eco (RECUERO et al, 2021) e em caso de qualquer ruído comunicacional, ativa-se a dissonância cognitiva e rejeita-se qualquer checagem que aponte a verdade factual (PARISER, 2012; ROCHA, 2023; ARENDT, 2016).

Nunca houve registro de fraudes nas urnas eletrônicas no Brasil desde sua implementação em 1996. As urnas eletrônicas saem da fábrica inoperantes e só passam a operar com processo de certificação digital nos TREs ou no TSE. Conexão com a internet ou qualquer outra rede é impossível. Qualquer ator político ou social pode auditar o código fonte das urnas e o programa que as fazem rodar são testados seis meses antes das eleições (SEGURADO e CHICARINO, 2022). Dourado et al (2020) ressaltam que o sistema das urnas eletrônicas é inviolável e que a desconfiança ao redor do processo eleitoral tem grande força de mobilização nas redes sociais (DOURADO et al, 2020, p.4).

4.6.2 Desconfiança das urnas eletrônicas pelos bolsonaristas deteriora a legitimidade das eleições

Nas entrevistas com bolsonaristas, notamos como recepcionaram e internalizaram essa desconfiança fundamental para o projeto de Bolsonaro: na maior parcela de

[423] Ruediger e Grassi (2020) notam a circulação online de desinformação sobre urnas eletrônicas até em anos não eleitorais, fato que ocorre ao menos desde 2016, ainda que nos anos não eleitorais exista menor volume de desinformação do que em anos de eleições. Dessa forma, pesquisa do FGV Rio Comunicação, dentro do projeto Mídia e Democracia, revelou que a desinformação sobre as urnas continuou a circulação com grande volume em 2023, mesmo depois das campanhas de legitimação feitas pelo TSE em 2022, demonstrando a segurança no meio eletrônico de votação. Isso revela como a desconfiança do bolsonarismo e outros setores da sociedade perduram no tempo e não devem arrefecer tão cedo. Mais em: RÔMANY, Ítalo. **Estopim do 8 de janeiro, fakes sobre urnas ainda alimentam golpismo nas redes.** 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/01/08/estopim-do-8-de-janeiro-fakes-sobre-urnas-ainda-alimentam-golpismo-nas-redes> (Acesso em: 16/01/2024).

entrevistados encontram-se os profanos que desconfiam das urnas eletrônicas. O contador Milton Bastos, 65, entende que as urnas eletrônicas podem ser modificadas. "Acredito que ela [urna eletrônica] pode ser fraudada". Falta confiança no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e nas urnas eletrônicas por conta da presença de Ministros do STF, na visão do comerciante Marcos Sanchez, 57. "Não tenho a mínima confiança nos atuais Ministros do Supremo [Tribunal Federal] que justamente são os que controlam lá".

Composição do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é feita com três Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), dois Ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e dois juristas advindos da advocacia[424]. Atacar Luís Roberto Barroso, Edson Fachin e seu sucessor no TSE, Alexandre de Moraes foi a chave para elevar ainda mais a desconfiança no processo eleitoral. O arranjo institucional com Ministros do STF no TSE facilitou a estratégia de Jair Bolsonaro ao se proclamar perseguido. Bolsonaro sabia que Moraes sucederia Fachin no TSE e por isso apostou no conflito com ele.

A percepção dos profanos bolsonaristas quando se trata de STF, TSE, e Alexandre de Moraes é de medo. A advogada Bianca Borragine, 29, manifestou receio de ser presa pela declaração que iria dar. Para ela, a ditadura de toga impõe as urnas eletrônicas e prejudica a democracia, uma vez que o povo não foi consultado a respeito.

> Olha, eu não vou ser presa não né? É apenas a minha opinião. O que já me deixa com um pé atrás em relação às urnas eletrônicas é o fato de países tão tecnológicos não adotarem essa forma para elegerem seus chefes de estado num contexto geral. Diante de uma certa **ditadura de togas** que a gente vive hoje, a gente simplesmente teve que engolir goela abaixo a urna eletrônica, por exemplo, esse é um ponto muito distorcido da democracia, a gente não foi ouvido em relação a isso, a gente teve que engolir goela abaixo, então no meu ponto de vista eu não confio (Bianca Borragine, 29 anos – Advogada, grifo próprio).

Dourado et al (2020) ressaltam que a ideia de que o Brasil é um dos poucos países que adotam o sistema eletrônico de votação é recorrente. Nesse sentido, Recuero (2020) observa a desconfiança que se fixa pelo argumento de que países considerados mais avançados que o Brasil não utilizam o voto eletrônico:

> Porque os EUA, Alemanha, Canadá, França, etc, etc…não usam [urnas eletrônicas]? A pergunta retórica busca relacionar a segurança da urna com a sua suposta não adoção por outros países (percebidos como mais desenvolvidos que o Brasil). A informação na qual o raciocínio da autoridade

[424] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). **Conheça a composição do TSE, definida pela Constituição Federal**. 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Marco/conheca-a-composicao-do-tse-definida-pela-constituicao-federal> (Acesso em: 17/12/2023).

> está baseada é falsa, uma vez que a urna eletrônica é utilizada sim em outros processos eleitorais. Neste caso, a legitimação está relacionada com a autoridade daquele que primeiro expressa o discurso, seguido por uma racionalização (RECUERO, 2020, p.399)

Segundo o IDEA[425] (Institute for Democracy and Electoral Assistance) 26 de 178 países utilizam voto eletrônico, ao passo que outros 16 nações utilizam a tecnologia em pleitos regionais, as urnas eletrônicas são utilizadas no Canadá, Austrália, em locais da Suíça e dos Estados Unidos[426] (SEGURADO, RAÍCES, AMORIM, 2021). Circula na internet desinformação de que somente três países usam urnas eletrônicas: Brasil, Cuba e Venezuela[427]. A informação é falsa e serve como mais um instrumento de autoridade e validação na luta de deslegitimação das urnas, relacionando regimes autoritários com um suposto sistema fraudulento (SEGURADO e CHICARINO, 2022).

Os profanos bolsonaristas entrevistados para esta tese demonstram convicção na desconfiança das urnas eletrônicas. De acordo com o empresário Jean Simão, 31, fraudes das urnas eletrônicas são uma "certeza". "Eu entendo de informática, conheço alguns caras que entendem dez vezes mais que eu e eu já tive um conceito, não adianta nada a urna ser a melhor urna do mundo, chega lá no servidor os dados, o cara altera os dados e já era. Como que você vai garantir isso?"[428]. A corretora de seguros Eloisa Correia, 50,

---

[425] INTERNATIONAL INSTITUTE FOR DEMOCRACY AND ELECTORAL ASSISTANCE (IDEA). **Is e-voting currently used in any elections with EMB participation?** 2020. Disponível em: <https://www.idea.int/data-tools/question-view/742> (Acesso em: 17/12/2023).

[426] ARTUR, Francisco. **É falso que eleição brasileira é a única no mundo a usar urna eletrônica**. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2022/09/5039871-e-falso-que-eleicao-brasileira-e-a-unica-no-mundo-a-usar-urna-eletronica.html> (Acesso em: 18/12/2023).

[427] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**. Só 3 países utilizam urnas eletrônicas.** Disponível em: <https://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-eleicoes-2018/somente-3-paises-utilizam-urnas-eletronicas.html> (Acesso em: 15/12/2023).

[428] Todas possibilidades de acessar o interior das urnas eletrônicas são lacradas a fim de garantir a inviolabilidade. Tentativas de fraudes têm de quebrar mais de 30 barreiras de período em meio ao processo eleitoral. Assim, destacamos: lacres físicos da urna; sistema de controle das versões; testes de *software* por várias equipes; seis meses de abertura do código fonte; testes público de segurança; cerimônia de lacração e assinatura digital; cerimônia de geração de mídias; tabela de correspondência; cadeia de segurança em hardware; projeto de hardware e *software* dedicados à eleição; criptografias em várias etapas; verificação de assinatura dos aplicativos de urna; verificação de assinatura dos dados de eleitores e candidatos; derivação de chaves da urna; embaralhamento dos votos no RDV; boletim de urna impresso; assinatura de *software* dos arquivos de resultado; assinatura de hardware dos arquivos de resultado; criptografia do boletim de urna; QR Code no boletim de urna; código verificador no boletim de urna; auditoria de funcionamento das urnas; conferência de hash e assinatura digital; conferência, no dia da eleição, da autenticidade e da integridade dos programas instalados na urna (SEGURADO, CHICARINO, 2022, p. 140, 141).

conta que foi atrás de especialistas para saber da lisura ou possibilidade de fraude nas urnas e descobriu que houve roubo já no primeiro turno das eleições de 2022:

> Olha eu tenho amigos físicos, matemáticos e professores inclusive em universidades, eu procuro assistir muito vídeo muita informação a esse respeito. Não tem como aquelas duas curvas de ascendência e descendência terem sido tão lineares… Estranho é pouco, é pra mais de suspeito. Quando eu vou buscar informação eu não vou buscar com o Zé da esquina, eu vou buscar com quem entende da coisa. Não tem como, tá na cara que as eleições já estão fraudadas já no primeiro turno (Eloisa Correia, 50 anos – Corretora de seguros).

Bolsonaristas se interessam por detalhes técnicos das urnas eletrônicas e buscam informações dentro da bolha onde reside a verdade do bolsonarismo. Saldanha e Silva (2019, p.707) percebem, a partir de Bokslag e Vries, que agentes sociais tem que confiar em um sistema eleitoral que não entendem, uma vez que é necessário conhecimento avançado de criptografia. O grande desafio da Justiça Eleitoral é demonstrar o funcionamento do sistema de maneira que mal entendidos sejam solucionados (SALDANHA, SILVA, 2019).

A dificuldade nesta proposta educacional dos autores está na resistência da verdade factual originada pelo TSE, já que a instituição é inimiga e o modo de se alcançar a verdade não (BRUNO e ROQUE, 2019) passa pelo *establishment*, mas pelo fundamentalismo político em rede que chega até vídeos no Youtube. Como explica Cesarino, trazer a verdade factual contra a desinformação é inútil, dado que a dissonância cognitiva encontra atalhos de informação (CESARINO, 2022, p.223).

Ambos bolsonaristas têm convicção de que as urnas eletrônicas podem ser fraudadas e se apoiam em supostos especialistas que reforçam o viés de confirmação e as crenças internalizadas. O fundamentalismo político de Jair Bolsonaro oferece certezas inquestionáveis através da verdade que possui sobre as urnas eletrônicas em uma construção populista que elimina *gatekeepers* da mídia tradicional (VASCONCELOS, 2001; ARMSTRONG, 2008. LACLAU, 2013; NOBRE, 2022).

4.6.3 Fraude no primeiro turno das eleições de 2022

Para muitos bolsonaristas, houve fraude no resultado eleitoral já no primeiro turno das eleições de 2022. Para o dramaturgo Alexandre Dantas, 61, não há dúvidas de que houve fraude no primeiro turno das eleições de 2018 e 2022. “Eu não tenho dúvida que inclusive no primeiro turno já houve fraude. Na eleição passada [2018] houve fraude e ele [Jair Bolsonaro] levou no primeiro turno, isso é apenas uma sensação minha, eu não tenho prova, mas eu acredito”. Desinformação da existência de documentos falsos que

mostravam que Jair Bolsonaro foi vencedor em primeiro turno nas eleições de 2018 permaneceram ativas nas eleições de 2020 e circulam nas redes sociais (RUEDIGER e GRASSI, 2020a, p.12).

O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, afirma que se convenceu da fraude no primeiro turno depois de ver vídeos. “Eu vou ser honesto, não é que pode ter, acho que já teve fraude. Tô vendo uns vídeos, que o pessoal foi votar e chegou lá e já tinham votado no lugar dos caras. Vários, vários. Como pode? Estranho isso né?”.

Ruediger e Grassi (2020a) explicam que mensagens com objetivo de deslegitimação das urnas eletrônicas têm grande engajamento e circulam com facilidade em redes sociais e plataformas como Facebook, Twitter (atual X) e YouTube, e em aplicativos, como WhatsApp e Telegram. Bolsonaristas enclausurados nas bolhas influenciados por uma lógica algorítimica replicam a desinformação nas urnas em uma repetição infindável de si mesmos (PARISER, 2012).

Desinformação de que as urnas não são auditáveis, largamente disseminada principalmente nas vésperas da votação da PEC do voto impresso, surgiu na entrevista de alguns profanos bolsonaristas. Na visão da produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, urnas não são auditáveis e o cenário eleitoral foi montado para que o petista vencesse as eleições 2022:

> Eu acredito sim na possibilidade de fraude [nas urnas eletrônicas] porque primeiramente as urnas não são auditáveis então, não tem como provar que não houve, até agora eu não sei de nenhuma auditoria, falavam que vai ter mas eu acho que isso é mentira. Eu não duvido que tenha sido tudo emparelhado para o Lula ganhar porque tudo começou com a própria campanha, o STF interferir em tudo, ele proibiu tudo, ele censurou todo mundo e o STF fez campanha em favor do Lula o que é uma coisa que eu nunca vi na vida antes e o TSE também, então eles perderam total credibilidade, não confio mais nessa instituição, não em quem está agora na corte, não dá para confiar a não ser que troque de pessoas, mas eu acredito sim na fraude, se não teve fraude no algoritmo, na campanha todo mundo sabe que teve né? (Renata Damasceno, 43 anos – Produtora de Conteúdo).

Gomes e Dourado (2019) ressaltam que desinformação sobre impossibilidade de auditoria e manipulação para beneficiar o PT traz o afeto da revolta em tom de denúncia contra um mal em ação. Ruediger e Grassi (2022) percebem que o argumento que há fraude no processo eleitoral para trazer o PT de volta ao poder é muito fortalecido no ambiente digital das novas direitas.

Na visão do contador Milton Bastos, 65, a participação de Lula nas eleições de 2022 já indica fraude montada pelo *establishment*:

> Se confirmar que foi fraudada a eleição, sim. Tudo que está ai já foi fraudado. O Lula concorrer a eleição, já é fraude. A maior fraude da eleição é essa. Já está ai. Valeu pro Roberto Jefferson, mas não valeu pro Lula. O Jefferson não pôde ser candidato, mas o Lula é candidato. Então, o sistema está todo montado e eles estão fazendo tudo para que cada urna que abra seja 100% dele. Então, por isso que tá sendo batido lá no governo, pra que os militares participem da contagem porque se não participar com certeza todas as urnas vão sair o nome dele (Milton Bastos, 65 anos – Contador).

Na campanha permanente de difamação e estimulação da acentuação de antagonismos (MOUFFE, 2015), a acusação de que o STF faz campanha para Lula (PT) e de que TSE também está vinculado a um suposto esquema, revela a cadeia de equivalências (LACLAU, 2013; BARROS e LAGOS, 2022) montada por Jair Bolsonaro, afinal, ele conseguiu obter a percepção que queria ao colocar o *establishment* como inimigo e apontar quem é esse *establishment*.

Defesa do sistema eleitoral leva bolsonaristas como o publicitário Diogo Grezzi, 58, a perceber um conluio do TSE e STF que teriam trabalhado para encobrir a fraude e impedir transparência com o voto impresso. "Acho enormes, acho que são enormes as possibilidades de fraude, não fosse isso, se há certeza que não houvesse fraude, não haveria fraude, o STF nunca teria feito tanto esforço pra impedir que o voto fosse impresso e auditado".

Desinformações circulando como se fossem suposições ou especulações acerca do processo eleitoral brasileiro assumem formas de uma conspiração eleitoral, como percebem Dourado et al:

> Em um padrão semelhante ao de teorias da conspiração, cuja elaboração conceitual sugere a existência de pessoas e grupos poderosos capazes de maquinar e corromper o sistema de forma oculta, a urna eletrônica e a eleição em si seriam manipuladas por agentes influentes (empresários, filantropos, empresas de *software*, hackers, governos e partidos) com o objetivo de manter a esquerda no poder (DOURADO et al, 2020, p.5)

O Presidente do TSE Luís Roberto Barroso esteve com os Deputados Federais Paulo Eduardo Martins (PSC-PR), Felipe Barros (PSL-PR), Bia Kicis (PSL-DF), Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), Caroline de Toni (PSL-SC), Orlando Silva (PcdoB-SP), Fernanda Melchionna (PSOL-RS) e Arlindo Chinaglia (PT-SP)[429] para conversar sobre a segurança das urnas eletrônicas, mostrar mecanismos de auditoria das urnas eletrônicas e a sala cofre onde supercomputadores processam os dados da votação. É esta sala a que Jair Bolsonaro

[429] AGÊNCIA BRASIL. **Barroso se reúne com deputados da comissão do voto impresso.** 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-06/barroso-se-reune-com-deputados-da-comissao-do-voto-impresso> (Acesso em: 18/12/2023).

se refere como sala secreta do TSE em que uma elite favorável a Lula manipularia resultados. Mesmo com todas as evidências da impossibilidade de fraude, Deputados bolsonaristas continuaram a estimular a desconfiança com as urnas eletrônicas.

Alegação de urnas eletrônicas não serem auditáveis não se revela verdadeira a medida que o TSE faz teste público de segurança (TPS) e convoca hackers e interessados em quebrar as barreiras de segurança. Mais de dez processos de auditorias podem ser feitos por qualquer indivíduo, por partidos políticos, por fiscais das agremiações partidárias, por candidatos e candidatas, ou por instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Ministério Público[430]

Além disso, o Boletim de Urna (BU) com o registro da apuração na seção eleitoral é tornado público, criptografado[431], e só pode ser checado na apuração. Qualquer tentativa de mudança nas urnas eletrônicas ficam gravadas no *software*. Nesse sentido, alterações são gravadas em arquivo de *log* e podem ser requisitados para auditoria dos partidos políticos, bem como os arquivos do Registro Digital de Voto (RDV) (TSE, 2021).

O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo esclarece e desmente a desinformação:

> Ao contrário do que foi espalhado em inúmeros conteúdos mentirosos durante as Eleições 2022 em várias mídias, o nosso sistema eletrônico é totalmente auditável. Os princípios que demonstram isso podem ser verificados no documento "Premissas estruturantes do processo eleitoral informatizado brasileiro", elaborado pelo TSE. As urnas eletrônicas permitem a recontagem dos votos por meio dos Boletins de Urna (Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo – TRE-SP)[432].

Contaminado pelos anos de PT, o *establishment* aparelhado pelo partido que conta com a ajuda de Ministros do STF e TSE, será derrotado nas eleições por Jair Bolsonaro, mesmo com o gasto exorbitante do PT, superando até as tentativas de fraudar o pleito por

---

430 TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Urna eletrônica tem mais de 30 camadas de segurança**. 2021. Disponível em. <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Junho/urna-eletronica-tem-mais-de-30-camadas-de-seguranca-1> (Acesso em: 20/12/2023).

431 Cada urna eletrônica possui uma chave de assinatura diferente. A criptografia protege os dados de biometria dos eleitores, assim como o sistema de arquivos da urna contra engenharia reversa e cópia sem autorização. Além disso, a criptografia protege o sistema de arquivos da urna e o registro geral do voto.

432 TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO. **Festival de desinformação que circulou nas eleições poderia se chamar "É Tudo Mentira".** 2022. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Marco/festival-de-desinformacao-que-circulou-nas-eleicoes-poderia-se-chamar-201ce-tudo-mentira201d> (Acesso em: 21/12/2023).

meio das urnas eletrônicas na concepção do motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38:

> Acho que as urnas podem, diria 100% de dúvida que as urnas são fraudadas, elas tem a possibilidade disso acontecer.... 100% não porque não trabalho com TI. Mas na minha humilde opinião, creio que isso pode ser fraudado, mas a massa, o povo vai votar tão grande no Bolsonaro, no meu ponto de vista, que eles não vão conseguir fraudar. Eles vão ver números exorbitantes em Bolsonaro, uma chuva de votos no Bolsonaro, que eu acho que os caras vão dizer "porra cara se a gente fizer isso vai dar merda" (Roberto Lorente, 38 anos – Motorista de aplicativo e Instrutor de Armamento e Tiro).

Confiança da vitória de Jair Bolsonaro passa não só pela perda eleitoral do PT, mas pela derrota do *establishment* da elite de esquerda que organiza os esquemas de corrupção, posicionados claramente do outro lado da fronteira. Desconfiança do processo eleitoral inclui uma das frentes de batalha que são operações hegemônicas e necessitam, como já mencionado, da repetição incessante da desinformação – o que nas arenas digitais encontra o clima perfeito com os algoritmos, bolhas e câmaras de eco (PARISER, 2012; et al, 2020). Como explica Gramsci, campanha permanente de repetição é uma forma didática para agir sobre a "mentalidade popular" (GRAMSCI, 1984, p.27).

4.6.4 Ruptura

Ruptura começou a se tornar concreta com as práticas discursivas de desinformação de Jair Bolsonaro contra o processo eleitoral (AVRITZER, 2023). Com a desconfiança exacerbada do bolsonarismo acerca do processo eleitoral, o clima beligerante e golpista no Brasil se transformou em plano de ação contra o resultado das urnas eletrônicas que registraram a vitória de Lula nas eleições de 2022. A construção da ideia de fraude no sistema eletrônico de votação levou os bolsonaristas da esperança à revolta. Castells (2018) sublinha que frustração contínua de esperanças leva a degradação da legitimidade, substituindo a resignação por revolta até atingir o nível do que é insuportável (CASTELLS, 2018, p.14).

Caminhoneiros fecharam rodovias; planejamento de um atentado com bomba no Aeroporto Internacional de Brasília foi frustrado com a prisão do autor; manifestantes tentaram invadir prédio da Polícia Federal em ato com incêndio de carros e ônibus; acampamentos golpistas se instalaram em diversos estados no país nos quartéis militares exigindo intervenção federal (CARVALHO, 2023).

Toda essa movimentação extremista teve início nos ensaios antidemocráticos e resultou no ato golpista de 8 de janeiro de 2023 com a invasão de manifestantes que se consideravam representar a maioria do povo contra fraudes do processo eleitoral nos

prédios do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (STF). O clima de hostilidade que chegou a guerra foi previamente captado nas entrevistas que realizamos entre o primeiro e segundo turno das eleições de 2022.

Questionamos os profanos bolsonaristas se seriam favoráveis a uma intervenção, caso Jair Bolsonaro sinalizasse que as urnas eletrônicas foram fraudadas, se concordavam com o fechamento do Congresso ou do STF e se eram a favor da democracia ou de uma nova ditadura. Assim, verificamos que a maior parcela de entrevistados é a favor de uma intervenção com o sinal positivo de Bolsonaro ainda que a maioria absoluta se apresente como pró-democracia.

No filtro de seleção apresentado aos entrevistados, perguntamos se "democracia é melhor sistema de governo em qualquer ocasião". As respostas chamam atenção pelo paradoxo: a mesma maioria que é a favor da democracia em qualquer ocasião também é a favor do fechamento do STF e de uma intervenção. Isso ocorre porque enxergam a ditadura no *establishment* e a democracia em Jair Bolsonaro. Para estes profanos bolsonaristas, a ruptura pregada por Bolsonaro não significa fim da democracia, mas o fim do mal perpetuado pelo *establishment*. Como notam Nobre (2022) e Casarões (2022), Jair Bolsonaro e o bolsonarismo flertam com o autoritarismo como se fossem concepções própria de democracia.

Sistema eleitoral apresentado como fraudulento foi a última trincheira da batalha de Jair Bolsonaro por uma ruptura. Intervenção surge como resgate da democracia na concepção bolsonarista, mas na prática, significa uma ameaça aberta de golpe de Estado. Na linguagem de ação e recuo (CESARINO, 2022) da família Bolsonaro, faltava somente uma data para o momento desta ruptura. Embora Bolsonaro afirme repetidamente "jogar dentro das quatro linhas da Constituição", a palavra ruptura foi muito utilizada por ele e pelo bolsonarismo. Nobre (2020) explica como se dá parte dessa ruptura que é mais ampla, pois se trata de uma operação hegemônica (1984):

> Há uma ruptura de fundo, aparentemente irreconciliável, pondo em disputa diferentes estratos sociais e econômicos. É uma ruptura que tem a ver com as regras de distribuição de recursos pelo Estado. É uma ruptura em relação à cultura política democrática de fundo na qual as divergências podem ser elaboradas publicamente (NOBRE, 2022, p.71)

Quando Jair Bolsonaro se refere a ruptura, intenciona demonstrar que não respeitará mais o sistema de freios e contrapesos nas determinações do poder advindo do Supremo Tribunal Federal (STF) e, nesse sentido, todo trabalho de desqualificação do

STF é uma construção para naturalizar a ação de ruptura como se ele estivesse combatendo um mal contido na ideia fabricada de autoritarismo de toga, representando o verdadeiro poder supremo do povo descrito no art.1º da Constituição, portanto, dentro da Carta Magna, afinal, dentro do senso comum bolsonarista, "supremo é o povo".

"Eu sou realmente a Constituição. E mais, eu tenho conduzido o Brasil orientado e fiel aos interesses do povo brasileiro. Nada eu faço que não esteja de acordo com eles"[433], disse Bolsonaro entrelaçando seu poder ao povo e a Constituição Federal de 1988.

A ideia de ruptura foi explorada pelo bolsonarismo no debate público já no ano de 2020, segundo ano do governo Bolsonaro. Faltava apenas saber quando seria o momento de acordo com o receituário defendido pelo Deputado Eduardo Bolsonaro. "A questão não é de 'se', mas, sim, de 'quando' isto [a ruptura] vai ocorrer"[434].

Jair Bolsonaro montou lentamente um cenário para a ruptura como se defendesse a democracia: buscou conquistar a confiança dos militares, do povo que se identificou como bolsonarista e se apresentou como liderança suprema das Forças Armadas que combate um *establishment* dominado por uma elite corrupta que tem como missão manter os privilégios conquistados em detrimento de um povo esquecido, respaldado apenas por ele (LEIRNER, 2022). Para Laclau (2013), o aparecimento desse povo construído só ocorre com uma ruptura com a ordem existe:

> O ponto essencial é que, como o deslocamento, na raiz da experiência populista, requer uma inscrição de equivalência, qualquer "povo" emergente, qualquer que seja seu caráter, apresentará duas faces: uma face de ruptura com a ordem existente; e outra face que introduz a "ordenação" onde existia um deslocamento básico (LACLAU, 2013, p.187, aspas do autor).

Parcela da população que apoia Bolsonaro foi construída como se fosse a totalidade, em uma construção do povo que divide a fronteira entre agentes sociais puros e impuros (PRIOR, 2023) que praticam o bem ou mal, que escolhem o certo e o errado (MOUFFE, 2005; ARMSTRONG, 2011) e que assim se tornaram soldados do

---

433 SCHUQUEL, Thayná. **"Eu sou a Constituição", diz Bolsonaro após ato pró-intervenção.** 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/eu-sou-a-constituicao-diz-bolsonaro-apos-ato-pro-intervencao> (Acesso em: 22/12/2023).

434 G1. **Eduardo Bolsonaro vê 'momento de ruptura' e cogita adoção de 'medida enérgica' por presidente.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/28/deputado-eduardo-bolsonaro-cogita-necessidade-de-medida-energica-do-presidente.ghtml> (Acesso em: 22/12/2023).

bolsonarismo, máquinas de guerra (LEIRNER, 2022). Desinformação se fixou como fundamental nesse processo.

Os discursos de fraudes nas urnas eletrônicas potencializados por Jair Bolsonaro foram internalizados pelos profanos bolsonaristas, de maneira que a maioria concorda com uma intervenção. Vamos iniciar a análise dos nossos entrevistados pela percepção da minoria que é contra uma intervenção.

Na visão da empresária Fernanda Buchner, 52, o país perderia ainda mais com uma intervenção. "A desordem social ia ser tão grande, o prejuízo seria tão maior". O analista tributário Wesley Lima, 31, afirma com convicção ser contrário a pedidos de intervenção. "Sou contra esses pedidos de intervenção, não vejo o retorno de uma possível ditadura/ militarismo com bons olhos, é só olhar no passado, é só fazer um comparativo com o que ocorreu e agora".

Por outro lado, a grande maioria dos entrevistados concordou com alguma intervenção, a fim de interromper o processo fraudulento pelas urnas eletrônicas. O fiscal de apreensão Jonas Aguiar, 50, manifesta vontade de intervenção contra o que diz crime na fraude das urnas. "Acho que tudo que é fraude é crime, tem que intervir, eu concordo. Tem que intervir imediatamente com militares". Antagonismo chega ao limite (MOUFFE, 2015) com a intenção manifestada dos bolsonaristas por uma intervenção que "salve" a democracia brasileira de inimigos que não têm legitimidade e representam o mal (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

A produtora de conteúdo Renata Damasceno, 43, se mostra a favor de uma intervenção militar imediata porque acredita que a fraude nas urnas já foi comprovada, mas foi classificado como *fake news* pelo STF. "Eu já defendo intervenção agora, porque teve fraude. É comprovado. Tanto é que eles demitiram o cara, foi feito relatório, só que eles estão querendo dizer que isso é *fake news* né? O STF decide o que é *fake news*, ai eles controlam as redes sociais".

Esse tom de conspiração eleitoral (DOURADO et al, 2020) ocorre porque as pessoas se sentem sem esperanças e excluídas, o que leva a ideia de que o poder do povo foi subtraído por forças antidemocráticas que se valem de artifícios (RUNCIMAN, 2018, p.69) como censura da verdade e validação de "*fake news*". Sucessivas derrotas das direitas nas eleições presidenciais com vitórias do PT junto a escândalos de corrupção conduziram a ideia de que a democracia está corrompida. "Quando o seu lado vence, a

democracia parece fazer muito mais sentido do que quando o seu lado perde" (RUNCIMAN, 2018, p.70).

A bolsonarista Bianca Borragine, 29, que é advogada, acredita em intervenção pelo art. 142. "Muito se espalha sobre o Artigo 142. Então assim, intervenção é no sentido de que tem que ter outros meios para fiscalizar a urna eletrônica e a validade dessas eleições, eu acho que isso seria assim extremamente necessário agora com uma auditoria profunda".

Para o publicitário Diogo Grezzi, 58, basta uma prova mínima de fraude para justificar intervenção. "Eu acho que assim, enquanto não se provar, se ele clamar que as eleições foram fraudadas e tiver um mínimo de indício eu acho que tem que ter intervenção do Exército sim - porque o art. 142 está na Constituição, é democrático".

Quando menciona que a intervenção "está na Constituição", Diogo Grezzi se refere ao art. 142 que na concepção equivocada do bolsonarismo define as Forças Armadas como poder moderador (CARVALHO, 2005). "Seria uma intervenção pelo Art. 142. Chamar o Exército para fazer essa intervenção? Claro. O exército pela Constituição, é o poder moderador, não é o STF né? Que os caras acham que é".

Assim, observa-se o desejo de apropriação autoritária de um recurso presente na Constituição de 1988, denotando a presença constante dos militares na política (CARVALHO, 2005) e a isso adiciona-se a relativização da ditadura civil militar que pode movimentar o pêndulo democrático - que historicamente tende para retrações autoritárias com apoio das elites e classes médias. Esse deslocamento do pêndulo sob Bolsonaro é lento, pois o autoritarismo se disfarça de democracia, uma vez que a escalada bolsonarista aponta para direção de uma noção própria de democracia (AVRITZER, 2019, p.16).

Levitsky e Ziblatt (2023) apontam que a democracia pode ser enfraquecida ou destruída com o uso da lei como arma política. Assim, ainda que a Constituição seja bem formulada, a mesma pode ser usada contra a democracia, como fazem os bolsonaristas com o art. 142 da Constituição Federal brasileira. "Na verdade, é justamente isso que torna o jogo duro constitucional tão perigoso: os políticos não violam a lei de maneira aberta; suas mãos continuam limpas" (LEVITSKY e ZIBLATT, 2023, p.56). Para Tocqueville (2014, p.297), o autoritarismo pode se manifestar por meio da lei, tomando formas de degradação da democracia por dentro da Carta Magna.

Avritzer (2019, p.167) aponta como o consenso em torno da democracia é circunstancial. Como não há consenso mínimo sobre o que é democracia no antagonismo entre forças políticas distintas, projetos de hegemonia disputam subjetividades para trazer seu próprio significado de democracia. É nesse sentido que pesquisas que objetivam captar a aprovação das democracias têm o grande desafio de problematizar que democracia é essa, antes de torná-la objeto único para a opinião pública. O que é democracia é objeto de disputa política (NOBRE, 2022, p.38). Casarões (2022, p.10) repara que o bolsonarismo tem uma concepção deturpada de democracia, iliberal e majoritarista, que não tem características universais e inclusivas, e que devem ser colocadas em prática pela vontade da maioria que acham compor.

Para Emcke (2020, p.168), democracia não pode ser confundida com ditadura da maioria e para isso tem que ser pautada pela curiosidade mútua e não pelo desprezo recíproco, a fim de se interromper o discurso de ódio que impossibilita qualquer relação agonística. Para tanto, é necessário modéstia na implementação de uma cultura do erro, que faça reconduções de rota em torno de mais democracia sempre que necessário.

Sobre a tirania da maioria, Tocqueville (2014) observa que a onipotência é perigosa para a democracia quando não tem nenhum obstáculo que a interrompa ou a modere. Nenhuma liderança pode exercer o poder sem que haja controle das outras instituições e, sem esses freios, a tirania pode se instalar na sociedade. "Quando vejo concederem o direito e a faculdade de fazer tudo a uma força qualquer, seja ela chamada povo ou rei, democracia ou aristocracia, seja ela exercida numa monarquia ou numa república, digo: aí está o germe da tirania" (TOCQUEVILLE, 2014, p.296).

Jair Bolsonaro busca a construção da ideia de maioria para seu projeto excludente de democracia, dado seu desprezo público pelas minorias. "As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar"[435], disse o Presidente. Nesse sentido, Mill (2021) ressalta que é fundamental em democracias que minorias sejam respeitadas e representadas. "Nenhuma democracia verdadeira será possível, exceto uma falsa demonstração dela sem essas minorias" (MILL, 2021, p.112).

[435] Repetimos essa declaração de Jair Bolsonaro, também presente no início deste trabalho, a fim de contextualizar seu desprezo por minorias. Mais em: ANDRADE, Hanrrikson. **Bolsonaro defende falas transfóbicas e diz que "minorias tem que se adequar"**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm> (Acesso em: 05/07/2023).

Dunker (2019, p.117), a partir de Freud, nota que "a perda da liberdade da palavra" e a "restrição do outro", encarado como inimigo são condições de risco para a democracia nascida na Constituição de 1988 e explica como essas ameaças criam uma fenda democrática com uma outra ideia de democracia, excludente, que se encaixa na convicção bolsonarista:

> Quando nossos grupos de referência passam a funcionar ao modo de massas digitais e quando a idealização do líder torna cada um de nós um herói em potencial, os afetos assumem uma dinâmica segregativa. A ação conjunta desses movimentos redundou na explicitação de um programa político, eleitoralmente vencedor, baseado no ódio antipetista, que acena para um modelo de democracia exclusiva ou excludente e requer a consequente redução do sujeito democrático. Anuncia-se diante de nós que a democracia não é para todos, que é preciso reduzi-la para que ele funcione (DUNKER, 2019, p.118).

É assim que bolsonaristas lutam por mais democracia para os seus, o que leva a exclusão de quem está do outro lado da fronteira na figura "deles", os outros. Uma intervenção do poder moderador como explicitado pelos profanos bolsonaristas busca a implementação desse modelo excludente de "democracia", mesmo que tenham que enfrentar uma guerra na defesa da concepção que possuem do resgate da verdadeira democracia.

Na visão da analista de sistemas Kerena Rodriguez, 55, é preciso ir para às ruas protestar contra a fraude. "É guerra. Eu vou pra rua, vou me juntar, eu sou brasileira, democracia em primeiro lugar e a verdade tem que vir à tona". Verdade do bolsonarismo ditada pelo fundamentalismo político de Bolsonaro não deixa dúvida aos bolsonaristas de que agem pela democracia tendo ela como um bem maior, elevado, em uma missão histórica contra o mal que a subverte (ARMSTRONG, 2001; VASCONCELOS, 2008).

Bolsonaristas demonstraram determinação de ir à guerra quando apenas perguntados sobre concordarem ou não com uma intervenção, o que mostra disposição para confirmarem presença na festa da Selma[436], código utilizado por extremistas na organização dos atos golpistas de oito de janeiro de 2023 em Brasília. O motorista de aplicativo e IAT Roberto Lorente, 38, expressou "medo de uma guerra civil". Em outro momento da entrevista, se mostrou favorável a luta armada. "Pode ser possível que dê uma guerra com armas e eu sou a favor disso ai". De acordo com ele, a guerra seria contra

[436] PINHEIRO, Mirelle. CARONE, Carlos. **"Festa da Selma": entenda código usado por extremistas para planejar 8/1 em Brasília**. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/festa-da-selma-entenda-codigo-usado-por-extremistas-para-planejar-8-1-em-brasilia> (Acesso em: 22/12/2023).

todos aqueles que fraudaram a eleição de 2022, isto é, o PT, o STF, entre outros atores sociais considerados da elite do *establishment*.

O empresário Júlio Fared, 45, revela a mesma inclinação que Roberto Lorente. De início fala em guerra como metáfora: "Quando eu falo guerra é combate a ideias, ideológicos, de verdade e mentiras". No entanto, no decorrer da entrevista com Júlio Fared, ele citou Jair Bolsonaro e a possiblidade de pegar em armas. "Eu vou repetir o que o [Jair] Bolsonaro falou, não dá para dar flores a bandidos, é simples. Se os caras são maus e armados a gente tem que ser soldados e armados".

"É cara, eu estou com medo, mas eu acho que eu vou ter que ir pra guerra. Se eu estivesse com um povo comigo, com certeza. Eu sozinho não ia querer, sozinho não, mas se tiver uma turma comigo com certeza", completa Júlio Fared em declaração que vai ao encontro da "Festa da Selma"[437]. A corretora de seguros concorda com um intervenção do povo assim como citado por Júlio Fared. Quando perguntada sobre desejo de uma intervenção, ela declara: "Sim. Uma intervenção de todo mundo".

Na concepção bolsonarista, portanto, o bolsonarismo luta por democracia e a adesão a ideia de intervenção e a de um plano de ação revelam que os atos golpistas de oito de janeiro de 2023 podem ser encarados dessa forma, como manifestações democráticas que se tornaram violentas. Democracia é um valor que se mostra importante para os bolsonaristas. No entanto, verificamos que é uma outra democracia.

Casarões (2022) nota que não se trata de uma concepção de democracia como conhecemos na redemocratização e não é visto como um modelo universal e inclusivo. Jair Bolsonaro elevou o antagonismo ao nível de um plano de ação e criou o clima de opinião perfeito para um golpe de Estado que entre seus profanos bolsonaristas não significa ditadura. Visto que no universo bolsonarista já existe a percepção de uma ditadura de toga em cortes aparelhadas pelo PT que avançam o projeto comunista, os profanos bolsonaristas na luta do bem contra o mal acham óbvio que o conflito para qual se apresentam é uma luta pelo resgate da democracia (CASARÕES, 2022, p.10).

[437] Monitoramos todas as pessoas que nos concederam entrevistas após o período eleitoral, com ênfase em buscar informações se participaram dos atos golpistas de oito de janeiro de 2023 em Brasília. Notamos que três bolsonaristas entrevistados desativaram redes sociais e desapareceram de aplicativos de mensagens por alguns meses. Questionados pelas redes sociais se tiveram participação nos atos e, em caso afirmativo, se poderiam falar a respeito, dois bolsonaristas negaram ter participado, enquanto um não respondeu as indagações.

Dessa forma, não nega-se que a democracia tem suas falhas e necessidades de aperfeiçoamento, contudo, o bolsonarismo se vale dessas lacunas para afirmar que vai instaurar a verdadeira democracia (NOBRE, 2022, p.145). Nobre (2022, p.38) ressalta que comportamentos autoritários como o de Jair Bolsonaro reivindicam pertencer e lutar pela verdadeira democracia, para enfim impor uma democracia tutelada (NOBRE, 2022, p.43) que rejeita os moldes de como foi feita a redemocratização para um modelo que chama de "democracia da ditadura" (NOBRE, 2020, p.145).

Para lutar por liberdade de expressão e democracia, bolsonaristas se mostraram prontos para o confronto físico e para a violência. A noção de que só a guerra pode resolver o antagonismo interrompe a política (LEIRNER, 2022; MOUFFE, 2015) e encerra de vez qualquer possibilidade de o combate se desenvolver de maneira agonística, levando ao extremo a luta do bem contra o mal do fundamentalismo político. Assim, verificamos como a verdade do bolsonarismo internalizada como instrumento do bem nas mãos dos cidadãos de bem potencializada pela desinformação contra as urnas eletrônicas, levou a desconfiança do processo eleitoral a ponto de se tentar uma ruptura disfarçada de democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho explora a transposição da literatura da teologia para a ciência política, mobilizando o fundamentalismo religioso para uma categoria que denominamos "fundamentalismo político" a fim de compreender como Jair Bolsonaro se vale de um versículo bíblico como modo de validação e legitimação de seus discursos. "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (João 8:32) é apropriado pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro reivindicando o monopólio da verdade revelada e oculta pelo *establishment*. João 8:32 no discurso de Bolsonaro é recebido pelos bolsonaristas como uma "*red pill*" que depois de ingerida abre as portas da percepção para um mundo novo, repleto de possibilidades, em que se encontra um campo aberto de expressões para viver a plena liberdade sob a tutela de Jair Bolsonaro.

Tudo o que ficou para trás depois da ingestão da *red pill* é um passado de mentiras, reconhecidamente falso, imoral, corrupto, comandado por uma elite de esquerda que aparelhou o Estado; dominou as universidades com doutrinação; degradou as artes com uma indústria cultural sexualizada; tomou as redações de jornais tradicionais; concentrou as atividades em um partido político, o PT, que por sua vez, organiza grandes esquemas de corrupção que mantém essa ordem estabelecida com apoio do crime organizado e de ditaduras de países vizinhos na América Latina.

Na concepção de parcelas das novas direitas que aderiram esse projeto, quem apoia o *establishment* não conheceu a verdade ou resiste a ela devido a uma "lavagem cerebral". Fundamentalismo político da Jair Bolsonaro é mais bem absorvido por entrevistados bolsonaristas que se denominaram evangélicos do que católicos, no entanto, fiéis de diversas religiões se dividem no que tange as guerras culturais, demonstrando internalizar o sistema de crenças bolsolavista.

Toda verdade factual que é produzida por essa ordem estabelecida é reenquadrada no universo bolsonarista e se transforma na narrativa que for conveniente a Jair Bolsonaro e seu grupo político. Não vivemos uma crise da verdade factual, mas um mudança no modo como alcançamos o que é tomado por verdade com o contorno dos *gatekeepers* feito por Bolsonaro, comunicando-se diretamente com seus seguidores pelas redes sociais, subvertendo a lógica da campanha eleitoral de 2018 com menos tempo de exposição e fazendo um governo com o direcionamento perfeitamente ajustado para a

lógica das bolhas, dos algoritmos e da dissonância cognitiva provocada na recepção de conteúdo desinformativo.

Verdade no consumo da *red pill* bolsonarista é imprescindível para a operação hegemônica de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho, pois estabelece relações de confiança, de aprendizagem e, portanto, de internalização. O que está em jogo é uma disputa por subjetividades em torno de projetos com visões de mundo distintas e irreconciliáveis. Verdade é central como chave para abrir e entrar no universo bolsonarista, uma vez que toda percepção que tem sobre os temas questionados nesta pesquisa tem por base a concepção de mundo construída em torno da verdade e da confiança.

Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro vai além do monopólio da verdade revelada. Analisando Bolsonaro nesse sentido, verificamos características como: referências religiosas do líder ao seguidor; militância agressiva, violenta; bem como planos de ação; nas narrativas de perseguição e de deterioração dos valores; além da luta do bem contra o mal projetadas pelo medo e pela ansiedade. Essas propriedades se cruzam a visão de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau da dinâmica política populista construída na esfera da moralidade na luta do bem contra o mal que acentua o antagonismo em detrimento do agonismo, estabelece fronteiras em que se definem os amigos e os inimigos, "nós e eles", o "certo e o errado".

Aplicamos a categoria de fundamentalismo político para compreender Jair Bolsonaro, adentrar as guerras culturais que destacam a luta moral e as operações hegemônicas, em movimentos da micropolítica que atingem corpos; e da macropolítica que coloca as subjetividades em disputa, e descobrimos a conexão do fundamentalismo político com a dinâmica populista, em que as práticas discursivas justificadas por Deus são entrelaçadas em cadeias de equivalências por meio de significantes vazios e flutuantes na construção do povo, de maneira que Bolsonaro é apenas um intermediário entre Deus e o povo.

Por meio de um roteiro semiestruturado entrevistamos bolsonaristas e eleitores de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022 e questionamos a respeito da pandemia de Covid-19; governo Bolsonaro; Supremo Tribunal Federal (STF); mídia, guerras culturais e sobre o sistema eleitoral. No embasamento de todas as visões de mundo, está lá a verdade do bolsonarismo.

Bolsonaristas entrevistados para esta tese compreendem em sua maioria que o *establishment* persegue Jair Bolsonaro e vivemos uma luta do bem contra o mal. A fim de combater o mal, defendem a extinção do PT e comentam a influência que tem de Olavo de Carvalho ao responderem se o conhecem e se acham que "Olavo tem razão". Olavo de Carvalho foi o principal agente intensificador do antagonismo para uma visão de aniquilamento do inimigo e tem uma dinâmica populista digital que foi demonstrada.

A nomeação de uma parcela de apoiadores como se fosse a totalidade do povo, compõe o partido digital bolsonarista num mosaico que forma o corpo digital do rei e uma midiosfera extremista que promove assembleias caóticas e desorganizadas em deliberações nos grupos em redes sociais. Boa parte desse conteúdo era organizado em estruturas dentro da Presidência da República, no gabinete do ódio, durante a campanha e em parte do governo, e no gabinete paralelo montado durante a pandemia de Covid-19. O conteúdo informativo falso elaborado por estes grupos demonstra como havia estratégia na desinformação do grupo bolsonarista.

Técnicas de desinformação como *astroturfing* (na disseminação de conteúdos falsos) ou *firehosing* (inundando a zona de merda, como recomenda Steve Bannon) se tornaram instrumentos dos bolsonaristas - que se tornaram soldados da tropa sob as ordens do corpo digital do rei. Salientamos como o *flaming* e o *doxing* são ferramentas de intimidação, ameaça e perseguição que podem culminar em violência física real. A jornalista Patrícia Campos Mello e a professora Tatiana Lionço foram exemplos que trouxemos para compreender como se dá essa disputa antagônica – que tem como norte apenas a destruição. A orientação para os ataques contra os inimigos depende apenas do direcionamento feito pela verdade do bolsonarismo que guia contra o mal e o errado em nome do bem e do certo.

Evidenciamos os ataques a meios de comunicação inimigos como Folha de S. Paulo e Globo, bem como a misoginia com jornalistas mulheres e confrontos com esses profissionais por meio da linguagem comum do bolsonarismo que ocorre pela retórica do ódio, desqualificação nulificadora, hipérbole caracterizadora, que aparecem como técnicas discursivas e foram normalizadas no violento debate digital brasileiro com apoio de figuras como Olavo de Carvalho. Na cadeia de equivalências que simplifica a construção de inimigos associando-os a um mal existente já internalizado, o Supremo Tribunal Federal chama atenção.

Supremo Tribunal Federal se tornou grande inimigo do bolsonarismo com decisões que permitiram o retorno de Lula (PT) para a disputa do jogo eleitoral. Combater a corte se tornou o certo a se fazer, assim como é correto lutar contra o PT pela moralização da política. Fechar o Supremo Tribunal Federal ou entrar em uma aventura golpista para uma nova ditadura foram opiniões normalizadas entre os profanos bolsonaristas, mas tudo em nome de uma ideia deturpada da democracia.

Na concepção dos bolsonaristas entrevistados, estamos em momento de exceção com uma ditadura de toga que cessa liberdades e promove censura contra inimigos e, por isso, a necessidade de reação com um plano de ação que atinja da mesma forma o Tribunal Superior Eleitoral presidido por Moraes, espécie de braço do STF, para imposição de decisões arbitrárias e comitê de defesa da candidatura petista.

Em uma doutrinação típica da cartilha militar que prega ação e recuo em combate, Jair Bolsonaro formou um exército do bem contra o mal, direcionado pela verdade trazida por sua liderança. O fundamentalismo político que encerra a possibilidade de debate viu o antagonismo tomar uma forma na qual "eles" precisam ser exterminados. Assim, não há possibilidade de consenso ou acordo para diminuir a intensidade da polarização e o *establishment* não pode dizer que não sabia dos riscos que Bolsonaro representava.

O alerta de Levitsky e Ziblatt (2018) e Mouffe (2015) de que ao momento que um projeto hegemônico tome postura extrema que ameace a ordem existente, este não possui legitimidade na sua reivindicação e teria de ser excluído do debate democrático, não foi seguido. Sem ser barrado pelo *establishment* nas eleições, Jair Bolsonaro venceu o pleito e atiçou seu partido digital e a midiosfera extremista por quatro anos com táticas de desordem informacional nítidas que buscavam implementar o caos como método para oferecer a ordem.

Desinformação é instrumento de luta contra o *establishment* utilizado por Jair Bolsonaro e por meio da intimidação e de uma política de guerra, na qual ele demonstra colocar em prática ensinamentos que obteve no campo militar, promovendo guerras híbridas – que contam com o apoio de militares que participam do governo e se valem de operações psicológicas para ativar disrupções nos discursos no mundo social que provoquem dissonância cognitiva.

Necessário entender que ditadura civil militar de 1964 é apresentada como "*fake news*" dos inimigos de um período que, nesta visão, teria salvado o Brasil dos comunistas.

Este é o marco da atuação de Jair Bolsonaro desde que surgiu na política e revela o revanchismo com tentativas dos civis de criminalizar torturas e crimes dos militares. Existe uma disputa na redemocratização na qual parcelas de militares buscam uma imagem positiva da ditadura, a significando como revolução necessária para o Brasil seguir o caminho do progresso. Militares nunca deixaram a política no Brasil no período republicano e embarcaram no projeto hegemônico de Bolsonaro, com base na racionalidade internalizada do sistema de crenças bolsolavista.

Quando a desinformação entra na câmara de eco bolsonarista, ela passa pelo efeito do filtro bolha que através dos algoritmos cercam os agentes sociais em uma repetição infindável de si mesmos. Isso gera uma câmara de eco na qual a desinformação encontra terreno fértil para proliferar: de um lado o viés da confirmação faz o ambiente se tornar confortável por nutrir confiança; por outro, qualquer verdade factual trazida por alguém do outro lado da fronteira ativa a dissonância cognitiva que repele o ruído informacional, gerando uma desordem informacional em espiral. A repetição ajuda a formar subjetividades e se torna grande artifício na operação hegemônica em andamento.

Além dos ataques ao *establishment*, mostramos como o discurso crescente de animosidade e violência junto a desconfiança do processo eleitoral foram minando a democracia, com elevação de um discurso que pedia golpe de Estado. Os ensaios antidemocráticos de 7 de setembro de 2021 e de 2022 foram demonstrações de que a possibilidade de ruptura era real e estava sendo germinada por Jair Bolsonaro e pelo grupo bolsonarista para que na realidade não parecesse um golpe, mas a restituição democrática dentro das quatro linhas da Constituição como dizia o Presidente – sinalizando que usaria o art.142, visto erroneamente como dispositivo que aciona as Forças Armadas para garantir a ordem, estabelecendo assim um metapoder ou poder moderador que retoma uma visão de polícia política na atuação dos militares.

Em um panorama geral, nos três primeiros capítulos da pesquisa, revelamos como Jair Bolsonaro se valeu do fundamentalismo político sequestrando a noção de verdade e construiu o povo pela dinâmica populista, o tornando parte de sua tropa em busca de uma ruptura com técnicas de desinformação e técnicas discursivas odiosas que revelam uma pedagogia de desumanização do outro. No capítulo 4, demonstramos a percepção dos bolsonaristas nas entrevistas realizadas e, assim, o contexto anterior nos ajuda a compreender a internalização de todos esses elementos descritos na primeira parte do

trabalho que culminam na autorização e validação dos ataques e do ódio em nome do bem, do certo e da verdade.

Buscamos compreender o pequeno universo bolsonarista investigado nesta tese e criamos seis eixos de análise: 1) pandemia de Covid-19; 2) Meios de comunicação; 3) Supremo Tribunal Federal; 4) Antagonismo; 5) Guerras Culturais; 6) Sistema Eleitoral.

No eixo pandemia Covid-19, verificamos que para os bolsonaristas, a Covid-19 é uma doença real, que pode levar a morte. Negacionismos não apareceram nas entrevistas, talvez pela distância temporal entre o pico de mortes e as eleições de 2022, mas houve quem justificasse que Jair Bolsonaro se referiu a Covid-19 como "gripezinha" depois que o médico Drauzio Varella, considerado inimigo do bolsonarismo, mencionou que era apenas um "resfriadinho". Na concepção de todos os entrevistados, Jair Bolsonaro acertou ao "não deixar a economia para depois" e foi proibido de atuar na pandemia pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o que revela o efeito da desinformação intencional para direcionar seus seguidores. Nesse sentido, o chamado tratamento precoce foi considerado importante.

Governadores e Prefeitos, como os citados João Doria no estado de São Paulo e Bruno Covas na Prefeitura de São Paulo, foram classificados ditadores na restrição de liberdades e na perseguição a quem não cumprisse o isolamento ou a Bolsonaro. Meios de comunicação como Folha de S. Paulo e Globo incentivaram o medo da doença e agiram contra Jair Bolsonaro. Avaliações da condução da pandemia por Bolsonaro foram positivas na maioria das concepções, todavia, houve críticas à condução da pandemia pelo Presidente, pois ele teria se manifestado de forma imprópria e falhado na comunicação com a imprensa e parte da sociedade.

Com este cenário, nota-se como Jair Bolsonaro ativou o fundamentalismo político com a verdade do bolsonarismo em torno da pandemia bem como modulou um Estado necropolítico suicidário, como gestor da morte e da destruição. Foram inúmeras omissões a ações intencionais que possibilitaram um contexto catastrófico na qual muitas mortes poderiam ter sido evitadas, caso atuasse em uma biopolítica que oferecesse rede de proteção ao invés de deixar morrer, aumentando a dificuldade e dor de milhares de famílias. Ainda assim, o bolsonarismo apoiou a maioria das atitudes de Jair Bolsonaro na pandemia, dando suporte a necropolítica suicidária e a seu comportamento desastroso e

necropolítico que ainda lhe rendeu boa votação nas eleições de 2022, no pleito mais acirrado da história brasileira da redemocratização.

No eixo mídia, verificamos que *fake news* é sempre produção do inimigo. Dessa forma, percebe-se como o termo é utilizado não para se referir a desinformação, mas para acusar o outro de produzi-la. Desinformação não é artifício usado pelo Presidente e faz parte da campanha de difamação feita pela mídia para destruir Jair Bolsonaro. Jornalismo convencional não diz a verdade e vive de *fake news*. Na dieta informacional, bolsonaristas dizem não confiar nem um pouco em Folha de S. Paulo e TV Globo e afirmam confiar na Jovem Pan e em menor grau TV Record e SBT. Dessa forma, é inócuo oferecer a checagem de informações aos bolsonaristas, uma vez que tem a percepção de que as agências de checagem não são nem um pouco confiáveis, pois são extensões do jornalismo que produz *fake news* como Globo e Folha de S. Paulo. Caio Coppola, Alexandre Garcia, Rodrigo Constantino foram os intelectuais orgânicos do bolsonarismo mais citados pelos entrevistados. Nesse sentido, Jair Bolsonaro teve êxito em construir a relação amigo/inimigo com rivais e potencializar o antagonismo com esses veículos que são vistos como fonte de *fake news*.

Quando Jair Bolsonaro traz em seu discurso o versículo bíblico João 8:32, "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará", os bolsonaristas enxergam um incentivo a busca da verdade, uma vez que enxergam que ele preza pelo bem. Jair Bolsonaro diz a verdade na concepção de todos os entrevistados, que demonstram nitidamente a relação pautada pela validação, confiança e autorização dos atos de quem diz a verdade. Fundamentalismo político de Jair Bolsonaro observa-se empiricamente pela *red pill* que ingerida leva a verdade oculta e revelada contra as mentiras disseminadas pelo *establishment* que visa apenas derrubar o Presidente. É assim que desmentir desinformação com verdades factuais revela-se não promissor, à medida que existe um escudo que protege o corpo do rei digital composto pelo efeito bolha, pelas câmaras de eco, pelo viés de confirmação e pela dissonância cognitiva.

No eixo antagonismo, verificamos a percepção dominante de que o *establishment* persegue Jair Bolsonaro. Como Jair Bolsonaro traz a verdade oculta e incômoda para o *establishment*, diversos atores sociais se uniram a fim de derrubá-lo para interromper a circulação da verdade e o combate as mentiras do *establishment*. A aderência ao projeto bolsonarista ocorreu muito pela decepção com o combate a corrupção realizada pelo PT e pelo próprio *establishment*, que tinha no PSDB grandes expectativas. Decepção com o

envolvimento do nome de Aécio Neves (PSDB) com corrupção na Operação Lava Jato, ajudou Bolsonaro a formar uma cadeia de equivalências na qual tanto PT quanto PSDB são a mesma coisa, afinal, nessa concepção, os partidos tinham conchavo e se alternavam no poder pra manter a ordem estabelecida corrupta e distante das demandas reais do povo.

Na concepção de mundo bolsonarista, ocorre uma obviedade do voto contra Lula nas eleições de 2022, uma vez que se mostram surpresos e sem compreender porque o petista detém tanto apoio mesmo depois dos escândalos de corrupção em torno dele. A ideia de organização criminosa associada aos petistas é recorrente e a grande maioria concorda com a cassação do registro do partido, em uma extinção do PT que melhoraria a vida do brasileiro. Neste cenário, existe uma luta do bem contra o mal, e "o bem é o Bolsonaro". Portanto, bolsonaristas não têm dúvidas de que vivemos uma luta do bem contra o mal e é preciso combater o mal com a verdade, o que mostra o antagonismo e o fundamentalismo político em ação nas subjetividades dos bolsonaristas.

No eixo guerras culturais, questionamos os bolsonaristas na esfera moral e verificamos que a maioria dos entrevistados considera que família tradicional do modelo patriarcal deve ser conservada. Por outro lado, em outra pergunta, a parcela dominante de inquiridos observa que um casal homossexual é uma família como outra. A aparente contradição se explica. Bolsonaristas demonstram respeito a união de casais homossexuais porque os gays são os "outros", aqueles comunistas do outro lado da fronteira que estão distantes do seu convívio diário ou que convivem proximamente sem preconceitos com a orientação sexual ou transição de gênero, que é aceita também, desde que não ataquem a ideia de família, pilar da sociedade, que tem características patriarcais heterocisnormativas por essência e que tem as crianças como seres que precisam ser protegidos a qualquer custo.

Preconceito não aparente muitas vezes é revelado nesta proteção das crianças que não devem entrar em contato com a ideologia de gênero, pois esta forma de doutrinação visa destruir a família e implementar o comunismo de forma sutil. Como se trata de uma imposição, denominam o receio de uma ditadura gay que acabaria de vez com a família tradicional e patriarcal. Confusão entre identidade de gênero e ideologia de gênero é comum e a linguagem neutra é ridicularizada, negando a existência e o livre viver de corpos. Para os bolsonaristas entrevistados, o feminismo é o inverso do machismo, outra confusão que circula muito no senso comum. Nessa concepção, feminismo é uma luta

falsa, lacração das esquerdas. Apenas o feminismo liberal é aceito, e aparece mais nas visão de homens do que em mulheres, mencionando a igualdade salarial como importante.

Dentro da luta cultural, bolsonaristas detestam o politicamente correto, porém, citam algumas expressões de cunho racista e casos de racismo sofridos na qual afirmam que não se pode falar de qualquer maneira, caso se configure como ofensa racial. Bolsonaristas desconhecem termos popularizados por Olavo de Carvalho e nesse sentido, desconhecem o marxismo cultural. Todavia, é notório observar que o marxismo cultural já aparece traduzido em um senso comum que influencia práticas como a visão bolsonarista sobre a Lei Rouanet, da elite de artistas que se valem da lei, bem como a reclamação de que universidades e redações estariam tomadas pelo pensamento de esquerda, denotando uma hegemonia. Bolsonaristas associam o comunismo diretamente ao projeto hegemônico do PT, ao *establishment* que estaria contaminado pelo partido e reconhecem Olavo de Carvalho como grande pensador das direitas que possibilitou a emergência desse pensamento, alertando da hegemonia das esquerdas, ao passo que concordam que se tratava de um "grande mestre" e que "Olavo tinha razão".

No eixo STF, verificamos que, para os bolsonaristas, a alta corte falhou ao soltar Lula da cadeia ilegalmente. Essa operação foi feita pois o petista era o único candidato com viabilidade eleitoral que poderia ameaçar a reeleição de Bolsonaro. Um grande conluio entre o PT, STF e outros atores do *establishment* foi realizado para atingir esse objetivo. Se há dez anos, as novas direitas celebravam a condenação de petistas no julgamento do mensalão realizado no STF, atualmente veem a corte como aparelhada pelas indicações do PT, colocando-se com essa associação em favor da corrupção e do comunismo. Há, portanto, uma campanha permanente para derrubar Jair Bolsonaro e o STF virou corte política nesse antagonismo com abuso de poder em inquéritos considerados ilegais.

Bolsonaristas assumem que não sabiam bem o que fazia o STF e que passaram a entender o que faz a alta corte e o mal que fazem para o Brasil a partir da verdade trazida por Jair Bolsonaro. Alternativa para o atual modelo de aposentadoria por idade foi trazida pelos entrevistados como eleição para Ministros do STF com período determinado. Como já era notório, o resultado eleitoral com composição mais conservadora do Congresso, especialmente o Senado, nas entrevistas feitas entre o primeiro e segundo turnos na eleições de 2022, surgiu a esperança de que pedidos de impeachment contra Ministros do STF avançassem e levassem a deposição de muitos deles, principalmente do Ministro

Alexandre de Mores que é odiado. Bolsonaristas internalizaram e normalizaram a retórica do ódio e desqualificação nulificadora contra Moraes e passaram a usar armas digitais como *flaming* e *doxing* contra ele e inimigos, ao que se adiciona o *firehosing* e *astroturfing* como instrumentos de disseminação de desinformação no mundo social.

Para os bolsonaristas, Ministros do STF não defendem a democracia, pelo contrário, atacam e deterioram os valores democráticos com decisões políticas. Há forte percepção entre a maioria de que os abusos do STF tornaram os Ministros autoritários, "ditadores de toga", que fazem imposições e interferências políticas, censurando a liberdade de expressão bolsonarista, fugindo das atribuições que possuem na defesa da Carta Magna. Questionados se seriam favoráveis a nova ditadura em caso de "mais abusos do STF", a minoria respondeu estar de acordo com uma intervenção através de uma interpretação equivocada do art.142 da Constituição Federal. Nesse sentido, já surge a noção de que bolsonaristas em sua grande maioria são contrários a uma nova ditadura, buscando a democracia como valor, porém, uma concepção diferente de democracia. Embora haja críticas e estudos a serem feitos sobre o papel do STF nos últimos anos, é inegável a atuação na contenção judicial evitando danos maiores a democracia que conhecemos desde a redemocratização.

No eixo sistema eleitoral, verificou-se que a possibilidade de fraude nas urnas eletrônicas é unanimidade entre os bolsonaristas entrevistados. Absolutamente todos internalizaram a campanha de desinformação feita por Jair Bolsonaro acerca do voto eletrônico, à medida que muitos se mostraram irritados e indignados ao tocar no assunto. Urnas eletrônicas fraudáveis são o escancaramento de que o *establishment* se reuniu para ajudar o PT e derrubar Jair Bolsonaro, acabando com qualquer chance de reeleição.

Ainda assim, demonstraram muita esperança com a vitória de Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições, ajudada, claro, pelo efeito bolha e câmara de eco que projetam a sensação do povo como maioria sempre. Nesse sentido, o voto impresso 'auditável' é defendido por todos para diminuir as chances de fraude nas urnas eletrônicas, comparando o papel impresso com o sistema eletrônico, em mais uma desinformação, já que as urnas eletrônicas são passíveis de auditoria. A deslegitimação do processo eleitoral coloca a democracia em xeque e como lembram Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, faz parte de projetos autoritários pelo mundo.

Questionados se seriam favoráveis a uma intervenção em caso de Jair Bolsonaro revelar que as urnas eletrônicas foram fraudadas, culminando obviamente na vitória do inimigo Lula, bolsonaristas demonstraram serem favoráveis a uma intervenção "constitucional" pelo art. 142, demonstrando novamente a potência da desinformação, já que se trata de uma visão completamente errada do artigo em questão que trata as Forças Armadas como poder moderador, como já reiterado. Contudo, uma intervenção não significaria ditadura ou um regime autoritário. Nada disso. Intervenção militar não significa o fim da democracia no Brasil. Ao contrário, seria o resgate da democracia, deixando claro que eles têm outra concepção de democracia, um tipo de democracia excludente na qual somente o cidadão de bem patriota deve ser incluído.

A verdade do bolsonarismo ditada pelo fundamentalismo político de Jair Bolsonaro se torna prática discursiva que circula pela dinâmica populista de Jair Bolsonaro, estabelecendo fronteiras, os inimigos a serem exterminados, por uma retórica de ódio que formou subjetividades em uma operação hegemônica que se constitui como projeto, através do sistema de crenças bolsolavista. Através de uma racionalidade pronta que se apresenta como duradoura, o bolsonarismo e olavismo devem perdurar por muito tempo, sendo mais que um fenômeno eleitoral e intelectual, mas uma jornada lenta e gradual por hegemonia que, junto a verdade do bolsonarismo, captura subjetividades em torno do projeto bolsonarista.

Este projeto se apresenta como democrático mesmo sendo restrito. Com isto em vista, observa-se como a "democracia da ditadura" defendida por Jair Bolsonaro é internalizada pelos bolsonaristas e a intervenção se tornou um caminho em resposta a construção da ideia de fraude no sistema eleitoral que culminou nos atos de oito de janeiro de 2023 que quase determinaram a ruptura da democracia que construímos na redemocratização. Bolsonaro trouxe militares de volta à política oficialmente e afastá-los surge como grande desafio democrático para a próxima década.

Como o bolsonarismo é um projeto antagônico em busca de hegemonia, sua existência não deve se limitar a poucas disputas eleitorais e pode perdurar no tempo, ameaçando a confiança nas instituições e na democracia. Uma das saídas possíveis para este antagonismo com a extrema direita, como observa Marcos Nobre, é a reconstrução da direita moderada, que aceite novamente as regras do jogo democrático, criando um novo pacto em torno da Carta Magna de 1988.

Por outro lado, há um grande desafio a ser enfrentado com a desinformação intencional e a *misinformation* que circulam no mundo social, principalmente a propagada contra o sistema eleitoral brasileiro e também durante as eleições. Relatório do Fórum Econômico Mundial[438] publicado no início de 2024 ressalta a desinformação como maior risco para o mundo nos próximos dois anos – demonstrando assim, otimismo em um fenômeno que deve permanecer ativo por muito mais tempo.

Outro grande problema apontado como fator de ameaça aparece com a inteligência artificial (IA) que deve aperfeiçoar-se rapidamente e já traz novas formas de criação de desinformação. Não devemos esquecer como a recepção dessa desinformação intermediada por algoritmos e pelo efeito do filtro bolha auxiliam na proliferação dos autoritarismos e na retroalimentação das câmaras de eco. Nesse sentido, parece muito difícil a interrupção dessa dinâmica, que será motivo de lutas que terão a democracia como tema de fundo central.

Reconhecer discursos de ódio normalizados pelo bolsonarismo e colocar em evidência seu conteúdo nocivo faz parte desse conflito a fim de desarmar o antagonismo para a construção de relações agonísticas que diminuam a crise de escuta atenta que vivemos, possibilitando, assim, o fim da intimidação e da guerra, e o retorno do diálogo e do respeito, substituindo o medo do inimigo do outro lado da fronteira para uma empatia que reconheça a existência de pensamentos distintos, porém, complementares. É a partir dessas bases que têm como norte o reconhecimento do outro, que é possível desidratar gradualmente a força do fundamentalismo político de Jair Bolsonaro e a ameaça que representa para a construção contínua e diária da democracia como um processo inclusivo.

[438] NALON, Tai. **Fórum Econômico Mundial vê desinformação como maior risco global nos próximos anos**. 2024. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/relatorio-desinformacao-forum-economico-mundial/> (Acesso em: 17/01/2024).

REFERÊNCIAS

A TARDE. **Alckmin chama PT de sofisticada organização criminosa**. 2006. Disponível em: <https://atarde.com.br/politica/alckmin-chama-pt-de-sofisticada-organizacao-criminosa-119175> (Acesso em: 01/08/2023).

ABREU, Diego. **STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista**. 2009. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html> (Acesso em: 28/10/2023).

AGÊNCIA BRASIL: **Para Bolsonaro não houve ditadura no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/para-bolsonaro-nao-houve-ditadura-no-brasil> (Acesso em: 02/08/2023).

AGÊNCIA BRASIL. **Barroso se reúne com deputados da comissão do voto impresso.** 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-06/barroso-se-reune-com-deputados-da-comissao-do-voto-impresso> (Acesso em: 18/12/2023).

ALESSI, Gil. OLIVEIRA, Regiane. **Bolsonaro não tem provas sobre fraude de urnas, mas insiste em ilação já desmentida por TSE**. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-30/bolsonaro-nao-tem-provas-sobre-fraude-de-urnas-mas-insiste-em-ilacao-ja-desmentida-por-tse.html> (Acesso em: 18/12/2023).

ALEXANDRE, Ricardo. **E a Verdade os Libertará**: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020. 254 p.

ALLCOTT, H., & GENTZKOW, M. **Social media and fake news in the 2016 election. Journal of Economic Perspectives**, vol 31(2), 211-236, 2017

ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Campinas: Editora Unicamp, 2018. 7p. a 15p.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 255 p.

ALONSO, Angela. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução**. In: ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas; SANTOS JÚNIOR, Jaime (org.). Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. São Paulo: Sesc: CEBRAP, 2016. p. 8-23. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf

ALONSO, A. **A comunidade moral bolsonarista**. In: ALONSO, A. e outros - Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. Companhia das Letras. São Paulo, 2019 p.52 a p.71

ALVES, Renato. **No Forrobodó do balacobaco**. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-forrobodo-do-balacobaco/> (Acesso em:21/11/2023)

AMÂNCIO, Thiago. **Se fosse presidente, não teríamos esse problema com navios do Irã, diz Bolsonaro.** 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/se-fosse-presidente-nao-teriamos-esse-problema-com-navios-do-ira-diz-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 30/03/2023).

AMÂNCIO, Thiago. **Steve Bannon vê Bolsonaro fortalecido com acusações na Justiça e aposta em Eduardo**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/steve-bannon-ve-bolsonaro-fortalecido-com-acusacoes-na-justica-e-aposta-em-eduardo.shtml> (Acesso em: 30/03/2023).

AMORIM, Fabricio Augusto Antonio. **Desinformação como instrumento do autoritarismo.** In: FRATINI, Juliana (org). Ideologia: uma para viver. As teorias que orientam o pensamento político atual. 1. ed. São Paulo: Editora Matrix, 2022. 230 p. 31 a 42p.

AMORIM, Fabricio Augusto Antonio. **O impeachment utilizado como arma simbólica**. 2019. 264 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Orientação: Vera Lúcia Michalany Chaia.

ANATER, Rubens. **Eduardo Bolsonaro debocha de tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/04/03/eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-pela-jornalista-miriam-leitao.htm> (Acesso em 08/08/2023).

ANDRADE, Hanrrikson. **Bolsonaro defende falas transfóbicas e diz que "minorias tem que se adequar".** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm> (Acesso em: 05/07/2023).

ANDRADE, Hanrrikson. **Pela reeleição, Planalto eleva gasto em publicidade na Globo em 75% em 2022**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/04/por-reeleicao-planalto-volta-a-globo-e-dobra-gasto-com-publicidade-na-tv.htm> (Acesso em: 13/12/2023).

ANDRADE, Tainá. **Bolsonaro: "Embrulha estômago jogar dentro das 4 linhas da Constituição".** 2022. https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/03/4996327-bolsonaro-embrulha-estomago-jogar-dentro-das-4-linhas-da-constituicao.html>

AOS FATOS. **Em 1.459 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas.** 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/29/?page=403> (Acesso em: 25/10/2023).

ARANHA, Glaucio. Flaming e cyberbullying: o lado negro das novas mídias. (2014) Ciberlegenda. 10.22409/c-legenda.v0i31.26316.

ARATO, Andrew, **Political Theology and Populism** (2013). Social Research, Vol. 80, No. 1, 2013, Available at SSRN: https://ssrn.com/abstract=2352920

ARAÚJO, Cicero. **Carl Schmitt, teologia política e secularização**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – 2013 Vol. 28 N°83 Resenha - Pedro Villas Bôas Castelo Branco. Secularização inacabada: política e direito em Carl Schmitt. Curitiba, Appris, 2011. 309 páginas

ARENDT, Hannah. **Verdade e Política**. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo. Editora Perspectiva, 2016. 30 p.

ARENDT, Hannah. **Crises da República**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 201 p.

ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 490 p.

ARTUR, Francisco. **É falso que eleição brasileira é a única no mundo a usar urna eletrônica**. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2022/09/5039871-e-falso-que-eleicao-brasileira-e-a-unica-no-mundo-a-usar-urna-eletronica.html> (Acesso em: 18/12/2023).

AVRITZER, Leonardo. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 1ºed. 2019. 208p.

AVRITZER, Leonardo. **Política e Antipolítica nos dois anos de governo Bolsonaro**. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie. (Orgs.) **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. São Paulo: Autêntica, 2021. 13p. a 21p.

AVRITZER, Leonardo. **Política e Antipolítica**: a crise do governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020. 64 p.

AVRITZER, Leonardo. **Eleições e Democracia**. In: AVRITZER, Leonardo. SANTANA, Eliara. BRAGATTO, Rachel C. (Orgs). Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica. 1ª ed. 2023. 15-24p.

AZEVEDO, Fernando A. **Agendamento da política** In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim (org). Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens. Salvador: Editora UNESP, 2004. 41-72p.

BARBA, Mariana D. e WENTZEL, Marina. **Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarrecidos' e leva OAB a pedir sua cassação**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb > (Acesso em: 08/08/2023).

BARBOSA, Mariana. **"Isso a imprensa não mostra". -** In: BARBOSA, Mariana (org.) Pós-verdade e fake news – reflexões sobre a guerra de narrativas, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 7p. a 13p.

BARBOSA, Rafael. BEHNKE, Emilly. **Bolsonaro acena a PMs e convoca ministros para atos no 7 de Setembro**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-acena-a-pms-e-convoca-ministros-para-atos-em-7-de-setembro/> (Acesso em: 29/11/2023).

BARRETTO JR. Walter. **Bolsonaro e seus seguidores**: 1.560 frases. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 294 p.

BARROS, Douglas Ferreira. **Teologia Política: disciplina de estudos e pesquisas acerca da relação entre religião, teologia e política**. Revista Interações, Belo Horizonte, Brasil, v. 15, n. 01, p. 12-41, jan./jun. 2020 - ISSN 1983-2478 https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2020v15n1p12-41

BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia de Letras, 2022. 160 p.

BBC Brasil. **Quem é Sara Winter, a ex-feminista e atual militante radical bolsonarista presa pela PF a mando do STF**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53053329> (Acesso em: 21/11/2023).

BENITES, Afonso. **Bolsonaro invoca "intervenção militar" contra o STF e flerta com golpe**. 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-29/bolsonaro-invoca-intervencao-militar-contra-o-stf-e-flerta-com-golpe.html> (Acesso em: 16/11/2023).

BENITES, Afonso. **Comunicação do Governo priorizou economia à saúde no combate à pandemia, revelam documentos da CPI.** 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-08/comunicacao-do-governo-priorizou-economia-a-saude-no-combate-a-pandemia-revelam-documentos-da-cpi.html> (Acesso em: 06/12/2023).

BERGAMO, Mônica. **Blogueiro bolsonarista Allan dos Santos diz que saiu do Brasil para se proteger**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/blogueiro-bolsonarista-allan-dos-santos-diz-que-saiu-do-brasil-para-se-proteger.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe (org.). **Aborto e Democracia**. São Paulo: Alameda, 2016. 242 p

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020. 224 p.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 3ª edição 2011.

BOEHM, Camilla. **Agência Brasil: Justiça paulista extingue condenação por tortura contra coronel Ustra**. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-10/justica-paulista-extingue-condenacao-por-tortura-contra-coronel-ustra> (Acesso em: 10/08/2023).

BOGÉA, Daniel. DAS ROS, Luciano. **Contenção judicial: mapa conceitual e pedidos de impeachment de Ministros do Supremo Tribunal Federal**. Revista Política e Sociedade. Florianópolis – vol.21 n°52 – Set/Dez. de 2022 DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7984.2022.e93865

BOGHOSSIAN, Bruno. FABRINI, Fábio. TEIXEIRA, Matheus. **Decisão do Supremo cita 'gabinete do ódio' do Planalto e indica possível associação criminosa.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/decisao-de-moraes-para-operacao-contra-fake-news-cita-gabinete-do-odio-e-assessores-de-bolsonaro.shtml> (acesso em 30/08/2023).

BOLSONARO, Jair. (PP-RJ). **Discurso na Câmara dos Deputados**. Sessão: 208.4.53.O. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E> (Acesso em: 30/10/2023).

BOLSONARO, Jair. **Deus, salve as crianças**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w4H-iswc9bw> (Acesso em 27/10/2023).

BONIN, Robson. **'O conhecimento liberta. Hoje, todos sabem o que é o STF', diz Bolsonaro**. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/o-

conhecimento-liberta-hoje-todos-sabem-o-que-e-o-stf-diz-bolsonaro> (Acesso em: 15/12/2023).

BONOME, José Roberto. **Fundamentalismo religioso e terrorismo político**. Goiás: Kelps, 2009. 92 p.

BORBA, Rodrigo. **Ideologia de Gênero.** Termos ambíguos do debate político atual: pequeno dicionário que você não sabia que existia. CORRÊA, Sonia. (Org). Rio de Janeiro: UFRJ. Observatório de Sexualidade e Política e Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2022. 72p.

BOUNEGRU, et al. **A Field Guide To "Fake News" and other Information Disorders**. 2020. Disponível em: <https://fakenews.publicdatalab.org/> (Acesso em 25/08/2023).

BOUNEGRU, L., GRAY, J; VENTURINI, T. & MAURI, M. (2020). **'Fake news' as infrastructural uncanny**. New Media & Society, 22(2), 317–341. 2020. DOI: 10.1177/1461444819856912. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444819856912

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 144 p.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre**. Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 320 p.

BOURDIEU, Pierre. **O Campo Político.** Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, N.5, 2011. 216 p.

BOURDIEU, Pierre. **A opinião pública não existe**. In: Questões de Sociologia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019. 210p. - 222p.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral**: vol.3: As Formas do Capital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. 432 p.

BOYADJIAN, Victor. **Desfile militar no dia da votação do voto impresso é 'coincidência de data', diz comandante da Marinha.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/10/comandante-da-marinha-diz-que-desfile-militar-no-dia-da-votacao-do-voto-impresso-foi-coincidencia-de-datas.ghtml> (Acesso em: 19/12/2023).

BOYD, Danah. **The Information War Has Begun**. 2017. Disponível em: <https://zephoria.medium.com/the-information-war-has-begun-e86a27b8b675> (Acesso em: 26/08/2023).

BRAGON, Ranier. **Testado em 2002, voto impresso causou confusão e tornou urna eletrônica vulnerável a fraude.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/testado-em-2002-voto-impresso-causou-confusao-e-tornou-urna-eletronica-vulneravel-a-fraude.shtml> (Acesso em: 17/12/2023).

BRAGON, Ranier. **Abin diz que 35 servidores tinham acesso a software espião no governo Bolsonaro**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/abin-diz-que-35-servidores-tinham-acesso-a-software-espiao-no-governo-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 02/11/2023).

BRANDINO, Géssica. **Justiça condena Hans River a indenizar repórter da Folha em R$ 50 mil por danos morais**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/justica-condena-hans-river-a-indenizar-reporter-da-folha-em-r-50-mil-por-danos-morais.shtml> (Acesso em: 20/01/2023).

BRANDINO. Géssica. **Por 4 votos a 1, TJ-SP mantém condenação a Bolsonaro por ofensas a repórter da Folha**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/por-4-votos-1-tj-sp-mantem-condenacao-a-bolsonaro-por-ofensas-a-reporter-da-folha.shtml> (Acesso em: 10/11/2023).

BRANT, Danielle. MACHADO, Renato. **Congressistas veem Bolsonaro acuado e pressão maior por impeachment após fala golpista**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/congressistas-veem-bolsonaro-acuado-e-pressao-maior-por-impeachment-apos-fala-golpista.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

BRASIL PARALELO. **O Decálogo de Lenin é real? Saiba mais sobre o pensamento e os crimes do líder comunista.** Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-decalogo-de-lenin> (Acesso em: 11/12/2023).

BRIONY, Anderson; WOOD, Mark (2021). **Doxxing**: **A Scoping Review and Typology**. Deakin University. Chapter. https://hdl.handle.net/10536/DRO/DU:30159416

BRITO, Ricardo. **WhatsApp baniu 400 mil contas do Brasil durante eleições de 2018.** 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/reuters/2019/11/19/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

BRITO, A. S.; MENDES, C. H.; SALES F. R.; AMARAL M.C.S.; BARRETO M.S. (2022). São Paulo. **O caminho da autocracia - Estratégias atuais de erosão democrática**. Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT)

BRUGNAGO, F. e CHAIA, V. - **A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook.** Revista Aurora, Revista de Arte, Mídia e Política, vol. 7, nº 21, 2014- Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032/16586

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. **A ponta de um iceberg de desconfiança**. In: BARBOSA, Mariana (org.) Pós-verdade e fake News – reflexões sobre a guerra de narrativas, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 13p. a 25p.

BUCCI, Eugênio. **News são Fake News e fake news não são news -** In: BARBOSA, Mariana (org.) Pós-verdade e fake News – reflexões sobre a guerra de narrativas, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019a 37p. a 49p.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**: cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. p.135

BUELLER, Christian. **Olavo de Carvalho critica militares por permitirem que "comunismo tomasse conta do país"**. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/olavo-de-carvalho-critica-militares-por-permitirem-que-comunismo-tomasse-conta-do-pa%C3%ADs-1.331827> (Acesso em: 22/08/2023).

BURITY, J. **A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder?** In: Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2016. 255 p.

BUTLER, Judith. ALLAIN, Clara. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil.** 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml> (Acesso em: 02/07/2023).

CABRAL, Paulo. **Comissão da Verdade enfrenta críticas e iniciativa paralela de militares**. 2014. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120515_comissao_verdade_pc> (Acesso em: 12/08/2023).

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Pressão de bancadas faz governo cancelar kit sobre homossexualidade**. 2011. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/215309-pressao-de-bancadas-faz-governo-%20cancelar-kit-sobre-homossexualidade> (Acesso em: 30/10/2023).

CÂMARA DOS DEPUTADOS. 2019. **Perde validade MP que dispensa empresas de publicar demonstrações financeiras em jornais.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/621986-PERDE-VALIDADE-MP-QUE-DISPENSA-EMPRESAS-DE-PUBLICAR-DEMONSTRACOES-FINANCEIRAS-EM-JORNAIS> (Acesso em:12/11/2023).

CAMPOS, João P. **Sara Winter é presa pela PF em Brasília.** 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonarista-sara-winter-e-presa-pela-pf-em-brasilia> (Acesso em: 22/11/2023).

CANAL GALÃ FEIO. **Paraplégico, Oswaldo Eustáquio mexe as pernas em evento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wh6uf9qpyAk> (Acesso em: 24/11/2023).

CANCIAN, Natália. **Luta de Bolsonaro contra máscara é política e prejudica combate à Covid, dizem especialistas.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/luta-de-bolsonaro-contra-mascara-e-politica-e-prejudica-combate-a-covid-dizem-especialistas.shtml> (Acesso em: 09/12/2023).

CANETA.ORG. **Jornalista da Folha que fez denúncia contra Bolsonaro e Zema afirma: "sempre votei no PT"**. 2018. Disponível em <https://caneta.org/noticias/jornalista-da-folha-que-fez-denuncia-contra-bolsonaro-afirma-que-sempre-votou-no-pt/> (Acesso em 15/09/2023).

CARAPAÑA. **A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo**. In: GALLEGO (org). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2018. 117 p. 33p a 40p.

CARMO, Wendal. **Equipe da Jovem Pan é hostilizada por bolsonaristas durante ato golpista em Brasília**. 2022. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/equipe-da-jovem-pan-e-hostilizada-por-bolsonaristas-durante-ato-golpista-em-brasilia/> (Acesso em: 01/05/2023).

CARMO, Wendal. **Brasil tem 30% de petistas e 25% de bolsonaristas, aponta Datafolha**. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-30-de-petistas-e-25-de-bolsonaristas-aponta-datafolha/> (Acesso em: 05/01/2024).

CAROLINA, Ana. MENDES, Gyssele. MELLO, Maria. GOMES, Sheley. **SBT e Record favorecem Bolsonaro e amenizam tom golpista do 7 de setembro.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/sbt-e-record-favorecem-bolsonaro-e-amenizam-tom-golpista-do-7-de-setembro/> (Acesso em: 13/12/2023).

CARRANZA, Bruna. **O Brasil, fundamentalista?** Revista Encontros Teológicos. Santa Catarina. Número 52. Ano 24. 2009. P.147-166

CARRARA, Sérgio. LACERDA, Paula. **Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil**. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. 73-89p.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro repete fake news de que STF o 'proibiu' de combater a Covid-19.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-repete-fake-news-de-que-stf-o-proibiu-de-combater-a-covid-19/> (Acesso em: 04/12/2023).

CARTA CAPITAL. **PGR pede que STF arquive inquérito sobre mentira de Bolsonaro que ligou vacina à Aids**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pgr-pede-que-stf-arquive-inquerito-sobre-mentira-de-bolsonaro-que-ligou-vacina-a-aids/> (Acesso em: 10/12/2023).

CARVALHO, Priscila D. **Urnas, cartas e ruas: protestos na eleição de 2022 e o caso dos grupos armamentistas.** In: AVRITZER, Leonardo. SANTANA, Eliara. BRAGATTO, Rachel C. (Orgs). Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica. 1ª ed. 2023. 173-182p.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e política no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2005. 317 p

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 3. ed. Campinas: Vide Editorial, 1994. 94 p.

CARVALHO, Olavo. **A História oficial de 1964**. 1999. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/> (Acesso em: 12/08/2023).

CARVALHO, Olavo. **Nós e eles, ou: a dupla moral**. 2004. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/nos-e-eles-ou-a-dupla-moral/> (Acesso em: 11/12/2023).

CARVALHO, Olavo. **Difamação por osmose**. 2014. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/difamacao-por-osmose/> (acesso em 10/11/2023).

CARVALHO, Olavo. **A oligarquia contra o povo.** 2015. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-oligarquia-contra-o-povo/> (Acesso em: 10/11/2023)

CASADO, Letícia. **TSE determina a retirada de 55 links em que Bolsonaro coloca urna eletrônica em dúvida.** 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/tse-determina-a-retirada-de-55-links-em-que-bolsonaro-coloca-urna-eletronica-em-duvida.shtml> (Acesso em: 25/11/2023).

CASARA, Rubens R.R**. Bolsonaro o mito e o sintoma.** São Paulo. Editora Contracorrente, 2020. 157p.

CASARÕES, Guilherme. **O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder**. Journal of Democracy em Português, Volume 11, Número 2, São Paulo, Novembro de 2022. Plataforma Democrática. Fundação FHC. Centro Edelstein.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 150 p.

CAVALCANTI, Raíza. **Diálogos entre Chantal Mouffe e Pierre Bourdieu**: uma proposta de análise sociológica da ação dos trabalhos artísticos no interior do campo da arte a partir do conceito de agenciamentos artísticos. **Revista Brasileira de Sociologia - Rbs**, [S.L.], v. 4, n. 8, p. 117-146, 5 dez. 2016. Sociedade Brasileira de Sociologia. http://dx.doi.org/10.20336/rbs.167.

CESARINO, Letícia (2020). **Como vencer uma eleição sem sair de casa: A ascensão do populismo digital no Brasil**, Revista Internet & Sociedade, n°1, v.1: 91-120.

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022. 300 p.

CHAGAS, Viktor. (2022). **WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters**. International Journal of Communication. 16. 2431-2455.

CHAIA, Vera. CHAIA, Miguel. **Democracia: das origens à contemporaneidade.** In: FRATINI, Juliana (org). Ideologia: uma para viver. As teorias que orientam o pensamento político atual. 1. ed. São Paulo: Editora Matrix, 2022. 230 p. 61 a 75p.

CHAPOLA, Ricardo. **"Fui vítima de uma perseguição doentia", diz Oswaldo Eustáquio**. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/fui-vitima-de-uma-perseguicao-doentia-diz-oswaldo-eustaquio> (Acesso em: 24/11/2023).

CHAUÍ, Marilena. **Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político**. En publicacion: Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Atilio A. Boron, 1a ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006.

CHAVES, Eduardo. MAZZA, Luigi. BUONO, Renata. 2022. **A propaganda é a alma de reeleição**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/propaganda-e-alma-da-reeleicao/> (Acesso em: 12/12/2023).

CHEREM, Carlos E. **Zero voto, bronca no filho: 4 vezes em que Bolsonaro quis chefiar a Câmara.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/31/zero-votos-bronca-no-filho-4-vezes-em-que-bolsonaro-quis-chefiar-a-camara.htm> (Acesso em: 20/08/2023).

CHICARINO, Tathiana. CONCEIÇÃO, Desirèe Luíse Lopes**. Uma análise da produção de desinformação nas eleições 2018 a partir da CPMI das Fake News** - 44º Encontro Anual da ANPOCS. GT22 - Internet, política e cultura – 2020.

CIPRIANI, Juliana. **Saiba como Paschoal, Kim e outros nomes da direita viraram 'comunistas'.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/27/interna_politica,757803/saiba-como-paschoal-kim-e-outros-nomes-da-direita-viraram-comunistas.shtml> (Acesso em: 01/05/2023).

CNN BRASIL. **Economia não pode parar por causa do novo coronavírus, diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/economia-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus-diz-bolsonaro/> (Acesso em: 03/12/2023).

COELHO, Gabriela. CURY, Teo. SÉ, Galton. BARCELLOS, Renato. **Por 8 a 3, STF confirma decisão de Fachin que mantém Lula elegível para 2022**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/maioria-do-stf-decide-por-anular-condenacoes-de-lula-na-lava-jato/> (Acesso em: 19/12/2023).

COLETTA, Ricardo D. **Bolsonaro se refere a aniversário do golpe de 64 como 'dia da liberdade'**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-se-refere-a-aniversario-do-golpe-de-64-como-dia-da-liberdade.shtml> (Acesso em: 09/02/2023).

COLON, Leandro. **PF identifica Carlos Bolsonaro como articulador em esquema criminoso de fake news.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-articulador-em-esquema-criminoso-de-fake-news.shtml> (acesso em 30/08/2023).

CONGRESSO EM FOCO. **Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no Kit Gay**. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/> (Acesso em: 28/10/2023).

CONGRESSO EM FOCO. **"Globo não faz patifaria nem canalhice, diz emissora em resposta a Bolsonaro".** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/globo-nao-faz-patifaria-nem-canalhice-diz-emissora-em-resposta-a-bolsonaro/> (Acesso em: 16/11/2023).

CONGRESSO EM FOCO. **Onze veze em que Bolsonaro ofendeu vítimas da ditadura**. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/onze-declaracoes-de-bolsonaro-em-defesa-da-ditadura/> (Acesso em: 05/08/2023).

CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro recomenda livro de Ustra, coronel condenado por tortura, a estudante e professora.** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/bolsonaro-recomenda-livro-de-ustra-coronel-condenado-por-tortura-a-estudante-e-professora/> (Acesso em: 10/08/2023).

CORRÊA, Sonia. (Org). **Ideologia e Marxismo Cultural.** Termos ambíguos do debate político atual: pequeno dicionário que você não sabia que existia. Rio de Janeiro: UFRJ. Observatório de Sexualidade e Política e Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2022. 72p.

CORREIO BRAZILIENSE. **Sara Winter muda de sobrenome e diz que não apoiará nenhum candidato**. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5010171-sara-winter-muda-de-sobrenome-e-diz-que-nao-apoiara-nenhum-candidato.html> (Acesso em 22/11/2023).

COSTA, Gabriela A. **'Só Deus me tira da cadeira presidencial', diz Bolsonaro sobre impeachment**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/so-deus-me-tira-da-cadeira-presidencial-diz-bolsonaro-sobre-impeachment/> (Acesso em: 12/01/2023).

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras**: explicadas a revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014. 127 p.

COVAS, Fabíola S.N., BERGAMINI, Lucas M. **Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.6, p. 54892-54913 jun. 2021. DOI:10.34117/bjdv7n6-067

CRUZ, Francisco Brito**, Fake News definem uma eleição?** In: BARBOSA, Mariana (org.) Pós-verdade e fake News – reflexões sobre a guerra de narrativas, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

CULTURA UOL. **"Escapei pela mão de Deus", diz Bolsonaro sobre facada**. 2022. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/50708_escapei-pela-mao-de-deus-diz-bolsonaro-sobre-facada.html> (Acesso em: 10/05/2023).

DA ROS, Luciano. TAYLOR, Matthew M. **Bolsonaro and the Judiciary: Between Accommodation and Confrontation**. p.44-54 In: Brazil Under Bolsonaro. How Endangered is Democracy? Peter Birle / Bruno Speck (eds.) n°14 February 2022 Das Ibero-Amerikanische Institut (IAI)

D'AGOSTINO, Rosanne. **Saiba mais sobre os cinco inquéritos aos quais Bolsonaro responde no STF e no TSE**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/13/entenda-inqueritos-sobre-bolsonaro-no-supremo-e-no-tse.ghtml> (Acesso em: 14/12/2023).

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade:** A nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018. 144 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

DECRETO LEI N° 8.515, DE 3 DE SETEMBRO DE 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8515.htm> (Acesso em:15/08/2023).

DECRETO Nº 8.577, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/D8577.htm> (Acesso em: 15/08/2023).

DELGADO, Maria M. **"Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas"**. 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html> (Acesso em: 07/07/2023).

DELMAZO, Caroline; VALENTE, C.L. Jonas. **Fake News nas redes sociais on line**: propagação e reações a desinformação em busca de cliques. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. 172 p.

DEUTSCHE WELLE. **"Fatos alternativos" é a "despalavra" de 2017.** 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/fatos-alternativos-%C3%A9-a-despalavra-de-2017/a-42167560> (Acesso em: 22/01/2023).

DEUTSCHE WELLE. **Gestão Bolsonaro celebra golpe de 64 pelo quarto ano seguido.** 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/gest%C3%A3o-bolsonaro-celebra-golpe-de-64-pelo-quarto-ano-seguido/a-61322242> (Acesso em: 02/08/2023).

DIP, Andrea. FRANZEN, Niklas. **Especialistas apontam semelhanças entre os 300 de Sara Winter e grupos fascistas europeus**. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhancas-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/> (Acesso em: 21/11/2023).

DOUGLAS, D. M. (2016). **Doxing: A conceptual analysis**. Ethics and Information Technology, 18(3), 199–210. Retrieved from https://link.springer.com/article/10.1007/s10676-016-9406-0

DOURADO, T.; ALMEIDA, S.; PIAIA, V.; CARVALHO, D., **"Redes Digitais de Conspiração Eleitoral no Brasil: um estudo do fluxo interplataforma de atores e discursos sobre fraude nas urnas eletrônicas e manipulação eleitoral"**, 9º Congresso Compolítica: Democracia e Opinião Pública em Tempos de Fake News, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1L8dfJQaxB2v- 5cXmySyOB0n8glLOFT3B/view

DOURADO, Tatiana. **Fake News**: quando mentiras viram fatos políticos. Porto Alegre: Zouk, 2021. 115 p.

DUARTE, Letícia. **"Destruição é a agenda do Tradicionalismo", a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html> (Acesso em 21/06/2023).

DUARTE, Melissa. **Testemunha diz na CPMI das fake news que fez disparos em massa para Haddad**. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/testemunha-diz-na-cpi-das-fake-news-que-fez-disparos-em-massa-para-haddad/> (acesso em 15/09/2023).

DUNKER, Christian I. L. **Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático**. In: ALONSO, A. e outros - Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje, Companhia das Letras, São Paulo, 2019 p.116 a p.136

DURÃES, Mariana. GOMES, Beatriz. **Bolsonaro mantém o tom de antes da eleição e diz chefiar as Forças Armadas**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/12/09/primeira-fala-apoiadores-bolsonaro-diz-ser-chefe-forcas-armadas.htm> (Acesso em: 18/08/2023).

ÉBOLI, Evandro. **Militares mostram irritação e ironia ao depor na Comissão da Verdade**. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/militares-mostram-irritacao-ironia-ao-depor-na-comissao-da-verdade-13779077> (Acesso em: 12/08/2023).

EMCKE, Carolin. **Contra o Ódio**. Veneza: Âyiné. 2020. 1ª edição. p.190.

EMPOLI, Giuliano Da, **Os engenheiros do Caos - como as fake news, as teorias da conspiração e o algoritmo estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**, São Paulo: Vestígio. 2020. 192p.

ESTADO DE MINAS. **Rocha: debate que influenciará voto do eleitor será o de costumes da sociedade**. 2018. <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/09/interna_politica,950348/rocha-debate-que-influenciara-voto-do-eleitor-sera-o-de-costumes-da-s.shtml> (Acesso em: 25/06/2023).

ESTADO DE MINAS. **Deus escolheu o mais improvável para ser presidente, diz Onix.** 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/08/22/interna_politica,1079156/deus-escolheu-o-mais-improvavel-para-ser-presidente-diz-onix.shtml> (Acesso em: 12/01/2023).

ESTADO DE MINAS. **Bolsonaro: 'Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta'**. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/30/interna_politica,1318523/bolsonaro-ninguem-gosta-de-homossexual-a-gente-suporta.shtml> (Acesso em: 09/07/2023).

ESTADO DE MINAS. **Bolsonaro fala em 'enquadrar' quem não respeita a Constituição**. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/09/04/interna_politica,1302569/bolsonaro-fala-em-enquadrar-quem-nao-respeita-a-constituicao.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

ESTADO DE MINAS. **Barroso sobre comunismo no Brasil: 'Faria Lima tem mais influência'**. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/09/14/interna_politica,1562079/barroso-sobre-comunismo-no-brasil-faria-lima-tem-mais-influencia.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

ESTADO DE MINAS. **Allan dos Santos provoca Moraes: 'Chora, Xandão'**. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/02/19/interna_politica,1459502/allan-dos-santos-provoca-moraes-chora-xandao.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

EVOLA, Julius. **Revolta Contra o Mundo Moderno**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. 486 p. Tradução: José Colaço Barreiros.

EXTRA. **Coronel Ustra, homenageado por Bolsonaro como 'o pavor de Dilma Rousseff', era um dos mais temidos da ditadura**. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/coronel-ustra-homenageado-por-bolsonaro-como-pavor-de-dilma-rousseff-era-um-dos-mais-temidos-da-ditadura-19112449.html> (Acesso em: 10/08/2023).

FABRINI, Fábio. **Globo perde participação em verba oficial de publicidade sob Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/globo-perde-participacao-em-verba-oficial-de-publicidade-sob-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 14/12/2023).

FAGANELLO, Marco Antonio. **Bancada da bala: uma onda na maré conservadora**. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). Direita,

Volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. E-book. Versão Kindle.

FAGUNDES, Murilo. ANGELO, Tiago. **Bolsonaro chama Barroso de "filho da puta"; depois, apaga vídeo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-barroso-de-filho-da-puta-depois-apaga-video/> (Acesso em: 17/12/2023).

FALCÃO, Márcio. **MEC nega ter distribuído "kit gay" e diz que material pode mudar**. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/917454-mec-nega-ter-distribuido-kit-gay-e-diz-que-material-pode-mudar.shtml> (Acesso em: 28/10/2023).

FALCÃO, Márcio**. PGR pede ao STF arquivamento de investigação de parlamentares sobre atos antidemocráticos.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/04/pgr-atos-antidemocraticos.ghtml> (acesso 18/11/2023)

FALCÃO, Márcio. VIVAS, Fernanda. **Moraes arquiva inquérito dos atos antidemocráticos no STF e abre outro sobre organização criminosa.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/01/moraes-arquiva-inquerito-dos-atos-antidemocraticos-no-stf-e-abre-novo-inquerito-sobre-organizacao-criminosa-contra-a-democracia.ghtml> (Acesso em: 18/11/2023).

FARIAS, Carolina. **Em Marcha para Jesus, Bolsonaro diz que é democrata e "só Deus me tira daquela cadeira".** 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/em-marcha-para-jesus-bolsonaro-diz-que-e-democrata-e-so-deus-me-tira-daquela-cadeira/> (Acesso em: 12/05/2023).

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas aumenta 54% em 2019**. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-aumenta-54-em-2019/> (Acesso em: 25/10/2023).

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS**. Contra ataques de Jair Bolsonaro a jornalistas, Sindicato de SP entra com ação**. 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/contra-ataques-de-jair-bolsonaro-a-jornalistas-sindicato-de-sp-entra-com-acao/> (Acesso em: 25/10/2023).

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil.** 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf> (Acesso em: 25/10/2023).

FELIZOLA, Clayson. **A Nova Direita Brasileira**. In: FRATINI, Juliana (org). Ideologia: uma para viver. As teorias que orientam o pensamento político atual. 1. ed. São Paulo: Editora Matrix, 2022. 230 p. 129p. a 140p.

FELTRIN, Ricardo. **Decisão do TCU seca torneira de dinheiro para TVs religiosas.** 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/03/03/decisao-do-tcu-fechou-torneira-de-dinheiro-para-tvs-religiosas.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

FERNANDES, Talita. MARQUES, José. 2018. **Bolsonaro extingue Cultura e Esportes e deixa ministérios de Mulheres e Direitos Humanos para depois.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-extingue-cultura-e-esportes-

e-deixa-ministerios-de-mulheres-e-direitos-humanos-para-depois.shtml> (Acesso em: 09/07/2023).

FERNANDES, Talita. VALENTE, Rubens. **Bolsonaro chama de 'balela' documentos oficiais sobre mortos na ditadura militar**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/bolsonaro-chama-de-balela-documentos-oficiais-sobre-mortos-na-ditadura-militar.shtml> (12/08/2023).

FERNANDES, Talita. **"Não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos", diz Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/nao-sou-o-mais-capacitado-mas-deus-capacita-os-escolhidos-diz-bolsonaro-em-culto.shtml> (Acesso em: 10/05/2023).

FERNANDEZ, Melissa. **Bolsonaro reforça convocação para atos do sete de setembro via redes sociais.** 2021. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-reforca-convocacao-para-atos-do-sete-de-setembro-via-redes-sociais/> (Acesso em: 29/11/2023).

FERRARETTO, Luiz Artur et al. O jeito Jovem Pan de (não) fazer jornalismo: os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. In: anais do 32° encontro anual da COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-jeito-jovem-pan-de-nao-fazer-jornalismo-os-atos-antidemocraticos-de-8-de-janei?lang=pt-br> Acesso em: 01 dez. 2023.

FERRO, Maurício. **Bolsonaro publica vídeo de leão contra hienas do STF e PSL e depois apaga**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-video-bolsonaro-e-leao-que-ataca-hienas-do-stf-psl-e-outros/> (Acesso em: 08/11/2023).

FERRO, Maurício. **"Vai morrer gente? Vai morrer gente", diz Bolsonaro sobre a covid-19.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/vai-morrer-gente-vai-morrer-gente-diz-bolsonaro-sobre-a-covid-19/> (16/11/2023).

FGV DAPP. **Desinformação on-line e Eleições no Brasil**: a circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020). Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30085

FILHO, João. **Todos os heróis de Jair Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/03/03/todos-os-herois-de-jair-bolsonaro/> (Acesso em 12/12/2023).

FILHO, João. **Bolsonaro se diz perseguido pela imprensa. Mas Band, SBT, Record e Rede TV estão ao seu lado.** 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/> (Acesso em: 03/11/2023).

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2022. 510 p.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Veja quais foram as mentiras a CPMI de ex-funcionário de empresa de disparo em massa**. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/veja-quais-foram-as-mentiras-a-cpmi-de-ex-funcionario-de-empresa-de-di/130691/> (acesso em 18/01/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Grupo pretende mostrar outra face de regime**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0511200019.htm> (Acesso em: 12/08/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Comunistas chegaram ao poder, diz militar**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2310200012.htm> (Acesso em: 12/08/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Deputados atacam vídeo anti-homofobia.** 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1301201136.htm> (30/10/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Manifestantes pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia**. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml> (Acesso em: 28/06/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Lula lidera disputa presidencial; sem ele, Marina e Bolsonaro ficam à frente**. 2017. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2017/10/1923631-lula-lidera-disputa-presidencial-sem-ele-marina-e-bolsonaro-ficam-a-frente.shtml> (Acesso em: 20/07/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro recebe unção de Edir Macedo e bispo diz que presidente vai arrebentar**. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebe-uncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebentar,70002992132> (Acesso em: 10/01/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Esse jornal se acabou, diz Bolsonaro ao Jornal Nacional sobre a Folha**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/esse-jornal-se-acabou-diz-bolsonaro-ao-jornal-nacional-sobre-a-folha.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bastam um soldado e um cabo para fechar STF, disse filho de Bolsonaro em vídeo**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml> (Acesso em 16/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 04/07/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro nega ditadura e diz que regime viveu probleminhas**. 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/nao-houve-ditadura-teve-uns-probleminhas-diz-bolsonaro-sobre-regime-militar-no-pais.shtml> (Acesso em: 02/08/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro cancela assinaturas da Folha no governo federal e ameaça anunciantes do jornal.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-determina-cancelamento-de-assinaturas-da-folha-no-governo-federal.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. Editorial. **"Fantasia de Imperador**". 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/11/fantasia-de-imperador.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Pandemia restaura confiança no jornalismo profissional**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/pandemia-restaura-confianca-no-jornalismo-profissional.shtml> (Acesso em: 05/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Ex-funcionário de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da Folha.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml> (Acesso em: 09/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Ex-funcionário de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da Folha**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml> (acesso em (28/01/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Justiça condena Bolsonaro a indenizar repórter da Folha por danos morais**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/justica-condena-bolsonaro-a-indenizar-reporter-da-folha-por-danos-morais.shtml> (acesso em 29/01/2023).

FOLHA de S. PAULO. **Insuflada por Trump, multidão invade Congresso e paralisa ratificação de Biden.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/insuflada-por-trump-multidao-invade-congresso-e-paralisa-ratificacao-de-biden.shtml> (Acesso em: 17/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro faz ameaça golpista a STF e Fux em ato com milhares em Brasília**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-ameaca-stf-em-ato-com-pautas-golpistas-que-reuniu-milhares-em-brasilia.shtml> (Acesso em 21/01/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Politicalha, 'acabou, porra', 'não ouse' e militância; veja ataques e ameaças de Bolsonaro ao Supremo**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/politicalha-acabou-porra-ligacao-com-pt-ativismo-e-militancia-veja-ataques-de-bolsonaro-a-ministros-do-stf.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Eduardo Bolsonaro ofereceu ajuda para blogueiro investigado pelo STF deixar o país, apontam mensagens**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/eduardo-bolsonaro-ofereceu-ajuda-para-blogueiro-investigado-pelo-stf-deixar-o-pais-apontam-mensagens.shtml> (Acesso em: 26/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaristas tentam invadir Ministério da Saúde após ameaçar equipe de TV; veja vídeo.** 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaristas-tentam-invadir-ministerio-da-saude-em-brasilia.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Universidade de Oxford não encontrou fortes indícios da eficácia da ivermectina contra a Covid.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/universidade-de-oxford-nao-encontrou-fortes-indicios-da-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid.shtml> (Acesso em: 08/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Fux alerta para crime de responsabilidade de Bolsonaro, já Lira fala em 'basta' sem citar impeachment.** 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/fux-diz-que-desobediencia-de-bolsonaro-a-decisoes-do-stf-sera-crime-de-responsabilidade.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro conversa com Moraes, em telefonema mediado por Temer.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/09/bolsonaro-conversa-com-moraes-em-telefonema-mediado-por-temer.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro recua após ameaças golpistas e agora diz que não teve intenção de agredir Poderes.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-recua-apos-ameacas-golpistas-e-agora-diz-que-nao-teve-intencao-de-agredir-poderes.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro captura o 7 de Setembro com comícios, machismo e ameaças repetidas**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-captura-o-7-de-setembro-com-comicios-machismo-e-ameacas-repetidas.shtml> (Acesso em: 02/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro repete ameaças, pede voto e usa Michelle em fala machista na Esplanada**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-usa-michelle-ataca-stf-e-repete-ameacas-diante-de-milhares-na-esplanada.shtml> (Acesso em: 03/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Acompanhe as manifestações do 7 de Setembro pelo país**. 2022. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/09/06/6195-acompanhe-as-manifestacoes-do-7-de-setembro-pelo-pais.shtml#post419058> (Acesso em: 03/12/2023).

FOLHA DE S. PAULO. **Moraes ironiza notícias falsas sobre comunismo e diz que é tratado como vilão**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/moraes-ironiza-noticias-falsas-sobre-comunismo-no-pais-e-diz-que-tema-da-ibope.shtml> (Acesso em: 16/11/2023).

FONSECA, **Fernanda. 34 países permitem casamento entre pessoas do mesmo sexo.** <https://www.poder360.com.br/internacional/34-paises-permitem-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/#:~:text=Todos%20os%2034%20Estados%20que,casais%20adotem%20de%20forma%20conjunta> (Acesso em: 21/06/2023).

FÓRUM NACIONAL PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO. "**Mídia brasileira é controlada por apenas 11 famílias**". Disponível em: <http://www.fndc.org.br/noticias/midia-brasileira-e-controlada-por-apenas-11-familias-924625/> (Acesso em: 26/11/2022).

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no collège de France (1978-1979). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022. 462 p.

FREY, João. **Governo Bolsonaro ganha na Justiça direito de celebrar o golpe de 1964.** 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/governo-bolsonaro-ganha-na-justica-direito-de-celebrar-golpe-de-1964/> (Acesso em: 05/08/2023).

FREITAS, Vladimir de Passos. **O inquérito das fake news no STF e sua relação com o sistema de Justiça.** 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-nov-27/inquerito-fake-news-stf-relacao-justica> (acesso em 01/02/2023)

FUNDAÇÃO DISSENSO. **Carta de Madrid**. https://fundaciondisenso.org/carta-de-madrid/ (acesso em: 16/08/2023).

G1. **Massacre em Oslo: o suspeito considera os fatos, "cruéis" mas "necessários" –** 2011. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/massacre-em-oslo-o-suspeito-considera-os-fatos-crueis-mas-necessarios.html> (Acesso: 28/06/2023).

G1. **Reino Unido vai pedir perdão a gays condenados por serem gays.** 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/reino-unido-vai-pedir-perdao-a-gays-condenados-por-serem-gays.html> (Acesso em: 20/05/2023).

G1. **Filósofa Judith Butler é agredida em aeroporto de SP e mulher leva tapa ao defendê-la.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml> (Acesso em: 02/07/2023).

G1. **Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml> (Acesso em: 20/07/2023).

G1. **Após novos ataques de Olavo de Carvalho a militares, Bolsonaro diz esperar fim de desentendimentos, mas ideólogo segue atacando.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/07/apos-novos-ataques-de-olavo-de-carvalho-a-militares-bolsonaro-diz-esperar-fim-de-desentendimentos-mas-olavo-seguiu-atacando.ghtml> (Acesso em: 22/08/2023).

G1. **Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml> (Acesso em 19/01/2023).

G1. **Eduardo Bolsonaro se declarou líder latino do movimento conservador comandado por Bannon.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/bannon-ex-estrategista-de-trump-que-foi-preso-mantinha-contato-com-os-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 08/02/2023).

G1. **Governo Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis, aponta TCU**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml> (Acesso em: 20/08/2023).

G1. **Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml> (Acesso em: 18/11/2023).

G1. **Eduardo Bolsonaro vê 'momento de ruptura' e cogita adoção de 'medida enérgica' por presidente.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/28/deputado-eduardo-bolsonaro-cogita-necessidade-de-medida-energica-do-presidente.ghtml> (Acesso em: 22/12/2023).

G1. **Bolsonaro é incluído no inquérito das fake news: os principais pontos da decisão de Moraes.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/04/bolsonaro-e-incluido-no-inquerito-das-fake-news-os-principais-pontos-da-decisao-de-moraes.ghtml> (Acesso em: 20/11/2023).

G1. **A pedido, general Villas Bôas deixa cargo de assessor no governo.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/21/a-pedido-general-villas-b. oas-deixa-cargo-de-assessor-no-governo.ghtml> (Acesso em: 18/08/2023).

G1. **Relembre a polêmica criada pelo governo e por bolsonaristas sobre a Lei Rouanet**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/03/relembre-a-polemica-criada-pelo-governo-e-por-bolsonaristas-sobre-a-lei-rouanet.ghtml> (Acesso em: 10/07/2023).

G1 – **Bolsonaro chama Orbán de irmão e destaca afinidade nos costumes: 'Deus, pátria, família'.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/17/bolsonaro-e-orban-assinam-acordos-em-budapeste.ghtml> (Acesso em: 06/02/2023).

GANDRA, Frederico. **Bolsonaro convoca manifestação para 7 de Setembro.** 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/07/25/interna_politica,1382373/bolsonaro-convoca-manifestacao-para-7-de-setembro.shtml> (Acesso em: 02/12/2023).

GIELOW, Igor. '**Bolsonaro não é volta dos militares, mas há o risco de politização de quartéis', diz Villas Bôas.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-nao-e-volta-dos-militares-mas-ha-o-risco-de-politizacao-de-quarteis-diz-villas-boas.shtml> (Acesso em: 15/08/2023).

GIELOW, Igor. **Bolsonaristas xingam ministros do STF e mudam rotina de rua em NY.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaristas-fazem-protesto-contra-ministros-do-stf-em-ny.shtml> (Acesso em: 27/11/2023).

GIELOW, Igor. **Barroso responde a manifestante em NY: 'Perdeu, mané, não amola'; veja vídeo.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/barroso-responde-a-manifestante-em-ny-perdeu-mane-nao-amola-veja-video.shtml> (Acesso em: 27/11/2023).

GIELOW, Igor. **Datafolha: reprovação do STF cresce e atinge 38%; aprovação recua para 27%.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/12/datafolha-reprovacao-do-stf-cresce-e-atinge-38-aprovacao-recua-para-27.shtml> (Acesso em: 21/12/2023).

GODOY, Marcelo. **Soldados Influenciadores: os guerreiros digitais do bolsonarismo e os tuítes de Villas Bôas.** In: Os Militares e a Crise Brasileira. Filho, João Roberto Martins (org). São Paulo: Editora Alameda. 2021. 53 a 71p.

GOMES, Beatriz **Não faremos papel de idiota, diz Bolsonaro ao citar Exército e atacar urna**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/06/07/bolsonaro-07-de-junho.htm> (Acesso em: 01/12/2023).

GOMES, Bianca. **Bolsonaro volta a atacar jornalistas ao ser questionado sobre Covaxin**. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-atacar-jornalistas-ao-ser-questionado-sobre-covaxin-25077232> (Acesso em: 10/11/2023).

GOMES, Pedro H. **Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml> (Acesso em: 17/11/2023).

GOMES, W.; DOURADO, T. M. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia.** Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 16, n. 2, p. 33–45, 2019.

GOULART, Mayra. **Da Diferença à Equivalência: Hipóteses Laclaunianas sobre a Trajetória Legislativa de Jair Bolsonaro** – Revista Dados. 2024. Rio de Janeiro Vol.67 N.1

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. 340p.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 244p.

GZH. **Em 26 anos, Bolsonaro apresentou 171 projetos; dois foram aprovados.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-dois-foram-aprovados-9850750.html> (Acesso em: 25/07/2023).

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis Rj: Vozes, 2022. 107p.

HIRABAHASI, Gabriel. PORTO, Douglas. PINHEIRO, Marcio T. **Bolsonaro decreta perdão da pena a Daniel Silveira, condenado pelo STF**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-assina-decreto-que-da-indulto-a-daniel-silveira-condenado-pelo-stf/> (Acesso em: 20/11/2023).

HOBBES, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Martin Claret, 2009. 545 p.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 11. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 176 p., 2020.

HOLANDA, Mariana. MENON, Isabella. **Lula sanciona lei que criminaliza bullying e agrava pena para ataques em escolas**. 2024. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/01/lula-sanciona-lei-que-criminaliza-bullying-e-agrava-pena-para-ataques-em-escolas.shtml> (Acesso em: 16/01/2024).

HORÁCIO, Heiberle Hirsgberg. **Fundamentalismo e religião da política: uma possibilidade da política como religião.** Revista Horizonte. Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1002-1030, set./dez. 2020

HUNTER, James Davison. **Culture Wars: the struggle to define America. Making sense of the battles over the family, art, education, law and politics.** United States of America. New York: Basic Books, 1991. 401p.

HUNTINGTON, Samuel. **Conservadorismo como ideologia**. Instituto de Geociências (IGE) Unicamp. 2021 9p. Disponível em: https://www.ige.unicamp.br/spec/wp-content/uploads/sites/59/2022/05/HUNTINGTON-CONSERVADORISMO-COMO-IDEOLOGIA.pdf

IBRAHIM, Cesar Antonio Calejon. **A ascensão do Bolsonarismo no Brasil do século XXI**. 2. ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2021. 284 p.

IG. **Olavo de Carvalho chama Villas Bôas de "doente preso a cadeira de rodas"**. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-07/olavo-de-carvalho-chama-villas-boas-de-doente-preso-a-cadeira-de-rodas.html> (Acesso em: 22/08/2023);

IG. **Conversas apontam que Hang financiou blogueiro com apoio de Eduardo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-09-24/conversas-hang-financiou-allan-dos-santos-apoio-eduardo-bolsonaro.html> (Acesso em: 26/11/2023).

IG. **Relembre 10 vezes que Bolsonaro atacou a Coronavac**. 2021. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-coronavac.html> (Acesso em: 05/12/2023).

ILING, Sean. **"Flood the zone with shit": How misinformation overwhelmed our democracy**. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2020/1/16/20991816/impeachment-trial-trump-bannon-misinformation> (Acesso em: 26/09/2023).

INNERARITY, Daniel. **A política em tempos de indignação.** Rio de Janeiro: Leya, 2017. 304 p.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR DEMOCRACY AND ELECTORAL ASSISTANCE (IDEA). **Is e-voting currently used in any elections with EMB participation?** 2020. Disponível em: <https://www.idea.int/data-tools/question-view/742> (Acesso em: 17/12/2023)

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p.

JORNALISTAS LIVRES. **Coronel Ustra pode ser condenado esta semana por tortura e assassinato**. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/coronel-ustra-poder-ser-condenado-esta-semana-por-tortura-e-assassinato/> (Acesso em:10/08/2023).

JOVEM PAN. **Brasil está 'à deriva' e sem projeto para o futuro, afirma general Villas Bôas**. 2018. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/brasil-esta-a-deriva-e-sem-projeto-para-o-futuro-afirma-general-villas-boas.html> (Acesso em: 15/08/2023).

JOVEM PAN NEWS. **Canal Jovem Pan News estreia na TV por assinatura e na parabólica**. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/canal-jovem-pan-news-estreia-na-tv-por-assinatura-e-na-parabolica-confira-novidades.html> (Acesso em: 12/12/2023).

JUSTIÇA ELEITORAL. **Os maiores especialistas do mundo no combate às Fake News - parte I**. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MgX2j8Z8HQE (Acesso em 27/10/2023).

KAKUTANI, Michiko. **A Morte da Verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 270 p.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 2018. 27p. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf (Acesso em 13/08/2023).

KAYSEL, André. **Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras**. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). Direita, Volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. E-book. Versão Kindle.

KIRK, Russel. **A mentalidade conservadora**: de Edmund Burke a T. S. Eliot. São Paulo: É realizações, 2020. 832 p.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre: Zouk, 2019. 226 p.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAJE, Agustin; MARQUEZ, Nicolás. **O livro negro da nova esquerda**. Curitiba: Danúbio, 2016. 317 p.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro da uma guerra híbrida**: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2022. 344 p.

LEMOS, Nina. **Daniel Silveira, que quebrou placa de Marielle, representa ódio a mulheres**. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/02/17/daniel-silveira-que-quebrou-placa-de-marielle-representa-odio-a-mulhere.htm> (Acesso em: 20/11/2023).

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p.

LEVITSKY, Steve; ZIBLATT, Daniel. **Como salvar a democracia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 1ª edição. 312p.

LIMA, João G. **Bolsonaro quer aderir internacional da ultradireita**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-quer-aderir-internacional-da-ultradireita/> (Acesso em: 08/02/2023).

LIMA, Marcia. **O uso da entrevista na pesquisa empírica.** In: ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas; SANTOS JÚNIOR, Jaime (org.). Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. São Paulo: Sesc: CEBRAP, 2016. p. 23-42. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf

LIMA, Samuel. **Boato sobre 'decálogo de Lenin' adapta farsa difundida na época da Guerra Fria**. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/boato-sobre-decalogo-de-lenin-adapta-farsa-difundida-na-epoca-da-guerra-fria/> (Acesso em: 11/12/2023).

LIMA, Vanessa. Revista Crescer. **Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida**. 2015 <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html> (Acesso em: 05/07/2023).

LIONÇO, Tatiana. **Contra a má-fé**: conjurações de uma acadêmica de ação direta. Salvador - Bahia: Editora Devires, 2018. 184 p.

LOPES, Débora. **É horrível ser difamado pelo Bolsonaro.** 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/ypm3gx/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro> (Acesso em: 02/11/2023).

LUCAS, Naian. **Secom de Bolsonaro ignora Ibope e prioriza SBT e Record em verba.** 2021. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/02/02/secom-de-bolsonaro-ignora-ibope-e-prioriza-sbt-e-record-em-verbas-157977.php> (Acesso em: 03/11/2023).

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O Populismo Reacionário**. São Paulo: Contracorrente, 2022. 209 p.

MACÁRIO, Carol. **É falso que famosos usaram Lei Rouanet para 'torrar' R$ 15 bilhões do orçamento da Saúde e da Educação.** 2021. Disponível: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/01/27/verificamos-lei-rouanet-15-bilhoes-saude-educacao> (Acesso em: 12/07/2023).

MACÁRIO, Carol. DINIZ, Iara. **Janones usa desinformação, distorções e ironia para atacar Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/26/janones-desinformacao-bolsonaro> (Acesso em 14/12/2023).

MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro.** 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/> (Acesso em: 28/10/2023).

MACHADO, Renato. BALLOUSSIER, Anna V. **'A história pode se repetir', diz Bolsonaro, ao citar golpe militar de 1964.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/a-historia-pode-se-repetir-afirma-bolsonaro-citando-momentos-de-ruptura-democratica.shtml#:~:text=Ap%C3%B3s%20ter%20citado%20diversos%20momentos,%22hist%C3%B3ria%20pode%20se%20repetir%22> (Acesso em: 02/12/2023).

MACIEL, Tenente Coronel Licio e Nascimento, Tenente José Conegundes. **Orvil**: **Tentativas de tomada do poder**. São Paulo: Schoba Editora, 2012

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel; POWER, Timoty. **Partidos Conservadores no Brasil**: quais são, o que defendem, quais são suas bases. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 107 p.

MAISTRE, Joseph de. **Considerações sobre a França**. Coimbra: Almedina, 2010. 309 p.

MANTOVANI, Flávia. **Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial.** 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/relacao-homossexual-e-crime-em-70-paises-mostra-relatorio-mundial.shtml>. Acesso em (12/05/2023).

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 158 p.

MARCHESINI, Lucas. **A história de Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon em tweets.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/a-historia-de-eduardo-bolsonaro-e-steve-bannon-em-tweets> (Acesso em: 08/02/2023).

MARICATO, Ermínia et al (Org.). **Cidades Rebeldes:** Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. 112 p.

MARONA, Marjorie. MAGALHÃES, Lucas. **Guerra e paz? O Supremo Tribunal Federal nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro**. In: Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. AVRITZER, Leonardo. KERCHE, Fábio. MARONA, Marjorie (orgs) 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MARQUES, José. **Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

MARQUES, José. **TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml> (Acesso em: 05/11/2023).

MARQUES, José. **STJ nega pedido de indenização contra Ustra por família de torturado na ditadura.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/11/stj-nega-pedido-de-indenizacao-contra-ustra-por-familia-de-torturado-na-ditadura.shtml> (Acesso em 12/12/2023).

MARQUES, José. SÁ, Nelson de. **Bolsonaro assina MP que acaba com publicação de balanço de empresa em jornais**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/bolsonaro-assina-mp-que-acaba-com-publicacao-de-balanco-de-empresa-em-jornais.shtml> (Acesso em:12/11/2023).

MARS, Amanda. **Casa Branca defende que há fatos alternativos para falsear a realidade**. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258_732145.html>

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais:** Linguagens, Ambientes e Redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 294 p.

MARTINS, Elisa. ORTELLADO, Pablo. **Podcast guerras culturais – marxismo e teorias conspiratórias ressurgem na corrida eleitoral.** 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-guerras-culturais-marxismo-cultural-e-teorias-conspiratorias-ressurgem-na-corrida-eleitoral.ghtml> (Acesso em 28/06/2023).

MAZIEIRO, Guilherme. **Depois da facada, não vai ser gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro.** 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/20/depois-da-facada-nao-vai-ser-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro.htm> (Acesso em: 08/12/2023).

MAZUI, Guilherme. RODRIGUES, Paloma. **Em discurso, Bolsonaro defende ditadores militares e deputado dos atos antidemocráticos**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/31/em-discurso-no-planalto-bolsonaro-defende-ditadores-militares-e-deputado-reu-por-atos-antidemocraticos.ghtml>

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: **'Se o presidente da OAB quiser saber como o pai desapareceu no período militar, eu conto para ele**'. 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 05/08/2023).

MAZUI, Guilherme. **'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', diz presidente sobre suspensão de testes da CoronaVac**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-o-presidente-ao-comentar-suspensao-de-testes-da-vacina-coronavac.ghtml> (Acesso em: 06/12/2023).

MAZZA, Giullia C. **Preso há um ano em inquérito dos atos antidemocráticos, Oswaldo Eustáquio denuncia torturas: 'Apanhei até apagar'.** 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/preso-ha-um-ano-em-inquerito-dos-atos-antidemocraticos-oswaldo-eustaquio-denuncia-torturas-apanhei-ate-apagar.html> (Acesso em: 24/11/2023).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018. 71 p.

MCGONAGLE, Tarlach. **"Fake news": False fears or real concerns?"** 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0924051917738685> (Acesso em 25/08/2023).

MEI, Eduardo. **Pandemia e Necropolítica Brasileira**: as forças repressivas e a gênese contínua do capital. Filho, João Roberto Martins (org) In: Os Militares e a Crise Brasileira. São Paulo: Editora Alameda. 2021. 143p. a 159p.

MEIO E MENSAGEM. **Cresce o percentual de brasileiros que não confia em notícias.** 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/cresce-o-percentual-de-brasileiros-que-nao-confia-em-noticias?fbclid=IwAR2JT0XNAUud4xFcV-uLAk9f5C5_LqmmFCDHDOEnGA5GyB-e6yeruPiI5Vs> (Acesso em: 05/11/2023).

MELLO, Patrícia C. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> (acesso em 27/01/2023)

MELLO, P.C., **A máquina do ódio** – Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital, São Paulo: Companhia das Letras, 2020

MELO, Débora. **Entenda o que diz a lei sobre aborto legal no Brasil.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/entenda-o-que-diz-a-lei-sobre-aborto-legal-no-brasil.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

MENDES, Lucas. **Moraes determina cumprimento de pena de Daniel Silveira.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/moraes-determina-cumprimento-de-pena-de-daniel-silveira/> (Acesso em: 20/11/2023).

MENDONÇA, Ana. **Bolsonaro: 'Só Deus me tira da presidência'**. 2021. Disponível em:<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/06/interna_politica,1293474/bolsonaro-so-deus-me-tira-da-presidencia.shtml> (Acesso em: 12/05/2023).

MESTRE, Gabriela. **PF vê crime de Bolsonaro por associar vacina anticovid à aids**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/pf-ve-crime-de-bolsonaro-por-associar-vacina-anticovid-a-aids/> (Acesso em: 10/12/2023).

MIGUEL. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO (org). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2018. 117 p.

MILITÃO, Eduardo. REBELLO, Aiuri. **CPI chega a principais contas de disparo irregular de WhatsApp nas eleições**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/16/cpmi-fake-news-whatsapp-25-numeros-linhas-internacionais-disparo-em-massa.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

MILITÃO, Eduardo. **"Não queremos negociar nada", diz Bolsonaro em manifestação que pedia AI-5.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/jair-bolsoanaro-nao-queremos-negociar-nada-manifestacao-anti-congresso.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

MILITÃO, Eduardo. REBELLO, Aiuiri. **Rede de fake news com robôs pró-Bolsonaro mantém 80% das contas ativas**. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm> (acesso em 27/09/2023).

MILITÃO, Eduardo. **Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca em entrevista**. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm> (Acesso em: 09/02/2023).

MILITÃO, Eduardo. **PGR pede que STF investigue atos pró-golpe, mas não cita Bolsonaro**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/pgr-pede-stf-investigue-atos-pro-golpe-deputado-jair-bolsonaro-brasilia.htm> (Acesso em: 18/11/2023).

MILL, John Stuart. **Considerações sobre o Governo Representativo**. São Paulo: Lafonte, 2021. 272 p.

MINNICINO, Michael. **A nova idade das Trevas: a escola de Frankfurt e o Politicamente Correto**. Políticas Culturais em Revista. Salvador. Número 1. Volume 15. P.219-268. Janeiro-junho 2022. Tradutora Cássia Zanon. Texto original disponível em: https://bit.ly/3xHTjKA

MOLINERO, Bruno. **O que diz, afinal, o livro infantil que Bolsonaro levou ao Jornal Nacional?** 2018. Disponível em: <https://eraoutravez.blogfolha.uol.com.br/2018/08/29/o-que-diz-afinal-o-livro-infantil-que-bolsonaro-levou-ao-jornal-nacional/> (Acesso em: 26/09/2023).

MORI, Letícia. **Por que a Ucrânia, onde Sara Winter diz ter sido treinada, fascina bolsonaristas?** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52900757> (Acesso em 21/11/2023).

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ed. UBU, 2018. 192p.

MOTTA, Cláudia. **Mais de 6 mil militares atuam em cargos civis no governo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/militares-governo-bolsonaro-6-mil-cargos-civis/> (Acesso em: 20/08/2023).

MOTTA, Cláudia. **Mais de 6 mil militares atuam em cargos civis no governo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/militares-governo-bolsonaro-6-mil-cargos-civis/> (Acesso em: 20/08/2023).

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. 142 p.

NADIR, Patrícia. **Em áudio, Allan dos Santos chama Moraes de "psicopata e tirano".** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/em-audio-allan-dos-santos-chama-moraes-de-psicopata-e-tirano/> (Acesso em: 26/11/2023).

NALON, Tai. **Fórum Econômico Mundial vê desinformação como maior risco global nos próximos anos**. 2024. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/relatorio-desinformacao-forum-economico-mundial/> (Acesso em: 17/01/2024).

NEIVA, Lucas. **Com Bolsonaro, Olavo de Carvalho ganhou espaço nas academias militares.** 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/com-bolsonaro-olavo-de-carvalho-ganhou-espaco-em-academias-militares/> (Acesso em: 24/08/2023).

NÉRI, Felipe. **Marco Feliciano é eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos**. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/marco-feliciano-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos.html> (Acesso em: 30/10/2023).

NETTO, Paulo R. **Após decisão de Moraes, Twitter suspende contas de Allan dos Santos.** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/apos-decisao-de-moraes-twitter-suspende-contas-de-allan-dos-santos/> (Acesso em: 27/11/2023).

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 142 p.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Lafonte, 2017. 285 p

NOBLAT, Ricardo. **Bolsonaro participou de reunião onde se discutiu a compra da Globo.** 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/ricardo-noblat/bolsonaro-participou-de-reuniao-onde-se-discutiu-a-compra-da-globo> (Acesso em: 15/11/2023).

NOBRE, Marcos. **Ponto Final**: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020. 78 p.

NOBRE, Marcos. **Limites da Democracia**: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022. 316 p.

NOELLE-NEUMAN, Elisabeth. **A Espiral do Silêncio:** Opinião Pública: nosso tecido social. Florianópolis: Novos Estudos, 2017. 342 p.

NORBERTO, Cristiane. **Bolsonaro repete lema de inspiração fascista: 'Deus, pátria, família'**. 2022. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/04/26/interna_politica,1362409/bolsonaro-repete-lema-de-inspiracao-fascista-deus-patria-familia.shtml (Acesso em: 10/05/2023).

NUNES, Rodrigo. **Do Transe à Vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu, 2022. 265 p.

NUNES, Wálter. **Entidades repudiam declaração de Bolsonaro sobre cancelamento de assinaturas da Folha.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/entidades-repudiam-declaracao-de-bolsonaro-sobre-cancelamento-de-assinaturas-da-folha.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

O ANTAGONISTA. **Olavo: "Santos Cruz é apenas uma bosta engomada"**. 2019. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/olavo-santos-cruz-e-apenas-uma-bosta-engomada/> (Acesso em: 22/08/2023).

O GLOBO. **Vendas de '1984' disparam após 'fatos alternativos' apresentados por Trump**. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/vendas-de-1984-disparam-apos-fatos-alternativos-apresentados-por-trump-20821051> (acesso em (06/02/2023).

O TEMPO. **Oswaldo Eustáquio não está paraplégico e é transferido de hospital, diz deputada**. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/oswaldo-eustaquio-nao-esta-paraplegico-e-e-transferido-de-hospital-diz-deputada-1.2428135> (Acesso em: 24/11/2023).

O TEMPO. **Tuíte de general Villas Bôas sobre Lula foi discutido por ministros de Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/tuite-de-general-villas-boas-sobre-lula-foi-discutido-por-ministros-de-bolsonaro-1.2447248> (Acesso em: 15/08/2023).

OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. 2. ed. Belo Horizonte: Ayine, 2018. 235 p.

OLIVEIRA, Mariana. **Golpe de 1964 fez do Supremo um 'enfeite institucional', diz pesquisador.** 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/golpe-de-1964-fez-do-supremo-um-enfeite-institucional-diz-pesquisador.html> (Acesso em: 16/12/2023).

OLIVEIRA, Thaísa. **Pacheco volta a defender mandato para integrantes do STF**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/pacheco-volta-a-defender-mandato-para-integrantes-do-stf.shtml> (Acesso em: 21/12/2023).

ORNELAS, Gabriela. **Bolsonaro reforça proposta de aumentar para 16 o número de ministros do STF.** 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5043126-bolsonaro-reforca-proposta-de-aumentar-para-16-o-numero-de-ministros-do-stf.html> (Acesso em: 16/12/2023).

ORTELLADO, Pablo. RIBEIRO, Marcio Moretto. **A campanha de Bolsonaro no Facebook: antissistêmica e conservadora, pouco liberal e nada nacionalista**. Monitor do Debate Político no Meio Digital. Grupo de políticas públicas para o acesso à informação. Escola de Artes e Ciências e Humanidades USP. Nota técnica 3. 2018.

ORTUNES, Leandro – **Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil**, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ano 2019. 236p. Orientador: Vera Lucia Michalany Chaia.

ORWELL, George. **Sobre a Verdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARO, Denise. PITOMBO, João P. **Bolsonaro ataca urnas, desafia TSE e diz duvidar de coragem para cassar sua candidatura**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonaro-ataca-urnas-desafia-tse-e-diz-duvidar-de-coragem-para-cassar-sua-candidatura.shtml> (Acesso em: 01/12/2023).

PARZIANELLO, Geder Luis. **O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades.** Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.36, p. 49-64, out.2019-jan.2020

PASSARINHO, Nathalia. **Petista derrota Bolsonaro na eleição da Comissão de Direitos Humanos**. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/deputado-do-pt-derrota-bolsonaro-em-eleicao-para-comissao-da-camara.html> (Acesso em: 30/10/2023).

PAUL, CHRISTOPHER. MATTHEWS, M. **The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It**. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2016. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html (Acesso em 24/10/2023).

PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas da Diferença**. Editora 34. São Paulo. 1999

PINHEIRO, Mirelle. CARONE, Carlos. **"Festa da Selma": entenda código usado por extremistas para planejar 8/1 em Brasília**. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/festa-da-selma-entenda-codigo-usado-por-extremistas-para-planejar-8-1-em-brasilia> (Acesso em: 22/12/2023).

PINTO, ANA C.S. **Bolsonaro diz que falava com Queiroz sobre demissões e que caso de Cileide 'é normal'**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-diz-que-conversava-com-queiroz-sobre-demissoes-e-que-caso-de-cileide-e-normal.shtml> (Acesso em:14/11/2023).

PODER 360. **Governo Bolsonaro publica vídeo em que o pastor o aponto como escolhido por Deus.** 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-publica-video-em-que-pastor-o-aponta-como-escolhido-por-deus/> (Acesso em: 12/01/2023).

PODER 360. **Voto em Bolsonaro "por falta de alternativas", afirma Olavo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/voto-em-bolsonaro-por-falta-de-alternativas-afirma-olavo/> (Acesso em: 29/07/2023).

PODER 360. **General Villas Bôas chama Olavo de Carvalho de 'Trotsky de direita'**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/general-villas-boas-chama-olavo-de-carvalho-de-trotsky-de-direita/> (Acesso em: 22/08/2023).

PODER 360. **Wajngarten afirma que Folha defende conspiração contra Bolsonaro.** 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/wajngarten-afirma-que-folha-defende-conspiracao-contra-bolsonaro/> (Acesso em: 12/11/2023).

PODER 360. **Olavo de Carvalho diz que Forças Armadas são comandadas por "traidores"**. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/olavo-de-carvalho-diz-que-forcas-armadas-sao-comandadas-por-traidores/> (Acesso em: 22/08/2023).

PODER 360. **Bolsonaro chama globo de lixo e ameaça concessão em 2022.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-globo-de-lixo-e-ameaca-nao-renovar-concessao-em-2022/> (Acesso em: 14/11/2023).

PODER 360. **Folha mostra mensagens e afirma que Hans River mentiu à CPMI das fake news.** 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/folha-mostra-mensagens-e-afirma-que-hans-river-mentiu-a-cpmi-das-fake-news/> (Acesso em: 18/01/2023).

PODER 360. **Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro no ato de 7 de Setembro em São Paulo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/> (Acesso em: 29/11/2023).

PODER 360. **Bolsonaro criticou sistema eleitoral mais de 20 vezes em 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-atacou-sistema-eleitoral-mais-de-20-vezes-em-2021/> (Acesso em: 29/11/2023).

PODER 360. **Em Brasília, bolsonaristas gritam "Supremo é o povo" e "Xandão na cadeia".** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/em-brasilia-bolsonaristas-gritam-supremo-e-o-povo-e-xandao-na-cadeia/> (Acesso em: 14/12/2023).

PODER 360. **Relembre o que levou Daniel Silveira a ser condenado pelo STF.** 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/relembre-o-que-levou-daniel-silveira-a-ser-condenado-pelo-stf> (Acesso em: 20/11/2023).

PODER 360. **Saiba por que o STF viu crime de grave ameaça de Daniel Silveira**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/saiba-por-que-o-stf-viu-crime-de-grave-ameaca-do-daniel-silveira/> (Acesso em: 20/11/2023).

PODER 360. **STF mantém bloqueio bancário de Allan dos Santos.** 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/stf-mantem-bloqueio-bancario-de-allan-dos-santos/> (Acesso em: 27/11/2023).

PORTILHO, Ananda. **Bolsonaro adota fala homofóbica e defende que 'Joãozinho seja Joãozinho a vida toda'.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/bolsonaro-adota-fala-homofobica-e-defende-que-joaozinho-seja-joaozinho-a-vida-toda.shtml> (Acesso em: 04/07/2023).

PORTO, M., **Enquadramentos da Mídia e da Política**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim (org). Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens. Salvador: Editora UNESP, 2004. 73-104 p.

PORTO, M., Neves, D., & Lima, B. (2020). **Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político.** *Compolítica*, *10*(1), 5-34. https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.367

POSETTI, J.; MATTHEWS, A; **Una breve guía de la história de las 'notícias falsas' y la desinformación.** 2018. Disponível em: https://www.icfj.org/sites/default/files/2019-06/HistoryPropaganda_Espanol2_final_5.pdf (acesso em: 13/08/2023)

PRADO, Marco A. M., JUNQUEIRA, Rogério D., **Homofobia, hierarquização e humilhação social**. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. 51-73p.

PRIOR, Hélder. **Nacional-populismo no Brasil: uma reflexão sobre a ascensão de Jair Bolsonaro e o ideário da extrema-direita**. Janus.net, e-journal of international relations, Vol.14 N1, Maio-Outubro 2023. Último acesso em: 08/11/2023) https://doi.org/10.26619/1647-7251.14.1.7

PROJETO COMPROVA. **Ministério da Saúde de Israel nega que seus dados permitam concluir sobre imunidade de infectados.** 2021. Disponível em: <https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ministerio-da-saude-de-israel-nega-que-seus-dados-permitam-concluir-sobre-imunidade-de-infectados/> (Acesso em: 09/12/2023).

PROPMARK. **Governo Lula prioriza verba de comunicação para a TV.** 2023. Disponível em: <https://propmark.com.br/governo-lula-prioriza-verba-de-comunicacao-para-a-tv/> (Acesso em: 13/12/2023).

QUADROS, Vasconcelos. **É a volta dos que nunca foram", diz pesquisador sobre militares no governo Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/07/e-a-volta-dos-que-nunca-foram-diz-pesquisador-sobre-militares-no-governo-bolsonaro/> (Acesso em: 15/08/2023).

QUEIROZ, Antônio A. **A campanha presidencial do "contra tudo o que está aí".** 2018. Disponível<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/a-campanha-presidencial-do-contra-tudo-que-esta-ai/> (Acesso em: 20/07/2023).

QUINALHA, Renan. **Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro**. In: ALONSO, A. e outros - Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje, Companhia das Letras, São Paulo, 2019 p.256 a p.273

R7. **Mais pessoas se declaram de direita do que de esquerda no Brasil, mostra pesquisa do Senado**. 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/politica/mais-pessoas-se-declaram-de-direita-do-que-de-esquerda-no-brasil-mostra-pesquisa-do-senado-29062022> (Acesso em: 24/08/2023).

RAMOS, Daniela. (2017). **A influência do algoritmo / Algorithm´s influence**. Revista Comunicare. Volume 17. nº 70. Edição Especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero Artigo Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Daniela-Ramos-21/publication/319914104_A_influencia_do_algoritmo_Algorithms_influence/links/59c17443458515af305c80da/A-influencia-do-algoritmo-Algorithm-s-influence.pdf (Acesso em 29/10/23

RAMOS, Murilo César. **A Força de um aparelho privado de hegemonia**. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (org.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 376 p.

REBELLO, Aiuri. SEGALLA, Vinícius. **Veja os passos da milícia digital contra jornalista da Folha citada em CPI**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/16/fake-news-whatsapp-cpi-patricia-campos-mello.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

RECUERO, R. **#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635. Acesso em: 13/08/2023

RECUERO, R., SOARES, F., & ZAGO, G. (2021). **Polarization, Hyperpartisanship and Echo Chambers: How the disinformation about Covid-19 circulates on Twitter**. In *SciELO Preprints*. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.1154

REIS, Daniel Aarão. As armadilhas da memória e a reconstrução democrática. In: **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje, Companhia das Letras, São Paulo, 2019 p.274 a p.306

RESENDE, Leandro. **Allan dos Santos é citado 16 vezes em relatório final da CPI da Pandemia.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/allan-dos-santos-e-citado-16-vezes-em-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia/> (Acesso em: 26/11/2023).

REVISTA EXAME. **Futuro chanceler diz que vai libertar o Itamaraty do "marxismo cultural**". 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/futuro-chanceler-diz-que-vai-libertar-o-itamaraty-do-marxismo-cultural/> (Acesso em: 12/07/2023).

REVISTA ISTO É. **Frases de Bolsonaro o candidato que despreza as minorias**. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/> (Acesso em:05/07/2023).

REVISTA ISTO É. **Relembre as maiores barbaridades que Allan dos Santos disse na internet.** 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/relembre-as-maiores-barbaridades-que-allan-dos-santos-disse-na-internet/> (Acesso em: 26/11/2023).

REZENDE, Heitor P. **Astroturfing e a violência dos memes na política do Brasil**. Revista Lumina. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 11, n. 2, p. 271-288, mai./ago. 2017

RIBEIRO, Renato Janine. **A Marca do Leviatã**. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. 117p.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: o liberalismo e a nova direita no brasil. São Paulo: Todavia, 2021. 235 p.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. 459 p.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 189 p.

ROCHA, Marcelo. HOLANDA, Marianna. **Moraes e família são hostilizados em aeroporto de Roma, e PF abre inquérito**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/moraes-e-hostilizado-em-aeroporto-de-roma-e-pf-e-acionada.shtml> (Acesso em: 28/11/2023).

RODRIGUES, Artur. MELLO, Patrícia C. **Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml> (acesso em 28/01/2023).

RODRIGUES, Mateus. BORGES, Beatriz. HENRIQUE, Pedro. **Bolsonaro repete mentira sobre urnas, diz que aceitará resultado das eleições 'desde que sejam**

limpas' e defende aliança com Centrão. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-repete-mentira-sobre-urnas-diz-que-aceitara-resultado-das-eleicoes-desde-que-sejam-limpas-e-defende-alianca-com-centrao.ghtml> (Acesso em: 01/12/2023).

RODRIGUES, Thais. **Bolsonaro debocha de tortura sofrida por Dilma e subverte lógica sobre vacinação.** 2021. Disponível em: < https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-dilma-e-inverte-logica-sobre-vacinacao/> (Acesso em: 08/08/2023).

RÔMANY, Ítalo. **Estopim do 8 de janeiro, fakes sobre urnas ainda alimentam golpismo nas redes.** 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/01/08/estopim-do-8-de-janeiro-fakes-sobre-urnas-ainda-alimentam-golpismo-nas-redes> (Acesso em: 16/01/2024).

ROQUE, Daniel S. **A eleição em que Bolsonaro defendeu urna eletrônica como antídoto contra fraude no voto impresso**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62311882> (Acesso em: 17/12/2023).

ROSSI, Marina. **General Santos Cruz é demitido e vira terceiro ministro a deixar o Governo Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/13/politica/1560458432_237660.html> (Acesso em: 22/08/2023).

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (Coord.) **Desinformação on-line e eleições no brasil: A circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020)**. Policy paper. Rio de Janeiro, outubro de 2020: FGV DAPP, 2020a.

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (Coord.). **O ecossistema digital nas eleições municipais de 2020 no Brasil: o buzz da desconfiança no sistema eleitoral no Facebook, YouTube e Twitter**. Policy paper. Rio de Janeiro, dezembro de 2020: FGV DAPP, 2020b.

RUNCIMAN, D. – **Como a Democracia Chega ao Fim.** Todavia, São Paulo, 1ª ed. 2018. 272p.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado suicidário**. N-1 edições. 2020. Disponível em: https://n-1edicoes.org/004

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 160 p., 2015.

SALDAÑA, Paulo. **Vélez exalta igreja e família e diz que MEC vai combater marxismo cultural.** 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-exalta-igreja-e-familia-e-diz-que-mec-vai-combater-marxismo-cultural.shtml> (Acesso em: 12/07/2023).

SALDANHA, Douglas M.F. SILVA, Marcela B. **Transparência e accountability de algoritmos governamentais: o caso do sistema eletrônico de votação brasileiro.** Cad. EBAPE.BR, v. 18, Edição Especial, Rio de Janeiro, Nov. 2020 697-712p.

SASSINE, Vinicius. **Caminhões bloqueiam a Esplanada e pressionam por invasão ao acesso do STF.** 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/caminhoes-bloqueiam-a-esplanada-e-pressionam-por-invasao-ao-acesso-do-stf.shtml> (Acesso em: 29/11/2023).

SATIE, Anna. LOPES, Nathan. NEVES, Rafael. RIBEIRO, Weudson. **Moraes determina prisão do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/10/21/moraes-determina-prisao-do-blogueiro-bolsonarista-allan-dos-santos.htm> (Acesso em: 26/11/2023).

SBT NEWS. **Bolsonaro: Lei Rouanet deve atender artistas iniciantes, não figurões.** 2022. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/governo/192483-bolsonaro-lei-rouanet-deve-atender-artistas-iniciantes-nao-figuroes> (Acesso em: 10/07/2023).

SCALA, Jorge. **Ideologia de Gênero**: o neototalitarismo e a morte da família. São Paulo: Katechesis, 2011. 200 p.

SCARDOELLI, Anderson. **Jornalista Oswaldo Eustáquio recebe diagnóstico de paraplegia**. 2021. Disponível em: <https://revistaoeste.com/brasil/jornalista-oswaldo-eustaquio-recebe-diagnostico-de-paraplegia/> (Acesso em: 24/11/2023).

SCHMITT, Carl. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. 168 p. Tradução: Elisete Antoniuk.

SCHUQUEL, Thayná. **"Eu sou a Constituição", diz Bolsonaro após ato pró-intervenção.** 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/eu-sou-a-constituicao-diz-bolsonaro-apos-ato-pro-intervencao> (Acesso em: 22/12/2023).

SCRUTON, Roger. **Tolos, Fraudes e Militantes: pensadores da nova esquerda.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. 404 p.

SEDGWICK, Mark. **Contra o mundo moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século xx. Belo Horizonte: Âyiné, 2020. 640 p.

SEGALLA, Vinícius. REBELLO, Aiuri. **Deputados da CPI das Fake News mantêm grupos com notícias falsas e ataques**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/12/deputados-filipe-barros-coronel-tadeu-whatsapp-fake-news-stf-maia-toffoli.htm> (Acesso em: 02/09/2023).

SEGALLA, Vinícius. KONCHINSKI, Vinícius. **Frota lista Olavo, deputados e empresário em rede de fake news bolsonarista**. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/02/entrevista-alexandre-frota-fake-news-governo-bolsonaro.htm> (Acesso em: 15/09/2023).

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia**: a guerra contra as fake news na internet. São Paulo: Hedra, 2021. 124 p.

SEGURADO, Rosemary. RAÍCES, Carlos H. P. AMORIM, Fabricio. **Confiança nas urnas: a percepção de eleitoras e eleitores durante as eleições municipais de São Paulo em 2020.** 45° Encontro anual da ANPOCS (2021) GT11 - Democracias em Declínio: desafios políticos, teóricos & analíticos

SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana Senne; et al. **Fake News e Desinformação nas eleições de 2020.** Porto Alegre: editora Fi, 2022. 204 p.

SENRA, Ricardo. **Ativista admite presença de armas em acampamento bolsonarista: 'Servem para proteção dos membros'**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/12/ativista-admite-presenca-de-armas-em-acampamento-bolsonarista-servem-para-a-protecao-dos-membros.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

SERAPIÃO, Fábio. FEITOZA, Cézar. **Abin sob Bolsonaro rastreou políticos, juízes e jornalistas, suspeita PF**. 2023. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/10/pf-faz-operacao-para-investigar-monitoramento-ilegal-da-abin-sob-bolsonaro.shtml> (Acesso em: 02/11/2023).

SETO, Guilherme. **Slogan de Bolsonaro foi inspirado em brado de paraquedistas militares**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml> (Acesso em: 01/05/2023).

SILVA, Francisco C. T. **Militares, "abertura" política e bolsonarismo:** o passado como projeto. In: Os Militares e a Crise Brasileira. Filho, João Roberto Martins (org). São Paulo: Editora Alameda. 2021. 31p. a 53p

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Direita nas redes sociais on line**. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). Direita, Volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. E-book. Versão Kindle.

SIMIONATO, Letícia. **Mentiras no Bolso do Jaleco**. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mentiras-no-bolso-do-jaleco/> (Acesso em: 08/12/2023).

SINGER, André, **Os sentidos do Lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

SOARES, Nana. **Politicamente Correto**. Termos ambíguos do debate político atual: pequeno dicionário que você não sabia que existia. CORRÊA, Sonia. (Org). Rio de Janeiro: UFRJ. Observatório de Sexualidade e Política e Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2022. 72p.

SOBRINHO, Wanderley P. **Daniel Silveira, Sara Winter e Eustáquio: os bolsonaristas presos pelo STF.** 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/02/17/presos-bolsonaristas-sara-winter-daniel-silveira-alexandre-de-moraes-stf.htm> (Acesso em: 24/11/2023).

SOLANO, Esther. ORTELLADO, Pablo. MORETTO, Márcio. **Guerras Culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a Reforma da Previdência**. In: Opinião Pública e conjuntura política: um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral. Dossiê crise política no Brasil: qual a saída. REIS, Guilherme S. FERES, João. ALMEIDA, Alberto. KERBAUY, Teresa. REIS, Bruno S. orgs. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Ano 9 - N. 02 Agosto de 2017.

SOLANO, E. e outros - **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje, Companhia das Letras, São Paulo, 2019 p.307 a p.321

SOPRANA, Paula. PASSOS, Paulo. WIZIACK. Julio. **Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo**. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml> (Acesso em: 12/12/2023).

SORANO, Vitor. **Bolsonaro transfere Secretaria de Cultura para Ministério do Turismo.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/07/bolsonaro-transfere-secretaria-de-cultura-para-ministerio-do-turismo.ghtml> (Acesso em: 10/07/2023).

SOUZA, Everton. BRONZE, Giovanna. **Comissão da Verdade, criada para apurar crimes da ditadura militar, faz 10 anos**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/comissao-da-verdade-criada-para-apurar-crimes-da-ditadura-militar-faz-10-anos/> (Acesso em: 12/08/2023).

SOUZA, José Neivaldo. **Democracia e protestantismo político-religioso.** Protestantismo em revista. São Leopoldo. Número 1. Volume 43. P.95-106. Janeiro-junho 2017. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. São Paulo: Edusp, 2018. 593 p.

STEFANONI, Pablo. **A rebeldia tornou-se de direita**. Campinas Sp: Editora da Unicamp, 2022. 173 p.

STILBEN, João T. A. **E se Bolsonaro falasse de você? Uma revisão midiática e literária sobre a capacidade destrutiva do *firehosing* e do *flaming* no discurso político**. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 334-365, 2021.

STYCER, Mauricio. **Exaltado, Bolsonaro perde a linha em ataque com ofensas e ameaças Globo**. 2019. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/10/30/exaltado-bolsonaro-perde-a-linha-em-ataque-com-ofensas-e-ameacas-a-globo/> (Acesso em: 15/11/2023).

STYCER, Mauricio. **Apesar da retórica anti-Globo, governo eleva verbas para a emissora**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2022/02/04/apesar-da-retorica-anti-globo-governo-eleva-verbas-para-a-emissora.htm> (Acesso em: 14/12/2023).

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Ministro suspende MP que dispensa órgãos públicos de divulgar editais em jornais**. 2019. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=427361&ori=1> (Acesso em:12/11/2023).

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **STF desmente fake news sobre suposta decisão do ministro Alexandre de Moraes dirigida a Bolsonaro**. 2021. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=465223&ori=1> (Acesso em: 04/12/2023).

TAJRA, Alex. **"Todos nós vamos morrer um dia": veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm> (Acesso em: 17/11/2023).

TALARICO, Fernanda. **Bolsominions: como personagens se tornaram sinônimo de bolsonaristas?** 2022. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/30/bolsominions-como-personagens-se-tornaram-sinonimo-de-bolsonaristas.htm> (Acesso em: 29/07/2023)

TANDOC Jr., Edson, LIM, Zheng Wei & LING, Richard (2018) **Defining "Fake News"**, Digital Journalism, 6:2, 137-153 <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela Eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2020. 288p.

TEIXEIRA, Luiz Belmiro; SILVA, Júlio Cesar Gonçalves da. **Bolsonarismo e Necropolítica**: administração da morte e gerenciamento da pandemia da covid-19 no brasil. Curitiba: Kotter, 2022. 263p.

TERRA BRASIL. **Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual"**. 2011. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> (Acesso em: 04/07/2023).

THOMPSON, John B. **O Escândalo Político:** Poder e visibilidade na era da mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 325 p.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América:** Leis e Costumes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 560 p.

TOOGE, Rikardy. **Coronavírus: taxa de isolamento social em SP cai para 51%; apenas 7 cidades já conseguiram atingir meta do governo de 70%**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/21/coronavirus-taxa-de-isolamento-social-em-sp-cai-para-51percent-meta-do-governo-e-de-70percent.ghtml> (Acesso em: 06/12/2023).

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE MATO GROSSO. **Fake News - Agências de checagem desmontam boatos sobre a urna eletrônica**. 2018. Disponível em: <https://www.tre-mt.jus.br/eleicoes/eleicoes-plebiscitos-e-referendos/eleicoes-2018/fakenews> (Acesso em 25/11/2023).

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO. **Festival de desinformação que circulou nas eleições poderia se chamar "É Tudo Mentira".** 2022. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Marco/festival-de-desinformacao-que-circulou-nas-eleicoes-poderia-se-chamar-201ce-tudo-mentira201d> (Acesso em: 21/12/2023).

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO. **Festival de desinformação que circulou nas eleições poderia se chamar "É Tudo Mentira".** 2023. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Marco/festival-de-desinformacao-que-circulou-nas-eleicoes-poderia-se-chamar-201ce-tudo-mentira201d> (Acesso em: 25/11/2023).

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). **Conheça a composição do TSE, definida pela Constituição Federal**. 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Marco/conheca-a-composicao-do-tse-definida-pela-constituicao-federal> (Acesso em: 17/12/2023).

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**. Só 3 países utilizam urnas eletrônicas.** Disponível em: <https://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-

eleicoes-2018/somente-3-paises-utilizam-urnas-eletronicas.html> (Acesso em: 15/12/2023).

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Urna eletrônica tem mais de 30 camadas de segurança**. 2021. Disponível em. <https://www.tre-sp.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Junho/urna-eletronica-tem-mais-de-30-camadas-de-seguranca-1> (Acesso em: 20/12/2023).

TUPINA, Matheus. **Bolsonaro é condenado em 2ª instância por ataques a jornalistas durante mandato**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/05/bolsonaro-e-condenado-em-2a-instancia-por-ataques-a-jornalistas-durante-mandato.shtml> (Acesso em: 11/11/2023).

TUPINA, Matheus. **Hostilidade a Moraes se soma a outras contra ministros do STF; veja casos.** 2023. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/hostilidade-a-moraes-se-soma-a-outras-contra-ministros-do-stf-veja-casos.shtml> (Acesso em: 28/11/2023).

UOL. **Sara Winter afirma à PF que ato dos '300' foi baseado na Bíblia, diz TV.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/15/sara-winter-depoimento-pf.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

UOL. **Sara Winter chama Moraes de covarde após ser alvo de operação da PF. 2020**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/27/sara-winter-chama-moraes-de-covarde-apos-ser-alvo-de-operacao-da-pf.htm> (Acesso em: 21/11/2023).

UOL. **Sara Winter fala em infernizar vida de Alexandre de Moraes e 'trocar socos'.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/27/sara-winter-fala-em-infernizar-vida-de-alexandre-de-moraes-e-trocar-socos.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

UOL. **Liderado por alvo do STF, grupo faz ato com tochas e máscaras contra Moraes**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

UOL. **Sara Winter é denunciada por injúria e ameaça contra Alexandre de Moraes**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/17/sara-winter-e-denunciada-por-injuria-e-ameaca-contra-alexandre-de-moraes.htm> (Acesso em: 22/11/2023).

UOL. **Bolsonaro xinga Daniela Lima de 'quadrúpede'; CNN Brasil reage à ataque.** 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/bolsonaro-xinga-daniela-lima-de-quadrupede-cnn-brasil-reage-ataque-58631?cpid=txt&cpid=txt> (Acesso em: 10/11/2023).

UOL. "**Eu não posso sequer fazer uma piada", diz Eduardo Bolsonaro sobre tortura de Miriam Leitão**. 2022. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/48439_eu-nao-posso-sequer-fazer-uma-piada-diz-eduardo-bolsonaro-sobre-tortura-de-miriam-leitao.html> (Acesso em 08/08/2023).

UOL. **TSE envia às Forças Armadas respostas sobre segurança eleitoral**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/02/14/tse-enviou-as-forcas-armadas-respostas-sobre-seguranca-eleitoral.htm> (Acesso em: 01/12/2023).

UOL. **Bolsonaro volta a atacar urnas e Barroso e a colocar eleições sob suspeita**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/27/bolsonaro-volta-a-atacar-urnas-e-barroso-e-a-colocar-eleicoes-sob-suspeita.htm> (Acesso em: (01/12/2023).

UOL. **Bombeiros, PF e igrejas são instituições com maior confiança entre população, diz Ipec.** 2023. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2023/07/18/bombeiros-pf-e-igrejas-sao-instituicoes-com-maior-confianca-entre-populacao-diz-ipec.htm> (Acesso em: 27/08/2023).

URIBE, Gustavo. **Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml> (acesso em 28/01/2023).

URIBE, Gustavo. **Bolsonaro assina e publica MP que acaba com aviso de licitação pública em jornal.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/bolsonaro-assina-e-publica-mp-que-acaba-com-aviso-de-licitacao-publica-em-jornal.shtml> (Acesso em: 12/11/2023).

URIBE, Gustavo. **Bolsonaro ameniza discurso e diz que não pretende ter problema com Evo.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/bolsonaro-ameniza-discurso-e-diz-que-nao-pretende-ter-problema-com-evo.shtml> (Acesso em: 11/12/2023).

VAGGIONE, Juan M. **A restauração legal**: o neoconservadorismo e o direito na América Latina. In: Gênero, Neoconservadorismo e Democracia. São Paulo: Boitempo, 2020. 41 a 82p. BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco (Orgs).

VALÉCIO, Marcelo de. **"Tenho remorso por ter dito isso", afirma Drauzio Varella em live**. 2020. Disponível em: <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/1512-tenho-remorso-por-ter-dito-isso-afirma-drauzio-varella-em-live> (Acesso em: 08/12/2023).

VALENTE, Rubens. **General fala em intervenção se Justiça não agir contra corrupção**. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1919322-general-do-exercito-ameaca-impor-solucao-para-crise-politica-no-pais.shtml> (Acesso em: 15/08/2023).

VALLE. Lílian do. **Categoria, Teoria, Conceito** (Para dizer o ser em múltiplos sentidos). Trabalho, Educação e Saúde. 2008 p.303-320. ISSN: 1678-1007. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406757015006

VALOR ECONÔMICO. **"Nós temos é que destruir muita coisa", diz Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/18/nos-temos-e-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-durante-jantar.ghtml> (Acesso em: 25/07/2023).

VARGAS, Mateus. LUIZ, Washington. **Horas após nota de recuo, Bolsonaro diz que Barroso não convence ninguém sobre urna eletrônica**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-diz-que-barroso-nao-convence-ninguem-sobre-urna-eletronica-horas-apos-nota-de-recuo.shtml> (Acesso em: 30/11/2023).

VARGAS, Mateus. CHAIB, Julia. HOLANDA, Marianna. **Partido de Bolsonaro questiona urnas às vésperas da eleição, e TSE chama relatório de mentiroso**. 2022.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/partido-de-bolsonaro-questiona-urnas-as-vesperas-da-eleicao-mas-faz-jogo-duplo-e-acena-a-tse.shtml> (Acesso em: 03/12/2023).

VARGAS, Mateus. **Presidente do partido de Bolsonaro visita TSE e diz que não há sala secreta.** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/presidente-do-partido-de-bolsonaro-visita-tse-e-diz-que-nao-ha-sala-secreta.shtml> (Acesso em: 03/12/2023).

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Fundamentalismos**: matrizes, presenças e inquietações. 1. Ed. São Paulo: Paulina, 2008. 127 p.

VELASCO e CRUZ, Sebastião. **Elementos da reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual**. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). Direita, Volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. E-book. Versão Kindle

VELEDA, Raphael. **Exame mostra que Oswaldo Eustáquio não está paraplégico, diz Bia Kicis**. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/exame-mostra-que-oswaldo-eustaquio-nao-esta-paraplegico-diz-bia-kicis> (Acesso em: 24/11/2023).

VENAGLIA, Guilherme. **Sara Winter deixa prisão com tornozeleira eletrônica e lista de restrições**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sara-winter-deixa-prisao-com-tornozeleira-eletronica-e-lista-de-restricoes/> (Acesso em: 22/11/2023).

VENCESLAU, Pedro. **Foragido, Allan dos Santos se junta a manifestantes em Nova York**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/15/foragido-allan-dos-santos-se-junta-a-manifestantes-em-nova-york.htm> (Acesso em: 27/11/2023).

VIEIRA, Oscar Vilhena. GLEZER, Rubens. BARBOSA, Ana Paula Pereira. **Supremocracia e infralegalismo autoritário: o comportamento do Supremo Tribunal Federal durante o governo Bolsonaro**. Revista Novos Estudos. Cebrap. São Paulo. v.4 n°3 p.591-605. Set-dez 2022.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Revista Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014 (Unicamp) https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977

VIVAS, Fernanda. FALCÃO, Márcio. **STF derruba perdão da pena de Daniel Silveira, concedido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/10/stf-derruba-perdao-da-pena-de-daniel-silveira-concedido-pelo-ex-presidente-jair-bolsonaro.ghtml> (Acesso em: 20/11/2023).

WARDLE, C.; DERAKHSHAN. H., **Information Disorder: Toward na interdisciplinary framework for research and policy making,** 2017, disponível em: http://tverezo.info/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-desinformation-A4-B, acesso em 27.ago.2021

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 157 p.

WETERMAN, Daniel. FRAZÃO, Felipe. **Desbolsonarização no Governo Lula atinge militares em cargos políticos**. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/desbolsonarizacao-no-governo-lula-atinge-militares-em-cargos-politicos/> (Acesso em: 20/08/2023).

YAHOO! NOTÍCIAS. **7 de setembro: após fala golpista, Bolsonaro "volta atrás" e faz promessa**. 2022. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/7-de-setembro-apos-fala-golpista-bolsonaro-volta-atras-e-faz-promessa-153230377.html> (Acesso em: 21/01/2023).

YAHYA, Hanna. **38% dizem evitar se informar no mundo, diz Reuters Institute**. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/38-dizem-evitar-se-informar-no-mundo-diz-reuters-institute/> (Acesso em: 05/11/2023).

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Editora Intrínseca, 2021. 1ª ed. 800p.

ANEXO A: FILTRO APLICADO NA PESQUISA

Nome do Entrevistado: X
Local de domicílio: xx/xx
Idade: xx anos
Data da entrevista: xx/xx/2022

Introdução: Pesquisa busca captar percepções acerca do governo Bolsonaro. Sua participação é voluntária. Todas as respostas são confidenciais.

1) Vota em Jair Bolsonaro de forma convicta nas eleições de 2022? **(Se não, encerre).**

Votou em Bolsonaro em 2018?

Você se considera bolsonarista? O que é ser bolsonarista para você? Comente.

2) Gênero:
( ) Feminino
( ) Masculino
( ) Outro. Qual? _____

3) Qual sua idade?
( ) 18 a 24 anos
( ) 25 a 35 anos
( ) 36 a 45 anos
( ) 46 a 55 anos
( ) 56 a 65 anos

4) Até qual grau da Escola ou Universidade você cursou?

5) Profissão:

6) A sua cor ou raça é:
( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena

7) Você tem religião?
( ) Sim ( ) Não Qual vertente religiosa?

8) Faixas de renda familiar e individual:

A ( ) Até R$1.401,00/Até 1 salário mínimo (Grupo “C/D”)

B ( ) Mais de R$1.401,00 até R$2.090,00 (Grupo “C/D”)

C ( ) Mais de R$2.090,01 até R$5.225,00 (Grupo “B”)

D ( ) Mais de R$5.225,01 até R$10.450,00 (Grupo “B”)

E ( ) Mais de R$10.450,01 até R$20.900,00 (Grupo "A")

F ( ) Mais de R$20.900,01 (Grupo “A”)

G ( ) Não tem rendimento

H ( ) Não respondeu

9) Perfil geral (concordo totalmente - concordo parcialmente) (discorda totalmente - discorda parcialmente) (nem concordo nem discordo)

1) Democracia é melhor sistema de governo em qualquer ocasião ( )

2) Liberdades encontram-se ameaçadas nos últimos tempos ( )

3) Houve ditadura no Brasil a partir de 1964 ( )

4) Militares no poder em 1964 foram importantes para o país ( )

5) Fechar Congresso (Câmara dos Deputados e Senado) pode ser necessário ( )

6) Fechar Supremo Tribunal Federal pode ser necessário ( )

7) Ditadura no Brasil pode ser necessária ( ) Se sim, em qual ocasião?_____

8) Estado deve interferir na economia ( )

9) Polícia deve usar violência para manter a ordem ( )

10) Governante deve se orientar na política pela religião ( )

11) Existe racismo no Brasil ( )

12) Nasceu homem tem que ser homem, nasceu mulher tem que ser mulher ( )

13) Só família tradicional deve ser conservada ( )

14) Casal gay com filhos é uma família como outra ( )

ANEXO B: ROTEIRO DE PERGUNTAS APLICADO NAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Entrevista com XXXXXXX
Local de domicílio: XXX/XX
Idade: XX
Data da entrevista: XX/XX/2022

A partir de que momento ou acontecimento passou a se interessar mais por política e ser ou não atuante?

1) PANDEMIA

O que você achou da condução da pandemia de Covid-19 pelo Presidente Jair Bolsonaro?

Sobre as ações de Prefeitos e Governadores durante a pandemia, qual sua visão?

Como enxerga o trabalho dos meios de comunicação do jornalismo a respeito da pandemia de Covid-19?

2) BOLSONARO

Quais os maiores erros e acertos do governo Bolsonaro?

Como encara a relação do governo Bolsonaro com parcelas da mídia?

Considera Bolsonaro um grande líder? Que características você aponta para essa liderança? Acha Bolsonaro carismático?

Governo Bolsonaro foi: ( ) ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim

De 1 a 10 qual nota daria para o governo de Bolsonaro?

Comente a possibilidade de fraude nas urnas eletrônicas.

Se Bolsonaro perder a eleição e disser que a eleição foi fraudada, você seria a favor de uma intervenção?

Você acha que o governo Bolsonaro mudou pra melhor sua vida?

Você acha que o sistema está contra o Bolsonaro?

Você acha que Bolsonaro está sendo perseguido?

O cenário político atual é uma luta do bem contra o mal?

3) ANTIPETISMO E PARTIDOS

Como enxerga a atuação dos partidos políticos? Tem algum partido político de preferência ou vota mais nos nomes que surgem?

Qual sua visão sobre o PSDB? Já votou no partido?

O que pensa sobre o Partido dos Trabalhadores? Se considera antipetista? Sempre foi?

Já votou no PT em qualquer eleição para qualquer cargo?

Concorda com a extinção do PT?

4) SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Qual sua visão sobre o trabalho do STF?

Você destituiria todos os Ministros do STF do cargo? Comente.

Como vê o STF em relação à democracia brasileira atualmente? Ajuda ou atrapalha?

As liberdades estão sendo ameaçadas? Acha que Bolsonaro valoriza a liberdade? Comente.

5) IDEOLOGIA

Qual ideologia corresponde a sua visão política? (Se considera conservador?)

Comente sobre:
a) comunismo:
b) liberação de armas:
c) importância da família:
d) ideologia de gênero:
e) feminismo:
f) aborto:
g) linguagem neutra:
e) politicamente correto:

Conhece Olavo de Carvalho? Comente a frase "Olavo tem razão".

6) MÍDIA, *FAKE NEWS* E DESINFORMAÇÃO

Comente João 8:32 "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

O jornalismo praticado no Brasil diz a verdade? Qual sua visão sobre o jornalismo?

Por quais mídias se informa? Detalhe os veículos que confia mais e menos.

Acompanha o trabalho de comentaristas de política? Quais?

Compartilha informações sobre política? Informações no período das eleições?

Defina o que é *fake news*.

Você acha que o jornalismo tradicional/convencional faz *fake news*?

Costuma checar informações? Com qual frequência? Fale sobre agências de checagem.

Pensa que pode existir consequências na circulação de *fake news*?

Devemos controlar as *fake news* de alguma maneira? Comente.

Você compartilharia *fake news*? Mesmo sabendo que é *fake news*? Ou, conhece alguém que já compartilhou ou faz isso com frequência?

ANEXO C: ENTREVISTADOS – CONSIDERA-SE BOLSONARISTA?

Nº	Sou Bolsonarista	Nome
19	SIM	Pietro Barbosa
		Stephany Santana
		Jean Simão
		Bianca Borragine
		Wesley Lima
		Daiane Costa
		Roberto Lorente
		Renata Damasceno
		Jonas Aguiar
		Fernanda Buchner
		Júlio Fared
		Kerena Rodriguez
		Barbara Neuman
		Eloisa Correia
		Milton Bastos
		Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
		Murilo Freitas
2	NÃO	Leandro Faverin
		Fatima Abdul

ANEXO D: ENTREVISTADOS POR IDADE

Nº	Idade	Nome
2	**A 16 a 24 anos**	Pietro Barbosa
		Stephany Santana
4	**B 25 a 35 anos**	Jean Simão
		Bianca Borragine
		Wesley Lima
		Daiane Costa
2	**C 36 a 45 anos**	Roberto Lorente
		Renata Damasceno
7	**D 46 a 55 anos**	Jonas Aguiar
		Fernanda Buchner
		Leandro Faverin
		Júlio Fared
		Kerena Rodriguez
		Barbara Neuman
		Eloisa Correia
6	**E 56 a 65 anos**	Milton Bastos
		Fatima Abdul
		Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
		Murilo Freitas

ANEXO E: ENTREVISTADOS POR GÊNERO

Nº	Gênero	Nome
12	Masculino	Pietro Barbosa
		Jean Simão
		Wesley Lima
		Roberto Lorente
		Jonas Aguiar
		Leandro Faverin
		Júlio Fared
		Milton Bastos
		Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
		Murilo Freitas
9	Feminino	Stephany Santana
		Fatima Abdul
		Eloisa Correia
		Kerena Rodriguez
		Barbara Neuman
		Fernanda Buchner
		Renata Damasceno
		Daiane Costa
		Bianca Borragine

ANEXO F: ENTREVISTADOS POR GRAU DE ESCOLARIDADE

Nº	Grau de Escolaridade	Nome
17	**Superior Completo**	Pietro Barbosa
		Jean Simão
		Bianca Borragine
		Wesley Lima
		Daiane Costa
		Renata Damasceno
		Jonas Aguiar
		Fernanda Buchner
		Leandro Faverin
		Júlio Fared
		Kerena Rodriguez
		Eloisa Correia
		Milton Bastos
		Fatima Abdul
		Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
4	**Superior Incompleto**	Stephany Santana
		Murilo Freitas
		Barbara Neuman
		Roberto Lorente

ANEXO G: ENTREVISTADOS POR PROFISSÃO

Profissão	**Nome**
Relações Públicas	Pietro Barbosa
Estudante	Stephany Santana
Empresário	Jean Simão
Advogada e CAC (Colecionador, Atirador, Caçador)	Bianca Borragine
Analista Tributário	Wesley Lima
Analista Societária	Daiane Costa
Motorista de aplicativo e IAT (Instrutor de Arma e Tiro)	Roberto Lorente
Produtora de Conteúdo	Renata Damasceno
Despachante	Jonas Aguiar
Empresária	Fernanda Buchner
Consultor em Marketing	Leandro Faverin
Empresário	Júlio Fared
Analista de Sistemas	Kerena Rodriguez
Gerente Comercial	Barbara Neuman
Corretora de Seguros	Eloisa Correia
Contador	Milton Bastos
Psicóloga	Fatima Abdul
Jornalista e Dramaturgo	Alexandre Dantas
Publicitário	Diogo Grezzi
Comerciante	Marcos Sanchez
Despachante Aduaneiro	Murilo Freitas

ANEXO H: ENTREVISTADOS POR RAÇA AUTODECLARADA

Nº	Raça	Nome
10	Parda	Pietro Barbosa
		Jean Simão
		Bianca Borragine
		Wesley Lima
		Roberto Lorente
		Júlio Fared
		Barbara Neuman
		Eloisa Correia
		Milton Bastos
		Murilo Freitas
11	Branca	Stephany Santana
		Marcos Sanchez
		Fatima Abdul
		Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Kerena Rodriguez
		Renata Damasceno
		Jonas Aguiar
		Fernanda Buchner
		Leandro Faverin
		Daiane Costa

ANEXO I: ENTREVISTADOS POR RELIGIÃO

Nº	Religião	Nome
9	Evangélico	Pietro Barbosa
		Stephany Santana
		Jean Simão
		Bianca Borragine
		Roberto Lorente
		Renata Damasceno
		Barbara Neuman
		Eloisa Correia
		Milton Bastos
8	Católico	Alexandre Dantas
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
		Murilo Freitas
		Wesley Lima
		Daiane Costa
		Jonas Aguiar
		Leandro Faverin
3	Espírita	Fernanda Buchner
		Júlio Fared (Maçom)
		Kerena Rodriguez
1	Ateu	Fatima Abdul

ANEXO J: ENTREVISTADOS POR RENDA

Nº	Renda	Nome
3	**Grupo A - Mais de R$20.900,01**	Fernanda Buchner
		Júlio Fared
		Fatima Abdul
6	**Grupo A - Mais de R$10.450,01 até R$20.900,00**	Renata Damasceno
		Jonas Aguiar
		Kerena Rodriguez
		Milton Bastos
		Diogo Grezzi
		Marcos Sanchez
4	**Grupo B - Mais de R$5.225,01 até R$10.450,00**	Jean Simão
		Bianca Borragine
		Roberto Lorente
		Alexandre Dantas
2	**Grupo B - Mais de R$2.090,01 até R$5.225,00**	Murilo Freitas
		Leandro Faverin
4	**Grupo C/D - Mais de R$ 1.401,00 até R$ 2.090,00**	Pietro Barbosa
		Wesley Lima
		Daiane Costa
		Barbara Neuman
2	**Grupo C/D - Até R$1.401,00/Até 1 salário mínimo**	Eloisa Correia
		Stephany Santana

ANEXO K: ENTREVISTADOS POR AUTODECLARAÇÃO IDEOLÓGICA

Autodeclaração Ideológica	Nome
Conservador	Stephany Santana
Conservador	Jean Simão
Conservador	Bianca Borragine
Conservador	Wesley Lima
Conservador	Daiane Costa
Conservador	Roberto Lorente
Conservador	Renata Damasceno
Conservador	Jonas Aguiar
Conservador	Fernanda Buchner
Conservador	Kerena Rodriguez
Conservador	Barbara Neuman
Conservador	Eloisa Correia
Conservador	Milton Bastos
Conservador	Diogo Grezzi
Conservador	Marcos Sanchez
Conservador	Murilo Freitas
Conservador (Anarcocapitalista)	Alexandre Dantas
Conservador (Anarcocapitalista)	Leandro Faverin
Conservador/ Liberal	Júlio Fared
Liberal	Fatima Abdul
Conservador (Monarquista)	Pietro Barbosa

ANEXO L: DECLARAÇÕES DE BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A tabela abaixo mostra frases de Bolsonaro que caracterizam a necropolítica bolsonarista, relacionando suas declarações à evolução no número de casos de contaminação pela Covid-19 e mortes:

Data	Nº de casos e mortes	Declaração de Bolsonaro
15/03/2020	200 casos e 2 mortes	*"Não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo. Outros vírus mais perigosos aconteceram no passado e não tivemos essa crise toda. Com toda certeza há um interesse econômico nisso tudo para que se chegue a essa histeria".*
17/03/2020	349 casos e 4 mortes	*"Esse vírus trouxe uma certa histeria. Tem alguns Governadores, no meu entender, posso até estar errado, que estão tomando medidas que vão prejudicar e muito a nossa economia".*
		"O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos".
20/03/2020	904 casos e 11 mortes	*"Depois da facada, não vai ser gripezinha que vai me derrubar, não, tá ok? Se o médico ou o Ministério da Saúde recomendar um novo exame, eu farei. Caso contrário, me comportarei como qualquer um de vocês aqui presentes".*
22/03/2020	1.604 casos e 25 mortes	*"Há um alarmismo muito grande por grande parte da mídia. Alguns dizem que estou na contramão. Eu estou naquilo que acho que tem que ser feito. Posso estar errado, mas acho que deve ser tratado dessa maneira".*

23/03/2020	1.904 casos e 34 mortes	*"Brevemente o povo saberá que foi enganado por esses Governadores e por grande parte da mídia na questão do coronavírus".*
24/03/2020	2.271 casos e 47 mortes	*"No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão".*
		"Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo País".
27/03/2020	3.417 casos e 92 mortes	*"Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que tem estado que está fraudando a causa mortis daquela pessoas, querendo fazer um uso político de números. (...) Em São Paulo não estou acreditando nesses números".*
29/03/2020	4.256 casos e 136 mortes	*"Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra, não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia".*
03/04/2020	9.056 casos e 359 mortes	*"Esse vírus é igual a uma chuva. Vai molhar 70% de vocês. Isso ninguém contesta. Toda a nação vai ficar livre da pandemia depois que 70% for infectado e conseguir os anticorpos. Desses 70%, uma pequena parte, os idosos e*

		quem têm problema de saúde, vai ter problema sério, e vai passar por isso também".
12/04/2020	22.169 casos e 1.223 mortes	*"Parece que está começando a ir embora essa questão do vírus, mas está chegando e batendo forte a questão do desemprego".*
20/04/2020	40.581 casos e 2.575 mortes	*"Ô, ô, ô, cara. Quem fala de... eu não sou coveiro, tá?".*
28/04/2020	71.886 casos e 5.017 mortes	*"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre".*
22/05/2020	332.382 casos e 21.116 mortes	*"O que esses caras fizeram com o vírus, esse bosta desse Governador de São Paulo, esse estrume do Rio de Janeiro, entre outros, é exatamente isso. Aproveitaram o vírus, tá um bosta de um Prefeito lá de Manaus agora, abrindo covas coletivas. Um bosta".*
08/06/2020	694.116 casos e 36.602 mortes	*"Lembro à nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia ficaram sob a total responsabilidade dos Governadores e Prefeitos".*
11/06/2020	805.649 casos e 41.058 mortes	*"Se tem hospital de campanha perto de você, hospital público, arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso, mas mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não, se os gastos são compatíveis ou não".*
03/09/2020	4.046.150 casos e 124.729 mortes	*"Tem muito médico dizendo já que essa máscara não protege bulhufas. Bulhufas".*
21/10/2020	5.300.649 casos e 155.459 mortes	*"Não compraremos a vacina (Coronavac) da China".*
		"Toda e qualquer vacina está descartada".
		"Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem. Diante do

		exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina".
11/11/2020	5.749.007 casos e 163.406 mortes	*"Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas".*
26/11/2020	6.204.570 casos e 171.497 mortes	*"A grande mídia falando que eu chamei de 'gripezinha' a questão do Covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma".*
16/12/2020	7.042.695 casos e 183.822 mortes	*"Lá no meio dessa bula está escrito que a empresa não se responsabiliza por qualquer efeito colateral. Isso acende uma luz amarela. A gente começa a perguntar para o povo: você vai tomar essa vacina?".*
17/12/2020	7.111.527 casos e 184.876 mortes	*"Se você virar um jacaré é problema de você* (sic). *Não vou falar outro bicho para não falar besteira aqui".*
18/12/2020	7.163.912 casos e 185.687 mortes	*"Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas".*
11/03/2021	11.284.269 casos e 273.124 mortes	*"O que eu vi até o momento, é que outras gripes mataram mais do que essa (do coronavírus)".*
20/05/2021	15.898.558 casos e 444.391 mortes	*"A esquerda não toma cloroquina porque vai matar o verme que eles são".*
01/09/2021	20.803.672 casos e 581.228 mortes	*"Desde o primeiro dia da pandemia, nunca deixei de estar no meio do povo (...). Sempre criticado pela mídia, né. Sem máscara. Mas quem obrigou?".*

21/10/2021	21.696.575 casos e 604.764 mortes	*"Temos um estudo aqui do Reino Unido onde 70% dos mortos com Covid estavam vacinados. Não vou tecer comentários (...) Então, 70% dos mortos por Covid no Reino Unido estavam vacinados (...) Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) muito mais rápido do que o previsto".*